Agora sim! Muitos livros apareceram nestes últimos anos sobre demonologia – e é assombrosa a extensão da bibliografia utilizada pelo Pe. Quevedo. Grandes teólogos, grandes filósofos, grandes psiquiatras... Mas ninguém podia chegar a uma conclusão. Era-lhes impossível: não se pode concluir a respeito de um problema tão complexo, analisando só um aspecto, o ponto de vista de uma especialidade.

Não é fácil encontrar um centro de Parapsicologia com o critério, profundidade e extensão de conhecimentos do CLAP. Este Centro Latino-Americano de Parapsicologia está em condições de poder fazer um estudo – profundo e criterioso abarcando os ângulos teológico, filosófico, psiquiátrico, parapsicológico... todos os ângulos. Teoria e experiência. Ciência e Fé. O CLAP – sua equipe de especialistas, com os valiosos arquivos, biblioteca, casos clínicos e de pesquisa de campo, experiências etc. – pode chegar a uma conclusão. E neste livro se chega. Agora sim!

Inevitavelmente este livro vai ocasionar grande polêmica. O Pe. Quevedo – e o CLAP – pode preparar-se. Alguns o exaltarão. Outros, talvez muitos – encastilhados nos seus cultíssimos preconceitos unilateralistas –, até o insultarão. É o risco do pioneirismo. Adiante, Pe. Quevedo. Que lhe mostrem concretamente onde e por que falham os seus argumentos. Se pretendem concretizar, terão de ler seu livro. E se o lerem, duvidamos que não fiquem desarmados. Argumentos, não insultos. Ciência, não preconceitos.

Queremos também destacar que para analisar os mais fantásticos casos de "demonologia", neste livro se encontram explicações magníficas dos mais interessantes fenômenos parapsicológicos: levitação, estigmas, feitiços, movimento de objetos, penetração da matéria, adivinhações... Um compêndio de Parapsicologia.

Ao Pe. Quevedo e ao CLAP, parabéns. É uma honra para nós brasileiros, que este livro – sem dúvida decisivo sobre tão importante tema – tenha sido escrito no Brasil.

Parabéns, também, pela valentia.

Assinaremos, como alhures,

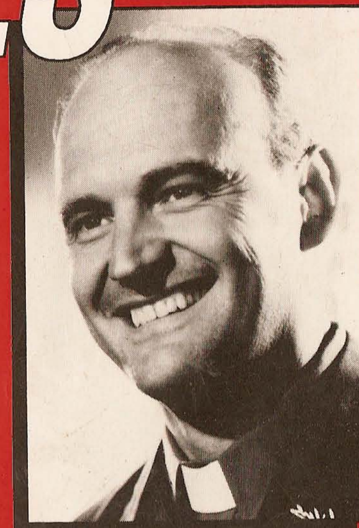
"Auctoribus incertis theologis ortodoxis!"

ISBN 85-15-00098-9

Capa: Inês Ruivo

OSCAR G.-QUEVEDO, S.J.

ANTES QUE OS DEMÔNIOS VOLTEM







Edições Loyola

COLEÇÃO DE PARAPSICOLOGIA

Edições Loyola

1. A FACE OCULTA DA MENTE — Oscar G.-Quevedo
2. AS FORÇAS FÍSICAS DA MENTE (2 tomos) — Oscar G.-Quevedo
3. O QUE É PARAPSICOLOGIA — Oscar G.-Quevedo
4. MAGIA E PARAPSICOLOGIA — Bruno A. L. Fantoni
5. CURANDEIRISMO: UM MAL OU UM BEM? (ilustrado) — Oscar G.-Quevedo
6. ONDE OS ESPÍRITOS BAIXAM — Edvino A. Friderichs
7. PARAPSICOLOGIA E RELIGIÃO — José Lorenzatto
8. REENCARNAÇÃO E COMUNICAÇÃO COM OS MORTOS — Geraldo E. Dallegrave
9. PANORAMA DA PARAPSICOLOGIA AO ALCANCE DE TODOS — Edvino A. Friderichs
10. CASAS MAL-ASSOMBRADAS — Edvino A. Friderichs
11. ESPIRITISMO, PARAPSICOLOGIA E EVANGELIZAÇÃO (7 Folhetos) — ilustrado — Sandro Schiattarella
12. FEITICEIROS, BRUXOS E POSSESSOS — Pedro J. G.-Quevedo
13. ANTES QUE OS DEMÔNIOS VOLTEM — Oscar G.-Quevedo
14. HISTÓRIAS DO DIABO (Contos Didáticos) — Orlando de Albuquerque

OUTRAS Editoras

1. POSSESSÕES, ENCOSTOS... PRONTO-SOCORRO — Edvino A. Friderichs
2. ESPIRITISMO, PARAPSICOLOGIA E EVANGELIZAÇÃO (7x80 slides) — Bianca Carolo (e 7 fitas cassetes) — Locutor: Cid Moreira. Com os folhetos do n.º 11
3. PARAPSICOLOGIA EM REVISTA (30 fascículos) — profusamente ilustrados — Equipe do CLAP
4. CAIXINHA DE PERGUNTAS — Edvino A. Friderichs
5. OS GRANDES MÉDIUNS — Robert Amadou

OSCAR G.-QUEVEDO, S.J.

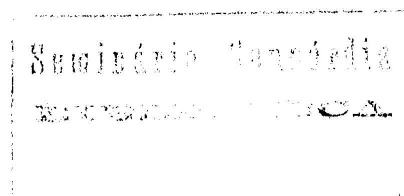
Doutor em Teologia
Licenciado em Psicologia e Filosofia
Professor de Parapsicologia



ANTES QUE OS DEMÔNIOS VOLTEM

EXPLICAÇÃO DOS FENÔMENOS E ANÁLISE DAS TEORIAS À LUZ DA PSICOLOGIA, FILOSOFIA, TEOLOGIA E PARAPSICOLOGIA

2.ª edição





Edições Loyola

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Copidesque
Marcos J. Marcionilo

Revisão:
Rosalina Siqueira

Edições Loyola
Rua 1822 n. 347
04216 — São Paulo — SP
Caixa Postal 42.335
04299 — São Paulo — SP
Tel.: (011) 914-1922

ISBN 85-15-00098-9

SUMÁRIO

PRÓLOGO

Em todo este livro estudarei a atividade no nosso mundo que durante tantos séculos vem-se atribuindo aos demônios. A atividade. Não viso diretamente à existência. A atividade atribuída aos demônios pretendo estudá-la de todos os pontos de vista. Doutrinal e experimental. Do ponto de vista filosófico-teológico e do ponto de vista psicológico-parapsicológico. Teoria e ciência.

É principalmente pela sua atividade que interessa o estudo da existência dos demônios. Grande parte dos argumentos em defesa da existência se reduz às atividades que se têm atribuído aos demônios.

Parece-me necessário que o tema da demonologia seja tratado com amplidão. Há muitos casos e muitos aspectos.

Este ou aquele detalhe pode ser muito significativo: a minuciosidade de certos relatórios tem-me servido para modificar completamente a interpretação que se poderia dar a uma descrição geral. O mesmo pode acontecer ao crítico.

De outra maneira: o livro, às vezes, poderá ser considerado enciclopédia, às vezes análise de microscópio. Creio que deve ser assim. Só assim o especialista, o estudioso, poderá julgar e aprofundar o mérito da questão. Não sei, porém, se alguma coisa, de tanto material que ainda deixo nos ricos fichários do CLAP (Centro Latino-Americano de Parapsicologia), não seria imprescindível.

As idéias que brevemente lancei, às vezes de passagem, desde minha vinda ao Brasil, têm-nos criado muitas dificuldades, a mim

e ao CLAP, em nosso trabalho. É necessário provar o que afirmo e responder ao que se me objeta.

Aqui estão as minhas provas e respostas.

Este livro é para estudiosos realmente interessados no tema. E para especialistas. Para as pessoas que só queiram as idéias gerais, breves e ligeiras, estamos preparando um breve resumo.

A bibliografia utilizada é ampla demais. Vai nas notas. E isso mesmo justifica — como aliás em todos os outros meus livros — que não acrescente, no fim, um grande número de páginas com bibliografia. Apresento unicamente um índice de autores, remetendo às notas, e um índice analítico de alguns temas importantes tratados em diversos capítulos, de diversos pontos de vista.

Novembro de 1981 *

---

* O livro de fato foi escrito em 1981. Retirado pela censura, só é publicado no início de 1989.

Capítulo I

"VOLTA O DIABO"

Tal é o título, sensacionalista, mas exato, de um artigo dedicado ao moderno satanismo.[1]

O mundo contemporâneo, sociedade de consumo, civilização baseada na técnica, na máquina, é uma organização desumana. A pessoa é um número. O que conta é a riqueza. Geram-se o vazio, o desespero, a alienação. Marginalizam-se o pobre e a maioria que não se engaja em movimentos de cultura e reflexão. No nível econômico e no nível humanitário-religioso-cultural, a cada dia se aprofunda e estende o abismo desagregador. Cada dia, menos pessoas são mais cultas e ricas. Cada dia mais pessoas são mais pobres e incultas. A massa sempre crescente, o que poderá esperar do nosso século em oportunidade de crescimento intelectual e pessoal?

Pobreza por um lado, incultura — ou mero tecnicismo — por outro. Ambas juntas na maioria. Em conseqüência e como válvula de escape, facilita-se a mentalidade mágica e supersticiosa.[2]

Na atualidade, o satanismo costuma apresentar o atrativo do contraste. É mais um sincretismo. Ao mesmo tempo excitante e calmante. Fétido e aromático. Mau e bom.

Possivelmente o romanticismo do século XIX tenha constituído a base do novo aspecto que se juntou ao satanismo moderno.[3]

---

1. *Stern* (revista alemã), 1974, n. 16.
2. Cf. "The occult revival. Satan returns. A substitute faith" in *Time*, 25, 19-6-1972. J. W. Goetz, "Satan and the occult in contemporary society" in *Dialogue*, 1973, 12, pp. 272-278.
3. Cf. M. Praz, *La carne, la morte e il diavolo nella letteratura romantica*, 3ª ed., Florença, 1948.

Milton exaltara o diabo, rebelde, indomável, valente, belo, majestático. Apesar de derrotado, conserva sua dignidade; não se deixou aniquilar por Deus, age e domina como rei deste mundo.

Foi Charles Baudelaire quem converteu em poesia o culto a Satã. *Les Fleurs du Mal:* Há flores, há beleza, há poesia no mal.

Pelo contrário, na beleza encerra-se algo de infernal, como expõe no seu "Hino à beleza". Tensão existencial. Espírito e matéria. O diabo não é o mal plenamente, como na tradição cristã. Consola e ajuda os oprimidos e abandonados pela Igreja e pela sociedade cristã. É o senhor das prostitutas, dos assassinos, dos bêbados, dos suicidas e dos enforcados. Invocado pelos homens desenganados por Deus, ele os ajudará e neles manifestará seu poder. O poder da magia, do conhecimento, da fantasia, do sonho e da irrealidade, ou de outra realidade que liberta do mundo opressor. Baudelaire critica a civilização cristã, sem negar os seus valores. Satanás não odeia a Deus. Baudelaire não blafesma, não nega o bem. Encontra-o também no chamado mal, como encontra mal no chamado bem. [4]

Surge assim a apologia do mal e o culto a Satanás. Nas "Litanias de Satã", imitando as leituras usadas no catolicismo, após cada duas invocações de elogio a Satã, segue a oração "Ó Satã, compadece-te de minha grande miséria". No final há um hino que começa como o "Glória in excelsis Deo" da Missa católica:

"Louvor a ti, Satã,
no alto resplendor do céu
onde um dia dominaste,
e na noite infernal
onde agora, vencido, moras
em escuros sonhos silenciosos." [5]

Outros dois exorcismos de satanismo literário são os hinos "Ad Arimane" de Leopardi [6] e "A Satana" de Carducci. [7]

Até o crime. Por analogia com a morte de Cristo, o satanismo vai até a imolação das vítimas. Em outros países, não serão

4. M. A. Ruff, *L'Esprit du mal et l'esthétique baudelairienne*, Paris, 1955; J. Massin, *Baudelaire entre Dieu et Satan*, Paris, 1945; P. Pia, *Baudelaire par lui-même*, Paris, 1963.
5. Charles Baudelaire, *Les fleurs du mal*, Paris, J. Crépet et G. Blin, 1942, pp. 146-148.
6. G. Leopardi, *Tutte le Opere*, 3ª ed., Milão, 1949, tomo I, pp. 434s.
7. G. Carducci, *Opere*, Bolonha, 1939, tomo II, pp. 377ss.

tão freqüentes como no Brasil. Longa lista de assassinatos na umbanda brasileira foi colhida das crônicas policiais, de revistas e jornais por D. Boaventura. [8] Outros casos recolheu o CLAP. [9]

Os crimes nem sempre são tão coletivos como o suicídio por cianureto de 900 pessoas incitadas por Jim Jones em Jonestown (Guiana). Nem tão cruéis como o infligido à atriz Sharon Tate e seus quatro acompanhantes e à família Lazianca, em 9 de agosto de 1969, pela "família" Charles Manson (escravizara para aberrações sexuais um grande grupo de jovens "contra as leis e guiados por luz divina" na seita satânica!). [10]

Algo em Espanha. Alguns sacrifícios humanos têm-se realizado na Espanha em rituais satânicos, segundo depoimentos policiais recolhidos por Ruiz-Funes. [11]

Segundo o grande historiador espanhol, Caro Baroja, "há indícios para acreditar que ainda em nossa época algumas pessoas têm celebrado reuniões de ar misterioso e de intenção diabólica" no chamado País Basco, no Norte da Espanha. Refere alguns casos concretos de Missas Negras, em 1942, e apresenta muitos dados e opiniões das pessoas simples que, nas aldeias, continuam acreditando e temendo as bruxas. [12]

Muito na América do Norte. É impossível calcular o número de satanistas, bruxos, cultores da magia e adoradores de Satã nos Estados Unidos. [13]

Os policiais de plantão noturno no 7.º distrito de Nova Iorque, a cada chamada telefônica apostam rapidamente se o chamado é ou

8. D. Boaventura Kloppenburg, *A umbanda no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1961, pp. 187ss.
9. *Revista de Parapsicologia* do CLAP, n. 17, pp. 32s.; n. 20, p. 22; n. 28, p. 23; n. 29, pp. 18 e 20s. etc.
10. Enrique C. Henriquez, *Crímenes de la brujería*, Buenos Aires, Depalma, 1970, pp. 41s.
11. Serge Hutin, *Tecniques de l'envoutement*, tradução de Elisenda Guarro, *La hechiceria*, Barcelona, Martinez Roca, 1974, p. 126.
12. Julio Caro Baroja, *Las brujas y su mundo*, Madri, Revista de Occidente, 1961, pp. 317-330, tradução: *The World of the witches*, 3ª ed., Chicago, University of Chicago, 1971.
13. George Bishop, *Witness to evil*, Los Angeles, 1971; Lewis Sperry Chafer, *Satan. His motive and methods*, 1919; Grands Rapids, (Michigan), Zondervan, 1964; 12ª ed., 1977; Arthur Lyons, *The second coming: satanism in America*, Nova Iorque, Dodd, Mead & Co., 1970; F. Sontag, *The god of evil. An argument from the existence of the Devil*, Nova Iorque, 1970.

não denúncia de bruxaria. A poucas quadras de lá mora a família Unsworth, que afirma que seu filho de 6 anos, Adrião, é aliado de Satanás. A mãe do menino organiza com grande número de satanistas ritos demoníacos que alvoroçam toda a vizinhança. Duas de cada três denúncias noturnas naquele distrito são com referência à família Unsworth.

As ocorrências serviram para que a polícia nova-iorquina pusesse em dia seus fichários sobre bruxaria. O resultado do levantamento, culminado em fins de fevereiro de 1974, mostrou que no segundo semestre do ano anterior as denúncias — a maioria dos casos não são denunciados! — de satanismo, incluindo também crimes, subiu a 50 mil só em Nova Iorque. Os adoradores de Belzebu, que em 1970 eram estimados em 300 mil nessa cidade, subiu em 1974 para 400 mil.[14]

O ritual típico desses cultos satânicos é descrito assim por um caminhoneiro:

> Foi em fins de 1973. Levaram-me a uma casa fora da cidade. Havia um enorme salão na penumbra. Eu, então, costumava sair com uma moça que gostava dessas coisas, e fui parar lá com ela. De repente abriu-se um amplo cortinado, felpudo, preto. Apareceu outro quadro com um altar em que estava deitada, boca para cima, uma jovem completamente nua. Atrás dela, de pé, um homem magro, alto, com o rosto coberto por um capuz vermelho com uma cruz preta invertida. Não havia música nem nada. Fez-se silêncio total. Éramos uns 20. Ninguém se atrevia a falar. O magro, espécie de sacerdote, começou a recitar grande número de frases em latim, absolutamente incompreensíveis para nós, enquanto que passava (e repassava procurando excitar a platéia) suas mãos sobre o corpo da moça. De repente (no paroxismo da excitação), tirou uma hóstia preta de um bolso e a partiu dizendo (com voz voluptuosa): "Satanás! ah, Satanás! nosso mestre, nosso mestre amado e venerado!" Finalmente tomou um liquido vermelho — depois me inteirei de que era sangue de galinha sacrificada um par de horas antes — e o derramou (de novo bem voluptuosamente, para excitar a platéia) sobre a região genital da jovem, que começou a se retorcer de uma maneira muito esquisita (excitando sexualmente). Então senti um perfume meio doce, como de incenso ou algo parecido, e não pude perceber muito mais porque a moça que estava comigo se lançou a beijar-me apaixonadamente. Tudo descambou numa orgia asquerosa.[15]

---

14. "En las mayores capitales de Occidente renacen demoníacos rituales de la edad media", na revista espanhola *7 Dias*, 17-3-1974, p. 54.
15. Charles Brook (entrevistado), boletim da Liga Evangélica para a Moralidade, 15-1-1974.

O número de bruxos *profissionais* em 1970 nos EUA, calculava Georges Demaix, ultrapassava 40.000.[16] Em 1972, simples "cultores de bruxaria" eram calculados em nada menos que 10 milhões.[17] Número que segue alarmantemente crescendo.

A "família" Manson. A atriz Sharon Tate foi assassinada pelos membros da seita satânica de Manson. Sharon Tate era esposa do cineasta Roman Polanski, que com seu filme, "O bebê de Rosemary", muito contribuiu para converter o Diabo em objeto de consumo. Polanski declarou-se um satanista.

Manson, em inglês, significa "Filho do homem", o título messiânico de Jesus. Mas Manson se autodenominou Satanás e Cristo ao mesmo tempo. Citando o Apocalipse, Charles Manson se proclamou "Anjo do Abismo", cujo nome é destruição e destruidor, rei dos gafanhotos em figura de cavalos com faces humanas, dentes como os do leão, com asas e "caudas semelhantes às dos escorpiões, com ferrões" nos quais "havia o poder de atormentar os homens durante cinco meses" (Ap 9, 11).

Manson, com seus seguidores, pretendia aniquilar os negros e ricos. A estes chamava porcos, e entre eles incluía os capitalistas e também os artistas.[18]

Na "Final Church" de Manson, deveria haver comunidade sexual e vida à margem da sociedade. O culto era paródia da crucificação de Cristo, da Missa Católica e dos antigos sacrifícios rituais de animais. Para o ritual sádico, serviam-se de um instrumento circular de seis facas de diversos comprimentos: quando o instrumento rodava sobre a vítima — humana sempre que possível —, a faca mais comprida se afundava no fígado e finalmente a mais curta no coração, que logo era arrancado e devorado como estimulante sexual, e o sangue rociado sobre os pares de participantes em cópula.

Quando Tex Watson executava o sacrifício da família Sharon Tate, dizia às aterradas vítimas: "Sou o Diabo. Estou aqui para realizar a tarefa do Diabo".[19]

Charles Manson reuniu seus discípulos, ou discípulos de Satanás, na "Devil House" ("casa do Diabo") nos arredores de San Francisco (Califórnia).

---

16. Citado por Hutin...: *La hechiceria*, op. cit., p. 120.
17. *Realidade* (revista brasileira), 1972, março, p. 106.
18. Cf. Bishop, *Witness...*, op. cit., pp. 236-350; E. Sanders, *The family, the history of the Charles Manson's Dunc Buggy Attack Battalion*, Nova Iorque, 1971, p. 112.
19. Bishop, *Witness...*, op. cit., p. 160; Sanders, *The family, the history...*, op. cit.

Outras seitas satânicas. Há muitas nos EUA. Devemos citar a "Four-P-Society", cujos sócios pretendem fazer o mal precisamente por ser mal. Nas suas Missas Negras, ao chegar a hora da Comunhão, devoram, sempre que podem, corações humanos.

Os membros da seita satânica "Rocker", se autodenominam "anjos do inferno" ou "escravos de Satanás": seu objetivo é a violência e a sexualidade. Ambas ao máximo.

A mais degradada seita satânica é a OTO. Na América do Norte, e especialmente na Califórnia, estão — com não muita clandestinidade... — os principais centros dessa seita. Após rigorosa seleção, após muito uso de drogas, lavagens cerebrais e provas de resistência à dor, os candidatos são aceitos, *pleno jure*, a participar de cenas cada vez mais horrendas e abertamente criminosas. O famoso crime perpetrado por Manson tem raízes, indiscutivelmente, na OTO.[20]

Há outros muitos grupos não-"oficializados", que não constituem — ou não ainda — seitas registradas. "Se alguém vive numa das grandes metrópoles dos EUA — escreve o Pe. Cosgrove — sempre poderá encontrar um ramo inoficial da Igreja de Satanás. Muitas dessas igrejas são formadas por pessoas entregues à luxúria — que nos EUA se denominam de *sex groups*. Acreditam que uma orgia é mais excitante quando se combina com a liturgia satânica. Outras são iniciadas em drogas, gostam de convidar o demônio para que os acompanhe em suas viagens".[21]

Na maioria das reuniões satânicas, os "sacerdotes" oficiam Missas Negras sobre o corpo nu de jovenzinhas, pregam as vantagens do ódio e do feitiço, incentivam as aberrações sexuais.

La Vey. Só no estado da Califórnia, estão registradas perto de cinqüenta associações da "First Church of Satan" ("Primeira Igreja de Satã") com mais de 10.000 adeptos. Seu fundador — em 1966 — e chefe supremo é Lay Anton Szandor La Vey.

As "ordens" ou degraus na hierarquia da Igreja Satânica são: iniciado, bruxo, encantador, feiticeiro e, por fim, mago. O fundador governa com o auxílio do chamado "Conselho dos Nove".

Esses seguidores de Satã são declaradmente ateus e materialistas. Satanás, sim; Deus e sobrevivência, não.

Encontrei-me no México, durante os três dias do Congresso de Demonologia, com Carla La Vey, filha de Lay Anton Szandor La Vey. Escutei durante horas a ela e ao seu acompanhante, Rex Kincaid, Ministro de Informação da "Igreja de Satã". Conversamos. Carla certamente era doente, revoltada e histérica; Kincaid parecia um cínico.

É difícil saber o que são na realidade e os meios que utilizam. Num debate, perguntei-lhes se aceitavam a mentira. Responderam que mentir ou dizer a verdade dependia das conveniências.

Segundo afirmavam constituem uma sociedade estritamente organizada. Têm membros em todo o mundo. Afirmam que só pretendem a própria satisfação. Sem limitações. Afirmam que não estão interessados em ações puníveis ou perversidades, mas devem reagir contra todos e contra tudo o que lhes dificulte a satisfação dos apetites e desejos. Afirmam ser contra o anarquismo político, mas exigem a aniquilação dos débeis e doentes. Praticam a astrologia, a magia e a feitiçaria, declaradamente como mais um meio de vingança. Afirmam que rejeitam o desenfreio sexual, mas em questão de sexo a satisfação dos instintos é a única norma ética. "Esta é uma religião da carne, contrariamente a todas as outras religiões que são religiões do espírito", proclama La Vey.

A principal publicação de La Vey é *The Satanic Bible*, onde se expõem os critérios da "Igreja de Satã", que são a total inversão do Sermão da Montanha. Os rituais da seita foram publicados em *The satanic rituals*, também de La Vey. O mais blasfemo dos livros de La Vey é *The complet witch, or what to when virtue fails*.

A feitiçaria é ponto alto na "Igreja de Satã". Um exemplo é a reação dos adoradores de Satã quando o bispo grego ortodoxo Shahonsky ousou criticar a seita. Contra ele celebrou-se, no templo — abarrotado — de Belzebu, em San Francisco, uma Missa Negra. Ritos de sortilégios e feitiços contra o bispo e de desagravo a Belzebu.

O templo parece preparado para um filme de terror. Na penumbra, o som do órgão cria uma atmosfera lúgubre. As paredes do templo são inteiramente revestidas de preto. Atrás do altar as cortinas são gatos e pássaros de rapina embalsamados.

Após a "consagração" da Missa Negra, o sacerdote elevando o cálice de ouro, proclama: "Viva Satanás"; e os adoradores de Satã gritam em coro na escuridão: "Viva".

La Vey se veste de preto e vermelho: calça-balão, longo manto, e na cabeça um gorro com chifres: "Satã, Lúcifer, Belial, Leviatã, Belzebu... abram as portas do inferno! Façam sair todos os demônios dos abismos profundos e venha o vosso triunfo. Atacai em massa o bispo que vos infamou!".[22]

---

20. Sanders, *The family...*, op. cit., pp. 137-143.
21. Thomas Cosgrove, C. SS. R., "The Devil is not dead" in *Liguoriam*, 1972, novembro.
22. A respeito do feitiço ao bispo, cf. T. P.: "Viva Satã" in *Meio Fio*, 1972, n. 3, p. 7. Para alguns dados sobre "The Church of Satan", cf. "The occult..." in *Time*, op. cit., p. 46.

O ex-domador circense de leões, Lay Anton Szandor La Vey, foi assessor técnico de Polanski no filme "O Bebê de Rosemary".

A magia cresce. Uma pesquisa internacional, comparativa, realizada pelo Instituto Francês de Opinião Pública, estabeleceu em 1974 que, enquanto na classe média francesa só 17% das pessoas acreditam nas "façanhas" do "príncipe das trevas" e 25% na Holanda, nos EUA, porém, na mesma classe média, 60% das pessoas acreditam na terrível atividade do demônio.[23]

O "Centro de Estudos Políticos" dirigido por Clyde Nunn levantou no mesmo ano uma estatística comparativa com menos entrevistados, porém mais significativa. Em 1974, 69% de um número-padrão de entrevistados indiscriminados (não só classe média, como na entrevista francesa) diziam acreditar em Deus, 8% menos que 10 anos antes (77% em 1964). Em contrapartida cresceu proporcionalmente a crença nas intervenções diabólicas: 39% em 1964; dez anos mais tarde, em 1974, 48% dos entrevistados norte-americanos acreditavam na possessão e outros milagres diabólicos.

O ocultismo está na moda. As livrarias sentiram esse interesse. Em Manhattan, por exemplo, na tradicional livraria Suilner's, na Quinta Avenida, os livros sobre a teologia das Igrejas há longo tempo estabelecidas foram relegados a uma estante lateral. No balcão a elas antes reservado estão agora expostos livros das novas seitas ocultistas, de espiritismo, de reencarnação, de bruxaria...

Em maio de 1971, a revista Newsweek enumerava, só na bibliografia norte-americana, 2.345 títulos de livros sobre satanismo e ocultismo, o que prova o interesse do público estadunidense pela matéria.

A famosa Sybil Leek vive na Flórida, milionária, graças — confessa — à venda dos seus livros sobre feitiçaria e espiritismo. Proclama ser uma "feiticeira hereditária", cuja linhagem provém das bruxas do século XII, concretamente de 1134.

Hoje nos EUA ninguém se surpreende com anúncios como as "Excursões psíquicas" à Inglaterra, promovidas pela Pan Am. No preço de 629 dólares "aos turistas do oculto" está incluído uma visita a um centro de curas psíquicas, uma sessão de espiritismo e um dia em Stonehenge acompanhados do chefe da "Muito Antiga Ordem dos Druidas". E recebem seu mapa astronumerológico. As datas dos vôos — anuncia a Pan Am — são escolhidas entre as "ocasiões astrologicamente favoráveis".

23. "O Diabo ataca de novo" in *Realidade*, 1974, julho, p. 91.

Nos Estados Unidos, os filmes o "Bebê de Rosemary" e principalmente "O Exorcista" tiveram mais êxito. Milhares de pessoas ficavam "endemoninhadas". Isto demonstra que lá a crença diabólica é muito aceita.

Se os exorcismos ao menino que inspirou "O Exorcista" são algo antigos, os exorcismos realizados pelo Pe. Karl Patzel são de hoje. O jesuíta explicou, em entrevista coletiva, que visitou 14 vezes, em 29 dias, a residência do casal de Daly City (San Francisco) para cumprir o rito católico de exorcismo e "libertar os moradores da casa das garras do demônio". O jesuíta admitiu haver "sentido e observado algumas obras de Satã durante algumas de suas visitas à casa de Daly City particularmente durante as sessões de exorcismo. Ele (Lúcifer) tentava os moradores da casa com toda espécie de ataques e artimanhas... Certa ocasião, o menino despertou chorando; ao entrarem no quarto, os pais viram que sobre ele pairava uma cadeira de balanço".

O Pe. Patzel disse aos jornalistas que fora ajudado nos exorcismos por 20 pessoas e que queimou incenso em todas as dependências da casa. Afirma também que o caso, como o filme "O Exorcista", poderia ensinar as pessoas a discernir as artimanhas demoníacas de outros incidentes e promover os exorcismos nos Estados Unidos.[24]

Os sequazes da magia acreditam que, enfeitiçando ou exorcizando um boneco, danifica-se ou se desliga a pessoa por ele representada. Com esta tática e mágica acabam de concordar um pastor anglicano e um padre católico. Corria entre marinheiros a voz de que o espírito do galã canadense, Errol Flynn, morto em 1959, vagava desde então no que fora seu iate, o Zacca. O iate agora estava sendo reconhecido como "Fantasma Negro". Um pintor, Barry Floyd, fugiu apavorado porque viu o fantasma... O capitão Gesff Clement, de um barco ancorado ao lado, jura que ouviu música e vozes de mulheres vindo do Zacca. Quando os exorcistas intervieram, o "Zacca" estava na França, mas o pastor anglicano Brian Mattews e o Pe. Numa Gilly exorcizavam uma miniatura do Zacca levada pelo Pintor Barry Floyd. "Eu te exorcizo, ó criatura, em nome de Deus. Não deixes aqui teu espírito nem a chaga da corrupção... Deixa que todos os espíritos voem daqui... Pedimos a proteção de todos

24. Muitos jornais de todo o mundo fizeram eco desta entrevista. Cf. "El Universal" do México, 20-1-1974: "Jesuita libra del Demonio a jovem matrimonio y su hijo mediante un ritual exorcista"; "ABC" de Madri, 22-1-1974: "Exorcismo en California"; o "O Globo" do Rio de Janeiro, 20-1-1974: "Jesuita explica como exorcizou a família livrando-a do Cão" etc.

os anjos para guardar, cuidar e proteger tudo o que ocorre a bordo deste navio... Liberta esse barco de todo espírito de demônio..." Tranqüilizados pelo exorcismo, as testemunhas afirmam agora que o fantasma de Errol Flynn deixou definitivamente o iate. O "National Enquirer" divulgou por todo o mundo a notícia deste exorcismo realizado no fim de abril de 1979.[25]

Em San Francisco, em 1974, uma família via objetos "voando". Uma faca, por exemplo, sem que ninguém a tocasse, pulou de uma mesa e se cravou na parede. "A criança parecia ser o centro do espírito mau — proclama o Pe. Riley —, embora o casal também sofresse manifestações de movimentos de objetos, fenômenos que um dos sacerdotes exorcistas descreveu como possessão demoníaca".

Um grupo de sacerdotes foi-se revezando em pequenos grupos durante 15 noites para rezar ininterruptamente os exorcismos e assim livrar a criança "das garras do demônio". O Pe. Riley adverte: "O mais importante é que a história, que teve um final feliz, não é nenhuma ficção, mas pura verdade". A Arquidiocese de San Francisco oficialmente autorizou os exorcismos, nomeando um grupo de exorcistas e o caso se divulgou ao mundo oficialmente pelo diretor do Centro de Comunicações da Arquidiocese, Pe. Miles O'Brien Riley.[26]

Com toda razão, *Time* comunica a seus 4 milhões de assinantes, e assim contribui ainda mais para a multiplicação da bruxaria: "The occult revival". Tal a chamada de capa. Só grandes personagens conseguem ser capa da tão celebrada revista. Desta vez aparece o demônio sob forma de um monstro encapuçado. Embaixo da figura: "Satan Returns". No miolo da revista apresenta-se farto material fotográfico e informações sobre o culto satânico. "Uma onda de fascínio pelo ocultismo apoderou-se da nação" sentencia um dos títulos.[27]

Escrevo quando a TV difunde pelo mundo mais uma intervenção dos tribunais após os exorcismos. Um jovem "endemoninhado" mata o amigo. Entrevistas a rádios, jornais, revistas, à televisão..., do sacerdote exorcista plenamente convicto da ação e possessão diabólica. E o impasse para os tribunais: o culpável é o demônio?

25. Cf. *Fatos & Fotos. Gente;* "Caso de exorcismo", 30-4-1979, pp. 58s.
26. Centro de Comunicações da Arquidiocese de San Francisco, em "San Francisco Chronicle" 19-1-1974. Um jesuíta espalha cinco casos "indiscutíveis" de possessão: Malachi Martin, S.J.; *Hostage to* the Devil: Nova Iorque, Reader's Digest Press, 1976; tradução de Marina Leão Teixeira e Viriato de Medeiros, *Reféns do Diabo,* Rio de Janeiro, Novo Tempo, 1976.
27. "The Occult..." in *Time,* op. cit.

Como julgá-lo? Declarar-se-ão contra a interpretação diabólica? Enfrentarão o bispo que autorizou os exorcismos? Qual seria a reação de toda a diocese ou da Igreja norte-americana?[28]

Mais na Itália. No sul da Itália, a Lucânia parece o paraíso dos feiticeiros. Verdadeira psicose coletiva. Eric Hobsbawn afirma que no sul da Itália os bandidos levavam, para defender-se das tropas inimigas, "amuletos" bentos pelo Papa! Assim se julgavam protegidos pela Santíssima Virgem e insistiam em seus roubos e crimes![29]

Como em todos os países, as livrarias da Itália confirmam que os livros sobre ocultismo alcançam maior difusão. Uma livraria italiana fez a seguinte experiência: colocou na entrada da livraria *O Chefão, Love story,* um livro sobre a segunda guerra mundial, uma biografia, um volume de divulgação científica e... *O dicionário infernal,* de Collin de Plancy. O dicionário foi o mais manuseado.

O diretor da livraria Rizzoli, via Veneto, Roma, diz: "É uma verdadeira explosão coletiva. Os livros sobre feitiçaria, mistério e ocultismo são vendidos como pãezinhos quentes". O leitor médio italiano passou a dar e receber de presente a *Enciclopédia da magia e da feitiçaria.* Os jovens, para suas namoradas, *A perfeita bruxa,* escrito por um grande mestre da Igreja de Satã da Califórnia.[30]

Nos *Quaderni di Studio* dos franciscanos de Assis, difundidos para todo o clero da Itália, se advoga:

> Não é possível calar mais, seja dita a palavra segura e esclarecedora. Seria erro imperdoável prescindir, mas é um dever o poder que Cristo conferiu à Igreja e a seus sacerdotes. É um carisma de serviço. Não se pode justificar que se negue a absolvição ao penitente ou a administração de outro sacramento devidamente solicitado. Assim não se pode refutar ou desconhecer o exercício de um ministério (o exorcismo) tão solenemente inaugurado pelo próprio Cristo. É um dever e uma obrigação de consciência do qual somos chamados a assumir a responsabilidade.[31]

Todos os anos, há um espetáculo... medieval na pequena localidade de Fanzolo de Vedelago, na região vêneta, Norte da Itália. É famosíssima a Virgem de Caravaggio, que fora vista lá em 1432.

28. Para os detalhes, cf. *Alavanca* (boletim dos Cursilhos de Cristandade, do Brasil), 1981, julho.
29. Cf. *Veja,* 11-6-1975.
30. Davi Barrani, "Os demônios voltaram" in *Intervalo 2000,* 1º-5-1972, p. 17.
31. A. C., "Esorcistato nell'attivitá pastorale" in *Quaderni di Studio,* n. 4, p. 6.

Enormes romarias visitam o santuário, especialmente na festa de 27 de maio. Entre a multidão que grita e insulta os demônios, algumas mulheres "endemoninhadas" são levadas, pelos familiares, arrastadas, e mesmo engaioladas!, aos pés da imagem à espera de que a SS. Virgem expulse os demônios.[32]

Outra "meca" dos "possessos" na Itália é Sarsina, município da Província de Forli, nos Apeninos de Romanha. Na catedral, dedicada a S. Vinício — que foi famoso exorcista —, há uma espécie de corrente de ferro usada pelo Santo. Hoje continuamente o vigário coloca a corrente ao redor do pescoço dos "endemoninhados" para livrá-los de Satanás. Os "endemoninhados" vêm de todas as partes. Ao chegar ao acesso à catedral de S. Vinício, é freqüente que o "demônio" se agite, grite, se contorça, babe, ressopre, abra desmesuradamente os olhos, irrompa em blasfêmias. Nesses casos acodem os voluntários, cinco, seis ou mais homens ajudantes do exorcista, e o atam numa cadeira de ferro — "de madeira, quebrar-se-ia" — e o levam ao altar, onde receberá os exorcismos e se lhe aplicará a corrente de S. Vinício.

Os habitantes de Sarsina estão habituados a estes espetáculos. A catedral é lugar de turismo, pelos exorcismos, além de ser um milenar edifício romântico. Sarsina está a poucos quilômetros da via expressa Milão—Rimini, pela qual, todo verão, milhares de turistas procuram as ensolaradas praias da Riviera no Adriático.

Um dos mais famosos exorcistas da Itália é o Pe. Faustino Negrini. Há 50 anos vem aspergindo os "endemoninhados" com óleo, sal e água bentos, recitando exorcismos, imprecando com o crucifixo... A igreja da Estrela, em Gussago, é visitada por multidões para ver os "endemoninhados", que são trazidos até da Suíça e da França.

Quando um jornalista indagou sobre tal prática, Mons. Angelo Mair, diretor da Secretaria de Imprensa da Cúria Arquidiocesana de Milão, respondeu:

> O Papa lembrou à humanidade recentemente sobre a presença de Satanás... Ele age e age de maneiras diversas, inclusive apoderando-se de criaturas humanas. É justamente neste caso que se faz necessária a intervenção do exorcista... Os sacerdotes que se dedicam a afastar os demônios estão expostos a grandes perigos: o desafiar às forças do mal não é coisa de pouca monta. Basta citar o exemplo de S. João Vianney, o cura D'Ars, que era um poderoso exorcista. O demônio o odiava de tal maneira, ficando furioso contra as derrotas que o santo lhe dava, que não lhe concedia trégua. O demônio o perseguia por todos os lados, em todos os momentos. Chegou o demônio ao ponto de queimar-lhe a cama. Até hoje os que visitam Ars, ao entrarem na casa onde viveu S. João Vianney, vêem espantados a sua cama completamente carbonizada.[33]

Estudaremos o caso do Cura D'Ars... Com a explicação dada por tão alta autoridade católica; com o exemplo de um santo; com o turismo que se apresenta em Ars (França) — e em tantos outros lugares onde o demônio até teria fendido os muros: Loyola (Espanha), Assis (Itália) etc. —, a interpretação demonológica continua e cresce.

Corrado Balducci, em Roma, na Tipografia Poliglota Vaticana, publicou um livro cujo título diz tudo: *Gli indemoniati.*[34] Posteriormente mitigou um pouco suas idéias numa 2.ª edição revisada, mas continuou aceitando alguma freqüência em casos de intervenção e possessão demoníaca com toda classe de prodígios.

Em Portugal. Feiticeiros, bruxos e médiuns espíritas são freqüentes em Portugal. E também padres exorcistas.

Colaborando com o CLAP, onde realizou um estágio de estudos, o jornalista Sr. Pato fustiga essa mentalidade mágica. Os feiticeiros reagem:

> Recebi há algum tempo, por via postal, um elegante boneco atravessado por agulhas. Com versos pouco caritativos dedicados a minha pessoa. A dádiva descansava sua pequena cabeça sobre um almofadão, e o conjunto jazia languidamente no interior de uma urna-sarcófago forrada de veludo preto. Algumas gotas de sangue, artisticamente pintarrajadas no peito e nas pernas da figura, davam ao quadro o toque macabramente indispensável. Obra graciosa, artefato gentil de alguns dos meus amáveis leitores, que assim reproduzia o gesto mil vezes repetido desde os albores da humanidade e da estupidez de dar fim aos seus semelhantes... enfeitiçando-os.[35]

Em Lisboa, o bairro judeu ainda no século XX é um fac-símile da Idade Média. "Pitonisas que lêem o futuro na água, no chumbo, no espelho, na borra de café. E preparam suas drogas... com ossos de mortos, pêlos de cachorros, peles de gatos, rabos de salamandras..." Quando Lombroso, psiquiatra e jurista italiano, escrevia estas palavras, a revista alemã *Wetspiegel* dava a Portugal o pouco honroso título de "reino dos bruxos", afirmando que em

---

32. Divulgado pela Agência Efe em 28 de maio de 1978. Cf., por exemplo, "Tres mujeres endemoniadas en el norte de Italia" in *Hoja del Lunes* (Málaga, Espanha), 29-5-1978.

33. "Demônio encarna mais nas mulheres que nos homens" in "O Estado", Fortaleza, 22-5-1975.

34. Corrado Balducci, *Gli indemoniati,* Roma, Coletti, 1959.

35. Heitor Baptista Pato, "Feitiço e superstição" in *Edição Especial* (Lisboa), 8-4-1979, p. IX.

nenhum outro país os impostores lucravam tanto como lá.[36] (Na realidade, o problema é bem pior na própria Alemanha...)

"É evidente — continua Heitor B. Pato — que a bruxaria, e quanto com ela se relaciona, conhece hoje um inusitado vigor. E tem experimentado um extraordinário aumento tudo o que, de alguma forma, se relaciona ou vincula com o desconhecido, com o além, com forças superiores extra-humanas ou sobre-humanas."

E mais ainda na Alemanha. Não há muitos anos foram acusadas de bruxas em cidades alemãs trezentas pessoas, mormente nas regiões da Baixa Saxónia.[37]

O jornalista inglês Horst Knaut calcula que três milhões de pessoas na República Federal da Alemanha participam de organizações ocultistas, e que talvez sete milhões simpatizem com as "ciências secretas" e "seitas estranhas".

O número de simpatizantes e participantes está crescendo rapidamente.[38]

É com tristeza que se lê a ingênua previsão de Oesterreich. Acreditava ele que os teólogos protestantes alemães, a partir do século XVIII com Johann Salomon Semler, levariam à derrocada o demônio e que, no século XIX, se não tinham erradicado plenamente do protestantismo a crença nas possessões e outros prodígios demoníacos, ao menos tinham-lhe assentado um golpe mortal. "A teoria demoníaca dos primeiros tempos do cristianismo se perpetua sem mudança do lado da Igreja Católica" somente.[39]

Veremos que a afirmação é caluniosa no que se refere à *doutrina* da Igreja Católica. Mesmo na *prática* moderna, a hierarquia católica oficialmente apresenta muitas restrições à "teoria demoníaca".

36. Cesare Lombroso, *Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritici*, tradução de Fernando Weiler, *Los fenómenos de hipnotismo y espiritismo*, Madri, M. Aguilar; uso e tradução de Almerindo Martins de Castro, *Hipnotismo e mediunidade*, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d., pp. 175s.

37. José Repollés, *La Brujeria Actual*, Barcelona, Brugera, 1975, p. 31.

38. Friedich-Wilhelm Haack, *Von Gott und der Welt verlassen. Der religiose Untergrund in unserer Welt"*, Düsseldorf, 1974, pp. 109-134.

39. Traugott Kostantin Oesterreich, *Die Besessenheit*, Wendt, Langessalz, 1921; utilizo a tradução francesa de *Les possédes. La possession démoniaque chez les primitifs, dans l'antiquité, au moyen-âge et dans la civilisation moderne*, Paris, Payot, 1927, pp. 236s.; tradução (do francês) por I. D., *Possession, demonical & Other among primitive races, in antiquity, the middle ages, and modern times*, New Jersey, University Books, 1966, pp. 240-243; 249.

É verdade, porém, que tem havido lamentáveis exceções de determinados bispos. O picante no famoso caso Anneliese foi que o Pe. Adolf Rodewyk, chamado para exorcizar a jovem, não pôde aceitar, porque já estava ocupado com cinco outros casos! Tudo com o consentimento dos seus superiores jesuítas! (Embora com a oposição de outros teólogos jesuítas significativos). E com todas as aprovações, um tanto mais permissivas que encorajadoras, dos respectivos bispos diocesanos!

O Pe. Rodewyk vê freqüentes possessões demoníacas por todas as partes. Pede que se administrem os exorcismos em voz baixa; se o suposto endemoninhado reagir com insultos, blasfêmias e ações semelhantes, é prova de que realmente está possuído (?!).[40]

"Neomaniqueus" no século XX? O Pe. Sudbrack critica o método do Pe. Rodewyk para diagnosticar a possessão demoníaca, mas acredita que a única atitude perante determinados fenômenos é duvidar. Não aceita critérios absolutos em favor da possessão, mas admite que mesmo quando um fato possa ser explicado completamente por forças naturais, por exemplo uma doença bem vulgar, mesmo lá essas forças naturais são também influenciadas — governadas ou identificadas — por forças demoníacas.[41]

A mesma teoria defende o Pe. Rahner. Acha impossível marcar uma fronteira entre doença natural e possessão demoníaca. As idéias mágicas, supersticiosas e delirantes de um indivíduo ou de uma época, suas disposições, suas virtualidades doentias e suas faculdades parapsicológicas — poucos teólogos conhecem, Rahner ao menos cita a Parapsicologia — seriam além de naturais, também "manifestações palpáveis do império fundamental das forças demoníacas" em todo o mundo.[42]

Nenhum desses autores apresenta base válida escriturística ou teológica. Karl Rahner o reconhece expressamente em outra oportunidade.[43]

40. Adolfo Rodewyk, S.J., *Die dämonische, Besessenheit inder Sicht des Rituale Romanum*, Zurique, 1963, pp. 68s.

41. Joseph Sudbrack, S.J., epigrafe "possessão" ("Besessenheit") in J. Henninger, R. Schnackenburg, A. Darlap, H. Paulus, B. Kotting, (orgs.), *Lexicon für Theologie und Kirche*, Freiburg-in-Breisgau, 1937, 2.ª ed., 1959, tomo IX, p. 263; e na revista *Geist und Leben*, tomo 38, 1965, pp. 131s.

42. Karl Rahner, H. Vorgrimler, epígrafe "Possession" in *Petit Dictionnaire de Théologie Catholique*, Paris, 1970, vol. IX, p. 372.

43. Karl Rahner, epígrafe "Dämonologie" in J. Henninger, *Lexicon...*, op. cit., tomo 3, p. 145.

É alarmante — e verdadeira — a afirmação que fez o Pe. Renz (o exorcista de Anneliese): "O exorcismo é atividade praticada pela Igreja Católica muito mais freqüentemente do que se imagina. É que as famílias dos possessos e a Igreja costumam guardar segredo sobre tais casos".[44]

Com referência às camadas populares do protestantismo alemão, a crença nos poderes demoníacos não recebeu o golpe mortal que Oesterreich esperava. A Alemanha do século XX — tanto católica como protestante — passa por um dos piores períodos mágico-demoníacos da sua história.

O professor Dr. Johann Kruse, de Hamburgo, há mais de quarenta anos vem estudando a bruxaria. É famosa a sua reportagem para a ONU. Ele equipara a Alemanha atual, no que se refere à prática da bruxaria, com as épocas mais escuras e tenebrosas da Idade Média. Recolhe muitos indícios entre os que cada vez mais freqüentemente vêm à tona: 'Suicídio, invalidez, transtornos mentais, crimes sexuais, profanação de cemitérios" — resultado atribuído ao exercício da bruxaria — são freqüentemente divulgados na Alemanha.[45]

Foi na Alemanha que nasceu a abominável OTO. Hoje os grupos satânicos derivados da "Ordo Templi Orientis", tais como a "Fraternitas Saturni" e a "Igreja do Juízo Final" não chegam aos extremos sádico-sexuais e à perversão anticristã tão violenta como nos tempos de Crowley. Têm templos principais nas grandes cidades: Berlim, Munique, Frankfurt, Hamburgo, mas também têm adeptos em diversas zonas rurais de Friburgo, Lubeck etc.[46]

Em 1951, poucos adolescentes alemães tinham notícia da bruxaria atual. Numa pesquisa realizada entre 500 alunos de uma escola profissional, 99% dos adolescentes oriundos de camadas populares afirmaram ter certeza de que não existem bruxas. Mas a mesma pesquisa, repetida em 1975, demonstrou que tal certeza diminuiu para 55% dos alunos da mesma escola profisisonal na Alemanha Federal.[47]

E vai aumentando o ambiente da bruxaria. A polícia de Messe declarou que a bruxaria criminosa da Alemanha é mais freqüente agora que em nenhum momento dos últimos cinqüenta anos.[48]

44. "A morte sob Satã" in *Veja*, de 18-8-1976, p. 59.
45. C. H. Wallace, *Witcheraif in the world of today;* uso a tradução Miguel Giménez Sales, *La brujeria en el mundo moderno*, Barcelona, Edisven, 1971, pp. 50s.
46. Haack, *Von Gott...*, op. cit., pp. 118-125.
47. "A regressão à bruxaria" in *Veja*, 3-9-1975, p. 54.
48. Wallace, *La brujeria...*, op. cit., p. 49.

Segundo Nugent, Pio XI teve nas suas mãos provas certas da filiação de Hitler a uma seita satânica, secreta, provavelmente a OTO.[49]

Também na Inglaterra. Há muitas livrarias em Londres lotadas de livros de bruxaria e magia. E "não existe nenhuma dúvida, nem sequer entre as forças da polícia, de que há muitos grupos — (chamados sarcasticamente) 'conventos' — que se reúnem com freqüência e regularmente em toda a ampla região de Londres. É simplesmente um fato aceito na vida contemporânea da capital e de toda a Ilha".[50]

Harry Price, um dos parapsicólogos mais famosos da Inglaterra, especializou-se em satanismo. Pouco antes de sua morte, em 20 de março de 1948, declarava num informe como secretário do Conselho de Pesquisas Psíquicas da Universidade de Londres: "Em todos os bairros de Londres centenas de homens e mulheres, de grande cultura e família distinta, adoram Satanás e lhe rendem culto perpétuo. A magia negra, a bruxaria, a evocação do diabo, essas três formas de superstição medieval se praticam na atualidade em Londres numa escala e com uma liberdade desconhecida na Idade Média".[51]

Parecia que o ambiente de bruxaria fora primeiro substituído pelo de espiritismo, as bruxas pelos médiuns. Recentemente, espiritismo e bruxaria, satanistas e médiuns deram-se as mãos e na Inglaterra pululam grupos que praticam espiritismo e satanismo conjuntamente, além de diversas espécies de ocultismo. Na prática, a única seleção é deixar o eventual homossexualismo para os centros de puro espiritismo, enquanto que nas reuniões com maior dose de satanismo tem de haver igual número de homens e mulheres; sob a direção da Grande Sacerdotisa, a que os membros chamam "my lady", os atos mágicos e de encantamento vão sempre combinados com os "ritos de fertilidade" e erotismo.[52]

"A Besta do Apocalipse". Na Inglaterra surgiu Aleister Crowley, "o homem mais perverso da criação", como ele próprio se jactava. Proclamava que sua intenção era destruir todas as regras da

49. D. Nugent, "Satan is a Fascist" in *The Month*, 1972, abril.
50. Wallace, *La brujeria...*, op. cit., p. 37; Christina Hole, *Witchcraft in England*, Londres, B. T. Batsford, 1977.
51. Citado por José Luis Baquero, S.J., *El diablo y su tiempo*, Santander, Sal Terrae, 1963, pp. 12s.
52. John Drysdale, "A escalada das bruxas" in *Manchete*, 17-9-1977, pp. 75-77, Gerald B. Gardner, *The meaning of witchcraft*, Nova Iorque, Samuel Weiser, 1959, 2ª ed., 1971, 3ª ed., 1976.

convivência humana, optando deliberadamente pelo que fosse mais obsceno e mais sacrílego.

Nada prenunciava que haveria de chegar a tal perversão aquele homem de figura grosseiramente masculina e mãos efeminadas, culto, brilhante, irresistível às mulheres. Nascido em 1875, sua infância transcorreu em Leamington. Era filho de um rico e austero comerciante de cervejaria. O dia começava pela leitura da Bíblia, e com a leitura da Bíblia se preparava para dormir. Recebeu as ordens menores na Igreja Católica. Foi um respeitado poeta na Universidade de Cambridge. Compôs admiráveis sonetos, ilustrados com as mais belas reproduções de Rodin, a quem admirava.

Mas as ciências ocultas o apaixonavam. Traduziu Baudelaire em versos ingleses digno do autor francês. E abandonou o catolicismo para consagrar-se ao ocultismo.

Durante 4 meses percorreu a pé os intermináveis caminhos da China. De noite ficava comportadamente em companhia de sua esposa e seu pequeno filho. Depois cruzou o deserto do Saara. Escalou as vertentes do Himalaia. Estudou com os lamas do Tibet e com os iogues da Índia; leu todos os livros de John Dee, astrólogo de Isabel I; presumia ter descoberto o livro de Magia Sagrada do mago Abra-Melin em que se teria inspirado o famoso ocultista Eliphas Levi. Escolheu como guia Nana Gahid, líder hindu responsável pelo massacre de Cavapore.

À medida que avançava nos estudos de magia negra, ocultismo e satanismo, foi trocando de identidade. Seu verdadeiro nome, Edward Alexandre, foi substituído por Aleister; no Oriente foi o Príncipe Chioa Kaan; na Escócia, Lord Boleskire; e quando se instalou em Londres se "fanatizou" com o nome de Conde Wladimir Svaref.

Em 1898, Crowley se introduziu na "Golden Dawn", sociedade secreta à que pertenciam Arthur Machen e o poeta Yeats. Mas Aleister Crowley não podia ser segundo de ninguém, rompeu com aquela sociedade e fundou a "Silver Star", que em 1914 contava em Londres com 38 membros ativos.

Em Berlim, fundou e dirigiu durante 1920-1922 as revistas *Gnosis* e *Luzifer*. Teve muitos seguidores. Foi ele quem deu vitalidade, na Alemanha, à seita "Ordo Templi Orientis" (OTO) fundada no fim do século passado por Karl e Franz Hartmann. Pretendiam continuar a obra atribuída caluniosamente aos templários, realizando desde o início cultos orgiásticos de cunho sádico-sexual.

Mudou-se para a Itália. "A Besta do Apocalipse" (da qual se considerava reencarnação) fundou no porto siciliano de Cefalu a abadia de Thelema, imaginada por Rabelais. Aquele templo de magia negra se transformou num antro de orgias. Sôbre os muros

foram desenhados, pela mão de Crowley, todas as posições imagináveis do ato sexual. Cinco vezes por dia, Crowley com seus discípulos e concubinas se reuniam para os ritos gnósticos: sacrifício de animais, invocações de demônios e desenfreio carnal.

Parece que houve também sacrifícios humanos. Com o sangue se cobria o corpo nu da "virgem" que fazia de altar. Crowley afirmava que o melhor sangue para preparar a hóstia da "comunhão" é o das crianças e dos inimigos.[53]

Os camponeses de Cefalu, muito inclinados às superstições, inquietaram-se, contemplando como aqueles satanistas corriam nus pelas praias, acendiam fogueiras à noite e pulavam ao redor, lançando gritos e blasfêmias. As autoridades e o governo italiano chegaram a ficar preocupados. Crowley exigia adoração não só a Satanás, mas também ao Führer da Alemanha, Hitler.

Estabeleceram-se os 75 preceitos da "bíblia crowleyana", que se reduziam a dois: "Faz o que queres, este é o complemento da lei" ("Do what you will, shall be the whole of the law"); e "O amor é lei" ("Love is the law"). Claro que por "amor" se entendia unicamente aberração sexual. Crowley entendia o sexo como um meio eficaz para concentrar as forças destrutivas e maléficas. Contra qualquer um; principalmente contra os cristãos em evidência. O grito de guerra sempre repetido era "Morte ao traidor". O traidor seria Cristo.

Era uma escravidão total ao "Grande Pontífice". Cada discípulo usava um canivete para se cortar cada vez que pronunciasse a palavra "eu". Somente Crowley, "O Mestre", "A Besta", "O Grande Pontífice da Magia Negra", podia dizer "Eu". Como encarnação de Satanás, pretendia fazer-se o dono do mundo. O mundo pertence a Satanás, há que recuperá-lo do traidor. Pretendia fazer-se dono do mundo colaborando com Hitler. O Führer pelas armas; Crowley pela magia, drogas e sexo.

De novo na Inglaterra, Aleister Crowley tinha como suprema ambição substituir o cristianismo decadente pelo crowleyanismo, que surgia vigoroso em vários países.

Mas nem todos toleravam a escravidão a que submetia seus seguidores. Em Bolaskine, foi incapaz de controlar os "endemoninhados" que atraiu a seu templo; seu motorista foi vítima de "delirium tremens"; uma vidente londrina que trabalhava com ele o substituiu pela prostituição de rua; o proprietário da casa fugiu, sumiu misteriosamente; um operário vizinho tratou de assassiná-lo;

53. A. Rosenberg, *Die Prakeken des Satanismus vom Mittelalter bis zur Gegenwart*, Nuremberg, 1965, p. 92.

o açougueiro da cidade, após discussão com Crowley "se cortou acidentalmente" (!?) a artéria femural e morreu... Rose Kelly — filha de um pastor protestante —, sua primeira mulher, não aceitou a conduta do seu marido convertido em mago e se divorciou. O filho o abandonou. A segunda esposa, Maria de Miresmar, logo após o primeiro ano com "A Besta do Apocalipse" teve de ser internada definitivamente num manicômio. E outro tanto — separação ou loucura — ocorreu à maioria das "mulheres escarlates", nome que Crowley assinalava às suas sucessivas esposas e concubinas (Ap 17,5), que deviam tingir o cabelo de vermelho antes de encontrar-se com o "Vigário de Satanás na Terra". Quando Crowley achava que alguma das concubinas o desobedecia em qualquer detalhe absurdo, era exibida nua, com os braços em cruz, e marcada com um ferro candente que levava o emblema do Grande Pontífice. Poucas o suportaram.

Deixou escritas 107 poesias eróticas e livretos de magia. Seu folheto mais conhecido é *Magic in theory and practice.*

Em 1947, abandonado e miserável, esgotado de corpo e alma pelos excessos e drogas, com as faculdades mentais perturbadas, morre num subúrbio Aleister Crowley, o "profeta diabólico", "a personalidade mais imunda da Grã-Bretanha". [54]

Após a morte de Crowley, a "Ordo Templi Orientis" (OTO) continua clandestinamente. Sabe-se, porém, que o sucessor de Kellner, de Hartmann, de Crowley tem agora a sede central mundial na Suíça, em Stein, junto a Appenzell. [55]

Alex Sanders. G. Gardner foi o fundador e mestre de uma seita de bruxos que conta hoje com muitos milhares de adoradores de Satã. Círculos mágico-ocultistas para adivinhações, invocações a orixás, exus e espíritos de mortos, danças... Homens e mulheres completamente nus. O atual mestre supremo em sucessão a Gardner é Alex Sanders, que se faz chamar "rei das bruxas".

Ele e seus súditos querem ser chamados de "bruxos brancos" em contraposição aos "bruxos negros". Qual a diferença? É difícil determinar. Escutei um propagandista do satanismo branco. Não parece que eles tenham clara a diferença. Dizem que não consideram a Satã como um inimigo escuro, negro, de Deus, mas como seu Deus, branco e claro; não pretendem — ao menos diretamente — perseguir o Deus dos cristãos, mas desenvolver sua própria personalidade e ajudar-se mutuamente. Os bruxos negros estão à esquerda, os bruxos brancos à direita. Parece-me que talvez possam ser considerados como uma certa evolução positiva do clássico satanismo.

Num galpão enorme de sua casa em Notting Hill, Londres, o "sacerdote satânico", Alex Sanders, celebra regularmente culto a Lúcifer. Assistem sistematicamente muitos jovens de ambos os sexos completamente nus. Vivem em 600 "comunidades satânicas". [56]

De volta à Idade Média. Escrevendo em 1912, logo alcançava prestígio como grande autoridade na matéria o teólogo Bertrand: "Ao ceticismo dos que se obstinam em não considerar a bruxaria como uma realidade objetiva senão como produto da imaginação, podemos opor autoridades perante as quais mesmo os 'espíritos fortes' se inclinam". [57]

Entre os protestantes, na Igreja da Inglaterra, continuou a medieval e "tradicionalista" resolução do Sínodo de Cantuária, em 1958. Afirmou energicamente a possibilidade da possessão diabólica e rejeitou a proposição dos bispos e teólogos que pediam que se revisasse o valor doutrinal da crença na atividade dos demônios.

Lamentável que essa resolução surgisse precisamente da Igreja da Inglaterra, a mesma que antes avançara ao lado da ciência e proibira a administração de exorcismos em 1604 — Roma só os proibiu em 1917!

Na Inglaterra e no mundo, é famoso como exorcista o pastor anglicano John Neil-Smith, da Igreja do Salvador, em Hampstead, Londres: administrou perto de 3.000 exorcismos solenes a pessoas de várias partes do mundo.

Ele mesmo foi exorcizado:

> Aconteceu há já bastante tempo, quando começava a estudar esse tipo de fenômenos. Uma força se apoderou de mim, da noite à manhã, e me fez realizar coisas que poderiam ter resultados perigosos. Então fui à casa do pastor que era meu mestre (de demonologia) para pedir-lhe ajuda. Ele me exorcizou. De forma que sei muito bem como se sente a gente, antes e depois do exorcismo... A preparação a recebi do Pastor Gilbert Shaw, meu exorcista, que me ensinou que o que acontecia às pessoas era a interferência de uma força maligna e não algo subjetivo, fruto da imaginação. [58]

---

54. John Symonds, Kenneth Grant, *The magical record of the beast 666*, Londres, Gerald Duckworth, 1972. E dos mesmos autores: *The Confessions of Aleister Crowley*, Nova Iorque; Hill and Wang, 1970. Cf. um resumo do livro de Symonds, *The great beast: "Aleister Crowley. El hombre más perverso de la creación* in *Clarín*, 5-5-1974, pp. 3-5. Também, para alguns detalhes, Luís Bettonica, "Historias, mitos y leyendas del señor Lucifer", sete artigos, in *Arquivos do CLAP, Recortes*, seção "Bruxaria-Demonologia", n. 108 p. 63.
55. Sanders, in *The family...*, op. cit., p. 137; *Quick* (revista inglesa), sobre "Ordo Templi Orientis", 1973, n. 13, p. 54.

56. Cf. "A Regressão..." in *Veja*, 3-9-1975, p. 54.
57. I. Bertrand, *La sorcellerie*, Paris, 1912, p. 7.
58. John Neil-Smith (entrevistado): "Un reverendo combate al demonio" in *Arquivos do CLAP*, "Recortes", seção "Bruxaria-Demonologia", n. 90.

Trevor Dearing, pastor anglicano de Hainault, perto de Londres, abandonou a paróquia e percorre toda a Grã-Bretanha administrando exorcismos. Apesar da tradição antiexorcista da Igreja Anglicana, Dearing conta com a aprovação do seu bispo, da diocese de Chelmsford, Dr. John Trillo. Os exorcismos públicos lotam a igreja com umas 600 pessoas. Inclusive diante das câmeras de TV, em horário nobre, aplicou exorcismos a uma jovem protestante. Três médicos e um psiquiatra acompanham o exorcista na sua tarefa itinerante de "expulsar demônios" de todo tipo de doentes da Inglaterra e da Irlanda.

Dearing está encontrando imitadores. O Dr. Donald Omand largou também seus deveres paroquiais e percorre Inglaterra e Estados Unidos dando comovidas conferências sobre "possessão do demônio, satanismo e exorcismo". [59]

Entre os católicos ingleses, é bem conhecido o "Pe." Montagne Summers. [60] Escreveu vários livros e traduziu outros antigos com notas e comentários. Tem plena convicção de que uma plêiade de fatos maravilhosos foram e são resultado dos poderes demoníacos. (Este supersticioso não é padre. Insistia sempre em apresentar-se como tal. Ilicitamente.) [61]

Na URSS. Pouco sabemos do satanismo na União Soviética. Mas alguns dados soltos podem ser muito significativos.

Por exemplo o "Museu do Diabo". Em Kaunas (Lituânia, onde há um seminário católico; com o de Riga-Letônia, únicos da URSS), um museu singular atrai curiosos e interessados. Tudo começou em 1906. O Pe. Tomás, vigário católico, revoltou-se contra o pintor lituano Antonas Smudzinavicius, que não acreditava nem em Deus nem no Diabo. Deu-lhe de presente uma estátua de Satanás: "O diabo será teu amigo para sempre". A partir de então, o pintor foi pacientemente recolhendo imagens de Satanás. De todas as cores e formas. Após a morte de Antonas, deram continuidade ao Museu. Foi aberto ao público em 1966. Hoje conta com 4.000 estátuas do Diabo... [62]

59. Cf. Robert Derval Evans, "Possessão de demônio e exorcismo... moda na Inglaterra" in *Arquivos do CLAP*, "Recortes", seção "Bruxaria-Demonologia", n. 34. E com respeito aos exorcismos na TV, ver também Eurico Verdecchia, "Nei nome di Satana" in *Panorama*, 8-5-1975.

60. Montagne Summers, *Witchcraft and black magic*, 3.ª ed., Londres, 1958.

61. J. Jerome, *Montagne summers*, Londres, 1965, pp. XIII e 11-23.

62. "Um seminário contra o Museu do Diabo", in *Folha de S. Paulo*, 4-3-79.

Se foi possível recolher tantas estátuas, todas diferentes, é sinal de que semelhante imaginária abunda na URSS... Se abundam as imagens, é porque abunda o culto a Satã.

No Terceiro Mundo. Até agora me referi principalmente aos Estados Unidos e Europa, para ressaltar que a mentalidade mágica, espírita, satânica não é patrimônio exclusivo dos países subdesenvolvidos.

África, Índia e muitos países asiáticos, América Latina toda e especialmente o Brasil estão soterrados, em profundidade sempre crescente, com espiritismo e feitiçaria.

Vitória do além. Na primeira guerra pela independência do Congo, entre as tropas do general rebelde, Nicolás Olenga, estava a "mãe-de-santo" ("mama") Henriette Onema. A feiticeira "batizava" os soldados rebeldes com a água em que antes imergia os seus "poderosos" fetiches. Os soldados acreditavam assim estar a salvo das balas dos soldados do Governo.

Num dia de 1965, a "mama" foi capturada pelas tropas governamentais. Temendo o juízo sumaríssimo e a morte, a astuta "mãe-de-santo", de 60 anos, decidiu colaborar com o governo. Foi a arma mais eficaz contra os rebeldes do Gen. Olenga. Mama Onema gravou uma mensagem para seus antigos protegidos. As fitas magnetofônicas foram difundidas pelo rádio e com alto-falantes em todas as aldeias. Espalharam-se milhares de impressos. Explicava que tornara impotentes os antigos "trabalhos" em favor dos rebeldes; que desfizera os "trabalhos" contra o governo, que agora "trabalhava" contra a revolução.

A rebelião acabou, vencida pelos exus, orixás, demônios, espíritos dos mortos... [63]

"O maior do mundo". A superstição gera alienação e fanatismo; o fanatismo facilmente degenera em violência. É cada dia mais fácil, nos países do Terceiro Mundo, encontrar casos de "morte às bruxas" realizados pelas mesmas pessoas que se entregam às práticas espíritas etc.

Moacyr Jorge, espírita e guia "religioso" de milhares de leitores, acrescenta:

As práticas de magia negra têm levado pessoas aos tribunais, que as condenam por crimes bárbaros... Os rituais de macumba, magia negra, em centenas de terreiros de umbanda e de candomblé

63. Wallace, *La brujeria...*, op. cit., pp. 157s.

têm destruído a saúde mental e física de homens e mulheres, moças e rapazes... As chamadas "engiras de exus" têm fabricado loucos e suicidas. (E o supersticioso jornalista esclarece (?!):) Na verdade não são exus, mas espíritos zombeteiros — "quiumbas" —, farsantes, audaciosos, mentirosos, que se comprazem em levar suas vítimas ao suicídio ou às cadeias... os "quiumbas" são perversos e estão conscientes do mal que estão praticando até levarem suas vítimas ao suicídio ou ao crime. Só dão descanso aos doentes ao vê-los nas cadeias, encarcerados em hospitais, ou mortos.[64]

No Brasil, em 1975, num terreiro de macumba da Vila Coagi, no município de Jaguaripe, a 239 quilômetros de Salvador (BA), o "pai-de-santo" Anael Oliveira, para tirar o "mau espírito" que se teria apoderado de um menino, primeiro o castrou, depois lhe arrancou as duas pernas, e pondo-as numa bandeja de cerâmica ("alguidar") com farofa e azeite-de-dendê ("ngue") comeu as carnes da criança.

Em Recife, a doméstica Arister da Conceição, "para afastar os maus espíritos" durante uma sessão de macumba, matou sua filha de 17 anos a golpes de faca na boca e no estômago.

No Rio de Janeiro, Clélia Martins Coelho, de apenas 13 anos, foi encontrada esvaindo-se em sangue no Centro Espírita de Engenho da Rainha.

Em Belo Horizonte, um pai-de-santo ateou fogo a duas mulheres e uma criança de seis anos, alegando estarem possuídos por espíritos maus que provocavam tumores nos seios.

Segundo Antonio Alves Teixeira Neto (que publica vários livros recolhendo casos como estes) tais acontecimentos se originam na própria doutrina de Allan Kardec:

> Toda criatura humana é médium de nascença... Uma pessoa, estando incorporada, poderá matar a outra com toda facilidade... Um espírito desencarnado que tenha ódio de outro encarnado, vai tentar de todas as maneiras vingar-se. Por exemplo, ele poderá incorporar-se na pessoa odiada e atirá-la debaixo de um carro em movimento... Incorpora em um outro, arma-o e acaba fazendo a justiça a seu modo... O mesmo fim poderá ser obtido por intermédio de determinados trabalhos de magia negra ou quimbanda...[65]

Esta mentalidade mágica inunda o Brasil. Pratica-se o transe nas reuniões de espiritismo. O transe é análogo ao hipnotismo. "Hipnotizados" chegam ao crime ou suicídio.

---

64. Moacyr Jorge, "Diabo está presente nas velas pretas e vermelhas" in "Notícias Populares", São Paulo, 13-11-1979.
65. Jorge de Oliveira, Hélio Gomes da Silva, "Os espíritos assassinos" in *Arquivos do CLAP*, "Recortes", seção "Bruxaria-Demonologia", n. 196.

Exorcistas profissionais. O pastor Doriel de Oliveira fundou o "Tabernáculo Evangélico de Jesus" em Taguatinga — a maior cidade satélite de Brasília —, dedicado exclusivamente à administração de exorcismos. Atende diariamente umas mil pessoas. O "Tabernáculo" conta com 196 "filiais" no Brasil, além de outras inclusive na África (Accra e Tacoradi-Gana), Chile e EUA, fundados todos pelo próprio Doriel de Oliveira. Fundados por outros pastores da seita, havia mais de 300 tabernáculos no Brasil em 1981. "Qualquer pessoa autorizada por mim — diz Doriel — e que faça parte de minha equipe, depois de passar por um longo período de preparação, que pratique jejuns, que estude a Bíblia e faça muitas orações, pode exorcizar qualquer tipo de demônio."

Primeiro há um trabalho de exaltação pseudomística. Entusiásticos cânticos, intermináveis imprecações estentóreas e vivas gritados pelo pastor e seus colaboradores. O pastor conclama com voz tonitruante que "existem demônios ocultos nos seus corações, cabeças e pulmões, que precisam ser expulsos em nome de Jesus". Esses demônios são de todos os tipos.

Os doentes "colocam-se em círculo, onde se manifestam espíritos sob a denominação de caboclos ou pretos velhos".[66] Logo começam a cair em transe os primeiros "endemoninhados". Os colaboradores do pastor, uns 50 homens, acodem a todas as partes como vaqueiros para dominar a rês bravia. O pastor pessoalmente sacode os "endemoninhados" gritando-lhes: "Satanás, em nome de Jesus, você tem de sair deste corpo!"

Doriel garante que em média, por semana, ele cura 500 "endemoninhados". "Certamente são endemoninhados, sim; não se trata de outras doenças comuns... Eu não falho quando pratico um exorcismo... No mundo existem mais demônios que pessoas, o que realmente é um sério perigo para a humanidade... Um corpo humano pode abrigar mais de um demônio e pode mesmo chegar a uma legião dos mesmos... Dá para se ter uma idéia do grande perigo."

O pastor Doriel, 40 anos (1981), bigode denso, calva incipiente no cabelo preto bem aparado, forte, terno e gravata, elegante...: "Pregando a palavra de Jesus e fazendo exatamente o que ele fazia (?!), aqui a gente não deixa o demônio permanecer no corpo de ninguém".[67]

---

66. "Profeta, santo e curandeiro, ou embusteiro?" in "Correio Brasiliense", 19-1-1981.
67. "Só para exorcismo" in *Veja*, 26-3-1975, p. 38; "Na Casa da Bênção, Satanás não tem vida fácil" in *Fatos & Fotos. Gente*, 28-5-1979, pp. 52s.

Continuamente "expulsa demônios" o exorcista Irmão José, da ICAB (Igreja Católica Apostólica *Brasileira*), em São Paulo.

O ex-padre católico João Laus separou-se da Igreja para agir por conta. "Padre espírita", como é chamado, mistura espiritismo com demonologia, curandeirismo com exorcismos, na capela do Menino Jesus de Praga, no bairro Imirim, São Paulo.

O Rvdo. Benedito Martins percorreu o Brasil de norte a sul. Agora está radicado com seu "Pavilhão das Missões" em Correias, distrito de Petrópolis (RJ). Pertence à "Igreja Quadrangular" ou "Igreja do Evangelho Quadrangular". Foi importada ao Brasil, em 1951, a São João da Boa Vista (SP) pelo Rvdo. Harold Awin William. Primeira filial brasileira da "International Church of the Foursquare Gospel", dos EUA, dirigida pelo pastor George Roosvelt Faulkener. A "Igreja Quadrangular" é reconhecida em 34 países. Só em Minas Gerais há 16 templos. Em Belo Horizonte contam com mais de 60 mil sócios, cuja principal obrigação é o dízimo. A seita dedica-se, em clima alienante de exorcismos, a livrar os fiéis das "perseguições demoníacas".[68]

Há missionários da "Igreja do Evangelho Quadrangular" que se dedicam a "expulsar os demônios, espíritos, caboclos, exus...", por todos os recantos do Brasil. O pastor Nasser Bandeira, 24 anos, elegante, é exorcista em Alegrete, fronteira com Uruguai e Argentina, a 504km de Porto Alegre. No seu templo, mais de 2.000 pessoas se acotovelam, todos em pé, em cada reunião. Cantos, estridente rock religioso pelos auto-falantes, preces e gritos inflamados. Os que já foram "libertados dos demônios" causadores das mais terríveis doenças exaltam em público os poderes dos exorcismos. E frenético, o pastor Nasser passa a exorcizar. Uma vintena de histéricas rolam ao mesmo tempo pelo chão, se contorcem e vociferam. Os pastores auxiliam com golpes de caratê e todo tipo de pancadaria. Depois do horroroso espetáculo, o pastor Nasser, semi-analfabeto, faz o sermão. Pede "colaboração espontânea" para a obra, que ninguém se contente com o dízimo obrigatório.

No Estádio Municipal Farroupilha, de Alegrete, reuniu 10.000 pessoas. Em Porto Alegre, encheu o maior local coberto, o Gigantinho.[69]

Outro missionário famoso da Igreja do Evangelho Quadrangular é José Francisco de Amorim. Começou num antigo casarão estrategicamente colocado na Praça XV, em Florianópolis (SC).

68. Geraldo Lopes, "Exorcismo. O Diabo foge da cruz..." in *Fatos & Fotos. Gente*, 18-6-1979.
69. Marina Wodtke, "O Exorcista de Alegrete" in *Fatos & Fotos. Gente*, 4-5-1981.

Eu repreendo, eu afasto, eu retiro, em nome de Jesus! Receba a bênção, a graça, a saúde, em nome de Jesus! A senhora que sofre de ataques, a senhora que está desenganada pela medicina, confie em que os milagres irão acontecer. Eu chamo as forças de Deus contra o poder da feitiçaria. Em nome de Jesus de Nazaré, eu me levanto contra essas forças do mal.

Por três vezes, cada dia, o missionário, estentoreamente, como em transe frenético, repete estas palavras no sobrado superlotado da "Casa dos Milagres", enquanto passa a mão sobre a cabeça dos "endemoninhados".

Os missionários da Igreja Quadrangular preferem nunca usar o termo *demônio*. Acham mais atualizados e mais de acordo com a mentalidade brasileira os termos *espírito imundo, espírito maligno, forças do mal*... Aludem, de contínuo, à feitiçaria, à umbanda, ao espiritismo... Esclarecem que para obter a cura, para ver-se livres dos espíritos maus não precisam ser espíritas. Os missionários da Igreja Quadrangular não pregam religião. "Nós apenas transmitimos às pessoas uma mensagem de fé para que elas se libertem..." O missionário também não precisa ser (mas é) espírita: "Através do nosso trabalho provamos que para tirar os espíritos ruins não há necessidade de (o missionário) ser espírita, basta ter a vida consagrada a Deus".[70]

Poderia citar outros muitos exorcistas "protestantes" no Brasil, famosos, procuradíssimos, que administram diariamente centenas de exorcismos.

O "exorcismo" para desencostar exus e almas de defuntos nem sempre chega ao extremo horroroso de Cantagalo, mas é prática constante do espiritismo brasileiro.

No dia 17 de outubro de 1979, em Cantagalo, RJ, o povo se revoltou contra os macumbeiros Moacyr Valenti, Anezino Ferreira, Valdir de Souza Lima e Maria da Conceição Ferreira. Após sacrificarem o menino Antonio Carlos Magalhães Vieira Júnior, de menos de 3 anos, beberam seu sangue, no ritual de Exu, na fazendo Bom Vale.

Os antigos empregados do fazendeiro Moacyr e participantes das sessões de espiritismo afirmaram que muitos outros meninos foram sacrificados ao Exu Tranca-Ruas das Almas nos "trabalhos" de "exorcismos".

Os meninos, a maioria do Rio de Janeiro, eram roubados ao menor descuido das suas mães. Eram novos e inocentes. Levados a Cantagalo, eram trancados no paiol. Alguns ficavam vários dias

70. Reynaldo Brito, "...e lá se vão os demônios" in *Fatos & Fotos. Gente*, 2-7-1979.

sem comer. Na hora das sessões, eram levados ao altar dos sacrifícios, ao pé de uma figueira secular na entrada da fazenda. Enquanto um médium segurava o menino, o "pai-de-santo" com um canivete sangrava-o pelo pescoço, até a última gota. O sangue, recolhido numa tigela, era levado até o Santo, onde todos o bebiam, quente ainda, aos goles. No dia seguinte, em saco plástico, os restos dos meninos eram enterrados em diversos lugares da fazenda.[71]

E acidentes (?). "Há cerca de dois anos a Casa da Bênção, do Setor dos Funcionários, registrou duas mortes por tamanha monstruosidade". O repórter se refere à violência que os pastores exorcistas aplicaram aos doentes.

Agora a Casa da Bênção vem de novo à tona. O pastor Vilmar Diniz, missionário responsável por aquela casa de exorcismos, comunica ao plantão de Polícia do 3.º Distrito Policial que tem um morto no templo. Imediatamente policiais vão à Casa da Bênção, Av. Benjamim Constant, 896, Campinas, Goiânia.

Nenhum documento de identidade do morto, ninguém sabe a residência dos familiares. Tudo mistério... Mas pouco a pouco foi aparecendo pela investigação da polícia que o demente Clemilton, de Buriti Alegre, fora retirado do Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho pelos familiares no domingo anterior. Levado à Casa da Bênção, três

obreiros de Deus se encarregaram do louco para submetê-lo a exorcismo. Durante três dias o demente não saiu da Casa da Bênção. Agora sai morto para a Divisão de Medicina Legal. Morto pelos brutais exorcismos.

Os vizinhos testemunharam que o tratamento realizado na Casa da Bênção é totalmente desumano e brutal. O pastor bate nos enfermos com chicotes tipo nervo de boi para expulsar os demônios de seus corpos, numa horripilante prática de exorcismos,

por acreditar que as doenças são originárias de espíritos malignos, instalados nos doentes.[72]

A teoria de que as doenças são causadas por espíritos maus é clássica no espiritismo. Mesmo que fossem castigo de pecados cometidos nas reencarnações anteriores (?!), seria a providência espírita e o encosto de espíritos maus os encarregados de realizar o carma. Todos os centros de espiritismo dedicam-se a "desencostar" espíritos. Quando o espírito obsessor é rebelde e perverso, a tentação de recorrer à violência é até certo ponto lógica nessas premissas supersticiosas.

71. Geraldo Lopes, "A Chacina de Cantagalo" in *Fatos & Fotos. Gente*, 5-11-1979, pp. 4-7; Joel Silveira, "O retrato do monstro" in *Manchete*, 5-11-1979, pp. 16s.
72. "Mistério e morte na Casa da Bênção" in *O Repórter de Goiás* (semanário), 15 a 21-8-1980, pp. 1-6.

Espiritismo é bruxaria. O espiritismo domina e cresce no Brasil. O Brasil é "o país mais espírita e o maior país espírita do mundo".

Reprodução real do irreal sabbat, calafriante reportagem, com fotografias em cores, foi publicada pela revista *Realidade*. Uma sessão de quimbanda destinada a matar pessoas. Os médiuns, em transe, costuram a boca de sapos, encerram-nos em pequenos ataúdes, enfiam alfinetes em bonecos de pano... Tudo em meio a frenética dança, gritos, gestos e cantos. Em determinado momento, inicia-se o banquete com os exus. Os feiticeiros se precipitam sobre galinhas vivas e as devoram a dentadas sangrantes. Roupas, mãos, rosto dos feiticeiros estão saturados de sangue e penas de galinhas...[73]

Isto é idêntico à bruxaria. Todo espiritismo é um tipo de bruxaria, é um tipo de magia. Como já frisava Oesterreich, a "possessão diabólica" é essencialmente espiritismo. E vice-versa.[74]

William Staiton-Moses, um dos mais destacados líderes do espiritismo anglo-saxão (conhecido também pelo pseudônimo de M. A. Oxon), identifica freqüentemente os demônios com os espíritos de pessoas falecidas. Segundo os "espíritos bons", "as sessões mediúnicas podem ser influenciadas por espíritos baixos, impuros, reunidos em bandos sob o comando de uma inteligência maléfica para prejudicar a nós, espíritos benéficos. O médium está sempre exposto aos assaltos de todos os espíritos malignos, com eles a sua invocação os põe em contato".

A "inteligência maléfica" que comanda é evidente para Staiton-Moses: "Somos vítimas de um sistema organizado de cruel impostura, indo até servir-se dos mais sadios sentimentos do gênero humano. O espírito que age de tal guisa, apesar de manter um ar de sinceridade e elevação, deverá *sem dúvida ser o demônio em pessoa*, travestido de anjo de luz".[75]

Allan Kardec — pseudônimo de Hippolyte León Denizard Rivail — é hoje considerado pela imensa maioria dos espíritas como o "grande mestre" do espiritismo, a suma autoridade. Kardec diz

73. "Magia Negra" in *Realidade*, 1970, Abril, pp. 92-99.
74. Oesterreich, *Possession...*, op. cit., pp. 447ss.
75. William Stainton Moses, *Spirit teaching;* tradução de Oscar D'Argonnel, *Ensinos espiritualistas*, 3ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1959.

que os demônios são espíritos humanos, mais ou menos desenvolvidos através das diversas e numerosíssimas reencarnações antes de desembaraçar-se totalmente da matéria.[76]

Wantuil, refletindo o ensino do espiritismo brasileiro explica:

Interpretando à letra as Escrituras Sagradas, os homens criaram absurdos sobre absurdos, que foram a causa de longo período de trevas porque passou a Idade Média. Era, porém, chegada a hora de tudo ser esclarecido, e ficou demonstrado, provado, que os tais demônios nada mais eram do que as almas daqueles homens que na terra foram maus, frívolos, brincalhões, materialistas, indiferentes, hipócritas, orgulhosos, fraudadores etc., e que ao atravessarem o túmulo, em pouco ou em nada mudaram, conservando, como é mais lógico, os mesmos defeitos e imperfeições que possuíam quando no corpo de carne.[77]

Espíritos e demônios hoje. Pela identidade fundamental da interpretação demonológica e espírita, tem lógica, dentro da superstição, que exorcistas católicos e protestantes expulsem espíritos de mortos, e que os espíritas lidem com demônios.

O vigário da pequena Capela do Menino Jesus de Praga, na rua Santa Faustina, 16, Imirim, São Paulo, é o Pe. João Lens, holandês de nascimento, radicado no Brasil há 40 anos, ordenado sacerdote em Mariana, MG, por 13 anos vigário em diversas paróquias do interior paulista. Desligou-se da obediência à hierarquia católica, e todos os dias — batina e estola — administra exorcismos.

Entra o Sr. S. B. queixando-se de ter todos os sintomas de tuberculose, segundo os médicos do INPS. Todos os tratamentos tinham sido inúteis. Exorcismos do Pe. Lens. O Sr. S. B. caiu em transe e pela sua boca fala o espírito (?!) de um rapaz falecido.

Explica depois o Pe. Lens: "O Senhor não está doente. Estava com o encosto de seu filho que morreu tuberculoso. Ele manifestou-se e pediu que mandassem celebrar uma missa por ele".[78]

Os pastores Edir Macedo Bezerra e Romildo Ribeiro Soares dirigem os "cultos" da "Igreja Universal do Reino de Deus", (R. R. Soares será depois o chefe da Igreja Internacional da Graça), no Rio de Janeiro. (A rigor o enorme galpão pode receber 2.000 pessoas sentadas, mas nos sábados, com fiéis em pé, a lotação ultrapassa tranqüilamente 5.000 pessoas.) Segundo o pastor Macedo, "a Igreja tem como principal finalidade o exorcismo, e por meio das curas (exorcismos) o louvor a Deus... Os *espíritos malignos* dão sinal de sua ira diante de Jesus Cristo e *incorporam* nos *médiuns* presentes à reunião". O pastor coadjuvante, Luiz Jacomo de Ahen se identifica como *"ex-médium* e praticante de umbanda e candomblé por mais de 20 anos". Nas sessões, manifestam-se *os exus* Pomba-Gira, Mulambo, Maria Padilha, Caveira, Tiriri, Tranca--Rua..., como em qualquer terreiro. Os transes e os passes dos *endemoninhados* são os costumeiros dos *médiuns*. Os pastores dão ordens aos "médiuns para se libertarem da escravidão satânica".[79]

Do campo espírita, por exemplo na "Tenda Espírita Pai José Aruanda e Caboclo Boiadeiro", o Pai-de-Santo Mazinho Boiadeiro foi "feito" na frente do Exu Tiriri, mas se autoconsiderou "um príncipe das trevas", "sou filho do Diabo". "Todas as semanas a entidade que vem à minha festa... é o mesmo Demônio que se revoltou contra Deus e caiu em desgraça, indo parar no inferno". "Canto para o Diabo. Faço feitiço perigoso; quem não tiver o corpo fechado, que saia da minha frente, pois sou filho de Satanás".[80]

O médium Valdirene incorporava o próprio Lúcifer. Foi um dos implicados no sacrifício ritual do menino Carlos de Vieira Júnior. "O Valdirene... freqüentava o terreiro de candomblé... incorporando um exu que ele chamava de Lúcifer. Ele dizia para quem quisesse ouvir que era cavalo (médium) do próprio Diabo. As atitudes de Valdirene eram de dar medo a qualquer um. Ele sim, tem pacto com o demônio".[81]

Antonio Alba, o mais consagrado escritor de Umbanda, proclama a identidade de exus, espíritos de mortos e demônios: "Lúcifer é a primeira pessoa da Trindade Demoníaca. Belzebu é a segunda e Astarot a terceira. Astarot também é conhecido como Seu Sete Encruzilhadas... Sua mulher, Pomba-Gira, é a mais aclamada entidade da Umbanda, da Quimbanda e das Missas Negras ou Satanismo".

Antonio Alba é um dos escritores mais lidos no Brasil. É o maior best-seller na literatura do chamado baixo espiritismo. Afirma que mais de 30 livros seus foram psicografados sob a inspiração de Lúcifer, o Exu-Rei, menos o seu primeiro livro *Despachos*

76. Allan Kardec, *Le Livre des Esprits*, Paris, 1857; tradução de J. Herculano Pires, *O Livro dos Espíritos (contendo os princípios da doutrina espírita)*, São Paulo, LAKE (Livraria Allan Kardec Editora), e Rio de Janeiro, FEB, 1974, n. 131, pp. 96-106.

77. Zêus Wantuil, *As mesas girantes e o espiritismo*, Rio de Janeiro, FEB, 1958, p. 268.

78. "Notícias Populares", sobre exorcismos a espíritos mortos, São Paulo, 24-4-1975.

79. Jorge de Oliveira, "Exorcismo, a luta contra a escravidão satânica" in *Fatos & Fotos. Gente*, 15-10-1979.

80. Jorge de Oliveira (entrevistador), "Cerimônia secreta cultua a Belzebu" in *Fatos & Fotos. Gente*, 9-7-1979.

81. Geraldo Lopes, "O bruxo de Cantagalo" in *Arquivos do CLAP*, "Recortes", seção "Bruxaria-Demonologia", n. 194.

e oferendas de umbanda, para o que Lúcifer enviou um "demo" de menor categoria, "o caboclo Guaicuru, espírito de um cacique conhecedor das ervas que matam ou curam". [82]

É importante esta identidade entre os demônios cristãos e os do "alto" e "baixo" espiritismo: todos os argumentos que apresentarei a respeito das intervenções dos demônios servem igualmente a respeito da comunicação espírita.

Demônios do ocultismo. Entre os elementares, o ocultismo distingue — pleno absurdo — defuntos astrais abandonados pelos espíritos na sua evolução; formações etéreas geradas por pensamentos e desejos inferiores, e em terceiro lugar subprodutos do próprio astral inferior: cascões, larvas, parasitas, vampiros, bactérias... hediondo lixo do plano astral, que envolveria o homem e assombraria casas e lugares.

No ambiente espírita-demoníaco do Brasil, o ex-astrólogo e ex-feiticeiro Luís Horwarth, 38 anos, cearense, sem deixar de ser astrólogo e feiticeiro espírita é o "Papa do Diabo" da Antiigreja de Satã".

O próprio Satanás teria ditado ao psicógrafo Luís Howarth a *Bíblia do Diabo,* que está sendo traduzida para o inglês e o espanhol.

O Papa do Diabo mantém um programa radiofônico intitulado "Além da Alma" na Rádio Liberdade e Rádio Difusora, de Sergipe. No centro comercial de Aracaju, Howarth ocupa sete salas no primeiro andar de um elegante prédio, onde faz despachos e pratica com os seguidores de Satanás, o candomblé, a umbanda, o espiritismo kardecista, a acupuntura, a quiromancia, meditação transcendental e mentalização, sentado dentro de uma armação em forma de pirâmide.

Em entrevista recentemente concedida, diz que os padres e pastores sergipanos consideram suas idéias absurdas. "Algum tempo atrás o Pe. Oscar Quevedo, parapsicólogo, foi chamado a Aracaju para desmoralizá-lo num debate. Quase conseguiram — conta o próprio Howarth. Saí do auditório do Colégio Estadual debaixo de vaia e correndo. Quase fui linchado". [83] Na realidade não fui chamado para desmoralizá-lo. Ele veio espontaneamente a um curso que eu ministrava, interrompeu muito, por fim o convidei a um debate, aceitou, e ficou completamente desmoralizado. Howarth pretendia fundamentar as suas afirmações em fatos para cuja interpretação não tinha conhecimento. É verdade que, após o debate onde se viu que suas idéias eram completamente anticientíficas e contraditórias, teve de se retirar sob estrondosa vaia. De linchamento, é evidente que nada.

Segundo Howarth, nas antiigrejas a decoração terá de ser com imagens do Candomblé, da Umbanda... Há que pregar a doutrina basicamente do espiritismo afro-brasileiro.

Tem lógica esta afirmação do "Papa do Diabo". O espiritismo, alto ou baixo, kardecista ou umbandista, sem negar a Deus o deixa de lado. Tudo gira ao redor dos espíritos. A Confederação Espírita Umbandista declara: "Para nós, Deus é tão excelso que não lhe tributamos rito especial". [84] Ateísmo prático. Os exus, os espíritos maus, pouco desenvolvidos, estariam por todas as partes, rodeando-nos, como que oprimindo-nos, sendo que os espíritos mais desenvolvidos teriam ido para as mais altas camadas. O espiritismo, alto ou baixo, rodopia ao redor dos espíritos maus. É uma espécie de satanismo.

Com a maior audiência no Brasil, a Rede Globo de Televisão fez a propaganda do "Antipapa do Diabo" [85] e do espiritismo. O diretor geral dos "shows" da Rede Globo, Augusto César Vanucci, confessa que seu mais ardente ideal é fazer propaganda do espiritismo. "Embora vindo de uma família católica, em Uberaba, cresci ouvindo o nome de Chico Xavier... Procuro acatar o que ele me ensinou: usar o meu instrumento de trabalho, a televisão..." A sala que Vanucci ocupa na TV Globo é conhecida como Central do Espiritismo. [86]

Dois homens bons, Chico e Vanucci, fazendo um enorme mal. Difundindo a mentalidade mágica. Vanucci lançou a candidatura de Chico Xavier para Prêmio Nobel da Paz! Chegaram à "Central de Espiritismo", à sala de Vanucci, mais de oito milhões de assinaturas. A mentalidade mágica responsável durante séculos pelos maiores crimes, aberrações e insanidade, proposta para Prêmio Nobel da Paz! O grande Brasil apóia. "A Pátria do Evangelho"(?).

Por todas as partes. A bruxaria sempre continuou latente, após o apagar-se da última fogueira. Há anos que rebrotou e agora está se estendendo de mãos dadas com o espiritismo e ocultismo em geral e crescendo rapidamente por todo o mundo.

82. Maria Helena Farelli, "Antônio de Alba" in *Fatos & Fotos. Gente,* 19-9-1976 , pp. 26s.
83. "A Igreja do Diabo" in "O Estado de S. Paulo", 23-11-1980. Cf. também in *Arquivos do CLAP,* "Recortes", seção "Bruxaria-Demonologia", n. 213.

84. Confederação Espírita Umbandista, *Fundamentos de umbanda,* Rio de Janeiro, CEU, 1956, p. 7.
85. Cf. "Fantástico", 14-12-1980.
86. Ivandel Godinho in *Fatos & Fotos. Gente.* 1º-6-1981.

Não sei se será tão escassa a porcentagem... Afirma Wallace e repete Repollés que para cada pessoa que burla da bruxaria, há outras duas que nela acreditam: uma que a pratica e outra que ao menos a teme. O certo é que a bruxaria está estendida pela Europa, reina na África, é aceita na vida cotidiana do Oriente, constitui uma sombra opressiva no Caribe, é conhecidíssima na América do Sul e se pratica nos Estados Unidos. Não são os habitantes das nações atrasadas que se entregam a diversas práticas de feitiçaria... Podem-se comprar sortilégios em Roma, em Paris... Os conventos — grupo de treze bruxas — reúnem-se regularmente em Londres e Dublin... [87]

Amálgama ou sincretismo. Falo de demonologia e cito os sortilégios, o espiritismo, a feitiçaria... É que uma separação prática é impossível, além de perfeitamente inútil. A separação seria meramente conceitual, teórica. Na vida real é sincretismo, mistura, simbiose. Uma superstição gera outra. Existe aliança e ajuda mútua entre todos os tipos de superstição.

No Brasil... O sincretismo religioso provocado pelo espiritismo é praticamente indesmaranhável: demonologia, espiritismo, catolicismo e cristianismo em geral, religiões orientais, toda classe de seitas. Tudo junto. Além do mais, onde há espíritas há astrólogos, curandeiros, fala-se de OVNIS ou objetos voadores não identificados, de triângulo das Bermudas... A superstição alia-se à superstição, a superstição gera alienação, credulidade, ânsia de mistério...

Parrinder, no seu livro sobre bruxaria, [88] destaca o incremento e ajuda mútua entre toda classe de superstições:

> O interesse pela bruxaria é ainda amplo na Europa e América. Abraçado com paixão, e origem de terríveis perseguições nos séculos XV ao XVIII, rejeitado como ilusão no século passado, o tema fascina o homem moderno com essa atração que sobre a mente exerce o misterioso. Inclusive na Europa Ocidental o ressurgimento da superstição, tal como se pode apreciar na astrologia jornalística e em fatos similares, favorece a reaparição da magia negra. Mas é a bruxaria moderna que mais nos deve preocupar. O "diabo" se serve da outra vestimenta para se apresentar no nosso mundo. A magia negra pratica-se, não como os antigos rituais, mas sim com outros...

---

87. Wallace, *La brujeria...*, op. cit., p. 6; Merrill F. Unger, *Demons in the world today*, Illinois, Tyndale House, 1972.
88. Geoffrey Parrinder, *Witchcraft european and african*, Londres, Penguin, 1958 e 1963, pp. 103-113; tradução de Luís Fabricani, *La brujeria*, 2.ª ed., Buenos Aires, Eudeba (Editorial Universitaria de Buenos Aires), 1965.

Sem apriorismos. Reforçando-me com a autoridade do Dr. Jean Lhermitte, não duvido em afirmar que "embora seja uma tradição corrente sustentar que os casos de 'possessão diabólica' eram mais freqüentes numa época em que a fé religiosa era mais viva que hoje, a observação faz ver que não há nada disso. Os que se pretendem possuídos pelo diabo não são raridades..." [89]

O Diabo não procede da fé mais viva; o Diabo continua fundamentando-se preferentemente na ignorância. Possessão ou encosto; transe alterado ou tranqüilo; energúmenos ou pessoas equilibradas aparentemente, o certo é que hoje, mais do que nunca e cada dia mais, milhões de supersticiosos se acham a si mesmos e outros os julgam inundados por Satanás. [90]

Práticas medievais na Igreja de hoje. A Igreja Católica oficialmente não permite, há muitos anos, exorcismos no Brasil. *

Mas se administram... Em São Paulo, há muitos anos que vem administrando bênçãos de exorcismo o Pe. Gregório Westrupp, da igreja São Judas Tadeu, no Jabaquara. Entre outros objetos "satânicos", temos no CLAP duas lindas arcas antigas que o Pe. Gregório mandara queimar, pois as responsabilizava pelas desgraças que sofria uma família da alta sociedade paulista; dizia que os demônios moravam nas arcas...

Também são famosos exorcistas os Pes. José e João Carlos, da Capela do Socorro, na Vila Brasílio Machado.

Faleceu recentemente o famoso exorcista Pe. José, da Igreja Cristo Rei; em companhia de seu Superior Provincial, o atual bispo auxiliar D. Joel Ivo Catapan, fui visitá-lo e tentar convencê-lo de que deixasse de exorcismos. Até ficou bravo argumentando-me com as "possessões" evangélicas e com os "demônios" que ele mesmo tinha expulsado... Não se lhe deu uma proibição expressa. Continuou 10 anos administrando exorcismos.

O Pe. Miguel Pedroso, também em São Paulo, até reparte um folheto de exorcismos; 24 páginas cheias de orações ao Espírito Santo, e especialmente a S. Miguel Arcanjo e aos anjos para que nos livrem do "demônio maldito", imprecações e insultos contra o demônio, "Rosário de S. Miguel" contra Satanás, "Novena do

---

89. Jean Lhermitte, in "Groupe Lyonnais d'Études Médicales" in *Médicine et merveilleaux*, Paris, Spes, 1956, p. 145.
90. R. J. Woods, "Satanism today", in F. J. Sheed, *Soundings in Satanism*, Nova Iorque, 1972, pp. 92-104; H. Lindsey, *Satan is alive and well on planet Earth*, Grand Rapids, 1973; Gerald B. Gardner, *Witchcraft today*, New Jersey, The Citadel Press, 1974.
* Recentemente em alguma diocese foram autorizados (nota do autor em 1989).

Glorioso Arcanjo S. Miguel" com a mesma finalidade, "Ladainha de S. Miguel", e no fim exorcismo de Leão XIII, o "Exorcismo contra Satanás e os anjos rebeldes". Este folheto foi publicado sem o clássico: "com autorização eclesiástica". [91]

No mundo todo foi organizada uma "Cruzada contra o demônio e seu reino". O folheto, que aos milhões foi espalhado no mundo, recomenda rezar o terço. Ótimo. Mas antes de cada dezena, cita-se a "luta contra Satanás e seu reino", "o sinal de terror para Satanás", "a força de esmagar a cabeça da serpente infernal". Em cada dezena recita-se o seguinte "Exorcismo: levantem-se Deus, a Bem-aventurada Virgem Maria, S. Miguel Arcanjo e todas as milícias celestes e sejam dispersos seus inimigos e fujam de sua face todos os que odeiam, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém".

O fundador da campanha foi Frei Chrisostomus Müller, O.F.M., do convento franciscano de Bornhofen, Alemanha. Compreende-se a boa intenção e se desculpa a mentalidade antiquada do piedoso frade. Ingressara como irmão leigo no convento, aos 70 anos. Com 73 anos, acredita que Sta. Teresa de Ávila lhe encomenda a "Missão de iniciar a Cruzada contra os poderes infernais que procuram destruir a humanidade". Com 74 anos escreveu o folheto. Está convencido de que escreveu "por nova inspiração da graça". E aos 75 anos lança o manifesto inaugurando a Cruzada.

Conseguiu numerosos bispos que lhe concedessem licenças para propagar o manifesto e o folheto. No Brasil o folheto da "Cruzada contra o Demônio" leva a "imprimatur" de D. Geraldo Fernandes, bispo de Londrina, outorgado em 23 de junho de 1967; o "divulgue-se" na arquidiocese de São Paulo outorgado em 20 de março de 1968 por D. Bruno Maldaner, bispo auxiliar de São Paulo e o "reimprima-se" autorizado por D. Manuel, arcebispo Metropolitano de Curitiba em 21 de abril de 1969.

Tenho uma folha que foi espalhada aos milhares desde 1967 pelo Brasil inteiro. Assina o bispo diocesano de Santos, D. Daniel Hostin, O.F.M.:

Oração a S. Miguel Arcanjo. Gloriosíssimo príncipe da milícia celeste, S. Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate, contra os príncipes e as potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso e contra os espíritos malignos espalhados pelos ares... Rogai ao Deus da paz que esmague o demônio debaixo dos nossos pés... Apresentai as nossas preces ao Altíssimo a fim de que... vós tenhais o poder de agarrar o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás...

91. Pe. Miguel Pedroso, *São Miguel Arcanjo*, São Paulo, s.d.

Pululam pelo mundo semelhantes exorcismos privados. O exorcismo que acabo de copiar é tradução exata do início de exorcismo reeditado em Roma "con approvazione ecclesiastica". É o "exorcismo contra Satana e gli angeli ribelli publicato per ordine di Leone XIII". Os editores deste folheto, alguns padres passionistas da "Scala Santa" anunciam: "Questa preghiera é efficasisima a preservare di grandi mali individuali, familiari e sociali"... Acrescenta-se:

Confiantes empreendamos a batalha contra os ataques e insídias do demônio... Eis a Cruz do Senhor, fugi potências inimigas... Nós te impomos, espírito imundo, potência satânica, invasão do inimigo infernal com todas as tuas legiões, reuniões e seitas diabólicas... Pérfida serpente... Dragão maldito e todas as legiões diabólicas... Satanás, inventor e mestre de enganos... (Deus) queira livrar-nos de toda tirania, laço, engano e infestação dos espíritos infernais...

Parece-me que com a difusão destes exorcismos, pouco adianta que se proíba oficialmente. Muitos do povo, e do clero!, continuam acreditando. Está aumentando sua crença nas influências diabólicas.

Mesmo quando oficialmente, em algum caso concreto, a autoridade eclesiástica *não autorize* os exorcismos, sempre haverá algum padre que, perante a ambigüidade reinante, pense que *não estão proibidos*. Se não estão proibidos, como "são convenientes", é *uma obrigação* aplicá-los... "O tempo presente é a era do diabo." Assim começa sua conferência em Assis, em 14 de março de 1973, o Padre A. C. Fala sobre "Exorcismo na atividade pastoral" e chega à conseqüência de que "se ao exercício do ministério pastoral falta a pastoral do exorcista, está faltando uma missão das mais importantes". [92]

Inclusive os exorcismos mais solenes.

Na casa de Gerald Goodin, em Bridgeport, Connecticut, EUA, saem barulhos das paredes e do chão. Contraditoriamente com a tradição demoníaca, o "diabo" atreve-se a arrancar o crucifixo da parede; uma poltrona dá pulos, rodopia um aparelho de TV, cadeiras balançam no ar. Três bombeiros e um repórter testemunharam. Um dos bombeiros estava no comando, Frederick Zweleir; os outros dois não quiseram ser identificados, precisamente porque descreveram que "as ocorrências são sobrenaturais". O repórter é Tim Quim da cadeia NAB.

Os fenômenos são sempre na presença da menina de 10 anos, Meredit Goodin. Foi jogada contra uma parede um metro e meio

92. A. C., "Esorcistato nell'attività...", op. cit., pp. 1-7.

adiante "como se alguém tivesse enrolado uma corda em mim e a puxasse contra a parede".

Após as verificações, os bombeiros afirmaram que os acontecimentos na casa dos Goodin não são problema seu. A mesma coisa afirma a polícia. Mons. John Taomey, vigário geral da diocese de Bridgeport, declarou que "as autoridades da Igreja presumem que deve haver uma explicação natural para o acontecimento". Perfeito. E não pensam em absoluto em enviar um exorcista.

Mas perante a ambigüidade reinante, um padre católico foi dar "bênçãos e orações" para tentar expulsar "uma entidade diabólica" da casa de quatro cômodos. E fez exorcismos com toda solenidade.

De nada adianta a posição oficial da cúria episcopal, pois toda a cidade sabe que se estão administrando exorcismos pelo sacerdote que simplesmente se identificou como Pe. Bill. O caso é espalhado pelas agências de notícias, concretamente pelas agências AP e UPI e publicado na maior parte dos jornais e revistas do mundo. Os títulos confirmam a interpretação demonológica. Por exemplo: "O demônio à solta na casa dos Goodin". [93]

Todos sabem. E a cúria sabe perfeitamente do fato e da identidade do padre. Que pensar? Por não haver reação da autoridade eclesiástica, o povo evidentemente cresce na crença da intervenção diabólica.

Também sabe a hierarquia eclesiástica o nome do exorcista — solenes e violentos exorcismos — de Taranto, Sul da Itália. Acaba de acontecer. O caso é bem "conhecido pelas autoridades católicas" em Roma. Várias pessoas processadas e por fim condenadas pelos tribunais civis. "Com a intenção de expulsar o diabo de uma senhora supostamente possuída, submeteram-na a tão severos abusos físicos e espancamentos, que terminaram causando-lhe a morte. Um dos envolvidos é um padre capuchinho de 42 anos". [94]

Se muitos cientistas, pastores e bispos anglicanos acusaram a cúpula da Igreja Anglicana de ser, por sua atitude pouco clara e decidida, responsável pela mentalidade mágico-demoníaca do povo e, inclusive pelos crimes a que essa alienação tem levado, a mesma responsabilidade não deveria inquietar, pelas atitudes permissivas, a alguns bispos católicos? Não é justo acusar a Igreja Católica dos crimes cometidos na época da bruxaria; mas hoje, não há que revisar urgentemente o tema "volta o Diabo"?

93. "O demônio à solta na casa dos Goodin" in "Folha de S. Paulo", 27-11-1974, última página.
94. "Devils in Italy" in *Parapsychology Review*, 1980, setembro--outubro, p. 23.

Escreveu-me um excelente professor de pastoral:

É possível que a Igreja saiba hoje... ou tem dúvidas, deixando a solução aos cientistas. Mas por motivos pastorais não pode publicar que o demônio não é tema religioso, ou não quer fomentar a discussão aberta. Seria um escândalo imenso do povo. É preferível, por motivos pastorais... nos catecismos nada dizer a respeito do Diabo. Pouco a pouco se esquecerá o povo desse personagem.

Permito-me discordar. Em primeiro lugar porque tenho certeza de que a imensa maioria do povo não se escandalizaria pela discussão aberta. O escândalo seria só para uns poucos "tradicionalistas"... E para muitos espíritas e outros que não simpatizam com o catolicismo... E para os sequazes — também muitos — de seitas de exorcistas e satanistas.

À discussão aberta dedico este livro.

Primeira Parte

OS ARGUMENTOS DA CIÊNCIA
(à luz da fé)

Capítulo II

COM A PALAVRA A CIÊNCIA

Só prova desconhecimento. Atribuíram-se ao demônio certos fatos misteriosos... porque não se conhecia a explicação.

Tantos exemplos... Em maio de 1981, a agência de notícias científicas National Enquirer espalhava pelo mundo[1] a interpretação supersticiosa que se atribuía aos acontecimentos na Igreja de Saint Mark, em Cheyene, EUA. Figuras envoltas em sombras aparecem e desaparecem no ar (fantasmogênese em Parapsicologia); imensos sinos soam sozinhos e um órgão começa a tocar repentinamente (telecinesia); misteriosos passos percorrem o teto (tiptologia). Perante esses "estranhos" fatos que não pode negar (é sempre a solução mais cômoda dos "sábios ignorantes"), o Rdo. Eugene Tood não teve dúvidas de que a igreja está infestada por demônios e espíritos maus. Por quê? Porque "não consigo achar nenhuma explicação racional".

O grande teólogo Rahner reconhece que temas como "a sutil corporeidade dos demônios, sua ciência e poder, a possessão diabólica, as bruxas, e feitiçaria, a adivinhação etc." não passam do estágio do *teologumena,* "porque não existe um autêntico ponto de partida teológico para sua solução". Esta é a posição verdadeiramente teológica.

Qualquer afirmação sobre o tema demonologia deve partir do campo da ciência, "da *história* da Salvação" (in *Mysterium Salutis*), "da *ciência experimental*" (Darlapp), da "*história* da humanidade" (Shierse), como veremos no capítulo XIV.

---

1. Aqui no Brasil, cf. "Os maus espíritos de uma capela" in *Fatos & Fotos. Gente,* 11-5-1981, p. 18.

Rahner vai exaurir da ciência suas afirmações sobre demonologia: a atividade do demônio é *experimentável*, fundamenta-se na interpretação dos *fatos*.[2]

Após a colocação destas premissas, Rahner acha pouco úteis os estudos da Parapsicologia, porque "topam com o ceticismo de homens guiados pelo empirismo das ciências naturais".[3]

Homens formados na repetibilidade e regularidade dos fenômenos físico-químicos facilmente são levados a acreditar que tudo aquilo que não é regular e repetível não é válido. Isso é uma deformação profissional. Nem por isso o parapsicólogo (o psicólogo, o historiador, e também o teólogo e o filósofo...!) se devem impressionar. O verdadeiro cientista deve encarar a realidade como é, não como alguns cientistas do *puramente material* gostariam que fosse. Não é científico acomodar a realidade ao método de estudo que nos convém, senão que o científico é acomodar o método de estudo às exigências da realidade.

Se o teólogo concedesse algum valor à exigência de alguns físicos, estaria caindo no absurdo de afirmar: "A demonologia, dado que do ponto de vista teológico só se pode estabelecer que não se sabe nada, deve apoiar-se na Parapsicologia à condição de que seja Física"...

Errado respeito à religião. Acovardados perante um pretenso respeito à religião, médicos e outros cientistas não entraram na pesquisa de fenômenos que realmente a eles pertencem. Jean Lhermitte observa:

Como um médico com conhecimentos psiquiátricos pode estar à altura de julgar estados cujo conteúdo aparentemente lhe ultrapassam e que parecem ser do domínio do teólogo e do exorcista? Exatamente pelo fato de o médico qualificado possuir luzes sobre a patologia do espírito, das quais o teólogo e o exorcista são desprovidos[4] enquanto tais.

É verdade histórica que o recurso à religião paralisou as pesquisas científicas sobre esses fatos. Erro da ciência ao marginalizar esses fatos. Erro da religião ao assumi-los para si.

É improcedente argumentar com religião na interpretação dos fatos do nosso mundo. Eles pertencem à ciência.

2. Karl Rahner, S.J., epígrafes "Angeologie" e "Dämonologie" in J. Henninger, *Lexicon...*, op. cit., p. 145. Karl Rahner, S.J., C. Ernest e K. Smyth, *Sacramentum Mundi*, 6 tomos, Barcelona, Herder, 1972ss., tomo II, epígrafe "Diablo" (por Rahner), p. 252.

3. K. Rahner, *Sacramentum...*, op. cit., tomo II, p. 252.

4. Lhermitte in *Groupe Lyonnais*, op. cit., p. 148.

Como também é incabível argumentar no campo da fé com fatos observáveis.

Nem todos os teólogos têm compreendido claramente este ponto, quando tratam de demonstrar a existência do diabo com argumentos filosóficos ou empíricos. Não se pode aduzir a experiência como meio de prova (em Teologia). De nada serve exclamar pateticamente que vemos todos os dias, com nossos próprios olhos, e padecemos em nós mesmos, a ação do diabo.[5]

Essa conclusão pertence unicamente à ciência, sai do âmbito do teólogo.

Neste livro pretendo manter os dois campos dentro dos seus limites próprios. Sem miopia. Nem mistura que embace nem unilateralidade que distorça.

Esta indevida mistura de planos ainda hoje ressoa entre alguns religiosos. Era de praxe na época da bruxaria.

Um monge italiano, frei Francesco Maria Guazzo (Guaccius), muito considerado no fim do século XVI e começos do século XVII, escrevia em 1608 num livro que orientava os inquisidores:

É claro como a luz do dia que os demônios transportam as bruxas em carne e osso ao Sabbat, pelos ares... Os que afirmam que tudo isso não é verdade, senão que é sonho ou ilusão, certamente pecam por irreverência à nossa mãe, a Igreja... Portanto, ou a Igreja está no erro, ou o estão os que mantêm a crença contrária.[6]

Não se trata de doutrinas de fé, senão de fatos (embora relacionados com a fé). Trata-se de saber se tais fatos são históricos ou não e de analisar os fatos históricos à procura das suas causas. Neste tema pastoral, o teólogo deve seguir o ditame do científico.

Uma das petições mais fundamentais do Concílio Vaticano II, especialmente na constituição *Gaudium et spes*, é a recomendação

5. Herbert Haag, Katharine Elliger, Bernhard Lang, Meinrad Limbeck, *Teufelsglaube*, Tübingen, Katzman, 1974; uso a tradução e adaptação de Marciano Villanueva, *El Diablo, su existencia como problema*, Barcelona, Herder, 1978, p. 31.

6. Francesco Maria Guazzo, *Compendium Maleficarum in tres libros distinctum, ex pluribus authoribus per Fratrem Franciscum Mariam Guaccium Ordinis S. Ambrossii ad Nemus collectum, et pluribus figuris, ac imaginibus perornatum. Ex quo nefandissima, et execranda in genus humanum opera venefica, ac ad illa evitanda Divina remedia conficiuntur, Mediolani, Haereles* Augusti, 1608; *Compendium Maleficarum*, Londres, John Rodker, 1929, tradução inglesa de E. A. Ashwin, notas de Montagne Summers, com o mesmo título: *Compendium Maleficarum*, Londres, Frederick Muller, 1970.

do diálogo constante com a ciência. A Teologia, a Igreja precisam da colaboração daqueles que "por viver no mundo, sejam ou não crentes, conhecem a fundo as diversas instituições e disciplinas".[7]

> Os mais recentes estudos e as novas descobertas das ciências... suscitam problemas novos, que trazem consigo conseqüências práticas e inclusive reclamam novas pesquisas teológicas... Há que reconhecer e empregar suficientemente no trabalho pastoral... os descobrimentos das ciências profanas, especialmente em psicologia e em sociologia, levando assim os fiéis a uma mais pura e madura vida de fé.[8]

A autoridade da Igreja. Não é incumbência da Bíblia corrigir os erros científicos das diversas épocas em que foi escrita. Nem é incumbência de Cristo. Nem dos apóstolos, nem da Igreja, nem do Papa. A Religião visa preferentemente ao "Reino de Deus..." Quis Deus que a Bíblia, Cristo, os Apóstolos, a Igreja e o Papa usassem a cultura da época. Para dar doutrina religiosa ou orientação moral.

Entrar no campo da ciência foi o erro que a Igreja cometeu contra as afirmações astronômicas de Galileu, embora a condenação tenha sido mais porque Galileu entrou sem discrição no campo da exegese. No conhecido caso, a Igreja, baseando-se na Bíblia, condenou as idéias de Galileu sobre o movimento da Terra ao redor do Sol. "Na Bíblia se afirma o contrário! Josué parou o Sol!" O papa João Paulo II, em 28 de outubro de 1980, afirmou sua intenção de reabilitar Galileu e reconheceu que a Igreja saiu do seu campo.[9] Não se pode invocar a Bíblia em ciência. "Eppure si muove": tinha razão Galileu Galilei neste detalhe.

No dia 16 de novembro de 1980, todos os jornais comunicavam que João Paulo II, no seu primeiro discurso ao visitar a Alemanha, no aeroporto, diante das autoridades, pediu perdão aos cientistas pelos erros cometidos pela Igreja. Baseada na Bíblia e na Teologia pronunciou-se, como se fosse mestra suprema, também na interpretação de fatos observáveis do nosso mundo.

No pedir perdão, evidentemente deve-se incluir o propósito de emenda. Esperamos que na interpretação dos fenômenos chamados demoníacos não teimem alguns teólogos em desouvir e contrariar a Parapsicologia...

7. Concílio Ecumênico Vaticano II, *Gaudium et spes*. Cf. *Concílio Vaticano II*, 5.ª ed., Madri, BAC, 1967, p. 326.
8. Ibidem, artigo 62, p. 357.
9. Cf. a quase totalidade dos jornais de 29 de outubro de 1980, em que se notificou a retratação humilde da Igreja.

Na utilização do método histórico-crítico no estudo da Bíblia, os protestantes tiveram inegável pioneirismo com respeito aos católicos. Começaram a juntar a ciência na interpretação dos fatos e da linguagem bíblicos, em meados do século XVIII.[10] Entre os católicos, só no fim do século XIX e começo do XX o dominicano Lagrange,[11] fundador da École Biblique de Jerusalém, começou a servir-se da ciência. E foi duramente combatido. Durante todo um decênio, Lagrange caiu em desgraça junto ao Vaticano. Mas por fim, o método não só foi reconhecido, senão proclamado obrigatório por Pio XII.[12]

O Concílio Vaticano II não só acenou para os gêneros literários, como também claramente deu a entender a necessidade de levar em conta outros ramos da ciência, quantos possam interessar para melhor compreensão da realidade que aparece na Bíblia ou que, de alguma maneira, se relaciona com a fé:

> Para descobrir a intenção dos hagiógrafos, *entre outras coisas* há que atender aos gêneros literários, dado que a verdade se propõe e se expressa de maneiras diversas nos textos de diversos gêneros: históricos, proféticos, poéticos ou *em outras formas de falar*. Convém, também, que o intérprete pesquise o sentido que o hagiógrafo intentou expressar e expressou *em cada circunstância*, segundo a condição *do seu tempo e de sua cultura*.[13]

A autoridade de Cristo. Jesus, como Deus não podia morrer, mas morreu como homem, sofreu como homem, teve pavor e tédio até o suor de sangue como homem. Teve fome, teve sede. E *crescia* em idade e *em sabedoria*... E é claro que quando perguntava, o fazia com sinceridade porque, como homem, *não sabia*...

Cristo como homem talvez não soubesse se aqueles doentes que, na época, eram chamados endemoninhados eram realmente possessos ou simplesmente doentes. Não tinha por que intervir em ciência a sabedoria divina; Jesus utilizou no plano humano os seus conhecimentos humanos.

Cristo era realmente homem, em tudo, inclusive na cultura e na limitação de conhecimentos científicos da época. E como homem procedia plenamente no que era âmbito humano. Pode-se

10. Cf. H. J. Kraus, *Geschichte der historisch-kritischen Erforschung des Alten Testaments*, 2ª ed., Naukirchen, 1969, N. Lohfink, "Zur historisch-Kritischen Methode" in *Bibelauslegung in Wandel*, Frankfurt, 1967, pp. 50-75.
11. M. J. Lagrange, *La méthode historique*, Paris, 1903.
12. Pio XII: Encíclica *Divino Afflante Spiritu*, de 30 de setembro de 1943.
13. Concílio Ecumênico Vaticano II, Constituição *Dei Verbum*, n. 12. Cf. *Concílio*..., op. cit., pp. 169s.

afirmar com segurança que Cristo tinha *desconhecimento* científico. Como encomiasticamente destaca Alan Watts, entre os quatro Evangelhos canônicos e os evangelhos apócrifos há uma enorme diferença, é que nos primeiros Jesus é sempre um homem, enquanto que nos últimos sua condição humana se perde na divindade. Seu conhecimento humano não atingia a onisciência divina. Era limitado. Era impossível para ele saber que Moisés não escrevera o Pentateuco.[14]

Portanto, em questões científicas, não há como invocar a autoridade de Cristo.

Em várias passagens evangélicas Jesus é apresentado dentro da mentalidade cultural daquele tempo. Jesus não saía do seu ambiente cultural. Assim, por exemplo, ele aparece aceitando que a Terra é *plana* (Mt 24,27; Mc 13,27) e centro do universo (Mt 24,29; Mc 13,24s.); que o sol nasce ou *se levanta* (Mt 5,45); que o grão de trigo *morre* após semeado (Jo 12,24); que a semente da mostarda *é a menor* das sementes da terra (Mc 4,31), mas que quando semeada, cresce até converter-se *na mais alta* das árvores (Mc 4,32) (outros em vez de árvores traduzem *hortaliças* com o que a contraposição perderia sentido, além de que não abrigaria as aves!: Mc 4,32b).

Se na interpretação dos outros fatos Jesus se mantém dentro dos conceitos judaicos do mundo, por que haveria de se afastar de tais conceitos na interpretação dos fenômenos chamados demoníacos? A Bíblia não é um livro de Parapsicologia, nem de Psiquiatria, nem de Psicopatologia...

Aliás, o que Jesus pensava? Não sendo tema propriamente religioso, mesmo que Cristo conhecesse a explicação natural, não poderia comunicá-la. Teria sido incompreendido. Teria sido mal-interpretado: aos olhos de todos ficaria como um saduceu, como um descrente, dado que os saduceus ensinavam que "não há ressurreição, nem espírito" (At 23,8).

Não se pode responsabilizar a Cristo pelos erros científicos da sua época ou das barbaridades dos séculos de bruxaria. Responsável é a incultura. Responsáveis — sem culpa, por ignorância — foram os teólogos que pretenderam aplicar a Bíblia à interpretação de fatos.

Relacionado, não tema religioso. Alguns teólogos afirmam que a Parapsicologia ou a ciência não têm condições de explicar a ação

14. Alan Watts, *A vida contemplativa*, Rio de Janeiro, Record, s.d., p. 240.

demoníaca,[15] porque é um tema religioso. Meros preconceitos herdados. Sem reflexão. Permito-me negar com todo convencimento. São fatos do nosso mundo.

Mesmo que a Psiquiatria e Parapsicologia não explicassem esses fatos, não bastaria tal desconhecimento para por isso considerá-los tema religioso. Como fatos históricos e observáveis do nosso mundo, continuariam a ser tema de pesquisa científica. Para atribuí-los ao demônio não bastaria não saber explicá-los, haveria que demonstrar que de fato foi por poder demoníaco. E o fundamental desse trabalho teria sido obra do cientista.

É claro que este tema científico interessa à Teologia, porque com ela se relaciona. Como todos os fenômenos parapsicológicos, mesmo porque sempre foram interpretados como coisas "do além": demônios, mortos, exus, orixás, fadas, musas, larvas astrais...

Tonquedec argumenta: se tratássemos do "sobrenatural essencial... O sobrenatural propriamente dito, o sobrenatural simplesmente... é totalmente inacessível à ciência". Mas a suposta possessão demoníaca, ou qualquer outro "milagre" supostamente do demônio é, no máximo, "sobrenatural modal" na nomenclatura clássica teológica: observável, perceptível, sujeito à análise científica, apresenta sinais de valor comprobatório.[16]

É lúcida a advertência de João Batista Van Helmont (1577-1644), o mais importante discípulo de Paracelso. Contra o padre jesuíta que queria reservar ao teólogo o diagnóstico da intervenção demoníaca, Van Helmont lembrou que "os teólogos devem ocupar-se das coisas sobrenaturais, e os naturalistas das coisas da natureza. Porque a natureza não escolheu os teólogos como seus intérpretes, senão os seus filhos, os físicos".[17] A verificação histórica dos fatos "demoníacos" e a verificação de toda e qualquer hipó-

15. Cf., por exemplo, H. Bavinck, *Gereformeerde Dogmatick*, Kampen, 1918, tomo III, p. 197; F. M. Catherinet, *Les démoniaques de l'Évangile* ou *Los endemoniados del Evangelio*, ou *Demoniacs in the Gospel* in Bruno Jésus-Marie (org.), *Satan*, Études Carmelitaines, Bruxelas, Desclée, 1948; tradução: *Satan*, Nova Iorque, Sheed and Ward, 1951; tradução: *Satán*, Madri, 1950, pp. 171-177; Jean Lhermitte, *Vrais et faux possédés*, Paris, Arthème Fayard, 1956, tradução: *True and false possession*, Nova Iorque, Hawthorn, 1963, pp. 23-27.

16. Glosamos a cita feita por Zsolt Aradi, *The book of Miracles*, 1956; tradução de Aydano Arruda (prefácio de Agostino Gemelli), *O livro dos milagres*, São Paulo, IBRASA (Instituto Brasileiro de Difusão Cultural S.A.), 1967, pp. 74s.

17. Citado por Bruno A. L. Fantoni, *Magia y Parapsicologia*, Buenos Aires, Troquel, 1974; uso a tradução de José Antonio Ruiz, *Magia e Parapsicologia*, São Paulo, Edições Loyola, 1977, p. 159.

tese explicativa pertence "aos filhos da natureza". O teólogo não pode invocar contra eles a autoridade da religião. Os cientistas estão no seu campo.

Necessidade da Parapsicologia. Num conceito amplo, entendem muitos e entendemos no CLAP por Parapsicologia o conjunto de todos os conhecimentos que interessam à análise do maravilhoso. De todos os pontos de vista. Sem compartimentos estanques. É o fato maravilhoso que interessa e sua análise global: não as disquisições sobre divisões e subdivisões dos diversos ramos da ciência ou do saber. Inclusive certos pontos de vista e argumentos da Teologia (e Filosofia) são às vezes necessários no estudo global dos fatos maravilhosos.

Num conceito um tanto mais estrito, considera-se a Parapsicologia primeiramente com referência ao estudo experimental, no sentido de diretamente aplicado aos fatos observáveis. Entre todos os fatos observáveis relacionados com o homem e psiquismo humano, os comuns, controláveis e freqüentes — e portanto menos suscetíveis de ser considerados maravilhosos ou milagrosos — considerem-se como pertencentes à Medicina, Psicologia, Psiquiatria... Os incomuns, espontâneos e raros — e por isso mais maravilhosos, mais freqüentemente considerados milagrosos — são os estritamente chamados parapsicológicos (*para-psicologia*: à margem do psiquismo comum, seja ele normal ou anormal).[18]

Compreendo que bons teólogos queiram limitar-se ao ponto de vista exclusivamente teológico. Nesse sentido aceito livros como os de Herbert Haag,[19] Henry Ansgar Kelly[20] e outros. E no plano meramente teológico os utilizo amplamente neste livro. Mas o estudo da atividade do demônio, visto deste ponto exclusivo da Teologia, fica manifestamente incompleto.

Por outro lado, quando se pretende analisar a atividade — e conseqüente existência demoníaca —, parecem-me falhos livros como o recente do Pe. Cortés, sua tese doutoral em Teologia,[21] ou

18. Sobre a definição, conceito e objeto da Parapsicologia, cf. Oscar G. Quevedo, S.J., *A face oculta da mente*, São Paulo, Edições Loyola, 1964, 26.ª ed., 1977; 40.ª ed., 1981; tradução de Franca Tallarigo, *La faccia occulta della mente*, Roma, Astrelabio, 1972; tradução de Antonio M. Sancho, S.J., *El rostro oculto de la mente*, Santander, Sal Terrae, 7ª ed., 1971, caps. 3-4.
19. Haag, *Teufelsglaube...*, op. cit.
20. Henry Ansgar Kelly, *The Devil, demonology and Witchcraft beliefs in Evil Spirits*, Nova Iorque, A. Kelly 1968; 2.ª ed., 1974.
21. Juan B. Cortés, S.J., Florence M. Gatti, *The case against possessions and exorcisms*, tradução de Maria José Lobo, *Proceso a*

como o já clássico de Balducci.[22] Cortés dedica longos capítulos à Psicologia, à Psiquiatria..., nem uma única vez nomeia a Parapsicologia! Balducci, ao recomendar a assistência do cientista junto ao exorcista, acrescenta: "Pretendemos evidentemente falar do médico e do psiquiatra, não do metapsíquico (nome antigo dado ao parapsicólogo); e isto, seja pela raridade de se encontrarem tais cientistas, seja pelo fanático e apriorista naturalismo integral de muitos deles".[23]

Na realidade sem Parapsicologia, não podem objetivamente analisar adivinhações, movimentos de objetos sem contato (telecinesia), xenoglossias, precognições, levitações e tantos outros prodígios, fatos, que se tomam como "argumentos" principais — ou únicos — de pretensas possessões ou intervenções demoníacas. O estudo desses fatos é o que se chama Parapsicologia.

O desconhecimento até da existência da Parapsicologia, a raridade de parapsicólogos ou a acusação de naturalismo de *muitos* parapsicólogos — não todos! — não são desculpa. Cortés, perante qualquer caso concreto de pretensa possessão ou intervenção demoníaca, fica sem explicação. Deixa sem explicação os principais fatos! Se Balducci (e Rahner) não encontram parapsicólogos conscientes, estudem eles mesmos... Ou então não queiram julgar os principais fatos!

O estudo da suposta intervenção demoníaca no nosso mundo não pode prescindir da Parapsicologia.

Como alguém disse: "Por mais estranha e extraordinária — ou difícil de obter, contra Balducci e Rahner — que pareça uma hipótese natural, não deve ser omitida nem desprezada, pois cem vezes mais estranha e extraordinária seria uma intervenção extranatural".[24]

Zaehringer afirma que da Teologia nada se pode tirar a respeito de demonologia. Pretende que a existência dos demônios se fundamenta na *experiência* de sua *atividade*. Impõe-se estudar os fenômenos parapsicológicos, isto é, "os processos em que atuam certas forças desconhecidas... ainda não explicáveis com os métodos científico-psicológicos e nos quais se produzem, não poucas vezes, estranhos efeitos: feitiçaria, magia, predição, espiritismo etc.". Mas acha o famoso teólogo que "os resultados da pesquisa mo-

las posesiones y exorcismos. Un análisis histórico, bíblico y psicológico de los demonios, diablos y endemoniados, Madri, Ed. Paulinas, 1978.
22. Corrado Balducci, *Gli indemoniati*, Roma, Coletti, 1959.
23. Idem, ibidem, p. 434.
24. Carlos Maria Staehlin, S.J., *Apariciones. Ensayo crítico*, Madri, Razón y Fe, 1954, p. 343.

derna não são motivo suficiente para negar o influxo do demônio em todos os fenômenos ocultos".[25]

O raciocínio parece errado. Se reconhece que não há base teológica, o fato de a Parapsicologia não saber "ainda" explicar os fatos (supondo!) não autorizaria deduzir que é o demônio. Se não pertence à Teologia e não se sabe explicar parapsicologicamente, não se explique!

Explica a ciência de hoje os fenômenos tradicionalmente atribuídos ao Diabo?

25. D. Zaehringer, "Die Dämonen" in Joannes Feiner e Magnus Lohrer (coords.), *Mysterium Salutis*, Einsiedeln, 1967, Vol. IV, pp. 1011s.; há tradução espanhola e portuguesa com o mesmo título.

Capítulo III

CONTÁGIO PSÍQUICO. CASOS DESTACÁVEIS

Doença contagiosa. A perseguição às bruxas foi a causa principal de sua prodigiosa proliferação.[1]

No começo do século XVII, o inquisidor espanhol Alonso de Salazar y Frías, entre os "argumentos... para provar que são ilusões e sonhos o que confessam as bruxas", suplicava que acabassem com os escritos, com os processos, com a perseguição... Tinha comprovado que não havia nem bruxas nem possessões "até que se começou a tratar e escrever deles".[2]

À mesma conclusão chegariam os psiquiatras no começo do século XIX, quando ainda eram recentes os últimos processos e enforcamentos: a bruxaria foi uma loucura que chegou a constituir uma epidemia por muitos séculos.

O Prêmio Nobel em Fisiologia, Charles Richet, não duvidou em equiparar as "doentes demoníacas de tempos passados" com

1. Além da abundante bibliografia que a diversos respeitos cito, devo incluir também, para uma visão geral da abundante casuística, R. Trevor Davies, *Four centuries of witch-beliefs*, Londres, Epworth, 1947; Nova Iorque, Methuen, 1949; Nova Iorque, Arno, 1980; Parrinder, *La brujería...*, op. cit.; J. Buston Russel, *Witchcraft in the Middle Ages*, Ithaca, Coronell University, 1972; Summers, in *Wichcraft...*, op. cit., C. Williams, *Witchcraft. A history of black magic in Christian times*, Nova Iorque, Faber and Faber, 1941; novas eds. Nova Iorque, New American, várias datas; e Chicago, Meridian, 1959; Harry E. Wedeck, *A treasury of witchcraft*, 8.ª ed., Secaucus (New Jersey), Citadel, 1975.

2. Alonso de Salazar y Frias, *Argumentos del inquisidor Salazar para probar que son ilusiones y sueños lo que confiesan las brujas*, publicado em Logroño, 24 de março de 1612, e conservado no *Archivo Histórico Nacional de Madri*, seção de Inquisição, maço de papéis n. 1679-2, Doc. n. 211, artigo 4º.

as histéricas de hoje, o que lhe deu ensejo a considerar a bruxaria como "doença contagiosa". [3]

Juste Louis Calmeil, num livro famoso, apresenta uma coleção impressionante de exemplos deste contágio, que ele chama — talvez seja o primeiro — "demonomania". [4]

No CLAP. À clínica do CLAP vieram muitos casos de pessoas "enfeitiçadas", com "encostos de espíritos", "endemoninhados"... Eram pura e simplesmente doentes, angustiados, reprimidos... Antes foram de médico em médico. Inutilmente. Drogaram-se com mil remédios. Desesperados e descrentes da Medicina *para seus casos*, acudiram um dia a uma sessão de espiritismo ou à igreja onde um padre ou pastor administrava diariamente os exorcismos. "Aí está. Esse é o meu caso". Não tivessem vindo, por fim, ao CLAP e teriam chegado a ser médiuns ou "endemoninhados" muito famosos. Alguns já eram famosos e contagiavam a muitos.

Hoje em alguns países os doentes psicológicos são atendidos e hospitalizados em clínicas especializadas. No Brasil e em outros países ainda não se reconheceram na Previdência Social nem as doenças psicológicas e parapsicológicas nem a psicoterapia especializada. Ou se trata de doenças orgânicas e, portanto, do âmbito do médico e do psiquiatra, ou não existe doença! Em conseqüência, os doentes psíquicos, que não são loucos, só podem acudir ao espiritismo ou aos exorcistas! (Ou desumanamente são internados entre os loucos!) Como durante os atrasados séculos de bruxaria. Como nas civilizações primitivas.

Doentes à solta. Naquelas épocas, nem sequer os loucos eram hospitalizados. Qualquer doente psicológico e parapsicológico era considerado endemoninhado ou enfeitiçado. Igual aos loucos. Não sendo atendidos, davam mais nas vistas do público.

3. Charles Richet, *L'homme et l'intelligence. Fragments de Physiologie et de Psychologie*, Paris, 1887, pp. 261-394.

4. Louis Fuste Calmeil, *De la folie considérée sous le point de vue pathologique, philosophique, historique et judiciaire, depuis la Renaissance des sciences en Europe jusqu'au XIX.e siècle. Description des grandes épidémies de délire simple ou compliqué qui ont atteint les populations d'autrefois et régné dans les monastères. Exposé des condamnations auxquelles la folie méconnue a souvent donné lieu*, 2 vols., Paris, 1845.

Na Palestina de Jesus — como hoje na Palestina islâmica — dominava o pânico aos demônios "causadores" das doenças psíquicas. [5]

Os contemporâneos de Cristo estavam habituados a ver os "endemoninhados" pelas ruas, alarmando e contagiando as pessoas sugestionáveis... Os Evangelhos nos mostram um "endemoninhado" vociferando durante o culto na sinagoga (Mc 1,23-26par.), outro pelos sepulcros e pelos montes gritando e golpeando-se com pedras (Mc 5,5bpar.) etc.

Em Samaria ficavam concentrados, à vista do público apavorado, nas proximidades dos túmulos dos profetas Elias e Abdias. E posteriormente de João Batista. S. Jerônimo descreve a degradante situação a que chegava o contágio mútuo entre os doentes: "Como demônios sob diversas torturas, eles urravam diante das tumbas dos santos, latiam como cães, bufavam como leões, sibilavam como serpentes, urravam como feras, enquanto outros atiravam as cabeças para baixo, voltavam-nas para trás e tocavam a terra com seu vértice..." [6]

Dois meninos espalham demônios. Nos tempos modernos, um dos casos mais famosos de "endemoninhados" (de "claríssima evidência" segundo os defensores da interpretação demonológica) [7] é o dos meninos Teobaldo e José. [8]

A impressionante grandeza e variedade dos fenômenos contribuiu para que o contágio psíquico se alastrasse. Mas, em contrapartida, o mesmo contágio é um poderoso argumento contra a interpretação demonológica. Por que o demônio haveria de ser "contagioso"?

5. Hermann Strack, Paul Billerbeck, *Kommentar zum neuen Testament aus talmud und Midrasch*, 6 vols., Munique, C. H. Beck, 1922-8, 3.a de., 1961, tomo I, pp. 501-535.

6. Joachim Jeremias, *Heiligengraber in Jesu Umwelt*, Gottingen, 1958; tradução: *Jérusalem au temps de Jésus*, 3ª ed., Paris, Du Cerf, 1967, p. 132. E do mesmo autor, *Neutestamentliche Theologie Erster Teil: Die Verkündigung Jesu*, Gutersloh, Gutersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1971, p. 93; tradução de Pe. João Rezende Costa: *Teologia do Novo Testamento*, 1.a parte, p. 146.

7. Balducci, *Gli indemoniati...*, op. cit., p. 443.

8. Uma descrição exaustiva e muito bem documentada, que impossibilita qualquer dúvida com referência ao substancial dos fatos — não à interpretação! — foi realizada por Paul Sutter, *Le Diable*, Paris, Arthur Savaète, 1921; uso a tradução de P. E.: *El Diablo*, Barcelona, Hormiga de Oro, 1923, p. 79; tradução: *Il Diavolo. Le sue parole, i suoi atti nei due indemoniati di Illfurt (Alsazia) secondo document storici*, Turim, 1935; M. Sutter e F. Gaquére *Aux prises avec Satan. Les possédés d'Illfurt*, Genval (Bélgica), Marie Médiatrice, 1957.

Mesmo após a cura dos "endemoninhados", o Pe. Erey, vigário de Illfurt, foi objeto de freqüentes "ataques do demônio" (?) até a morte, em 1906. Graças ao demônio (!) levou uma vida exemplar morrendo com fama de santidade. Outras muitas pessoas se converteram ao catolicismo, graças às freqüentes façanhas do demônio, transformado em apóstolo!

Também o Pe. Stumpf e o vigário de Estrasburgo sofreram ataques de Satã. Por exemplo, vindo

um dia em carruagem... para visitar Teobaldo, este, que estava tamburilando, irritadíssimo, sobre os vidros da janela, o vislumbra de longe, o reconhece e grita imediatamente: "Ah! esse canalha. Ei-lo de novo aqui! Espera, que vou te divertir!" Dois minutos depois uma das rodas se soltou, e os dois sacerdotes tiveram de descer da carruagem e fazer a pé o resto do caminho". [9]

Diversas famílias de Illfurt se contagiaram. Na família Brobeck, entre muitas diabruras, "uma outra vez o maligno se divertiu em extrair o fruto de grande quantidade de nogueiras... e não é necessário insistir no estupor que se apoderou de todos quando viram as nozes com a casca perfeitamente intacta, só marcadas com uma pequena arranhadela".

A família de Benjamim Kleiber era vizinha de Brobeck. "Os desgraçados proprietários deviam atravessar provas bem dolorosas; em mais de uma ocasião tiveram de chamar o vigário para que lhes benzesse a casa e a estrebaria". [10]

Os vizinhos do outro lado também foram perseguidos pelo demônio dando ainda maior mostra do contágio psíquico. Em duas noites o demônio destruiu as abelhas de vinte colmeias... todas as abelhas foram decapitadas!... "O senhor Brobeck fez benzer as colmeias e os novos enxames; e a potência do anjo destruidor foi aniquilada". [11]

Outras vítimas do demônio foram o Pe. Schrantzer, o Sr. Tresch, a família Zurbach...

Veremos se os fenômenos ocorridos são plenamente explicáveis em Parapsicologia. Mas o contágio não tem explicação demonológica. Mesmo que não soubéssemos explicar ainda os fenômenos, o fato do contágio psíquico é suficiente para que atribuíssemos o conjunto às forças naturais *desconhecidas*. O contágio não aceita o adjetivo "demonológico", aceita perfeitamente o adjetivo "psíquico".

9. Paul Sutter: *Il Diavolo...*, op. cit., p. 86.
10. Idem, ibidem, pp. 77s.
11. Idem, ibidem, pp. 77s.

Mais contágios. Idênticas considerações para outro caso que, como o de Illfurt, o Pe. Corrado Balducci — e os defensores da teoria demoníaca — apresenta como indiscutível possessão!

Século XX! 1913 até 1920. A endemoninhada de Piacenza [12] anunciou ao Sr. Cazzani, apavorado assistente dos exorcismos ministrados pelo Pe. Pier Paulo Veronezzi, que morreria em três meses, vítima da sua vingança. Nada adiantou a consideração de que a vingança do demônio logicamente teria de ser contra o padre exorcista. Nada adiantou a consideração que expressamente se lhe fez de que o demônio é o pai da mentira. O Sr. Cazzani estava aterrorizado e apesar de desfrutar de excelente saúde, morreu repentinamente. O próprio cronista comenta: "Provavelmente o terror pela ameaça do espírito o tenha minado". [13]

Após a morte de Cazzani, outro dos ameaçados de morte, o bispo, adoeceu e logo depois morreu. Os médicos não encontraram *causa mortis*. [14]

Um senhor que aparentava ceticismo diante dos exorcismos, desafiou: "Se és um espírito, entra em mim". Coragem! Não aconteceu nada. Anos depois, o senhor adoeceu de tuberculose, e vítima do acumulado terror por seu desafio, chama o antigo exorcista Pe. Pier Paolo e lhe diz: "De qualquer doença poderia morrer, mas não desta" e se desfaz em lágrimas. Atribuíram a morte à "terrível vingança de Isabó" (o demônio).

O exorcista, Pe. Pier Paolo Veronezzi, ficou impressionado e sempre com a cabeça cheia de demônios: "É a vingança do demônio", dizia, e o terror não o abandonou mais. [15]

É que o demônio é contagioso como os bacilos!

Flagelantes. Na época da bruxomania, houve verdadeiras epidemias de "endemoninhados". Epidemia é o melhor termo para designar o extremo a que chegou o contágio psíquico de bruxaria em 1570 na Dinamarca, 1575-1590 em Lorena, 1625 na Alsácia, 1630 em Bamberg, 1632 em Wurzburgo.

Fizeram-se típicos os "endemoninhados" flagelantes. Reuniam-se em grupos de cem e viajavam de cidade em cidade proferindo alaridos e gritos estentóricos ao mesmo tempo em que se flagela-

12. Alberto Vecchi, *Intervista col Diavolo*, Modena, Paoline, 1954.
13. Balducci, *Gli indemoniati...*, op. cit., pp. 412-414.
14. Idem, ibidem, p. 513.
15. Idem, ibidem, p. 514.

vam.[16] O motivo era duplo: eram os próprios demônios que gritavam e que açoitavam suas vítimas; eram os próprios "endemoninhados" que pretendiam com essa tortura expulsar os demônios.

A cidade inteira. Numa só cidadezinha, Benevento, que contava então com somente 20 mil habitantes, De Blasio pôde contar uns 2.000 bruxos, dos quais 1.391 afirmavam ser capazes de provocar tempestades ("Ochiardi"); 339 usavam de práticas sanguinárias na sua magia, e todos empregavam gírias e gestos especiais.[17] Se descontamos as crianças, adolescentes e profissões incompatíveis com a prática da magia (como os juízes, clero, soldados, políticos etc.), haverá que deduzir que os demônios estavam à disposição da quase totalidade da população.

Exemplo esclarecedor. Outro dos casos de "endemoninhados" mais célebres da história e "o mais esclarecedor de todos eles"[18] foi o das freiras ursulinas de Loudun, perto de Poitiers, na França.[19]

O aposto e "bon-vivant" Pe. Urbano Grandier, vigário da igreja de Saint-Pierre-du-Marché e cônego de Saint Croix, em Loudun, sudoeste de Paris, desejava para si o posto de capelão das freiras e do colégio anexo para meninas. Mas o capelão nomeado foi o Pe. Mignon.

Tudo começou quando a superiora, Madre Joana dos Anjos, afirmou ao confessor que vira o espírito do Pe. Moussout, capelão falecido do convento. (Para esta alucinação pode ter influído o tipo especial de centeio usado no convento para amassar o pão, como opina Aldoux Huxley.) O confessor lhe induziu a idéia de

16. Cf. José Ricardo Musso, *En los límites de la Psicología, desde el espiritismo hasta la Parapsicología*, Buenos Aires, Periplo, 1954, p. 194.
17. De Blasio, *Inciurmatori. Maghi a Benavento*, Nápoles, 1900.
18. Lhermitte, *True...*, op. cit., p. 40.
19. Além da bibliografia nas notas e em outros capítulos, veja-se Abbé Henri Bremond, *Histoire littéraire du sentiment religieux en France. La conquête mystique*, 5 vols., Paris, Bloud et Gay, 1916-20, vol. V. Aldous Huxley, *The Devils of Loudun*, Londres, Chatto and Windus, 1952 e 1970; tradução espanhola: *Los demonios de Loudun*, Barcelona, Planete, 1972; uso a tradução portuguesa de Marcos de Vicenzi, *Demônios da loucura*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Americana, 1973; I. Bertrand, *Les possédées de Loudun et Urbain Grandier*, Paris, 1908; H. des Niau (testemunha ocular), tradução de E. Goldsmid, *The history of the Devils of Loudun*, Edinburgo, 1887s. G. Legué, *Urbain Grandier et les possédés de Loudun*, Paris, 1880.

que a visão fora obra e engano do demônio. Inicialmente a religiosa não acreditou. Surgiram outros fenômenos, que vamos chamar histéricos. Exorcismos.

A Madre Joana dos Anjos confessou nas suas memórias que seu ceticismo inicial veio, com o andamento dos exorcismos, a se transformar em convencimento e pavor de estar endemoninhada.[20] Dizia estar possuída por sete demônios!

Legião de "possessos". O contágio psíquico foi nesse caso manifesto e exuberante. Ficaram endemoninhadas as 17 freiras do convento. Proferiam gritos e uivos estridentes, corriam desenfreadamente, tinham convulsões, realizavam acrobacias, adotavam posições desavergonhadas, provocantes, faziam gestos obscenos possuídas de preferência pelos demônios Asmodeu e Zabulão, blasfemavam contra a religião e contra Deus. Por fim, esgotadas, mergulhavam em profundo sono.

Até então se opinava que o demônio nunca possuía ninguém se não lhe abria livremente a porta com o pacto. Os culpáveis eram enforcados. Mas durante os exorcismos, uma das "endemoninhadas" balbuciou o nome do Pe. Grandier. O Pe. Grandier acabou sendo acusado de enviar "o diabo" às freiras. Em 18 de agosto de 1634, morreu queimado em praça pública.

A morte do Pe. Grandier não foi o fim, mas o ponto de partida de uma espantosa epidemia de "possessões". O Jesuíta Jean Joseph Surin, então com 35 anos, foi enviado a administrar os exorcismos às freiras de Loudun após a morte do Pe. Grandier. Os fenômenos eram agora "empolgantes". Foi uma luta pesada e longa. Durante três anos.

Após a morte do Pe. Grandier, vários dos principais personagens que intervieram na sentença foram vítimas do "demônio".

Por exemplo o Pe. Mignon e o cirurgião Mannoury, encarregado de procurar "as marcas do demônio", ficaram "endemoninhados".

Laubardemont, comissário real, que deu a ordem, em 30-11-1633, de encarcerar Grandier, morreu "misteriosamente" dezessete anos depois: apesar de tanto tempo transcorrido, sua morte foi atribuída ao demônio. Outro exorcista, o Pe. Lactance (franciscano recoleto), ficou louco e morreu "misteriosamente" antes de terminar o mês (agosto) da morte de Grandier; suas últimas palavras foram: "Eu não fui responsável de tua morte". O exorcista Pe. Tranquille (capuchinho) morreu também louco, cinco

20. Citado por Jean Lhermitte in *Groupe Lyonnais...*; "Médecine...", op. cit., p. 166.

anos depois, num ataque convulsivo.[21] Nisto, acho, se inspirou W. P. Blatty para apresentar três mortes similares no seu filme e novela.

É manifesto que o remorso e a dúvida de ter colaborado com a morte de um inocente (o Pe. Grandier protestou inocência até o último momento) contribuiu com a superstição demonológica, pois os juízes Remi e Bodin, que se vangloriavam de que mandar à fogueira um herege era uma obra de piedade, nada sofreram. O Pe. Surin viveu uma longa vida exemplar (graças ao demônio!). E morreu com fama de santidade (1600-1665). Mas via-se atormentado de contínuo pelo demônio. As lembranças macabras e terrificantes lhe excitavam demais a imaginação e debilitaram seu equilíbrio psíquico.[22] Jogou-se por uma janela (é o que aplica ao Pe. Karras o romancista Blatty, em *O exorcista*) e quebrou uma perna.[23]

Seus colegas jesuítas o consideraram oficialmente "doente", eufemismo de louco, e como tal o internaram no hospital de São Macário.[24] Jean Lhermitte fornece o diagnóstico psiquiátrico: "A 'possessão' do Pe. Surin se traduziu através do quadro próprio da psicose alucinatória crônica, caracterizada por múltiplos fenômenos de automatismo mental, atualmente descrito sob a denominação de parafrenia e mesmo admitida como forma clínica de esquizofrenia".[25]

Até nas cidades vizinhas. Muitos dos exorcismos das freiras "endemoninhadas" de Loudun foram realizados em praça pública. Em praça pública morreu o Pe. Grandier. Tal publicidade alastrou

21. Rossell Hope Robbins, *The Encyclopedia of Witchcraft and Domonology*, Nova Iorque, Crown, 1959 e 1970, p. 315.
22. Gelma, "La psychopathie e mélancolique du Père Surin" in *Cahiers de Psychiatrie*, n. 1, 1951; Jean Joseph Surin, *Histoire abregée de la possession de Loudun et des peines du Père Surin*, Paris, 1828; Frédéric Delacroix, *Études d'histoire et de psychologie du mysticisme*, Paris, 1908; cf. *Groupe Lyonnais...:* "Médecine...", op. cit., pp. 183ss.; Olphe-Gaillard, "Sainteté en folie" in *Études Carmélitaines*, 1938, pp. 152ss.; J. Olphe-Guibert, "Le cas du Père Surin; questions théologiques", ibidem, pp. 183-189.
23. Jean Joseph Surin, *Correspondance* ao Pe. Attichi, de 3 de maio de 1653, Bruges, Desclée de Brouwer, 1966. O conteúdo da carta pode facilmente encontrar-se in Giovani Papini, *Il Diavolo*, Florença, Vallecchi, 1953; 19ª ed., 1969, p. 157.
24. Olphe-Gaillard, "Père Surin et les jésuites de son temps" in *Études...*, op. cit., pp. 177ss.
25. Jean Lhermitte, *Les hallucinations*, Paris, G. Doin, 1951, p. 220; E, do mesmo autor, *Mystiques et faux mystiques*, Paris, Bloud & Gay, 1952.

o contágio psíquico primeiro pelo colégio adjacente ao convento, depois foi toda a cidade. O Pe. Barré, um dos primeiros exorcistas, teve de percorrer todas as igrejas da cidade para ajudar seus colegas sacerdotes na tarefa de exorcizar tantas meninas e senhoras que se achavam possuídas pelo demônio. Apresentavam toda classe de fenômenos. E logo a epidemia se estendeu a outras cidades, concretamente a Chinon, para onde o Pe. Barré foi chamado a ajudar nos exorcismos de muitas mulheres.

Todo o conjunto por si mesmo constitui prova poderosa de que o ambiente, o contágio psíquico eram a causa psicopatológica dos fenômenos.

Realidade histórica. Alguns escritores posteriores, para se defenderem contra o apostolado católico (realizado pelo demônio!), acharam que tudo foi uma trama montada pelo cardeal Richelieu contra o livre-pensador e adversário político, Pe. Grandier.[26] Tudo? Os exorcistas, os contagiados etc. estavam de acordo com as freiras? Tal escapatória destruiria ótimas e documentadas fontes; os fatos, os fenômenos, o contágio não podem ser escamoteados, e nem os melhores comediantes podem fingir e montar tão alta trama. O lamentável é que o absurdo foi repetido por historiadores do século XIX. E acaba de ser repetido agora na tentativa, fácil demais, de livrar-se dos incômodos fenômenos que não sabem explicar, mas que compreendem que não se devem ao demônio.[27]

O exemplo arrasta. Sempre com uma base de repressão sexual e ciúmes, o caso de Loudun teve cópia idêntica nas freiras de Louviers, junto à igreja de Notre-Dame: dezoito freiras ficaram "endemoninhadas" sob a influência da irmã Madeleine Bavent. As multidões enchiam as igrejas, onde diversos padres não conseguiam dar conta de tantos exorcismos. Foi acusado o Pe. Boullé e acabou na fogueira.

Outra cópia em Marselha com Madeleine Delmandox de la Palud.

O escândalo sexual — mas o culpado é o demônio! — repete-se no convento de Aix-la-Provence, acusando-se mutuamente o confessor, Pe. Girard, e a religiosa Caterine Cadière.

26. Nicholas Aubin, *Histoire des Diables de Loudun, cu de la Possession des Religieuses Ursulines, et de la Condamnation du supplice d'Urbain Grandier, Curé de la même Ville. Cruels effets de la Vengeance du Cardinal Richelieu*, Amsterdam, 1716, 1737, e 4.ª ed., 1752, reimpressão moderna em 1963.
27. Referimo-nos a Cortés, *Proceso...*, op. cit., p. 67.

Em todos esses casos, os exorcismos nos conventos estenderam o contágio "satânico" a todas as religiosas. Depois os exorcismos públicos contagiaram a cidade e a vizinhança.[28]

"Milagres" jansenistas. Ainda maior prova de contágio psíquico, talvez o mais notável caso conhecido da história, aconteceu um século depois do caso de Loudun. Estamos já nos começos do século XVIII e de novo na França, em Paris, no cemitério de S. Medardo, ao redor do túmulo do diácono jansenista François.

François de Paris morrera no dia 1º de maio de 1727, numa quinta-feira, aos 37 anos. Durante as exéquias uma senhora paralítica — doença psicógena por excelência — havia 20 anos, se acreditou curada. Já no dia seguinte, a tumba estava rodeada de infelizes que suplicavam ao "santo", lenitivo para seus padecimentos, como em vida lhe suplicavam um pouco de pão. Espalhou-se logo que no seu túmulo se faziam "milagres", e mais doentes acudiam.

Assim passaram-se quatro anos, quando uma histérica, Aimé Pivert, algumas vezes foi acometida de violentas convulsões, outras ficou rígida durante muito tempo, adivinhou algumas coisas e falou algumas palavras em língua estranha.

No dia 16 de outubro, a Aimé somou-se uma surda-muda de Versalhes. O Pe. Bescherandcn não acreditava, foi ver..., e ele mesmo caiu em convulsões. A partir de então o contágio foi se alastrando a inúmeros histéricos que lá acudiam à procura de sensações fortes e "sobrenaturais". Chegaram a reunir-se no cemitério mais de 2.000 convulsionários. E junto a estes, milhares de espectadores, inclusive da alta nobreza e autoridades.

Constituíram grupos de "enfermeiros" voluntários para ajudar nas emergências. Eram as "Dames de la Grace" e os "Frères Servantes", que pertenciam a uma espécie de congregação religiosa (!?) chamada "Obra das Convulsões".

De nada adiantou que o arcebispo de Paris proibisse a ida ao cemitério. As ruas adjacentes cada dia estavam mais cheias de pessoas aos gritos e convulsões. Houve alguns suicídios de loucos que se desgarravam as entranhas. Outras pessoas se feriam violentamente batendo as cabeças ou se jogando ao chão. Pediam que se lhes golpeasse para expulsar os demônios que os possuíam. Imitavam a flagelação de Cristo. E foi aí quando surgiu a "moda" de fazer-se crucificar!

28. Cf. Roland Villeneuve, *As possessões diabólicas*, Lisboa, Europa-América, 1979; e, sob as correspondentes epigrafes, Robbins, *The Encyclopedia...*, op. cit., com abundante bibliografia.

Foi famosa a crucificação da deã dos convulsionários, a "irmã" Francisca. Charles-Marie de la Condamine, membro da Academia Francesa, teve oportunidade, na visita que fez ao cemitério em 13 de abril de 1759, de presenciar essa crucificação cruel, cruenta, com grandes pregos enfiados na carne à força de martelo. Antes fora coroada de espinhos, cingida com cilícios de saco áspero, flagelada com correntes... Nem faltou a esponja embebida em vinagre e uma imitação — não perfeita, mas realmente perigosa — de um golpe penetrante de lança!

A "irmã" Francisca pouco depois morreria ao submeter-se à prova do fogo. As queimaduras foram rapidamente fatais.

O cirurgião Morand assistiu a três crucificações.

O governo teve de mandar fechar o cemitério — após quase cinco anos de loucura coletiva — em janeiro de 1732. Um engraçadinho escreveu na porta do cemitério: "De par le roi, défense à Dieu / de faire miracles en ce lieu". (Por ordem do rei se proíbe a Deus / de fazer milagres neste local.)

Por muitos anos, porém, a histeria coletiva se manteve, alhures, diminuindo só pouco a pouco. Foi muito lenta a libertação da França desse pesadelo. Com a continuada perseguição da polícia, diversas seitas de convulsionários, os agostinianos, elisianos, valentistas etc. refugiaram-se nas casas de senhoras da melhor sociedade francesa. Em cidades como Troyes, Corbeil, Montpellier etc. eram protegidos por influentes políticos.

Dom das línguas, convulsões, rigidez cadavérica duradoura; olhos desmesuradamente abertos e imóveis, tanto que muitos chegaram a ficar cegos; na sua insensibilidade e rígido transe, alguns fanáticos auto-hipnotizados não reagiam aos golpes, mesmo violentos.

Diziam depois que estiveram possuídos por espíritos ou demônios de todas as classes e categorias. Alguns se acharam possuídos por anjos! Outros pelo próprio Espírito Santo!

Para pessoas cultas era manifestamente absurdo aceitar que os demônios e bons ou maus espíritos fossem de repente autorizados por Deus e caíssem em debandada sobre os mortais.

Os fenômenos eram mais freqüentes com mulheres. Principalmente na puberdade e adolescência e após a menopausa. Os demônios têm preferência pelas idades críticas femininas?

As "possessões" começavam, quando as pessoas (hoje sabemos que são muitos os predispostos, impressionáveis e histéricos) presenciavam cenas tão carregadas de emotividade. Em pessoas propensas à epilepsia e histeria o impressionante ambiente do cemitério e "filiais" podia desencadear os ataques.

Algum fenômeno parapsicológico e, como base, idade crítica, histeria, epilepsia, contágio psíquico... Os demônios não se encaixam nos fatos. Sobram.

Círculo vicioso. Na presença de convulsionárias, muitas pessoas, aterrorizadas pela idéia de elas também virem a ser possuídas pelos maus espíritos, passam a jejuar e mortificar-se. Com isso ficam mais débeis. E por isso mesmo mais sugestionáveis. Então jejuam mais, sugestionam-se mais...

Como destacou Murisier, [29] a penitência facilita a sugestionabilidade. Em clínica é sabido de longa data que o paciente mais resistente ao hipnotismo é facilmente hipnotizável quando está doente, ou quando se lhe aplica uma sangria...

"As bruxas devem ter manifestações estranhas"; daí, qualquer pessoa com predisposição à histeria, caía em manifestações estranhas e era considerada bruxa. Daí, qualquer pessoa, com qualquer manifestação mais ou menos esquisita passava a ser considerada bruxa... O ambiente ia ficando cada vez mais denso de bruxaria e de fenômenos.

Em 1º de abril de 1611 amargamente ironizava o bispo de Pamplona em informe ao Inquisidor Geral:

> Y así los padres preguntaban a los hijos sí eran brujos, y en sus casas los amos a sus criados y gente de la familia, y desto aconteció que começaron algunos niños a descubrir a sus madres algunas cosas de la dicha seta y arte de los brujos nombrando por complices a outros niños de su edad. [30]

Naquele ambiente, pessoas com taras psicológicas ou predisposição à loucura podiam chegar às maiores atrocidades. Em 22 de fevereiro de 1680, morria na fogueira a célebre bruxa La Voisin. No curso do processo comprovou-se que a bruxa, aproveitando-se da profissão de parteira, e com a finalidade de fazer feitiços, matara ao redor de 2.000 crianças, das quais se encontraram os

29. E. Murisier, *Enfermedades del sentimiento religioso*, Barcelona, F. Granada, 1902.
30. Antonio Venegas de Figueroa (mandante), "Relación hecha a Don Antonio Venegas de Figueroa, obispo de Pamplona, del Consejo de Su mag por las personas que su señoria a ocupado, ansi religiosas, con otras en los lugares donde se a dicho que ay esta mala seta de brujos y brujas começando desde el mes de junio del año de mil y seiscientos y diez hasta el mes de diziembre del mismo año" in *Archivo Nacional de Madrid,* seção de Inquisição, maço de papéis n. 1679-2, Doc. n. 31, d,

restos enterrados no jardim, ou perto de um forno para cremações que tinha na sua própria casa. [31]

Qualquer testemunho era válido. A Inquisição aceitava qualquer testemunho.

Na atual jurisprudência de quase todos os países, insiste-se em que os magistrados ou juízes não devem aceitar o testemunho de crianças, para incriminar ninguém. Mito, fantasia, imaginação, falsidade, nas crianças, não se opõem à realidade como para o adulto.

Se o testemunho infantil vinha acompanhado de convulsões — histéricas ou não —, a veracidade era então indiscutível.

Ficou famoso o caso do menino Thomas Darling. Num dia de 1556, em Burton (Inglaterra), ele sofreu convulsões. Quando se recuperou acusou uma anciã, de nome Alice Goodevidge. É que noutro dia ficara sem respiração precisamente quando passara perto dela. Como é típico nas crianças, o menino foi confirmando as suposições caluniosas e raivosas dos adultos... A velha Alice Goodevidge era bruxa!

O menino era doente. Ao menos histérico. Passou a sofrer mais convulsões. E a ter visões: apareceram-lhe um gato verde, anjos também verdes e viu como se elevava aos pés da cama um homem envolto em chamas, como se viesse do inferno. Com todas essas convulsões e visões, acendeu-se mais o ódio dos adultos à "bruxa Alice". A anciã foi detida. Posta perante o menino, ele teve um violento ataque convulsivo. (E ninguém compreendeu que se este ataque era evidentemente histérico — pois não ia ser precisamente perante os juízes que a velha ia danificar o menino —, os outros também o eram.)

Torturas. A bruxa teve de caminhar descalça sobre pranchas candentes. A velha "confessou": tinha pacto com o Diabo. O Diabo aparecia em forma de um cachorro (real e inocente, chamado Minny). Acusou-se então de bruxaria à senhora e à sua filha que tinham dado o cachorro ao menino.

A anciã morreu no cárcere. Anos depois, já adulto, Thomas Darling reconheceu ante o arcebispo Harsnett que tudo aquilo fora farsa de sua infância, e que lamentava profundamente... [32]

"Em prol da fé, em causas de heresia", a Inquisição aceitava a acusação vinda de qualquer pessoa que, para outras acusações, estaria desqualificada:

31. Citado, entre outros muitos, por Baquero, *El diablo*, op. cit., pp. 32s.
32. Cf. entre outras muitas referências antigas e modernas, Eric Maple, "El oscuro mundo de las brujas" in "El País", de Cali (Colombia), na edição dominical de 28-9-1969, p. 8.

Os excomungados, os cúmplices do acusado, os infames e pessoas culpadas de qualquer crime, os hereges que estejam contra o acusado, mas nunca os que estejam a seu favor..., qualquer infiel e igualmente os judeus..., os perjuros na mesma causa (que estejam) contra o mesmo acusado..., as testemunhas domésticas, ou seja a mulher, os filhos, os parentes e os serventes de um acusado serão aceitos para testemunhar contra ele, mas não a seu favor.[33]

Lenha no fogo. O contagioso ambiente, o generalizado terror aos feitiços e poderes demoníacos, o ódio à heresia eram aproveitados e fomentados por motivos escusos.

Uma mulher era maltratada pelo marido? Havia um meio fácil de ver-se livre dele: "Uma mulher católica deixará de estar submetida ao cumprimento de seus deveres de esposa para com o marido convertido à heresia".[34]

Evidentemente o inverso também era válido: qualquer homem que quisesse ir com outra mulher, bastava acusar a esposa de qualquer prática mágica...

Na enumeração de interesses por trás do ambiente de bruxaria, é impossível ser completo. Todas as paixões humanas sopravam o fogo, precisamente porque eram aceitos todos os testemunhos. O fogo crescia e se alastrava. O contágio psíquico por sua vez facilitava a multiplicação de fenômenos.

Motivos econômicos. Devemos destacar a ânsia de dinheiro. Alguém estava oprimido por uma dívida? Havia um meio fácil de fugir dela: "Quem tiver recebido um depósito de um herege, não estará obrigado a restituí-lo".[35]

Os próprios inquisidores eram tentados de cobiça. "Poderá proceder-se contra um herege (mesmo) depois de sua morte e declará-lo culpado para confiscar seus bens, tirá-los a quem os possui até a terceira mão e assiná-los em proveito do Santo Ofício",[36] "já que é muito útil e vantajoso para a fé cristã que os inquisidores disponham de muito dinheiro..."[37]

Os habitantes da fértil Stedingerland, em Oldenburgo, como conseqüência de uma doação feita pelo rei Henrique IV, deviam pagar "juros" ao arcebispo de Berna. Negaram-se? Maltrataram

33. Nicolás Eymeric, tradução de Amanda Forms de Gioia, *El Manual de los Inquisidores*, Buenos Aires, Rodolfo Alonso, 1972, pp. 23ss.
34. Idem, ibidem, p. 94.
35. Idem, ibidem.
36. Idem, ibidem, p. 89.
37. Idem, ibidem, pp. 87s.

os clérigos arrecadadores? O instinto de vingança tem fácil saída: foram excomungados como heréticos.

Não adiantou? O arcebispo pediu ao papa autorização para proclamar uma cruzada contra os stedingerianos. Por mediação do papa fizeram-se as pazes, mas os interesses econômicos romperam a trégua violentamente 30 anos mais tarde, em 1232, e desta vez o papa Gregório IX (o promulgador dos exorcismos e fundador da Inquisição) deu ordem aos bispos de Lubeck, Minden e Ratzburgo para que proclamassem a cruzada contra os maus pagadores. Entre outros crimes, se lhes imputava — como não? — ter comércio com o demônio, fazer feitiços com imagens de cera, admitirem e consultarem feiticeiros.

Criado o ambiente, pouco depois já era possível apresentar muitas testemunhas e alertar contra crimes muito maiores e freqüentes, numa segunda bula dirigida aos bispos de Paderborn, Hildeshein, Vredn, Münster e Osnabruck.

O sabbat. A descrição do "sabbat" atribuída aos stedingerianos mostra a credulidade da época. Numa bula pontifícia:

Quando se recebe a um noviço e é introduzido por vez primeira na assembléia dos réprobos, aparece-lhe uma espécie de rã; outros dizem que é um sapo... Umas vezes este sapo aparece em seu tamanho natural, outras do tamanho de um pato ou de um ganso; comumente é do tamanho da boca de um forno (o Papa quer ser exato!). Alguns lhe dão um ignóbil beijo no traseiro, outros na boca, lambendo com a sua a língua e a baba do animal... Avançando, o noviço chega até um homem de prodigiosa palidez, de olhos pretos, com o corpo tão magro e extenuado que parece que as carnes todas lhe faltam e que não tem mais do que pele e ossos. O noviço beija-o e nota que está frio como o gelo. Logo depois de tê-lo beijado, toda lembrança da fé católica desaparece do seu coração. Em seguida sentam-se todos para fazer um banquete, e quando se levantam depois de concluído, sai de uma espécie de estátua... um gato negro, do tamanho de um cachorro de média proporção, que faz sua entrada, caminhando para trás e com o rabo em alto. O noviço sempre em primeiro lugar, beija-o no traseiro, depois o diretor e depois os demais, cada um no seu turno, mas só aqueles que o têm merecido...[38]

Intrigas contra os templários. Como naquela região alemã, também na França foram motivos econômicos que caldearam o ambiente.

38. Sobre todo o caso com os habitantes de Stedingerland, cf. Baroja, *Las brujas...*, op. cit., pp. 116ss.

Moveram-se calúnias e perseguições aos templários sob o rei Eduardo II da Inglaterra. A calúnia começara na França. O rei Filipe IV, "o Formoso", em 1296, viu-se brecado pelo papa nas suas pretensões de arrecadar impostos do clero francês. Nova paternal admoestação papal na bula *Ausculta fili* de 1301, quando o rei francês encarcerara o bispo de Pamiers. Filipe IV, famoso pelas suas intrigas, levanta os nativos da França contra o papa Bonifácio VIII a quem chegam a esbofetear em Agnani. Por fim, em 1307, sempre com a intenção de apoderar-se dos bens da ordem, o rei prende os superiores dos templários. As intrigas, na época, tinham caminho fácil: acusação de bruxaria.

Inflama-se o ambiente. As torturas moderadas não conseguiram que os templários ingleses confessassem em falso, mas os tormentos mais inumanos imagináveis conseguiram, na França, que os templários confessassem tudo o que os juízes queriam.

O povo considerava exemplares e admirava os membros da Ordem do Templo. As confissões de bruxaria provocaram profundo escândalo e o povo passou a acreditar nos maiores absurdos. Os templários venerariam um fetiche diabólico de nome Bafometo, celebrariam cultos demoníacos, onde se entregariam a desenfreadas orgias sexuais, a Ordem maquinaria uma conspiração mundial sob as ordens de Lúcifer. . . [39]

Reconhecido judicialmente. Que os interesses econômicos alentavam a formação de um ambiente saturado de superstição foi oficialmente reconhecido pelo parlamento de Paris.

Em 1459 acusou-se de bruxaria aos mais ricos proprietários de terras em Arras, ducado de Borgonha. Celebrariam rituais de cultos a Satã, assistiriam a "sabbats" ou reuniões demoníacas, fariam feitiços, pertenceriam à seita dos valdenses. Tanto grassou a calúnia, que do nome desta seita surgiu a palavra *vauderie* como sinônimo até hoje de bruxaria.

Foi assim que o duque de Borgonha ganhou as ricas propriedades de Arras. Mas o êxito econômico da intriga durou pouco. O Parlamento de Paris anulou as sentenças e o duque teve de devolver e indenizar os familiares dos mortos. Quem, porém, devolvia a vida aos valdenses queimados e enforcados como bruxos? [40]

39. Kurt Baschwitz, *Hexen und Hexenprozesse. Die Geschichte eines Massenwalms und Seine Bekämpfung,* Munique, 1963; uso a tradução de Ana Grossman, *Brujas y proceso de brujeria,* Barcelona, Luis de Caralt, 1968, pp. 72ss.
40. Idem, ibidem, pp. 87ss.

Precisamente por verificar que por detrás das acusações de bruxaria estava com freqüência a avareza econômica, o imperador Fernando II proibiu a confiscação dos bens dos condenados em processos de bruxaria. [41]

Não há por que insistir. A proliferação de "endemoninhados" e de bruxos ou aliados do Diabo é contágio psíquico, não diabólico, e há interesses "bem naturais em cultivá-lo. . ."

41. Idem, ibidem, p. 286.

Capítulo IV

PERANTE A PSICOLOGIA MODERNA

Na época da bruxaria e caça às bruxas, toda e qualquer doença um tanto misteriosa e todas as "aberrações", às quais conduzem os instintos exacerbados, foram consideradas demoníacas. [1]

O ungüento. Os adoradores de Satã, no pacto que pretendiam ter realizado, se comprometiam a ir 4 vezes por ano ao grande Sabbat ou grande Aquelarre, uma espécie de Assembléia Geral de Bruxos e Demônios. Podiam-se fazer os pequenos Aquelarres e reuniões particulares duas e até três vezes por semana.

Para poder ir ao Sabbat, era indispensável untar ao menos as orelhas, o pescoço, os ombros, as axilas e as plantas dos pés. Existia uma infinidade de fórmulas do ungüento diabólico. "Muito secretas", mas todo mundo podia conhecê-las; embora só os mais ricos, influentes e entusiastas pudessem conseguir as melhores e mais completas fórmulas, pois eram "produtos de longínquas terras".

Eis a fórmula de dois ungüentos, mas as variações podem ser ilimitadas: extrato de ópio, 50g; de betal, 30g; de zinco em rama, 5g; de beladona, 15g; de cânhamo índio, 250g; de belenho negro, 15g; de cicuta, 15g e de cantárida, 5g; ainda 3g de aenantol e quanto seja necessário de goma de tragacanto e de açúcar para formar um ungüento líquido e viscoso.

1. Para uma visão geral, cf. T. S. Szasz, *The manufacture of madness. A comparative study of the Inquisition and the Mental Health Movement*, Nova Iorque, Harper, 1970, H. F. Ellenberger, *The discovery of the unconscious. The history and evolution of dynamic Psychiatry*, Nova Iorque, Basic Books, 1970.

Outra fórmula mais acessível podia ser: semente de girassol triturado, 30g; flor moída de papoula, 30g; idem de cânhamo; haxixe, 5 g; idem de raiz moída e de eleboro. Tudo sustentado em 100g de manteiga líquida e viscosa de porco. [2]

Havia também ungüentos à base de digital, estramônio, rapôncio, erva amora, ópio e outras plantas venenosas. As bruxas acreditavam que essas plantas tinham um poder mágico.

Às vezes as drogas eram ingeridas. O cheiro podia também ter efeitos narcotizantes. Os ungüentos esfregados vigorosamente sobre a pele terminavam por chegar à corrente sangüínea. A bruxa, geralmente já fraca de mente, além dos efeitos de auto-sugestão e do medo pela experiência que estava realizando, sofria os efeitos das drogas.

Não se conheciam então seus efeitos, hoje é sabido que a atropina da beladona provoca depressão e inclusive mania persecutória, sonhos e alucinações terrificantes (tais como maus espíritos e demônios). O extrato de raízes de certas plantas lobeliáceas provoca ânsia de fugir (ir ao Sabbat). O estramônio provoca sonhos nos quais o drogado é torturado... A mandrágora contém escopolamina, substância venenosa que administrada em doses muito pequenas paralisa o sistema nervoso central provocando alucinações de tipo romântico e mágico junto com uma progressiva perda da autodeterminação consciente — hoje se usa como soro da verdade. O belenho e outras plantas da família dos solanáceos contêm um alcalóide que dilata as pupilas, provoca alucinações e tem efeitos soporíferos, além de tornar insensíveis certas partes do corpo. A *datura stramonium* faz com que a pessoa dance freneticamente...

Uma experiência de hoje. Uma jovem que se ofereceu para experimentar os efeitos da beladona descreve-os assim: Segundo o combinado

friccionei com o ungüento, de noite, várias vezes, a região cardial. Esperei, mas como após transcorridos vinte minutos não houvesse indícios de que o ungüento começasse a surtir efeito, apliquei o resto a outras partes do corpo com o fim de oferecer ao veneno uma maior superfície de ataque.
Teriam passado alguns minutos quando me deu uma forte tontura. Qualquer movimento acentuava o mal-estar até se fazer insuportável. Então permaneci quieta para não exacerbar a sensação. Apoderou-se de mim uma tensão desagradável. Em vão me esforçava por governar meus pensamentos. Quando fechei os olhos,

2. Cf. por exemplo, Ramiro A. Calle, *La magia negra y el ocultismo (técnicas para el conocimiento de sí mismo y de los demás)*, Barcelona, Cedel, 1968, p. 258.

comecei a desfalecer: primeiro lentamente, logo cada vez mais velozmente. Éra-me impossível abrir os olhos com rapidez e em seguida comecei a sentir-me desvalida e sem forças. Meus membros não reagiam já com a rapidez de costume.

Repentinamente o teto da habitação começou a mover-se formando ondulações e a aproximar-se de mim como se fosse a tampa de um grande ataúde. Então senti os efeitos extraordinariamente depressivos da beladona. Os objetos mais inofensivos causavam-me uma sensação opressiva, de pesar. Dos marcos dos quadros assomavam rostos perversos, frios, que se moviam velhacamente com misterioso silêncio.

Tive de renunciar inclusive a pensar com claridade. A faculdade de crítica começou a falhar-me perante as alucinações, pois a impressão era forte demais, demasiado incompreensível, e as imagens sucediam-se em ritmo acelerado... Fantasmas espantosos se agitavam no meu aposento. Da escuridão, esforçavam-se por sair rostos, imprecisos no começo, mas que logo tomavam forma.

Involuntariamente pensei nas descrições dos aquelarres e comecei a sentir o temor de perder o domínio de mim mesma e a possibilidade de seguir fazendo as minhas observações.

Estendi a mão para agarrar uma sombra que se inclinava sobre mim. No preciso instante, essa sombra era substituída por outra. A luz da rua penetrava na minha habitação em forma de raios semelhantes a aranhas enormes que corressem pelas paredes. Sentindo nojo e horror, dei um pulo; mas uma profunda lassitude obrigou-me a sentar-me.

Lentamente começou a invadir-me uma negra melancolia que parecia asfixiar-me. Como num filme projetado a velocidade mil vezes superior à normal, descorriam imagens ante mim. As impressões confundiam-se umas com outras, e a ilação se perdia.

Deitei-me de novo e distendi meus ombros com o propósito de renunciar a toda oposição ao engano dos sentidos. Em seguida experimentei um câmbio radical. O grau de tensão, que se fizera inagüentável, cedia por momentos, e inclusive foi se apoderando de mim uma sensação de alegria.

Uma onda gigantesca empurrou-me repentinamente para o alto para, depois, depositar-me suavemente sobre a superfície de um mar de reflexos verdosos. Na realidade eu me movimentava a um ritmo determinado, com a sensação de flutuar no ar.

A depressão tornou a se manifestar com uma lassitude que ia aumentando. O tempo transcorria com a lentidão do caracol. Na minha tensão insuportável os minutos pareciam durar uma eternidade. Quando começou a diminuir, fui ficando adormecida. Não acordei até vinte e quatro horas depois, e então tive a impressão de ter nascido a uma nova vida.[3]

3. Gustav Büscher, *Buch Der Geheimnisse*, tradução de Arturo Roca, *El libro de los misterios*, Barcelona, Mateu, 1961, pp. 195s.

Com o conhecimento moderno dos efeitos das drogas compreende-se perfeitamente que não passava de alucinações e pesadelos a maioria das "façanhas" que as bruxas acreditavam ter realizado, e concretamente o sabbat ou aquelarre, ao qual teriam ido voando sobre vassouras ou carregadas pelos próprios demônios.

Uma experiência de ontem. Mesmo antigamente havia pessoas sensatas que podiam demonstrar que a maioria das façanhas e esses sabbats ou conciliábulos com os demônios se realizavam só na imaginação de bruxas.

Século XIV. Uma velha pretendia ganhar as boas graças do prestigioso vigário:

> Muito deveria o senhor me querer, pois lhe salvei a vida. Estando com as boas damas (nome que se dava às bruxas indo ao aquelarre), entramos em sua casa com brandões à meia-noite. O senhor estava dormindo nu. Vendo eu o senhor assim, cobri-o para que nossas damas não vissem sua nudez; pois se o tivessem visto daquela forma, tê-lo-iam açoitado até o fazer morrer com os golpes.

O vigário perguntou à bruxa como conseguira entrar na sua casa, pois a porta estava trancada. E a velha respondeu: "Não há nem porta nem ferrolho que possa impedir-nos de entrar ou sair de qualquer lugar".

O padre então a fez entrar na sacristia e com a haste da cruz processional deu-lhe ou intentou dar-lhe golpes ao mesmo tempo em que dizia: "Saia daqui e voe, senhora bruxa, dado que nem porta nem ferrolho são capazes de detê-la". Como, evidentemente, a bruxa não conseguiu sair para se esquivar dos golpes, o vigário disse-lhe então: "Bem se vê que as senhoras são loucas quando acreditam nos seus sonhos insensatos". E a deixou ir.[4]

Por que o bode? Mesmo reconhecendo-se que em algum caso poderia ter havido uma ilusão, afirmavam que esta teria sido causada pelo demônio. Nem a ilusão salvava as acusadas de bruxaria. Sprenger e Kraemer escreveram: "Embora estas mulheres imaginem (reconhecem a alucinação) estar cavalgando com Diana, ou com Herodias, na verdade estão cavalgando com o diabo",[5] transformado em bode.

4. Vicente de Beauwais, *Speculum Morale*, 40 vols., ou *Speculi Maioris* (em edições, como a de) Veneza, 1591, cf. Baroja, *Las brujas...*, op. cit., p. 101.

5. Heinrik Kraemer e Jacobus Sprenger, *Malleus Maleficarum, ex plurimis authoribus coacervatus, ac in duos tomos distintos...*, 2 vols., Lião, 1468 e 1584; tradução inglesa de Montagne Summers,

Compreende-se que nas fantasias demonológicas concebessem a Satanás em figura de bode e que o encontrassem nos descampados e nas ruínas. É da tradição esotérica.

Em muitas mitologias os demônios ou divindades perversas são representadas pelo bode em seu habitat.

Os antigos judeus conheciam este simbolismo, recebido das mitologias circunvizinhas. *Se'irim* geralmente pode ser traduzido por "espíritos de bode". Habitam os lugares altos, os desertos, as ruínas. . .

A palavra hebraica *sa'ir* significa propriamente "o peludo" e se refere tanto ao bode como a um demônio popular ou sátiro. No Gênesis — e em outros vários textos — se diz que os filhos de Jacó degolaram um *bode* para com seu sangue manchar a túnica de José (Gn 37,31). Este vulgar *bode* é designado pela mesma palavra que se emprega em outras partes para designar um sátiro (demônio ou divindade): "Jeroboão estabelecera sacerdotes para os lugares altos, para o culto aos sátiros (os peludos) e aos bezerros que ele tinha fabricado" (2Cr 11,15). Isaías diz das ruínas de Babilônia e de Edom que "os sátiros ali dançarão" (Is 13,21), para lá "os sátiros chamarão os seus companheiros" (Is 34,14).[6]

No livro dos Reis, diz-se que Josias destruiu um templo dos lugares altos, porque lá os sacerdotes ofereceram sacrifícios. É provável que tais sacrifícios — contra a proibição de Moisés — fossem oferecidos aos *bodes* (2Rs 23,8).

Na Bíblia se diz que certos judeus se prostituíram com o bode: "Não mais oferecerão seus sacrifícios aos sátiros (bodes, em tradução exata), com os quais se prostituem. Isto é uma lei perpétua para eles e para seus descendentes" (Lv 17,7). Prostituição quer dizer que foram religiosamente infiéis.

A tradição ocultista toma ao pé da letra a palavra "prostituição". O bode é também um símbolo universal da sexualidade.

Sabbat na antigüidade? O bode representa um dos deuses subalternos do grande Azazel, deus ou temível demônio do deserto. Freqüentemente mencionado pelos apócrifos, Azazel só aparece na

conservando as primeiras palavras do título: *Malleus Maleficarum*, Nova Iorque, Benjamin Blom, 1928, reeditado em 1970 e 1972; tradução portuguesa de José Rubens Siqueira: *Hanual da caça às bruxas*, São Paulo, Editora Três, 1976, p. 7.

6. Cf. H. Wollstein *"Zur tier Damonologie der Bibel"* in *Zeitschrift der Deutschen Morgenlandischen Gesellschaft*, n. 113, 1963, pp. 487-489.

Bíblia numa oportunidade, na descrição do rito de expiação. O sumo sacerdote

> receberá da comunidade dos filhos de Israel dois bodes destinados ao sacrifício pelo pecado... Lançará a sorte sobre os dois bodes, atribuindo uma sorte a Iahweh e outra a Azazel. Aarão oferecerá o bode sobre o qual caiu a sorte "para Iahweh" e fará com ele um sacrifício pelo pecado. Quanto ao bode sobre o qual caiu a sorte "para Azazel", será colocado vivo diante de Iahweh para fazer com ele o rito de expiação, a fim de ser enviado a Azazel, no deserto... Aarão porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode e confessará sobre ele todas as faltas dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados. E depois de tê-los assim posto sobre a cabeça do bode, enviá-lo-á ao deserto, conduzido por um homem preparado para isso, e o bode levará sobre si todas as faltas deles para uma região desolada" (Lv 16,5,8-10.21s.).

Contrapõem-se Iahweh e Azazel. Azazel era o *sa'ir* (deus bode) por excelência entre os *se'irim* (deuses bodes). Por isso se lhe enviava um *sa'ir* (animal bode). Os israelitas não lhe sacrificam o bode, simplesmente o enviam para ele carregando os pecados. Assim "batizam" o rito de expiação com que os pagãos pretendiam aplacar o terrível Azazel, a fim de que não enviasse o ardente vento do deserto que queimaria as plantações e causaria doenças entre homens e animais.[7]

Pouco se sabe do culto originário pagão a Azazel. Parece, porém, pelo simbolismo universal do bode, e pelo retirado do lugar em que se oficiava o culto, que já naquela antiquíssima data se praticavam orgias sexuais, demonolatria e magia que depois se chamaria "sabbat".

Alucinação. Mas também real. Meu primo, Pedro G.-Quevedo, acaba de publicar um livro em que demonstra a falsidade histórica do sabbat no seu conceito estrito.[8] Satã não aparecia em forma de bode, não havia o *obsculum obscenum*, nenhuma bruxa voava ao sabbat, nem existiam íncubos e súcubos. . .

Objeto ao meu primo que sua tese, incontestável e óbvia, não debilita o fato de que então houvesse, como houve na antigüidade

7. Cf. S. Lyonet, "De ritu capri emissarii" in *Verbum Domini*, n. 39, 1961, pp. 35-38; Roland de Vaux, *Instituciones del Antiguo Testamento*, 2ª ed., Barcelona, Herder, 1976, pp. 636-640.

8. Pedro José G. Quevedo, tradução de Manuel Losa (do original espanhol, que não foi publicado ainda): *Feiticeiros, bruxos e possessos*, São Paulo, Edições Loyola, 1981 e Braga, Apostolado da Oração, 1981, 2.ª parte: "Juízo sobre o Sabbat", pp. 225-282.

pagã e como há hoje, bacanais, cultos da fertilidade, orgias sexuais, reuniões de satanistas.

Bem nas origens do cristianismo na Espanha, os celtas, para protestarem contra a nova religião, incrementaram seu culto ao deus Pan acompanhando-o de um simbolismo escuro, libidinoso, de deboche aos ritos cristãos. A tradição se ampliou e degenerou cada vez mais incrementada por ex-cristãos revoltados, até converter-se em festa satânica na época da bruxaria. Desta origem e desenvolvimento histórico estão convencidos os teóricos do satanismo moderno.

Apesar de que a bruxaria na Espanha foi bem menos significativa do que no norte da Europa, houve o suficiente para possibilitar a aguda observação de Pedro de Valência. A propósito dos pretendidos e inexistentes sabbats ou aquelarres de Zugarramurdi (Vascongadas, Espanha), Pedro de Valência estendida a todas as partes sua visão, constatando que existem inegavelmente reuniões de pessoas cegas pelo vício e que "com desejo de cometer fornicações, adultérios ou sodomias, tenham inventado aquelas reuniões e mistérios de maldade em que alguém, o mais astuto, se finja de Satanás e se disfarce com aqueles chifres e veste horrível de obscenidade e sujeira que referem".

Aqueles sabbats iam "por seus pés", aliás não eram longe, não precisavam da vassoura voadora... As mortes e doenças não eram castigos nem feitiços demoníacos, eram vinganças, abusos sexuais, doenças e mortes provocadas pelos venenos aplicados ou que faziam ingerir sub-repticamente a outros; tudo, enfim, bem deste mundo, por mais que se "encobrissem com trevas e silêncio". Todas aquelas reuniões e ações não passam de "obras humanas e naturais invenções de trapaceiros, delitos e ignomínias entre homens e mulheres, sem magia nem eficiência visível e maravilhosa".[9]

Passou à história como talvez o mais elegante, um grupo de satanistas ingleses do século XVIII. Ao redor de 1740, Sir Francis Dashwood fundava em West Wycombe, uns 60km a oeste de Londres, os "Cavaleiros de São Francisco de Wycombe". Sob tão piedoso nome os "Monges de Medmenham", se reuniam na Abadia Medmenham, junto ao Tâmisa, para as mais descabidas orgias sexuais (muito reais) e para conspirações mágico-diabólicas (muito irreais).

9. Pedro de Valência, *Discurso de Pedro de Valencia à cerca de los quentos de las Brujas y cosas tocante à Magia, dirigido al Ilmo. Sr. D. Berdº de Sandoval y Roxas, Cardenal Arpo. de Toledo, Inquisidor General de España*, Biblioteca Nacional de Madri, seção de manuscritos, n. 9087, fols. 262 vto. — 263 vto., e 267s.

Posteriormente tiveram de transladar-se. Lord Sandwich assustado por um mandril que pulou sobre suas costas, saiu correndo da Abadia gritando: "Perdoe-me, senhor Diabo, porque nunca fui tão mau como pretendia". Houve quem ouviu. A história se espalhou. Surgiram outras delações. A oposição aproveitou o escândalo, no Parlamento. E os satanistas, tirando a máscara de religiosos, se transladaram a umas grutas que Sir Dashwood mandou escavar numa antiga pedreira. Chamaram-se então "Clube do Fogo do Inferno" (*Hell Fire Club*).

Ao Clube diabólico pertenciam membros do Parlamento, poetas e pintores de prestígio, professores eruditos, ricos comerciantes. Vestiam-se como monges, as mulheres como as freiras da época. Missa Negra entre canções despudoradas, burla ao papa e ao clero católico, enormes quantidades de vinho tinto, feitiçaria contra os inimigos políticos e comerciais, sexo desregrado. Os guias turísticos de hoje asseguram como comprovado que lá eram freqüentemente recebidos Jorge III e Benjamim Franklin. Outros nomes famosos que se citam são John Montagu, primeiro lorde do Almirantado; John Wilkes, membro do Parlamento e Prefeito de Londres; William Hogarth, pintor destacado; Paul Whitehead, poeta laureado etc. O próprio fundador e sacerdote satânico, Sir Francis Dashwood, foi Administrador Geral de Correios e chegou a Ministro da Fazenda.

Hoje as Grutas de *Hell Fire* em West Wycombe estão abertas aos turistas. Nas suas espaçosas e elegantes dependências acortinadas como estavam então, hoje bonitas imagens em cera representam as cenas de bruxaria e sugerem as de sexo e Missa Negra.

William Peter Blatty — segundo afirma — após ter lido praticamente tudo o que em inglês se escreveu sobre o tema, descreve o "sabbat" ou reunião dos satanistas modernos — idêntico ao tradicional —, com cores vivas repugnantes.

É a descrição de um novelista.[10] Mas, como ele mesmo afirmou, se fundamenta na triste realidade. A tais excessos — e maiores! — chega a loucura e insensatez de pessoas que em outros aspectos podem ser perfeitamente sensatas. São muito perigosas as repressões e tabus impostos, podem provocar terríveis explosões...

Marie-Thérèse Noblet. O caso é importante porque sendo recente pôde ser analisado pelos especialistas modernos.

A irmã Marie-Thérèse via o demônio freqüentemente em figura de animais: por exemplo, na sua viagem à Papuásia antes de

10. William Peter Blatty, *O exorcista*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1972, pp. 146s.

sair da França, ela viu sobre uma ponte o demônio em forma de gorila. Nos dias seguintes, o gorila volta e a ataca.

Uma tarde, tendo descido com outras duas irmãs a enxotar três cavalos do cercado do convento, um "quarto cavalo" (?), de olhos flamejantes, lança-se sobre ela violentamente, derruba-a e pisoteia.

Uma noite, Satã arroja Marie-Thérèse embaixo da cama e a golpeia cruelmente; puxando-a pelos cabelos, arrasta-a pelo dormitório; depois, voltando ao cubículo, coloca-lhe um joelho sobre o peito e ensaia, redobrando os golpes, obter promessa de obediência a ele, Satã. Em vão. Nos dois dias seguintes, Satanás continua fracassando apesar da "tortura de três harpias diabólicas".

Lúcifer leva Marie-Thérèse a lugares infames, de desenfreio sexual, tentando sua vontade com sugestões, imagens, palavras... Numa oportunidade em que Satanás a teria levado a um desses maus lugares, "o demônio lhe faz ver uma pessoa que lhe era muito querida, tomando parte nesses horrores, ao tempo que blasfemava e zombava contra os votos religiosos". [11]

Não tiveram dúvidas os padres de então: Marie-Thérèse estava endemoninhada. E começaram os exorcismos...

Na realidade, graças aos dados concretos selecionados por um psiquiatra, por um psicólogo e por um neurologista, é manifesto que todo o caso não passava de histeria, dramatizada com brilhantes cores demonopáticas. [12]

Marie-Thérèse reprimira drasticamente todas as realidades do seu instinto sexual. Mas os tabus não podiam eliminar a realidade, e os instintos explodiram *sob a responsabilidade do demônio.* Lúcifer que, "rodeado por seus subordinados, era uma beleza, deslumbrante... freqüentemente exerce sobre ela as piores sevícias". Ela é tentada, atacada sexualmente, também suas colegas indígenas, as pessoas queridas transformavam-se em pervertidas...

É atacada por um *enorme gorila,* mas ela — que força! — consegue sair viva e até quase ilesa de "um tríplice ataque" em que é "golpeada rudemente".

Aquele quarto cavalo "era desconhecido no bairro" e só a Marie-Thérèse o viu. O cavalo a pisoteou, mas ela não se machucou.

Ela vê o gorila, mas "se admira de que as pessoas ao redor não o vejam".

11. R. P. Pineau, *Marie-Thérèse Noblet, servante du Seigneur en Papouasie,* Paris, Alsatia, 1934.

12. Roland Dalbiez, Achille Delmas e Jean Lhermitte (vários artigos sob o título geral), *"La Nuit Mystique"* in *Études Carmelitaines,* 1938, outubro; e "Le risque chrétien", ibidem, 1939, abril.

Antes dos exorcismos, o "Maligno" a arrancara do canapé onde repousava e a arrojou violentamente sobre o leito; mas agora durante uns exorcismos ela vê os demônios aos seus pés, é ela que flagela a Satanás, e inclusive põe o pé sobre o pescoço do "Maligno". Os assistentes não conseguem ver mais que gestos incompreensíveis de Marie-Thérèse.

Quando ela escreve ao seu exorcista, é "o demônio que lhe arranca, esfrega e rasga a carta". As testemunhas eventuais só vêm a própria freira fazendo isso...

O demônio empurra, arrasta a irmã Marie-Thérèse pelo dormitório das irmãs papuias, mas nenhuma acorda! De manhã nenhum sinal. Só ela deitada no chão ao pé da cama. Perfeitamente vestida, bem abrigadinha com suas cobertas de lã embaixo e sobre ela. O cubículo inclusive impregnado de água de colônia.

O diagnóstico de histeria e alucinações é reforçado por inúmeros acontecimentos da vida de Marie-Thérèse.

Uma superiora alucinada. No célebre caso de Loudun. A Madre Jeanne des Anges, pelo seu físico, não inspirava muitas simpatias. Tinha inclusive desde criança um ombro e os quadris deslocados.

Uma das grandes preocupações da sua mãe fora sempre esconder a filha defeituosa. Tanto a baronesa procurava exibir suas outras filhas, como ocultar Jeanne. Vestia-a bem simplesmente. Proibia-lhe de se apresentar aos visitantes. Esta discriminação revoltou Jeanne, e explica em grande parte seu ulterior desejo doentio de chamar a atenção.

Mas Jeanne era de grande cultura: "Aplicava-me à leitura de todo tipo de livros — diz ela mesma na autobiografia — não por um desejo do meu progresso espiritual, mas somente para aparecer como moça inteligente e de boa conversa e para me tornar capaz de sobrepor-me às outras em qualquer espécie de companhia". Pertencia à alta sociedade: seu pai era Louis de Belcier, barão de Cozes; a mãe, Charlotte de Gourmard, era a herdeira da ilustre casa dos Chiles. Vivera no esplendor. Sua família era das mais consideradas em Saintonge. Como seus quinze irmãos, a Madre Jeanne era também muito inteligente e educada, em artes e no trato com as pessoas. Foi assim que veio a exercer entre as freiras grande influência e rapidamente alcançou o priorado.

Igualmente Jeanne precisava de sexo. Não fora ao convento por própria vontade. Foi sempre esse o desejo dos seus pais. Quando Jeanne tinha só cinco anos, após o acidente que a aleijara, foi enviada para junto de uma tia, religiosa beneditina, à abadia real de Saintes. Lá passou muito bem os primeiros anos

de infância, mas quando começava a puberdade, morreu sua tia, e outra parente, também freira beneditina, lhe fez a vida impossível. Algum tempo depois, Jeanne pediu ao pai que a retirasse do convento. A mãe, porém, continuou querendo enviá-la de novo ao claustro. Quando por fim apareceu um pretendente, a mãe se opôs resolutamente. Jeanne ficou tão revoltada e tão frustrada que decidiu fazer-se religiosa. Tinha 17 anos. Manifestamente: uma decepção amorosa e revolta contra a mãe não são vocação religiosa. Compreende-se assim que "não havia tempo que eu achasse mais longo, do que aquele que a regra nos obriga a passar em oração". Compreende-se que preenchesse o tempo em fantasias, e em fantasias de um amor frustrado, sexo. Até que o inconsciente estourou.

Na noite de 21 para 22 de setembro de 1632, Jeanne, então com 27 anos, vê aparecer o fantasma do antigo confessor, Pe. Moussaut, recentemente falecido. O medo, sem dúvida, provocara a visão. E o contágio psíquico: a superiora, irmã de Colombiers, assim como também a irmã Marta de Santa Mônica — esta terminando um retiro espiritual — também vêem o fantasma. No dia seguinte, vêem uma bola preta atravessando o refeitório. No dia 27 de setembro, o fantasma tem forma de homem, mas só o vêem de costas. Em 7 de outubro já acham que estão vendo o Pe. Grandier...

Durante a noite a Madre Jeanne des Anges via fantasmas deslizando pelo dormitório, descobrindo as freiras, acariciando-as com seus dedos gelados, e depois as possuíam. Os demônios vestiam formas de homens.

O cientista moderno não duvida: nada de demônios. Na mesma época dos acontecimentos surgiu a polêmica.[13] Pouco depois um autor protestante, apesar de tendencioso, deixou bem estabelecido que, no famoso caso de Loudun, tudo se originou da repressão sexual, e no fascínio que provocava em certas mulheres o jovem padre Grandier, que nem sequer teve qualquer relacionamento particular com Madre Jeanne, então superiora, ou com alguma das freiras "endemoninhadas". Esses motivos psicológicos foram bem aproveitados politicamente pelos partidários do todo-poderoso cardeal Richelieu.[14]

Os demônios eram os instintos reprimidos. Mas não querendo reconhecê-lo, madre Jeanne des Anges reagia sentindo que os

13. As declarações mais importantes foram abalisadas por B. Becker, *De betoverde wereld,* Amsterdã, 1961s.; trad.: *Le monde enchanté,* 6 vols. Paris, 1964, cap. XI, pp. 205-221.
14. Aubin, *Histoire des Diables...,* op. cit.

homens com que sonhava nas suas fantasias sexuais eram fétidos. Agarravam a priora com mais paixão do que fúria, despiam-na e... Mas logo vinha a censura: ela não tinha culpa nenhuma, os demônios a atavam às barras da cama.

Madre Jeanne des Anges escreve:

Grandier se servia dos demônios para excitar em mim o amor por ele. Eles me sustavam desejos de vê-lo e de conversar com ele. Muitas de nossas irmãs estavam com os mesmos sentimentos... Quando não o via, ardia de amor por ele, e quando ele se apresentava a mim à noite, em sonhos, e queria seduzir-me, Deus me dava uma grande aversão por sua pessoa. Assim todos os meus sentimentos mudavam. Eu o odiava mais do que ao diabo.[15]

Com os exorcismos, confirmando-se a superstição de que tudo aquilo se devia aos demônios, as alucinações e as exibições histéricas aumentaram. Hoje são bem conhecidas as grandes possibilidades da imaginação. Sabe-se a que incríveis extremos podem chegar as alucinações. Quem o ignora ficará plenamente convencido de que é obra do demônio (ou de algum orixá, exu...).[16]

Simplesmente alienados. Os antigos — e os "primitivos modernos", primitivismo independe da época — consideravam a loucura e mesmo outros distúrbios mentais menos graves como uma ingerência dos deuses inferiores, demônios ou espíritos. Para a ciência, porém, trata-se de doenças suscetíveis de ser especificadas e determináveis nas suas causas naturais.

Tal é o caso do Pe. Surin, cuja história lamentável tem suscitado tantos comentários. Este exorcista das "possessas" de Loudun escreve:

Estou em perpétua conversa com os diabos, tive diferentes sortes que seria demasiado longo descrever. Tanto que, há três meses e meio, jamais estou sem um diabo em exercício perto de mim (no fundo esta mania persecutória se identifica com notável megalomania: acha-se um coitado, mas um coitado sumamente importante até o ponto de que os demônios não podem deixá-lo nem um dia sequer). O diabo passa do corpo da pessoa possuída e vem ao meu, me derruba, e me atravessa visivelmente durante horas como um energúmeno (mas o prodigioso padre sai quase incólume dos ataques corporais desse energúmeno demoníaco!). O diabo me disse:

15. Além da numerosa bibliografia sobre Loudun que cito a diversos respeitos, para o estudo do ponto de vista histórico, cf. também Michel de Certeau, *La possession de Loudun,* Collection Archives, Paris, Julliard, 1970.
16. Para uma visão de conjunto, Oscar G.-Quevedo, "Sonhos e alucinações" in *Família Cristã,* julho, 1979, pp. 46s. (de Portugal, abril 1980, pp. 38s.).

"Te despojarei de tudo e terás necessidade de que a fé te sustenha, te farei virar insensato" (ele, o piedoso diabo, incentiva a apoiar-se na fé...; em todo caso, o pai da mentira diz uma grande verdade: o Pe. Surin estava alienado)... Assim, estou obrigado, para conservar um pouco de capacidade mental, a manter freqüentemente o Santo Sacramento sobre a cabeça (quem visse essa cena não acreditaria em muita capacidade mental), servindo-me da chave de Davi (!?) para abrir minha memória! [17]

Assim durante 25 anos! O arcebispo de Bordeaux enviou seu médico, o Dr. Sourdis, ao convento de Loudun. Após ter examinado física e psiquicamente as freiras, concluiu que de nenhuma maneira estavam endemoninhadas. Todo o problema era psicológico. Num segundo exame, o médico explicita mais em que consistia esse problema psicológico: "As freiras estão constantemente perseguidas por tentações impuras". O arcebispo por duas vezes mandou suspender os exorcismos, e que as freiras não saíssem do convento: o contágio psíquico nessas duas ocasiões se mitigou, os "demônios" se acalmaram, até que se afrouxou o cumprimento da ordem e os exorcistas voltaram a incutir idéias demonológicas nas sugestionáveis e aterradas freiras... [18]

Histeria e mitomania. A pessoa aparentemente mais honesta, equilibrada e mesmo a mais santa, pode ser profundamente mitômana. E agir em conseqüência habilmente. A santidade e mesmo a equanimidade e equilíbrio são atitudes conscientes, a mitomania surge do inconsciente. "Todas as virtudes morais rigorosamente constatadas não permitem excluir a fabulação histérica", [19] os truques irresponsáveis, as mentiras mais desavergonhadas, as alucinações autocompensadoras.

Lhermitte estudou o caso de uma religiosa que na vida consciente "não manifestava nenhum desequilíbrio psíquico. Modesta,

17. Lhermitte, *Les hallucinations...*, op. cit., p. 220; completando o mesmo autor a citação em "Les pseudo-possessions diaboliques", Jésus-Marie, *Satan...*, op. cit., pp. 483s.
18. Cf., por exemplo, G. N. M. Tyrrel, *The personality of man* ou *The nature of human personality*, Londres, Allen and Unwin, 1954; tradução por René Sudre, *Au-delà du conscient*, Paris, Payot, 1970; tradução de Hans Bender e Inge Strauch, *Mensch und Welt in der Parapsychologie*, Hamburgo, Broschek Verlag, 1947; uso a tradução de Lucrecia Costagnino, *La personalidad del hombre*, Buenos Aires, Paidós, 1965, p. 128.
19. Réginald Omez, O.P., *Supranormal ou surnaturel? Les sciences metapsychiques*, Paris, Arthème Fayard, 1959, pp. 51s.; tradução de Maria Tereza Garutti, *Religione e science metapsichiche*, 2ª ed., Catania, Paoline, 1960; tradução: *Psychical phenomena*, Londres, Burns & Oates, 1959.

piedosa, de são juízo, sem aparente reticência (nas mentiras que contava), aquela irmã não apresentava nem o mínimo traço que fizesse pensar na possessão ou na mitomania". E não obstante era profundamente mitômana. Dizia, fazia, via, era "vítima" de toda classe de atos "demoníacos". Todos — e ela mesma — acreditavam-na endemoninhada. Era tal a sua habilidade que ninguém — nem ela mesma conscientemente — suspeitaria que tudo era truque e fantasia. [20]

Um sacerdote foi humildemente consultar o Pe. Staehlin sobre o fenômeno estranho de que se considerava vítima. Algumas noites, estando já deitado e ainda com a luz acesa, lhe aparecia o demônio. Em forma de horrível gato. Não havia gato naquela casa de jesuítas. O demônio-gato pulava em cima do padre, arranhava-o dolorosamente, e depois desaparecia misteriosamente, portas e janelas fechadas. A vigilância e observações posteriores demonstraram que era o mesmo padre que se arranhava, vítima da alucinação.

Uma noviça de rigorosa clausura queixava-se de que todas as noites sofria os ataques de um demônio em forma de orangotango. Comprovou-se que os sinais de dentadas apareciam só nas partes do corpo que ela mesma podia alcançar e morder-se e que as marcas correspondiam exatamente à dentadura, algo irregular, da noviça.

Mais inexplicável parecia o caso de uma camponesa que também de noite, sempre que o marido estava fora de casa, se sentia atacada e mordida por um demônio invisível. Mas as marcas das horríveis mordidas eram bem visíveis. Em pontos inacessíveis a seus próprios dentes. E as marcas correspondiam a uma dentadura bem maior que a dela. Não podia ser nenhuma de suas quatro meninas, pequenas, nem a babá, de 14 anos. Não havia dúvidas: era o demônio! Só algum tempo depois se descobriu uma ratoeira. As marcas das "dentadas" correspondiam exatamente às marcas da ratoeira.

Era indiscutível a sinceridade das vítimas. Auto-atormentavam-se sem o saber conscientemente. O desmascaramento das fraudes inconsciente bastou para acabar com aqueles "ataques demoníacos". [21]

Muitos motivos inconscientes. Seria longo em excesso, se não impossível, enumerar todos os motivos que o inconsciente pode ter

20. Jean Lhermitte, *En poder del Demonio*, Barcelona, 1958, pp. 140s.; Père Bruno, *La Belle Acarie*, Paris, Desclée de Brouwer, 1942.
21. Staehlin, *Apariciones...*, op. cit., pp. 248s.

para empurrar e representar primeiro o pacto ou recurso ao demônio (ou espírito) e depois a possessão (demoníaca ou espírita).

Muitos desses motivos desembocam ou se fundamentam no sentimento, amplo e de muitas facetas, de frustração e de impotência. O mago, o bruxo, o endemoninhado, o médium, o ocultista é geralmente um fracassado. Sente-se incapaz de resolver por si mesmo os problemas e dificuldades que o aplastam. Pretende vencer ou ao menos safar-se com soluções infalíveis e rápidas.

Mas essa mentalidade mágica na realidade é tão simplista como frustrante. O endemoninhado ou bruxo converte-se em vítima de si mesmo. A frustração se converte em autopunição. A mania persecutória, como única explicação das limitações e fracassos, passa a empurrar e a representar ataques do demônio com tanta força quanto o sentimento de frustração: e então novo apelo mágico, e depois de novo a autopunição, e depois... Um círculo vicioso cada dia mais asfixiante.

A. Marie verificou que a multiplicação de casos de "possessão diabólica" coincide em perfeito paralelismo com períodos longos de sofrimento, repressão, frustração. O inconsciente serve-se da fantasia para compensar a frustração da vida consciente.[22]

No mesmo sentido, vão os estudos dos psiquiatras e parapsicólogos modernos que estudaram não só o material da época da bruxaria, senão os casos, lamentavelmente cada dia mais freqüentes, de "possessões" ou "incorporações" e "encostos".

Nas suas conclusões esses especialistas modernos estão no pólo oposto dos "demonófilos" (chamaremos assim, sem nenhuma intenção pejorativa, os defensores da interpretação demonológica). O inconsciente substitui o demônio.

Sexo especialmente. Não concordo com o exagero exclusivista e generalizante de Freud, que reduz não só as anomalias, senão toda a conduta humana ao estímulo sexual. Mas não é possível discrepar em que muito freqüentemente, como já estamos vendo, no fundo da demonologia estava também a psicopatia sexual. Se nem sempre a sexualidade preponderava nas anomalias das bruxas campesinas do Medioevo e dos séculos XVI e XVII; outras vezes o estouro das repressões, a curiosidade mórbida, o instinto desenfreado por tudo o que se relaciona com sexo, junto é claro com a megalomania ou hipertrofia do ego, faziam-se presentes de modo especial nas Missas Negras e outras manifestações semelhantes de

22. A. Marie, *Mysticisme et folie. Étude de Psychologie Normale et Pathologique Comparées,* Paris, 1907, pp. 134-151.

satanismo urbano. As pessoas que se reúnem na adoração a Satanás foram e são, geralmente, aquelas que tiveram uma educação mais puritana e refinada. Sem "concessões" à realidade. E sem motivação. Imposta. Pessoas oriundas da chamada alta classe, sofisticadas.

Uma moral descabida, repressão, é freqüentemente fautora de escrúpulos, de neuroses... e de satanistas e "possessos".

Quando estes absurdos critérios de alguma maneira eram impostos pela "educação" e circunstâncias externas, havia necessidade de uma excelente saúde psíquica para não surgirem desequilíbrios.

Quando "estoura a panela de pressão", experimenta-se "tudo", insaciavelmente: satanistas.

Quando não há condições de experimentar, surge a compensação pela fantasia: "possessos".

O padre estuprado. Já fora um modelo no cumprimento de suas tarefas. Seus ministérios, porém, foram diminuindo ao máximo, a par de suas forças. Não agüenta mais. Há anos que

uma fulaninha, esta infame, pequena mulher (o desejo transformado em insulto para tranqüilizar a censura), toda noite vem a mim, se lança sobre meu peito, e me comprime fortemente a ponto de não me deixar respirar (agente, carrasco e vítima). Se quero gritar (no fundo não quer), a voz se detém na minha garganta; se quero me levantar (não quer), ela me impede. Ela se apoderou de mim de modo absoluto. Eu a vejo com os meus olhos, a toco com as minhas mãos, inclusive quando estou acordado, ela está presente (obsessão no sentido psicológico da palavra), mas debilitado como estou, me é impossível livrar-me".

E assim toda a responsabilidade de um conflito clara e exclusivamente psicológico fica transferida para o imaginário demônio súcubo...[23]

O "exorcismo" do casamento. O professor e sacerdote Dr. Pietro Mariotti assistia aos exorcismos que se aplicavam a uma senhora "possessa". O próprio professor estava impressionado. Tão logo aparecia o outro sacerdote, o exorcista, ou perante qualquer relíquia, ou quando era aspergida com água benta, ou às palavras mais encomiásticas do Ritual Romano de exorcismos, a mulher tremia toda, se contorcia, fugia, urrava, jogava-se ao chão, e ia se esconder sob os bancos. Estas cenas se repetiram por vários meses.

23. A. Pazzini, *Demoni, stregbe e guaritori,* Milão, Bompiani, s.d., p. 160.

Fase histérica de reação. Os padres de toda a região de Florença e a cúria episcopal tinham certeza de que a mulher estava sendo atormentada pelo demônio. Exorcismos... Mas aquele "demônio" era simplesmente uma situação conflitiva: os parentes se opunham ao casamento que ela realmente desejava. Dadas as circunstâncias, a família por fim cedeu. Realizou-se o matrimônio. E com este "exorcismo" ela ficou realmente liberada do seu "demônio" e vive feliz.[24]

A raiz estava nos doze anos. É claro que a causa do distúrbio psíquico também pode ser orgânica. Há uma interação, uma unidade psicofísica.[25] A causa pode ser muito antiga. Pode ser hereditária e surtir efeito só na idade adulta ou mesmo senil. Dificilmente a um não-especialista ocorreria procurar as causas "tão longe". Facilmente cairá no simplismo de procurar a causa mais longe ainda: no sobrenatural...

Sibila, "vivendo com seu pai, ocupou-se por muitos anos dos afazeres da casa sem que a sua conduta apresentasse qualquer detalhe digno de ter-se em conta (do ponto de vista patológico). Modesta, piedosa... era considerada como uma pessoa muito razoável".

Sibila

estava convencida de ser vítima de um feitiço, exposta à influência do demônio, especialmente durante a noite. Quando ia dormir, o Diabo vinha à sua cama, despojava-a do seu corpo de carne, a desdobrava (erros de interpretação nos espíritas)[26] e transportava o seu duplo... astral. Ele se divertia torturando-a, batendo-lhe, flagelando-a, precipitando-a em moitas espinhentas ou, pior

24. P. Mariotti, *Il meraviglioso*, Turim, Società Editrice Torino, 1931, prefácio.

25. Sobre a origem de toda classe de doenças, sobre a interação do psíquico e do físico no homem, cf. Oscar G.-Quevedo, S.J., *Curandeirismo: um mal ou um bem?*, São Paulo, Edições Loyola, 1976 (8 reimpressões); 2ª ed., 1978 etc.; tradução de Vicente González Cutre, S.J., *Los curanderos*, Santander, Sal Terrae, 1977, principalmente capítulos 4, 5, 6, 17 e 18.

26. Sobre desdobramento, experiência fora do corpo, duplo etérico ou astral etc., assim como sobre a reta interpretação dos fatos reais em que se fundamentaram, cf. Oscar G.-Quevedo, S.J., *As forças físicas da mente*, 2 tomos, São Paulo, Edições Loyola, 1968 (19 reimpressões); tradução de José A. Fayos, *Las fuerzas físicas de la mente*, 2 tomos, Santander, Sal Terrae, 1970, capítulos 9 e 10 do tomo I e capítulo 1 do tomo II. E os artigos que na *Revista de Parapsicologia* do CLAP, tomo 30, p. 30, são indicados sob as epígrafes "Bilocação" e "Projeção da ESP".

ainda, disparando sobre ela tiros de pistola (segundo o absurdo dos espíritas e ocultistas em geral, o corpo astral sofre, mas não pode morrer) e fazendo-a sofrer as piores humilhações. Vítima de um tão horrível domínio, a desgraçada tentava desvencilhar-se, defender-se, recuperar seu duplo arrebatado (na mentalidade espírito-ocultista — como na bilocação parapsicológica — haveria de expressar-se ao invés, pois a sensibilidade e a consciência vão com o "duplo"), suplicava ao demônio que o devolvesse; e o esforço e as súplicas duravam muito tempo, até que, esgotada, o diabo consentia em devolver-lhe o corpo que lhe tinha arrebatado. Fato curioso, o duplo não era sempre restituído inteiro, senão por fragmentos; ora faltava um braço, ora uma perna, e só após uma luta violenta a doente recuperava por completo o controle do seu corpo. Às vezes, cansada de suplicar ao carrasco, levantava-se, mas, sob a impressão de estar sem corpo, cambaleava, as pernas a abandonavam a ponto de cair no chão.

Vemos as clássicas manifestações de agente, vítima e carrasco tão freqüentes na histeria ou auto-hipnotismo. A respeito das fantasias autocompensadoras, escreve o Dr. Lhermitte, que tratou do caso: "Nunca caíra no pecado impuro; só durante as crises tinha a impressão de que o demônio abusava dela, abandonando-se como uma insensata às ações que é fácil imaginar".

Foi enviada a um padre para que lhe administrasse os exorcismos. Felizmente o prudente religioso consultou o Dr. Lhermitte. Este comprovou que, bem longe, na história de "Sibila se encontrava da maneira mais clara a causa da doença. Com efeito, com 12 anos tinha sido vítima de uma espécie de encefalite letárgica e curada durante longos meses num hospital de Paris. Hoje que conhecemos as longínquas conseqüências de tal doença, é evidente que a esta se deve remontar a causa do delírio demonopático".[27]

Frisemos bem: a causa clínica pode ser antiga, inclusive hereditária. Mas clara e indiscutível. Não se pode procurar no além a causa deste estado delirante, associado à mentalidade interpretativa meio demonológica, meio espírita, que exige um diagnóstico de grave esquizofrenia ou parafrenia. Sibila piorou no delírio de possessão, apesar — ou precisamente por essa confirmação mágica e supersticiosa — das freqüentes aspersões com água benta, do terço que alguns católicos lhe penduraram no pescoço, e do açúcar que alguns espíritas lhe recomendaram esparramar ao redor da cama. Sua vida, na realidade, acabou sendo completamente impossível. Teve de ser reclusa para sempre num hospital psiquiátrico.

27. Jean Lhermitte, *Les pseudo-possessions diaboliques. Les Démonopathies* in Jesus-Marie, *Satan...*, op. cit., ou in *Groupe Lyonnais...,:* "Médicine...", op. cit., pp. 487-488.

Desdobramento da personalidade. Transe, possessão, encosto, reação dissociativa, cisão da personalidade, auto-hipnose, histeria etc. são termos que em muitos aspectos são equivalentes.

Muitas pessoas, a maioria, são dominadas por tendências conflitivas, e em ocasiões se comportam de maneira que surpreende aos que bem as conhecem e inclusive elas mesmas se admiram com o que fizeram ou disseram.

Em algumas pessoas essas tendências podem ser agudamente incompatíveis. Nesses casos, junto à parte conscientemente aceita, pode o inconsciente moldar com a parte não-aceita uma espécie de segundo eu, tornar-se independente e agir por conta.

A "reação de fuga" é um tipo de dissociação, com troca de personalidade. Uma pessoa não suporta determinada situação, por exemplo familiar. Mas não quer conscientemente reconhecê-lo. Não reconhece outras tendências e as reprime, as nega. De repente, um dia, viaja para um lugar longínquo, começa vida nova, trabalha, casa, tem filhos, completa e sinceramente esquecida do seu próprio nome anterior, do trabalho e família anteriores...

Pode haver também múltiplas personalidades. A síntese do eu "oficial" cinde-se em três, quatro ou mais pedaços. Pode dividir-se em numerosos frangalhos.

A tripulação amotinada. Neste livro pode ser suficiente a comparação — um tanto simplificada, mas clara — que Blatty põe na boca do psiquiatra Pe. Karras como resposta a Cris, mãe da "endemoninhada":

Que diabo é isso de personalidade desdobrada, padre?... Pode me explicar de um modo que me entre alguma vez na cabeça?... ...O cérebro humano contém dezessete milhões de células... Olhando estas células vemos que governam aproximadamente cem milhões de mensagens por segundo: esse é o número de sensações que bombardeiam seu corpo. Elas não só compaginam todas essas mensagens, senão que o fazem com eficiência, o fazem sem vacilações e sem se interpor uma no caminho da outra...

Imagine por um momento que o corpo humano seja um impressionante transatlântico, que as células são a tripulação. Uma dessas células está sobre a ponte. É o capitão. Mas ele nunca sabe *com precisão* o que faz o resto da tripulação nas cobertas de baixo. O único que se sabe é que o barco segue navegando suavemente, que a tarefa se cumpre. O capitão é você, é sua consciência *alerta*. O que acontece no desdobramento da personalidade é que — talvez — uma das células da tripulação das cobertas de baixo suba à ponte e se faça cargo do mando. Em outras palavras, um motim. Serve-lhe isto para entender? [28]

28. Blatty..., *El exorcista*, op. cit., pp. 216s.

É lamentável que quase todos os psiquiatras afirmem que essas cisões da personalidade são raras, muito raras. Talvez o sejam no âmbito exclusiva e classicamente psiquiátrico. Divisões definidas, estruturadas, duradouras... Na realidade são freqüentíssimas: todos os estados alterados de consciência em que surge "outra" personalidade. "Outra personalidade" acompanha quase sempre os fenômenos parapsicológicos. Em quase todos os casos históricos considerados demoníacos — ou espíritas etc. — tem havido algo de parapsicológico. Aconteceu que pela sua estranheza os "historiadores" não-exorcistas tendiam a deixar de lado o parapsicológico.

Nas divisões da personalidade, alguma parte do inconsciente toma o comando da "máquina humana" por períodos mais ou menos longos. Se há sintomatologia parapsicológica agrava-se o aspecto externo do fato. Durante séculos a ciência se manteve à margem: só se interessou pelo curso comum da natureza, as leis, o regular. Estes fenômenos à margem do comum, parapsicológicos, foram ignorados. E caíram no âmbito religioso. Os doentes parapsicológicos foram remetidos a outros doentes iguais, aos médiuns; ou aos exorcistas. Erro da ciência, erro da religião.

Dá-se interpretação demonológica, ou espírita... O inconsciente se apresenta como se fosse um demônio, um espírito, uma pessoa reencarnada, um pitão, uma musa etc. "Personificação"; "prosopopéia" em Parapsicologia. Prosopopéia significa máscara: como a personalidade "oficial" e consciente não reconhece aquela parte "amotinada" do inconsciente, esta se apresenta disfarçada...

Prosopopéias precisamente no sentido de "possessão": Um professor da Universidade de Tubinga estudou o tema detidamente. Seu livro adquiriu bastante difusão. Ele constatou que a "possessão" (desdobramento da personalidade e prosopopéia) é freqüente, dá-se em todos os países, em todas as épocas, em todos os tipos de religiões ou pseudo-religiões, "incorporando" toda classe de deuses, demônios, espíritos e mil outras entidades. [29]

De preferência mau. A prosopopéia tipo demônios ou espíritos maus é muito mais freqüente que qualquer outra prosopopéia representando entidades boas e indiferentes.

A oposição ou antagonismo entre dois aspectos da personalidade provoca a cisão. Às vezes o próprio psicopata sente — quando toma conhecimento do que acontece com ele —, e as testemunhas têm a ilusão de que duas entidades diferentes lutam pela posse daquele corpo.

29. Oesterreich, *Les possédés...*, op. cit.

Uma dessas personalidades o paciente a reconhece, a outra a reprova energicamente. A personalidade "primeira" (terminologia freqüente depois de G. de Clerambault) é a personalidade "oficial", social, habitual. A personalidade "segunda" é a adventícia. Surge do inconsciente, das profundidades psíquicas. Foi-se amalgamando, formando-se, com lembranças e associações que cristalizam — como o sal em líquido saturado — ao redor de um núcleo de idéias e afetos, tendências e instintos recalcados e problemáticos para a personalidade "primeira". Esta personalidade "segunda" freqüentemente é megalomaníaca, irônica, mesquinha, hipersexual, perversa... Todos os defeitos que *primus* não quer reconhecer.

Boca de carreteiro. Por isso geralmente *secundus* é "o Maligno".

Os demonófilos ficam impressionados. Consideram que a melhor confirmação da intervenção do demônio são as blasfêmias, a pornografia, a revolta contra todo o sagrado.

D. Estevão Bettencourt acredita que reflete o pensamento dos teólogos mais representativos e o pensamento da própria Igreja quando escreve:

> Quando ocorre, a possessão diabólica é caracterizada por blasfêmias, desafios a Deus, acinte aos valores mais santos..., sem o que não se deveria falar em possessão diabólica. O caso narrado pelo romancista William Peter Blatty... tem as características da possível possessão diabólica. Total inércia... para explicá-lo (!?), e violento desafio a Deus, juntamente com espezinhamento das coisas mais santas por parte da pessoa possessa ou do ser que por ela fala. O autor procurou informar-se criteriosamente a respeito das notas típicas daquilo que no pensamento da Igreja se chamaria possessão diabólica.

O mesmo autor escreve em outra oportunidade:

> Para que se possa falar propriamente de possessão diabólica, tornar-se-á necessário outrossim que o paciente dê sinais de evidente revolta contra Deus ou de impiedade, imoralidade, falsas crenças etc. ("desafio ao Senhor, blasfêmia, imoralidade fortemente obscena", concretiza o autor seis páginas antes)... Às vezes dizem os teólogos, são somente estes sinais de oposição a Deus que caracterizam o estado de possessão diabólica.[30]

"Qui nimis probat, nihil probat" ("Quem prova demais, nada prova"): se a conduta anti-religiosa tivesse algum valor em prol

30. Estêvão Bettencourt, O.S.B., in *Pergunte e Responderemos* (revista toda de sua autoria), junho, 1974, p. 33.

da interpretação diabólica, quase todos os casos considerados possessões durante os séculos da bruxaria o seriam. "Não somente o corpo do desgraçado é afetado de convulsões, de contrações de uma potência extraordinária e adota atitudes lúbricas, grotescas, teatrais, senão que inclusive o paciente se entrega a grosserias, obscenidades, a invectivas, injúrias, blasfêmias, enquanto grita que é o demônio que o possui e age nele". Reproduzimos a frase com que Lhermitte resume a conduta dos chamados "endemoninhados" principalmente no curso dos séculos XV, XVI e XVII.[31]

Tal revolta contra o Sagrado encaixa perfeitamente nas bases da cisão da personalidade e é conseqüência lógica da prosopopéia tipo demonológica. No transe, quando a personalidade segunda se apresenta como se fosse um demônio, procede e fala de acordo às características atribuídas popularmente ao demônio.

Como acertadamente escreve o parapsicólogo jesuíta Joseph de Tonquédec,

> esta má conduta consiste precisamente no que é mais repugnante para os sentimentos explícitos do paciente: blasfêmias grosseiras, rebeldia contra Deus, insultos lançados contra os sacerdotes, contra as pessoas religiosas, brutalidade sem sentido, impurezas cometidas inclusive perante os olhos de testemunhas, sacrilégios realizados com todo tipo de refinamentos sádicos.[32]

Outro teólogo especialista, Maquart, endossa o mesmo evidente raciocínio: "A pessoa histérica, que acredita ser instrumento de Satanás, mostra um horror por todas as coisas religiosas, uma inclinação ao mal, a falar grosseiramente, atitudes licenciosas, agitação violenta etc.".[33]

Um anjo satânico. Os "demonófilos" ficam ainda mais surpreendidos perante ações "demoníacas" de uma menina angelical e aluna de um colégio de freiras... Ora, precisamente por isso. Quem em idade adulta e em ambiente "baixo", ele mesmo imoral, começasse a ser possuído pelo "demônio" não teria recalcado as

31. Jean Lhermitte, "Les pseudo-possessions..." in Jesus-Marie, *Satan...*, op. cit., ou in *Groupe Lyonnais...*: "Médecine...", op. cit., p. 151.
32. Joseph de Tonquédec, *Les maladies nerveuses ou mentales et les manifestations diaboliques*, 4.ª ed., Paris, B.S.F. (Beauchesne et ses fils), 1938, p. 47; tradução: *Posesión demoniaca o enfermedad?*, Madri, 1949.
33. Idem, ibidem, p. 82, F. X. Maquart, *"L'Exorciste devante les manifestations diaboliques*, ou "Exorcism and Diabolical Manifestation" in Jésus-Marie...: *Satan...*, op. cit., p. 192.

obscenidades e blasfêmias. Uma adolescente no desabrochar da sexualidade, interna num colégio de freiras, impressiona-se muito mais pelas conversas e leituras "satânicas" a que na sua curiosidade teve acesso. Quando no transe perde a censura...[34]

Blatty pode ter dado vivas cores. É um novelista. Mas a descrição que faz do linguajar soez e das ações desavergonhadas de Regan é bem possível, é típica, é clássica. É assim que se procede nos rituais de satanismo. É assim que procede qualquer menina adolescente, em transe, sem censura, impressionada pelas leituras de satanismo. É assim que se procede em certos rituais de Umbanda e Candomblé. Se não agisse assim, teríamos de duvidar da autenticidade da perda da censura. Pelo grau da falta de censura, poderemos medir a profundidade da divisão da personalidade.

Coprolalia. Realmente seria inexplicável que na cisão da personalidade e com a prosopopéia diabólica, o *secundus* de uma menina angelical não procedesse com coprolalia e ações desonestas. Ou que a censura do *primus* evitasse tal procedimento.

Coprolalia vem do grego *copros* = esterco, excremento; e *laleo* falar. Um comunicado científico sobre a coprolalia foi apresentado com bastante acuidade pelo médico francês Gilles de la Tourette em 1895. Por isso a coprolalia é conhecida também pelo nome de *síndrome de Tourette.*[35]

Poderíamos dizer que a etiologia desta neurose é a tensão interna e incontrolável. Primeiro se manifesta com tiques espasmódicos, depois tremores generalizados, convulsões e, por fim, o inconsciente explode com grande violência, completamente fora do controle consciente. É então que os gritos, as blasfêmias e as grosserias (a coprolalia propriamente dita), o desrespeito por tudo e por todos constituem a válvula de escape de tamanha repressão.

Muitas famílias, envergonhadas, mantinham bem ocultas da opinião pública e até dos médicos, os casos de coprolalia. Encontram-se em toda raça, em qualquer cultura, acomodando-se a todos os tipos de religião, surgem em todas as idades. Inclusive em crianças. Preferentemente em meninas durante a puberdade e adolescência[36] e em todos os níveis de inteligência.

34. Cf., para mais detalhes e outros argumentos, Oscar G.-Quevedo, S.J., "Pornografia e sacrilégios, critérios de possessão demoníaca?" in *Revista de Parapsicologia* do CLAP, n. 14, pp. 30-33.

35. Guilles de la Tourette, "Étude sur une affection nerveuse, caractérisée par de l'incoordination motrice, accompagnée de l'écholalie et de coprolalie" in *Archives de Neurologie,* vol. 9, pp. 159ss.

36. Cf. D. H. Kiliman, "Guilles de la Tourette's disease in children: A Review of the literature" in *Journal of Chil Psychology an Psychiatry,* vol. VI, 1965, pp. 219-226.

Quando um caso chega a conhecimento público, a vítima é internada num manicômio, entre loucos, ou levada ao exorcista... Em ambos os casos, a reação lógica é maior tensão e agravamento do sintoma.[37]

Casualmente, hoje mesmo, quando estou escrevendo estas linhas acaba de sair do meu escritório uma senhora. Veio se despedir. Senhora fina e educada. E por isso sofria mais, fora do transe, pela sua coprolalia. E se isolava... E se reprimia mais.

Ela mesma, alguns padres, os membros da família consideravam-na endemoninhada. Rezas, água-benta, medalhas... Os espíritas encheram-lhe a cabeça até quase convencê-la, e convenceram a vários familiares, de que sofria a incorporação de um espírito vingativo, o de um antigo namorado. Terreiros: "Tem de desenvolver..." É até mais difícil curar a superstição alienante do que curar a coprolalia.

Tinha sido antes internada várias vezes em hospitais psiquiátricos, sofreu eletrochoques. Viera ao CLAP desanimada. Agora recebeu alta da nossa clínica, completamente curada. Se a coprolalia fomentava a interpretação supersticiosa, e vice-versa; a cura, sem exorcismos, sem defumadores..., garante que é fenômeno natural.

Violência contra o mais santo. Análoga e incluída na coprolalia e substancialmente com a mesma explicação é a reação e desrespeito pelas coisas sagradas, a defesa de "falsas crenças" etc.

O antigo redator de *Études de Psychologie Religieuse,* o jesuíta Lucien Roure, escrevia:

Os espíritas se vangloriam de estar em comunicação com o mundo dos espíritos desencarnados, que não poderia ser senão o mundo dos espíritos maus... Acrescentemos uma observação que nos parece capital: para a maioria das pessoas que se entregam de uma maneira um pouco continuada às práticas espiritas, chega um momento em que se encontram em presença de manifestações inquietantes, de respostas enlouquecedoras perante as quais se perguntam: não é um espírito mau?"[38]

37. Cf. A. K. Shapiro e outros, "Psychopatology of Guilles de la Tourette's syndrome" in *American Journal of Psychiatry,* 1972, pp. 427-434.

38. Lucien Roure, *Le merveilleux spirite,* 7ª ed., Paris, Gabriel Beauchesne, 1931, pp. 336s.

Como exemplo de reação violenta contra o sagrado, Roure alude ao caso tantas vezes observado, em que na presença de um objeto bento a mesa "espírita" não o suporta e se quebra.[39]

O "argumento" é clássico, a alguns lhes parece capital. Mas carece de fundamento. Basta, para compreendê-lo perfeitamente, a cisão da personalidade. Nela se libera o inconsciente, reprimido e revoltado contra tudo o que seja "limpo".

Os autores espíritas se influem mutuamente no recalque contra todo o "limpo" e os médiuns contra a "repressora" Igreja Católica. Círculo vicioso. Os autores o mamam nos médiuns e os médiuns nos autores. Vítimas e propagandistas. No fim invertem-se os valores, e qualquer trabalho ou esclarecimento em ordem a liberar superstições é considerado pelos doentes auto-hipnotizados (parafrenia) como se fosse repressão. É "lógico". Os ataques dos médiuns e espíritas contra o Catolicismo, contra N. Senhora, contra o Sagrado não têm absolutamente nada a ver com demônios. Surgem inclusive de corações mais sensíveis e por isso mesmo mais influenciáveis por recalques.

Acrescento que uma maneira sutil de atacar o Sagrado é louvá-lo encomiasticamente em algum aspecto. Certas psicopatologias caracterizam-se precisamente pelos *mecanismos de disfarce*. "Lobos em pele de ovelha" na expressiva comparação de Cristo. Louva-se aquilo que se acha faltar no atacado.

Outras vezes se louva e até se fomenta uma virtude para *disfarçar* ou *compensar* algum outro defeito ou tendência que o *primus* considera inadmissível. Como verifiquei de certa personagem, "seu amor a Deus era uma réplica do seu ódio aos homens"; e vice-versa em outros casos.

Invertem-se os papéis. Pode acontecer que no começo exista diálogo entre *primus* e *secundus*. Mas o diálogo tenderá a converter-se em discussões intermináveis e cada vez mais antagônicas. *Primus* se esforça por impor sua lei a *secundus*. Em contrapartida o detestável *secundus* reage com ódio, desprezo, ironia e insultos contra *primus* até que, andando o tempo irreconciliáveis e cada vez mais antagônicos, *primus* prefere ignorar completamente *secundus*. A personalidade "primeira" (consciente, social, "oficial") não conhece *secundus*. O "possesso" não lembra de nada do que faz ou diz durante o transe.

A personalidade "segunda" (inconsciente, adventícia), porém, conhece perfeitamente tudo o que se passa com *primus*. *Primus*, desavisado e cada dia mais débil, mais vítima. *Secundus*, espião incansável e cada dia mais forte, mais cruel. Invertem-se os papéis. *Primus* que antes da cisão da personalidade era o dono da casa e pretendia impor sua lei e consciência e que recalcava a *secundus*, após a cisão da personalidade passa a ser vigiado, dominado e massacrado por *secundus*.

39. Cf. Élie Méric, *Le merveilleux et la science*, Paris, 1887 e 1889, pp. 355-358.

Nesta situação, tanto o psicopata como a família e as testemunhas dos transes pensam que houve a irrupção de um demônio, de um exu, de um espírito pouco desenvolvido, de qualquer entidade má...

Estas trocas de uma por outra personalidade parcial nem sempre se devem a antagonismos dos diversos componentes da personalidade global. Podem também dever-se a "quistos" não incorporados na síntese do eu, por não terem entrado em casa pela porta principal, pelas vias normais dos sentidos, senão pelas frestas, por vias parapsicológicas. Podem ver-se favorecidas pelo ambiente, por contágio psíquico, especialmente em pessoas de psiquismo fraco e predisposto. Podem ter-se formado por "desenvolvimento", por treino. Podem provocar-se por sugestões repetidas ou hipnotismo etc.

A consciência no transe. Os casos de total consciência das prosopopéias padecidas indicam uma de três coisas: 1º) *secundus* é forte demais; 2º) *secundus* ainda é débil de mais; 3º) há fingimento.

1º) Mais do que cisão da personalidade, houve já total triunfo de *secundus*. Em vez de "dupla personalidade" haveria que usar a expressão "troca de personalidade". Nesses casos extremos, a nova personalidade pode ter total e habitual consciência de si mesma. É uma nova pessoa social que "oficialmente" suplanta a anterior. Como esta segunda personalidade pode levar uma vida completamente lógica *dentro da sua fantasia*, os observadores esporádicos e mesmo os vizinhos desconhecedores da sua história clínica não saberão que se trata de uma personalidade completamente louca. Há "endemoninhados", há "médiuns" — no Brasil alguns são conhecidos por todos — que pensam estar sempre, ininterruptamente e em todas as partes inspirados e guiados por um e inclusive por multidão de espíritos.

Fora esses casos de total alienação, em que a personalidade segunda derrotou a primeira, geralmente nos possessos — ou médiuns, pitonisas etc. — permanece a personalidade "oficial". No transe, *secundus*, toma o lugar de *primus*. Se *secundus* está bem estruturado, se o transe está bem "desenvolvido" ou treinado, se é bem profundo, *primus*, quando recupera a direção da máquina

humana, não lembra de nada do que aconteceu: "Personalidades alternantes".

Só com tempo, ou com golpes ou traumas violentíssimos se "elimina" *primus*.

2º) Dependendo da menor estruturação e conseqüente menor autonomia da segunda personalidade, a consciência — personalidade primeira — poderá estar mais presente durante a emergência da segunda. Relação inversamente proporcional.

Os casos de *primus* ter consciência do que acontece durante o transe e ter liberdade de intervir, casos em que simultaneamente as duas personalidades estão presentes, são iniciais, no começo da irrupção e prova de pouco "desenvolvimento" do desequilíbrio. Indica que *secundus* não está — ou ainda não chegou a ser — bem formado e forte. A cura é muito mais fácil e rápida.

3º) Uma total lembrança ou consciência do que aconteceu e mais ainda a possibilidade de *primus* intervir durante o transe em geral serão indício de ter sido tudo puro teatro. Indício tanto mais forte quanto mais perfeita pareça a nova personalidade.

"Encavalar o santo" como se diz na gíria da Umbanda: subir no "santo", em vez de servir de cavalo para ele. Por isso tem valor — admitem-se algumas exceções — a norma popularizada de que "ninguém é louco se afirma sê-lo"; paralelamente é *neste ponto* válida a advertência de um experimentado exorcista: "Quando alguém vem nos dizer: 'Eu estou possuído', pode-se estar seguro de não o estar realmente". [40]

Pelo mesmo motivo há que duvidar das confidências dos próprios "possessos". Dizia-se, por exemplo, de Madre Jeanne des Anges, de Loudun, que quando se avizinhavam os ataques do "demônio", seu espírito parecia não somente obnubilado, senão de mais a mais confuso até que a consciência desvanecia completamente. Quando voltava a si, Madre Jeanne afirmava não conservar nenhuma lembrança do que tinha acontecido nem do que poderiam ter feito as pessoas que a rodeavam. Sendo assim, que vale a descrição feita por ela mesma de um ataque demoníaco? Não necessariamente e sempre são falsas as lembranças dos "possessos" em relação ao acontecido durante o transe, mas devemos muito ter presente que ao histérico freqüentemente falta o sentido do real e de verdade.

É ele mesmo e não o sabe. Para os "demonófilos", a inconsciência e a falta de liberdade por parte da personalidade "oficial"

40. Citado por Lhermitte, *Les hallucinations...*, op. cit., p. 219.

seriam prova da possessão demoníaca. O "possesso" não tem consciência nem liberdade de agir sobre seu próprio corpo precisamente porque lá estaria agindo outro ser, o demônio.

Representando o parecer geral, completamente errado dos "demonófilos" tradicionais, resume Aradi: "Na possessão genuína, a ação do demônio indubitavelmente domina o corpo, apodera-se de seus órgãos e usa-os como se fossem dele... falando através da boca do paciente... A conversa e as respostas do paciente..., os movimentos e posturas procedem de um estado mental subjacente... exteriores à sua própria personalidade". [41]

É o mesmo erro dos espíritas. Allan Kardec, por exemplo, escreve: "O que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve... É preciosa esta faculdade por não permitir dúvida alguma sobre a independência do pensamento daquele que escreve". [42]

Na realidade é precisamente a inconsciência e perda da liberdade que garante a cisão da personalidade. Nada de demônios ou espíritos. Acudir a eles é preconceito teórico.

O hipnotismo e o demônio. Por meio da hipnose é possível, e com bastante pessoas sumamente fácil, incutir-lhes e fazê-las proceder como qualquer personalidade, conhecida, ou plenamente imaginada pelo hipnotizador. Por hetero-hipnose podem-se produzir prosopopéias idênticas às auto-hipnóticas de "endemoninhados", "médiuns" etc.

Quando começaram as experiências do hipnotismo, no fim do século passado e começos do século XX, logo os "demonófilos" consideraram o hipnotismo equivalente ao pacto, um pacto implícito com o demônio! A maioria e os melhores moralistas de então qualificaram o hipnotismo como intrinsecamente mau e pecaminoso: Ballerini, Franco...

Outros teólogos e moralistas precisavam: dependia do tipo de efeito conseguido! Era como dizer que se eles o compreendiam com os seus escassos conhecimentos de Psicologia e ainda menores de Parapsicologia, não era o demônio. Mas se superava sua cultura, como os fenômenos de troca de personalidade, então era claramente demoníaco! Sem necessidade de entrar em adivinhações do futuro, xenoglossia, telecinesias etc. porque nestes casos se tratava

41. Aradi, *The book of miracles*, tradução de Arruda, *O livro...*, op. cit., p. 77.
42. Allan Kardec, *Le livre des médiuns*, tradução da 49ª ed. francesa, por Guillon Ribeiro, *O livro dos médiuns*, Rio de Janeiro, FEB (Federação Espírita Brasileira), 1964, p. 182.

pelo menos de uma legião de demônios! Assim opinavam Lehmkuhl, Genicot, Conconier, Castelin, Matharan, Joannes Mir, Noldin, Arregui, Zalba, Ferreres etc. Estes autores ainda estavam em vigor poucos anos atrás ou ainda estão.

Oficialmente a Igreja Católica num Rescrito do Santo Ofício, de 26 de julho de 1899, recomendava a máxima prudência com as experiências do hipnotismo, pois podiam abrir a porta a demônios ou espíritos.

Não se podem admitir, à luz dos conhecimentos científicos, estas interpretações demonológicas ou espíritas das técnicas e efeitos do hipnotismo. Inúmeras vezes todos os hipnotizadores temos provocado "possessões".

Induzidas pelo hipnotizador, ou induzidas pelo ambiente, a explicação é a mesma. Hetero-hipnotismo ou auto-hipnotismo, igual. Para que entre o "demônio" ou para que saia: a mesma coisa.

Há poucos dias — e casos semelhantes têm-me acontecido freqüentemente — estava eu dando sugestões a um voluntário numa demonstração pública, quando uma senhorita do auditório, de repente, pulou da cadeira, atirou-se ao chão, contorceu-se, fez horríveis caretas, trocou de voz, gritou obscenidades e insultos. Enfim deu um "show" dos clássicos, visto inúmeras vezes por muitos brasileiros na epidemia alienante que sofremos de interpretação espírita: "Abaixou o santo", "é um exu", "Pomba-Gira"...

A maioria dos presentes ficou impressionada. Não estavam habituados a essas cenas tendo vivido sempre em ambientes livres daquela superstição. Outros, condicionados por ambientes espíritas, estavam eles mesmos já iniciando a entrar em transe. Algum começou a recitar uma "prece" para "desencostar" o santo... Aproximei-me. Em tom baixo e carinhoso e bem tranqüilamente disse à "possessa": "Sou o Pe. Quevedo. Vou te ajudar. Preste atenção. Vou contar até dez. E quando chegar a dez vais te sentir otimamente. 1..., 2..., presta atenção, quero te ajudar, ao chegar a dez... Abre os olhos". Para surpresa de todos a menina abriu tranqüilamente os olhos. "Estou bem. O que estou fazendo no chão? O que aconteceu?..."

Estes "pronto-socorros", simples des-hipnotizar, são corriqueiramente aplicados na nossa clínica quando o "ataque do demônio" surge fora da sala dos psicoterapeutas.

Histeria. Falando das doenças que têm sido consideradas classicamente como possessões, não podemos omitir a histeria. O conceito médico e psicológico não tem o significado pejorativo que popularmente se lhe atribui. A pessoa mais normal em outros aspectos, pode ter reações histéricas.

Histeria é uma doença por representação ou representação de uma doença.

Representação real, somatização de um sentimento; ou representação por fraude. A fraude pode realizar-se inconsciente ou consciente, mas irresponsavelmente porque o doente é compulsivamente empurrado pelos seus conflitos psíquicos.

Representação real ou fraudulenta, mas em ambos os casos a histeria é realmente uma doença.

As possibilidades da histeria, até extremos surpreendentes, são pouco conhecidas inclusive por pessoas cultas. O aspecto do "endemoninhado" é mais impressionante quando vão juntas epilepsia e histeria, o que é muito freqüente. E mais impressionante ainda se surgem também fenômenos parapsicológicos.

A histeria é uma psiconeurose com um leque amplíssimo de sintomas. Grande número de doenças e os seus sintomas podem ser psicógenos e nesse sentido serem de alguma maneira incluídos no amplo — e tão indefinido que pouco significa — conceito de histeria. Mas de um modo mais concreto — até certo ponto — se consideram como mais característicos da histeria o conjunto ou bom número dos seguintes sintomas por ordem ascendente de significação: indolência, incapacidade de concentração, abulia, hipersensibilidade ou facilidade de sobreexcitação, ilusões, alucinações, criações fantásticas de êxitos sociais inverossímeis, tendência à simulação, anseio incontido de chamar sobre si a atenção dos demais, freqüentes esquecimentos mesmo — ou preferentemente — de compromissos importantes, idéias fixas e obsessivas às vezes lindantes com as de um louco. Sobre esta base psíquica mil doenças e curas de todo tipo de doenças aparentemente orgânicas.

A desesperante dose de simulação, truques, mentiras e o eficaz desejo de estar doente não significam que a histeria não seja verdadeira doença. A histeria explode em pessoas que herdaram taras nervosas. Ou então vítimas de traumas psíquicos ou ainda com algum tipo de lesão cerebral, como na epilepsia; são assim freqüentes os histero-epilépticos.

Com todas essas "qualidades" o histérico é um candidato aptíssimo à "possessão" demoníaca. A prosopopéia é para ele "um prato cheio", como se diz na gíria brasileira. E como excluir a histeria na explicação dos "endemoninhados"? Algum endemoninhado houve que não desse mostras de histeria?

O Sr. Miguel, "o endemoninhado do Paraná". "Jogou-se pelo chão, batia, esmurrava, rasgava a roupa, batia os pés no chão..., com os pés afastava com força os sofás. Chamavam-no, mas não atendia..."

Na Sexta-feira Santa estavam lá os filhos, os genros, e outras testemunhas.

Por ser um dia tão grande e tão sagrado... eu já estava a pensar que não ia acontecer nada, quando no quarto, na cama, começou a bater os punhos com violência. Fomos ligeiros a segurá-lo. Quase não foi possível. Ia saindo da cama: "Hoje preciso sair pra rua! Hoje é dia de bagunça!" e arfava e se punha em pé. Sentávamo-lo à força. Levantava como se fosse feito de molas: "Hoje eu (o Diabo!) fico, hoje eu não vou sair". Apareceram dois jovens, sobrinhos, que nos ajudaram. Aí então os grunhidos e os latidos e as escarradas recrudesciam espantosamente.

Sentia fortes dores de cabeça prenunciando os ataques. As repetidas e variadas análises médicas mostravam que organicamente tudo estava perfeitamente normal. Tudo histérico. Um excelente e admirado pai de família.

Teresa Higginson escrevia a seu diretor espiritual:

O demônio costumava várias vezes jogar-me completamente fora da cama, jogava os objetos que estavam no aposento, produzia terríveis barulhos. Eu no começo tremia com receio de que a Srta. Gallagher e o pessoal de casa pudessem ouvi-los... Sempre que nosso amado bom Deus aceitava minhas pobres orações em favor dos pobres pecadores, ele, o demônio, se enfurecia, me golpeava, me arrastava e quase me afogava...

Era mesmo o demônio quem fazia todo esse barulho? Pe. Thurston se pergunta: "Temos suficiente garantia de que os barulhos que se escutavam no aposento da Srta. Higginson 'como se alguém lhe estivesse desferindo grandes golpes no costado e na cabeça, depois como se a estivessem agarrando e golpeando três ou quatro vezes contra o chão', não seriam devidos simplesmente a algum ataque convulsivo?"

Quando os ataques demoníacos eram à vista de todos, os golpes eram facilmente explicados: "No jardim estava vendo a Cristo atado. Então ela mesma estendia suas pernas e braços para que os atassem também".

Via que davam a Cristo uma "bofetada no rosto, do lado direito, junto à boca; uma bofetada no olho esquerdo... um golpe na boca... Um golpe na parte esquerda da cabeça". E era ela mesma que se golpeava: "Os golpes referidos, naturalmente eram os mesmos que, em estado de transe, se aplicava a si mesma com seus próprios punhos... Injúrias auto-infligidas".

Em êxtase, via como "puxavam das barbas" de Cristo. Na realidade a Srta. Higginson, no transe, "agarrava o próprio queixo". [43]

---

43. Herbert Thurston, S.J., *The physical phenomena of mysticism,* Londres, Burns Oates, 1952, p. 294; tradução de Gabriel de Man-

Conclui Thurston: "Levando-se em consideração que Teresa (Higginson) teve uma infância doentia, uma queda numa serraria e outra queda de uma árvore, persistentes insônias, e abstenção de comida, pode-se afirmar com segurança que suas experiências" nada tinham a ver com o demônio. [44]

O contágio psíquico, as epidemias de "endemoninhados" são manifestamente casos notáveis de sugestionabilidade e histeria.

Lhermitte constata a identidade de sintomas: com a histeria "a transformação exterior da personalidade, física e moral, confere ao paciente uma semelhança muito mais estreita com o que se pode imaginar que seria uma possessão autêntica".

Perfeito... e absurdo paralelismo. A histeria não é exclusiva, mas claramente é mais própria do sexo feminino (inclusive o nome vem do grego *histera,* matriz). A "possessão" também é mais freqüente na mulher. "Para cada bruxo — escreveu Jules Michelet e repete José Repollés — existem dez mil bruxas". [45]

A histeria é mais comum na menopausa do que na idade fértil; a "possessão" também.

As idades mais proclives à histeria são a puberdade e a adolescência; à "possessão" também.

Nos lugarejos longe da civilização, nas culturas e nas famílias mais antiquadas e severas onde a mulher é quase escravizada, são mais freqüentes as manifestações histéricas. Também a "possessão" ao menos a "espontânea", demoníaca ou espírita.

Se depende de causas e condições naturais, é porque o efeito é natural. Devemos levar às últimas conseqüências a conclusão do professor Giovanni Battista Alfano: "Em conclusão, nem todo histérico ou epiléptico é possesso do diabo. Mas todo obsesso ou possesso dá sinais de histeria ou de epilepsia. Daí a dificuldade do diagnóstico". [46] A primeira premissa é evidente: nem todos os histéricos ou epilépticos apresentaram a prosopopéia demoníaca.

Por própria experiência e dos colaboradores do CLAP, por muitos anos de estudo da amplíssima e mais relevante literatura sobre demonologia, concordamos com a segunda premissa: "Em todos os casos considerados demoníacos têm-se encontrado sinais de histeria — acompanhados ou não de epilepsia.

---

terola, *Los fenómenos físicos del misticismo,* San Sebastián, Dinor, 1953, pp. 457-459.

44. Idem, ibidem, p. 316; tradução... p. 458.

45. Repollés, *La brujería...,* op. cit., p. 11.

46. Giovanni Battista Alfano, *Lo spiritismo... questo mistero,* Nápoles, Adriana, 1955, p. 291.

Com igual certeza há que modificar a conclusão: é necessário que excluamos dela qualquer explicação diabólica. O diagnóstico torna-se fácil. É absurdo pensar que o diabo tenha preferência por doentes. Pessoa psicologicamente sadia jamais foi possuída. Em todos os casos de aparente possessão — demoníaca, espírita etc. — a ciência moderna já descobriu, em todos eles, ao menos o componente histérico.

Afirmar que o Diabo pode servir-se de fenômenos naturais é, em definitivo, uma contradição: os fenômenos seriam naturais. É disso que tratamos.

Epilepsia e histerismo. Veremos os principais caracteres da epilepsia — ou *mal sagrado* — quando analisar o caso do "endemoninhado" que os discípulos de Jesus não puderam curar. Este "endemoninhado", ao pé do monte Tabor, é um caso típico.

O paciente perde repentinamente a consciência e os sentidos, emite um agudo grito e cai por terra.

No grande ataque, há impressionantes contrações violentas, contorções. Às vezes, nos ataques, recupera *em parte* a consciência, mas alterada, obnubilada, age furiosamente, enraivecido, ações que parecem impossíveis tanto pela agilidade, como pela força, ou pelas contorções. Concretamente a força desenvolvida, no máximo aproveitamento muscular e nervoso, pareceria superar a capacidade humana. Nos casos mais benignos ao menos rechina os dentes, respira afanosamente e sai baba pela boca, acelera-se o pulso, transpira copiosamente.

Antes do ataque, o paciente sente indefinido mal-estar, chamado aura epiléptica, durante o qual seu raciocínio se descontrola; pode então falar em demônios... Após uns minutos irrompe subitamente a crise.

O ataque dura, no máximo, 15 minutos.

Após o ataque, o paciente passa por um período de "aniquilamento" ou sono recuperador. Mesmo após o sono o paciente pode queixar-se de forte dor de cabeça, sente dores difusas pelo corpo, fica às vezes passageiramente paralítico, é facilmente irritável e hipersensível, sofre alucinações, automatismo (psicografia, por exemplo), dá livre curso a divagações, às vezes sobre temas religiosos, ou demoníacos mesmo. Em outras ocasiões não expressa angústia e desnorteamento por palavras, senão por gestos e caretas que vão do grotesco ao aterrador. Enfim passa facilmente à histeria.

Histericamente pode fingir estar sob o ataque epiléptico horas inteiras!

As causas da epilepsia podem ser diversas, todas são bem naturais: lesões das meninges, tumores cerebrais, hidrocefalia, ter sido concebido por pais sifilíticos ou alcoólicos, distúrbios circulatórios encefálicos, compressão de alguns centros nervosos etc.

A epilepsia se chama também "grande (ou pequeno) mal" e "mal comicial".

A epilepsia e histeria foram sempre tão ligadas à superstição demoníaca, que também são chamadas "loucura demonopática". A respeito comenta muito acertadamente o eminente professor da Universidade de Paris, Jean Lhermitte:

> Sem dúvidas o termo loucura, que quase não tem sentido em medicina mental, pareceria contestável (aplicado ao histero-epiléptico), mas não o é, porque os exemplos foram e continuam a ser demasiadamente numerosos, é a realidade de um estado mental muito especial em cuja trama se inscrevem as crise ou ataques paroxísticos, caracterizados por uma transformação aparente da personalidade, a qual se manifesta por uma grande desordem das atitudes, dos gestos, de conduta, unidos ao sentimento de possessão pelo espirito impuro, o Maligno, o Diabo.[47]

Epilepsia e contágio na China. A título de exemplo, entre tantos, um duplo caso de epilepsia e histeria. O missionário John Livingston Nevius, "logicamente", o atribui ao demônio, como todos os casos, cada qual mais "lógico", que descreve no seu livro *Demon possession.*

O caso é narrado numa carta do Sr. Shi:

> Em Hutsai, a menos de uma milha do meu lar, vive um parente meu, chamado Han-Yang-lin. Um dos seus empregados aceitou o cristianismo e recebeu o batismo. Subitamente o filho menor (o pai castigado no filho, típica superstição) foi possuído pelo demônio (!?). Retorcia-se em agonia, botava espuma pela boca e com um grito agudo caia inconsciente ao chão. (Até que muito bem descrito o ataque epiléptico.)
>
> A família estava em grande consternação. Eu não me encontrava em casa então. Minha esposa, ouvindo o que se passava, após ter rezado pedindo ajuda e guia, foi até a casa e orou em nome de Cristo... Após isso, o menino acordou restabelecido.

É lógico: se tivesse dado os "exorcismos" durante o ataque epiléptico, podia ter a certeza de que antes de um quarto de hora o "demônio" sairia; como deu os "exorcismos" quando o menino repousava após o ataque, é claro também que o "demônio" foi embora: não vai ficar o menino dormindo eternamente; mas o ata-

47. Lhermitte, *Les pseudo-possessions...*, op. cit., p. 151.

que epiléptico, os "exorcismos", os comentários durante algum tempo, acabaram por impressionar outro menino, e decidiu também chamar a atenção sobre si:

A exorcista já voltara para sua casa. Mas então o próprio filho pequeno de Han-Yang-lin foi possuído por um demônio e foi atingido da mesma maneira. Sua mãe, de imediato, meteu-se numa carreta com o filho nos braços e veio a minha casa para pedir à minha esposa que rezasse por ele. Minha esposa primeiro a exortou a crer em Cristo e depois rezou pelo menino. Como desta vez não é epilepsia, senão histeria por "contágio psíquico", histeria de imitação, pode passar o tempo da viagem, o tempo da exortação, o tempo dos "exorcismos"...; até que se des-hipnotize o menino: o qual imediatamente se recuperou.

Mais uma vez erra na interpretação um "demonófilo" escrevendo de temas parapsicológicos. [48]

Um dos maiores absurdos na interpretação da histero-epilepsia foi o prestígio que se concedeu a Elizabeth Ranfaing, "a energúmena de Nancy", em 1617. Fora educada num lar sem paz, pai violento e grosseiro, mãe tirânica e opressora. Mais do que em escrúpulos religiosos há que se falar em mentalidade estreita. Quer fugir dos homens entrando num convento, mas obrigam-na a casar com um militar velho, devasso, bêbado, doente e sem inteligência. Três filhos. Fica viúva. Mãe exemplar. Conduta intachável.

Não quer reconhecer que se apaixonou pelo médico Poirot. Repressões sexuais misturadas com masoquismo. Penitências descontroladas. Ama e odeia Poirot. É lógico: entra em crises delirantes, paralisias histéricas, força muscular, insensibilidade pelo corpo todo, rola pelo chão, urra...

E o absurdo: escarros e saliva que a "endemoninhada" cospe durante os exorcismos são recolhidos pelos eclesiásticos para exorcizar outros "endemoninhados". [49]

Convulsões. Um tipo de histeria, de transe, é o chamado "hipnotismo alterador", da escola de hipnotismo da Salpetrière, com seu mestre Dr. Charcot (em contraposição ao "hipnotismo estabilizador", da escola de hipnotismo de Nancy, com seu mestre o Dr. Liebault).

As convulsões violentas espantam os espectadores. Qualquer histérico pode facilmente imitar as convulsões do epiléptico por

48. Salvador Freixedo, *El diabólico inconciente*, México, Orión, 1975, p. 215.
49. Cf. Jacques Finné, *Erotisme et sorcellerie*, *Verviers* (Bélgica), Gérard, 1972; tradução de Charles Marie Antoine Bouéry, *Erotismo e feitiçaria*, São Paulo, Mundo Musical, 1973.

longo espaço de tempo — o que não acontece ao epiléptico. Qualquer tipo de convulsões violentas é imitável. Muitas vezes essas convulsões, embora voluntárias, são originadas na vontade do inconsciente, durante o transe, sem culpa. O ambiente da demonologia, da umbanda e macumba, do candomblé, de muitas "religiões" de povos primitivos, nos rituais satânicos, condicionam às convulsões e contorções impressionantes. Estas convulsões, efeito de reações histéricas de dissociação e de conversão, distinguem-se facilmente das convulsões epilépticas.

Nós, acostumados ao baixo espiritismo, diríamos que *freqüentemente*; para os psiquiatras estrangeiros

ocasionalmente, se vêem casos de convulsões ou ataques de histeria que se parecem aos ataques epilépticos, mas se diferenciam pelo fato de que o paciente geralmente não morde a língua, não se fere, nem sofre de incontinência. Seus reflexos pupilares à luz permanecem inalterados. As convulsões dos histéricos geralmente ocorrem em presença de outras pessoas. [50]

No epiléptico a lembrança do ataque some plenamente. No histérico pode haver real *suspensão da consciência* e da memória, mas não atinge a profundidade como na epilepsia. Um doente descreveu: "No começo a consciência mantém-se clara e temos a certeza de que a vontade seria bastante forte para parar o desenvolvimento das manifestações. Mais tarde é-se levado por um automatismo furioso e não se consegue mais nada, o contato está perdido". Esta descrição corresponde à experiência de um histérico. O epiléptico não teria tal consciência. Durante o hipnotismo é possível conseguir que o histérico descreva todo o seu transe; o epiléptico não (as exceções seriam parapsicológicas).

Por exemplo, Marie-Thérèse Noblet. Foi considerada endemoninhada. Suas convulsões são, porém, absolutamente clássicas no comportamento histérico. Descrições idênticas às que podemos encontrar em Charcot, Raul Richer, Gilles de la Tourette, ou quaisquer outros dos mais clássicos entre os pioneiros da neurologia.

Ela arrancava tudo o que tinha. Jogava todos os objetos bentos o mais longe possível. "Tinha pavor dela — diz a testemunha Srta. Polle. Sua figura cambiava. Não a reconhecia mais." (Desfiguração por contrações musculares do rosto e caretas. Poderia recobrir-se com ectoplasma, no fenômeno parapsicológico chama-

50. S. B. Kutash, "Psychoneuroses" in B. B. Wolman (coord.), *Handbook of clinical psychology*, Nova Iorque, McGraw-Hill, 1965, p. 964.

do *transfiguração.*) Poderia parecer um demônio, se é que o demônio tem rosto...

Sacudia-se, seus movimentos eram bruscos. No começo, punha-se rígida só nos momentos mais *empolgantes*. Mas "pouco a pouco seus membros se tornavam rígidos como o ferro. Sua cabeça se arcava para trás, de modo pavoroso. Perdia o conhecimento e se sacudia como atingida por uma corrente elétrica". Embora parecesse sofrer muito, verificou-se que estava insensível. O ataque continuava por meia hora ou três quartos.

No inquérito que se realizou, o exorcista respondeu que a rigidez foi especialmente freqüente em Marselha e que no arco de círculo que o corpo fazia dava a impressão de que "o cimo da cabeça e os talões dos pés estavam em contato com o chão" ao mesmo tempo. [51]

Pensaram no demônio, quando na realidade tudo aquilo às vezes foi simulação plenamente consciente (o que não quer dizer que seja responsável): O Pe. Eschimann, vendo tão violentas convulsões, acreditava que estava assistindo aos últimos estertores de uma agonizante. Marie-Thérèse deixa cair seu corpo sobre a cama. Então "tranqüilamente abre os olhos, olha para mim e me diz: 'Mas, Pe. Eschimann, não teve medo?' "

O Dr. Lhermitte conclui: "Um primeiro ponto está fora de discussão. Algumas crises ou ataques demonopáticos não são mais do que teatro. A histérica não é mais do que uma atriz mais ou menos hábil e freqüentemente uma mitômana em ação, que conserva sua consciência lúcida e suficientemente pragmática como para fazer acreditar ao Pe. Eschimann que Marie-Thérèse estava em agonia". [52]

Até o esgotamento. Da Madre Jeanne des Anges, a superiora das "endemoninhadas" de Loudun, se afirma, por exemplo, que nos primeiros exorcismos que se lhe aplicaram em público, dava notáveis shows.

Logo que se abriu a porta do convento das ursulinas — era o terceiro exorcismo público, o show ia crescendo —, a madre superiora foi presa de convulsões, violências, "empurrões", urrava e rechinava os dentes, contorcia-se, rolava e se sacudia no chão... Parecia que não sentia nada nem se cansava.

Como é lógico, após a prolongada exibição, o "demônio" ficou esgotado. "Ela ficava como morta." Outras religiosas logo

51. Lhermitte, *Les pseudo-possessions...*, op. cit., cap. V, pp. 143-191.
52. Idem, ibidem, pp. 160 e 169.

a imitaram...: foram "possuídas" por outros demônios igualmente agitados. "Nunca vi nada semelhante, e não podia crer que fosse possível para qualquer homem ou mulher", diz Killigrew, uma das testemunhas.

Os observadores se surpreendiam porque, apesar da violência, intensidade e duração — "não era um movimento súbito, parando depois, senão que era contínuo, realizado durante uma hora a fio" — dos ataques dos demônios agitadores, a saúde das possessas não se prejudicava. Até melhorava. É claro que o exercício físico é conveniente.

Mas depois as freiras, "os demônios", precisavam descansar! [53]

Dos meninos "endemoninhados" de Illfurt, escreve uma testemunha:

Deitados de dorso, voltavam-se e revoltavam-se com a rapidez vertiginosa de um pião, ou então se punham a bater, sem descanso e com uma força surpreendente, a cama e os outros móveis, chamando a esta operação *dreschen* — bater o grão —, sem que acusassem a a mais leve fadiga, por mais que tivesse sido longo o bater. Se alguém lhes dirigia a palavra, eles respondiam em meio a acessos de convulsões e de longos espasmos.

Depois sobrevinha o descanso. Os "demônios" estavam esgotados: Sobrevinha um tal abatimento, que permaneciam como mortos durante horas inteiras e com a imobilidade e rigidez de cadáveres. [54]

Se normal, não pode ser possuído. Quando uma pessoa psiquicamente sadia foi possuída pelo demônio? Será que o demônio só pode agir em doentes psicológicos ou predispostos? Creio que a experiência de nossa clínica, especializada nestes casos, é de grande autoridade. Creio que a nossa análise de milhares de casos, que temos podido conhecer em abundante bibliografia, aumenta essa autoridade. Confirma-se com a autoridade dos especialistas que estudaram o problema dos "endemoninhados" e sempre encontraram uma história clínica perfeitamente encaixável na etiologia psicopatológica: Os "endemoninhados" sempre tiveram motivos psicológicos que explicam sua atitude. O Dr. Alain Assailly, endócrino-psicólogo e parapsicólogo, por exemplo, escreve: "Quando se estuda seriamente o passado das pessoas cujo comportamento pode levar a suspeitar a eventualidade de uma intervenção diabólica, é bem raro que não se encontre uma série de fatos susceptíveis de explicar, em certa medida, a aparição dos distúrbios observados".

53. Idem, ibidem, pp. 162 e 164.
54. Sutter, *El diablo*, op. cit., p. 18.

Não fosse por medo de preconceitos teológicos (que ele não discute), o Dr. Assailly aceitaria a conclusão que ele mesmo apresenta como lógica: "Então, tudo é muito simples! Por que procurar mais longe? Temos lá as causas da neurose que apresenta o paciente e não vemos o porquê da participação de Satã!" [55]

A mentalidade mágica, de individual passa a ser coletiva. Os problemas do indivíduo em particular são os mesmos e se multiplicam na sociedade como um todo.

Esta realidade hoje é bastante reconhecida. "Creio de todo ponto necessário — concordo com Julio Caro Baroja — voltar a interpretar muitos dos documentos acumulados... e focalizar novamente muitas questões..., pospondo o problema religioso". [56]

O que deveriam concluir. Os melhores especialistas entre os "demonófilos" podem ficar muito admirados pelos fenômenos parapsicológicos (que analisaremos nos próximos capítulos). Mas mesmo assim vêem os sinais de doenças em *todos* os casos. É o caso de Salis Seewis, [57], Farges, [58] Maquart [59] etc. Louis Monden resumiu o parecer de vários "demonófilos" dizendo: "Raras vezes, por não dizer nunca, um diagnóstico puramente clínico permite discernir a verdadeira possessão da falsa". [60]

Por sua parte, o neurologista católico Lhermitte não se atreve — por entender que seria ir contra a fé — a negar as "possessões" nos Evangelhos (analisá-las-emos no capítulo XIII) mas são as únicas que aceita. E mesmo assim, destaca significativamente que "a possessão diabólica, nas narrações evangélicas, vai sempre acompanhada de sintomas clínicos de um estado anormal do sistema nervoso". [61]

Creio que todos os "demonófilos", ao menos e por enquanto deste ponto de vista das doenças psíquicas, deveriam aderir a Moeller: "De tudo isto, muitos concluirão que nunca é possível identificar com certeza a influência do diabo". [62]

55. Alain Assailly, "L'Homme d'aujourd'hui face au problème du merveilleux", cap. II de *Groupe Lyonnais d'Études Médicales: "Médecine..."*, op. cit., p. 65.
56. Baroja, *Las brujas...*, op. cit., p. 358.
57. S. Seewis, *Visioni e allucinazioni*, Prato, 1892.
58. Albert Earges, *Les phénomenes mystiques distingués de leur contrafaçons humaines et diaboliques*, Paris, Saint Paul, 1920 e 1923; tradução: *Mystical phenomena*, Londres, Burns Oates and Washbourne, 1926.
59. Maquart, "Exorcism" in Jésus-Marie, *Satan...*, op. cit.
60. Louis Monden, *Le Miracle, signe de salut;* tradução de Daniel Ruiz Bueno, *El Milagro de la salud*, Barcelona, Herder, 1963, uso a tradução *Sign and Wonders*, Nova Iorque, Desclée, 1966, p. 148.
61. Lhermitte, *Vrais...*, op. cit., p. 31.
62. C. Moeller, in Jésus-Marie, *Satan...*, op. cit., p. XVIII.

Capítulo V

A LUZ DA PARAPSICOLOGIA OS SINAIS DO RITUAL

O Ritual Romano, * no título que se refere a "exorcizar obsessos pelo demônio" entra em cheio no objeto específico de estudo da Parapsicologia, quando apresenta "os sinais para distinguir entre possesso e quem padece de melancolia ou outra doença".

"Tais sinais podem ser: falar línguas desconhecidas com certa fluência, ou entender quem as fala; manifestar coisas distantes e ocultas; mostrar forças superiores à idade ou condições da pessoa; e outros fenômenos deste gênero ('et id genus alia', num latim duro e difícil; melhor seria dizer: 'et eiusdém generis alia'), que quantos mais concorram, maiores indícios constituem". [1]

Todo este tema dos exorcismos, no Ritual, foi copiado ao pé da letra do que fora publicado em 1619 por Maximiliano van Eynatten e depois incluído no *Thesaurus Exorcismorum* editado em 1626. [2]

Pretendo analisar esses sinais demoníacos e compará-los com as faculdades parapsicológicas correspondentes.

* Refiro-me às edições que estavam em vigor até 1984 (nota do autor em 1988).
1. *Rituale Romanum*, Vaticano, Typis Polyglottis, 1952, titulus XII, caput I, n. 3.
2. Na Biblioteca do CLAP, sob o código III-988, possuímos — já um pouco deteriorado pelos anos e as traças — um valioso exemplar da primeira edição do Ritual Romano de BENTO XIV. promulgado em 25 de março de 1752. Todo o referente aos exorcismos é apresentado sem numeração do título, sem capítulos, sem números, pp. 265-289.

Se existissem. Ainda hoje em dia, certas pessoas, cultas, mas não bem a par das pesquisas da Parapsicologia, resistem a aceitar como realmente existentes determinados fenômenos parapsicológicos. Não discutirei isso. Não interessa para a finalidade deste livro. Se os fenômenos não existissem, não poderiam constituir um sinal de intervenção demoníaca.

Já dizia um dos pioneiros da Parapsicologia, o Dr. Charles Richet, Prêmio Nobel em Fisiologia: para explicar esses fenômenos — e ele os considerava como fatos absolutamente inegáveis — "há três hipóteses: Primeira: são os mortos, cuja consciência... continuou a existir sem subtrato material. Tal é a teoria espírita, a que me parece a menos verossímil; segunda: há anjos, espíritos (daimones) que, poderosos mecânica e psicologicamente, intervêm nos assuntos humanos". Embora Richet logicamente considerasse essa hipótese de daimones — o parênteses é do próprio Richet — menos inverossímil que a absurda hipótese espírita, compreende que também estava cheia de contradições e dificuldades, pelo que a terceira hipótese, a humana, ele "a admite como manifestamente preferível às outras duas...; terceira: a inteligência humana, alma e corpo, é suficientemente poderosa para produzir tanto as manifestações materiais como as manifestações subjetivas — *cognoscitivas* — que nos deixam estupefatos".[3]

(Richet conhece os fatos que superam qualquer explicação natural. Os milagres. Nem emprega a palavra milagre nem quer pensar em Deus. Creio que é por isso que, aprioristicamente, espera por uma quarta hipótese, "a hipótese desconhecida, que será a do porvir, hipótese que não sei formular — diz Richet — porque não a conheço".)

Um detalhe importante: os fenômenos atribuídos ao demônio, ao longo da história, são em menor escala e menos freqüentes do que esses mesmos tipos de fenômenos quando acontecem em outros ambiente (propícios às manifestações parapsicológicas) sem conotações demonológicas. O fenômeno parapsicológico, especialmente alguns especiais de efeitos físicos como levitação e aporte, e mesmo alguns de efeitos mistos como a dermografia, constituem o êxtase da empolgação psicológica, o paroxismo da somatização. O ambiente demonológico não é o mais apto.

3. Cf. Charles Richet, *Traité de Métapsichique*, 2.a ed., Paris, Félix Alcan, 1928, pp. 798s.-819.

Nenhum argumento pró-demônio. O Ritual não apresenta nenhum fenômeno como sendo capaz de constituir um *argumento* de possessão. Emprega o termo *sinal*. Nada é apresentado como certo.

Bento XIV escreve: "Tireo avisa que entre os sinais de obsessão, alguns são certos, alguns incertos, e alguns mais prováveis". Além do que *sinal* e *certo* podem ser termos que se excluem, Bento XIV cita a Tireo precisamente para inculcar que os sinais não oferecem certeza.[4]

Tireo, a quem alude Bento XIV, já rejeitava no final do século XVI como sem significado muitos sinais que antes se consideravam válidos para diagnosticar a possessão, tais como "levar uma vida pervertida", "fazer pacto com os demônios", "acreditar-se possuído" etc.[5]

A expressão do Ritual Romano é moderada: "Sinais... podem ser" ("Signa... esses possunt").

Em edições antigas se dizia "sunt" = são. Agora se diz "esse possunt" = podem ser, talvez sejam. O parágrafo começa com uma advertência muito séria: "Em primeiro lugar, não creia facilmente que alguém está possuído pelo demônio" ("In primis ne facile credat, aliquem a daemonio esse obsessum").

Na moderna edição do Ritual, de 1952, a Igreja introduziu uma modificação que me parece significativa. Antigamente se dizia: "Tenha presente esses sinais com os quais o possesso se diferencia daqueles que sofrem de melancolia ou outra doença". Agora em vez de "melancolia ou outra doença", se diz: "Alguma doença, principalmente das psíquicas".[6] Parece-me significativo porque o termo *psíquicas* pode entender-se em sentido mais amplo que meramente *psicológicas*. E classicamente inclusive sinônimo de *parapsicológicas*. Por exemplo em quase todos os países existem as "filiais" da "Society for Psychical Research", Sociedade de Pesquisas Psíquicas. São sociedades de Parapsicologia.

A precariedade destes sinais é denunciada por outros teólogos, apesar do geralmente escasso conhecimento de Psicologia e Psiquiatria e menor ainda de Parapsicologia. Citamos em destaque Claeys-

4. Bento XIV, *De Servorum Dei...*, op. cit., liber IV, caput XXIX, n. 5.
5. Pe. Tireo, S.J., *Daemoniaci, hoc est: De obsessis a spiritibus daemoniorum hominibus, liber unus, cum Locis Infestis*, Colonia ("Coloniae Agrippinae"), 1598 e 1604.
6. *Rituale Romanum*, op. cit., titulus XII, caput I, n. 3.

-Boüaert,[7] Philippeau,[8] Maquart,[9] Tanquerey,[10] Dalbiez...[11] Wiesinger conclui que os sinais do Ritual Romano "devem ser modificados de acordo com o estado atual da ciência".[12]

Certamente demoníaco. Por outro lado o Pe. Alfano considera que "à luz dos conhecimentos modernos se podem reter como sendo *certos*, reconhecidos pelas pessoas cultas" os sinais do Ritual Romano, quando a xenoglossia é "mantendo diálogo com outros..., reações a exorcismos ditos em línguas desconhecidas pelo paciente" e Alfano recomenda "desafiar o paciente a traduzir algumas proposições do Ritual". Considera também sinais *certos* quando o conhecimento de coisas ocultas é "clarividência muito destacada,... agitações graves em reação pela presença de relíquias sem que os pacientes as vejam". Igualmente quando o hiperdinamismo ou sansonismo consiste em "forças musculares superiores não só às da pessoa, mas às humanas. E com referência aos "outros fenômenos deste gênero" Alfano acha que o talento, memória e outras qualidades do inconsciente não explicariam os fatos em que o paciente apresenta "atitudes científicas, filosóficas sobre temas nunca aprendidos". Também seriam certamente demoníacos os "deslocamentos da pessoa a distâncias notáveis, os aportes (penetração da matéria) extraordinários, agilidade excessiva para a compleição do paciente, levitações do corpo muito notáveis, posições de membros nos modos mais estranhos, configurações do rosto deveras animalescas".[13]

Não compreendo como pode haver um sinal certo quando não se determina o limite, onde termina o humano e onde começaria o sobre-humano. Vejo perfeitamente a diferença entre fenômenos

7. F. Claeys-Bouaért, epígrafes "Exorcisme" ou "Exorciste" in *Dictionnaire de Droit Canonique,* tomo V, 1953, pp. 668-671 e 671-678 respectivamente.
8. H. R. Philipeau, epígrafe "Exorcisme" in *Catholicisme,* tomo IV, cols. 941-945.
9. Maquart, *L'Exorciste,* ou *Exorcism...,* op. cit., pp. 328-351.
10. Ad. Tanquerey, tradução de João Ferreira Fontes, *Compêndio de teologia ascética e mística,* 2 tomos, 1ª e 6ª edições, Porto, Porto Médico, 1926s., pp. 736-738, e Porto, Apostolado da Imprensa, 1961. Como as edições e editores são numerosos e trocam a paginação, cito também os números, que são fixos: 1540-1543.
11. Roland Dalbiez, "Marie-Thérèse Noblet" in *Études Carmélitaines,* 1938, outubro, pp. 214-231.
12. Aloísio Wiesinger, *Okkulte Phänomene in Lichte der Theologie,* 2.ª ed., 1952; tradução: *Occult Phaenomena in the light of Theology,* Londres, Burns and Oates, 1957; uso a tradução *fenomeni occulti,* Verona, 1956, p. 293.
13. Alfano, *Lo spiritismo...,* op. cit., pp. 288s.

humanos da Parapsicologia, e os milagres, porque eles são fenômenos extremos, diferenças meridianas. Mas os fenômenos extremos, meridianamente superiores aos parapsicológicos, jamais aconteceram em contexto demoníaco, só em contexto divino. Esse seria o erro do Pe. Alfano: sabe que os sinais do Ritual são fenômenos parapsicológicos. Pressionado pelo preconceito, pensando ser doutrina católica a existência da possessão (discutirei isto na 2ª parte), "supõe" que existem em ambiente demoníaco fenômenos claramente superiores aos outros fenômenos parapsicológicos de todas as épocas e de todos os ambientes e com características claramente humanas.

No capítulo XIII analisarei as "possessões" evangélicas. Agora, tratando dos sinais do Ritual é conveniente frisar um detalhe "curioso".

Não há dúvida de que a crença na possessão demoníaca entrou no mundo cristão devido aos casos descritos nos Evangelhos. A Igreja elaborou os sinais para diagnosticar a possessão. O "curioso" é que os Evangelhos não orientam a escolha dos sinais do Ritual, e os sinais do Ritual não servem para a imensa maioria dos casos evangélicos, talvez não sirvam para nenhum desses casos. Xenoglossia (falar línguas) não aparece em nenhum "endemoninhado" dos Evangelhos. Sansonismo talvez serviria só para o "endemoninhado" de Gergesa. Evidentemente a adivinhação não se aplica aos "endemoninhados" surdos e mudos. De nada servem os sinais para os "endemoninhados" epilépticos ou "lunáticos", cegos (o "endemoninhado" cego pelo poder de Belzebu!), a mulher encurvada, a filha da Cananéia etc. Conclusão: segundo a própria Igreja, os "endemoninhados" dos Evangelhos não cumprem nenhum sinal, não são endemoninhados.

SANSONISMO

Para manter uma certa ordem lógica dentro da Parapsicologia e porque facilita a exposição, inverterei a ordem em que o Ritual Romano apresenta os três sinais.

"Vires supra... naturam". Comecemos pelo sinal "manifestar forças superiores à idade ou condições" da *pessoa* ("vires supra aetatis et conditionis naturam ostendere").

Ou será que a tradução correta da mente da Igreja deveria indicar que a força tem de ser superior à natureza *humana* naquela idade e condições? Talvez possamos estabelecer qual a força "normal" em determinada idade e hábitos de uma pessoa. Mas parece

petitio principii (pressupor o que se trata de averiguar) ou tautologia que tenhamos já preestabelecido que determinada força manifesta por determinada pessoa é superior à natureza. Tal tradução, ou tal explicação do Prof. Alfano (e outros!) seria tanto como dizer: "É endemoninhado quem manifesta força demoníaca; está possuído quem manifesta força de possuído; age sobrenaturalmente quem manifesta força sobrenatural". Ora qual é essa força? Qual é a força demoníaca? Quando a força é sobrenatural?

Do "endemoninhado" (ou dos "endemoninhados") gergeseno, diz o evangelista Marcos: "Ninguém podia dominá-lo, nem mesmo com correntes. Muitas vezes já o haviam prendido com grilhões e algemas, mas ele arrebentava os grilhões e estraçalhava as correntes, ninguém conseguia subjugá-lo" (Mc 5,3s.).

Ter-se-ia que ver quantas vezes simplesmente se desvencilhou. Outras vezes terminou após algum tempo por afrouxar e romper simples *cordas*? Mesmo aceitando que quebrou correntes e grilhões, qual a grossura ou resistência delas? Poderia ser depois de bastante tempo golpeando-as com pedras, contra as rochas... É preciso levar em conta também a insensibilidade que este tipo de doentes pode adquirir. Na expressão bíblica, interessada em ressaltar a ferocidade e força do energúmeno, cabem perfeitamente interpretações bem atenuadas. Seria esse sansonismo sinal de possessão?

Um dos casos mais notáveis na história pós-bíblica foi o dos irmãos Burner, os "endemoninhados de Illfurt". Na sua biografia se afirma que "suas pernas se ligavam uma à outra, como entrelaçadas, e nenhuma força humana conseguia separá-las". [14]

> Eram freqüentemente atormentados pelo fenômeno de sentirem contrair-se-lhes as pernas de modo terrível e depois ligar-se-lhes como por cordas, sem que fosse possível a ninguém desatá-los... Às vezes eram constrangidos a formar um arco com o corpo e com a coluna para dentro e o ventre para fora, e com somente a cabeça e a ponta dos pés apoiados em terra. Nenhuma pressão humana era capaz de recolocá-los na posição normal, enquanto não aprouvesse a Satanás deixar em paz suas pobres vítimas. [15]

Numa oportunidade, o maior dos irmãos "endemoninhados", Teobaldo, de 11 anos, repetiu essa quase brincadeira infantil de inchar o ventre. Seu ventre

> se inflou desmesuradamente e sua respiração se transformou num ofego afanoso e assobiante, e o peito se lhe alçava e abaixava como um fole. O Sr. Werner pega pelos braços o menino, e tenta com todas as suas forças acalmá-lo. Mas não conseguiu, nem com a ajuda de um amigo, ao qual se juntaram, um após outro, três dos presentes. Então o gendarme Werner deixou o seu lugar a um mercador de farinha, um colosso de força extraordinária, e ficou contemplando aqueles cinco homens, curvados sobre o menino e impotentes a reduzi-lo a seu estado normal, ainda que lhe oprimindo fortemente o ventre que seguia inflado. [16]

É manifesto o estilo ponderativo. Claramente exagero.

Mas mesmo supondo tudo real e bem objetivo... Não se trata de dominar dois dedos, ou as mãos, mas os braços e as pernas, muito mais fortes, e que estavam entrelaçadas.

Trata-se de endireitar o corpo arqueado com o conjunto de pares de músculos os mais fortes de todo o corpo e na posição mais adequada.

Trata-se de desentufar a barriga estufada com poderosos músculos. Não é nada fácil vencer nessas condições a uma criança absolutamente normal, se ela se concentrar e fizer força e segurar a respiração. Faça o leitor a experiência. Nessas circunstâncias *algumas* crianças e, melhor ainda, *adultos*, conseguem enrijecer notavelmente a musculatura.

Se até em estado normal pode dar-se aparência de enorme força, que será durante o transe, numa crise de nervos, no paroxismo de um ataque convulsivo, histérico! A um louco em plena crise, sem camisa de força, é dificílimo dominá-lo. Não poderá a situação parapsicológica aproveitar ao máximo as forças musculares e nervosas? É preciso levar em conta o medo dos presentes e o receio de machucar o doente. Só teríamos de pensar em demônios se aqueles senhores não conseguissem desinflar as maçãs do rosto que as crianças inflassem de ar...

Do "endemoninhado" da Cochinchina conta o exorcista, Pe. Delacourt:

> Acompanhavam-no a mãe e alguns parentes, com o catequista do lugar e outros cristãos; e mo apresentaram como possuído pelo demônio, assegurando-me que se requeria toda a força deles para conduzi-lo, e que à medida que se aproximavam da igreja a sua resistência aumentava, e que por fim quando chegaram ao pequeno hospital vizinho da igreja, foram constrangidos a deixá-lo, pois não puderam com todos os esforços fazê-lo passar adiante. [17]

O que tem que ver esse sansonismo com o demônio? A força que pode manifestar um jovem entre 18 e 19 anos, nos mo-

---

14. Sutler, *El diablo*, op. cit., p. 18.
15. Idem, ibidem, pp. 82s.
16. Idem, ibidem, pp. 120s.
17. Calmeil, *De la folie*, op. cit., tomo II, pp. 418-24; carta do missionário de Cochinchina, Pe. Delacourt, ao Dr. Winslow sobre o endemoninhado, em 25-11-1738, de Paris.

mentos de máxima excitação! É praticamente impossível segurar um jovem que esperneia e se debate, quando os que tentam segurá-lo não querem machucá-lo, nem atá-lo, e nem sequer irritá-lo mais. Não obstante, iam vencendo...

Este receio de machucar deve ser tido sempre em conta. É de manifesta importância na análise dos fatos. No caso de Teobaldo, "por temer que lesassem seus órgãos internos, o gendarme Werner exigiu que se deixasse livre a criança; mas esta disse rindo: Mas 'se não sinto nada!' "

É manifesta a contradição: Pretendem fazer-nos aceitar que se tratava de uma força sobre-humana; várias vezes, porém, "o próprio Satanás" declarava "que não podia fazer uso de uma força maior daquela que a idade dos meninos por ele possuídos lhe permitia; mas que se tivesse podido se apossar, como especialmente lhe agradava, de homens adultos e robustos, ninguém haveria podido dominá-lo".[18] Esta declaração, que as testemunhas e biógrafo aceitam refuta que se tratasse de força sobre-humana, "supra aetatis seu conditionis naturam".

Talvez seja conveniente acrescentar que a sugestão pode facilmente levar os músculos a um enrijecimento cataléptico: os músculos poderiam quebrar-se, mas não dobrar.[19] Igualmente experiências sistemáticas demonstram que a sugestão, a concentração, determinado modo de respirar podem fazer com que se aproveite até extremos realmente incríveis as energias musculares e nervosas do homem e a sua resistência à fadiga: pareceria que a força depende mais do cérebro do que dos músculos.[20]

O sansonismo pode aparecer — resumia eu há anos a respeito da "endemoninhada de Benguela" — no hipnotismo, no transe, na histeria, em certas neuroses e psicoses, com absoluta variedade ou total independência de conotações religiosas, em qualquer ambiente, em todas as épocas e em todos os povos. Isso basta para compreender que é um fenômeno humano.[21]

---

18. Sutter, *El diablo*, op. cit., p. 75.
19. Muitos bons manuais de hipnotismo servem. Cf. Anatol Milechnin: *La hipnosis*, Buenos Aires, Hachette, 1961, no índice sistemático o item: "Catalepsia".
20. Cf., entre os pioneiros, J. A. Hadfield, *The Psychology of Power*, Nova Iorque, MacMillan, 1923. E a respeito da respiração e resistência à fadiga, cfr. por exemplo, também entre os pioneiros, K. Platanov, tradução de J. Fuster, *La Palabra como factor fisiológico y terapéutico*, 2.ª ed., Moscovo, *Lenguas Extranjeras* 1958, pp. 127ss.
21. Oscar G.-Quevedo, S.J., "A endemoninhada de Benguela" in *Revista de Parapsicologia do CLAP*, n. 8, p. 20.

Tratando-se de demonologia, o exposto parece suficiente. Dispensa-me de uma mais pormenorizada exposição do hiperdinamismo psicológico e do sansonismo parapsicológico. Nem preciso repetir o que já publicou o CLAP.[22]

Se alguma vez alguma menina levantasse um automóvel com um dedo, ou derrubasse um muro com a mão, teríamos de pensar em força sobre-humana. Mas isto nunca aconteceu. O que Teobaldo, o jovem da Cochinchina e todos os casos reais faziam encaixa perfeitamente numa dimensão humana, no hiperdinamismo psicológico ou no sansonismo parapsicológico.

HIEROGNOSE

Hierognose ou, etimologicamente, conhecimento das coisas sagradas. Distinguir um objeto consagrado ou bento de outro que não o é. A hierognose foi muito usada na época da bruxaria para distinguir "verdadeiros" de falsos possessos. Reagir violentamente perante o crucifixo oculto ou saber distinguir entre água benta e água comum seriam provas de que aquela pessoa estava possuída pelo demônio.

No fim do século XIX, o espiritismo e suas mesas girantes invadiram o mundo. Um sábio sacerdote, doutor em Teologia, em Medicina e Direito, grande autoridade científica na França, vigário-geral do Arcebispado de Paris, Mons. Louis Eugène Marie Bautain, repete o argumento da hierognose. Provavelmente foi o primeiro sacerdote a esgrimir a hierognose contra o espiritismo: as "mesas girantes" eram movidas pelos demônios!

Mons. Bautain descreve:

> Vi mesas girarem sob a aplicação de mão humana, sem nenhum esforço muscular da parte do operador, e mesmo contra a sua vontade firme de abortar as experiências... Ouvi-as falar à sua maneira. Esses fatos se reproduzem todos os dias... Vi, ouvi, toquei, apalpei e me assegurei, por todos os meios possíveis, de que ali não havia nem fraude nem ilusão.

Do fato deduz o sábio sacerdote:

> Ora, há ali fenômenos de pensamento, de inteligência, de razão, de vontade, de liberdade — quando as mesas recusam responder — ... E às causas disso os filósofos sempre chamaram espíritos ou almas... Mas que espíritos?... É indubitável em primeiro lugar que esses espíritos vêem e sabem de coisas que ignoramos

---

22. Cf. José Lorenzatto, "Sansonismo" in *Revista de Parapsicologia* do CLAP, n. 28, pp. 4-8.

e que não podemos ver... Os espíritos em questão percebem, portanto, mais e mais longe que nós...

E o grande argumento para esquecer os espíritos dos próprios participantes da experiência, e recorrer aos demônios, é para Mons. Bautain, a hierognose:

Segundo o que vi e ouvi, respondo com certeza que não se trata de espíritos bons, isto é, ministros da vontade e da palavra de Deus. Basta uma prova para mim, decisiva: eles recusam responder claramente no que se refere a Nosso Senhor Jesus Cristo. Quando se pretende obrigá-los nesse ponto insistindo com palavra imperiosa, as mesas resistem, se insurgem, se agitam, algumas vezes caem e se jogam ao chão escapando das mãos dos que as tocam... Vi esses fatos várias vezes. E um dia vi uma cesta, assim animada torcer-se como uma serpente, e fugir rasteiramente da presença de um livro dos Evangelhos que se lhe aproximava *sem nada dizer.* [23]

Não se fundamenta Mons. Bautain na paracinesia (movimentos de objetos, as mesas neste caso, por contato suficiente das mãos dos participantes — embora esse movimento seja transmitido inconsciente e automaticamente —), nem na telecinesia (movimento de objetos por contato insuficiente, ou sem contato), nem em HIP e PG (qualquer adivinhação de coisas ocultas). O que o convence de estar em presença dos demônios é a hierognose. Seria o demônio porque fica perturbado pelas perguntas que se lhe fazem de Jesus Cristo. Seria o demônio principalmente porque, "como a serpente do paraíso", foge do livro dos Evangelhos, mesmo quando se lhe aproxima ocultamente. Ele soube que lá há um livro e que esse livro era precisamente o Evangelho.

Inicialmente, aparecem neste raciocínio tão freqüente nos seguidores de Mons. Bautain, dois erros:

1. Como não sabem explicar os fatos, já crêem que, por isso, têm de ser do além.

"As causas disso os filósofos sempre chamaram espíritos". Mas poderiam ser os espíritos dos vivos.

"Esses espíritos que vêem e sabem de coisas que ignoramos e que não podemos ver." Nem as conhecemos nem as vemos corporalmente, mas poderíamos conhecê-las extra-sensorial, espiritualmente. Não as conhecemos normalmente, mas as poderíamos conhecer paranormalmente (parapsicologicamente). Não as conhecemos conscientemente, mas as poderíamos conhecer inconscientemente.

23. *Par un ecclésiastique* (sic): *Avis aux chrétiens sur les tables tournantes et parlantes*, Paris, 1853. Que tal eclesiástico é Mons. BAUTAIN o sabemos pelo Marquês Jules Eudes de Mirville, *Questions des esprits*, Paris, 1854-1863, p. 76.

Recorre-se ao sobrenatural por não saber Parapsicologia. E mesmo que a Parapsicologia não soubesse explicar tais fatos, é ilícito o recurso ao sobrenatural.

Para atribuir ao além, não basta não se saber explicar uma coisa. Isso é, simplesmente, prova de desconhecimento. É preciso demonstrar que é do além.

2. Não se fundamentam Mons. Bautain e outros "demonófilos" em quaisquer conhecimentos de coisas ocultas. "Basta-lhe uma prova, que para ele é decisiva": a hierognose. Hoje o famoso teólogo jesuíta alemão, Pe. Rodewyk, pede que se administrem os exorcismos em voz imperceptível. Se o suposto endemoninhado reagir com insultos, blasfêmias e ações semelhantes seria prova de que realmente está posuído pelo demônio. [24] Na realidade se o conhecimento de outras coisas ocultas não constitui prova suficiente, é porque poderia ter explicação natural. Assim destrói-se o valor da hierognose: proceder contra o sagrado poderia simplesmente depender de ter o histérico adivinhado o que se espera dele. Reagir violentamente perante um livro "desconhecido", pode depender simplesmente de ter adivinhado que se tratava dos Evangelhos, ou do Ritual dos Exorcismos.

"Demonófilos" apesar de conhecer Parapsicologia! É manifesta prova de preconceito emotivo o convencimento com que pessoas muito sensatas e sábias atribuem aos demônios singelos casos de adivinhação no campo da hierognose.

Um excelente parapsicólogo, o dominicano Pe. Reginald-Omez, escorrega perante uma singela hierognose.

Numa sessão à qual eu assistia como observador, para ilustrar as pessoas que tinham se deixado arrastar a ela com a esperança de conversar com seus defuntos, pudemos constatar, durante uma predição que interessava a uma delas, um deter-se subitamente com a desaparição imediata do suposto defunto quando eu, sem deixar aparecer nada exteriormente, invoquei a Santíssima Virgem, pondo minha mão sobre a medalha milagrosa que levava escondida sobre o peito, rogando-lhe que desmascarasse o espírito do mal. A médium saiu do transe e declarou em seguida: "Não entendo o que me aconteceu, vi tudo cheio de medalhas e ele foi embora". [25]

Experiências como essa não esclarecem ninguém. E até é maior erro, ou ao menos mais pernicioso, substituir os espíritos dos mortos pelo demônio.

24. Rodewyk, *Die demonische*, op. cit., pp. 68s.
25. Omez, O.P., *Réginald: Peut-on communiquer avec les Morts?*, Paris, Arthème Fayard, 1955, p. 171.

O Pe. Balducci dedica longas páginas do seu livro a defender a realidade dos fenômenos parapsicológicos, e concretamente os de Hiperestesia (HD e HIP) e Percepção Extra-Sensorial (ESP: telepatia e clarividência), e psicometria (quando em presença ou em contato com um objeto se adivinham coisas a ele relacionadas; o objeto é uma espécie de pergunta implícita)... [26] Não obstante, contraditoriamente, inclui a hierognose como prova de possessão demoníaca.

Hoje em Roma. Em maio de 1957, Margherita Serao, então com 33 anos, sofreu a primeira de suas crises. Estava nos últimos dias deprimida e cansada. Entrou em sono profundo (auto-hipnotismo) e dormindo ficou durante dois dias. Quando acordou gritava estentoreamente, se contorcia como uma serpente ferida, espumava pela boca...

Recitava em perfeito italiano (não no seu dialeto habitual) trechos da *Divina Comédia* e dos exorcismos do Ritual Romano. Mas qualquer italiano ouviu recitarem-se trechos da *Divina Comédia*. O inconsciente nada esquece: pantomnésia. Parece inclusive que ter assistido a exorcismos aplicados a outras pessoas foi o detonador para a explicação de sua própria demonopatia.

Os habitantes de Casal di Principe comentavam que Margherita estava possuída pelo demônio. O marido esgrime o crucifixo contra o rosto de Margherita: "Olha, escuta, esta não é tua voz. É a do Diabo. Que este crucifixo mande o Diabo embora". Com isso a crise chegou ao paroxismo. Sacerdotes, curandeiros, médiuns, ocultistas. Tudo inútil.

Os médicos diagnosticaram "crises histero-epilépticas" e recomendaram interná-la num sanatório, mas alguns padres e o povo teimavam em considerá-la "endemoninhada". O motivo principal que impressionou aos próprios médicos foi a hierognose: O vigário da cidade vizinha, Capesenna, pediu ao marido que, em presença de todos, lhe oferecesse duas balas, primeiro uma, depois outra. (O "diabo" gosta muito de balas?) Margherita estava num período de calma. Chupou lentamente uma bala. Mas quando pôs na boca a segunda bala, cuspiu-a imediatamente e entrou em violenta crise: a segunda bala fora molhada em água benta.

Em outra oportunidade, dois jovens, amigos da família, Alfredo Pellegrino e Vicenzo Piccole, foram visitar Margherita. Mas de acordo com o Pe. Vitale, um deles levava bem oculta entre as vestes uma garrafa de água benta da igreja paroquial. Os dois entraram. Cada um por seu turno. Entrou o primeiro; nada aconteceu. Entrou o segundo, com a garrafa oculta, e Margherita gritou, contorceu-se, grave crise.

26. Balducci, *Gli indemoniati*, op. cit., pp. 237-364.

Simples resposta à expectativa das testemunhas. Mas o Pe. Vitale exclamou: "Negar a existência do Diabo é o mesmo que negar a existência de Deus" e após tão disparatada premissa, a conclusão não menos disparada: "Se o Diabo pode saber que havia lá água benta, que ele odeia, Margherita está endemoninhada".

O bispo de Avelsa, D. Antonio Teutonico, autorizou os exorcismos solenes e públicos que foram administrados pelo pároco de Capesenna, Pe. Salvatore Vitale, famoso exorcista procurado de contínuo por multidão de "endemoninhados". Margherita, porém, continua sendo visitada pelo "demônio" a cada dois anos. Há alguns anos a "visita" dura longo tempo.

Margherita só sabe que "todos os anos, durante períodos mais ou menos compridos, fica doente e depois de cada crise, completamente exausta". [27]

Se a expectativa tivesse sido outra, a reação do "demônio" teria sido diferente. Como no caso do Pe. Almignana:

> Uma menina de 13 anos, hipnotizada pela mãe em minha casa, deu provas da maior lucidez. Dizia-nos estar em comunicação com extraterrestres. Assustado — o reconhece — com o que se passava à minha vista, na dúvida que me oprimia de ser ou não o demônio o agente daqueles fenômenos, tomei meu crucifixo e apresentando-o à lúcida, esconjurei-a pelo Santo Nome de Jesus. E sabeis o que fez a sonâmbula? Em vez de repelir a imagem do Crucifixo, tomou-o, levou-o respeitosamente aos lábios e adorou-o, para maior edificação minha e de sua mãe. [28]

Assim nos inteiraríamos com certeza de que em outros planetas Cristo também é conhecido, respeitado e adorado, e que provavelmente também foi crucificado! A reação ao sagrado serviria para diferenciar os demônios dos extraterrestres! Na realidade essa era a reação que se esperava de uma menina que não se julgava possessa pelo demônio, senão por extraterrestres.

HIP

Hiperestesia Indireta do Pensamento. Na Sagrada Escritura há alguns textos cujo significado foi deturpado: mostrariam como verdade de fé que é impossível a adivinhação do pensamento, so-

27. R. Grazziani, "Histórias de Mulheres Endemoninhadas" in "Folha da Tarde", São Paulo, 20-11-1963.
28. Abbé Almignana, in *Le Magnétisme Spiritualiste*, n. 19.

mente Deus poderia conhecer os pensamentos humanos: "O coração é falso como ninguém, ele é incorrigível; quem poderá conhecê-lo? Eu, Iahweh, perscruto o coração, sondo os rins" (Jr 17,9-10). "Quem, pois, dentre os homens conhece o que é o homem, senão o espírito do homem que nele está?" (1Cor 2,11).

É certo, porém, que nem Jeremias nem Paulo tinham intenção de negar a possibilidade da adivinhação parapsicológica. Nem lhes correspondia a eles a tarefa de analisar cientificamente os fatos, nem tinham os conhecimentos de que hoje dispomos no campo da ciência.

Com falsos pressupostos, quando liam na Bíblia as condenações dos adivinhos, a maioria dos Santos Padres e Escritores Eclesiásticos não teve dúvidas: a adivinhação é obra do demônio.

Assim, por exemplo, Cipriano, bispo de Cartago, no século III: "Esses espíritos ocultam-se em quadros e imagens sagradas, inspiram com o seu hálito o peito dos videntes, animam as vísceras dos animais sacrificados, orientam o vôo das aves (usava-se, para adivinhar, a observação das vísceras e o vôo dos pássaros), possibilitam os oráculos, misturam a verdade com a mentira". [29]

A Bíblia condena os adivinhos precisamente porque então se atribuía tal poder natural ao além. É herético, além de vão, que o homem pretenda conseguir um efeito sobrenatural. Mas o fato da adivinhação está aí, nem à Bíblia nem à Igreja cabe a interpretação científica dos fatos. O que se condena é o erro doutrinal, a heresia que acompanha essa prática.

Sto. Tomás e, pelo influxo do Aquinate, a Filosofia e Teologia escolásticas, clássicas, porém, caíram no erro de negar o fato da adivinhação do pensamento. A vontade interna e o pensamento "não podem ser conhecidos nem pelos demônios nem por nenhum outro qualquer, senão pelo próprio Deus". [30]

No Antigo Testamento. A interpretação que sempre deram ao episódio bíblico da pitonisa de Endor ignora completamente a ciência, e em definitivo não foge da heresia que pretendem evitar. A Bíblia narra o fato em 1Sm 28,5-20 (recomendo a leitura neste momento).

Tenho podido constatar, numa exaustiva verificação, que todos os Santos Padres — menos Agostinho e talvez em parte Teodoreto — e praticamente todos os teólogos até o século XVII sustentavam que o episódio tinha sido pelo poder do demônio! Bruxaria, magia. Teria sido o demônio que teria forçado Samuel a apresentar-se! Poder do demônio até sobre os santos do além! (Sto. Tomás mitiga um pouco e supõe que o próprio demônio teria se apresentado como se fosse Samuel).

Vêem os Santos Padres e teólogos que seria herético aceitar que a pitonisa tivesse qualquer poder sobre os mortos. Mas não seria herético também aceitar que a bruxa podia servir-se do demônio?

Nota-se o embaraço de Agostinho perante essa passagem bíblica. Ele pretende resolver o problema com uma elaborada e engenhosa hipótese que se reduziria fundamentalmente ao seguinte: nem poderes demoníacos nem poderes mágicos da pitonisa. Com permissão divina, precisamente naquela ocasião o próprio Samuel teria vindo espontaneamente. A esta teoria se agarram posteriormente os teólogos, depois que Lutero e Calvino demonstraram que não há possibilidade nenhuma de os homens evocarem os mortos.

É certo que não há evocação dos mortos. Nem espontaneamente os mortos podem se comunicar com os vivos. Nem sequer espontaneamente podia Samuel vir do além. Não tem corpo visível. Nem voz nem sequer laringe. Não pode provocar alucinações na pitonisa. Não pode comunicar-lhe nada.

Só há milagres divinos. Mas se "Iahweh não lhe respondeu nem por sonho, nem pelo urim, nem pelos profetas...; se Iahweh se afastou de ti e se tornou teu adversário", não tem cabimento que Deus venha agora a fazer um milagre.

A evocação está repetida e severamente proibida na Bíblia (e nos próprios livros de Samuel e dos Reis, e pelo próprio profeta Samuel quando em vida, e fora condenada pelo próprio Saul). É contraditório que Deus fizesse um milagre para que Samuel pudesse vir precisamente como resposta ou coincidindo com uma evocação.

No livro das Crônicas, condena-se que Saul, não confiando em Deus, acudisse à nigromante (médium espírita, diríamos hoje). A magnitude de tal infidelidade é ensinada pela magnitude do castigo: "Saul pereceu por se ter mostrado infiel para com Iahweh... Interrogara e consultara uma nigromante... Iahweh... o fez perecer e transferiu a realeza para Davi, filho de Jessé" (1Cr 10,13s.). Não tem cabimento que Deus fosse o realizador de tal pecado de evocação de Samuel.

O Eclesiástico (46,20, ou 23 em outras edições) diz de Samuel que "mesmo depois de morrer profetizou, anunciou ao rei seu fim; do seio da terra elevou a sua voz para profetizar". Contra Orígenes, evidentemente trata-se de uma alusão, não de análise científica de como se realizou o episódio da pitonisa de Endor.

29. Cipriano, *De Idolorum Vanitate*, n. 7.
30. Santo Tomás de Aquino, *De Malo, quaestio* 16, a. 8.

Não se afirma se houve realmente uma intervenção do além — do demônio, de Samuel ou de Deus — ou se foi um fenômeno natural.

No início do século XVII, Reginaldo Scoto dá a explicação por truque e simulação da pitonisa. Esta explicação é aceita por muitos teólogos como mais provável. É possível. E até seria um truque fácil. Muita gente sabia que o rei ia consultar uma pitonisa. Muita gente sabia como era Samuel, muita gente sabia o que Samuel dissera em vida a Saul. Não seria nada difícil que a pitonisa soubesse tudo isso de antemão ou não lhe seria nada difícil se inteirar e depois simular toda a cena da evocação. "Saul nada viu, nem a mulher", como resume Scoto.

Intencionalmente preferi não entrar em detalhes e citar bibliografias em toda essa discussão. Minhas afirmações a respeito da comunicação dos mortos, e dos milagres, terão de ser demonstradas em outros livros. As disquisições dos Santos Padres e teólogos são aqui periféricas. Interessa concluir é que a interpretação demoníaca está muito longe de ser unânime, e que, inclusive entre os antigos, encontrou refutadores de prestígio, até chegar-se à explicação por truque.

No fundo de toda essa discussão, é manifesto que está o convencimento em uns de que não podia ser o demônio, em outros de que não podia ser o espírito do morto. E junto a essas verdades no fundo da questão também havia, em todos, um erro: o convencimento de que não podia ser adivinhação natural (parapsicológica).

Mas à luz da Parapsicologia está precisamente aí uma outra explicação. HIP. Hiperestesia Indireta do Pensamento. Adivinhação sensorial do pensamento. Um dos fenômenos mais freqüentes da Parapsicologia. A explicar e demonstrar HIP dedico vários capítulos em *A face oculta da mente.* Na explicação por HIP do caso da pitonisa de Endor, antes da Parapsicologia, ninguém pensou.

A pitonisa não disse nada que não estivesse no pensamento — consciente ou inconsciente — de Saul.

Todos os detalhes do fato encaixam perfeitamente numa explicação por HIP.

A pitonisa inicialmente não estava sabendo de nada. Via simplesmente diante de si um homem angustiado, não sabe que é o rei disfarçado. E tem medo de fazer adivinhações: Saul o proibira severamente.

Mas, animada por aquele homem poderoso, que lá ia acompanhado de dois servidores, tenta a "evocação" de um deus. Os pagãos, as pitonisas, pensavam que evocavam de preferência deuses. Do nome do deus Pitão veio o nome pitonisa. Adivinhação provém de *a divinis*: procedente dos deuses. Na tradução correta do versículo 13 a mulher teria dito: "vejo *um deus (elohim,* no original) que sobe da terra". As pitonisas podiam ver alguma vez alucinatoriamente o deus que o consulente esperava.

Só que desta vez o consulente, Saul, não esperava um deus, mas o profeta Samuel. A pitonisa viu alucinatoriamente o que Saul esperava. Pela descrição, foi Saul, não a pitonisa, quem identificou a imagem de Samuel. "Saul indagou: 'Qual é a sua aparência?' A mulher respondeu: 'É um velho que está subindo, veste um manto'. Então Saul viu que era Samuel. . ." (versículo 14).

Nas palavras que se põem na boca de Samuel, nada se diz que não estivesse na mente de Saul. Samuel só faz repetir o que Iahweh *já "tinha dito* por meu intermédio" (versículo 17). A possibilidade de perder a batalha no dia seguinte e cair nas mãos dos filisteus era precisamente o que causava "grande angústia" a Saul, deduzindo-o das circunstâncias assim como das profecias que Samuel lhe fizera *em vida* com relação a Davi.

Se o episódio da pitonisa de Endor não foi truque, teria sido HIP: Hiperestesia Indireta do Pensamento. Uma ou outra destas duas explicações naturais. Elas descartam plenamente qualquer explicação sobrenatural.

No Novo Testamento. A várias passagens neotestamentárias se aplica perfeitamente a HIP. A exegese tradicional não pensou na Hiperestesia Indireta do Pensamento.

Quando Jesus, com seus discípulos, foi à terra dos gergesenos, veio-lhe ao encontro um endemoninhado — ou dois — que saíra dos esconderijos sepulcrais. E se pôs a gritar: "Que temos a ver contigo, *Filho de Deus?*" (Mt 8,29); prostrou-se ante Cristo e gritou: "Jesus, *Filho de Deus Altíssimo, conjuro-te por Deus,* não me atormentes" (Mc 5,7); *"Sei quem és Tu, o Santo de Deus"* (Lc 8,28).

Um jovem interrompia e berrava na sinagoga de Cafarnaum. Quando Jesus enfrentou os "demônios", eles gritaram: "Jesus Nazareno, vieste para arruinar-nos? *Sei quem tu és: O Santo de Deus"* (Mc 1,24 e Lc 4,34).

Só a exegese por HIP — ou menos ainda, uma vez estendida a fama — encaixa em frases que recolhem outros casos iguais: "Ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios. Não consentia, porém, que os demônios falassem, pois *eles o conheciam"* (Mc 1,34). "Ao pôr-do-sol, todos os que tinham doentes atingidos de males diversos traziam-nos, e ele, impondo as mãos sobre cada um, curava-os. De um grande número também saíam demônios gritando: *Tu és o Filho de Deus* Em

tom ameaçador, porém, ele os proibia de falar, pois *sabiam que era o Messias*" (Lc 4,40s.).

Catharinet — excelente teólogo, mas desconhecedor de Parapsicologia — pergunta: "Como poderiam aqueles neuróticos reconhecer e proclamar o Messias?" Daí, erradamente, deduz que é o Diabo que fala pelo possesso. [31]

Não tem cabimento que o demônio se converta em apóstolo. O menos que se pode esperar de Satanás é que não dê testemunho da divindade de Cristo. Tudo fica compreensível supondo-se uma manifestação de HIP naqueles doentes: simplesmente captaram o pensamento de Jesus. Aliás não corresponde aos conceitos tradicionais que o próprio Diabo jure ou conjure pelo nome de Deus.

Alguns exegetas preferem mitigar a figura de Cristo e exaltar a do demônio. Jesus no começo da sua vida pública não saberia que era o Cristo e Filho de Deus. Inclusive lhe teria sempre acompanhado a dúvida. [32] Esses exegetas porém aceitam o testemunho do pai da mentira a respeito da divindade de Jesus! Saberia o demônio desde o início mais do que Cristo? E não estamos a falar de conhecimento de ciência, senão do conhecimento da doutrina medular e da própria identidade e missão de Jesus.

Parece mais conforme à realidade a exegese inversa. Negar que fosse o demônio quem revelou a messianidade e divindade de Cristo. Era Cristo que sabia e pouco a pouco o foi revelando. Os doentes simplesmente captaram o pensamento de Jesus. O testemunho dos "endemoninhados" não se enquadra na exegese que enaltece o demônio, mas nesta exegese que enaltece Jesus.

Cortés se esforça por nos convencer de que as traduções modernas destes episódios não são corretas. Não deveria ser: Jesus "os proibia de falar, pois sabiam que era o Messias"; ou "o santo de Deus", ou "o Filho de Deus Altíssimo"; não queria Jesus que descobrissem sua missão e identidade divina. Dever-se-ia traduzir: "'Jesus lhes proibia dizer que sabiam quem era" (um rei poderoso), porque na realidade não sabiam, seria uma mentira comprometedora, ele não era rei deste mundo. [33]

31. Catherinet, "Les démoniaques..." in Jésus-Marie, *Satán*, op. cit., da edição espanhola, p. 131.

32. Vincent Taylor, *The person of Christ in New Testament teaching*, Londres, 1958, pp. 172ss.; "The emergence of the divine consciousness of Jesus"; Ch. Duquoc, *Christologie*, Paris, 1968, pp. 52-71: "La tentation messianique", principalmente pp. 66ss.; A. Vogtle, "Réflexions exégétiques sur la psychologie de Jésus" in Karl Rahner, S.J., *Mélanges*, Paris, 1969, pp. 41-110.

33. Cortés, *Proceso*, op. cit., pp. 229-231.

Esta segunda tradução, mesmo que gramaticalmente correta, me parece desnecessária. Surgiu da dificuldade de uma tese ao mesmo tempo antidemoníaca e desconhecedora de Parapsicologia. Parece evidente que a intenção dos evangelistas era destacar a identidade divina de Jesus.

É claro e lógico que nem todos os chamados então endemoninhados, adivinharam. Apesar de os evangelistas não esquecerem nenhum caso em que os "endemoninhados" aclamassem o Cristo. É claro e lógico que outro "endemoninhado", o do país dos gergesenos, aplicasse a Jesus a mesma interpretação de doença que a ele lhe aplicavam, até o ponto de iniciar contra Cristo a fórmula de exorcismo que os judeus usavam geralmente: "Conjuro-te por Deus..." (Mc 6,7).

Traficante e apóstolo. Nos Atos dos Apóstolos, o "demônio" apareceria envolvendo-se em negócio! E dedicar-se-ia insistentemente ao apostolado! Se levarmos em conta a HIP num doente o texto se compreende perfeitamente:

Um dia em que íamos para a oração, veio ao nosso encontro uma jovem escrava que tinha um espírito de adivinhação (no original, espírito de Pitão; a adivinhação, atribuída pelos pagãos ao deus Pitão), ela obtinha para seus amos muito lucro, por meio de oráculos. Começou a seguir-nos, a Paulo e a nós, clamando: "Estes homens são servos do Deus Altíssimo, que vos anunciam o caminho da salvação". Fê-lo durante vários dias (exemplar diabo, apóstolo esclarecido e esforçado!). Por fim, Paulo, aborrecido, voltou-se e disse ao espírito (interpretação dos espíritas e dos primeiros cristãos, tão errada como a dos pagãos): "Eu te ordeno, em nome de Jesus Cristo: sai desta mulher". E o espírito saiu no mesmo instante. Mas os amos, vendo escaparem-se-lhes as esperanças de ganho, agarraram Paulo e Silas, arrastando-os à ágora, diante dos magistrados" (At 16,16-19).

O preconceito se generaliza. Por interpretação errada de certos textos da Bíblia, por falsos argumentos meramente elucubrativos e acientíficos, o certo é que ontem como ainda hoje muitos estão convictos de que a adivinhação do pensamento é obra do demônio. Conhecedores de Teologia, conhecedores de Filosofia... e plenamente ignorantes de Parapsicologia.

Trata-se do "endemoninhado" da Cochinchina e quem escreve é o exorcista, Pe. Delacourt:

Quando lhe ordenei sair, ele burlou de mim dizendo: "Está bem, olha, eu saio" e esputando me disse: "Conta, pois, aquilo, um; e aquilo outro, dois" voltando a esputar e continuando até doze.

Afastando-se, deu quatro passos em direção à porta. Lá aferrou os pés de um cristão com tanta força que este coitado não podia soltar-se e, apertando-o, dizia: "Este aqui é um bom amigo" e, após ter repetido muitas vezes uma afirmação semelhante, diante de todos começou a descrever a vida passada dele, e teria de certo manifestado quanto de mais secreto lhe tinha acontecido, se não lhe tivesse imposto calar. Foi tanto o medo, que os presentes se mandaram todos de lá, e nenhum em diante queria assistir aos exorcismos. Não obstante a grande curiosidade, contentavam-se de ficar às portas e nas janelas, e com dificuldade podia eu encontrar um clérigo (ajudante).[34]

Exame de consciência. Casos semelhantes são muito freqüentes e muito freqüentemente esgrimidos pelos "demonófilos". Absurdamente. Alguns casos poderão ser exagerados por observadores incompetentes. Levemos isso em conta. Mas com referência ao que tenham de realidade, não é lógico que perante um suposto endemoninhado, alguém, por associação de idéias, faça intimamente o próprio exame de consciência? O "endemoninhado" por HIP pode captar dos assistentes seus remorsos de consciência, mas não tem cabimento que seja o próprio Diabo quem assim lhes anime a confessar-se.

Um dia, um oficial de um regimento de Africa, de guarnição em Mulhouse, veio empurrado pela curiosidade a ver os dois irmãos (os "endemoninhados" de Illfurt). Estes, vendo o brilhante oficial, lhe fizeram... um exame de consciência tão preciso, tão detalhado, que o militar ficou estupefato, foi-se e se converteu seriamente.

A mesma coisa se repete para um inspetor da escola de Mulhouse, e para outras duas senhoras da mesma cidade, que foram por curiosidade a Illfurt.

A extravagância do diabo — termina o relatório — fez deles três bons cristãos.

Realmente é muita extravagância que o Diabo se converta em examinador de consciências.

De Clara Germana Cale, a "endemoninhada cafre", de Natal, África do Sul, escreve o exorcista, o monge trapista Erasmo Hoerner:

O diabo que a possuía era freqüentemente muito indiscreto, e revelava, de preferência, as culpas mais secretas ou os pecados das pessoas presentes, indicando o nome, o modo e as circunstâncias de maneira exatíssima... Mas se as pessoas tinham-se confessado bem, a obsessa calava. Revelava porém os pecados calados

34. Calmeil, *De la folie,* op. cit., p. 121.

(se culpavelmente) na confissão. Foi nessa época que muitas pessoas puseram em ordem as suas consciências.[35]

O exorcista acrescenta a respeito de tão criterioso exame de consciência, que era "tanto mais impressionante, quanto tais coisas não podia sabê-las Germana". Mas claro que podia adivinhá-las por HIP, precisamente os pecados que pesavam na consciência das pessoas piedosas. Ninguém se preocupava pelos pecados que já tinham sido perdoados. Se alguém era realmente inescrupuloso, e absolutamente sem fé, desse o diabo não conseguia "pôr em ordem a consciência".[36] Evidentemente porque a pessoa não estava preocupada, e assim é mais difícil a HIP.

Descoberta recente. Não devo expor aqui e demonstrar a existência da HIP. Já o fiz amplamente em outro livro.[37] Em poucas palavras, poderia descrever a HIP assim:

"Todo ato psíquico — neste sentido amplo entendo o termo *pensamento* como os filósofos medievais — determina e é acompanhado de um reflexo fisiológico, e esse reflexo se irradia por todo o corpo e cada uma das suas partes" (lei de Bain). Podemos dizer que pensamos, sentimos, imaginamos com todo o corpo, traindo assim nossas experiências internas por mais secretas que as acreditemos.

Por outra parte, por mínimos que sejam os reflexos corporais que acompanham nossos pensamentos, as pessoas que estão presentes os captam inconscientemente, porque nossos sentidos são de uma sensibilidade superior a de qualquer animal ou aparelho (Hiperestesia Direta). Há também uma espécie de ressonância, de consonância, de contágio psicofísico, de forma que as reações corporais que experimenta a pessoa que pensa, passam em certa medida a todas as pessoas que estão presentes.

Ora bem, se na pessoa que pensa "o ato psíquico e o reflexo físico são dois aspectos de um único fenômeno" (Tassy), inseparáveis, também na pessoa que está presente é inseparável o reflexo psíquico do ato físico com que se contagiou. Se ouvimos conscientemente, entendemos. Ora, se o inconsciente ouve, é claro que entende, pois é sumamente mais inteligente do que o consciente.[38]

35. Erasmo Hoerner, apêndice a Sutter, *El diablo,* op. cit., pp. 178-201.
36. Idem, ibidem, p. 190.
37. Oscar G.-Quevedo, S.J., *A face...,* op. cit., capítulos 5 a 8.
38. Idem, ibidem, capítulo 2: "Talento do inconsciente, um gênio desconhecido".

Podemos dizer que inconscientemente vemos, ouvimos, nos contagiamos, captamos os pensamentos das pessoas que estão presentes. Até uma criança analfabeta ou retardada mental. É fisiologia humana. Isso é a HIP.

Embora a explicação e demonstração da HIP seja recente — fruto das pesquisas do CLAP e não estudada por uma grande parte dos parapsicólogos modernos que limitam seu campo de estudo aos fenômenos extra-sensoriais —, o fenômeno como tal, o fato, já era conhecido de longa data. Entre as mais clássicas realizações ou êxitos (*siddhi*) que na Índia milenar se consideram resultado de poderes maravilhosos (aiçvarya) obtidos pelas técnicas (*asanas*) dos iogues, a mais antiga lista, a do médico Caraka, cita em segundo lugar o conhecimento dos pensamentos *dos interlocutores* (cetaso jnâna).[39]

Argumenta a filosofia escolástica contra a HIP que é impossível captar sensorialmente um pensamento espiritual. Evidente. Mas nem a HIP é isso, nem o pensamento é só espiritual. A própria escolástica afirma que a ação (o pensamento no caso) é do conjunto corpo-alma ("Actiones sunt suppositorum"). Se o pensamento é também sensorial — não há função (pensamento), sem órgão (corpo), como afirma o "slogan" da fisiologia —, nenhuma dificuldade lógica há em que se possa sentir o pensamento indiretamente, isto é, através dos reflexos ou concomitantes fisiológicos. Isso é o que significa Hiperestesia Indireta do Pensamento. Negar a captação indireta do pensamento teria a mesma falta de lógica do que negar que possamos comunicar nossos pensamentos através de palavras e gestos.

Como em outras oportunidades foi o gênio de Agostinho que nos deu uma quase perfeita descrição da HIP: Ele está falando das tentações demoníacas e como pressuposto assenta que "é minha opinião que toda moção do espírito afeta o corpo em alguma medida... Vemos isso bem quando a atividade do nosso espírito se torna forte, por exemplo quando estamos irritados ou tristes ou alegres. Daí podemos conjeturar que acontece algo análogo quando nosso espirito está simplesmente ocupado por qualquer pensamento". Vemos aqui descrita a emissão de sinais acompanhando nossos pensamentos.

Fala a continuação de que os demônios poderiam conhecer nossos pensamentos através desses reflexos "que podem ser constatados por seres dotados de... uma faculdade de percepção aguçada ao mais alto grau".[40] Os demônios "inclusive às vezes podem captar com toda facilidade as disposições dos homens, não somente aquelas formuladas pela palavra, senão também formuladas no pensamento, dado que certos índices se manifestam da intimidade da alma ao exterior por intermédio do corpo".[41]

Também falando dos demônios, Agostinho descreve o contágio psíquico, consonância ou ressonância que tenho apresentado como uma parte do "mecanismo" da HIP. Diz o bispo de Hipona que assim como "pode-se pensar que (há) impressões deixadas no nosso corpo pela atividade de nosso espírito..., pode acontecer também que quando elas são secretamente reveladas ou estimuladas, façam nascer pensamentos e sonhos no nosso espírito".[42]

Tudo isso, aplicado ao homem, seria uma quase perfeita descrição da HIP. Estão expressos os principais fundamentos da adivinhação sensorial.

O Demônio de Sócrates... O imortal filósofo grego do século V a.C., Sócrates, é citado em apoio da interpretação demonológica dos fatos de adivinhação. Como no Oriente, também na Grécia os filósofos, por serem os sábios da época, tinham fama de magos. O povo confundia a sabedoria, que não entendia, com a confusa mentalidade mágica na qual se refugiava de quanto ultrapassava sua compreensão. O historiador Xenofonte (c. 430 a.C. — 355 a.C.), amigo pessoal e discípulo de Sócrates, refere no seu *Memórias de Sócrates*[43] numerosos casos de pessoas que vinham consultar não ao filósofo, senão ao "demônio" que lhe estaria inspirando. O grande biógrafo Plutarco (c. 50 — 125) em seu *Vidas paralelas*[44] recolherá, séculos depois, a tradição de que as respostas de Sócrates — das quais cita muitas a respeito de diversos personagens — seriam em sentido positivo ou negativo, segundo o "demônio" inspirasse e expirasse à direita ou à esquerda. Apuleio (125-180), também séculos mais tarde, chega a afirmar que o "demônio", inspirador de Sócrates, era visto por todos.

39. Caraka, *Çârirastâna*, I, 138.

40. Agostinho, *Epistolae*, 9, 3. Cf. J. P. Migne (ed.), *Patrologia Latina*, 217 vols. e 4 vols. de índice, Paris, 1878-90 ou "Bibliothèque Augustinienne".
41. Agostinho, *De Divinatione Daemonum*, cap. V. Cf. Migne, P. L..., op. cit. ou "Bibliothèque Augustinienne", tomo 9, p. 673.
42. Agostinho, *Epistolae*..., op. cit., ibidem.
43. Xenofonte, *Apo mnemonéumata Sokrátou*.
44. Plutarco, *Bioi Parálleloi*.

. . . **não era demônio.** O genial Platão (427 a.C. — 347 a.C.), porém, deixa bem claro expressa e implicitamente pela apresentação da filosofia de Sócrates — com quem convivera durante 20 anos —, que o "demônio" não era mais que mera simbolização do poder mental.[45] A mesma tese natural defende, com ardor, Máximo de Tiro.[46]

Além da experiência e do talento conscientes de Sócrates, há que ter em conta o talento do inconsciente, bem superior.[47] Algum caso especial se deve à HIP.

ESP ou PG

HIP só serve para explicar casos em que se adivinha o pensamento de pessoas que estão presentes. Mas há muitos e muitos casos em que alguém adivinha idéias, acontecimentos, coisas distantes e futuras. Futuros casuais e livres. Para estes casos, muitos deles historicamente incontestáveis, não vale a explicação por HIP.

Entre outros exemplos, conta-nos Platão[48] que o "demônio" avisara a Sócrates que não permitisse a Charmide ir a Menea. Charmide não obedeceu e sucumbe em Menea. Como poderia Sócrates conhecer tal futuro? Seria mero cálculo e talento? Intuição inconsciente? Não se trata de conhecimento de um futuro realmente casual, realmente livre?

Contra Platão e outros pensadores, o conhecimento do futuro era considerado procedente dos deuses (*a divinis*).

Precognição e Bíblia. A mesma idéia se reflete na Bíblia. Muitos pensam que está revelado no Antigo Testamento que só Deus pode conhecer o futuro. Isaías: "Eu sou Deus e não há outro! Sim, sou Deus e não há quem seja igual a mim. Desde o princípio anunciei o futuro, desde a antigüidade, aquilo que ainda não acontecera" (Is 46,9s.). "Anunciai-nos o que está por vir, mostrai-nos o que há de vir em seguida e saberemos que sois deuses"

45. Platão, *Apologia Sokrátou* principalmente. Cf. *Collected dialoques*, Nova Iorque, Pantheon (Bollingen), 1961.
46. Sobre todo este assunto F. Lelut, *Le Démon de Socrate, spécimen d'une application de la science psychologique à celle de l'Histoire*, Paris, 1836; Nares, *Ensaio sobre o demônio ou a adivinhação de Sócrates*.
47. Oscar G.-Quevedo, S.J., *A face...*, op. cit., cap. 11: "Talento do Inconsciente, um gênio desconhecido".
48. Platão, *Theageto.* Cf. *Collected dialogues*, Nova Iorque, Pantheon (Bollingen), 1961.

(Is 41,23). E o profeta Daniel: "O mistério que o rei procura desvendar, nem os sábios, nem os adivinhos, nem os magos, nem os astrólogos podem dá-lo a conhecer ao rei. Mas um Deus há no céu que revela os mistérios, o que dá a conhecer ao rei Nabucodonosor o que deve acontecer no fim dos dias" (Dn 2,27s.).

Repito, mais uma vez, que não pretende nem corresponde à revelação doutrinal da Bíblia entrar na interpretação científica dos fatos. Na mesma Bíblia se citam astrólogos, feiticeiros, sábios e magos capazes de predizer o futuro. A Bíblia proíbe a interpretação supersticiosa, a magia, pretender com meios naturais obter coisas sobrenaturais. Proíbe inclusive acudir a esses adivinhos em vez de tudo esperar só de Deus. A revelação bíblica não nega que se possa naturalmente conhecer o futuro.

Duas teses contraditórias. Os Santos Padres pensam ser exclusivo de Deus o conhecimento do futuro. Assim Tertuliano,[49] Hilário;[50] João Crisóstomo,[51] Cirilo de Alexandria[52] etc. Nesse tema os Santos Padres e Escritores Eclesiásticos apresentam sua cultura e opiniões filosófico-teológicas particulares. Não transmitem a Revelação doutrinal religiosa.

Hoje muitos teólogos consideram *ao menos como implicitamente definida* a tese assim enunciada: "O conhecimento do futuro casual e livre é exclusivo de Deus". Parece-me porém excessivo tal enunciado e qualificação.

Citam-nos decretos e cânones dos concílios de Trento e Vaticano I. Os concílios dizem que "feitos de Deus. . . milagres e *profecias*. . . são provas exteriores de sua revelação; tais feitos, mostrando luminosamente a onipotência e a *ciência infinita de Deus*, são sinais certíssimos da revelação divina e apropriados a todas as inteligências".

O problema está em estabelecer o limite entre o humano e o divino. Assim como não todo poder de cura extramédica é milagre, assim também há que estabelecer as fronteiras entre a precognição parapsicológica humana e a profecia divina. Há milagres e milagrerias, verdadeiros e falsos milagres, prodígios humanos e divinos, manifestações extraordinárias de forças naturais e poder

49. Tertuliano, Apologética, Cf. Migne, *P. L....*, op. cit., 1.
50. Hilário, *De Trinitate*, c. 9, n. 61. Cf. Migne, *P. L....*, op. cit., 10, 330.
51. João Crisóstomo, *Homilia 19 in Joannem*, n. 2. Cf. J. P. Migne (ed.), *Patrologia Graeca*, 161 vols., Paris, 1857-66; ou *Corpus Christianorum, seu Nova Patrum Collectio*, Turnhout-Paris, 1953ss., tomo 59, p. 122.
52. Cirilo de Alexandria, VI, 1.4, cap. 4. Cf. Migne, *P. G....*, op. cit., tomo 73, p. 631.

divino. Também pode haver precognições parapsicológicas e profecias divinas.

No século XIII, porém, Tomás de Aquino (1225-1274) vai violentar a etimologia substituindo a ação divina (*divinatio*) pela ação dos demônios: "Omnis divinatio ex operatione demonum provenit": "Toda adivinhação procede da ação dos demônios".[53] Refere-se expressamente ao conhecimento dos "futuros contingentes" (casuais ou livres).[54]

Um famoso teólogo, o Pe. Tanquerey, afirma: "Os fenômenos do magnetismo, espiritismo ou hipnotismo, nos quais se revelam coisas ocultas, *distantes e futuras,* são diabólicos".[55]

Como se vê há duas correntes incompatíveis. Se o conhecimento do futuro é exclusivo de Deus, não pode ser diabólico. Ambas as teses contraditórias pretendem fundamentar-se na Bíblia, na Tradição, no Magistério.

A teoria deve ceder. A negação filosófico-teológica da possibilidade da precognição humana é apriorística. Se a precognição é um fato, não se podem negar os fatos por teorias. As teorias devem adaptar-se aos fatos.

A Filosofia que negou a precognição humana inverteu a reta ordem. Corresponde ao cientista estabelecer se de fato há precognição. Acomodando-se a esse fato é que o filósofo poderá pretender averiguar como isso é possível e tirar as conseqüências teóricas do fato. A conseqüência do fato — e a solução da dificuldade filosófica — é a espiritualidade humana. Admitida a precognição, é impossível uma concepção materialista do homem.

O curioso é que mesmo os filósofos e teólogos que, teoricamente, negaram a precognição natural e a atribuíram a Deus ou ao demônio, em outras oportunidades, são forçados pela observação da realidade a admitir a precognição como natural.

Assim, Tomás de Aquino primeiro estabelece repetidas vezes (em conseqüência lógica com a idéia de que a precognição é exclusiva de Deus), que o homem recebe a inspiração profética e nada pode fazer pró nem contra tal inspiração; qualquer esforço ou técnica humana nessa pretensão constituiria magia, herética e inútil. Mas Santo Tomás contraditoriamente endossa, também repetidamente, técnicas humanas de conseguir efeitos tidos como sobrenaturais. (Portanto, não podem ser sobrenaturais tais efeitos). Por exemplo, interpreta que Eliseu se entregava à música para reavivar o espírito de profecia quando notava que este ia decaindo.[56] Isso é tanto como reconhecer que Eliseu tinha — ao menos, *também* — uma faculdade *natural* de precognição.

53. Tomás de Aquino, *Summa Theologiae:* Secunda secundae, quaestio 95, artigo 2.
54. Idem, ibidem, artigo 1.
55. Ad. Tanquerey, *Synopsis Theologiae Dogmaticae,* Solitude d'Issy (Seine), 1943, tomo II, p. 511.

Percepção Extra-Sensorial. Uma das mais claras mostras de juízo imediato, de interpretação antecipada à experiência, de idéia preconcebida, que a experimentação científica houve dolorosamente de derrubar, é a negação filosófico-teológica da precognição humana. Mais amplamente da adivinhação de coisas *distantes,* tanto no tempo como *no espaço.*

Precisamente é esta faculdade a mais fartamente demonstrada.

Provavelmente nenhum povo em nenhuma época deixou de ter seus adivinhos (astrólogos, quiromantes, cartomantes, bruxos, médiuns...). Provavelmente nenhum povo, em nenhuma época, deixou de prestar alguma atenção a certos sonhos que revelavam os mais ocultos e distantes segredos. Alguma época ou cultura não conheceu as mães que "misteriosamente" se inteiram da morte dos seus filhos ausentes, as namoradas que "sentem" o acidente do namorado a quilômetros? Onde há homens, há adivinhação. Não será um fenômeno humano? Nenhum fenômeno certamente sobrenatural é próprio de todos os povos e ambientes.

Entre os *aiçvarya* ou *siddhi,* atribuídos ao iogue, destaca-se o *smrti* ou faculdade do espírito de estar presente a toda a realidade do nosso mundo.[57]

Os pesquisadores ocidentais, principalmente a partir de 1882 pelos préstimos da "Society for Psychical Research" de Londres, e ininterruptamente em numerosos centros universitários, recolheram um cabedal abundantíssimo de casos severamente analisados e criticados, antigos e modernos, que advogam energicamente por uma faculdade espiritual de conhecimento no homem.

Milhares de experiências de laboratório foram realizados, cada dia com mais acurada técnica científica, qualitativas e estatísticas.

Sucessivos congressos internacionais de cientistas analisaram os resultados, de todos os pontos de vista, reconhecendo-se unanimemente que a faculdade PG (Psi-Gamma, Psico-Gnose, conhecimento psíquico ou espiritual), também chamada ESP ("Extra Sensory Perception") é uma verdade completa e exaustivamente demonstrada.

56. Tomás de Aquino, passim, preferentemente em Secunda Secundae.
57. Caraka, *Çârirastâna,* I, 138.

Por PG o inconsciente humano, de todos os homens, conhece diretamente — "in se ipsis" — tudo o que aconteceu no passado (RC = Retrocognição), acontece no presente (SC = Simulcognição) e acontecerá livre e casualmente no futuro (Pcg = Precognição) no nosso globo e numa margem total de, aproximadamente, dois séculos (ou de outra maneira: ao todo cinco gerações) dentro do nosso habitat, a Terra (prazo e ambiente existencial), realidades físicas (PC = Pura Clarividência) e psíquicas (PT = Pura Telepatia), conscientes (AP ou LP = Adivinhação do pensamento ou Leitura do Pensamento) e inconscientes (TIE e ST = Telepatia sobre o Inconsciente Excitado e Sugestão Telepática).[58]

Verifica-se pela análise tanto de experiências de laboratório quantitativas como sobretudo de experiências qualitativas e de casos espontâneos, que precisamente a adivinhação do futuro (Pcg) é de manifestação mais freqüente. Pela emotividade. Mortes trágicas, futuras, de um ser querido são os fatores emotivos que mais facilmente rompem a porta de passagem da faculdade psi-gamma inconsciente ao conhecimento consciente.

"Fiscalização" telepática. Há senhoras que quase habitualmente sabem das situações emotivas dos seus maridos ausentes...

Jonka Dyneis, no momento em que seu marido se encontrava em perigo, num barco de pesca, a 12.000km, entrou em transe, ficou alheia a tudo. Por fim disse: "Se nosso barco já não estiver perdido, vai se perder".

Por tal fato, Jonka Dyneis foi legalmente processada e condenada à morte como bruxa! Escócia, 1616.[59]

Os demônios informam a Clara! Grandes teólogos e autores de prestígio se apóiam nestes casos como prova da possessão demoníaca! Sempre se invoca a respeito de Clara Germana Cele, a "endemoninhada" cafre, um singelo caso parapsicológico:

> O Pe. Erasmo decidiu naquela época ir a Roma, mas ninguém foi posto a par de seu plano, à exceção do Ir. Medardo, que teve a esse respeito o máximo silêncio. Partindo o padre, disseram que se dirigia à estação vizinha de Himmelberg para ouvir, naquele período das Quatro Têmporas, as confissões das freiras. O que realmente fez. De lá, se dirigiu a Durban, e embarcou no vapor que deveria levá-lo à Itália.

58. Oscar G.-Quevedo, *A Face*..., op. cit., capítulos 12 a 26.
59. Henry James Forman, *The story of prophecy,* Nova Iorque, 1936, p. 201.

> Na mesma tarde, a "endemoninhada" disse, rindo, às freiras: "Oh!, idiotas!, vocês acreditam que o padre tenha ido a Himmelberg e que voltará amanhã... Não voltará tão cedo, porque de lá irá a Durban, embarcará num vapor que vai a Europa, e viajará até Roma, sim, a Roma". As freiras ficaram estupefatas, pensaram que era gozação da jovem, mas logo tiveram de convencer-se de que tinha dito a verdade. E durante todo o período da viagem, Germana, como se conhecesse o itinerário, soube sempre dizer com precisão onde se encontrava o padre; em Spira, em Ölenberg, perto de Lutterbach, em Milão, em Roma... O dia, a hora, tudo correspondia exatamente.

E daí? Não bastava ao início a HIP para conhecer os planos do padre e o "grande segredo" do irmão? Não bastava depois a ST (Sugestão Telepática), captando os desejos (*telebulia*) do padre? Para tudo aquilo — e para muito mais — basta PG (ou ESP, na terminologia dos norte-americanos).

Dentro da PG (ou ESP) é freqüente a Telepatia sobre o Inconsciente Excitado (TIE). Essa excitação pode provir da captação inconsciente de outra telepatia: mecanismo "em L" ou "a três". É famoso o caso testemunhado pelo grande filósofo Emmanuel Kant, em que Swedenborg durante um jantar fala sobre o incêndio da fábrica explicitando a mensagem telepática que se dirigia ao industrial anfitrião. São muitos os casos e experiências de TIE em L ou a três.

Constituem um grupo típico: o telepata capta no inconsciente de outra pessoa o que esta só inconscientemente capta em outra terceira. Era a moça, e não Teobaldo, quem captara telepaticamente a desgraça. A moça e não diretamente Teobaldo, dado que era a ela que interessava o fato, era a ela quem se dirigia o pensamento do pai ferido (ST — Sugestão Telepática), ela é que estava envolvida emotivamente no problema. Mas a jovem não sendo doente parapsicológica, a mensagem telepática ficou inconsciente. No inconsciente da jovem foi onde Teobaldo captou a mensagem, TIE em L (mais exatamente HIE em L = Hiperestesia -Indireta do Pensamento — Inconsciente Excitado. a três).[60]

Análise intrínseca. Ninguém demonstrou positivamente que esses casos de adivinhação — nem de qualquer outro tipo — se devessem ao demônio. A interpretação demonológica é negativa: Não sabemos explicar, portanto (!?) é o demônio. Hoje, porém, os fenômenos são perfeitamente explicáveis pela Parapsicologia.

60. Cf. "TIE a Três" in Oscar G.-Quevedo, S.J., *A face*..., op. cit., pp. 323s. (das últimas reimpressões).

"O que se pode explicar naturalmente, não se deve explicar sobrenaturalmente."

Mas além desse argumento incontestável, na própria análise de cada caso particular logo aparecem fatores que não encaixam na interpretação demonológica.

Herança diabólica. Por exemplo. Na ilha de Skye (Hébridas) se conservou durante muitos séculos, até entrado o século XVII, um tal ambiente e condicionamento em numerosas famílias de adivinhos, que as crianças "herdavam" esta tendência e desequilíbrio.

Pelo tipo de transe todos logo poderiam deduzir, antes que o doente começasse a falar, se a profecia seria sobre algo triste ou agradável. O adivinho suava, tremia, gritava, se contorcia e depois proclamava suas visões terríveis; outras vezes pelo contrário sorria, balançava-se alegre e harmoniosamente e anunciava futuras alegrias.

Geralmente a mulher adivinha procurava casar-se com um adivinho, assim era mais seguro que os filhos também fossem adivinhos.

Com a chegada do cristianismo, a herança profética começou a encontrar dificuldades. Os adivinhos começaram a ser combatidos. Eram bruxos! O filho também o será "a menos que seja batizado justo no momento de seu nascimento; se for batizado a tempo, será libertado" da possessão.[61]

Na realidade o demônio não pode ser herdado. Mas hoje é bem conhecida a importância de certos fatores genéticos e do ambiente na formação e inibição das tendências psíquicas. Aquele "exorcismo" batismal não agia sobrenaturalmente sobre o demônio nem sobre as futuras manifestações proféticas da criança, agia natural, sugestivamente, sobre a família e sobre todo o ambiente familiar.

Claramente humano. À interpretação demonológica das adivinhações, podem contrapor-se todos os argumentos acumulados pela Parapsicologia para demonstrar que tanto a HIP como PG são faculdades humanas, dos vivos.

Se a adivinhação tivesse qualquer conotação sobrenatural — espíritos, demônios, fadas etc. — por que a identidade fundamental dos fenômenos e tanta diversidade de interpretações segundo as diversas culturas e épocas? Por que nunca revelaram nada de que algum vivo não tivesse se conscientizado, no nosso globo e

61. John Beaumont, *Treatise of Spirits*, Londres, 1705, p. 87.

no prazo existencial? Por que nada que supere a capacidade humana? Por que falharam todas as inumeráveis tentativas de que algum médium (ou "endemoninhado" etc.) apresentasse a contra-senha deixada secretamente por alguém antes de morrer? Por que todas as análises de identificação provam que a psicologia e fisiologia do "comunicante do além" é na realidade a psicologia e fisiologia do vivo? Por que os comunicantes haveriam de submeter-se rigorosamente às inibições e estímulos dos vivos? Por que se acomodam exatamente a todas as leis e condições da fenomenologia parapsicológica (dos vivos)? Etc. etc.

É necessário deixar toda esta irrefutável argumentação para outro livro em que exporei a falsidade da interpretação espírita. Todos esses argumentos antiespíritos valem exatamente também contra a interpretação demonológica.[62] *

A revelação diabólica. Em algum determinado episódio, a capacidade intelectual do "endemoninhado" poderia impressionar a quem não sabe que a maioria das grandes realizações artísticas, filosóficas, científicas e inventos da humanidade são produtos de elaborações inconscientes. Mas na generalidade dos casos a pobreza intelectual das manifestações prova evidentemente que não procedem do Diabo, tão sábio e inteligente como é aprioristicamente cacarejado.

Esporadicamente o inconsciente de uma criança analfabeta retardada mental pode manifestar um clarão de maior inteligência que o consciente de um grande sábio. Mas geralmente os "espíritos dos mortos são pobres de espírito", como dizia Richet.[63]

São enfadonhos os discursos dos famosos convulsionários do cemitério de S. Medardo. É desesperante a pobreza do conteúdo. Se hoje alguma pessoa culta alude a Port Royal ou irmã Angélica não é para seguir seus ensinamentos ou revelações nem para recomendar as orações sobre os diversos doentes, mas só para admirar a escrita ordenada e regular dos redatores. Não se pode tomar a sério o diário da irmã Angélica Babet, da irmã Brigitte Jacobée, da irmã Sainte-Brigide (em quatorze volumes!), ou do frei Noel. . .[64]

62. Entrementes remeto às gravações de Oscar G.-Quevedo, S.J., (autor) e Maria Luísa Albuquerque ou Georges Makhoul (expositores): "Comunicação com os mortos?", do "Curso de Parapsicologia e Religião" do CLAP.

* O livro "Os mortos se comunicam?" já está pronto e, espero, sairá ainda neste ano (nota do autor em 1989).

63. Realmente fascinante o talento do inconsciente. Cf. Oscar G.-Quevedo, S.J., *A face*.., op. cit., capítulo 11.

64. A melhor fonte bibliográfica me parece o livro em três brochuras do médico Hecquet — dedicou 10 anos às suas lembranças

Temos de estar com o Dr. Surbled quando escreve, após ter analisado as comunicações espíritas e demoníacas: "Volumes não bastariam para encerrar sua verbosidade ociosa, que acusa sua origem natural, os demônios não seriam tão bestas". E páginas mais adiante: "Em resumo, acreditamos que as conversas com os espíritos do além-túmulo são ociosas, não têm a menor razão de ser, a mais ligeira justificação. E é ainda mais imprudente o recurso a que o diabo poderia ocasionalmente se servir disso para nos mistificar e nos iludir". [65]

XENOGLOSSIA

"Ignota lingua loqui..." "Falar línguas desconhecidas...". É o terceiro sinal de possessão, o primeiro na enumeração do Ritual.

Este fenômeno da xenoglossia, sem fraude e com certa desenvoltura, é bastante raro entre os casos apresentados como demonológicos. É típico que o demônio não saiba línguas estrangeiras!

No famoso caso de Anneliese Michell, por exemplo, o exorcista, Pe. Arnold Renz, aproveitando que passara quinze anos em missões na China, teve a idéia de falar em chinês com o Diabo. Sem sucesso. "Se queres falar comigo — respondia sempre Anneliese —, fala alemão". [66] (Seria contraditório também que o Diabo não foi capaz de manter diálogo sobre temas teológicos que superavam os conhecimentos de Anneliese).

"... vel loquentem inteligere". "Ou entender a quem fala". Alcançou o máximo de fama em xenoglossia, das atribuídas ao demônio, o caso de Germana Cele, a "endemoninhada" cafre. Segundo as testemunhas, "entendia todas as línguas em que era interrogada". Não falava nenhuma outra língua diferente da sua, só as entendia, se excetuamos que "no curso dos exorcismos ela recitava em latim algumas das fórmulas, frases inteiras. Se (o exorcista) errava, ela o corrigia e o punha em ridículo". [67]

Os casos nos quais o doente não fala, somente entende uma língua estrangeira são classificados como xenoglossia *impropriamente dita*. Acrescentam alguma coisa à HIP? Em último termo, acrescentam alguma coisa à PG? Não basta a adivinhação do pensamento?

Por quê? O Ritual Romano simplesmente apresenta os sinais de possessão. Não prova por que são sinais. O célebre Pe. Moigno, conceituado sábio da França de meados do século passado, falando das "mesas girantes" pretende provar o porquê este sinal do Ritual Romano, a xenoglossia, é prova de intervenção demoníaca.

"Desta vez — escreve o Pe. Moigno analisando as experiências do Dr. Vauquelin —, o caso é por demais extraordinário, e definitivamente cai em plena magia. É chegado o momento de ir dizê-lo a Roma."

Por quê? "Porque se pode admitir que a mesa responda ao pensamento de alguém que lhe impõe as mãos. É psicológica e fisicamente explicável. A mesa então não passa de instrumento puramente passivo. Mesmo que a pessoa não tenha consciência disso, é certamente ela que emite tanto a pergunta como a resposta". Até aqui está perfeitamente correto o Pe. Moigno.

Em continuação, porém, começa o clássico erro de raciocínio:

> Se, como dizia Arago, a mesa sobre a qual uma pessoa impõe as mãos, *interrogada numa língua que esta pessoa ignora*, dá por meio de um número exato de pancadas, resposta à pergunta que se lhe faz, neste caso não se trataria nem de magnetismo, nem de eletricidade, nem de influência da vontade sobre a matéria. Admite, então, a possibilidade e mesmo a verdade da magia e da intervenção dos espíritos? me dirão. Sim, forçosamente, sim... se admitis que a mesa responde a *perguntas que lhe fazeis numa língua qualquer, ignorada daquele que toca o móvel;* se admitis... que uma pessoa adormecida (em transe, em hipnose) vos *diga a primeira ou a última palavra de tal página do livro hebreu, persa, sânscrito, chinês,* guardado em vosso bolso; se admitis que esse mesmo sonâmbulo (hipnotizado) *sabe, compreende, fala línguas que ele jamais aprendeu.*

O Pe. Moigno fala em teoria. Adota a mesma posição que neste livro adotamos contra os céticos dos fenômenos parapsicológicos: Se existissem esses fatos...:

---

de Port-Royal —, onde a respeito das mensagens e discursos dos "endemoninhados" originados no túmulo do diácono Paris se encontrarão dispersos numerosos dados e análises críticas: Philippe Hecquet, *La cause des convulsions finie, Le naturalisme des convulsions démonstré par la physique, par l'histoire naturelle et par les événements de cette ouvre et démonstrant l'impossibilité du Divin qu'on lui atribue dans une lettre sur les secours meurtries. Le mélange dans les convulsions confundu par le naturalisme*, Soleure, Andréas Gymnicus, 1733.

65. SURBLED, *Spirites et médiums. Choses de l'autre monde*, 2ª ed., Paris, Charles Amat, 1901, pp. 34 a 40.

66. "A morte..." in *Veja...*, op. cit.

67. Sutter, *El diablo...*, op. cit., p. 186.

Se não fostes ludibriado, se os fatos extraordinários que nos afirmais são verdadeiros, estamos então com a verdade: a intervenção dos espíritos e a magia são então tristes, mas grandes realidades... As inteligências que rejeitassem essa dedução do bom senso seriam inteligências anormais, e discutir com elas seria o mesmo que fazê-lo com verdadeiros loucos.[68]

O Pe. Moigno não prova que a xenoglossia se deva ao demônio (ou aos espíritos). Ele não prova que adivinhar o pensamento, que a HIP e PG sejam coisas do demônio. Dá por suposto que estas faculdades — de atuação tão freqüente! — não existem no homem; se existisse qualquer adivinhação, seria coisa do demônio.

Por quê? Simplesmente porque não sabe. Sabe explicar os movimentos da mesa, portanto não são do demônio. Sabe que a mesa geralmente — é típico — gira por efeito de movimentos inconscientes das pessoas que nelas põem as mãos. Por que não admitir, então, que os tais movimentos inconscientes correspondem a pensamentos também inconscientes?

Por que não pode responder a perguntas formuladas em línguas estrangeiras, se basta que se mexa correspondendo ao pensamento de quem falou em outra língua?

Sabemos hoje que se pode adivinhar qual a palavra que está escrita em um livro. Por que não se pode adivinhar outra palavra escrita em língua estrangeira?

Pode-se escrever uma frase adivinhando-a. Por que não se pode escrever, ou falar, uma frase em língua estranha?

"Nescio loqui latine" ("não sei falar em latim"), dizia em latim o "demônio" na Cochinchina com grande pasmo do Pe. Delacourt.[69] O demônio não sabe falar latim? Por que então atribuir-lhe esta xenoglossia? Se o sensitivo houvesse de captar alguma frase na mente do Pe. Delacourt, provavelmente a frase que haveria de captar, naquelas circunstâncias, seria precisamente essa frase feita. Essa é a frase que conhece quem — entre gente que sabe latim — não sabe mais latim do que dizer que não sabe. Qualquer analfabeto, hoje, sabe uma frase equivalente em inglês: "I don't speak English".

68. Abbé Moigno, comentários a respeito do relatório da "Academie des Sciences", na sessão de 23 de maio, na revista *Cosmos*, de 29-5-1853.

69. Calmeil, *De la folie*..., op. cit., tomo II, pp. 420s. (carta do missionário..., pp. 418-424).

"Pluribus verbis". Mas o Ritual Romano não apresenta como sinal de possessão simplesmente dizer uma ou duas ou poucas palavras em língua desconhecida. Expressamente diz "com bastantes palavras".

Parece claro, embora nem sempre os "demonófilos" o compreendam assim, que não se trataria de uma algaravia de sons quaisquer, ditos ao acaso. Freqüente.

Nem sequer de uma língua que, apesar de ter gramática, sintaxe, combinação especial de caracteres, letras predominantes, enfim, uma língua perfeita, fosse inventada. Essa língua criada pelo inconsciente do doente, é sinal — e argumento — unicamente do maravilhoso talento do inconsciente. O caso de Helena Smith, com suas línguas perfeitas, elaboradas a partir do francês, é provavelmente o caso mais maravilhoso entre os que têm sido bem estudados.[70]

Apesar de ser "com muitas palavras", seria absurdo dar qualquer significado sobrenaturalístico ao simples repetir, mesmo que seja capítulos inteiros em língua estranha. O que teria isso de misterioso para quem saiba que o inconsciente não esquece nada? Quem nunca ouviu longos e longos parágrafos em língua estranha, na TV, no cinema, no rádio, na rua...?

Alfredo, o mais velho dos irmãos Pansini, de sete anos, "depois de haver assistido várias vezes a sessões espíritas, caiu em profunda sonolência. Repetiu-se mais vezes. Neste estado falava com voz insólita (ecolalia, em Parapsicologia e Psiquiatria) como um grande tagarela, em grego, latim e francês e recitando muito bem alguns cantos da Divina Comédia".[71] Nada acrescentam esses casos à mais descarnada pantomnésia (= memória de tudo. Assim é a memória do inconsciente).

Como não lhe escapa que não se deveria dar importância ao fato de simplesmente repetir como o faria um gravador frases aprendidas de cor — isto é muito freqüente —, o Pe. Balducci interpreta o "pluribus verbis" no sentido de uma xenoglossia *inteligente* ou propriamente dita:

A xenoglossia consiste em falar ou escrever em uma língua existente, presente ou passada, mas de todo desconhecida ao paciente. Trata-se, pois, de manter uma conversação, de pronunciar ou escrever frases que tenham um nexo lógico com quanto se pergunta, com

70. Cf. Oscar G.-Quevedo, S.J., *A face*..., op. cit., cap. XI, subtítulos: "Uma viagem a Marte", "Desvenda-se o mistério" e "O desenvolvimento da médium", pp. 146-151.

71. G. Antonelli, *Lo spiritismo e I fenomeni medianici*, Roma, Pustet, 1907, p. 172, nota 1; Alfano, *Lo Spiritismo*..., op. cit., pp. 274s.

a conversação que se está desenvolvendo, e isto em uma língua completamente ignorada, mas verdadeira.[72]

A xenoglossia, assim entendida, seria o sinal mais importante do Ritual: "A xenoglossia em si considerada, parece de origem preternatural (demoníaca). Entre os diversos fenômenos que examinaremos é este o único para o qual retemos que se pode suster uma semelhante afirmação".

Por quê? Poucas linhas mais adiante Balducci se atreve a dizer que o argumento por ele apresentado "dá um valor absoluto" (!!) à sua afirmação "de que a xenoglossia se deve ao demônio". Balducci vai procurar o argumento no espírita Bozzano — que o esgrime contra o grande parapsicólogo René Sudre —:

> Para compreender uma língua, não é necessário que o médium a conheça, porque lhe basta perceber o pensamento do consulente. Não assim quando se trata de falar uma língua. *Neste caso é taxativamente necessário que o médium conheça a língua. A clarividência é impotente para fazê-la conhecer, a tal impotência deriva do fato de que a estrutura orgânica de uma língua é pura abstração e, em conseqüência, não se pode ver nem perceber no cérebro de outrem.*[73]

Para Bozzano, a xenoglossia seria a grande e única verdadeira prova para aceitar a comunicação dos mortos com os vivos: "Graças ao fenômeno da xenoglossia, se deve considerar como demonstrada a intervenção, nas experiências mediúnicas, de entidades espirituais estranhas aos médiuns e aos assistentes".[74]

O argumento apresentado por Bozzano fez que Balducci aceitasse a interpretação demonológica. O mesmo argumento, já antes, tinha deixado sem resposta especialistas tão capacitados como o Pe. Tonquédec, sem que por isso aceitasse a intervenção diabólica: "O princípio por ele (Bozzano) colocado nos parece incontestável. E ei-nos aqui de novo, em virtude desse princípio, mergulhados no mistério".[75]

72. Balducci, *Gli indemoniati...*, op. cit., p. 323.
73. Ernesto Bozzano, *Per la difesa dello spiritismo. A proposito della "Introduction à la Métapsychique Humaine" di Renê Sudré*, Nápoles, 1927, p. 96; tradução de Araújo Franco, *A propósito da Introdução à Metapsíquica Humana. Refutação do livro de René Sudré*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d. (1960), p. 107.
74. Ernesto Bozzano, *Medianità poliglota. Xenoglosia*. Milão, 1933; uso a tradução de Guillón Ribeiro, *Xenoglossia. Mediunidade poliglota*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1949, p. 8. Cf. pp. 15, 17, 64 etc.
75. Joseph de Tonquédec, S.J., *Merveilleux métapsychique et miracle chrétien*, Paris, P. Lethielleux, 1955, p. 83.

É que naquela época os estudos de Parapsicologia eram ainda incipientes demais. Mas como muito bem sugeria Lombart — e repito mais uma vez —, desconhecimento da explicação natural não é prova de sobrenaturalidade: são fatos "cuja explicação ultrapassa nossos conhecimentos atuais (até 1907) ou nossos meios de informação".[76]

Os mesmos Bozzano e Balducci se contradizem. Primeiro admitem que *"nos livros ou no cérebro de outrem* poder-se-ão, quando muito, *ler frases em língua estranha*, mas não entendendo o seu significado coisa que pressupõe o conhecimento abstrato da língua".[77] Concedem também que *"para compreender uma língua* não é necessário que o médium a conheça, porque *lhe basta perceber o pensamento do consulente"*.[78] Ora, se quando o "endemoninhado" *ouve* uma frase em língua estranha pode *entendê-la na mente do interlocutor*, por que não poderia *entender na mesma mente do interlocutor* a frase que nela *captou*? Por que só se pode entender o ouvido e não o captado? Capta o *pensamento* e a frase com que o formula, capta a frase e o *pensamento* que a acompanha...

Hoje, contra o moderno Balducci, a ciência concede razão a Dalbiez, que escrevia:

> Se como acontece a maioria das vezes um membro do auditório ou o interrogante conhece a língua em questão, a xenoglossia não é demonstrável (como demoníaca), porque se pode supor que eles elaboram inconscientemente a resposta e que o paciente então se apodera dela através da leitura do pensamento. Pela mesma razão, o fato de compreender uma ordem ou uma pergunta em língua desconhecida ao paciente, mas conhecida pelo experimentador, não é probatório: pode ainda tratar-se de simples leitura do pensamento.[79]

Além do mais, que necessidade há de entender a frase para poder usá-la? Balducci e Bozzano concedem que o sensitivo *pode captar frases na mente do interlocutor*. Pois bem, quando o interlocutor faz uma pergunta, é evidente que no próprio cérebro se associa ao menos no inconsciente, automaticamente, uma frase-resposta adequada. O sensitivo pode captar, e pronunciar automaticamente, mesmo que nada entendesse, essa frase-resposta.

A resposta será de acordo com as circunstâncias. Xenoglossia inteligente não significa que *quem fala* entenda, senão que *aquilo*

76. Émile Lombart in *Annales de Psychologie*, de Genebra, 1907. julho, p. 49.
77. Balducci, *Gli indemoniati...*, op. cit., p. 325.
78. Bozzano, *Medianitá...*, "Xenoglossia...", op. cit., p. 96.
79. Dalbiez, *Marie-Thérèse...*, op. cit., tomo II, p. 230.

que se fala está de acordo com a conversa. Assim se pode explicar, por exemplo, o caso de Laura Edmonds, que manteve uma conversa em grego com o Sr. Evangelides. Na base de captar no Sr. Evangelides as respostas que seu próprio inconsciente dava às perguntas que dirigia a Laura. Laura nada entendeu do que disse. [80]

Quem fala, aliás, geralmente não entende, está em transe, em estado de inconsciência, não lembra nada do que disse ou aconteceu durante o transe, freqüentemente é um retardado mental... Foram famosas as experiências realizadas com os meninos Hilga, Ludovico, Bo etc. que liam sem livro e falavam em qualquer língua em que lessem ou pensassem as pessoas que estavam presentes. Xenoglossia perfeitamente inteligente. Até discutindo com sábios. E os meninos eram analfabetos e retardados mentais. [81]

Lamentavelmente o erro de Bozzano arrasta também Dalbiez:

> O único caso probatório é aquele em que o paciente elabora, numa língua desconhecida dele e dos presentes, uma série de respostas inteligentes e consoantes com a conversação, que precisarão depois da tradução de um experto. Em tal caso, fica excluído o simples conhecimento à distância de objetos físicos ou psíquicos; as respostas não podem ser lidas em nenhum livro ou mente, porque não existem absolutamente. [82]

Errado. Não é preciso toda essa "estrutura orgânica" para que se possa ou não falar uma língua. O consciente pode aprender uma língua? Parte dela? Algumas frases? Muito melhor o inconsciente. Dou aqui por conhecidas as facilidades de conhecimento parapsicológico que explico e demonstro em *A face oculta da mente*. O inconsciente é sumamente mais inteligente, não esquece nada, e tem muito mais alcance no seu conhecimento. Com a pantomnésia, talento do inconsciente, e as faculdades HIP e PG, a xenoglossia se faz compreensível.

A atual pesquisa parapsicológica possui casos como o de Iris-Lúcia em que, após uma crise, esquece a língua natal e passa a falar uma língua desconhecida. Laboriosas pesquisas demonstraram que era uma língua que em criança tinha ouvido muito, e *só o inconsciente* a aprendera. [83]

---

80. Oscar G.-Quevedo, S.J., *A face*..., op. cit., pp. 126-128.
81. Idem, ibidem, capítulo 8, subtítulo "Crianças prodigiosas", pp. 84-89.
82. Dalbiez, *Marie-Thérèse*..., op. cit., tomo II, p. 230.
83. Oscar G.-Quevedo, *A face*..., op. cit., subtítulos "Xenoglossia só do inconsciente" e "Um caso extraordinário", pp. 132-136 (após a 6ª edição).

Em outro livro, [84] expus e expliquei amplamente a xenoglossia — aliás relativamente freqüente.

Os casos que costumam apresentar os "demonófilos" são imensamente inferiores aos recolhidos e explicados pela moderna Parapsicologia.

Nos "endemoninhados" de Illfurt, apesar de ser um dos casos mais famosos da demonologia inclusive sob o aspecto de xenoglossia, a história se reduz a frases excessivamente gerais, que não podem ser consideradas de especial valor, sem casos concretos que possam corroborá-las e em contradição com o único caso um tanto mais concreto que se publicou. Afirma-se que os meninos "falavam corretamente as línguas mais díspares; respondiam sem hesitar em francês, em latim, em inglês e compreendiam os dialetos da França e da Espanha". [85] De Teobaldo se afirmava que "se queria, falava perfeitamente todas as línguas, sem o menor erro; e freqüentemente falava o dia inteiro no mais puro francês que se possa encontrar". [86]

Não teríamos inconveniente em aceitar ao pé da letra a realidade de tais afirmações. É claro que ninguém pode falar todas as línguas. Não ultrapassaria as possibilidades parapsicológicas que os "endemoninhados" falassem qualquer língua que algum dos presentes conhecesse ou que alguma vez eles próprios tivessem ouvido. Mas o estilo entusiasta e empolgado, exagerado, é manifesto. Estranha que se fosse o demônio, só entendesse, mas não falasse os dialetos da França e da Espanha. "Se queria" se diz: assim resolve-se com excessiva facilidade que o "demônio" não conseguisse falar aqueles dialetos, ou os complicados latim e grego... Afirmou-se que "respondia sem hesitar... em latim", mas com respeito a esta língua expressamente em outra oportunidade se reconhece que tinha maior dificuldade: "Entretinha-se de bom grado com os que vinham a seu encontro, respondendo em ótimo francês; ou em latim, mas não tomava a iniciativa nesta língua". [87]

O fato da clara preferência pelo francês, precisamente sendo tantos os visitantes franceses, já está indicando a origem natural do fenômeno.

E quando se cita um caso concreto, o exagero das ponderativas frases lançadas anteriormente fica manifesto: um dia dois estudantes "lhes dirigiam algumas perguntas em um dialeto que se parecia muito ao espanhol, e do qual o senhor Tresch não en-

---

84. Idem, ibidem, capítulo 10: "Xenoglossia. O inconsciente, a melhor escola de línguas".
85. Sutter, *El diablo*..., op. cit., p. 22.
86. Idem, ibidem, p. 26.
87. Idem, ibidem, pp. 139s.

tendia nada. Os meninos (os demônios!) responderam em francês, mas perfeitamente de acordo. Tendo eles, de novo, perguntado se sabiam donde vinham e aonde se dirigiam, responderam em alemão" (a língua natal).[88]

Isto é, frases elogiosas a respeito da xenoglossia dos "endemoninhados" de Illfurt, mas ao concretizar demonstra-se que é pouca coisa. Tudo encaixa em pantomnésia e em HIP. Compreende-se que os meninos tivessem mais facilidade nas línguas mais ouvidas. Não se compreende se a origem da xenoglossia fosse o demônio.

No outro grande caso esgrimido pelos "demonófilos", as "endemoninhadas" de Loudun, percebe-se que após tantos séculos de coexistência com os humanos, o demônio ainda não conseguiu dominar o arrevesado latim: em novembro de 1612, o exorcista, diante do Sr. Cerisay, mostra a Sagrada Hóstia aos demônios Asmodeu, Leviatã, Balaam, Behemoht e Isacaaron, pelos quais a Madre Jeanne des Anges pensava estar possuída, e pergunta a qualquer deles: "Quem adoras?" A "endemoninhada" responde: "Jesus Christus" em vez de "Jesum Christum", pelo que um dos presentes ironizou: "O diabo não é exato". Então o exorcista modifica a pergunta para que a resposta do diabo pudesse encaixar em exata declinação: "Quis est iste quem adoras", mas a coitada da freira (o demônio) nem adivinhou a boa intenção do exorcista, e repetiu outra declinação tantas vezes ouvida, mas aqui errando de novo: "Jesu Christe". Desta vez o Prof. Lhermitte tem de concluir: "Entre os demônios reunidos, não havia nem sequer um pobre latinista".[89]

Por isso, Huxley, que apresenta várias explicações da xenoglossia, duvida que algum suposto endemoninhado tenha apresentado uma xenoglossia um tanto mais aceitável, o mínimo que seria de esperar se fosse o demônio o interlocutor:

Nos casos nos quais as pessoas em estado de transe mostraram um conhecimento inequívoco de alguma língua da qual eram desconhecedores no consciente, geralmente a pesquisa tem mostrado o fato de que tinham falado aquela língua na infância ou que a tinham ouvido falar e, sem compreender o significado das palavras, tinham se familiarizado no inconsciente com os seus sons... Parece questionável se algum suposto endemoninhado passou realmente na prova da linguagem (xenoglóssica) de uma maneira completamente inambígua e definitiva".[90]

88. Idem, ibidem, p. 46.
89. Lhermitte, *Les pseudo-possessions...*, op. cit., p. 165.
90. Huxley, *The Devils...*, op. cit., 1952, p. 178; ou 1971, pp. 194s.

Recentemente, alguns teólogos "demonófilos" com conhecimentos de Parapsicologia arquitetaram um meio que lhes parece engenhoso para evitar a HIP nas respostas e assim poder determinar se a xenoglossia é mesmo demoníaca. Aradi, inspirando-se em Tonquédec, Thourston, Bruno de Jésu-Marie, e muitos outros, recomenda:

Por isso é importante que o exorcista e seus assistentes falem com o paciente durante o inquérito em uma língua que não compreendem. As respostas (do paciente, que podem ser gravadas) são traduzidas depois do interrogatório. Essas perguntas, cuidadosamente preparadas por outra pessoa (que lhe deve ficar ausente), são lidas para o paciente. A razão desta precaução é que, se conhecer a significação do que pergunta, o exorcista formulará a resposta em seu subconsciente, e por telepatia (seria melhor dizer HIP; à telepatia nada importa à distância), essa mesma resposta será percebida pelo paciente e devolvida ao inquiridor".[91]

Reconhecemos que esta estratégia pode ajudar um pouco. A resposta em língua estranha fica um pouco dificultada. Só dificultada, não impossibilitada. Quando surgir a resposta xenoglóssica, o que é bem possível, o estratagema servirá apenas para enganar mais profundamente ao exorcista. A resposta pode ser captada telepaticamente à distância pelo "endemoninhado" na pessoa que formulou a pergunta. HIP é mais freqüente do que PG (a telepatia é uma divisão de PG). Mas PG também existe...

E há outras possibilidades. O próprio Aradi alude a algumas de tantas outras possibilidades:

O emprego de uma lingua desconhecida não significa necessariamente que o paciente saiba falá-la. Em tal caso, poderia ser criptomnesia (memória do inconsciente não reconhecida como tal pelo consciente), reaparecimento de recordação lingüística perdida (pantomnésia).

Poderia também significar que os ancestrais do paciente conheciam a língua que reaparece nele.[92]

Esta última hipótese está longe de ser comprovada, mas não é absurda e tem certos indícios a seu favor: sempre será mais lógica como hipótese do que a hipótese demoníaca.

Conhecemos os limites da capacidade do inconsciente? Como hipótese sempre seria mais lógico admitir que com PG e HIP, somados à Pantomnésia e Talento do Inconsciente, possa ser aprendida inconscientemente uma língua e que alguma vez se possa ma-

91. Aradi, *O livro...*, op. cit., p. 76.
92. Idem, ibidem, pp. 75s.

nifestar alguma coisa. Do ponto de vista da Parapsicologia é inegável que tudo o que o consciente pode fazer, o pode também o inconsciente, e muito mais!

Os casos de xenoglossia surgidos em ambiente demonológico dado que à luz dos conhecimentos atuais ao menos se vislumbra uma explicação natural, servem para ampliar os limites que se devem atribuir à capacidade humana.

"ET ID GENUS ALIA"

"E outros (fenômenos) desta espécie" parapsicológica. Não tenho tratado fenômenos de conhecimento que, mesmo existindo, não costumam ser diretamente esgrimidos pelos "demonófilos". Como as diversas técnicas ou mancias — enquanto tais — da adivinhação: psicografia, radiestesia, cristolomancia (como a bola de cristal) etc.

Na psicografia, por exemplo, o mistério estaria na adivinhação, no talento do inconsciente, na pantomnésia, na xenoglossia, isto é, *no que se escreve*, não no *modo como se escreve*. O *que se escreve* já expliquei. Como se escreve explica-se facilmente pela psicologia clássica.

O inconsciente de Chico Xavier foi armazenando por pantomnésia durante muitos e muitos anos o estilo do que lia de autores brasileiros.

Além da xenoglossia... Chico Xavier esteve quatro vezes nos Estados Unidos, e durante mais de um ano estiveram dois espíritas norte-americanos em Uberaba ensinando-lhe inglês. Assim é mais compreensível que tenha podido escrever algumas linhas em inglês.

Pouco importa que escreva muito depressa, de trás para frente, ou em espelho... Esses adornos não chegam a enquadrar-se no talento do inconsciente parapsicológico. São típicos nas manifestações comuns e psicológicas do subconsciente. Conscientemente não há talento no mundo que saiba e reflexamente execute cada movimento dos lábios, onde deve pôr-se a língua..., mas automaticamente qualquer um mexe lábios e língua com toda velocidade e precisão quando fala. O mesmo a datilógrafa treinada. O pianista. Ou quando corremos...

Luis Gaspareto estudou pintura. Interessou-se pelos grandes pintores. Nem sequer é uma adivinhação, mas imitação do que todo o mundo conhece. Tendo-se em conta as faculdades do inconsciente parapsicológico, pouco importa que Gaspareto desenhe depressa, ou com os pés, para imitar mediocremente os mais famosos pintores. Automatismo psicológico.

Capítulo VI

A LUZ DA PARAPSICOLOGIA EFEITOS MISTOS

FEITIÇO

Dos três sinais concretos apresentados pelo Ritual, dois são fenômenos parapsicológicos de *efeitos psíquicos,* de conhecimento. O outro, o sansonismo, é um fenômeno *misto:* efeito psicofísico.

À continuação desses três fenômenos concretos, o Ritual Romano acrescenta: "E outros fenômenos deste gênero (parapsicológico) que, quantos mais concorrem, maiores indícios constituem".[1] Entre os fenômenos parapsicológicos de *efeitos mistos* mais freqüentemente tidos como causados por forças demoníacas destacam-se o feitiço, a insensibilidade e os estigmas.

SUBJUGAÇÃO TELEPSÍQUICA

A ligadura. Não só a cultura oriental. Também a cultura ocidental, desde suas origens, foi permeabilizada pela crença no "feitiço" ou "trabalho", para o bem ou para o mal. Era considerado obra do além.

Oito séculos antes de Cristo, Homero. Caçando com os filhos de Autólico, Ulisses é ferido na perna por um javali. Seus companheiros fazem uma *ligadura* e um *ensalmo* ou "encantamento" (cantando), com o que interrompem o fluxo de sangue.[2]

1. *Rituale Romanum,* op. cit., titulus XII, caput I, n. 3.
2. Homero, *Odisséia,* canto XIX, verso 457.

É necessário advertir, como o fazem Scheftelowitz[3] e Pfister que o verbo grego *deo* — como o latino *ligare* — não tem o significado de *atar* ou *ligar* simplesmente, senão como um ato mágico.

As doenças e as feridas — escreve Pfister — costumavam se atribuir à ação dos demônios (divindades inferiores, *daimones*) malignos, mesmo quando sua causa era manifesta. Tal era a crença geral. Por meio de *ligadura* se podia encadeá-los e se impedia sua ação. Deve-se entender assim esse *edesan* (de *deo* = desatar, empregado por Homero). A ação da ligadura se uniu a do ensalmo ou *epodé*.[4]

Não se nega, evidentemente, que a ferida de Ulisses tenha sido causada por um javali. Mas pela ferida entrariam os demônios. Estes seriam a causa das infecções e da morte. Com a ligadura se *obriga* a natureza. *Obrigar* vem de *ob* e *ligare:* atar por arte mágica. Como se podia impedir a entrada dos *daimones*, e *obrigar* a doença a não agir, também se podia, com artes mágicas, *obrigar* os demônios da doença e da morte a entrarem numa pessoa.

Esta mentalidade mágica conservou-se ao longo dos séculos.

Os "demonófilos" apóiam-se no êxito do feitiço. Se a *Odisséia* é uma novela, outros muitos casos de êxito do feitiço não o são. Nem se teria mantido a superstição tantos séculos se não apoiada em fatos.

A crença na feitiçaria é de todos os povos. Encontra-se em culturas tão independentes da cultura greco-romana como o são as dos povos primitivos da África, da China, da América...

Na Palestina, nos tempos de Cristo, assim como herdaram dos romanos a sua demonologia, é bem possível que tomassem também deles a terminologia de ligar, desligar e ligadura mágica.

Nesse contexto cultural deve-se entender a nomenclatura utilizada por Jesus, segundo o Evangelho de Lucas. Apresentam ao Senhor em dia de Sábado

uma mulher, possuída, há 18 anos, por um espírito que a tornava enferma. Jesus a *libertou* (*desatou*) da *ligadura* do feitiço. "Mulher, estás *livre* de tua doença". Protestou o chefe da sinagoga porque Jesus curara no sábado. "O Senhor, porém, replicou: "Hipócritas!, cada um de vós no sábado não *solta* seu boi ou seu asno do estábulo para levá-lo a beber? E esta filha de Abraão, que Satanás *prendeu* (*amarrou*) há dezoito anos, não convinha *soltá-la* no dia de sábado?" (Lc 13,10-17).

3. Scheftelowitz, "Das Schligen und Netzmotiv im Glauben und Brauch der Volker" in *Religionsgeschichtlichen Vorarbeiter und Versuche,* tomo XII, p. 2.

4. H. Pfister, epígrafe "Epodé" in Pauly-Wissowa (eds.), *Real-Encyclopädie der Classischen Altentums Wissenschnalt,* Stuttgart, 1918, suplemento, tomo IV, p. 325.

Parece-me impossível que os ouvintes de Jesus não tomassem todas estas expressões — libertar, soltar, desatar, prender, amarrar — como linguagem da feitiçaria de ligadura. Seria, porém, descabido tirar da nomenclatura da época empregada por Cristo, uma confirmação *doutrinal* cristã da interpretação supersticiosa dos fatos de feitiçaria.

Eficácia. Realmente, a eficácia do feitiço lançado pelos bruxos é, à *primeira vista!,* impressionante.

Antes da execução o Pe. Grandier foi torturado na presença do franciscano recoleto Pe. Lactance e do capuchinho Pe. Tranquille: até lhe quebraram as pernas (foi numa padilla que o levaram à fogueira). Durante os tormentos o "bruxo" Pe. Grandier, dirigindo-se ao Pe. Lactance, lançou a grande maldição: "Morrerão antes de um mês". E assim foi.

O Ritual Romano manda perguntar se alguém fez um feitiço, que tipo de feitiço, onde está o material causante da possessão etc.

São freqüentes entre as cenas de exorcismos diálogos como aquele com a "endemoninhada" de Piacenza:

— "Em nome de Deus, quem és?

— Isabó.

— Que significa Isabó...

— Significa estar de tal maneira ligado que não se possa mais desligar-se...

— Quando entraste neste corpo?...

— Em 1913, 23 de abril, às 5 da tarde... em seguida aos esconjuros de um bruxo...

— Quando sairás?...

— Como vou fazer, se enquanto tu trabalhas para que eu vá, outros estão trabalhando para que fique?"[5]

Na realidade a "endemoninhada" de Piacenza simplesmente tinha problemas psicológicos que somatizava: estava doente. De mão com a sua mentalidade mágica, acode a ligaduras. Com isso sua imaginação faz ainda somatizar mais seus complexos: sua doença psicológica chega ao paroxismo. O demônio "superstitit" (donde procede a palavra superstição) = está de sobra.

5. Vecchi, *Intervista...,* op. cit., pp. 24-30 e 56-60.

Definições teológicas. Em 1720, recolhia Del Rio: "O malefício é uma espécie de magia com a qual alguém prepara dano para outro, por intermédio do demônio".[6] Já bem avançado o século XX repetia Noldin: "Arte de fazer mal a outros por ação do demônio".[7] Para Tanquerey: "A arte mágica se define como a faculdade de produzir, com certeza e constantemente, empregando certos sinais, maravilhosos efeitos por obra do demônio".[8]

Heresia. Aceitar a realidade do feitiço, tal como é definido, seria heresia. (Aprofundarei isto no capítulo XVI.)

O feitiço e a magia em geral seriam um autêntico "sacramento do diabo". Absurdo. A macaquice que entranharia o feitiço — toda a magia — com respeito aos sacramentos era expressamente defendida por numerosos teólogos "demonófilos", na análise que faziam da época da bruxaria. Assim Brognolo escrevia:

> Deus, seguindo sua própria bondade, dignou-se instituir alguns sinais sagrados, que chamamos sacramentos, para a salvação do gênero humano... A estes de tal maneira ele assiste, que quantas vezes são administrados, outras tantas conferem a graça... Assim mesmo, êmulo dele o demônio conjurado pela sua múltipla maldade quer, para promover a perdição do homem e subverter a salvação, instituir sinais sensíveis aos quais assiste sempre de tal maneira, que quantas vezes são empregados pelo feiticeiro, outras tantas se realiza o malefício.[9]

A mesma identidade defendem outros muitos "demonófilos".[10]

Tanquerey, entre outros, chega a vislumbrar a impossibilidade de que exista a magia tal como ele mesmo a define, e por isso determina: "Entendida neste sentido, não deve admitir-se facilmente". O absurdo continua: nem fácil nem dificilmente pode-se admitir. Não seria menos heresia simplesmente por admitir-se com dificuldade.

Os "demonófilos" erraram na doutrina porque em vez de fundamentá-la na Revelação, entraram no campo da ciência. Assim

---

6. M. del Rio, *Disquisitionum magicarum libri sex, quibus continetur accurata curiosarum artium et vanarum superstitionum confutatio utilis theologis, iurisconsultis, medicis, philologis*, 6 vols., Colônia, 1599, Veneza 1640, 1720, p. 366.
7. H. Noldin, *Summa Theologiae Moralis*, Oeniponte, 1930, p. 161.
8. Tanquerey, *Synopsis...*, op. cit., p. 507.
9. Candido Brognolo, *Manuale exorcistarum*, Bergamo, 1651; uso a edição Veneza, 1714 e 1720, p. 45.
10. Cf. G. des Mousseaux, *Moeurs et pratiques des démons ou des esprits visiteurs*, Paris, 1854, pp. 178ss.

Tanquerey acrescenta: "Com dificuldade poderá negar-se que *há alguns fatos* mágicos, realizados por obra do demônio". E pretendendo confirmar a afirmação copia a narração bíblica dos prodígios realizados pelos magos do Faraó — que analisarei depois. E ainda:

> São narrados muitos casos semelhantes pelos escritores eclesiásticos (não faz mal que narrem casos, mas não lhes corresponde interpretá-los), e embora alguns sejam fantásticos (ou não!), não poucos são transmitidos por homens conspícuos pela doutrina e pela piedade (não é com doutrina religiosa e piedade que se faz ciência), que merecem confiança (como testemunho de veracidade, sim; como valor na interpretação, não).[11]

Nem fogem da heresia dizendo que não é propriamente o feitiço que realiza o prodígio: "Os maravilhosos efeitos não são causados pelos sinais mágicos, senão só pelo poder do diabo, *por ocasião e em relação com os sinais*".[12] Ora, também nos sacramentos não é propriamente o sinal, é Deus quem outorga a graça que esses sinais significam. A heresia está em considerar que os sinais mágicos podem ser ocasião eficaz para que intervenha o demônio e precisamente de acordo com o que o sinal significa.

Nem evitam a heresia afirmando que os sacramentos do diabo não seriam infalíveis. Segundo Van Noort — em pleno século XX — "nunca pode haver verdadeira certeza de que pondo-se o sinal seguirá o efeito, porque os demônios não são onipresentes nem oniscientes, de onde se lhes pode escapar o sinal; por outro lado, são mentirosos e malignos, pelo que talvez não cumpram as promessas; e além do mais nada podem fazer senão por permissão divina".[13] Brognolo escrevia: "Não são sinais certos e infalíveis, como são os Sacramentos, senão falsos e falazes, porque o demônio, invocado, nem sempre acode e muitas vezes ri do feiticeiro e não quer dar ouvidos àquele desejo, ou porque não pode, ou porque não se lhe permite, ou porque assim lhe aprouve".[14] Del Rio, pretendendo minar o "sacramento do diabo", na realidade acrescenta um "sacramento do homem" fazendo o demônio submeter-se à vontade do feiticeiro: "Nem o demônio pode fazer mais dano do que Deus permita, nem quer realizar o que se permite se o feiticeiro não consentir no malefício".[15]

---

11. Idem, ibidem, pp. 507ss.
12. G. Van Noort, *Tractatus de Deo Creatore*, Amsterdam, 1920, p. 93.
13. Idem, ibidem, pp. 93s.
14. Brognolo, *Manuale...*, op. cit., pp. 45s.
15. Del Rio, *Disquisitionum...*, op. cit., p. 367.

A eficácia dos sacramentos também depende da disposição e vontade do homem e, em consonância, da vontade divina como os mesmos "demonófilos" citados, até expressamente frisam: "Aos que os recebem dignamente".[16] Esta condição não depende do sinal em si mesmo, é uma condição extrínseca. Igualmente os sinais do feitiço ou da magia seriam eficazes, em si mesmos, dependendo da condição extrínseca: que os demônios não seriam "onipresentes nem oniscientes" ou porque "lhe aprouve".

E em todo caso é ridículo pôr a solução em que em vez de um sacramento, em magia seria só um sacramental!

Simplesmente, como afirma a doutrina católica, a magia, o feitiço, é "vana observantia", falsa, heresia, o demônio nada tem a ver com a eficácia do feitiço em determinadas circunstâncias. A ação e eficácia do feitiço é meramente natural.

Explicação pré-científica. Estudos históricos recentes mostram que fora da Teologia, os cientistas do século XVII já consideravam natural a eficácia do feitiço. Sanford Fox,[17] analisa o clima religioso, psicológico e cultural da Nova Inglaterra colonial e mostra que, a despeito das descobertas anatômicas e fisiológicas da Europa do século XVII, havia a crença geral de que "o malefício, o mal (inclusive a morte) produzido por bruxos, era conseguido através da sua manipulação de forças *naturais*".[18] À margem das forças da ciência clássica, eles sabiam que havia outras forças (as parapsicológicas), mas todas naturais, em todos os fatos chamados mágicos e concretamente no malefício. Inclusive um dos mais famosos ocultistas do século passado, Eliphas Levi, dedica seu *Dogma e ritual de alta Magia*[19] a demonstrar que "as operações mágicas são o exercício de um poder *natural*, superior às forças *ordinárias* da natureza..., resultado de uma ciência e de um hábito que exaltam a vontade humana além de seus limites normais". Bem descritas as forças parapsicológicas.

A explicação parapsicológica. O professor Pedro G.-Quevedo dedicou a parte mais ampla e substanciosa do seu livro à explicação científica que o CLAP estruturou sobre o chamado feitiço.[20] Para este meu livro bastam as idéias gerais:

Não é propriamente feitiço o influxo sobre objetos materiais, plantas, animais pequenos. Isto é telecinesia, de que falarei depois.

Com respeito ao homem — e animais grandes domésticos — o feitiço nada tem de fluidos, emanações, magnetismo... É um hipnotismo. O feitiço não é subjugação por outra vontade. É uma sugestão assumida pela vítima, em definitivo uma auto-sugestão.

Não depende da autoridade do feiticeiro. Depende da impressionabilidade e superstição da vítima.

As criancinhas captam, como por osmose, o estado de ânimo da mãe. Em parte também os animais domésticos captam dos seus donos.

Os objetos representativos e a dramaticidade das ações do feiticeiro só servem para estragar a própria saúde psíquica do feiticeiro. Mas chamam mais a atenção da faculdade telepática do "enfeitiçado". (A telepatia não é um dom, senão um defeito, uma manifestação doentia que, se freqüente, deve curar-se).

Se os feiticeiros tivessem algum poder os negros nunca teriam sido escravos, e os jogos de futebol no Brasil terminariam sempre empatados ou não terminariam por falta de jogadores; o primeiro a cair seria o juiz.

Mas o psiquismo inconsciente tem — e em pessoas debilitadas na autodeterminação consciente pode manifestar —, um poder despótico sobre a própria pessoa de que forma parte. Pelo feitiço, real ou imaginário, um supersticioso pode até morrer: "mata-se" psiquicamente.

O que escrevi sobre o poder de cura[21] aplica-se em grande parte ao poder de causar dano. Necessàriamente, agora, remeto o leitor a esse meu livro.

Os zumbis. Na explicação dos Zumbis sigo a explicação da Professora Marcia, do CLAP[22]. O Vudu, no Haiti, é uma espécie de baixo espiritismo de origem africana, semelhante ao Candomblé, à Macumba e à Umbanda brasileiras.

Seus feiticeiros guardam o segredo de suas fórmulas e técnicas rigorosamente, transmitindo-as, quase no fim da vida, ao filho ou a um amigo de muita confiança.

16. Idem, ibidem, p. 45.

17. Sanford J. Fox, *Science and justice (The Massachusetts Witchraft trials)*, Baltimore, Johns Hopkins, 1968.

18. Cf. idem, ibidem, p. X do prólogo por Sheldon Glueck.

19. Eliphas Levi (Alphonse Louis Constant), tradução de Rosabis Camaysar, *Dogma e ritual da Alta Magia*, São Paulo, Pensamento, 1955 e 1971.

20. Pedro Quevedo, *Feiticeiros...*, op. cit., 1ª parte: "Juízo sobre o feitiço".

21. Cf. Oscar G.-Quevedo, S.J., *Curandeirismo...*, op. cit.

22. Cf. a gravação correspondente da aula sobre feitiçaria, pela professora Márcia Regina Cobêro, no "Curso de Parapsicologia e Religião", do CLAP.

O seu "Feitiço de Morte" é temido em todo o país (que é bem pequeno, mais ou menos 1/3 de Portugal). Utilizam-se de umas garrafas, fortemente atadas por fios, cordas e tiras de tecido, onde dizem guardar as almas, "espíritos maus", de pessoas mortas. Há algumas dessa garrafas no museu do país e o governo não as venderia por preço algum.

O feitiço consiste em soltar a alma que estava na garrafa; o "espírito mau" e raivoso mataria o "enfeitiçado" e ficaria com seu corpo. O morto-vivo ("ressuscitado") é chamado zumbi. As garrafas são abertas em grandes rituais, com muitas mandingas, para lançar o malefício.

Isto é o que os feiticeiros espalham e o povo acredita e teme.

Os médicos dão o atestado de óbito. E realmente os mortos são depois vistos vivos. Mortos-vivos. São autômatos, sem vontade própria, intelectualmente idiotas. Há um número muito grande de zumbis que trabalham como escravos em fazendas. O feiticeiro os aluga, mas continua cuidando deles. Os feiticeiros são os únicos que conhecem a técnica de tratar os mortos-vivos.

O anterior presidente do Haiti (Papa Doc), supersticioso, acreditava no poder dos feiticeiros, e fomentava a idéia dos zumbis. Tinha muitos deles a seu serviço na polícia e no exército.

Todo mundo conhece o fenômeno. Os padres fugiam da explicação. Negavam o fato. Perante casos concretos, quando não podiam fugir de uma resposta, geralmente diziam que era obra do demônio.

A Parapsicologia tentou todo o possível durante vinte anos. Até 1982. O atual presidente, filho do "Papa Doc", facilita mais as investigações.

Com fragmentos de diversas entrevistas a muitos feiticeiros (técnica usada em Parapsicologia — e outras ciências — em pesquisa de campo), em 1981 é explicado o fenômeno dos zumbis, por médicos e parapsicólogos do Hospital Governamental do Haiti. Destaco o Dr. J. B. Romain, Diretor de Investigações de Ciências Humanas, da Universidade do Haiti. Tive amplas e repetidas entrevistas com ele.

Descobriu-se que com folhas e plantas, ainda não todas identificadas, os feiticeiros fazem uma poção, que a vítima de alguma maneira deve ingerir. Causa morte aparente. Lentidão nas funções vitais até chegar a uma rigidez cadavérica. Algum médico atesta o óbito. Enterro. Toda a família e amigos assistem.

Aquela noite os feiticeiros, conhecedores do guardião daquele cemitério, desenterram o "enfeitiçado". Aquela poção produziu morte aparente (efeito negativo) que dura mais ou menos 30 horas. Começam agora os efeitos positivos.

Fazendo-lhe ingerir uma nova quantia da mesma poção o "morto" se recuperará totalmente. Mas fica autômato, trabalha sem parar até que lhe mandem descansar. Os zumbis são incapazes mesmo até de comer sozinhos sem uma voz de comando. Sempre que decaem, só os feiticeiros podem recuperá-los. Descobriu-se que lhes administram sal. Simplesmente.

É de se lamentar o triste porvir dos zumbis. Depois de ficarem tanto tempo quase sem respirar isto lhes causa lesões cerebrais. E viver tanto tempo como autômatos origina grande disfunção psíquica. Morre repentinamente o feiticeiro responsável, e eles são incapazes de sobreviver. Reeducá-los, reabilitá-los para a vida é impossível. Vão se apagando e morrem.

Os cientistas tiveram conhecimento de quatro plantas usadas na poção: beladona, papoula, datura e "bois enivré" popularmente em francês. Sabe-se que na poção intervêm outras plantas. Comprovaram o efeito (das quatro plantas conhecidas) em experiências de laboratório feitas com ratos e gatos: administrando injeções subcutâneas e interperitonais, conseguiu-se um estado comatoso de 3 horas e meia; depois pouco a pouco os animais começavam a reagir. Administrou-se-lhes outra dose da mistura e recuperaram-se plenamente.

Está explicado o fenômeno mais misterioso de falsa feitiçaria, de falsa intervenção diabólica ou espírita.

INSENSIBILIDADE

O demônio vira anjo da guarda! Parece quase ridículo que se atribua ao demônio a proteção contra a dor.

Junto ao túmulo do diácono François Paris, no cemitério de Saint-Medard, alguns convulsionários, após o mais agitado transe que esgotaria qualquer pessoa em estado normal,[23] saíam sem dar mostras de fadiga.[24]

Montgeron diz que uma menina de treze anos — Joanne Müller — foi golpeada por ele e um atleta mais de cem vezes com toda a força que puderam (!?) na região do abdômen com uma marreta de ferro que pesava trinta libras (!?). Diz também que se colocavam pranchas de ferro sobre as pernas de certas mulheres, e sobre a prancha subiam oito e até 30 homens, que (apesar do

23. H. B. Gregoire, *Histoire des sectes religieuses*, Paris, tomo II, p. 127.
24. R. A. Knox, *Enthusiasm. A chapter in the History of Religion. Special reference to the XVII and XVIII centuries*, Oxford, Clarendon, 1950 e 1973, p. 378.

estreito "palco"!) pulavam sobre a prancha. Outras vezes o "auxílio" para expulsar o demônio consistia em golpes de espadas ou em oprimir os seios e outras partes do corpo com tenazes.[25]

Suponhamos que tudo o que conta o entusiasta apologista jansenista Montgeron foi verdade (contra o que demonstram Hecquet, Vinchon, Du Bonnaire etc.).

Várias mulheres são crucificadas: submergem-se numa espécie de infância histérica e ficam debochando com linguagem infantil das dores físicas.[26]

D. Lataste, o primeiro a atribuir ao demônio os acontecimentos do cemitério de S. Medardo, exagera:

> Vi uma jovem doente, que tinha uma cabeça tão dura como jamais foi-me dado observar. Golpeava com ela as paredes tão violentamente, que as pedras estremeciam (!?), como se um malho de ferro as ferisse. Um dia, após violentíssimos golpes, reduziu a pedaços uma peça de mármore. Outra doente, que pelos seus prodígios ganhara o apelido de "salamandra", era tão insensível à ação do fogo que se podiam cozer maçãs e endurecer ovos nas brasas colocadas sob o seu queixo.[27]

Suponhamos...

Acreditavam na época da bruxomania que as bruxas, após o pacto, estavam marcadas com os "stigmata diaboli": um tipo desses estigmas do diabo eram os pontos insensíveis. Os inquisidores submetiam o suspeito a terrível análise picando-lhe todo o corpo, ponto por ponto. Quando encontravam um ponto insensível, o bruxo terminava irremediavelmente na fogueira ou na forca.

Não é difícil compreender a resistência à fadiga, quando há máximo aproveitamento das energias, da recuperação e das reservas do organismo. Tenho observado certos histéricos e outros doentes nervosos ficarem horas e horas, o dia inteiro, às vezes inclusive parte da noite, "passeando" apressadamente e ainda fazendo movimentos convulsivos, ou tiques, enérgicos e aparatosos. Some-se ainda o desgaste da tensão nervosa... Quando vieram ao CLAP já fazia

25. L. B. Carré de Montgeron, *La verité des miracles à l'intercession de M. de Pâris et autres appelants, démonstrée contre H. l'archevêque de Sens*, 3 vols., 1737 e 1741, passim., J. Paquier, *Le jansenisme*, Paris, 1909, pp. 481ss.

26. Cf. Jean Vinchon, "Les convulsionaires de Saint-Médard ont-ils dépassé les limites de l'humain?" in *Études Carmélitaines:* "Limites de l'humain", Paris, Desclée de Brouwer, 1953, pp. 45s.

27. D. Lataste, *Lettres théologiques aux écrivains défenseurs des convulsions et autres prétendus miracles du temps*, Paris, 1740, tomo II, pp. 869s.

muitos meses (ou anos) que se encontravam nessa situação e ainda não chegaram ao esgotamento das forças.

Para se vislumbrar a admirável resistência e capacidade de recuperação do organismo humano, bastará pedir a um treinado atleta que observe através de um espelho opaco unidirecional e que reproduza todos os movimentos, pulos e carreiras que do outro lado do espelho faz uma criança brincando com sua bola. O atleta transpirará, e no fim desistirá "exausto" antes que ceda a criança empolgada.

Hoje se divulgam por todas as partes as façanhas dos faquires e artistas. Pregos, agulhas, fogo, até um carro passando sobre a prancha de ferro que descansa sobre o peito do "super-homem". Eu mesmo, para desmascarar "super-homens", me tenho atravessado inúmeras vezes com agulhas de costurar colchões ou de tricô, os braços, as maçãs do rosto, o pescoço... Inúmeras vezes tenho quebrado grandes pedras de granito a marretadas sobre o estômago de um voluntário. Ou ficado em pé sobre uma criança que, despida, está deitada sobre a "cama" de pregos. Inúmeras vezes "lavei" as mãos e os braços com fogo. Etc.

Todo o anterior é pura técnica e exercício. Até eu faço! A hipnose e a histeria podem suprir a técnica e o exercício.

Para compreender outros casos mais "misteriosos" de "endemoninhados" bastará que resenhe algo do que em outro livro escrevia eu a respeito dos curandeiros: a dor é sensação. A dor é um conjunto de reflexos que respondem ao estímulo externo, mas esses estímulos são interpretados pelo cérebro. Qualquer sensação, por mais cutânea e externa que possa parecer é, de fato, interpretada e de volta projetada no local da dor pelo cérebro. Não é só objetiva, provocada do exterior; mas principalmente subjetiva, provocada pela reação cerebral.

No conjunto dos reflexos cerebrais, de acordo com as pesquisas da reflexologia, o cérebro é livre e pode escolher, reagindo com dor ou com prazer, com insensibilidade total (analgesia) ou com aguda dor (hiperalgesia). A reação a um estímulo dependerá não tanto da fisiologia ou anatomia, mas do estado atual do cérebro submetido à totalidade de inumeráveis influências, entre as quais têm valor predominante as influências psíquicas, como, por exemplo, o que se espera naquelas circunstâncias. Cada neurônio, como qualquer célula, oscila entre um estado de atividade no qual é hipersensível e um estado de inibição no qual está insensibilizado.

O parto profilático é uma explicitação da anestesia psíquica, testemunhado por inúmeros acontecimentos, às vezes sensacionais, que confirmam a existência de mescanismos corticais que suprimem a dor.

A anestesia hipnótica — ou auto-hipnótica — é hoje amplamente reconhecida.

Nos estados profundos da hipnose, a analgesia é espontânea. O místico em êxtase, o médium em transe, o iogue em libertação, o sábio totalmente mergulhado em profunda concentração etc., podem nada sentir. A analgesia, como qualquer outro fenômeno que se possa obter por hipnotismo, pode aparecer com igual intensidade em certas circunstâncias sem a mínima pretensão de indução hipnótica.[28]

Hoje nenhum "endemoninhado" resistiria a uma prova científica...

Se o bruxo é um pouco insistente com o fogo por exemplo, haverá consumpção e morte dos tecidos. Como no caso da protegida pelo demônio, a "chefe" das convulsionárias do cemitério de S. Medardo: como na prova do fogo não sentiu dor, diminuiu a marcha, e as queimaduras foram fatais.[29]

DERMOGRAFIA

As marcas do diabo. Outro dos sentidos, mais exato, em que se entendia a expressão "stigmata diaboli" era o de marca, sinal, mancha no corpo. Evidentemente que há diversidade de estigmas no corpo de qualquer um, e também é certo que a rigorosidade na interpretação dessas marcas variava muito. Mas se o estigma era realmente singular, misterioso, era considerado como uma das mais claras provas de comércio — carnal — com Satanás.

Os bruxos estariam marcados como se fossem gado. A marca seria impressa numa orgia sexual, com íncubos e súcubos. Acreditavam que alguns destes demônios, por serem anormais, não podiam chupar as glândulas mamárias das suas parceiras. Às vezes, aliás, preferiam parceiros... Por isso chupavam em outras partes do corpo, e as marcas ficavam em forma de estigmas. Tais eram as explicações no famoso *Malleus maleficarum* ("martelo de bruxos"), manual dos inquisidores.[30]

É inegável que em algumas bruxas ou bruxos, os estigmas eram realmente perfeitos: notavam-se as incisões dos dentes do "demônio", outras vezes eram claramente como os mamilos. Se os demônios queriam enganar aos inquisidores, mas sem renunciar a

28. Cf. Oscar G.-Quevedo, S.J., *Curandeirismo...*, op. cit., capítulo 14: "Anestesia e dor".
29. Vinchon, *Les convulsionaires...*, op. cit., pp. 45s.
30. Cf. Wallace, tradução: *La brujeria...*, p. 28.

eles mesmos encontrar rapidamente o mamilo "extra", então este ficava disfarçado sob um estigma em forma de pêssego, ou de uva, ou de... "às vezes é a imagem de uma lebre; outras, uma pata de sapo; às vezes uma aranha, um cachorrinho, uma lorpa".

A Ir. Saint-Fleuret foi considerada pelo dominicano Frei Ludovico Mancini como indubitavelmente endemoninhada. Num livro publicado em Roma pelos editores pontifícios.[31] A religiosa "endemoninhada" do Orfanato de Grèzes, perto de Paris, adivinhava o pensamento dos interlocutores e de qualquer pessoa (pela HIP) e respondia, quando em crise, em grego, italiano, russo, inglês, alemão... (xenoglossia). Distinguia (pela mesma HIP) a água benta da que não o é, uma hóstia consagrada da que não é consagrada, tinha horror de qualquer objeto sagrado que estivesse escondido...

E acima de tudo, tinha estigmas do "diabo"!

Foi em 1902 que toda a França, pelos jornais, se espantou com o caso da "endemoninhada" de Grèzes, mas o fato vinha se alastrando há 11 anos.[32]

Evidentemente natural. Os médicos viam que todo o conjunto era claramente resultado dos problemas psicológicos da freira e, por isso, mesmo perante os fenômenos de HIP, hierognose e xenoglossia, se atreviam a diagnosticar que a Ir. Saint-Fleuret "é um objeto de observação *patológica* realmente maravilhoso".

Perante os estigmas, os especialistas não se desconcertaram:

> Esta doença não é senão uma desviação do histerismo, teve como pródomo uma predisposição natural que se transformou em aguda pela influência do ambiente, mas não tem nada de sobrenatural. É o resultado de uma verdadeira auto-sugestão. Nas suas crises, parece-lhe que o demônio a morde ou queima nesta ou naquela parte do corpo, e a auto-sugestão é tão forte, que apenas passada a crise, se encontra no lugar do corpo onde a freira sofria tanto, ou uma verdadeira queimadura sobre a pele, ou a marca de uma mordida (como se tivesse sido) dada então, com todos os dentes ou com só alguns.[33]

A *dermografia* — etimologicamente *gravação na pele* — "é o resultado de uma verdadeira auto-sugestão". Hoje grande parte da psicopatologia se fundamenta na somatização: os conflitos psicológicos expressos no corpo.

31. Ludovico Mancini, *Uomini e spiriti. I capi saldi. Apologetica*, Roma, Desclée-Lefevre, 1906, pp. 78ss.
32. In *Paris-Nouvelles*, 14 de junho de 1902.
33. Pe. Véronnet, in *Revue du Clergé*, 15-2-1904, pp. 570-608.

"Um desvio da histeria." A definição de histeria é precisamente essa: representação de uma doença ou doença por representação. Neste caso, no corpo, dermograficamente. Uma espécie de repercussão ou influência do psiquismo, da imaginação emotiva, no organismo.

A Ir. Saint-Fleuret "tinha" de sofrer, porque se oferecera com voto como vítima de expiação pelos pecados dos outros. A infinita bondade vai-me fazer sofrer? Portanto tem de ser o demônio! "Satanás" dizia ao exorcista: "Por que me atormentas? Esta religiosa fez voto de ser vítima e Deus me permitiu fazê-la sofrer". O Diabo prestando-se com gosto ("me permitiu") a ser instrumento da Divina Providência!

O "demônio" se teria manifestado até piedoso! Por exemplo, no caso da Madre Jeanne des Anges, a priora e principal "endemoninhada" das freiras de Loudun. Durante a última sessão de exorcismos, a religiosa não tinha articulado nem uma palavra. Mas de repente ela lançou um grito dilacerante e, logo em seguida, pronunciou o nome *José* ("Joseph"): todos viram uma cor vermelha, recamada de grãos mais fortemente avermelhados, surgindo e percorrendo o antebraço da freira até formar a palavra *José* numa extensão de quase três centímetros. Quando as testemunhas, o Rei, a Rainha, o cardeal Duc, membros da corte observavam esse estigma, a piedade de "Satanás" acrescentou os nomes de *Jesus*, *Maria* e ainda o do fundador da congregação da "endemoninhada", Francisco de Sales.[34]

Mais do que piedoso, até entusiasta, se demonstrou o "demônio" em Louviera. O Pe. Bosroger exorcizava aos gritos em nome de Jesus. Era Sexta-feira Santa. Precisamente às três da tarde, hora em que Jesus expirou. Nesse momento, o "demônio", por cima da voz do exorcista, gritou: "Viva Jesus crucificado", e a "endemoninhada" caiu por terra como se fosse um boneco de pano. Sobre o peito dela apareceu em vermelho e como queimadura a forma de uma cruz, e sobre ela as palavras "Viva Jesus".[35]

No curso dos exorcismos (no caso que inspirou a Blatty), o "endemoninhado" do Monte Rainier, entre outros estigmas[36] exibiu

34. Bremond, *Histoire...*, op. cit., tomo V.
35. Esprit du Bosroger, *La piété affligée*, Ruão, 1652, pp. 300ss.
36. *Diabolical possession in 1949* (documento de 8 páginas, ao parecer como resultado de uma conferência de um sacerdote jesuíta implicado no caso), Washington, 1949. Cf. Cortés, *Proceso...*, op. cit., p. 90.

uma cruz no antebraço exterior direito. A cruz dermográfica ficou visível durante uns quatro a cinco minutos.[37]

A imaginação de quem se considera possuído influi na pele. Mas não dá para admitir que o demônio desenhe sagrados nomes de santos, e reproduções da cruz de Cristo!

Pode ser representativo o caso — real — escolhido para o filme e livro *O Exorcista*. "Help me" apareceu dermograficamente no epigástrio. Mas não era o demônio que precisava de socorro, senão a "endemoninhada". Na sua dolorosa situação não podia falar pela tensão nervosa que lhe causava angina de glótis, e tinha as mãos atadas: não podia escrever.[38]

Fora do ambiente demoníaco,[39] têm-se encontrado abundantes casos deste "feitiço do sangue". A imaginação, vívida e carregada de emoção faz afluir sangue a determinadas áreas do corpo. Afluência de sangue, vasodilatação, vermelhidão, tumefação de células, exsudação de sangue, rotura de tecidos e aparecimento de desenhos, palavras...: estigmas.

Como o caso da Sra. Khal: em poucos segundos apareciam na pele das coxas, do epigástrio, dos seios ou dos antebraços as palavras que pensavam os pesquisadores.

No braço de uma senhora foram aparecendo as marcas das cordas — vermelhidão, relevo — enquanto descrevia no consultório médico a violência com que outrora fora atado seu filho. Eleonora Zugun apresentou no rosto as marcas das arranhadelas que viu Drácula fazer na sua vítima num filme. E tantos outros casos de dermografia.

"A semente do Diabo". "O Bebê de Rosemary" pôs em atualidade o velho tema dos "filhos do demônio".

Boguet[40] conta, entre outras, a história da mulher que foi procurada sexualmente pelo marido disfarçado com uma máscara de demônio. Tão apavorada ficou na sua superstição e tão angustiada durante toda a gravidez, que deu à luz um menino no qual sem

37. *Case study* (diário do padre jesuíta que realizou os exorcismos ao "endemoninhado" de Mount Rainier); cf. Cortés, *Proceso...*, op. cit., p. 87.
38. Idem, ibidem.
39. Sobre a dermografia, preferentemente em ambiente religioso, cf. José Lorenzatto, *Parapsicologia e religião*, São Paulo, Edições Loyola, 1979, caps. I a V.
40. Henry Boguet, *Discours des sorciers, avec six advis en faict de sorcellerie, et une instruction pour un juge en semblable matière*, Lião, 1590 e 1608, p. XVI.

sombra de dúvidas se distinguiam traços marcantes da máscara que o marido usara.

Neste caso parece que se inspirou "O Bebê de Rosemary". No filme — bastante diferente do livro — a trama está muito bem levada pelo amador de ocultismo e satanismo, Polanski. Apresenta Rosemary tendo relações com o marido. Ela, fortemente sugestionada por ter sido escolhida na seita satânica para esposa de Lúcifer, sofre reiteradas alucinações: vê o marido, vê o demônio... Ficou com a dúvida no inconsciente. Nove meses desesperadores. A seita satânica, por sugestão telepática, incute nela que é a escolhida de Satanás. Ela, cada dia que passa, capta mais, por telepatia, a telebulia, o pensamento dos satanistas. Já completamente histérica, procura um "psiquiatra", que a entrega ao chefe da seita! O satanista está convencido de que ela está gerando um filho do diabo... No clímax do filme, quando ela vai ver pela primeira vez seu bebê, o grito de desespero. O bebê tinha não sabemos que estigmas, "prova" da filiação diabólica.[41]

Do ponto de vista fisiológico, não é fácil compreender como a imaginação da mãe possa influir no feto. Mas o influxo psíquico da gestante no feto é inúmeras vezes comprovado.

Até em animais, como o caso muito conhecido em Parapsicologia, da cadela que deu à luz cachorrinhos que tinham certa semelhança com gatos; ou a gata que deu à luz filhotes com marcas representando números e estrelas.

Inclusive a possibilidade da dermografia levou as matronas romanas a perderem olimpicamente seu tempo quando ficavam horas inteiras, nove meses seguidos, contemplando a estátua de Vênus e de Apolo.

Outro exemplo é o mito de que *todas* as gestantes têm que ver satisfeitos seus caprichos de determinados manjares, para que o filho não nasça com "o desejo" — a marca — da maçã que a mãe não experimentou. A dermografia não é tão freqüente!

Nem costuma ser tão curiosa como a da política nordestina que, tendo participado entusiasticamente na campanha pela presidência de Jânio Quadros, deu à luz uma menina com uma marca representando a vassoura na testa.

O tema da demografia será tratado mais amplamente ao falar dos místicos estigmatizados, em outro livro.

41. Cf. Oscar G.-Quevedo, S.J., "Os estigmas" dentro do artigo "Tais poderes só o demônio" in *Revista de Parapsicologia* do CLAP, n. 15, p. 31; Ira Levin, *Rosemary's baby;* tradução de Enrique de Obregón, *La semilla del Diabo,* 4.ª ed., Barcelona, Grijalbo, 1968, e Barcelona, Bruguera, 1972.

Nos numerosos artigos sobre dermografia publicados pelo CLAP se encontrarão os casos aqui citados, e outros muitos, com a explicação dos fenômenos, absolutamente natural.[42] Para intuito deste livro, podem bastar os pequenos detalhes que apresentei.

"ET ID GENUS ALIA"

Não tratei outros fenômenos de efeitos mistos por serem menos significativos, como a capacidade exagerada de comer; o controle sensacional sobre os músculos durante o transe; a exteriorização da sensibilidade, que não passa de somatização de uma adivinhação, e nada acrescenta a esta e à dermografia etc. Os fenômenos mais importantes dão uma visão suficientemente global.

42. A epígrafe "Dermografia" do índice, no número 30, página 31, remete aos artigos publicados sobre o tema nos números anteriores da *Revista de Parapsicologia* do CLAP.

Capítulo VII

À LUZ DA PARAPSICOLOGIA
EFEITOS FÍSICOS

Preconceitos lamentáveis. Alguns parapsicólogos modernos, da chamada escola norte-americana, negam a verdade histórica de muitos fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos, pelo fato de não terem sido comprovados em laboratório e medidos na base de estatística matemática.

Discordo. Em laboratório e por estatística pode-se obter uma ótima confirmação em mínima escala dos fenômenos de que todas ou quase todas as pessoas têm algumas pequenas manifestações iniciais, vislumbre de faculdades parapsicológicas. Microparapsicologia de Laboratório. Mas notáveis fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos jamais poderão ser obtidos em laboratório, muito menos ainda com a freqüência que exige a estatística matemática. Querer submeter a realidade à estatística e ao laboratório é erro científico. É o cientista que se deve adaptar às exigências da realidade, e não a realidade aos preconceitos de determinados cientistas. Nem tudo no mundo necessariamente tem de ser controlável e comum.

Todos os fenômenos parapsicológicos são espontâneos. Só tentando *muitas vezes* em pessoas com *freqüentes* manifestações se consegue que o fenômeno surja *alguma vez* coincidindo com o momento e direção que se deseja. No seu ambiente próprio.

Isto não é afirmar que os fenômenos de efeitos físicos *nunca* podem coresponder à vontade — mesmo consciente — do próprio dotado ou dos espectadores. O dominicano Frei Reginald Omez

nega os fenômenos "para-físicos" *provocados!* Tal negação radical tem a finalidade de atribuir os fenômenos *"para-físicos" espontâneos* — que não se podem negar — ao demônio:

A história, tanto antiga como plenamente recente, nos relata um grande número de fatos que se têm realizado sem premeditação alguma ou sem preparação *humana*, fora de toda expectativa (sempre assim?), ou mais freqüentemente de improviso e em presença de testemunhas às vezes numerosas e mui dignas de fé.

Seria irracional rejeitar em bloco os fatos referidos na vida dos santos, ou ao menos de personagens virtuosas antigas e modernas... Possessões diabólicas reais.

Acaso pensa Omez que esses casos ocorrem só na Igreja Católica?

A respeito das casas mal-assombradas, que se têm multiplicado desde a mais alta antigüidade até nossos dias, se nos descrevem fenômenos físicos dos quais foram testemunhas um número considerável de pessoas, incluindo-se observadores oficiais, policiais, detetives, comissários, ou eclesiásticos de prestígio. Há relatórios circunstanciados...

Todos esses fenômenos conduzem a admitir a ação de um poder invisível, inteligente, muito sagaz, decidido (o demônio) e que *responde*, às vezes, como por divertimento, *aos desejos* das testemunhas.

Onde ficou o argumento da total ausência de premeditação, preparação e expectativa?

"Todos os fatos maravilhosos não provocados... escapam à ciência parapsicológica (!?). Entramos nos domínios da teologia".[2]

Por um fato não ser repetível à vontade, por ser espontâneo, porque se iniba na total ausência de emotividade de um laboratório, por não ser freqüente, não se pode atribuir ao demônio! Sem mais argumentos!

Tenho certeza de que só por estar oprimidos pela crença secular em freqüentes intervenções demoníacas, também outros autores eclesiásticos, alguns inclusive bons parapsicólogos, atribuem ao demônio os fenômenos físicos que surgem alguma vez — quando não por fraude — em algumas sessões de espiritismo. (Não há nenhum documento pontifício que caia neste erro. Revisei bem todos os documentos da Santa Sé que se referem ao espiritismo).

O Pe. Tanquerey não duvida da realidade dos fenômenos de efeitos físicos: "Caem objetos que estavam fixados nas paredes, e

1. Omez, *Supranormal...*, tradução: *Religione...*, op. cit., pp. 83-97.
2. Idem, ibidem, pp. 89-91.

se movem confusamente; a cadeira em que estava sentado o médium é levada pelo ar (telecinesia), aparecem mãos humanas, pés, cabeça (ecto-colo-plasmias), um corpo humano inteiro que caminha (fantasmogênese) e fala (psicofonia)". Atônitos por tais fatos, os atribuem ao tradicional "inimigo da natureza humana". [3]

O mesmo motivo e a mesma tradição apresentam o cardeal Lépicier [4] e tantos outros.

Lépicier, aliás, fundamenta-se num texto de maior autoridade, mas já antiquado, o III Concílio Plenário de Baltimore, de 1866. Seja este Concílio representante de outros pronunciamentos do episcopado antigo, que expressamente só se fundamentam no desconhecimento científico da época e em certa tradição demonológica:

Parece que com dificuldade se pode duvidar de que ao menos alguns destes fenômenos devem ser atribuídos à intervenção diabólica, pois com dificuldade poderiam explicar-se satisfatoriamente de outra maneira... Não parece admirável... que o antigo Inimigo do gênero humano que pela magia antiga intentou a ruína do homem, o faça de novo com outros expedientes mais convenientes à condição presente. [5]

Na tradição da Índia, porém, os fenômenos físicos da Parapsicologia são considerados provocáveis à vontade. Exageradamente. Consideram-se também fruto da exaltação das potencialidades humanas. Exatamente (quando não se referem a poderes meramente fantasiosos). Os comentaristas da Yogasutra põem entre outros poderes (*aiçvarya*) ou realizações (*siddhi*) da vontade humana treinada e desenvolvida, a levitação (*laghimâ*), os aportes (*içitrtva* ou *içitâ*), a fantasmogênese e ecto-colo-plasmia (*yatrakâmâvasâyitva*) [6] e a telecinesia (*arthânân Kriyâ*). [7]

Se existissem... Não concordo com o Pe. Cortés que elimina os casos mais famosos da história: "É evidente que nestes e muitos outros exemplos... os relatos eram, por completo, o produto de

3. Tanquerey, *Synopsis...*, op. cit., tomo II, p. 510.
4. Alexis Henri Marie Lépicier, O.S.M., *The unseen world*, Londres, Sheed and Ward, 1936; tradução: *Il mondo invisible*, Vicenza, 1942; tradução de Eduardo Pinheiro, *O mundo invisível. Uma exposição da teologia católica perante o espírito contemporâneo*, Porto, Tavares Martins, 1957, p. 246.
5. III Concílio Plenário de Baltimore (1866). Cf. *Collectio Lacensis* tomo III, col. 406.
6. *Yogasutra*, III, 44 ou 45 segundo as edições.
7. Caraka, *Çârirastâna*, I, 138.

sua imaginação erótica e neurótica". [8] Assim é muito fácil chegar à conclusão de que não há possessão demoníaca.

Aceito a realidade de muitos fenômenos. Estão historicamente bem constatados. Perante muitas testemunhas fidedignas. Dediquei dois grossos tomos à demonstração da existência e explicação dos diversos fenômenos de efeitos físicos. [9]

A discussão com os "demonófilos" é mais fácil. Se não existissem esses fenômenos, ninguém poderia atribuí-los ao demônio.

Os fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos se devem à telergia. A telergia é a transformação e exteriorização da energia corporal dirigida pela vontade inconsciente (telebulia) do doente. É uma força física (extranormal).

Em geral, não aceito PK (de psico-kinese, movimento espiritual), uma pretensa força espiritual (paranormal) com que erradamente os parapsicólogos da chamada escola norte-americana pretendem explicar todos os fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos — os poucos que eles admitem! Estes fenômenos não têm as características do espiritual. Não prescindem do tempo, nem da distância, nem de grandes obstáculos etc.

Mas a nada levaria esta discussão neste livro: material ou espiritual (extranormal ou paranormal), é uma força humana.

TIPTOLOGIA

Batidas esquisitas. Como resultado de sua pesquisa analisando os principais casos que ao longo da história se atribuíram a Satanás, William Peter Blatty no livro e filme *O Exorcista* acertadamente apresenta a tiptologia como o primeiro fenômeno a chamar a atenção. [10] É fenômeno inicial nas pessoas que poderão chegar a grandes desequilíbrios e fenômenos físicos.

Blatty poderia ter se inspirado na descrição da tiptologia — notável — da freira Marie-Thérèse Noblet. Falam de golpes, pancadas, ruídos, balbúrdias que se produziam na casa até sobre os telhados. "Uma tarde — conta o Pe. Desmoc — Monsenhor fazia, eu creio, os exorcismos... Eu estava na sala de frente com o Ir. Paul. Quando de repente ouvimos um estrépito infernal na es-

8. Cortés, *The case...*, tradução: *Proceso...*, op. cit., p. 75.
9. Oscar G.-Quevedo, S.J., *As forças...*, op. cit., 23ª ed., tomo I, cap. I: "Telergia. O homem e seu complexo energético", e tomo II, apêndice III: "Fluidos e fluidômetros".
10. Blatty, *O Exorcista*, op. cit., pp. 24ss.

cada. E ao mesmo tempo havia como golpes de uma marreta grande contra os muros."[11]

Na casa do padre. Cideville é uma cidadezinha do Sena Inferior, uns 50km a leste de Havre, na França. A casa paroquial era então habitada pelo vigário e por dois jovenzinhos de 12 e 14 anos, candidatos ao seminário.

A "assombração" começou em novembro de 1950 e continuou por dois meses e meio. Há numerosos relatórios. Numerosas testemunhas. O relatório do Marquês de Mirville, especialista, é muito detalhado e de especial valor tanto a respeito da realidade dos fatos como da reta interpertação natural, parapsicológica.[12]

O vigário era um homem culto, mas não soube rejeitar, ele mesmo, a supersticiosa interpretação popular que atribuía os fatos aos demônios e aos espíritos dos mortos.

Ouviam-se golpes que pareciam marteladas. Provinham das paredes — forradas de madeira — do aposento onde estavam os meninos. O vigário se dirigia então à "força desconhecida" que produzia os golpes. "Bate mais forte", por exemplo, e a intensidade dos golpes aumentava. Um dos garotos dizia: "Bate ao ritmo de Mestre Corbeau", e os golpes faziam-se ritmados. "Golpeia tantas vezes quantas letras tem meu sobrenome" — pedia o Marquês de Mirville —, e oito golpes claros procediam da parede.

Às vezes os golpes eram tão fortes que ficavam quase ensurdecedores.

(Depois à tiptologia se acrescentaram a telecinesia e o aporte).

Não havia fraude. Os fenômenos foram muitas vezes bem observados. Os meninos e o próprio vigário, estreitamente vigiados. As experiências freqüentemente repetidas.

Se o presbitério de Cideville estava assombrado, por que os fenômenos terminaram no mesmo dia em que os meninos o abandonaram?

Por que a tiptologia acompanhava os meninos? O vigário de Saint-Maclou, por exemplo, testemunhou que, durante uma visita que lhe fizeram o vigário de Cideville e os dois meninos, ouviram-se sobre o assoalho e nas paredes da sua própria casa, na sala onde estavam todos reunidos, barulhos semelhantes aos que antes ouviram no presbitério de Cideville.

11. Pineau, *Marie-Thérèse Noblet...*, op. cit.
12. Entre tanta documentação, utilizo de preferência o resumo realizado por Alfred Still, *Borderlands of Science*, Nova Iorque, Philosophical Library, 1950; tradução de Leónidas Gontijo de Carvalho, *Nas fronteiras da ciência e da Parapsicologia*, São Paulo, Ibrasa, 1965 e 1968, 2.ª ed., pp. 179s.

E o "demônio" só sabia o que os meninos sabiam. Antes e depois batera ao ritmo das canções que conheciam os "endemoninhados", mas quando se pediu "à força" que batesse ao ritmo da valsa "Guilherme Tell", seguiu-se um silêncio total: Mirville assobiou então a música, e os golpes acompanharam nota por nota.[13]

Energias dispensáveis. É justamente a enormidade do efeito tiptológico, em certas ocasiões, que levou muitos a pensarem na intervenção de agentes sobrenaturais, como demônios.

A perda de energia na tiptologia mais sonora ou forte não é na realidade tão grande como poderia parecer ao considerar-se o estrondo. Quando se dá um golpe de martelo sobre um prego, produzem-se três efeitos principais: um efeito mecânico, a introdução do prego; um efeito térmico, seu esquentamento; e um efeito vibratório, que é percebido como ruído. Os dois primeiros absorvem quase toda a energia; ora, pode ser — porque às vezes junto à tiptologia há também, telecinesia e rotura do objeto — que este desperdício de movimento e de calor seja muito limitado nos ruídos metapsíquicos e é por isso que a algazarra horripilante que se ouve nas "casas mal-assombradas", por exemplo, tanto que pareceria ser realizado por agentes sobrenaturais, não exija mais do que um pequeno desgaste de energia.

Naturalmente, aqueles ruídos que parecem ter a força de um martelo de forja, na realidade não a têm: o assoalho fender-se-ia com o choque. A extremidade da telergia condensada (haste ectoplasmática), mais ou menos visível, segundo as ocasiões, sendo ligeiramente elástica, provoca uma violenta vibração que produz mais ruído do que estrago. Uma vara flexível, batendo sobre um tapete, dá uma idéia do fenômeno.[14]

TELECINESIA

Um passo a mais. A telergia não se contenta com golpear (tiptologia), senão que mexe e até quebra algum objeto — isto é a telecinesia — que está perto do doente. Objeto material, planta, ou pequeno animal. (A telergia do doente é repelida por outro homem e pelos animais grandes; poder-se-ia aplicar, ao menos simbolicamente, à telergia a lei física geral de que "forças do mesmo signo se repelem").

13. Idem, ibidem, p. 180.
14. Oscar G.-Quevedo, *As forças...*, op. cit., tomo I, pp. 106s.

Um menino irrequieto. No caso real de Monte Rainier (St. Louis) em que se inspira o romancista Blatty, o menino, antes de ir aos exorcistas católicos, foi levado, luterana como era a família, ao seu pastor. Foi no dia 17 de fevereiro de 1949. Pela 22 horas, o pastor decidiu ir deitar no mesmo quarto do menino para poder observar os fatos. E observou um·tipo de telecinesia que, repetidas vezes, antes e depois, o menino costumava apresentar. Tudo estava tranqüilo durante uns dez minutos, mas depois a cama em que estava o "endemoninhado" começou a vibrar e golpear contra os objetos ao lado. "Havia muito barulho. Pensei que ele (o menino: escreve o ministro luterano) estava agitando, mas não fazia nenhum movimento visível".

Então pôs o menino numa grande cadeira com almofadas e sentou-se ao lado. A cadeira começou a levantar-se devagar por um lado e a afastar-se. O pastor teve de agarrar o menino antes que caísse. Segundo o ministro, o menino não poderia ter empurrado a cadeira, dado que estava com as pernas recolhidas e sentado sobre elas. Colocou então o garoto no chão, sobre um tapete. O tapete "moveu-se lentamente até que chegou à parede, e então parou... Lembro que pensei que seria ele (o menino) quem o fazia, mas logo percebi que teria sido impossível: não havia nenhum movimento do seu corpo".

No dia seguinte, o pastor devolveu o menino aos seus pais. Muito sensato, reconheceu que os fatos de telecinesia que ele mesmo viu e experimentou eram autênticos. Não sofreu alucinações hipnóticas. Também sensatamente insistia em que não se devia pensar em demônios e sim em que tem que haver alguma explicação natural na base de forças desconhecidas... [15]

Às escuras. Alguns casos podem parecer sobrenaturais pela sua aparente grandiosidade. Mas quem não se deixa impressionar e passa a uma análise tranqüila, logo descobrirá a dimensão meramente humana.

D. Berardi, bispo de Ruvo, manteve Alfredo, de sete anos, o maior dos "endemoninhados" irmãos Panzini, no Seminário sob estreita vigilância. Todos os padres e seminaristas ficaram apavorados quando se inteiraram do que acontecera.

Àquela tarde, o vice-reitor desafiou o "demônio": "Seria capaz de apagar as luzes do Seminário?"

Não há por que frisar que estes desafios podem levar a um "triunfo" errado do exorcista, geralmente o "demônio" se escusará,

15. Jim Adams, "Story behind the real Exorcist" in *Chicago Today*, de 21 de janeiro de 1974.

não porque o fenômeno não possa ser realizado, senão porque os fenômenos parapsicológicos não são controláveis à vontade. Mas neste caso..., imediatamente todo o Seminário ficou no escuro. [16]

Para deixar no escuro todo o Seminário não é preciso influir sobre todas as lâmpadas. Basta telecinesia sobre a chave geral, ou sobre um dos fios de entrada... A grandiosidade do efeito se reduz a uma pequena causa.

Um aspecto significativo das telecinesias o expressa assim Charles Richet:

> Aprofundando no modo dos movimentos de objetos, se vê... que parecem produzidos por um ser humano, eles não ultrapassam o limite das forças de um ser humano médio. Produzem-se facilmente quando o objeto é leve; mais dificilmente (e raramente) quando o objeto é pesado; e quando o objeto é muito pesado, não se produzem absolutamente. Dizer que a força que desloca os objetos é limitada e que é aproximadamente da ordem da força humana, é avançar no tema, porque se fosse... uma força de ordem transcendente (demônios, espíritos...), diferente das forças mecânicas conhecidas e de uma outra natureza essencial, não haveria razão para que um peso de mil quilos não fosse levantado tão facilmente como um peso de um grama. [17]

Compreende-se que em determinado lugar haja um só doente parapsicológico e que, portanto, fique limitado à sua própria força. Excepcionalmente poderá haver um aproveitamento máximo. Mas poderão coincidir e poderão colaborar vários doentes e o efeito ser maior. Os demônios, porém, se o fenômeno se devesse a eles, poderiam mexer montanhas! Por que a telecinesia é sempre numa dimensão humana? [18]

E os porcos se precipitaram no mar. Importante episódio evangélico relacionado com telecinesia.

Mateus conta a expulsão de uma "legião de demônios" que se teriam apossado do doente de Gergesa: "A certa distância deles havia uma manada de porcos que estava pastando. Os demônios lhe imploravam dizendo: 'Se nos expulsas, manda-nos para a manada de porcos'. Jesus lhes disse: 'Ide'. Eles, saindo, foram para

16. Confidenciado por D. Aurélio Marena, bispo de Ruvo e Bitonto, a Alfano, *Lo spiritismo*..., op. cit., p. 275.
17. Richet, *Traité*..., op. cit., pp. 570s.
18. Sobre a telecinesia, não só para demonstrar sua existência, senão também para analisar sua origem, características, limites e significado claramente humanos, cf. Oscar G.-Quevedo, S.J., *As forças*..., op. cit., tomo I capítulos 5 a 8.

os porcos, e logo toda a manada se precipitou no lago pelo despenhadeiro" (Mt 8,30-32). Segundo precisa outro evangelista, a vara seria de cerca de dois mil porcos (Mc 5,13).

Alguns exegetas preferem considerar lenda, metáfora, não histórico, se não todo o conjunto do "endemoninhado" gergeseno, ao menos o episódio dos porcos.

Para o famoso exegeta Joaquim Jeremias o episódio dos porcos seria uma interpolação posterior. A lenda se teria formado a partir da confusão de "legião" com "legionário". O demônio teria querido dizer: "Eu me chamo soldado, pois há muitos de minha espécie". Os leitores dos Evangelhos, escritos em grego, teriam entendido mal a palavra *ligyona*, e daí surgiu a versão: "Eu me chamo legião, porque o nosso número é grande" (dos que moramos neste doente).

Esta confusão, Jeremias não a demonstra. Diz expressamente: "Pode-se supor". E continua: "A partir daí, já não havia maior distância para com a *lenda* da passagem dos demônios para os porcos".[19]

Parece-me fraco este ataque à historicidade deste episódio. É conclusão importante demais para ser tirada tão facilmente de uma simples suposição. O episódio dos porcos teria de ter sido interpolado (versículos 10 a 13 de Marcos; Jeremias supõe que originariamente o texto passaria do versículo 9 ao 14), como também a reação dos cuidadores (versículo 14), e dos donos dos porcos — e outras pessoas interessadas na economia da região — (versículo 17), e a referência a que as testemunhas contavam o que acontecera com os porcos (segunda parte do versículo 16). E Mateus e Lucas repetiriam a lenda; ou então o hábil interpolador de Marcos teria repetido a interpolação nos outros dois Evangelhos.

Onde foi? O caso deve ser localizado em Gergesa, na região dos gergesenos não em Gadara como se pensou; e muito menos em Gerasa como se dizia antigamente. Gergesa está — isso sim — na região maior ou "país" dos gadarenos.

Parece que houve confusão na escolha dos textos originais: devem ser, ao contrário do que publica a maior parte dos críticos textuais de hoje, "região dos gergesenos", no texto de Mateus; e "região dos gadarenos" (em vez de "região dos gerasenos", Gerasa, que não tem cabimento) nos textos de Marcos e Lucas. Aos gadarenos pertencia a cidadezinha de Gergesa.

A confusão na escolha dos textos originais foi também uma dificuldade contra a historicidade do episódio. Gerasa está a 50km

19. J. Jeremias, *Teologia...*, op. cit., p. 136.

ao sudeste do mar de Genesaré. Longe demais para ęvira o resulpudessem ter-se precipitado e afogado no lago. Também demais Gadara. A 12 quilômetros, e além do mais, separam no um profundo vale que corre um rio turbulento, o Hieron. Cortés antigos. Não poderiam os porcos correr tantos quilômetros, provessar o rio, subir a outra encosta e precipitar-se no mar. a-

Mas o episódio foi em Gergesa. Exatamente como precisa o Evangelho, "do outro lado do mar" (Mc 5,1 e Mt 8,28), "do lado contrário da Galiléia" (Lc 8,26), precisamente em frente de Magdala. Na boca do wadi es-samak existem hoje as ruínas da antiga Gergesa (Ghersa, Kersa ou Kursi). Muito perto de lá, ao sul, aconteceu o episódio dos porcos. Em Moka-Edlo. Há aí uma pendente muito pronunciada e de 44m de altura. Uma projeção deste promontório fica a 30m do lago.[20]

O ataque à historicidade parece nitidamente uma fuga da dificuldade de explicação dos fatos, por exemplo em Burkill, Sahlin, Nineham etc.[21]

Estou com Taylor quando escreve:

> A grande quantidade de detalhes ingênuos, a imagem do homem que despedaça seus grilhões e se corta com pedras, o diálogo, a expulsão, a descrição do homem sentado, vestido e no seu são juízo, a atitude dos espectadores, o tipo de mensagem que o homem proclama na Decápole são detalhes tomados da vida mesma. Possuímos boas razões para classificar a narração como originada em Pedro (em quem se fundamenta o Evangelho de Marcos, o mais completo para este episódio; Mt e Lc se apóiam em Mc). De que formas devemos interpretar o que se conta, é outra questão. A dificuldade maior está no relato dos porcos.[22]

20. Os argumentos para especialistas na análise dos textos — não só por motivos geográficos — a favor da escolha que adoto, se encontram em Bruce M. Metzger, *The text of the New Testament*, Nova Iorque, Oxford University, 1964; 2ª ed., 1968. H. Zimmermann, *Neutestamentliche Methodenlehre*, 2.ª ed., Stuttgart, Katholisches Bibelwerk, 1968. J. M. Bover, "Dos casos mixtos de toponinia y de crítica textual" in *Safarad*, n. XII, 1952, pp. 271-282; do mesmo autor: *Vida de N. S. Jesucristo*, Barcelona, Borgiana, 1956, pp. 691-695; William F. Albright e G. S. Mann, *Matthew*, Nova Iorque, Doubleday, 1971, p. CLXXI; cf. um resumo dos argumentos em Cortés, *Proceso...*, op. cit., pp. 232-234.

21. T. A. Burkill, "Concerning Mc 5,7 and 5,18-20" in *Studia Theologica*, tomo XI 1957, pp. 159-166; H. Sahlin, "Die Perikope vom geraseniaschen und der Plan des Markusevangeliums" in *Studia Theologica*, tomo XVII, pp. 159-172; D. E. Nineham, *Saint Marck*, Baltimore, Penguin, 1963, pp. 149-155.

22. Vincent Taylor, *The gospel according to St. Mark*, Londres, Macmillan, 1952; 2ª ed., Nova Iorque, Macmillan, 1966, p. 278.

Igualmente parecem fugir da historicidade por não saberem explicar, os que insistem *só* na metáfora: os gentios preferem os porcos ao seu Salvador.[23] Este e outros sentidos metafóricos *também* há, mas apoiando-se na realidade histórica.

Em todo caso, se o fato não foi histórico, não pode ser invocado por ninguém em favor da ação demoníaca...

2.000 porcos em estouro. Em primeiro lugar, não encaixa no conceito clássico de demônios que estes precisem de uma casa; que, quando temem serem expulsos do doente, solicitem ir aos porcos. "Os demônios lhe imploravam dizendo: 'Se nos expulsas, manda-nos para a manada de porcos' " (Mt 8,31). Enquadra-se perfeitamente à mentalidade primitiva, que concebia os demônios dotados de corpo, mais ou menos tênue (e até com instintos carnais). Era lógico que o doente, acreditando que falava em nome dos demônios reclamasse justiça comutativa: "Se nos tiras nossa casa, dá-nos outra". Vendo a vara de porcos, é lógico que lhe ocorresse pedir precisamente a "casa" que tinha diante dos olhos.

"E ele o permitiu" (Lc 8,32). Por quê? Esta dificuldade não pode incriminar o valor histórico do fato. Nem incrimina a sua explicação científica. O fato é independente da intenção dos protagonsitas.

Certamente não tem sentido afirmar que os demônios, decididamente maus, quiseram causar dano aos porcos, a seus donos e ainda revoltar a população contra Jesus.[24] Seria o mesmo que afirmar que os demônios enganaram a Jesus quando lhe pediram que os deixasse ir aos porcos. Também não se pode pensar que os demônios foram tão ingênuos a ponto de serem enganados por Jesus e que Jesus pretendeu enganá-los ao conceder-lhes a permissão, pois sabia que haveriam de perecer.

Poderia, neste caso, permitir a morte dos porcos, para facilitar e firmar a cura, por transferência sugestiva, na psicologia do doente. O trauma da sua antiga doença ficará definitivamente sanado pela lembrança da morte dos porcos. Dado que os "demônios" suplicavam que os deixasse ir aos porcos, Jesus poderia tê-lo permitido para anunciar ao doente e às testemunhas que a cura estava realizada. Poderia tê-lo permitido para ensinar, no plano religioso, que o pecado pode acabar em catástrofe... A primeira resposta é simplesmente que Jesus, como homem, não sabia nem previra o resultado de aceder à petição daquele homem.

23. A. George in *Bulletin du Comité d'Études*, tomo V, 1961, pp. 396s.
24. E. J. Maly, "El Evangelio según San Marcos" in *Comentario Bíblico*, tomo III: *San Jerónimo*, p. 87.

Como explicar o fato? Por que os porcos se precipitaram no mar? A mais inadmissível das explicações é a admitida por Cortés na sua tese doutoral em Teologia: "Foi a vontade de Jesus a que produziu o estouro dos porcos".[25] Não: Cristo não causaria diretamente esse prejuízo, nem para manifestar sua glória. O fim não justifica os meios. Permitir é uma coisa, causar é outra.

"Os demônios então saíram do homem, entraram nos porcos, e a manada se arrojou pelo precipício, dentro do lago, e se afogou" (Lc 8,33). Não tem cabimento a explicação demonológica: se fossem os demônios que queriam uma "casa", cuidariam dos porcos. Não provocariam o pânico da vara. Como eles iam querer perder a "casa" que acabavam de solicitar? E seria contraditório dizer que os quase "onipotentes" demônios — como os pintam — não conseguiram dominar o pânico da vara.

Não caberia invocar feitiço. Não se pode considerar os porcos como animais domésticos. 2.000 porcos não podem ser considerados muito ligados ao homem, que captem seu estado de espírito, que obedeçam até o suicídio! Não concordo do ponto de vista científico, com os ocultistas e com aqueles parapsicólogos que deram esta explicação. Embora evidentemente esta explicação seria, em último termo, preferível ou menos contra-indicada que a demonológica.

Prefiro outra explicação, bem lógica e possível:

É típico que, no momento da crise da cura, o doente apresente uma última e mais violenta demonstração. Gritos, gestos, convulsões assustadoras... Os Evangelhos não contam os detalhes da cura do "possesso". É possível que houvesse uma crise paroxística.

É possível que inclusive houvesse um início de pânico nos apóstolos, nos cuidadores dos porcos, em outras pessoas presentes. Já a própria presença do famoso e perigoso energúmeno — um ou dois — logicamente deixava tensos e apreensivos todos os espectadores. Pouca coisa bastaria para provocar uma reação desproporcionada.

Por outro lado, todo mundo sabe que o pânico em certos animais que vivem em manadas, se espraia por contágio num instante. O estouro da boiada. A revoada dos pássaros... Se um ou dois porcos entraram em pânico, toda a vara, em crescente contágio, entraria em pânico.

25. Cortés, *Proceso...*, op. cit., p. 237.

Muitos autores se têm inclinado à explicação pelo pânico nos porcos causado pelos gestos e gritos do "possesso" e dos espectadores. Pensaram unicamente no entusiasmo e manifestação de alegria pela cura. Eu, dando maior importância ao "show" e pânico precisamente no paroxismo da crise, aceito com gosto *também* o entusiasmo pela cura, seguindo nisto a Goodspeed, Hunter, Mackinnon, Miklem, Taylor, van der Loos etc.[26]

O início pode ter sido o influxo telérgico, que causaria uma reação exagerada em algum porco, precisamente por tê-lo sentido em meio ao pânico e ao conseqüente alvoroço das pessoas lá presentes.

Telecinesia? A telergia não influi sobre animais grandes. É repelida. Nas casas "mal-assombradas", as pedras não batem sobre animais grandes. Se batem no homem — muito raro — é sobre o mesmo homem que causa a telecinesia. Quer autodestruir-se. Os animais não pretendem *diretamente* se autodestruir. Se as pedras batem em outro homem ou em animais grandes, é só por ricochete. (Ou é truque: alguém fraudulentamente está jogando essas pedras...)

Os espíritas dizem que as casas são "mal-assombradas" por espíritos vingativos. Teria havido lá um crime e o espírito da vítima vem vingar-se. Vendo, porém, que as pedras não batem, os espíritas dizem então que se trata de espíritos brincalhões. Em que ficamos? Pelo mesmo fato tantas vezes constatado, os russos têm uma palavra (*prokashik*) que significa *brincalhão* para designar o demônio.

Parte da explicação, porém, pode estar na telergia. A telergia pode, por inércia, quando não se consegue repeli-la plenamente, causar um pequeno toque. Diversas projeções da telergia causariam toques insistentes. Também, ao passar perto, a telergia pode causar ventos frios. Insistentemente. Toques e ventos frios misteriosos... e surgiu o pânico.

Qualquer um pode repetir a experiência. Levei ao pânico um porco com pequenos e "misteriosos" toques — ocultamente jogando contra ele pedregulhos com uma zarabatana — ao tempo que em outro ponto do chiqueiro se provocavam barulhos.

Crise, reação, efeitos telérgicos... difunde-se o pânico progressivamente crescente... Os porcos caem pelo íngreme pendente. Mais pânico. Empurrados pelos que vêm detrás, caem no lago.

26. Cf. este último, que se apóia nos anteriores; H. van der Loos, "The miracles of Jesus" in *Novum Testamentum*, Suplementos, tomo IX, Leiden, Brill, 1965, p. 390.

E se afogaram. Todos ou uma parte. Os porcos são excelentes nadadores. Mas caindo no precipício, os que não se mataram ficaram feridos. Assim muitos deles puderam de fato terminar morrendo afogados.

Casos análogos. O caso dos porcos em Gergesa não é um caso isolado. Smit para explicar o caso dos porcos, recolhe casos de pânico nos animais.[27]

Devemos acrescentar os casos por efeito parapsicológico.

O pânico de animais — inclusive não muito ligados ao homem — perante efeitos telérgicos e ectoplasmáticos tem-se constatado inúmeras vezes em Parapsicologia. Em todos os ambientes. Pode ser que o olho humano não chegue a ver nada do que assuste ao animal.

Por exemplo, uma das jovens acusadas de bruxaria no famoso processo de Salem, foi Sarah Good. Foi acusada de ter enfeitiçado até a morte 27 ovelhas e porcos de Benjamin Abbot. Martha Carrier também foi convicta e executada.[28]

Outro caso. A Sra. Elaine Brady Balais experimentou vários casos de telecinesia e osmogênese (cheiros). Com testemunhas. Até que os fenômenos pararam, a cadela Tina, foxterrier, grunhia olhando fixo para algo invisível em determinado local do quarto. Outra noite, exatamente às 22h15min,

> Tina começou a tremer e a gemer, enquanto sob meus próprios olhos uma forma nebulosa e gris flutuava diante da TV. Eu então peguei o crucifixo. Mas minha fé era fraca. Pensei que o coração me ardia quando a forma nebulosa e horrível começou a vir flutuando na minha direção... Um cheiro ácido penetrava no quarto frio (termogênese). Então num clarão (fotogênese) a forma desapareceu. E a minha pequena terrier voltou-se contra mim.[29]

A cadela teve uns momentos de loucura, efeito do pânico. Agiu sob os efeitos de uma forte descarga de adrenalina, atacando sua dona. Não surtiu efeito o exorcismo com o crucifixo, precisamente porque nada tinha a ver o fato com o demônio. Se a "fé"

27. Johannes Smit, *De daemoniacis in historia evangelica*, Roma, Pontifício Instituto Bíblico, 1913, pp. 405-416.
28. Cottou Matter, *Memorable providences relating to witchcraft and possessions*, 1689, p. 242.
29. *Fate*, 1969, setembro.

da Sra. Balais tivesse sido "menos fraca", talvez se tivesse acalmado sua tensão nervosa (por contínua espera do marido sempre empolgado como Supervisor de Recreação na cida de Miami) e o fenômeno parapsicológico teria cessado.

PSICOFONIA

O Cura D'Ars. João Maria Vianney foi protagonista de muitas manifestações parapsicológicas, e as atribuiu ao demônio.[30] Apresentou também o fenômeno conhecido em Parapsicologia por "psicofonia" (voz psíquica, etmologicamente), ou "voz direta" no espiritismo.

A voz nada tem de direta no sentido que o espiritismo lhe dá. Não são os espíritos dos mortos ou os demônios que *diretamente* falam. A presença do médium, do "endemoninhado", ou do santo é sempre necessária. A voz nunca procede de um ponto distante a mais de 50m do doente. Está vinculada a ele.

O Cura D'Ars, principalmente durante o inverno de 1824-25, quando tinha 38 anos ouvia o "demônio" gritando no pátio de sua casa. Outras vezes ouvia vários tipos de vozes, como se fossem de diversos demônios, e houve ocasião em que as conversas e os gritos faziam crer que havia toda uma legião de demônios acampada no pátio. Num determinado momento o "demônio" falou de dentro do próprio quarto do santo. Gritou com voz terrível: "Vianney, Vianney, seu comedor de trufas! Você ainda está vivo? Ainda não morreu? Eu o agarrarei!"

Frisemos que não era só o Pe. Vianney que ouvia as vozes. Algumas vezes várias pessoas foram testemunhas. As psicofonias (como as telecinesias, tiptologias etc.) certamente algumas vezes foram reais.

Como é freqüente em todo doente histero-parapsicológico, houve também manifestas alucinações: perante testemunhas, ele ouvia vozes que ninguém ouvia. Estas alucinações advogam pela origem inconsciente das psicofonias.

Todos os fenômenos apresentados pelo Cura D'Ars têm as características de distúrbio psicológico. Englobadas no conjunto reforça-se assim a compreensão da origem natural das psicofonias.

30. Sobre os fenômenos "demoníacos" do Cura D'Ars, além do biógrafo (que cito na nota seguinte), cf. também H. Lunshof: *De duivel in het wondere leven van J. M. Vianney, Pastoor van Ars*, Amsterdam, 1953.

O biógrafo,[31] sem compreender o alcance de sua afirmação, faz notar que os fenômenos surgiram por primeira vez e foram mais notáveis "durante o curso de uma enfermidade bastante grave". O Pe. Vianney, tentado de pensamentos de desespero, cria-se próximo à morte. Parecia-lhe ouvir dentro de si uma voz que lhe dizia: "Agora cairás no inferno". Havia uma depressão psíquica muito forte. Os fenômenos eram claramente projeções de seu psiquismo atribulado. Aos poucos o inconsciente foi tomando conta do santo, e das vozes interiores que lhe parecia ouvir, passou aos fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos.

Era freqüente que os fenômenos durante a noite fossem mais violentos quando, no dia seguinte, um grande pecador viria a visitar o santo. Telepaticamente captava a vinda do pecador, e o inconsciente, excitado pela notícia tão emotiva para ele, manifestava-se com fenômenos redobrados. Certa insônia e cansaço facilitam a emergência dos fenômenos parapsicológicos. Emocionado e excitado com essas manifestações, o Cura D'Ars no dia seguinte mostrava-se mais eloqüente e vibrante com o pecador arrependido. Na sua ingenuidade o próprio santo dizia: "O Groppin — assim chamava ao demônio — é muito tolo, ele mesmo anuncia — e prepara — a conversão de grandes pecadores!" O inteligente e perverso Diabo virou tolo e apóstolo?

Certa vez a irmã do Cura D'Ars estava sozinha na casa paroquial, quando, em duas oportunidades, apareceu excepcionalmente o fenômeno da tiptologia com relevante violência e persistência. O Cura estava na Igreja. A distância não era muita, para impedir o efeito da telergia do próprio pároco. Mas suponhamos que não foi ele. Contra o que geralmente se argumenta, o fato é bem mais a favor da explicação natural. Não teria sentido que agora o demônio passasse também a atormentar a irmã do santo. Compreende-se que se contagiasse psiquicamente quem tantas vezes presenciara os fenômenos parapsicológicos apresentados pelo seu irmão, e mais ela mesma acreditando na emotiva e desequilibrante interpretação demoníaca. Seu irmão pretendia consolá-la dizendo-lhe: "Não há por que temer. É o demônio. Nada pode contra ti. A mim também me atormenta. Às vezes me agarra pelos pés e me arrasta pelo quarto. Faz isso porque converto almas para Deus".

O Cura D'Ars, não sabendo da existência da telergia que, desprendendo-se dele, causava as modestas psicofonias, as atormen-

31. Francis Trochu, *Le Curé D'Ars*, Lião, E. Vitae, 1927; tradução de Pe. Xavier, S.J., *O Cura D'Ars*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Vozes, 1960, cap. XI: "O Cura D'Ars e o Demônio", pp. 207-224.

tadoras tiptologias, as fotogêneses (luzes) e as perigosas pirogêneses (pequenos incêndios, que podem converter-se em grandes...), é lógico que não soubesse que também aquelas eventuais e pequenas incipientes levitações se deviam também à telergia. Atribuía-as ao demônio: "Algumas vezes (o demônio) me agarra pelos pés e me arrasta pelo quarto". A simplista explicação do santo, porém, é contraditória: todos aqueles fenômenos estariam demonstrando que não é verdade isso de "não há por que temer... O demônio nada pode contra ti".

A fama de exorcista que tinha o Cura D'Ars contradiz o fato de que nele mesmo e nas pessoas que conviviam com ele os fenômenos "demoníacos" iam aumentando. Até que nele terminaram, após 35 anos de "árdua luta". Terminaram, não pelos exorcismos, senão porque no decorrer de tantos anos o psiquismo do Pe. Vianney foi-se sentindo menos angustiado, e mais realizado com seus êxitos apostólicos, e habituado aos fenômenos que terminou por reconhecê-los com calma: "A gente habitua-se com tudo. O Diabo e eu somos quase camaradas".

"Mestre cabeça". O biógrafo destaca um caso, relacionado com "a voz do diabo". Ocorreu em fevereiro de 1840. "Coisa fantástica", diz o biógrafo. Uma mulher está ajoelhada no confessionário. Não consegue falar. O Pe. Vianney tenta animá-la. E, de repente, ouve-se uma voz arrogante. Não é a voz da penitente. É voz rouca, masculina, forte: é o demônio!

— Não cometi senão um só pecado, e faço partícipes deste fruto a todos quantos quiserem... Levanta a mão e absolve-me.

— Quem és?, perguntou o santo.

— Magister Caput (Mestre cabeça = o chefe), respondeu o "demônio". E há uma seqüência de invectivas contra Cristo, contra a SS. Virgem e contra o próprio Pe. Vianney porque não obedeceu ao Bispo que o mandara descansar mais.

Que uma mulher envergonhada e tensa, aos pés do confessionário, não consiga falar, é freqüente. Também é compreensível que no meio da sua tensão quando, por fim, consegue falar, o faça com voz diferente, rouca, masculina. Este falar com voz diferente, um tipo de ventriloquia, dá-se freqüentemente nos histéricos. Chama-se ecolalia. É claro que, quando esta ecolalia e ventriloquia parecem proceder de um ponto diferente da laringe do histérico, constituem uma das explicações da psicofonia.

Se o causante daquela ecolalia (e de algumas adivinhações que a mulher apresentou) fosse o demônio, não teria cabimento que

pedisse "levanta a mão e absolve-me", e que se preocupasse pela saúde do santo e recomendasse descanso. [32]

O Santo D'Ars morreu em 1859. [33]

Lembrança traumática? Centenas de testemunhas. Muitas delas impressionaram com seu relato a quantos estavam presentes no processo de beatificação de S. Clemente Hofbauer (1751-1820).

Em 1801 o redentorista Clemente Hofbauer pregava a uma grande multidão que lotava a Igreja em Varsóvia. De repente ouviram-se gritos como de uma criança sufocada. Suspende-se a pregação. Impressionados, todos procuram. Nada. Nenhuma criança na multidão.

Outro dia, também com a Igreja abarrotada, ao aproximar-se o momento da comunhão, começam-se a ouvir murmúrios cada vez mais intensos. A multidão agita-se molesta. O forte murmúrio se converte em gritos terríveis: "Uma criança foi sufocada! Uma mulher acaba de morrer no meio da multidão!" Depois, de diferentes pontos ouvem-se gritos desesperados: "Fogo, fogo, a igreja está pegando fogo". E todos viram fumaça e chamas, viram-nos inclusive pessoas que estavam fora do templo. Espraiou-se o pânico, perigosamente.

Quando os bombeiros chegaram não conseguiram encontrar traços nem de fumaça nem de fogo. A igreja estava absolutamente intacta. Não é raro que a telergia realize um efeito "quimicamente puro". Fogo que arde e não consome, que ilumina e não aquece, que brilha e não ilumina etc.

Todos ficaram convencidos de que eram tentativas diabólicas de prejudicar a missão de S. Clemente Hofbauer. Na realidade um fenômeno que aconteceu naquela mesma tarde do "incêndio" nos mostra donde procediam aquelas psicofonias (por ventriloquia ou pela ação vibratória da telergia) e quem é que exteriorizava a telergia provocando pirogênese, quem é que representava o papel de criança e de mulher. Frei Clemente rezava diante do altar de S. José. Mais uma vez, a Igreja estava cheia. Centenas de pessoas viram uma nuvem (ectoplasmia) formando-se e envolvendo o sacerdote de forma que, após algum tempo, não mais se via o santo senão uma mulher — que alguns pensaram ser a SS. Virgem.

32. Tenho repetido em grande parte a análise que eu fiz dos fenômenos selecionados por Mário Palumbo: "O Demônio e o Cura D'Ars" in *Revista de Parapsicologia* do CLAP, n. 13, pp. 27-29.

33. Cf. também Ângelo Maria Zecca, *Ars e il suo curato: S. Giovanni M. Battista Vianney*, Turim, SEI, 1929, principalmente as pp. 359-375.

Não nos deteremos a explicar o fenômeno da transfiguração, pois em ambiente demonológico muito raramente é invocada. Além de possíveis tensões musculares do próprio corpo, trata-se de ectoplasma cobrindo-o e disfarçando. Escrevi dois longos capítulos sobre o tema.[34] A transfiguração de S. Clemente Hofbauer mostra claramente que sua própria telergia (como seu ectoplasma) era a origem dos anteriores fenômenos de psicofonia e pirogênese.

Não sabemos se o próprio santo teve anteriormente alguma experiência traumática de alguém sendo esmagado pela multidão. Mas não se precisa ser uma sumidade em psicanálise para perceber que a criança esmagada, a mulher no meio da multidão, o fogo não são mais do que a projeção da sua preocupação inconsciente, de que qualquer dia poderia haver uma desgraça no meio da multidão que tão freqüentemente o cercava. Absurdo atribuir ao Diabo tão delicados sentimentos...

A história do santo, por outro lado, facilitava a manifestação desses sintomas de desequilíbrios inconscientes. Sua infância e juventude foram duras, muito solitárias e carentes do calor familiar. Como padre, fugido de Viena, teve excesso de trabalho em Varsóvia como fundador de várias escolas e outras instituições para a juventude. De volta a Viena, praticamente toda a cidade caía em cima dele à procura de orientação científica e espiritual. No confessionário chegava a estar até 18 horas sem interrupção. Falava-se que tinha energia sobre-humana, o que pode significar que tinha excesso de trabalho, e de tensão nervosa.[35]

Nada de estranho que, em momentos de maior tensão emotiva, alguma vez, poucas vezes aliás, Frei Clemente manifestasse os sintomas histeroparapsicológicos que acabamos de apresentar.

Explicação. A ventriloquia pode ser espontânea por tensão e histeria. Consiste em falar com a boca praticamente fechada, com mínima e praticamente imperceptível articulação dos lábios e inclusive da língua, sendo o som procedente principalmente da laringe. A voz é bem diferente da habitual naquela pessoa. É freqüente produzir nítida impressão de que o som procede de algum lugar distante, inclusive metros, do ventríloco. A ventriloquia é uma das explicações da psicofonia.

34. Oscar G.-Quevedo, S.J., *As forças...*, op. cit., cap. XII: "Transfiguração I: A chave esquecida do enigma de vários lustros", e cap. XIII: Transfiguração II: "Comprovação científica e análise interna".

35. *Compendio della vita di S. Clemente Ma. Hofbauer*, Isola del Liri. Tipografia Arturo Macioce, 1909.

As testemunhas dos "endemoninhados" de Illfurt apresentam exata e perfeita descrição da ventriloquia mais típica! Os dois meninos, após longas horas de tranqüilidade, "mudavam improvisadamente sua atitude e, ficando nervosíssimos e excitados (típico transe agitado), gesticulavam e gritavam sem pausa. Suas vozes não eram de crianças, senão de homens: fortes, roucas e profundas. E dado que seus lábios permaneciam fechados..."[36]

Outros casos têm outra ou um conjunto de causas. Quem não esteja habituado às surpreendentes realizações parapsicológicas terá dificuldade em compreender — e não direi que seja fácil — como o inconsciente possa dirigir tão habilmente a telergia de modo a fazer vibrar o ar produzindo tão variadas, perfeitas e sonoras vozes ou músicas. Talvez ajude algo lembrar que a telergia condensada — ectoplasma — pode moldar uma espécie de laringe, espécie de língua, espécie de lábios. Visíveis ou invisíveis. Os fantasmas falam... Parece mais compreensível que esta espécie de órgãos de fonação fantasmagóricos possam formular sons perfeitos.

A explicação que os espíritas dão da "voz direta", no fundo é contra suas próprias teorias, coincide com a explicação parapsicológica. Os líderes do espiritismo reconhecem que o fenômeno não é provocado pela laringe dos mortos. Não têm. Dizem que se servem do periespírito (que devemos identificar com a telergia e ectoplasma, ou não existe) dos médiuns. O fenômeno da psicofonia como tal é, pois, do médium. Bastará substituir como diretor do fenômeno o espírito do morto pelo espírito do vivo, a inteligência dos mortos pelo talento do inconsciente, e espíritas e parapsicólogos estão de acordo nesta explicação.

Nos últimos tempos fala-se muito de psicofonias que só um bom gravador consegue captar, e só ouvidos treinados percebem na reprodução magnética. São psicofonias tão fracas que parece ilógico atribuí-las a ser tão poderoso como seria Satanás. Contra os espíritas seria uma confissão das fracas possibilidades de "além-túmulo". O fenômeno explica-se perfeitamente de diversas formas, segundo os casos: ventriloquia subliminar ou pelo movimento inconsciente dos órgãos de fonação que acompanha nossos pensamentos, certo influxo magnético da telergia, pela posição intermédia em que se gravou a fita e que volta à posição correta após muito tempo e mesmo muitas outras gravações, o ar está abarrotado de sons e ondas que o gravador pode captar, são importantes os chamados "white noises" (ruídos brancos) produzidos na fabricação e manuseio da fita (tais como os sons mecânicos do motor e da

36. Sutter, *Il diavolo...*. op. cit., pp. 21s., pp. 42s.

mesma fita, eletrônicos nos circuitos, estáticos...) etc. Na interpretação dessas psicofonias, só captáveis pelo gravador, a imaginação e sugestionabilidade desempenharão depois um importante papel.[37]

LEVITAÇÃO

Um dos mais interessantes fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos.[38]

A levitação é muito apta para ser verificada. Não requer peritos para comprová-la, excluída a alucinação e o truque. A cura de um cego, ou de um tumor maligno, exige um especialista para garantir o diagnóstico, para verificar se era doença orgânica ou meramente funcional, para acompanhar a cura... Mas qualquer pessoa pode chegar à certeza de se outra pessoa está realmente no ar ou não. Qualquer um pode se aproximar para verificar e apalpar...

"Nas asas do Diabo!" Germana Cele, a "endemoninhada" cafre,

era vista elevada aos ares, às vezes horizontal, às vezes verticalmente, e isso de modo bem particular. Por exemplo, quando estava deitada sobre a cama, começava a elevar-se lentamente, até alcançar dois metros acima da cama e ficava suspensa no ar sem nenhum apoio. Coisa estranha, as roupas não folgavam dos lados, mas aderiam ao corpo e às extremidades. Depois, pouco a pouco, lentamente, descia.

Quando levitava verticalmente, inclusive na igreja, em presença de todos os fiéis, permanecia suspensa a um metro e meio do chão, e permanecia também por longo tempo naquela posição, sem que nenhuma força pudesse fazê-la descer.

(Durante os exorcismos). Após duas horas e meia de esforços, na igreja, a endemoninhada se levantou ainda mais uma vez pelo ar à altura de uns dois metros. Lá em cima desafiava o bispo e lhe gritava: "Eh, bispo, por que me olha atônito? Tente fazer como eu!" e assim dizendo ria o melhor que podia. O bispo e os sacerdotes a olhavam sem saber o que fazer. Após algum tempo, a endemoninhada, que tinha mãos e pés atados, descia e ficava em pé no chão.[39]

37. Cf. a epígrafe "Psicofonia" no *Índice Geral*, tomo V, n. 30, p. 29, que remete a numerosos artigos sobre psicofonia publicados na *Revista de Parapsicologia* do CLAP.

38. Oscar G.-Quevedo, "Levitação" in *Revista de Parapsicologia* do CLAP, n. 6, p. 26; José Lorenzatto: "Está demonstrada a levitação", ibidem, n. 27, pp. 4-11.

39. Erasmo Hoerner, no apêndice a Sutter, *Il diavolo...*, op. cit., pp. 191 e 200.

Não aceito que "nenhuma força era capaz de fazê-la descer". Tentaram? Tentaram entre várias pessoas, não com meras ordens e ameaças, senão pela força muscular? Ou des-hipnotizando-a, tirando-a do transe com boa técnica?

"Nu e no teto". Um dos casos mais interessantes entre os pesquisados pelo CLAP é o do menino de 14 anos — em 1974 — Gustavo Olmedo Arias. Um lugarejo denominado "El Tigrito", a hora e meia — a pé — da cidade Los Teques, Venezuela.

Seus pais, Sra. Belén e Sr. Gustavo, acodem angustiados a Monsenhor Luis Rafael Tinoco, durante vários anos Vigário Geral do Arcebispado de Los Teques. Quase não podem falar, chorando: o menino falava com voz grossa uma língua que não conhece, blasfema, queimam-se-lhe de repente as roupas... e se eleva até o teto onde fica muito tempo grudado lá!

O Pe. Tinoco não acredita. Eles insistem. Por fim, o Padre vai com eles até o distante casario.

Com efeito, encontro o menino nu e no teto. Tão logo entro, começa a me insultar e a dizer obscenidades. Masturba-se... Depois cai no chão vertiginosamente... Mando que o vistam. Os pais o fazem e, ao ponto, a roupa ficou como cinza... Os pais não querem que outras pessoas o vejam para que não acuda o povo à casa... Insisto... e trago um médico à casa. O médico e eu o encontramos grudado no teto e nu. Logo que o médico entra comigo, o menino começa a insultar-me com toda classe de impropérios. Masturba-se e chega ao orgasmo na nossa presença. Cai do teto, e o médico o faz vestir... Pulveriza-se a roupa... O médico está atônito...

Não posso dar o nome do médico porque não permitiu ao CLAP usar seu nome: "O senhor me prejudicará se usar meu nome neste caso. Eu não creio nem em Deus nem no Diabo. Sou um cientista. A maioria dos cientistas não acredita que aconteçam estas coisas. Se o senhor me envolver neste caso, ninguém acreditará e eu cairei no ridículo".

O Arcebispo de Los Teques, D. Juan José Bernal Ortiz ordenou ao Pe. Tinoco que administrasse os exorcismos ao menino.

Vou de novo a casa. O rapaz está na mesma posição de outrora: grudado no teto. Dizem-me os pais que está nessa posição há dia e meio, sem comer nem beber... Rezo o exorcismo e quando chego ao interrogatório: "Qual é teu nome", me diz com voz rouca e potente: "Sou o espírito das trevas, a força incontrastável do mal". Ordenei: "Desce esse menino do teto à sua cama lentamente, sem fazer-lhe nenhum dano, nem aos outros. E dar-me-ás como sinal de tua saída dizer-me em latim que foges dele". O me-

nino desceu lentamente do teto à cama e me disse com voz rouca: "Fugio ab eo" (Fujo dele). O menino pediu roupa, vestiu-se, beijou minhas mãos e, chorando, agradeceu-me muitas vezes... Todos os domingos vai à Missa — apesar da distância — e se confessa comigo... Encontro-o perfeitamente e me diz estar seguro de que aquilo não lhe acontecerá mais.[40]

Natural, ou sobrenatural? Para Bento XIV[41] a levitação é sempre sobrenatural, causada pelo demônio ou por Deus. A Bento XIV seguem todos os autores de ascética e mística.[42]

Especialista em mística, mas que teve conhecimentos profundos das pesquisas da então iniciante Parapsicologia, o jesuíta Pe. Herbert Thurston, já chegou a duvidar da sobrenaturalidade da levitação:

Temos fundamentos razoáveis para acreditar no fato da levitação. Fica pendente a questão de como se pode explicar. Os teólogos oferecem... uma solução primitiva e fácil... Sem aventurar-me a rejeitar completamente tal explicação, encontro certas dificuldades, complexas demais para resumi-las aqui, que sugerem a prudência de suspender nosso juizo... Pareceu-me que no presente estado dos nossos conhecimentos, não podemos decidir ainda se... (a levitação) transcende ou não o alcance possível do que se pode chamar as forças psicofísicas da natureza.[43]

Com respeito à levitação do menino de Los Teques: o menino era psiquicamente doente. Sofrendo de escrúpulo religioso, dizia que sentia, que sentia mesmo, o demônio dentro dele, e que o único que poderia salvá-lo era o padre. Mas viviam tão longe da Igreja... Os pais não podiam levá-lo até lá. Antes da fase de levitações teve a fase de convulsões, desmaios e todos os sintomas da histero-epilepsia (falsa epilepsia). O menino vivia pedindo que então chamassem o padre. Mas só o procuraram quando os fenômenos chegaram ao máximo.

O menino passou a confessar-se todas as semanas. Retraído, isolado, com praticamente nenhum contato com a cidade. Não sabia ler nem escrever. Aprendeu muito mal o catecismo, "por ser de baixo nível intelectual... Fizera a primeira comunhão, mas mal-preparado".

40. Arquivos do CLAP: *Pesquisa de Campo*, seção "Levitação", n. 20.
41. Bento XIV, *De Servorum...*, op. cit., livro III, cap. XLIX, principalmente n. 4, pp. 555ss., e n. 9, p. 566.
42. Cf., por exemplo, Tanquerey, *Compêndio de Teologia...*, op. cit., n. 1517s., pp. 725s.
43. Thurston, *The Physical...*, op. cit., pp. 30s.

Com respeito ao êxito dos exorcismos: antes que o arcebispo mandasse administrá-los, me perguntava Mons. Tinoco: "Tenha ou não o Diabo, tanto o menino como seus pais estão persuadidos de que o tem. Não exercerá o exorcismo um efeito tranqüilizante? Por via de sugestão não obterá a saúde? Que outra coisa posso fazer?" Eu teria preferido que não se administrassem os exorcismos, que não confirmassem a mentalidade demonológica do menino e dos seus pais. Mas de fato os exorcismos foram um modo de tirá-lo do transe, de des-hipnotizá-lo.

Dever-se-ia ter feito de outra maneira. Teria sido preferível que depois se indagasse pacientemente qual a causa daquele desequilíbrio. Que se descobrisse o remorso da consciência que o menino mantinha oculto (e que apareceu graças ao "demônio"!). Muito bom é uma boa confissão. Deveria instruir-se o menino para enfrentar seus problemas e superá-los sem angústias de consciência, injustificadas e não construtivas.

Sem exorcismos e sem confissão (em casos que nada têm a ver com remorsos de consciência) há muitas curas de "endemoninhados". Como a Srta. Vitória de Vuillet que levitava até o cimo das mais altas árvores, e que foi curada por sessões de hipnotismo durante 5 dias.[44]

A levitação — e sua cura — é um efeito evidentemente natural porque de causas e condições naturais.

Remédios sugestivos. Num rapaz de 16 anos, além de dar mostras de adivinhação do pensamento (HIP) e de acontecimentos distantes (Psi-Gamma), além de vesânia destrutiva, quebrando móveis, louças, agredindo as pessoas que lhe eram antipáticas quando estava no transe furioso, também mostrava freqüentemente um curioso tipo de levitação: "Punha-se de cabeça no chão e pernas para cima, em Y, e *rolava assim longamente, fazendo da cabeça pião*".

Continua o ex-espírita e famoso conferencista católico Felício dos Santos, mestre, amigo e precursor de Tristão de Athayde:

Fui convidado a observar o caso. Apenas cheguei à porta da casa, adivinhou ele a minha visita, anunciando-a, e encerrou-se num quarto, fechando-se a chave, não atendendo às instantes solicitações. Sucedeu, porém, a chegada de um credor impertinente que, em altas vozes, exigia grosseiramente do pai o pagamento de víveres comprados. Repentinamente abriu-se a porta e o rapaz atirou-se como

44. Charles Lafontaine, *Mémoires d'un magnétiseur*, 2 tomos, Paris, 1866, tomo II, pp. 96ss.

uma fera sobre o credor (demônio — bom filho!). Com dificuldade impedimos alguma violência grave...

Resolvi tentar um tratamento "religioso", sem dar a perceber aos assistentes. Enviei à família um vidro de água pura com a bênção (invocando a proteção) de Sto. Inácio de Loyola. Recomendei a aplicação em doses de uma colherada por dia, "por ser um medicamento fortíssimo."

A sugestão teve um êxito completo: "Dois dias depois, apareceu-me o rapaz perfeitamente são, agradecendo-me e pedindo permissão para continuar seus estudos". Seria magia e heresia acreditar que o efeito depende da dose que se toma da água de Sto. Inácio (esta é uma oração implícita).

A água de Sto. Inácio — "eficaz contra os demônios", diz supersticiosamente a "bula" — desobsessionou o rapaz? "Acabando o remédio, renovei-o, e a cura foi-se mantendo perfeitamente. Sucedeu, porém, que estava eu fora do Rio, quando acabou a segunda porção. Os ataques renovaram-se logo e de modo terrível". A cura tinha sido puramente sugestiva.

A mãe dirigiu-se a diversos farmacêuticos pedindo o remédio... Nenhum farmacêutico conhecia a fórmula da água de Sto. Inácio. Chegando ao Rio de Janeiro, e sabendo do caso, eu ia procurar o doente quando soube, pela mãe, que estava ele afinal definitivamente curado, tomando apenas algumas gotas de um medicamento homeopático prescrito por um médico ateu, afamadíssimo. Fui felicitar o sumo facultativo, perguntando-lhe qual fora a sua maravilhosa aplicação. "Nem sei. Nunca vi o doente (respondeu o médico: a mãe não se atraveu a levar o agressivo filho, e o médico não podia receitar sem ver o paciente), nem prestei atenção à exposição do caso. Para desembaraçar-me das lamúrias da mãe, prescrevi um medicamente (vitaminas) a esmo."[45]

Um outro menino, durante vários anos, subia freqüentemente pelas paredes. Simplesmente encostava nelas e mexia os cotovelos. No CLAP verificamos casos análogos, como uma menina de Jaboticabal, SP, observada inclusive por seis sacerdotes ao mesmo tempo). Entre as numerosas testemunhas, o vigário de Grenoble (França), um professor da Faculdade da mesma cidade, e um engenheiro, antigo aluno da afamada Escola Politécnica de Paris onde se pesquisava sobre Parapsicologia.

A mãe do "possesso" estava muito angustiada com as levitações do filho. Consultou em vão muitos médicos (que nem acreditavam no fenômeno...). Um dia, o menino, durante o transe, receitou um chá. Ou porque o chá fosse realmente muito calmante, ou pela confiança que o menino depositava no remédio que seu próprio inconsciente receitara, a realidade é que o menino sarou.[46]

Seria completamente absurdo supor que o demônio se pode acalmar com vitaminas, com chá ou por sugestão. Os nervos do menino sim. Portanto, a levitação é um fenômeno natural.

O "mecanismo" da levitação. Para a finalidade deste livro basta lançar umas pistas.

Os ocultistas — espíritas, teósofos, esotéricos etc... — dizem que o corpo astral (?) ou periespírito (?), desprendendo-se, "suga" o corpo carnal!

Há algum ponto de contato com a explicação por místicos e pseudomísticos, cristãos e budistas: A preponderância do espírito sobre a matéria. O corpo se "espiritualiza", outros até dizem que se "diviniza".[47] O espírito libertaria o corpo da força da gravidade procurando o ponto de equilíbrio entre espírito e matéria!

Na "ordália" ou "juízo de Deus" em que se lançavam as bruxas na água, pretendia-se verificar se apresentavam uma leveza específica menor que a comum.

Os iogues afirmam que, com a mente em Deus e com determinado modo de respirar (*pranayama*), o corpo se torna mais leve do que o ar mais denso e, por isso, o iogue se eleva uns palmos do chão.

Para os ouvidos ocidentais tal explicação é simplesmente absurda, mas na linguagem simbólica oriental e pseudomística da ioga pode não significar nada diferente da explicação dos ocultistas e dos místicos. E inclusive, descartando também estes últimos dos seus "símbolos", pode não significar nada diferente da explicação dos parapsicólogos.

A explicação parapsicológica mais plausível ou ao menos mais freqüente das levitações: em determinados momentos de exaltação ou predominância do psiquismo, pode o organismo desprender telergia e esta é que levanta o corpo. De diversas maneiras:

1) Não é completamente sem base afirmar que em levitação o corpo diminui de densidade. Se há emissão de telergia, é lógico que haja diminuição de peso. Num convento existente nos arredo-

45. A. Felício dos Santos, *Casos reaes a registrar*, 2ª ed., Rio de Janeiro, ABC, 1937, pp. 121ss.

46. Eugène Auguste-Albert, conde de Rochas, *La lévitation*, Paris, s.d.; uso a tradução de Pitris, *A levitação*, 2ª ed., Rio de Janeiro, FEB (Federação Espírita Brasileira), 1953, pp. 86s.

47. Cf. Ribot, *Mística Divina"*, op. cit., tomo II, pp. 508-600.

res de Grenoble (França), uma freira, nas suas crises de êxtase, caía rígida no chão. Nesses momentos, os assistentes podiam levantá-la no ar "pouco menos que se fosse uma pena". Tão leve parecia. (A rigidez facilita muito a distribuição do peso entre as pessoas que o levantam). "Meu corpo parecia flutuar... como se todo o peso tivesse saído dele", dizia Sta. Teresa.[48]

Durante as levitações do médium italiano Carancini verificou-se, e as fotografias o confirmam, que seu corpo nu parecia quase translúcido (perifericamente!).

Verificou-se com outros doentes, a Srta. Goligher por exemplo, que seu corpo ficava flácido e diminuía de peso durante a emissão de telergia e de novo ficava denso e recuperava o peso quando acabava o fenômeno.[49]

Mas apesar da emissão telérgica, não é suficiente para o corpo ficar mais ligeiro do que o ar...

2) O corpo poderia ser empurrado pela própria telergia. Ou poderia ser sustentado por "hastes psíquicas" na expressão consagrada por Crawford,[50] isto é, uma espécie de coluna (ou colunas) ectoplasmática invisível a olho nu. A levitação, nestes casos — parecem os mais típicos —, não é mais do que uma divisão da telecinesia. Se a telergia e ectoplasma podem levantar objetos, não parece desproporcionado que, em momentos de maior paroxismo, possam levitar o corpo do próprio doente.

É muito freqüente que o levitado, se tem consciência do que se passa com ele, dê a entender que sente uma força que o levanta. S. Filipe Neri foi muitas vezes visto elevado do chão durante a celebração da Santa Missa. Fez repetidas confidências ao seu amigo, Pe. Gallonio. Este, cinco dias após a morte do santo, escrevia: "Ele explicou depois de uma destas ocasiões (de levitação), que lhe parecia como se tivesse *sido agarrado por alguém* e de uma maneira muito estranha *levantado do chão pela força*".[51]

48. Teresa de Jesus, cf. Pe. Silveiro de Sta. Teresa (comp.), *Obras de Santa Teresa*, Burgos, 1922, cap. XX, p. 138.
49. W. J. Crawford, *The reality of psychic phenomena. Experiments in psychical science. The structures at the Goligher circle;* uso a tradução e adaptação de René Sudré, *La mécanique psychique*, Paris, Payot, 1923, p. 154 e nota 18; tradução de Haydée de Magalhães, *Mecânica Psíquica*, São Paulo, LAKE (Livraria Allan Kardec Editora), 1963.
50. Idem, ibidem.
51. Bolandistas (historiadores S.J. sob a "chefia" do Pe. Jean Boland, S. J., *Acta Sanctorum* (Antuérpia, Bruxelas, Tongerloo), Paris, 1643ss., Veneza, 1734ss., Paris 1863ss., maio, volume VI, pp. 465 e 590. *Analecta Bollandiana*, Bruxelas, 1882ss.

A descrição desta força (telérgica ou ectoplasmática) que agarra e levanta irresistivelmente, é completada pela Ir. Maria Villani, famosa dominicana do século XVII: "Numa ocasião... senti-me transportada de *uma maneira tão forte que me senti levantada, completamente, pelas plantas de meus pés*..., estando suspenso meu corpo por um espaço considerável de tempo. Na véspera de Natal passado, isto me ocorreu em cinco diferentes ocasiões".[52]

Mas provavelmente, onde o parapsicólogo melhor poderá encontrar insinuada a ação da telergia e ectoplasma mesmo visível empurrando e sustentando o levitado, é na descrição feita por Sta. Teresa de Jesus:

> O arrebatamento é irresistível... a gente *vê ou sente* como se uma *forte* águia estivesse nos *carregando* em suas asas... Uma *grande força, por baixo dos meus pés que me erguia*... Eu sentia, podia perceber que *estava sendo erguida*... *Parecia-me sentir sob meus pés forças espantosas que me arrebatavam*.[53]

3) Muitas vezes a telergia tem apresentado efeitos elétricos e magnéticos. Fundamentando-se nesses fatos, alguns teóricos do ioguismo — suprimindo as metáforas —, como também alguns ocidentais dos quais talvez tenha sido o primeiro o Dr. Fugairon — médico e físico — no seu *Ensaios sobre os fenômenos elétricos dos seres vivos*, lançam outra hipótese explicativa. Parece lógica. Em alguns casos é possível que de fato a telergia tenha agido assim.

> São conhecidos — escreve Fugairon — os movimentos devidos ao fluxo da eletricidade pelas pontas... Não seria possível que um paciente... na ponta dos pés sobre um assoalho ou ladrilho mau condutor, e produzindo um fluxo muito intenso de fluído elétrico (telérgico) pelos dedos dos pés, se elevasse acima do solo? Não poderia também produzir-se o efeito se o paciente em êxtase deixasse escapar o seu fluido ao mesmo tempo pelos dedos dos pés e pelos joelhos dobrados?...
>
> Sabe-se que o corpo dos animais é diamagnético, e que a Terra é um ímã... Um ímã repele o corpo que é menos magnético do que o meio no qual está mergulhado. Talvez este princípio... represente também um papel na levitação.

De fato, o mais famoso entre as vítimas de fenômenos parapsicológicos, Daniel Dunglas Home, descreve — e não é o único: "Durante essas levitações nada sinto de particular em mim, exceto

52. D. M. Marchese, *Vita della V. Serva di Dio Suor Maria Villani*, Nápoles, 1717.
53. Teresa de Jesus..., Silveiro..., *Obras*..., op. cit., p. 138.

a sensação de costume, cuja causa atribuo a uma grande abundância de eletricidade nos meus pés". [54]

4) Outros teóricos da ioga — se os traduzimos a termos científicos — apresentam uma hipótese que pode ser real em outras levitações: polarização interna do corpo. No Ocidente a hipótese foi apresentada por Erny:

> A levitação depende da diferença entre as polaridades elétricas ou magnéticas. O corpo humano tem uma polaridade diferente da da Terra. De sorte que elas se podem anular em certos casos. Isto quer dizer que, se a Terra e o corpo chegam a um mesmo estado de polaridade, o corpo fica em estado de elevar-se. [55]

Gérard Cordonnier, engenheiro-chefe da Engenharia Marítima da França concorda com a explicação. Por determinadas orientações das partículas elementares, o efeito de atração de uma partícula sobre a outra fica anulado. O efeito da gravitação ficaria anulado por uma espécie de polarização interna. A ação do inconsciente nesta hipótese consistiria em provocar essa orientação privilegiada das partículas que constituem o corpo humano.

5) Há outra explicação relacionada com a antigravitação, mas não por polarização, senão pela ação da telergia para formar um campo antigravitacional ao redor do corpo do doente parapsicológico. Assim o sugerem várias descrições. Por exemplo: Maria Coronel Agreda era superiora de um convento. Tuberculosa. Como fazia sinceros esforços para não levitar, muitas vezes acabava vomitando sangue. Sabendo que, quando estava em transe, lhe retiravam o véu e temendo que curiosos estranhos pudessem observar seu rosto como que transfigurado, ela afirmava que preferia ter sido colocada no cepo dos tormentos. Durante o êxtase não dava mostras de sentir qualquer violência que se lhe infligisse. Quieta, pálida. Parecia morta. Mas o que agora nos interessa: o bispo Samaniego que a conhecia intimamente, declara: "Estava um pouco levantada do chão, e tão ligeira que não tinha peso próprio, de tal maneira que, como uma pena, podia ser movida (e levada) a alguma distância, mesmo com sopro".

A levitação e suas características eram facilmente verificáveis por numerosas testemunhas, pois "freqüentemente permanecia em estado estático durante duas e inclusive três horas". [56]

---

54. Daniel Dunglas Home, *Révélations sur ma vie surnaturelle*, Paris, 1864, p. 52.
55. Alfred Erny, *O psiquismo experimental*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1953.
56. D. Ximénez Samaniego, *Vida de la venerable Madre Maria de Jesús*, cap. 9.

A descrição enquadra perfeitamente ao que aconteceria se a Madre Maria de Jesus (Coronel Agreda) estivesse num campo antigravitacional.

6) Há outras possíveis explicações ou outras diferentes ações da telergia, nas diversas levitações.

Conclusão lógica: não é lícito atribuir o fenômeno ao sobrenatural antes de excluir todas as possibilidades e hipóteses naturais.

Como dizia o sábio jesuíta, Pe. Thurston, a solução da Teologia clássica (em pessoa santa, ação de Deus ou seus anjos; se não, dos demônios) é uma saída precipitada. Tanto mais que levitações se têm constatado em todos os ambientes, na mais completa variedade de conotações religiosas, pseudo-religiosas e sem conotação nenhuma de religião: católicas, protestantes, hinduístas ou budistas, maometanas, espíritas, ocultistas ou fetichistas, ateus e indiferentes... [57]

APORTE

Inspirado na história. William Peter Blatty, no seu livro *O exorcista*, acertadamente inclui vários aportes:

Um vestido sai de um armário fechado, atravessa uma parede e entra em outro armário fechado. [58]

Uma das cenas mais impressionantes do filme é aquela em que Regan vomita grande quantidade de líquido verde e viscoso. De onde veio tudo aquilo? Aquilo não era, nem podia ser, alimento em digestão, como no vômito comum. [59] Pareceria pura imaginação de um novelista sensacionalista. Blatty pretende, porém, recolher os fenômenos melhor comprovados na época da bruxaria.

Blatty quase sempre exagera nos fenômenos que apresenta. Nestes dois casos de aporte não exagera. São casos típicos nas descrições seculares e de todos os ambientes.

Por exemplo em Illfurt. A respeito dos "endemoninhados" irmãos Burner se lê:

> Em pleno dia e em presença de uma centena de testemunhas, entre as quais havia homens seriíssimos, nada crédulos, muito perspicazes e pertencentes a todas as classes da sociedade, é unanime-

---

57. Cf. as coleções de casos de levitação. São clássicas as de Olivier-Gilbert Leroy, *La lévitation*, Paris, 1928 e Rochas, *La lévitation*, op. cit.
58. Blatty, *O exorcista*, op. cit., pp. 40s.
59. Idem, ibidem, pp. 287-293.

mente reconhecida a impossibilidade de qualquer engano... Naquela época numas trinta ocasiões Teobaldo... arrancava (ao fantasma invisível) a punhados, penas, que depois jogava aos espectadores apavorados... Uma outra vez, após terem-se queixado de prurido e de picadas dolorosas em todo o corpo, faziam sair (através) de suas vestimentas uma tal quantidade de penas e detritos que cobriam por inteiro o pavimento, e mesmo que se lhes tirassem os pijamas ou as roupas, penas e detritos continuavam a aparecer.[60]

Às vezes, o corpo dos coitados se inchava de modo que parecia dever estourar e eles vomitavam espuma, penas e detritos, enquanto suas roupas se recobriam daquelas mesmas penas que infestavam toda a casa. (As penas entravam invisivelmente no corpo dos meninos para depois saírem visivelmente).[61]

Todos esses fenômenos "demoníacos" estavam sempre ligados *à presença* dos "endemoninhados".

Perante a Teologia. Para os "demonófilos" todos esses casos se devem a forças demoníacas: "Superam as forças da natureza". A respeito dos aportes (bem singelos!) de Marie-Thérèse Noblet escreviam os famosos Pe. Giscard e Pe. Grimbert: "o espírito maligno demonstrou a realidade de sua ação com argumentos irrecusáveis".[62]

Quando fenômenos semelhantes acontecem em ambiente religioso seria o poder divino!: Seria precisamente isso que o demônio pretende imitar. Como a este respeito o CLAP ainda nada publicou, deter-me-ei um pouco mais na exposição.

No Colégio dos Padres Jesuítas em Quito (Equador), um quadro da Santíssima Virgem, que estava no refeitório, chorou. Todos os alunos e os padres viram lá lágrimas escorrendo dos olhos da Virgem. "A Dolorosa de Quito" é venerada em todo o mundo católico.

Há uns 30 anos se fez famosa a "Madonnina delle lacrime" de Siracusa (Itália). Antonina Giusto venerava no seu quarto de dormir uma imagem da SS. Virgem. Um dia, pelas maçãs do rosto da estatuazinha correram lágrimas. O fenômeno repetiu-se várias vezes, perante muitas testemunhas. Eram lágrimas humanas, segundo demonstrou a análise laboratorial. A imagem é venerada hoje num altar da praça Eurípedes. E até João XXIII, quando Cardeal, presidiu procissões em honra da Virgem de Siracusa.

Observações do CLAP. Aqui no Brasil, em Porto das Caixas (RJ), um grande crucifixo de tamanho natural sangrou no dia 26

60. Sutter, *Il diavolo*, op. cit., pp. 18-20.
61. Idem, ibidem, p. 83.
62. Lhermitte, *Les pseudo-possessions...*, op. cit., pp. 156s.

de janeiro de 1968. Durante três horas. O vigário e várias outras pessoas testemunharam o prodígio. Era sangue humano como comprovou o laboratório do Dr. Hering, de Itaboraí (RJ).

Hoje os padres que atendem no Santuário, chefiados pelo nosso aluno de Parapsicologia, Pe. Jairo Dall'Alba, não dão nenhuma importância ao prodígio do sangue.[63]

Jamais uma Virgem chorou ou um crucifixo sangrou estando a mais de 50m de um doente parapsicológico.

Em Akita (Japão) ninguém ligaria para as pretensões de uma religiosa de 40 anos, quando assegura receber mensagens da SS. Virgem. Mas o fato que deixou perplexo o bispo, o capelão, a comunidade, os "técnicos" em mística, é que uma estátua da SS. Virgem, perante aquela religiosa, às vezes sangra numa mão, chorou várias vezes e até tem suado profundamente. Analisados por um professor da Universidade de Akita, verificou-se que eram sangue, lágrimas e suor humanos.

Unicamente o jesuíta Pe. Antonio G. Evangelista me consultou e compreendeu que a história cheia de fenômenos histéricos e parapsicológicos da "vidente" é um forte argumento a favor da origem meramente parapsicológica do fato. "Não fora fraude. São muitos e dignos de fé os testemunhos." Inteligentemente acha, com toda razão, "um dado psicológico interessante que a vidente está sempre por perto quando acontecem estes fenômenos e sente medo e como senso de culpabilidade".[64]

Lastima, porém, que não se tenham analisado as lágrimas, sangue e suor da própria vidente. Seriam, sem dúvida, do mesmo tipo que o das gotas que corriam sobre a imagem da SS. Virgem.

Monsenhor Camilo, vigário da Paróquia Nossa Senhora da Candelária, em Itu, SP, remeteu-me o caso. Dentro de uma urna de madeira e vidro, chorava um santinho de N. Sa. Aparecida, e sangrava abundante, horripilantemente, uma estatueta de Cristo jacente.

Nem a Virgem chorou nem o Cristo sangrou quando D. Hermínia, a dona da casa, estava longe. Estando ela a bem menos de 50m, suas lágrimas e seu sangue chegavam ao santinho e à

63. Afrânio Brasil Soares, "Cristo que Sangra" in *O Cruzeiro*, 9-10-1974; Geraldo Lopes, "O Cristo de Porto das Caixas continua sangrando. Só Deus pode explicar" in *Fatos & Fotos. Gente*, 19-10-1977, Tavis Batista, "Uma imagem que sangra... Cristo, a paixão do povo em Porto das Caixas" in *Fatos & Fotos. Gente*, 16-4-1979. — José Antônio Donato, "Fariseus negociam o sangue de Jesus", e "Governador fatura" in *Repórter*, 1979, agosto, etc. Corrijo alguns dados, após visita pessoal e pesquisa no local.
64. Arquivos do CLAP, *Fatos da vida real*, seção "Aportes", n. 10.

estátua através da parede, ou da porta fechada, através da madeira e do vidro da urna que eu mesmo tinha lacrado. Eram lágrimas e sangue de D. Hermínia: o mesmo RH, o mesmo número de glóbulos brancos, glóbulos vermelhos... como verificamos.[65]

No Brasil se fez famoso o caso do poster de D. "Santinha" (Maria das Neves Marques). Sobre a fotografia da defunta, várias vezes e perante toda classe de testemunhas, escorriam lágrimas. Eram lágrimas mesmo. O fenômeno começou quando a dona da casa, Dona Maria das Neves Medeiros, no quarto onde estava a fotografia da mãe, contava um sonho que tivera a respeito dela.

Logo os espíritas vieram com explicações mirabolantes. Será bom lembrar que os mortos não têm sangue de vivos... A casa n. 292 da rua Carmelo Ruffo, em Jaguaribe, PE, não fosse a decidida atuação dos moradores, católicos e bem aconselhados, teria virado antro de espiritismo.[66]

Desmaterialização. Isso é o aporte: o ser humano inconscientemente pode fazer com que um objeto sólido ou líquido desapareça, atravesse qualquer obstáculo e apareça de novo.

A desmaterialização e materialização de um objeto é parte do processo do aporte. Converte-se em pó o cobertor com que pretendiam cobrir o "endemoninhado" de Los Teques. Do "endemoninhado" do Monte Rainier dizia impressionado o jesuíta que ajudou o exorcista: "Asseguro-te, Gene, o vi com meus próprios olhos, o rapaz não rasgou o livro do Ritual, o dissolveu! O livro se vaporizou! E caiu como confete ao chão!"

Suor sangüíneo. À procura da compreensão completa do aporte, vejamos a exsudação hemática. Relacionado com o aporte de sangue — sair sangue do corpo invisivelmente, atravessar as roupas e as paredes, aparecer de novo — está o *suor* sangüíneo. Bem mais simples.

O famoso exegeta Joaquim Jeremias prefere dizer que Jesus no Horto das Oliveiras não podia ter suado "espessas gotas de sangue que caíam por terra" (Lc 22,44), se não que o suor escorria *como* (escorreriam) gotas de sangue.[67] Esta exegese torna-se forçada à luz da Parapsicologia. Uma real saída de sangue, de abundante sangue, não passaria de uma espécie de aporte, inicial e simples.

---

65. Arquivos do CLAP, *Pesquisa de campo*, seção "Aportes", n. 1.
66. Arquivos do CLAP, *Recortes*, seção "Aportes", n. 2 (três documentos); "O Norte" (jornal de Recife): "Foto da falecida começa a chorar", 25-10-1976.
67. Jeremias, *Teologia do novo...*, op. cit., p. 86.

A jovem histérica Maria pretendia ter sido maltratada pelo seu patrão. Além de estigmas sangüíneos (hemopatias), apresentava hemorragias ao redor da raiz dos cabelos. Examinada minuciosamente, com lupa, comprovou-se que a exsudação hemática através do couro cabeludo se realizava sem a menor escoriação cutânea.

A histérica podia predizer este suor sangüíneo, pois sentia uma plenitude no epitélio, e dor. Também chorava sangue, sem ferida nenhuma nos olhos ou na glândula lacrimal.

Após algum tempo, a doente conseguia o suor e as lágrimas sangüíneas quase à vontade, provocando histericamente seu transe de violenta agitação, convulsões espasmódicas, hemiplegia esquerda e arrepiantes crises nervosas.

O caso de Maria, e tantos outros, especialmente de mães que suaram sangue vendo os tormentos dos seus filhos, mostram que em determinadas pessoas hemorragias sem feridas poderão resultar de fenômenos neuropáticos e aparecem segundo o desejo e a fantasia dos doentes.[68]

A famosa estigmatizada alemã, Teresa Neumann, chorava grande quantidade de sangue. O CLAP tem fotografias macabras... Sem nenhuma ferida nos olhos nem nas maçãs do rosto. Mais ainda, o aporte propriamente dito: manchões de sangue apareciam repentinamente sobre as roupas da cama.

E o aporte em direção contrária: depois o sangue se ia reabsorvendo. Ia desaparecendo de sobre a roupa, só ficando nela pequena mancha que indicava que lá houvera sangue. Teresa Neumann não ficava anêmica.

Também temos fotografias da Sra. Helena Aiello que algumas vezes durante a Quaresma ou em algumas sextas-feiras suava abundante sangue. O rosto todo ficava coberto de sangue. E encharcava amplamente a roupa. Pouco depois, o sangue se reabsorvia — aporte em sentido inverso —: o rosto ficava limpo, as roupas só com a mancha "testemunha" de que lá houvera, mas que não mais havia sangue.

Feitiço das agulhas. Outra versão do aporte, muito freqüente (dentro da raridade dos fenômenos parapsicológicos) é a de agulhas no corpo. Não há dúvidas de que a origem desta manifestação é a feitiçaria. Mas não se trata de poderes do demônio nem dos feiticeiros, senão de força parapsicológica da própria vítima. O inconsciente — geralmente só o inconsciente — adivinha, ou teme, ou inventa que lhe estão fazendo esse clássico feitiço de fincar agu-

---

68. Cf. Jean Lhermitte, *Mystiques et faux mystiques*, Paris, Bloud & Gay, 1952.

lhas num boneco. Nada aconteceria se o inconsciente não estivesse cheio de superstições e, ao contrário, estivesse pleno de idéias otimistas. Mas no supersticioso, o inconsciente dirige uma exteriorização de energia somática (telergia), e a telergia faz o aporte de agulhas ou pregos. Através das paredes. Penetram no corpo sem ferida. Extraídos da parede de madeira ou do cimento armado.

Aqui no CLAP temos muitas radiografias que mostram até centenas de agulhas no corpo.

Sintomático: o aporte é realizado mais freqüentemente por mulheres, principalmente adolescentes. Mesmo no caso de agulhas em mulheres adultas, o fenômeno geralmente começou na adolescência. Os demônios, espíritos de mortos, ou larvas astrais etc. têm preferência por jovenzinhas? Este sexo e esta idade são especialmente aptos para desequilíbrios psíquicos.

No Brasil, alguns casos têm-se feito famosos. Um senhor na cidade de Paraúna, GO, ofereceu ao demônio nada menos que uma das suas filhas. Quando as radiografias comprovaram que Yeda Maria de Jesus, 23 anos, tinha o corpo cheio de agulhas, pregos, pedaços retorcidos de arame, grampos de cabelo, parafusos..., o pai se suicidou. Logo se suicidou um irmão de Yeda. Participante do pacto satânico, também se suicidou uma vizinha. Levaram a menina a Brasília, à "Casa da Bênção", onde o "missionário" Doriel e mais 10 pastores de diferentes seitas submeteram Yeda Maria exaustivamente às cerimônias de exorcismo.

Tudo inútil: "Ela está enfeitiçada e só Deus poderá salvá-la... está possuída por um demônio terrível, chamado Exu de Aço", dizia o supersticioso Doriel. "Foi o caso mais difícil que enfreitei durante toda a minha carreira de exorcista." É que os curandeiros podem "curar" por sugestão doenças histéricas, mas é claro que a sugestão não pode extrair agulhas, assim, num momento. Mas Yeda acabou por expulsar do seu corpo inumeráveis e esquisitos objetos estranhos. Por aporte entraram, por aporte saíram.[69]

Temos no CLAP filmado o caso de D. Lucrécia Maria Januário. Mora na rua Mato Grosso, no bairro Industrial, Lorena, SP. Tem agora mais de 40 anos. Desde os 15, é portadora de agulhas e pregos. Médicos e até particulares como um tal João Prado, lhe têm extraído dezenas de agulhas. E entram outras. Na radiografia do nosso documentário, aparecem mais de 100 agulhas só no seio e costado esquerdo. Extraí-las uma por uma?! Ela e os espíritas

69. Marlene Anna Galeazzi, "Pastores exorcistas combatem um demônio" in *Manchete*, 4-2-1978; "Na Casa da Bênção" in *Fatos & Fotos*, op. cit.

— inclusive perante mim em debate na TV — pretendem supersticiosamente que é efeito do feitiço, ação dos espíritos dos mortos.[70]

Ilzabete Arruda da Cunha, 18 anos, foi operada pela oitava vez no hospital de Caridade de Erexim, RS. Tira-se uma agulha, depois penetram mais duas... Nesta oitava operação o Dr. Olindo Santos teve de empregar duas horas e abrir todo o joelho, pois o alfinete que retirou estava sob a rótula.[71]

Conveniente nesse caso a operação. Alguma vez as agulhas saem "sozinhas" após algum tempo por aporte inverso. Geralmente, apontam notavelmente sobre a pele, repelidas pelo organismo, e é bastante um alicate — sem receio nenhum — para extraí-las. Sem as complicações e amplidão da operação cirúrgica. Em todo caso as agulhas estão enquistadas numa cápsula de tecido conjuntivo, impermeável, isolante, nem os leucócitos entram lá. Nenhum perigo para o paciente. Sem dor e sem infecção. Nenhum micróbio sai de lá. Não tem cabimento que o demônio tivesse esses cuidados...

Não podiam compreender em La Seca, em Rueda, em Medina del Campo e por fim em Valladolid (Espanha) como uma criança de uns meses, José Amalio, podia deitar — e não sobre algodões! —, mexer-se, brincar normalmente, com mais de 20 agulhas incrustradas por todo o corpo. Mas isso é o que acontece sempre: não se conhece nenhum caso de aporte de agulhas que ofereça perigo à saúde da vítima.

Foi acusada a mãe, Verônica Jorge, de querer desfazer-se do menor de seus cinco filhos por não poder mantê-los.[72] O que não é mesmo explicável é como uma mãe, que desconhece as mais elementares noções de fisiologia, poderia criminosamente incrustrar mais de 20 agulhas no corpo de seu filhinho sem produzir-lhe a morte, infecção e nem especial incômodo...

Foi efeito parapsicológico da mãe sobre a criança? Não; a telergia não age sobre outra pessoa. Algumas criancinhas vivem como que por osmose dos pensamentos — depressões neste caso e mentalidade de feitiçaria — da mãe. Era a telergia da própria criança.

No CLAP têm-se tratado vários destes casos. Por alguns já antes de virem aqui serem casos públicos, podemos citar nomes

70. Cf., também, entre outros documentos, em âmbito internacional, Mário César Moraes, "La mujer a quien le nacen cientos de agujas" in *Vanidades Continental*, 15-11-1971.

71. "Operada pela 8.ª vez..." in "Folha de S. Paulo", 22-4-1975.

72. Servicio especial de "Hispana Press" publicado, por exemplo, em "Ya", 18-12-1971.

— reservando-nos detalhes e análise psicológica —, como Otília Bertoldo (de Indaiatuba), Maria Verônica Pereira (de Florianópolis), Nilza das Dores Guimarães (de Araras) etc. Algumas chegaram "retalhadas" pelos médicos e com quelóides (cicatrizações defeituosas) que enfeiavam... mas ainda com agulhas!

Só uma agulha enterrada em forma vertical ao peritônio no tecido adiposo sobre o estômago de Nilza nem saiu sozinha nem consegui empurrá-la pelo outro lado para a extração pelo "delicado" método do alicate. Por isso solicitei a extração pelo Dr. Luiz Brunetti (fez curso de Parapsicologia comigo), no Hospital São José, do Brás, São Paulo, SP. Bastou 1/2 centímetro de corte. Outros médicos aos quais acudi, mais a título de sondagem de mentalidade, não quiseram "mexer em coisa de Macumba"!

Objetos atravessam muros. Mais um tipo clássico de aporte são as pedras e outros objetos que entram numa casa com portas e janelas fechadas. Através do teto, dos vidros da janela... Os supersticiosos dizem que a casa está mal-assombrada por espíritos vingativos! O Cura D'Ars pensava ser vítima de ataques do demônio!

Visitei uma casa no bairro de Água Limpa, na cidade de Araçatuba, SP. D. Maria Costa, viúva de 47 anos, uma noite saiu apavorada de sua casinha, onde vivia sozinha, assegurando que vira cair do telhado, repetidas vezes, grãos de milho. Em outra noite, e perante testemunhas, grãos de milho entravam na geladeira fechada, pedras caíam do teto, pedras e pedaços de madeira entravam na casa. Na casa do administrador da fazenda, Sr. Darcy Nasciboni, dez pessoas viram, além de latas a se deslocar, pedras e pedaços de tijolos a caírem atravessando o muro... Nos dias seguintes, nas cinco casas da fazenda se observou algum aporte e outros fenômenos "esquisitos".

Admiravam-se de que as pedras não batem — a não ser de ricochete ou por inércia. Os demônios e os espíritos vingadores viraram brincalhões!

Quando, ao meu conselho, o menino Antonio, de 12 anos, foi com a família ao Paraná, tudo voltou à normalidade.[73]

Dificilmente se encontrará uma cidadezinha onde não existe uma "casa mal-assombrada". Dificilmente nessa casa onde alguma adolescente — geralmente — manifesta fenômenos parapsicológicos, falta o fenômeno do aporte.

73. Arquivos do CLAP, *Pesquisa de campo,* seção "Poltergeist", n. 10.

Marlene Falcão de Albuquerque (Recife, PE):

Aos treze anos, aconteceram certos fatos em minha casa, como, por exemplo, peças de roupas jogadas no chão de dentro do guarda-roupa fechado. Diziam que isto acontecia porque eu era médium. Papai me internou num colégio de freiras. Com a minha ausência, tudo voltou ao normal em casa. Mas eu, depois dos 18 anos até agora que estou com 32, tenho outros fenômenos".[74]

Pe. Pedro Rizzon (São Marcos, RS):

Com um meu sobrinho existe um caso curioso. A família mora em Pelotas, bairro Milheria, rua 1, n. 295. Até foi preciso que a polícia interviesse para que a multidão de curiosos deixasse a família em paz. O menino, de 12 anos, movimenta objetos sem contato, como sejam louças saem do armário fechado, entra na casa um tijolo que estava fora, o mesmo com pedras... Isto aconteceu em 1971. A família estava desolada.[75]

Ir. Bernardette Motta, Filha da Caridade (São Paulo, SP):

Há quinze dias, no quarto de uma casa, há uma perigosa saraivada de pedras. Os sapatos são carregados para o telhado. Vez ou outra, jorra água do chão cimentado e os donos sofrem baldadas de água. Uma amiga que assistiu 4 vezes, pergunta se o fenômeno é espírita ou demoníaco.[76] (Nem espírita nem demoníaco. A "saraivada" não é perigosa).

Pe. João Malner, C.SS.R. (São Paulo, SP):

Gostaria de saber o que dizer a um ou outro dos nossos paroquianos que, de fato, são instrumentos de fenômenos parapsicológicos. Penso em uma menina de 8 anos: diz o pai que freqüentemente, quando viaja com ela, acontecem coisas estranhas como, por exemplo, coisas absurdas caindo do teto da casa.[77]

E assim poderíamos seguir transcrevendo inúmeras cartas. É evidente por todo o conjunto que se trata de sintomas de doença parapsicológica, claramente fenômenos vinculados aos doentes. Doença. Não o demônio.

Difícil é fotografar. Rara vez o fenômeno do aporte poderá ser provocado no momento desejado. A este respeito me escreve o amigo Oscar López Guerra, de San Salvador (El Salvador):

74. Arquivos do CLAP, *Fatos da vida real,* seção "Aportes", n. 4.
75. Ibidem, n. 9.
76. Ibidem, n. 8.
77. Ibidem, seção "Poltergeist", n. 18.

Agradaria um artigo que trate do que aqui chamamos de "chuva de pedras". Aqui se têm dado freqüentes casos de casinhas, geralmente nos bairros pobres, as quais de repente começam a ser apedrejadas. O curioso é que as pedras caem dentro dos quartos, com janelas e portas fechadas. Uma vez, os donos de uma casa chamaram a polícia. Os "gendarmes"... em toda a noite não conseguiram descobrir o criminoso, apesar de que as pedras de vez em quando começavam a cair na casa. Por fim, fecharam-se eles sozinhos dentro da casa. Um "general" frustrado ordenou: "Bom, filhos..., se são tão machos, joguem agora uma pedra!" E como se fosse um filme cômico, imediatamente caiu uma pedra porosa com tanta força que esfarelou-se toda. Os "gendarmes" saíram correndo, espavoridos. Fizeram constar no relatório que os mortos estavam a se vingar de alguém.[78]

Não obstante episódios como neste caso "a mando do chefe", os fenômenos do aporte — como qualquer fenômeno parapsicológico —, são inesperados, não se realizam com hora marcada e no lugar em que o pesquisador de Parapsicologia deseja. Por isso é difícil fotografá-los.

Difícil, mas possível. Assim, por exemplo, na casa do Sr. Cid de Ulhoa Canto, em Itapira, SP, houve vários aportes. Testemunhas: o delegado, promotor, vários médicos, o vigário Pe. Henrique... O caso dependia da empregada. Há uma fotografia, entre dezenas que se tiraram inutilmente, na qual aparece a empregada em questão e sobre a sua cabeça uma colher surpreendida um decímetro após ter penetrado na cozinha através do teto.[79]

Difícil é fotografar. "Fácil" é ver. No museu do CLAP guardamos alguns entre os *de maior tamanho* dos múltiplos objetos que um ou outro dos nossos pesquisadores viram penetrar através de portas fechadas, paredes etc. nas casas "mal-assombradas" que fomos "desassombrar". Dois grandes caracóis do mar, um martelo, óculos, um relógio de bolso, uma caneta, um cinzeiro, pedaços de tijolos, vários pedaços de chumbo, pedaços de uma tigela etc.

A lei do aporte. Detalhe importante em todos os casos de aporte e para qualquer fenômeno parapsicológico de efeito físico: afastem-se da casa, a mais de 50m, todas as pessoas. Podem os parapsicólogos encher a casa de máquinas automáticas de filmar, de fotografar, de gravação de sons... Nada acontece. É absolutamente necessária a presença do homem. Porque é a sua telergia,

78. Ibidem, n. 12.
79. Audálio Dantas, "Mistério no casarão" in *O Cruzeiro*, 7-9-1959.

a sua energia corporal, transformada e exteriorizada (dirigida pelo inconsciente), a responsável pelo fenômeno.

Aqui e agora. A telergia não age sobre o passado nem o futuro, como agiria se fosse uma força espiritual (a pretendida PK).

Na casa do Dr. Felipe Riveros, médico-cirurgião de Bucaramanga (Colômbia) caíam objetos perante a polícia, detetives e "peritos". Não sabendo ninguém como explicar o fato, acudiram a Mons. Iruzana para que benzesse a casa que julgavam "mal-assombrada". Os "exorcismos" tiveram de ser interrompidos: as pedras caíram dentro da casa, durante as rezas e bênçãos, com maior intensidade. O acertado "exorcismo" o administrou o Pe. Luis Dussan (que fizera um estágio aqui no CLAP): após breve pesquisa, mandou que retirassem a empregada adolescente e que lhe procurassem trabalho em outra parte. Os fenômenos acabaram para sempre.[80]

Em laboratório. Não podemos repetir à vontade o fenômeno do aporte, não podemos obrigá-lo a apresentar-se na frieza de um laboratório. Há muitos anos que Sir Oliver Lodge, professor de Física da Universidade de Londres, propôs que se tivessem nos centros de pesquisas parapsicológicas duas argolas de madeira. Torneadas cada uma numa única peça. Sem solução de continuidade. Cada argola de um tipo diferente de madeira. Nada se perde com tentar a sorte sempre que se apresentasse alguma pessoa vítima de aporte... Se conseguissem enfiar as argolas uma na outra, sem quebrá-las... O truque é impossível e a verificação, fácil.

E com efeito: para os especialistas da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Boston e de Nova Iorque, o conseguiu Nina (Margery) Crandon, pouco antes de morrer nos últimos dias da Segunda Guerra Mundial. E aí estão até hoje as argolas, de diversas madeiras e sem solução de continuidade, enfiadas uma na outra.

A explicação física. Esse é o fato. O aporte existe. É relativamente freqüente. Depende do homem. É produzido por sua telergia. Pode-se até fazer a psicanálise do que o inconsciente quer manifestar com esses fenômenos: desejo de chamar a atenção, de vingança, de comunicar uma notícia desagradável ou um perigo que adivinha, manifesta carência afetiva, inveja etc.

Mas como é que a telergia faz para realizar o aporte? Como é que faz desaparecer o objeto? Como é que faz atravessar corpos sólidos? Como é que o faz aparecer de novo?

80. Arquivos do CLAP, *Fatos da vida real*, seção "Aportes" n. 11.

Não há impossibilidade *teórica* na física moderna.

1) Trata-se de um efeito físico: um corpo físico em movimento no espaço-tempo e através de obstáculos físicos.

2) Os corpos, na realidade profunda, são como redes de partículas microscópicas (massa-energia). A massa (quantidade de matéria, coeficiente de inércia) é mínima. Se parássemos o movimento e analisássemos os corpos com um microscópio eletrônico descobriríamos que, de partícula a partícula que compõem um objeto, há maior distância relativa que de estrela a estrela.

3) A extensão dos corpos (macroscópicos, visíveis) é devida à velocidade em movimento circulatório das partículas que os constituem.[81] É pelo movimento das suas partículas que os objetos nos dão a ilusão de continuidade.

4) Todo corpo é permeável para qualquer forma de energia e velocidade superiores à sua. Por exemplo, o magnetismo: a energia radiante do campo eletromagnético atravessa qualquer campo porque tem a velocidade da luz (300.000km/s), que é superior à velocidade molecular (27.000km/s) dos corpos atravessados.

5) A própria massa dos corpos em movimento varia com a velocidade, segundo um dos teoremas da teoria da relatividade de Einstein.[82] E está demonstrado por experiências de laboratório (desintegração de átomos etc.) que a massa se pode transformar em energia. Se a velocidade de um objeto supera a velocidade molecular, então esse objeto se desintegra, porque vence a força da atração das partículas que o constituem.

O aporte *teoricamente* se explicaria pelo influxo do homem na velocidade. O doente parapsicológico poderia exercer um influxo dentro de seu campo de forças. A telergia, energia neuropsíquica, agiria sobre a velocidade e atração das partículas (ou moléculas) que constituem os objetos.[83]

Cabem três hipóteses:

a) O doente parapsicológico imprime ao objeto de aporte velocidade superior à das partículas que constituem determinada área do obstáculo: o objeto atravessa então esta área do obstáculo.

81. Em função de três variáveis: massa, energia e vetor velocidade: Ext. = f(M.E.V.).
82. E cin = m. c^2, onde E cin = energia cinética, m = massa, e c = velocidade da luz.
83. Na mecânica clássica a massa não se transforma em energia, é invariável: E cin = 1/2 m v^2, onde v é a velocidade do móvel. Mas na teoria da relatividade, supera-se o erro da mecânica clássica.

b) Pela velocidade transforma a massa do objeto em energia: o objeto "desaparece" e a sua energia atravessa qualquer obstáculo.

c) Exerce o influxo em determinada área do obstáculo diminuindo ou neutralizando (durante um décimo de segundo que fosse) a velocidade molecular: essa área do objeto ficaria praticamente sem massa: permeável.

O problema é *prático*. Não teórico. Para realizar tais prodígios em laboratório, o físico precisa de grande quantidade de energia. O calor é altíssimo (por exemplo na bomba atômica).

Mas na *vida* real há casos que superam as experiências dos físicos. Para realizar a fotossíntese que a clorofila das plantas realiza (absorvendo anidrido carbônico e desprendendo oxigênio durante o dia, à inversa durante a noite), em laboratório se precisa grande quantidade de calor completamente incompatível com as exigências vitais da planta. As plantas invernais do Canadá, porém, realizam a fotossíntese a 40°C abaixo de zero. A *vida* tem energias superiores às da matéria morta da física... Igualmente a *vida* do homem, no aporte, supera a prática dos cientistas.

FENÔMENOS ECTOPLASMÁTICOS

Os "demonófilos" — não há exceções — costumam fundamentar-se na *fantasmogênese* e na *bilocação*.

A bilocação — plasmar-se a si mesmo — não se encaixa na demonologia porque indica claramente que a origem do fenômeno é a própria pessoa: é o pensamento de si mesmo objetivado com o ectoplasma. (Não falo da mal chamada "bilocação a longa distância". É outro fenômeno: "Projeção do ESP").

No fundo a fantasmogênese é a mesma coisa. É igual plasmar a idéia a respeito de si mesmo, ou de uma pessoa viva — a maioria dos fantasmas representam pessoas vivas —, ou de um ser legendário, ou de um morto qualquer, ou de uma alma do purgatório, de um orixá... ou de um demônio.[84]

Fato. A imaginação humana dramatiza vivamente seus medos e desconhecimentos científicos. Isso é o que faziam as antigas mitologias.[85] Assim continua toda classe de ocultistas. E os espíritas concretamente.

84. Cf. Oscar G.-Quevedo, S.J., *As forças...*, op. cit., tomo II, cap. 11: "Fantasmogênese. Existem os fantasmas".
85. G. van der Leeuw, *Phanomenologie der Religion*, 2ª ed., Tübingen, 1956; uso a tradução: *La Religion dans son essence et dans ses manifestations*, Paris, Payot, 1955. F. Heiler, *Erscheinunys. Formen und wesen der Religion*, Stuttgart, 1961, pp. 476-480.

Numa sessão com a célebre médium Eusapia Palladino fecham-se as portas da sala de visitas e se apaga a luz. Durante algum tempo, nada. Pouco depois vêem-se brilhar luzes azuladas (fotogênese).

Cantalamessa, um estudante de Geologia, parecia divertir-se muito. Eusapia, pelo contrário, estava furiosa com a informalidade de Cantalamessa. E a informalidade aumentou quando as luzes se fizeram acompanhar de "raps" ou golpes (tiptologia). A dona da casa, a Sra. Polozott, célebre na "alta roda", sem poder se conter ante a atitude do estudante, declarou suspensa a sessão. E se acenderam as luzes.

O jovem fora levado à sessão na última hora graças à insistência do convidado de honra daquele dia, o poeta Gabriele D'Annunzio, que os membros do círculo pretendiam converter ao espiritismo. Mas aquela atitude de Cantalamessa...

O jovem ironicamente se escusava: jurava que não fora ele, e continuava a rir contagiando o incrédulo poeta.

— Juro que não fui eu. Foi o espírito, ria o jovem.

— De péssima educação, murmurou a Sra. Polozott.

A senhora não havia terminado as três palavras, quando da parede de frente a nós, uma parede lisa, nua, sem portas, sem móveis, surgiu uma forma humana, um gigante, que se lançou sobre Cantalamessa, o aferrou ao mesmo tempo que a D'Annunzio e, empurrada e aberta a porta com as costas, os aventou os dois juntos como um embrulho de trapos sobre um divã que estava na câmara seguinte.

Não riamos mais. Estávamos palidissimos. A Sra. Passina quase desfaleceu... (O gigante) se desvaneceu sob os olhares estupefatos de todos nós.

Aceito por grandes inteligências. Quem escreveu estas palavras foi Frederico Verdinois, o renomado tradutor ao italiano do *Quo Vadis* de Sienkiewicz. Assistiram também e confirmaram os fatos, além dos citados, o Prof. Wagner e sua esposa e Giuseppe Pessina, filho do ex-ministro Prof. Enrique Pessina.

Verdinois continua: "O leitor acreditará ou não acreditará, como melhor lhe aprouver. Seja qual for a sua atitude de ânimo, não poderá obter que as coisas que se realizaram não tenham acontecido. Os fatos são brutais e não demandam ratificação de aceitação de outrem para ser aquilo que são". [86]

86. Frederico Verdinois, "Ricordi Giornalistici" in *Varietas*, maio, 1919; cf. *Luce e Ombra*, ano XIX, fasc. 5-6, 31 de maio até junho de 1919, *Mondo Occulto*, ano VII, 1947, n. 3, maio-junho, pp. 146ss.

A essa garantia tão explícita de quem tinha uma seriedade tão conhecida, acrescenta o Pe. Giovanni Batista Alfano, sacerdote, professor e doutor em Ciências Naturais: "Conheci Verdinois e o visitei na sua casa, na praça de Gesù Nuovo, em Nápoles. Pedi confirmação do fato por ele narrado, o que ele fez sem modificação". [87]

Dramatização do medo. Este caso foi publicado e muitas vezes comentado. Mesmo pessoas sensatas e instruídas o atribuíram ao demônio. Tal a interpretação do próprio Pe. Alfano.

Esses fenômenos de tiptologia e sansonismo, como também a fotogênese e a fantasmogênese do "gigante" são plenamente explicados pela Parapsicologia. [88] O "demônio" neste caso é, até evidentemente, a dramatização e objetivação do impulso de raiva e sede de vingança do inconsciente da médium. Ideoplasmia: a idéia plasmada com ectoplasma (exteriorização e transformação da energia somática). [89]

Os demônios são idéias plasmadas. Até o conhecido especialista Pe. Herbert Thurston, S.J. também atribui ao demônio um caso análogo. [90] É que se trata de um braço cheio de pêlos e agressivo! A plasmação ou objetivação de um membro ou parte dele em Parapsicologia chama-se ecto-colo-plasmia (colo = membro). [91]

Outros casos em que a imaginação do médium se objetiva em aparências de rosas, de espíritos amáveis ou de fadas que seja, compreendem esses autores que é fruto da imaginação e forças parapsicológicas (ectoplasmia) do chamado médium; mas não percebem que é igual quando a dramatização se origina no ódio, ou no medo, ou numa imaginação mais doentia, mais "fantástica". Como a de Leonard, a famosa dotada de fenômenos parapsicológicos de ordem física.

Era numa sessão de Leonard com duas amigas, Florenza e Nellie.

87. Alfano, *Lo spiritismo*, op. cit., p. 305, nota 1.
88. Oscar G.-Quevedo, S.J., *As forças*, op. cit., e na *Revista de Parapsicologia* do CLAP, sobre sansonismo, n. 8, p. 20, n. 14, p. 34; e n. 28, pp. 4s.
89. Sobre ectoplasma e fantasmas, veja-se o meu *As forças...*, op. cit., caps. 9 e 10 do primeiro tomo, e 11 a 16 e apêndice 2 do segundo tomo.
90. Herbert Thurston, S.J., *The Church and spiritualism*, Londres, e Milwaukee, Bruce, 1933; uso a tradução: *La chiesa e lo spiritismo*, Milão Vita e Pensiero, 1937, p. 81.
91. Oscar G.-Quevedo, *As forças...*, op. cit., tomo II, cap. 10.

De repente me apercebi de que qualquer coisa estava entre mim e Nellie. Era alguma coisa que oprimia (a médium, antes de olhar, já sabia de que se tratava. O conhecimento, como o ecto-colo-plasma, ambos surgiam do seu próprio inconsciente). Olhei na direção de Nellie. Sobre suas costas descobri uma mancha preta que ia aumentando de tamanho, e gradativamente assumiu a forma de um braço, um braço comprido e sutil, mas de cor escura e coberto de pêlos. O braço se dirige para o pescoço de Nellie, a qual se pôs em pé de um pulo com um grito lacerante, derrubou a cadeira em que se sentava, e se precipitou à porta da sala sacudindo-a fortemente para sair, lamentando no seu terror por estar fechada com chave. Nellie, pálida como um lenço lavado, tremendo da cabeça aos pés, disse que tinha sentido uma pressão no pescoço, quase até o estrangulamento, e tão forte que não podia suportar por mais tempo tal terror.[92]

A vida de Franck Kluski foi, desde a infância, cheia de pesadelos terrificantes. Quando médium, numa sessão dirigida pelo Dr. Gustave Selley, "apareceu uma cabeça grossa, peluda, como se fosse um enorme macaco. Um dos circunstantes estendeu a mão, e a besta, que emanava um cheiro selvático (osmogênese), a aferrou e a lambeu com uma língua larga e mórbida".[93]

Quando a idéia não está plasmada suficientemente, quando o ectoplasma não é visível a olho nu, mas captável por uma boa máquina fotográfica, o fenômeno é chamado *escotografia.*[94]

Estas e semelhantes dramatizações dos sentimentos humanos acontecem em todas as épocas. Hoje como ontem. No espiritismo como nos povos que aparecem na Bíblia...

No festim de Baltasar. No festim de Baltasar, "apareceram dedos de mão humana que se puseram a escrever por detrás do lampadário, sobre o estuque da parede do palácio real, e o rei viu a palma da mão que escrevia. Então o rei mudou de cor, seus pensamentos se turbaram, as juntas dos seus membros se relaxaram... A inscrição, assim traçada, é a seguinte: Mane, mane, Tecel, Parsin... Mediu... pesado... dividido..." (Dn 5,5-29).

Quem escreveu essas palavras? Foi Deus que mandou, como afirma Daniel?: "Foi por ele (Deus), enviada a extremidade dessa mão e traçada esta inscrição", (versículo 24). Mediatamente. Tudo

92. Gladys Osborne Leonard, *My life in two worlds*, Londres, Cassell, 1931.
93. Paul Heuzé, *Les morts vivent-ils?*, 2 tomos, Paris, La Renaissance, s.d.: tradução: *I morti vivono?*, Milão, 1972.
94. Cf. Alfonso G.-Quevedo, S.J., "Fotografias del Pensamiento" in *Revista de Parapsicologia* do CLAP, n. 2, pp. 4-16.

se atribui a Deus como Causa Primeira. Mas não foi Deus imediatamente. Para os "demonófilos", se não foi Deus, tinha de ser o demônio! Para os espíritas foi certamente a mão de um morto!

Aos "demonófilos" o que mais impressiona é a profecia que essas palavras envolviam e que Daniel interpretou e que os fatos confirmaram. Pensam que o conhecimento do futuro é exclusivo de Deus! Não conhecem Psi-Gamma. Não se fundamentam no modo com que foi escrito. A mão e a escrita, com o seu mistério, seria simplesmente a "confirmação" da intervenção sobrenatural!

Para o parapsicólogo, porém, tanto a adivinhação como a *pneumografia* (ou escrita direta) são fenômenos naturais.[95] Foi o pensamento inconsciente de Baltasar que, adivinhando seu próprio futuro (Pcg: Precognição), o expressa com uma extremidade de mão (ecto-colo-plasma) e a pequena telecinesia de raspar na parede (não é preciso acudir ao aporte de pequena quantidade de tinta).

Que foi Baltasar quem inconscientemente adivinhou o futuro se confirma pelo pânico em que entrou e os pensamentos tétricos que o assaltaram. Que foi ele quem realizou a pneumografia se confirma pela espécie de transe e debilitamento físico que nele se manifestou.

"MAIORA SUNT INDICIA"

O Ritual Romano, ao final dos sinais de possessão, acrescenta que "quanto mais sinais concorrem, maiores indícios constituem".

Que o acúmulo de fenômenos parapsicológicos impressionem mais é lógico. Mas que a gravidade de complicações ou sintomas de uma doença seja indício de intervenção demoníaca não parece lógico.

Na realidade quanto mais se analisarem os diversos fenômenos cada um em si, em conjunto, e nas suas circunstâncias, mais indícios aparecem de serem naturais.

Cito alguns "indícios" concretizando-se à análise global dos fenômenos de efeitos físicos:

1) As experiências, observações e análises realizadas pelos centros de estudo da Parapsicologia são ao mesmo tempo uma prova de que o fenômeno é absolutamente natural, humano. Foram, aliás, realizadas em ambiente e condições completamente estranhos à demonologia.

95. Cf. os artigos sob a epígrafe "Pneumografia" in *Revista de Parapsicologia* do CLAP, Índice Geral, n. 30, p. 29.

2) Encontram-se os mesmos fenômenos em todas as épocas e povos. E fora do ambiente demonológico, mais complexos e "empolgantes".

3) Sente-se, capta-se, mede-se a energia humana invisível (telergia); ou visível (ectoplasma), emanando do corpo do doente parapsicológico na realização do fenômeno.

4) Às vezes se tem também comprovado a perda de peso do doente, correspondente à energia emanada.

5) Muitas vezes se observou que precedendo ou acompanhando os fenômenos o doente faz movimentos ou gestos musculares. . . . "indício" de ser sua vontade (inconsciente ou consciente) que comanda.

6) Nos casos em que a vontade do doente não se manifesta anunciando o fenômeno, um bom psicanalista pode descobrir o que o inconsciente quer manifestar com o fenômeno: desejo de chamar atenção, vinganças, agressividade, carência afetiva etc.

7) O fenômeno é sempre um símbolo, às vezes claro, como parar um relógio, derrubar uma fotografia ou murchar uma planta para significar a morte.

8) Simplesmente por um "não sabemos explicar", que algum destes fenômenos é atribuído à intervenção diabólica (ou espírita).

9) As interpretações demonológicas (ou espíritas) não se enquadram na explicação dos fatos. Implicam muitas contradições.

Nem se vê que interesse teria o demônio em escolher, entre milhares, um pequeno número de pessoas, (em geral) nem mais santas nem mais depravadas do que as outras.[96]

10) Os fenômenos são estreitamente vinculados às diversas circunstâncias de saúde, sugestionabilidade, "desenvolvimento" psicopatológico em círculo vicioso (o desequilíbrio provoca o fenômeno parapsicológico, este causa mais desequilíbrio, e daí maiores ou mais numerosas manifestações parapsicológicas. . .). Acomodam-se às idéias e sentimentos, inibem-se ou exaltam-se pelas circunstâncias, precisam estado de transe com suas diferentes exigências e condicionamentos etc. Do doente e do ambiente.

Confirmação famosa é o caso de S. João Bosco. O "demônio" "lhe gritava na orelha até ensurdecê-lo. Quando D. Bosco deitava na cama, uma mão misteriosa lhe retirava os cobertores até os pés, e se ele os recolocava no lugar, a mão misteriosa os retirava

96. Tonquédec, *Merveilleux*. . ., op. cit., p. 115.

de novo. Muitas vezes a cama tremia. Os travesseiros se agitavam sob a cabeça. A porta do quarto rangia como agitada por vento impetuoso. Sobre o forro do teto produziam-se rumores como se fossem produzidos por numerosas carruagens arrastadas por cavalos desenfreados. Gritos desesperados se ouviam pelo ar do quarto". (É evidente o exagero nos fatos objetivos. Seriam ouvidos muito longe! O santo ouvia subjetivamente muito mais que a realidade objetiva. Uma vez, um padre corajoso quis vigiar o que acontecia com D. Bosco, mas ao dar meia-noite explodiu tal fragor "infernal" que o padre fugiu precipitadamente. Contágio psíquico).

As manifestações parapsicológicas duraram três anos. Mas quando D. Bosco acendia a luz do quarto tudo acabava. Apagava a luz e freqüentemente os fenômenos recomeçavam (Fenômenos causados pelo "príncipe das trevas"!). O demônio tem medo da luz? A escuridão assusta. . . Quando, após umas horas de relativo descanso, o santo estava mais relaxado, também cessavam os fenômenos. O relax acalma o demônio?[97]

11) Os fenômenos deixam sua "marca" até o esgotamento no organismo e psiquismo do próprio doente.

12) A "espetacularidade" de todos esses fenômenos na realidade enquadra-se numa dimensão humana.

13) Nunca um destes fenômenos físicos se realizou a mais de cinqüenta metros de distância do doente.

14) A etiologia (causas), diagnóstico, pródomos (desenvolvimento) e cura dos "possessos" podem ser identificados e previstos e realizados pelos especialistas modernos. Sem exorcismos. Com psicoterapia. Os "possessos" podem ser "curados" até por sugestão e outros métodos de curandeirismo.

Podemos concluir com Alcides Morin, redator da revista "La Magie du XXIe. siècle": os fatos, impropriamente chamados sobrenaturais, do espiritismo então nascente e da bruxaria então agonizante, "nada mais são que a expressão natural do instinto (do inconsciente) elevado ao máximo".[98]

"ET ID GENUS ALIA"

Não temos tratado outros fenômenos atribuídos aos demônios. São fantasias ou truques. Fenômenos dos quais cabem dúvidas muito bem fundadas de se realmente têm acontecido alguma vez. A algumas dessas fantasias aludirei no próximo capítulo.

97. E. Ceria, "D. Bosco con Dio" in *Luce e Ombra*, 1931, p. 326.
98. Alcides Morin, *Comment l'esprit vient aux tables*, Paris, 1854.

Capítulo VIII

A CONFISSÃO DAS BRUXAS, GARANTIA DE VERDADE?

Mesmo que os tribunais civis muitas vezes não o exigissem, ninguém era condenado pela Inquisição senão convicto e confesso.

Os próprios condenados confessavam que eram bruxos, reconheciam a real intervenção do demônio! Pode ser que os inquisidores só estivessem interessados no combate à heresia, mas os acusados confessavam-se evocadores do demônio!

É possível que os bruxos tivessem confessado durante tantos séculos se não se acreditassem realmente partícipes dos poderes do Diabo? E essa crença secular dos próprios protagonistas, crença que lhes custava a vida, poderia não ter fundamento? [1]

Assinado com sangue.

Se o demônio tem algum poder, esse poder haveria de conseguir-se em troca da entrega da alma, pelo pacto..., maravilha se o demônio não se aproveitasse de oportunidades tão propícias...; nem nos custa pensar que Deus de fato permita ao demônio... para castigar tanta maldade...

Assim raciocinavam os inquisidores. E assim raciocinam os "demonófilos" contemporâneos. As frases entre aspas que acabo de copiar são do grande teólogo e conhecedor de Parapsicologia D. Boaventura Kloppenburg. [2] Sei que D. Boaventura elogiosamente trocou de opinião — após ter conversado comigo e re-estudado o tema.

1. Para uma informação geral do tema deste capítulo, cf. também Mary Douglas, *Witchcraft confessions and accusations*, Londres, Tavistock, 1970; Raymond Buckland, *Witchcraft from the inside*, 2ª ed., Saint Paul (Minnesota), Liewelyn, 1975.

Como exemplo da seriedade com que se fazia a entrega da alma ao Diabo, citam o pacto em fórmulas macabras, redigido com sangue — não só a assinatura.

Mas a "seriedade" não livra o pacto, antes ao contrário, de ser um meio humano e natural que pretende um efeito sobrenatural: *sacramentum diaboli*: heresia.

A "seriedade" do pacto explica por que o bruxo, psicologicamente, cai numa certeza subjetiva de ter o demônio a seu serviço. E daí a todas as alucinações e loucuras. A bruxaria, como toda e qualquer mentalidade mágica, leva à alienação. "A história da bruxaria — afirma Giuseppe Fazzin — além de informar-nos de um *habitus mentis* que interessa ao estudo da psicologia coletiva, alerta-nos para que vigiemos frente à ameaça que a irracionalidade exerce perenemente contra o equilíbrio e a saúde mental". [3]

Burla histérica. Naquele tempo em que o sexo era tabu e havia grandes remorsos psicológicos, então praticamente incuráveis, compreende-se que algumas histéricas se convencessem a si mesmas de que qualquer problema sexual era coisa do demônio.

Não faltaram então os que vislumbrassem esta explicação. Assim W. de Auvergne compreendia que não era a luxúria dos demônios que perseguia os seres humanos, "porque se assim fosse poderiam estar melhor servidos entre eles mesmos", pois se dizia que havia demônios machos e demônios fêmeas, íncubos e súcubos; era a luxúria dos homens a que incriminava os demônios. [4] Boguet, apesar da credulidade — própria da época — que mostra em toda a sua obra, [5] pergunta sensatamente: "Por que não deveríamos melhor acreditar que essas mulheres usaram os demônios como pano de boca para encobrir seus incestos e adultérios? Portanto mantenho que a viúva de quem Bodin fala, ficou grávida por um homem natural e não por um diabo".

Com certeza subjetiva, a bruxa se vangloria de crimes que não cometeu, mesmo que a confissão lhe custe a vida. Gaba-se de estar possuída pelo demônio.

2. D. Boaventura Kloppenburg, *O espiritismo no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1960, p. 291.
3. Juan José Plans, "Manson y el diablo" in Arquivos do CLAP, *Recortes*, seção "Bruxaria-Demonologia", n. 2.
4. Robbins, *The Encyclopedia*..., op. cit., p. 466.
5. Boguet, *Discours*..., op. cit.

Não se gabava o "endemoninhado" do Evangelho de estar possuído por uma legião de demônios? Madelaine Dalmandox de la Palud, a "endemoninhada" de Aix-la-Provence, não ficara por menos: estava possuída por 6.666 demônios capitaneados por Belzebu.[6]

Qualquer coisa, as mais absurdas, aceitavam então. Haveríamos de aceitá-las hoje pelo simples motivo de serem confissão das bruxas? Em Toulouse, em 1275, aceitaram que Angela de Labarthe concebera dum demônio e que dera à luz um bebê-diabo com cabeça de lobo e rabo de cobra.[7] Um bebê peludo e com "cauda" é concebível; mas um pai-demônio-lobo-cobra, tudo ao mesmo tempo...

Com a mesma certeza a bruxa acusa o inocente. Mesmo que no meio de tanta fantasia houvesse alguma verdade, dificilmente esta poderia ser isolada. O testemunho da histérica de nada vale.

O processo dos padres Boullé e Picard começou em 1643. Quatro anos demorou a oficialidade de Evreux e o Parlamento de Ruão a pronunciar a sentença definitiva: bruxos, eles eram os responsáveis de que as freiras do convento estivessem endemoninhadas.

Não adiantaram os exorcismos ministrados pelo arcebispo e pelos padres capuchinhos. A "endemoninhada" acusa:

> Um dia — disse Ir. Madelaine — o Pe. Picard fez-me comungar no locutório. Tocou-me no peito com a mão debaixo do peitoral. E ao dar-me a Santa Hóstia, em vez das palavras habituais, disse-me: "Já verás o que vai te acontecer". E com efeito, tomada de um impulso irresistível, saí para o jardim e sentei-me debaixo de uma árvore. Então apareceu-me o demônio sob a figura de um gato do convento, que pôs as patas nos meus joelhos e as outras nos ombros, e, aproximando de minha boca o focinho, com um olhar horrível, parecia querer arrancar-me a Hóstia.
>
> Na noite seguinte, na cela, ouvi chamar o meu nome. Pensando ser uma religiosa, levantei-me e assim que cheguei à porta, senti-me arrebatada pelos ares. E de repente encontrei-me num lugar onde estavam muitos padres e freiras, e entre eles o Pe. Picard.

Descreveu fantasiosamente o "sabbat". Os juízes não duvidaram. É própria confissão! Em vão o cirurgião Ivelin se esforçou por apresentar provas — irrefutáveis e evidentes hoje — de que a freira denunciante e confessa era uma histérica, alucinada. Nada podia convencer Pierre de Lancre, penitenciário de Evreux, nem os conselheiros do Parlamento de Ruão.

6. Finné, *Erotismo...*, op. cit., p. 65.
7. Idem, ibidem, p. 212.

Para então o Pe. Picard já morrera. Desenterraram-no. O cadáver de Picard foi lançado na mesma fogueira em que queimaram vivo o Pe. Boullé.

De nada adiantou que o Pe. Boullé, mesmo sob os tormentos extraordinários, protestasse inocência. As imputações eram incontestáveis:

> Estava marcado como todos os bruxos; marcas reconhecidas pela insensibilidade. Ir. Madeleine vira-o cometer obscenidades e sacrifícios infames... Os próprios demônios, durante os exorcismos, reconheceram Boullé como seu chefe. As freiras o surpreenderam de madrugada, em companhia de um fantasma muito parecido com o diabo. Se não, como explicar os ataques nervosos que sofria quando celebrava a Missa? Curava doentes, evidentemente por poder de Belzebu. As capas de livros que ele lera, apareceram queimadas...[8] (pirogênese).

Foi à custa de muito sangue de bruxa que a Psicologia moderna aprendeu que é absolutamente insensato fiar-se das acusações ou bravatas dos histéricos, mesmo que sejam muito prejudiciais a outros ou a si próprios. "Todos os neurologistas sabem que não se pode atribuir a esta neurose senão o que se tenha constatado diretamente, sem intermediário". E ainda... Porque tem-se constatado demais "como a vigilância exercida sobre um pseudopossesso pode ser burlada habilmente por uma histérica".[9]

Os tormentos. Analisando, por outro lado, os métodos com que eram obtidas as confissões — ou acusações — de pessoas muitas vezes já subjetivamente convictas, tiraremos absolutamente todo o valor probatório a tais depoimentos.

Entre os instrumentos de tortura mais usados citarei alguns: O "gressillon" ou "empolegadeiras": placas de aço com as que, apertando os parafusos, iam esmagando as pontas dos dedos das mãos e pés. O "échelle", escada na qual com uma corda da qual pendia uma pesada pedra esticavam o corpo desencaixando as vértebras e outras junturas ósseas. Aparelhos de origem francesa.[10]

8. *Dictionnaire des sciences occultes*, Paris, Pygmalion; tradução: *Dicionário de Ciências Ocultas*, 9ª ed., São Paulo, O Pensamento, 1951; revisão e acréscimos por M. Maestri (Prometeu): *Diccionario de Ciencias Ocultas*, Buenos Aires, Caymi, 1956, pp. 392ss. O livro é pouco recomendado, mas apóia-se para este caso em abundante bibliografia.
9. Lhermitte, *Vrais...*, op. cit., p. 98, nota 1.
10. Cf. Friedrich Merzbacher, *Die Hexenprozesse in Franken*, Munique, 1957, pp. 142s.

De origem inglesa eram o "legscrew", uma espécie de bota que esmagava a barriga da perna e quebrava a tíbia; e o "ram", assento de ferro provido de pregos que por baixo se esquentavam ao fogo, usado em Naden.[11]

Foram também usados o potro, os açoites, queimaduras com pedaços de madeira impregnados de enxofre, pregos e estilhas sob as unhas, reclinatórios com afiadas pontas de madeira, um casco provido de finos e resistentes barbantes que se iam apertando até que o couro cabeludo saía em pedaços, derramava-se pixe e enxofre sobre a pele e se prendia fogo; faziam comer arenques, sal e pimenta e se deixava os acusados, até quase morrerem de sede; impedia-se-lhes dormir até a exaustão...

Inconcebível até onde pode chegar a imaginação e perfídia dos homens na violação dos direitos humanos. Paradoxalmente se o Diabo atuava, não seria nas "heréticas" bruxas senão nos juízes e teólogos que "piedosamente" acreditavam na ação de Satã.

Os tormentos eram tais que podiam transformar inclusive pessoas bem equilibradas, fazendo-as, então, acreditar nos maiores absurdos que se lhes sugerisse. Brutal lavagem cerebral.

O Pe. Louis Gaufridi, foi acusado de bruxaria. Aix-en-Provence, sul da França. Madeleine estaria possuída pelo demônio. A culpa seriam os feitiços do padre. Madeleine e o padre, a "possessa" e o "bruxo", estariam se entendendo sexualmente. Tema atraente para mexericos e projeção de frustrações. O Grande Inquisidor, Michaelis, um obcecado na luta contra Satanás, mandou prender o Pe. Gaufridi. Após as torturas, deprimido pela angústia, esgotado, debilitado, é claro que acabará por reconhecer tudo o que lhe sugerirem, acabará por acreditar ele mesmo na sua imaginação já doentia. E assina uma confissão na qual afirma que comeu crianças nos banquetes do sabbat após a missa negra, dançou com demônios, rociou as bruxas com Vinho Consagrado, participou de orgias sexuais com demônios e bruxas. Ele era "Príncipe da Sinagoga" (no sul da Espanha, sinagoga era outro nome que se dava ao sabbat), "mais de um milhar de pessoas têm sido envenenadas pela irresistível atração do meu hálito inflamando-as de paixão".

Foi declarado culpável. Condenado a morrer na fogueira, depois se lhe concede a "generosa graça" de que simplesmente será estrangulado. Confesso e condenado, deixam em paz o prisioneiro.

11. Cf. Wilhelm Gottieb Soldan, *Geschichte der Hexenprozesse aus der Quellen dargestellt*, Stuttgart, 1843; 2.ª edição revisada: Soldan-Ludwig Julius Heppe, *Geschichte der Hexenprozesse*, 2 vols., Stuttgart, 1880; 3ª edição revisada: Soldan-Heppe-Max Bauer, com o mesmo título, Munique, 1912, tomo I, p. 35.

Este se recupera em parte. Mas de nada adiantou que agora declarasse que a sua confissão de culpa era completamente falsa. Após a morte de Gaufridi, Madeleine sarou, e este fato dissipou qualquer escrúpulo que pudesse ter ficado na consciência dos inquisidores.[12]

Alguns inquisidores e juízes, eclesiásticos, mas sobretudo leigos, procuravam o delito de bruxaria de modo obsessivo. O francês Pierre de Lancre, que fora nomeado juiz das bruxas pelo rei Henrique IV, pode ser um exemplo típico.[13] Tudo incriminava, acusava. Nada atenuava ou inocentava. Não parava até obter a confissão.

Outro exemplo sintomático, Nicolau Remignis, juiz de Lorena. Via magia por todo lado: idéia fixa, loucura localizada (parafrenia). Fruto do ambiente. Fanatismo. Fez queimar vivas 800 mulheres. Ele próprio acabou se declarando feiticeiro e logo encontrou quem atendendo a suas próprias confissões o mandasse queimar vivo.[14]

O Papa aceita as torturas. Do lado da Inquisição Eclesiástica, pode servir de exemplo uma carta do Papa João XXII. Endereçada a um padre da diocese de Poitiers, que exercia o cargo de juiz eclesiástico para os casos de heresia. A carta do Papa foi escrita em Avinhão, em 28 de julho de 1319. João XXII mostra que os tormentos que também a Igreja começou a aplicar em Toulose já se estendiam a outras regiões.

> Uma mulher que foi acusada de praticar a bruxaria foi levada a você e recusou-se a confessar qualquer coisa de seus crimes. Seguindo o parecer de homens de bem que tinham visto os hereges submetidos a interrogatórios na comarca de Toulouse, você ordenou que se lhe aplicassem à planta dos pés carvões ardentes. Quando ela sentiu a dor, confessou muitas coisas erradas e horríveis, contrárias à fé católica. E revelou o nome de um grande número dos seus associados e cúmplices, que foram a seguir condenados segundo o que tinham merecido. E é opinião comum que estas coisas não teriam sido descobertas, se a tal mulher não as tivesse revelado por ter sido torturada.[15]

A expressão "grande número dos seus associados e cúmplices" só pode ser reflexo das lendas de "sabbats" e outras reuniões que, com razão, os historiadores modernos negam que tenham existido

12. Cf. R. Cavendish (org.), *Man wyth and magic*, Nova Iorque, M. Cavendish Corporation, 1970, vol. I, p. 44.
13. Cf. sua tristemente famosa história in Baroja, *Las brujas...*, pp. 230ss.
14. O caso foi célebre e é explorado nos livros de ocultismo, como Levi, *Dogma...*, op. cit., pp. 364s.
15. Cf. J. M. Vidal, *Bullaire de L'Inquisition Française ou XIV siècle et jusqu'à la fin du grand Schisme*, Paris, 1913, pp. 51s.

alguma vez no sentido e com as atrocidades que a imaginação da época supunha. A "bruxa" confessou! Com carvões acesos aplicados à planta dos pés o inquisidor poderia ter obtido a confissão de absurdos ainda maiores...

Pressões aos ingleses. A Inquisição interveio na Inglaterra. E foi para exigir torturas! No começo do século XIV os ingleses pouco se importavam com heresias. E portanto não existia motivo — como paradoxalmente acontecia no Continente — para dar às práticas mágicas uma interpretação demonológica.

Mas no começo do outono de 1304 o rei Eduardo II da Inglaterra manifestou aos outros reis da Europa e ao Papa graves suspeitas a respeito da confutação dos muito respeitados templários. O Papa Clemente IV, em 22 de novembro, mediante a bula *Pastoralis praeminentiae* solicitava a todos os monarcas da Europa que "caçassem" e julgassem os templários.

Eduardo II deu então ordem de geral arresto e julgamento. Mas as ordens do rei cumpriam-se muito vagarosamente...

Cinco anos mais tarde, em outubro de 1309, chegavam à Inglaterra dois inquisidores papais para acelerar as investigações. Para sua surpresa, todas as testemunhas arroladas defendiam invariavelmente os templários e estes religiosos proclamavam inocência.

Mais ainda, os inquisidores viam-se limitados pelas leis da Inglaterra que não permitiam torturas em circunstâncias comuns. Por isso, em meados de dezembro o rei mandava a seus funcionários de justiça que permitissem aos inquisidores eclesiásticos e leigos fazer o que quisessem com o corpo dos acusados, "de acordo com as leis eclesiásticas". Mesmo assim, só em fins de maio do seguinte ano se obteve a confissão de três templários.

Em agosto, Clemente V em carta dirigida a Eduardo II e a todos os bispos da Inglaterra protestava pelo que os Inquisidores demoraram em empregar e pelo pouco que empregaram as torturas; isso constituía uma séria ofensa à lei eclesiástica. Foi assim que no ano seguinte saíam os decretos do rei mandando que os juízes civis seguissem também eles as leis da Inquisição Eclesiástica. No último destes decretos, emanado em 28 de abril de 1311, o rei recomenda abertamente as torturas.

Apesar de tudo, os Inquisidores papais e demais juízes obtiveram poucos convictos entre os templários, e o castigo aos que confessaram não passou de meras repreensões por terem dado ocasião à calúnia de heresia.[16]

---

16. Henry Charles Lea, *A history of the Inquisition of Spain*, Nova Iorque, Londres, 1906, tomo III, pp. 298-301.

Graça!!! A confissão era ladinamente apresentada como se fosse meio de escapar do tormento. O famoso *Manual dos inquisidores*, de Eymeric, ensinava: "O mesmo inquisidor poderá prometer finalmente ao acusado conceder-lhe graça".

Mas o sentido desta "graça" era bem diferente do que entendia o acusado: "E concedê-la de fato, já que tudo o que se faz pela conversão dos hereges é uma graça, as penitências são favores e remédios". O Manual continuava: "Quando o acusado, após confessar seu crime, reclamar a graça oferecida, se responderá em termos gerais dizendo que quando se descobre a verdade e se converte um herege salvando ao menos sua alma, está-se concedendo a ele muito mais do que ele pede".

Hoje nos parece incrível tal falsidade no inquisidor, e de cínica haveria de se classificar a justificação de tal promessa falsa. Na época aceitava-se que os fins justificam os meios. Continua o *Manual dos inquisidores*. "Vários doutores muito justos pensam que ainda depois de ter prometido a impunidade ao culpado, o inquisidor não está obrigado a manter sua promessa, já que tal mentira é boa e de utilidade para o bem público. Que se está permitido fazer um acusado confessar a verdade aplicando-lhe o tormento, com mais razão podem usar-se, com o mesmo fim, simulações e enganos."[17]

É célebre o escandaloso proceder dos inquisidores de Arrás, antiga cidade francesa, em 1460. Várias pessoas notáveis da cidade confessaram que tinham participado do sabbat! Na realidade, a caminho da morte, os acusados gritaram veementemente que foram enganados. Tinham prometido a eles que, se confessassem, lhes imporiam simplesmente uma certa punição; se não confessassem seriam queimados: apesar da promessa e da confissão agora levam os sobreviventes a morrer enforcados.

Só um homem foi libertado, mas logo foi acusado de ter fugido, e foi condenado a vinte anos de prisão a pão e água.[18]

Todos podiam ser bruxos. Nem se podia discordar. Por exemplo, na Alemanha, o juiz Dietrich Flade foi acusado de não seguir as normas da Inquisição. Ele declara não ter ficado convencido com as confissões obtidas de uma anciã mediante tortura. E por isso o próprio juiz foi julgado conivente com a bruxaria. Morreu estrangulado, e ainda assaram seu cadáver.[19]

---

17. Eymeric, *El manual...*, op. cit., pp. 42s.
18. Calle, *La magia...*, op. cit., p. 269.
19. O fato é freqüentemente citado e de domínio público: cf., por exemplo, Paulo Ramos, "O despertar das bruxas. As feiticeiras estão voltando" in "Folha de S. Paulo", 24-4-1969.

"Quando um acusado tenha *suportado o suplício sem confessar*, o Inquisidor deverá dar-lhe liberdade mediante uma sentença onde se indique que depois de examinar-se cuidadosamente seu processo não se encontraram provas legítimas contra ele a respeito do crime de que era acusado".[20] Com a refinada crueldade da época, houve juízos, cidades e períodos de tempo nos quais poucos acusados inocentes eram tão íntegros e corajosos que pudessem chegar a receber o documento liberatório.

Até a valentia era prova. A Inquisição, a fim de obter a confissão, empregava todas as adulações e ameaças. E esgotados todos os recursos, a própria resistência aos tormentos, sempre crescentes, será considerada como indício de bruxaria: "Outros, *pelos seus sortilégios*, se tornam quase insensíveis e morreriam no suplício antes de confessar".[21]

Até o Papa seria bruxo. O absurdo de grande parte dos procedimentos dos perseguidores de bruxas fez com que o jesuíta Friedrich von Spee (1591-1635) no seu sensato livro contra a existência das bruxas reagisse com estas palavras:

> Penso freqüentemente que a única razão pela qual não sejamos todos bruxos (não tenhamos confessado) é que não fomos torturados. Encerra uma grande verdade — continua o Pe. Spee — o que um Inquisidor atreveu-se a manifestar recentemente com tom jactancioso: que se ele pudesse pôr as mãos em cima do Papa, obrigá-lo-ia a confessar que ele também é bruxo".[22]

Aliás, inútil. E de que valeria protestar inocência? Como exemplo típico de obcecação dos juízes ou exorcistas, podemos citar o episódio provocado pela Ir. Clara de Lazilly, "endemoninhada" de Loudun.

20. Eymeric, *El manual...*, op. cit., p. 63. Vejam-se nas páginas imediatamente anteriores e seguintes todas as normas, promsesas, bajulações, ameaças e tormentos crescentes para arrancar a confissão.

21. Idem, ibidem.

22. Por elementar prudência e medo da Inquisição, o livro foi publicado anonimamente: "Por autor, um desconhecido teólogo ortodoxo". Mas não existem dúvidas de que foi o Pe. Spee, e sob seu nome foi reeditado o livro: Julius Friedrich von Spee, *Cautio Criminalis seu de processibus contra sagas liber auctore incerto theologo orthodoxo*, Rintein ("Rinthelli"), 1631; Colônia, 1632; posteriormente Wurzburgo, 1961; tradução do latim ao alemão por J. Friedrich Ritter, Weimar, 1639 e Frankfurt, Minerva, 1971. Algumas edições põem romano em vez de *ortodoxo*.

Recitaram-lhe os exorcismos na presença de um advogado de Saumur e de diversas outras pessoas. Depois, aplicaram-lhe um fio coberto de enxofre para "defumar" os demônios. Quando Ir. Clara sentiu a dor, arrancou-se bruscamente das mãos do exorcista que a segurava e gritou, deplorou, conclamou contra a tirania dos que a obrigavam a fingir que estava possessa. Ardentemente prostrou-se de joelhos suplicando a Deus que a livrasse da miséria em que submergira. Incólume, o exorcista sentenciou então: "O demônio que possui esta mulher é extremamente astuto, e o deus que ela invoca é Lúcifer". De nada adiantou que a Ir. Clara voltasse a gritar: "Isso é falso, eu invoco o verdadeiro Deus, Criador do Céu e da Terra". "Blasfêmia atribuir a criação ao Diabo", retrucou o exorcista...

A Ir. Clara conseguiu fugir da Igreja. Uma parente, Ir. Inês, também oriunda da alta sociedade, convenceu-a a regressar ao convento. Anunciou então a quantos quisessem ouvir que os exorcistas eram homens malévolos, hipócritas, astutos, gente pior que os diabos; por culpa deles — diz —, o Pe. Grandier foi levado à fogueira. Inocente. O mesmo repetiu a Ir. Inês. Uma após outra, todas as freiras confirmaram perante os atônitos e numerosos assistentes. As freiras suplicaram que não esquecessem suas declarações... Mas logo todas as testemunhas ficaram calmas e inoperantes quando os exorcistas explicaram: "São artimanhas dos demônios irritados contra nós, exorcistas..."[23]

O raciocínio dos perseguidores de bruxas, como quase com humor negro satirizava o protestante Johann Meyfath — contemporâneo de Spee — era mais ou menos o seguinte: a reputação que Ana tem é boa ou má? Se má é uma bruxa; se boa, é indubitavelmente uma bruxa porque as bruxas sempre pretendem que se pense bem delas. Ana é encarcerada. Os juízes lhe perguntam se confessa ou não. Se confessa, é uma bruxa; se não, é certamente uma bruxa porque as bruxas sempre se fingem inocentes.

Deus que julgue. Certos métodos de averiguar a "verdade" hoje nos fariam rir pelo ridículo, não fosse tão terrível absurdo histórico. Refiro-me aos "juízos de Deus", "ordália".[24] Na Espanha eram chamadas "salvas" (e logo foram sensatamente reprova-

23. Aubin, *Histoire...*, op. cit., p. 316.

24. Sobre as diversas ordálias, cf. *Jahrbuch, für Antike und Christentum;* uso a tradução inglesa: epigrafe "Ordeal" in *A Dictionary of Christian Antiquities...*, Londres, 1880, tomo II, pp. 1466-69.

das na Idade Média e no Renascimento com destacado pioneirismo em relação a outros países).[25]

Esta prática vinha de muito tempo. Com toda naturalidade Carlos, o Calvo, em 873 decretava: "Se são suspeitos ou estão sob simples acusação, mas não convictos e se os testemunhos não são suficientes para provar sua culpabilidade, serão submetidos ao Juízo de Deus. Este juízo determinará seu perdão ou condenação".[26]

A mais clássica ordália ou salva era a de atar mãos e pés do suposto bruxo e jogá-lo ao mar. Se afundava, era culpado. Procuravam-no e se o encontravam antes de se afogar, ia para a fogueira. Se flutuasse seria inocente, porque por inocente Deus o salvou.

Evidentemente que pouquíssimos acusados podiam esperar a sorte de que surgisse no momento exato uma levitação. Mas logo passaram a pensar que, se flutuasse teria sido por poderes demoníacos, e era queimado vivo...

Em 1612, por exemplo, a Srta. Sutton e sua mãe foram acusadas de bruxaria. Submeteram a jovem ao "juízo de Deus" por imersão. Era em Milton Mills, cidadezinha perto de Bedford, na Inglaterra de James I. Para evitar que se afogasse "se era culpável" mantinham-na suspensa pelos braços com uma corda, quando a submergiram num reservatório. A jovem flutuou! Era inocente! Deus a salvara! Não, podia ser que fosse pelos poderes de Belzebu. Despiram-na e procuraram as "marcas do demônio". E as encontraram, como não? Então ataram o dedo polegar da mão direita com o polegar do pé esquerdo, e o polegar da mão esquerda com o polegar do pé direito. Assim imobilizada lançaram-na de novo ao tanque. E flutuou de novo! Com marcas do demônio e flutuando? Por poder de Belzebu evidentemente. Foi enforcada junto com a mãe. Entre os que declararam contra as "bruxas" se contava o próprio filho — ilegítimo — da Sra. Sutton.[27]

Outras vezes se aplicava o ferro candente: se fossem inocentes Deus faria que não se queimassem!

Faziam-nos ingerir veneno mortal: Deus faria que o inocente o vomitasse. (Ao menos, morrendo envenenados, se salvavam da forca ou da fogueira...)[28]

25. Cf., por exemplo, Ciruelo, "Reprovación de las supersticiones y hechicerías" in *De las salvas y desafios*, Madrid, Biblioteca Nacional, cap. VII, fols. XXIX r. e XXX vto.
26. Baluze, *Capitularia regum francorum*, 2 tomos, Paris, 1677, tomo II, cols. 231.
27. Maple, *El oscuro...*, op. cit.
28. Além da bibliografia já citada, cf. uma enumeração de ordálias in Lucy Mays, *Witchcraft*, tradução de Pilar Martin, *La brujeria en los pueblos primitivos actuales*, Madri, Ed. Guadarrama, 1969, pp. 143ss.; Baoja, *Las brujas...*, op. cit., pp. 285s.

O jesuíta alemão Pe. Tireo atreveu-se a reprovar este "juízo de Deus" por imersão.[29] Foi "excomungado por seus companheiros de Ordem..."

Tudo isso apesar de que o *Decretum Gratiani* mandava que só em alguns casos muito especiais se deixasse à Divina Providência manifestar pelo sorteio o veredicto a respeito dos acusados de bruxaria.[30]

29. Tireo, *Daemoniaci...*, op. cit., parte II, pp. 51s.
30. *Decretum Gratiani*, Pars II, casus 26, q. 1-2, canones 2-3.

Capítulo IX

O PRÓPRIO DEMÔNIO "CONVICTO E CONFESSO"

Convenceu a grandes especialistas. O famoso historiador e parapsicólogo, Pe. Thurston S.J., recolhe o testemunho de uma senhora inglesa. O caso se difunde na Itália.

Numa sessão mediúnica, um espirito que professava ser o do meu defunto marido tentou comunicar-se comigo. Eu duvidava da sua identidade, e fiz o sinal-da-cruz. O espírito insistiu na sua asserção.

Ainda duvidando e deprimida, disse: "Te conclamo a confirmar a verdade de quanto dizes, em nome da Santissima Trindade".

Resposta: "Eu sou um daqueles seres infelizes que vocês (os católicos) chamam demônios".

— "Permaneceis sempre infelizes, enquanto continuais a enganar os mortais?"

— "Me comprazo em enganar."

— "Mas é verdadeira a doutrina católica com respeito ao purgatório e aos sufrágios pelos defuntos?"

— "Sim é verdadeira." [1]

Outro caso. Transcrevo das atas de uma sessão espírita ocorrida na Inglaterra e pubilcada na França:

— É boa a Religião cristã?
— Não.
— É de origem divina?
— Não.
— Qual é, pois, a verdadeira religião, a espírita?
— Sim.

1. Thurston, *Te Church...*, op .cit., p. 314.

Aqui intervém uma das testemunhas, fervoroso cristão.

— Em nome de Deus, eu te conjuro que digas a verdade: a religião cristã é boa, é de origem divina?
— Sim.
— Seu chefe, Jesus Cristo, é Deus?
— Sim.
— Tu te dedicas a enganar aqueles que te escutam?
— Sim.
— Tu és, pois, um demônio?
— Sim.

O interrogante pegou do bolso um crucifixo e o colocou sobre a mesa, a qual não se moveu mais.

Muitos dos presentes, no dia seguinte foram se confessar e comungar.[2]

E assim poderia ir citando outros muitos exemplos... Um bom número de casos recolhe o Pe. Rodrigues.[3] Outros casos recolhem também, apesar de serem bons parapsicólogos fora do tema da demonologia, o Pe. Alfano,[4] Mirville,[5] Surbled[6] etc.

A tese de que os demônios se disfarçam de espíritos de mortos é defendida por um grande número de teólogos, também bons parapsicólogos em outros aspectos, como Gemelli,[7] Thurston,[8] Roure[9] etc.

Sem dúvida foram influenciados por Sto. Tomás, que afirmou: "Freqüentemente os demônios simulam ser almas de mortos, para confirmar o erro dos gentios que acreditavam nisto".[10]

Inversão do argumento. Contra os "demonófilos" que citam as confissões dos demônios nas manifestações espíritas, os espíritas poderiam citar as confissões dos espíritos nas possessões demoníacas.

A tão pitoresca como primitiva mitologia da Umbanda teria assim sua "confirmação" pelas confissões do histérico em transe. Plenamente convicto estava o franciscano Frei Ramos de Oliveira de

2. E. de Rougé, *Manifestations diaboliques contemporaines*, Paris, p. 32.
3. Bento José Rodrigues, S.J., *Catecismo antiespírita*, São Carlos, Artística, 1918, pp. 91s. e 222ss.
4. Alfano, *Lo spiritismo...*, op. cit., pp. 298-322.
5. Mirville, *Questions...*, op. cit., principalmente pp. 80-100.
6. Surbled, *Spirites...*, op. cit.
7. Agostino Gemelli, "Spiritismo e spiritisti" in *Religione e scienze*, Milão, Vita e Pensiero, 1920, tomo II, pp. 147.
8. Herbert Thurston, S.J., in *The Month*, 1917, março, p. 138.
9. Roure, *Le merveilleux...*, op. cit.
10. Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, 1 q. 117 a. 4 ad e 1. p. quest. 4. a. 2. ad 3.

que aquela moça estava endemoninhada. "Apresentava inequívocos sinais de possessão diabólica." O frei recorreu aos exorcismos. "Ao recitar a fórmula latina, no momento em que pronunciei as palavras que correspondem a uma intimação, em nome de Deus, ao espírito maligno possuidor do energúmeno a que diga o seu nome: 'Praecipio tibi, quicumque es, spiritus immunde, ut... dicas mihi nomem tuum'; a infeliz mulher, completamente analfabeta, respondeu incontinenti: 'Eu sou a Princesa das Águas' ". Iemanjá.

E a doente histero-parapsicológica, que não podia ficar a vida inteira em transe, saiu dele pela sugestão dos exorcismos. Com isso o frei franciscano ficou ainda mais convicto de que na realidade não era o demônio que se disfarçava de Iemanjá, senão Iemanjá que se disfarçava de demônio. Iemanjá ou o demônio esteve desobedecendo até chegar à intimação de declarar seu nome. Obedeceu, porém, imediatamente a ordem de ir embora. "Quando terminei as orações, ela curvando-se à terra, imitou o focinhar dos porcos." Agora virou "espírito de porco"? Até que a personalidade *primus* da moça venceu seu *secundus*: "Em seguida ergueu-se inteiramente normalizada". [11]

Os "demonófilos" consideram convincente o caso do menino de 13 anos, "o endemoninhado" de Monte Rainer (St. Louis, EUA). Foi o caso real que originou o livro e o filme *O Exorcista* de W. P. Blatty. O menino, no batismo e em outras oportunidades, geralmente em seus transes, procedia como Satanás.

Mas segundo o diário do padre jesuíta que administrou os exorcismos, a mãe do "endemoninhado" perguntou: "És tu, tia Tillie?" Não houve resposta (Tillie, espírita, tia do menino, morrera em St. Louis duas semanas antes do começo dos fenômenos "diabólicos"). A mãe insistiu: "Se és tu, golpeia três vezes". Ouviram-se claramente três golpes no chão (tiptologia). A mãe do "endemoninhado" voltou a pedir: "Se és Tillie, confirma-o golpeando agora quatro vezes". Ouviram-se quatro golpes claros. [12] Em outra oportunidade, quando lhe pediam que se era Tillie movesse algum objeto, o espírito confirmou de novo a todos os presentes que era Tillie, movendo uma pesada cama, mais ou menos meio metro, sem que estivesse perto dela nenhum dos espectadores [13] (telecinesia).

11. Ramos de Oliveira, *A ilusão espírita*, 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1951, p. 79.
12. *Case study...*, op. cit., p. 84.
13. Idem, ibidem, pp. 86s.

Tudo mentira. Se estes casos se devessem ao demônio, o "pai da mentira" estaria pretendendo enganar quando afirma que é um espírito de um morto. Se estes casos se devessem aos espíritos dos mortos, durante séculos teriam mentido quando diziam que eram demônios.

No famoso caso do "endemoninhado" de Piacenza, as respostas e perguntas sobre quem é que está na pessoa é uma série de contradições: afirmava ser um demônio, dos clássicos, dos que vêm "do longínquo deserto". Afirmava também que são sete demônios. Também clássico. Mas imediatamente, na seguinte resposta, já é um espírito de um morto, de "um amor apaixonado que não foi correspondido". Entrara na sua amada por vingança ou por amor. Mas logo afirma que entrara nela por causa de um feitiço feito por um bruxo, um feitiço muito especial: "Uma bola de carne de porco, salgada, junto com um copo de vinho branco". Um bruxo? Pouco depois, afirma que são vários bruxos: "Que posso fazer, se enquanto tu estás tratando de botar-me fora, *outros estão* (em plural) tentando reter-me dentro?" [14]

A verdade. Após a condenação do Pe. L. Gaufridi, convicto de bruxaria com base nas acusações dos "endemoninhados", a ínclita Faculdade de Teologia da Universidade da Sorbonne proclamou em 1620 que nunca deveria ser aceito o testemunho do "pai da mentira". O Diabo nunca diria a verdade, e seu testemunho nunca poderia ser tomado em consideração nem *sequer quando compelido pelos exorcismos.* [15] É lógico.

É a dramatização que o inconsciente dá de suas próprias manifestações. Isto também o confessa o "espírito" manifestante. Sem que tal confissão *em si mesma* tenha, autoridade alguma, embora verdadeira:

Estava seriamente preocupado Godfrey Raupert, famoso pesquisador nos inícios da Parapsicologia, com o problema da identidade dos comunicadores nas sessões de espiritismo. Participou de contínuas sessões espíritas em casa de uns amigos. Tomou todas as precauções para evitar o truque. Garantidamente. Certa vez ter-se-ia manifestado o espírito de T. J., conhecido de todos os presentes. As manifestações de T. J. se repetiram. Os espíritas estavam plenamente convencidos. Mas o pesquisador não. Em dado momento o "espírito" caiu numa cilada tendida por Raupert, e este ficou quase

14. Leon Cristiani, *Evidence of satan in the modern world*, Nova Iorque, MacMillan, 1962, pp. 114-116; e Nova Iorque, Avon, 1975.
15. Cf. Robbins, *The Encyclopedia...*, op. cit., pp. 182s.

convencido de que estava lidando com o mesmíssimo Diabo, pelo que levantando-se inquiriu:

— Em nome de Deus, és realmente o falecido T. J.?
— Não, confessou imediatamente o "espírito".
— Então, pergunto em nome de Deus, onde obtiveste as informações que te tornaram possível este engano?
— Na própria caixa branca do pensamento de vocês. Estais sentados aí como idiotas em situação passiva e eu leio as vossas idéias quase tão seguramente como vocês, uma página de vosso Novo Testamento.[16]

Resposta exata. Nem demônios nem espíritos. O próprio inconsciente da médium que lê as idéias dos circunstantes. HIP. É a regra. Alguma vez poderão intervir outras faculdades parapsicológicas de conhecimento.

Por outro lado, não há garantia de que o inconsciente sempre diga a verdade. Por mais que se lhe intime em nome de Deus. É absurdo pensar que Deus, que tanto respeita a liberdade humana, faça um milagre obrigando o inconsciente a "confessar". Um milagre *nos exorcismos* seria confirmar a superstição mágico-demonológica.

Em todos esses casos só se manifesta quando falam "os espíritos", o que surge do inconsciente do próprio "médium espírita"; e quando falam "os demônios", o que surge do inconsciente do "endemoninhado" (ou o que algum espectador cristão "impõe" ao inconsciente do médium). Manifestações do inconsciente em ambos os casos. Tais casos só valem para fazer refletir sobre a banalidade global de todas as comunicações. Se não querem aceitar as confissões dos "demônios", também não podem aceitar as confissões dos "espíritos ". E vice-versa.

O demônio dizem que é mentiroso. O histérico certamente é mentiroso habilíssimo. Em ambos os casos nada valem os testemunhos dos mentirosos inveterados.

"A gosto do consumidor". O satírico Luciano, da Síria, com toda a merecida ironia, põe na boca do ingênuo Ion a referência a um exorcista que era naquele século II muito famoso:

Todo mundo conhece esse sírio-palestinense, experto nestas coisas... ele lhes devolve a saúde, e aos seus (parentes) em estado normal, libertando-os de sua angústia mediante uma boa retribuição.

Ele se dirige a eles enquanto jazem em terra e lhes pergunta: "Donde você veio ao corpo dele?" O paciente mesmo guarda então silêncio, mas o *demônio* responde, *seja em grego, seja na língua do país de origem* (portanto, espírito humano), e conta como entrou nesse homem e de onde veio. Então o exorcita adjura o espírito e, se ele não obedecer, o ameaça e assim o expulsa. Em efeito, eu vi um deles sair: era preto, como enfumado.[17]

Quase um século depois, Tertuliano: "Se um cristão qualquer manda um *espírito* falar, este confessará que é um *demônio*, como é na realidade, enquanto que alhures se faz passar por um *deus*".[18]

Os fatos exigem reconhecer que a resposta depende do ambiente. Ao curandeiro sírio-palestinense os "endemoninhados" dão respostas meio espíritas, meio demonológicas. Bem diferentes das que — segundo Tertuliano — dá um "endemoninhado" entre cristãos, que, porém, entre pagãos diz ser um deus. Diferentes das que dá um "possesso" na macumba. Nos médiuns espíritas, o inconsciente diz que se trata de espíritos de mortos. E nos ocultistas, diz que se trata de larvas astrais. E em certos ambientes da época greco-romana diziam que eram musas, e pitões. Para certos selvagens são gênios ou almas dos elementos da natureza. Etc.

Sargant estudou a "possessão" viajando detidamente pela África (Quênia, Zâmbia, Daomé, Etiópia), América Central e do Sul (Brasil, Trinidad, Jamaica, Barbados). Cada qual se sentia possuído pelo espírito em que acreditava. Na Nigéria e Jamaica não se contentavam com pouco: era o Espírito Santo. Não obstante a "mise-en-scène", era notavelmente parecida.[19]

O demônio apóstolo! O mínimo que haveria de esperar-se do demônio é que não se converta em apóstolo. "Que existe entre nós e ti, Filho de Deus?", proclamava a grandes gritos o endemoninhado — ou os dois endemoninhados — de Gergesa; "Jesus, Filho de Deus Altíssimo!" (Mt 8,29; Mc 5,7; Lc 8,28). Absolutamente contraditório que os demônios façam propaganda da divindade de Jesus. Plenamente compreensível, porém, tratando-se meramente de

16. Godofredo Raupert, *Die Geister des Spiritismus. Erfahrungen und Beweise*, Innsbruck e Munique, Tyrolia, s.d. (1930?; 1926?); uso a tradução por Antônio Felício dos Santos, *O espiritismo*, Juiz de Fora, Lar Católico, 1930, pp. 30s.

17. Luciano, *Philopseudès*, cap. 16. Cf. Paul Turner (tradução e apresentação): *Satirical sketches*, Harmondsworth, Penguin, 1961, p. 205.

18. Tertuliano, *Apologética*. Cf. Migne, P. L..., op. cit., tomo XXIII, p. 4.

19. William Sargant, *The mind possessed*, Londres, William Heinemann, 1973; Nova Iorque, J. B. Lippincott, 1974; uso a tradução de Klaus Scheel, *A possessão da mente*, Rio de Janeiro, Imago, 1975.

uma percepção parapsicológica, por HIP, do pensamento do próprio Cristo.[20]

"É para confortar-nos na fé que Deus permite as possessões", argumentava D. Armando, o bispo de Benguela (Angola) que autorizou os exorcismos de Maria Inês Soares de Almeida. Seria o demônio tão pouco inteligente? Se as possessões confortam na fé, não bastaria com que Deus as *permitisse*. Deus teria de *obrigar* o demônio a fazer possessões. É demais!

Os "demonófilos" dizem: o demônio faz tudo para que a fé se fundamente nele e não em Cristo. Ou se serve de fenômenos parapsicológicos para que a fé se fundamente sobre areia, sobre a falsidade, sobre o erro, sobre a superstição na interpretação.

O Sr. Dejardins foi célebre espírita de Angers, embora ele mesmo não tivesse plenamente decidido entre o espiritismo que abraçara e dirigia e o catolicismo em que fora educado. Uma tarde, fazendo de médium, como de costume, sua própria esposa, manifestou-se o espírito de sua mãe. Mas Dejardins, após alguma conversa, duvidou. Colocou então um terço sobre a mesa.

— Rio-me de teu terço.
Ele colocou então o terço sobre a mão da médium.
— Partir — soletrou a mesa com suas pancadas (...)
— Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, ordeno-te que digas quem és.
— Satanás (...)
— Quem te força a confessar?
— Deus.
— Então cada vez que nas sessões espíritas consultamos nossos pais, nossos amigos defuntos, eras tu que para melhor nos enganar te manifestavas?
— Sim (...)
— E eras tu sempre?
— Sim.
— Que pretendias com isso?
— Perder-te, seduzir-te.
— Pois te enganaste. Salvaste-me. Eu tinha até agora algumas dúvidas sobre minha religião, mas hoje se acabaram... Eu e minha mulher iremos confessar-nos e comungar pelo Natal.[21]

O "demônio" conseguiu com abraços e carícias ("minha amiga, não te confesses, não te confesses..."), que Clara, a "endemoninhada" cafre, fosse confessar-se imediatamente, o que não fazia de longa data.[22]

20. Cf. Oscar G.-Quevedo, S.J., *A face...*, op. cit., cap. VIII: "Hiperestesia Indireta — Leitura Sensorial do Pensamento".
21. Astral, *O espiritismo diante da ciência, da moral e da religião*, Bahia, 1899, p. 33.

Em geral todas as pretensas intervenções diretas do Diabo incitam as testemunhas à conversão e prática religiosa!

"São os demônios", "é para firmar a fé sobre a superstição", "edificar sobre areia movediça". Tais afirmações supõem o que deveria provar-se. É absurdo pensar que o demônio confirmaria na fé, mesmo que fracamente, a quem tivesse base débil ou mesmo não tivesse base nenhuma para crer. Philibert Vrau confiou aos seus amigos que se converteu do positivismo ao catolicismo por ter palpado nas experiências espíritas a intervenção diabólica! Assim surgiu o Santo de Lille.[23]

O Diabo pregador. O "demônio" que atormentava Clara — a "endemoninhada" cafre — em pleno frenesi "diabólico" chegou a fazer um sermão, singelo, de pessoa simples, mas entusiasta, em louvor à SS. Virgem! Evidente reflexo e elaboração das idéias arquivadas na memória durante os anos num colégio de freiras.

Era a época em que o mundo católico suplicava ao Papa a proclamação do dogma da Imaculada Conceição. Na sorridente cidadezinha de Ariano de Puglia, na província dos Avelinos, em 1823, um menino de 12 anos, analfabeto, foi "possuído pelo demônio". Todos os remédios foram em vão. No fim se recorre aos exorcismos da Igreja.

"Encontrando-se lá, por ocasião de uma missão paroquial, os reverendos padres dominicanos Gassiti e Pignataro, célebres pregadores, quiseram estar presentes aos exorcismos, e não sem divina inspiração, impuseram a Satanás, em nome de Deus, que provasse teologicamente, com um soneto de rima obrigada, a Imaculada Conceição da Grande Mãe e Rainha celeste... Eis as palavras que aquele singular e genial poeta infernal atribuiu a Maria":

"Vera madre son io d'un Dio ch'é Figlio	*"Mãe verdadeira sou dum Deus que é Filho*
e son figlia di Lui, benchè sua madre;	*e filha d'ele sou, sendo sua mãe.*
ab eterno nacqui'Egli ed è mio figlio,	*Nasceu na eternidade e é meu filho,*
in tempo io nacqui e pur gli sono madre".	*eu no tempo nasci e sou mãe".*

22. Balducci, *Gli indemoniati...*, op. cit., p. 542.
23. Citado por Roure, *Le merveilleux...*, op. cit., p. 341.

"*Egli è mio creator ed è mio figlio,*
scn io sua creatura e Gli son madre;
fu prodigio divin l'esser mio figlio
un Deo eterno, e me d'aver per Madre".
"*L'esser quasi é comun fra madre e figlio*
perchè l'esser dal Figlio ebbe la madre
e l'esser dalla madre ebbe anche il figlio".
"*Or, se l'esser dal figlio ebbe la madre,*
o s'ha da dir che fu macchiato il Figlio
o senza macchia s'ha da dir la ***madre***".

"*Ele é meu criador e é meu filho,*
eu sou criatura e sua mãe.
É prodigio divino ser meu filho
um Deus eterno que me tem por mãe".
"*Quase comum o ser da mãe e do filho*
porque do Filho teve o ser a mãe
e da mãe teve o ser o ser filho".
"*Ora, se o ser filho vem da mãe,*
ou se dirá que foi manchado o Filho,
ou sem labéu se há de dizer a Mãe".

Trinta anos mais tarde, ao Papa Pio IX "foi apresentado o soneto inventado no inferno... O velho Pontífice, comovido e maravilhado, com o rosto resplandecente, desatou repentinamente em lágrimas..."[24] Naquele mesmo ano, 1854, em 8 de dezembro, Pio IX na bula *Ineffabilis Deus* proclamava o dogma da Imaculada Conceição, que era fé constante na Igreja.

Completamente absurdo. Custa-me acreditar que Pio IX (1846--1878) acreditasse na origem diabólica da poesia.[25]

Não se precisa ser um Sherlock Holmes para logo suspeitar que todo o episódio possa ter sido amanhado. É que alguma testemunha estava também endemoninhada? Como, se não poderia ter copiado uma poesia, ouvida só uma vez, recitada depressa ou normalmente? É que houve lá um estenógrafo? Ou é que o demônio apresentou talvez um gravador, anos antes que os humanos o inventassem?

Essa farsa poderia ter-se inventado para derrubar a oposição à tese da Imaculada Conceição.

24. D. G. M., "Il Demonio poeta" in *L'amico del popolo*, Chieti, 1 (1949), fascículo XXXIV, p. 3. *La Voce di Pio IX*, Roma, 1 (1955), fascículo II, p. 12.
25. O absurdo é endossado por Balducci, *Gli indemoniati*..., op. cit., pp. 556ss.

Mas suponhamos que o menino realmente tenha recitado o soneto. Há várias possibilidades de explicação parapsicológica que, portanto, excluem a contraditória interpretação demoníaca. Nem sequer precisamos recorrer ao talento — prodigioso realmente — do inconsciente.[26] O menino poderia ter ouvido alguma vez essa poesia; o inconsciente não esquece nada: pantomnésia.[27] Ou poderia tê-la captado por HIP (Hiperestesia Indireta do Pensamento) se algum dos padres exorcistas ou pregadores, ou se algum dos presentes, conhecia aquela poesia.[28] (Mais fácil do que PSI-GAMMA — Percepção extra-sensorial —, pouco provável neste caso com que poderia ter captado a poesia em qualquer pessoa, mesmo distante no espaço e no tempo, que a conhecesse).[29]

Muitos anos depois, já na segunda metade do século XX, se aceitará o mesmo absurdo: A. Gay, "o endemoninhado que glorifica à Santíssima Virgem"![30]

Outra contradição. O demônio — dizem — tem medo, pânico de Deus. Como, então desrespeita o exorcista, o representante de Deus? As testemunhas se admiravam e impressionavam pela "quantidade de saliva que o menino podia lançar. Chegava até quase um quarto de litro de cada vez" (aporte: ou regurgitação!) Havia vezes em que pedia um copo de água, e se lhe dava, embora se sabia o que ia acontecer: a cuspia sobre os circunstantes. Enquanto o sacerdote lia os exorcismos, outros dois sustinham uma toalha diante do rosto dele, a fim de protegê-lhe os óculos, mas era inútil. As cuspidas iam por baixo, por cima ou ao redor da toalha (telecinesia, poderiam até ir através da toalha por aporte) e caíam diretamente nos óculos do sacerdote, embora estivessem os olhos do menino fechados".[31] (DOP: "Percepção Dermo-Ótica").

Respeito ou desrespeito. Depende. Do ponto de vista do hipnotismo e sugestão, é um fator preponderante a autoridade e prestígio do exorcista. É sabido que nos países de maioria e tradição católica com abundância de padres, o anticlericalismo é a regra.

26. Cf. Oscar G.-Quevedo, S.J., *A face*..., op. cit., cap. XI: "O talento do inconsciente. Um gênio desconhecido".
27. Idem, ibidem, cap. IX: "Pantomnésia. O inconsciente se lembra de tudo".
28. Idem, ibidem, cap. VIII: "Hiperestesia indireta — Leitura do pensamento".
29. Idem, ibidem, caps. XIII: "Psi-Gamma. Aberto ao conhecimento a fronteira extra-sensorial", até cap. XIX.
30. J. H. Grumninger, *Le possedé qui glorifie la Sainte Vierge*, Lião, 1954.
31. *Diabolical possession*..., op. cit., p. 89.

Nos países de missão, porém, especialmente anos atrás, onde o missionário era ao mesmo tempo representante de uma cultura superior, o padre tinha grande autoridade e prestígio mesmo perante os não-cristãos.

Este duplo fato é também importante para compreender por que os endemoninhados na Europa não obedeciam, não saravam, desrespeitavam e agrediam os exorcistas. E manifestavam os pecados até dos sacerdotes presentes — era este o grande medo dos exorcistas das ursulinas de Loudun. Em países de missão, porém, o respeito e obediência ao sacerdote era impressionante e as "curas" espetaculares. Geralmente. Manifestamente tais condutas opostas são reflexo da mentalidade dos "endemoninhados", não dos demônios.

No Brasil, os padres conservam certo prestígio entre o povo ainda "mais ou menos" católico. Entre os inumeráveis católicos-espíritas, ou plenamente espíritas que se declaram católicos, cada dia mais a figura do padre está sendo menosprezada, ridicularizada e até mesmo profundamente odiada. Salvam-se as aparências delicadamente, o que é muito próprio do povo brasileiro, hospitaleiro e cortês.

Neste ambiente, são psicologicamente compreensíveis casos como o de Itabira, MG, 1967. Tudo começou, como depois verificou o Pe. Trombé, pela imprudente "brincadeira do copo": um grupo de amigos se reunia numa casa, dedos sobre um copo, e faziam perguntas. Por movimentos automáticos e inconscientes empurravam o copo para as letras da resposta. [32]

Em duas moças, mais impressionáveis, de 14 e 17 anos, soltou-se o inconsciente. Ficaram "endemoninhadas".

Foi manifesto o desrespeito dos "demônios" pelos padres. "Procuram desmoralizá-los arrancando seus sapatos e levantando suas batinas" (mais do que telecinesia provocada pelos próprios "endemoninhados" — a telergia não age sobre outra pessoa —, é provável que seja telecinesia proveniente de algum padre um tanto impressionado e um tanto contagiado). Em outra oportunidade o Pe. Francisco Trombé, conhecedor de Parapsicologia, "viu com seus próprios olhos os sapatos de uma das jovens serem arrancados dos pés sem a interferência de qualquer pessoa e serem atirados longe enquanto que a menina gritava que o demônio era responsável por aquilo" (telecinesia originada, neste caso sim, da própria menina).

32. Oscar G.-Quevedo, S.J., "A brincadeira do copo" in *Revista de Parapsicologia* do CLAP, n. 21, pp. 8-9, e do mesmo autor: "Psicografia" (I e II), ibidem, n. 11 e 12, pp. 15-21 e 14-19, respectivamente.

"Também o anel que uma das moças trazia no dedo movia-se 'miraculosamente' passando de um dedo a outro, desaparecendo e voltando a aparecer" (aporte). O Bispo da cidade, Dom Marcos Antonio Noronha, intimou um dos padres a comparecer à residência Episcopal. Ouviu o padre contar apavorado como "durante uma cerimônia de esconjuro... os sapatos foram arrancados de seus pés e andaram sozinhos pela sala, sob as gargalhadas das possessas".

Felizmente o Bispo, esclarecido e conhecedor de Parapsicologia, compreendeu com "toda segurança que este é mais um caso em que as pessoas... inventam soluções sobrenaturais para problemas perfeitamente naturais..., mas desconhecidos para essas pessoas".

Em países de missão, bem diferente. Clara Germana Cele, cafre. África. Foi catalogado entre os casos mais claros de possessão. [33]

Tinha 17 anos. Desde os 5, freqüentava a escola da "Missão S. Miguel".

Os escrúpulos ou remorsos religiosos tiveram muito significado na desarticulação da sua personalidade sempre frágil, com etapas de grande extroversão e etapas de grande melancolia. Já nas vésperas da sua "possessão pelo demônio", freqüentemente gritava espavorida, entre contorções, sonâmbula durante a noite: "Eu estou condenada, confessei-me e recebi a Comunhão de modo indigno".

Revelava os pecados que os alunos e alunas da escola da missão tinham calado na confissão. Isso aconteceu ao menos com seis jovens. E foram confessar-se imediatamente. O missionário, Pe. Erasmo, devia freqüentemente impor autoritariamente silêncio à "endemoninhada". E o demônio, obediente!, não mais revelava os pecados omitidos nem fazia acusações. Lamenta-se: "Estou atado pelo padre. Se fosse livre, diria coisas espantosas". [34]

Outro caso de obediência espetacular do "demônio"! É claro, também em país de missão. Dentre os selecionados como indiscutivelmente (?!) demoníacos. [35] Após receber a Comunhão, fugiu. Demoraram algumas semanas para encontrá-lo: estava se agitando violentamente e gritava: "Eu sou Judas. Vendi a Jesus Cristo". Pegava uma pedra e a batia na cabeça "para romper o crânio de Judas". Pedia um bastão "para golpear a Judas", um martelo "para arrebentar a Judas" etc.

Não é claro que o escrúpulo ou remorso pela comunhão que julgava sacrílega não era do demônio, senão do jovem?

33. Balducci, *Gli indemoniati...*, op. cit., pp. 535ss.
34. A relação foi feita pelo próprio Pe. Erasmo Hoerner, trapista, missionário dos cafres, em Natal, África do Sul: apêndice in Sutter, *El diablo...*, op. cit., pp. 178-201.
35. Balducci, *Gli indemoniati...*, op. cit., pp. 527ss.

Foi levado ao missionário Pe. Delacourt e este acudiu ao *Rituale Romanum* no título dos exorcismos.

Algum tempo depois, o padre mandou trazer o "endemoninhado" à Igreja. Inútil: O "endemoninhado" golpeava-se, contorcia-se, ululava, mostrava grande força...

Então, o Pe. Delacourt, vai lá em pessoa, com alva e estola. Chama-o, e o "endemoninhado", como um cordeiro, segue o padre até a igreja. Já na igreja, cheia de cristão e pagãos curiosos, o jovem se exibe com outro show de contorções e gritos. Mas continua obedecendo às ordens do Pe. Delacourt. Começou a adivinhar os pecados de um determinado cristão. Mas só até que o missionário impôs silêncio!

A reação dos demônios, ontem. Da prática dos primeiros cristãos Tertuliano escrevia:

Todo o império e todo o poder que nós temos sobre eles (os demônios) tiram sua força de que nós pronunciamos o nome de Cristo e de que enumeramos todos os sofrimentos que os ameaçam e que os esperam da parte de Deus por Cristo, seu juiz. Receando Cristo em Deus e Deus em Cristo, eles estão submetidos aos servidores de Deus e de Cristo. Assim, só ao contato de nossas mãos, ao menor sopro da nossa boca, aterrorizados pela imagem e pensamento do fogo que os espera, eles saem imediatamente do corpo dos homens, obedecendo a nosso comando, a contragosto e cheios de dor, temerosos sobretudo de nossa presença.[36]

Pela mesma época, Minucius Felix, referindo fatos de observação, afirmava que as próprias palavras do exorcismo eram muito dolorosas para os demônios.[37]

Encontra-se a mesma idéia em S. Cipriano, africano como os dois escritores antes citados:

Queria que você os visse quando são adjurados por nós, quando são torturados pelos golpes que recebem de nossas chicotadas espirituais e são expulsos dos corpos dos possessos sob o efeito de palavras que os fazem sofrer, quando uivam e rosnam de dor à voz de um homem e sob o império do poder de Deus, quando experimentando duramente as marcas infligidas pelos golpes, confessam o julgamento que está para chegar.[38]

36. Tertuliano, *Apologética*, Cf. Migne, P. L., op. cit., tomo XXIII, p. 1515.
37. Minucius Felix, *Octavius*, 27, sobre este diálogo, se é ficção ou história, cf. W. Speyer, Octavius, der Dialog des Minucius Felix: Fiktion oder historische Wirklichkeit?" in *Jahrbuch für Antike*..., op. cit., tomo 7, 1964, pp. 45-51.
38. Cipriano, *Ad Demetrium*, 15.

Zeno de Verona, no século IV, descreve a crise ou paroxismo nervoso provocado pelos exorcismos. A descrição vale para todas as épocas:

Assim que entramos no campo de batalha divino (exorcismos) e começamos a expulsar o espírito (demônio) com as flechas do Sagrado Nome de Jesus, então sentimos piedade do adversário, de o ver sujeito a tal luta e é esta a ocasião de o conhecer. De repente, o seu rosto perde a cor, o corpo agita-se, os olhos rolam nas órbitas e tornam-se vesgos, de maneira horrível; os dentes cobrem-se de espuma horrenda e rangem entre lábios azul-esbranquiçados, os membros contorcem-se em todas as direções e tremem, ele suspira, teme o dia do Juízo Final, queixa-se de estar sendo expulso, confessa o sexo, demônio macho ou fêmea, assim como a hora em que penetrou na vítima e o lugar de onde veio.[39]

A reação dos demônios, hoje. Uma tranqüila casa junto ao mar transformou-se numa residência de terror. "Um espírito maligno apoderou-se de minha filha de 3 anos", diz a Sra. Christina Adams, 27 anos, de Gillingham, cidadezinha costeira do condado de Kent, Inglaterra.

Uma espírita, Elizabeth Langridge, garantiu que "uma entidade espiritual estava usando a menina".

Que entidade? Para todos os atônitos observadores do caso não havia dúvidas. Tinha de ser o Diabo. Porque a menina de três anos se contorcia e crispava até o paroxismo sempre que lhe mostravam um crucifixo. O casal Adams então, para que o Diabo não entrasse na casa, colocou uma cruz de madeira no "hall"; mas o que aconteceu é que "quando Carol se aproximava da Cruz, seu rosto se contorcia, suas mãos se crispavam, mostrava os dentes... Era aterrorizante", apesar de seus curtos três aninhos...[40]

Segundo o famoso teólogo "demonófilo" alemão Pe. Rodewik, S.J., "deve-se afirmar que a palavra de Deus é o principal sinal para o diagnóstico em toda possessão diabólica".[41] Também para Elmer "talvez só o efeito de um exorcismo sobre a pessoa possuída — a reação às orações e invocações sagradas — pode resolver realmente a questão".[42]

39. Citado por Sargant, *A possessão*..., op. cit., p. 176.
40. Comunicado da agência "AP" no dia 11 de novembro de 1969. Extraí de "Aterrador relato de una casa embrujada y una niña poseída..." in "El País", Montevidéu, 12-11-1969.
41. Adolf Rodewyk, S.J., "De Daemoniacis" in *Verbum Domini*, tomo 38, 1960, pp. 301-306.
42. L. J., Elmer, epígrafe "Diabolical Possession" in *New Catholic Encyclopedia*, Nova Iorque, 1967, tomo IV, p. 840.

"Foge como o Diabo da Cruz" diz o ditado popular. A experiência é sem dúvida secular. Corresponde à interpretação verdadeira?

Seria contraditório. Há várias contradições implícitas nesta teoria dos "demonófilos".

Outorga-se à cruz e ao nome de Jesus um poder mágico na fórmula dos exorcismos prescrita para os católicos no Ritual Romano. Parece excessiva tanta *repetição* dos sinais da cruz.

Junta-se, aliás, uma grosseira lista de insultos: espera-se também com insultos humanos conseguir um efeito sobre-humano?

De oração, quase nada; de magia, quase tudo. A mera leitura dos antiquados exorcismos soa completamente absurda para o senso comum moderno. Mentalidade de outra época!

Traduzo longos trechos:

O sacerdote protegendo-se a si mesmo e ao possesso com o sinal-da-cruz... pronunciará o seguinte... exorcismo. Exorcizo-te, espírito de extrema impureza, a encarnação mesmo do nosso inimigo, a todos os espectros, a toda a legião, em nome de Nosso Senhor — sinal-da-cruz — Jesus Cristo, a ir e fugir desta criatura de Deus... Ouve, portanto, e teme, Satanás, inimigo da fé, adversário da raça humana, causante da morte, ladrão da vida, destruidor da justiça, raiz de todos os males, traidor dos povos, incitador da inveja, origem da avareza, causa da discórdia, causante dos sofrimentos... Sai, portanto, no nome do Pai — sinal-da-cruz, — do Filho — sinal-da-cruz —; cede teu lugar ao Espírito Santo por este sinal da Santa Cruz — sinal — de Jesus Cristo Nosso Senhor...

Recita-se uma oração a Deus para ter êxito, durante a qual se fazem outros sinais-da-cruz sobre a fronte e peito do endemoninhado.

Conjuro-te de novo — sinal-da-cruz sobre a fronte — ... Rende-te, portanto, rende-te... ao ministro de Cristo... Treme... Que o corpo do homem seja um horror para ti — sinal-da-cruz —, que a imagem de Deus seja terrível para ti — sinal-da-cruz. Não resistas nem demores em fugir deste homem... Porque é Deus que te manda — sinal-da-cruz. A majestade de Cristo te manda — sinal. Deus Pai te manda — sinal. Deus Filho te manda — sinal. Deus Espírito te manda — sinal. A Santa Cruz te manda — sinal. A Fé dos santos apóstolos Pedro e Paulo e todos os demais santos te manda — sinal. O sangue dos mártires te manda — sinal. A continência dos confessores te manda — sinal. A intercessão devota de todos os santos te manda — sinal. A virtude dos mistérios da fé cristã te manda — sinal. Vai, pois, transgressor. Vai, sedutor, cheio de todo tipo de engano; tu o mais espantoso, afasta-te; tu o ímpio... Mas, por que, bárbaro, resistes? Por que, criatura despiedosa, recusas?...

Portanto, te conjuro, dragão extremamente perverso, em nome do Cordeiro Imaculado — sinal —, que pisou sobre a serpente e o basilisco, que pisoteou o leão e o dragão, a que saias deste homem — sinal na fronte —, a que te afastes da Igreja de Deus — sinal sobre os presentes. Treme e foge à invocação do nome do Senhor, perante quem o inferno treme... O Verbo feito carne — sinal — te manda! Quem nasceu da Virgem — sinal — te manda. Jesus de Nazaré — sinal — te manda, quem apesar de que desprezaste seus discípulos te mandou que saísses, humilhado e prostrado, daquele homem e na sua presença, quando te afugentou dele, não te sentiste digno de penetrar numa vara de porcos. Portanto, conjurado já no seu nome — sinal — sai deste homem a quem ele criou. É perigoso para ti que resistas — sinal —, porque quanto mais demores em sair, tanto mais aumenta o castigo contra ti, porque não estás desprezando os homens senão a ele, que é Senhor dos vivos e dos mortos, que virá julgar vivos e mortos pelo fogo.[43]

E no mesmo teor vem o terceiro, quase tão comprido como o segundo exorcismo. Mentalidade mágica. Quem ama a Igreja desejará que os exorcismos fiquem enterrados no passado.

Uma das principais heresias pelas quais se condenava a bruxaria era pela pretensão de obter ajuda do Diabo. Não obstante, no Ritual dos exorcismos se prescreve que o exorcista obrigue em nome de Deus os mesmos demônios a dizer como é que tinham entrado no possesso, se por pacto do próprio endomoninhado ou por encantamento de uma bruxa; exige-se-lhes também que digam seus nomes, onde estão os instrumentos mágicos que os retêm nos "endemoninhados" etc. Os inquisidores levavam à fogueira os bruxos que evocavam e pediam auxílio aos demônios, e eles mesmos faziam evocação e pediam também ajuda dos demônios nas fórmulas rituais!

Exorcismos "clássicos". A melhor explicação da reação dos "endemoninhados" perante os exorcismos poderia ser, entre outros exemplos iguais e igualmente ilustrativos, o acontecido em 1599.

Marta Brossier, filha de um tecelão de Romorantia, era uma jovem de caráter violento, frustrada nos seus amores e ciumenta a ponto de arranhar o rosto das rivais. Logo passou a acreditar que estava possuída por Belzebu.

Era na época em que católicos e protestantes rivalizavam até cruentamente. Pouco antes acabara a guerra religiosa pelo edito de Nantes, promulgado pelo rei Henrique IV da França. Marta — ou o "demônio"! — era figadalmente hostil aos protestantes. Quando

43. *Rituale Romanum*..., op. cit., titulus XII, caput 2.

algum deles pretendia exorcizá-la lendo trechos bíblicos, Marta ridicularizava tais exorcismos. Só pareciam ter força perante ela os exorcismos católicos.

D. Miron, esclarecido bispo católico de Orleans, encontrou um modo de dar boa lição aos exorcistas, católicos e protestantes. Convidou a "endemoninhada" a almoçar no palácio episcopal. Primeiro, sem nada dizer, deu-lhe água benta para beber: o "demônio" nada percebeu. Depois dizendo tratar-se de água benta ofereceu-lhe água comum; e apresentou-lhe uma vulgar chave embrulhada num pano vermelho, dizendo que era uma relíquia da Santa Cruz. A moça se retorce em convulsões extraordinárias. Afastada a água "benta" e a "cruz", se acalmou. O bispo pediu então, de forma que Maria ouvisse, que lhe trouxessem o Ritual Católico dos Exorcismos — que são em latim —, mas o ajudante bem instruído previamente pelo bispo, trouxe um livro do poeta latino Virgílio. D. Miron, muito solenemente, leu versos da *Eneida*, e a histérica, acreditando que a exorcizavam, contorceu-se em horríveis convulsões. Acalmou-se logo que pararam as "orações".[44]

A experiência poderia falhar, se nesse momento tivesse surgido na doente um singelo fenômeno parapsicológico de adivinhação. Mas não surgindo é muito ilustrativo a respeito da conduta dos "endemoninhados".

Vaidoso, mas complexado. Nem tem cabimento que os demônios se descrevam a si mesmos — vaidosos como se afirma que são — com cores e formas tão horripilantemente grotescas.

Desde que há referências históricas, em todos os povos, a identificação de certos animais com os demônios foi muito difundida. Serpente, corvo, coruja e especialmente bode, sapo, cão e gato preto.

De Teobaldo, onze anos, o mais velho dos meninos "endemoninhados" de Illfurt, se afirma: "O demônio gozava imensamente olhando as imagens de cachorros ou de serpentes; desenhava freqüentemente com o lápis ou com um giz exemplares singulares: 'São as espécies que temos no inferno — explicava ele — e os consideramos nossos patrões' ".[45]

44. Aqui no Brasil, a história foi publicada com muitas modificações, em contraste com as fontes críticas e o original do médico (Marescot) que resolveu o caso. Inclusive a data (1734 em vez de 1599) foi modificada em A. da Silva Mello, *Mistérios e realidades deste e do outro mundo*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1949, 2ª ed., 1950, pp. 455s.
45. Sutter, *El diable*, op. cit.

"Ele manifesta uma profunda satisfação em presença dos animais e mormente das rãs e dos sapos, que são seus preferidos". Logo vem a contradição manifesta: "Ele sai freqüentemente à caça de insetos, e depois de ter brincado com eles e de fazê-los passar sobre as roupas e pelas mãos, se dá o gosto de arrancar-lhes as patas e matá-los".[46] Os demônios destruindo os demônios!

Tanto os dinka como os lugbara da África acreditam que os animais selvagens são demônios aliados com os bruxos. Ambos os povos referem-se especialmente aos animais pretos, repugnantes, e de atividade noturna. Assim os lugbara citam o sapo, a cobra, lagarto, a rã, o chacal, o morcego, a coruja, como também uma espécie de macaco que grita pelas noites.[47]

Os dinka relacionam aos bruxos com a hiena e mormente com a cobra preta, a mais perigosa das cobras africanas.[48] O maior temor deles é quando os bruxos — segundo acreditam — besuntam os pilares das casas com sangue de cobra preta.

Os bruxos gisu enviariam ratas, de duas em duas, a recolher pêlos e pedaços de unhas das suas vítimas para preparar os feitiços.[49]

A mais ingênua e despretensiosa superstição moderna perpetua a crença de que o gato preto é indício de má sorte, da desgraça. Hoje a psicanálise sabe o porquê. Há uma relação entre sensualidade ou sexualidade e o andar macio, a pelagem suave, o amor à escuridão, o silêncio dos movimentos do gato. A elurofobia ou temor morboso do gato (e outros animais com características semelhantes, ratos por exemplo) às vezes tem relação bem definida com profundas tendências homossexuais ou rejeição a pessoas do outro sexo.

Daí a identificar o gato e outros animais com o demônio é só uma etapa de transferência inconsciente.

A imaginação transforma em demônios o desconhecido, certos animais, os temores...; adorna, exagera, fantasia esses demônios inventados.

O demônio "apareceu" a Teobaldo umas trinta vezes. Tinha forma e bico de ganso grande, olhos grandes, fosforescentes e verdes, unhas de gato, pele de cavalo, e estava recoberto com penas

46. Idem, ibidem, pp. 136s.
47. J. F. Middleton e E. H. Winter, *Witchcraft and sorcery in East Africa* (um capítulo se dedica a "Witchcraft and sorcery in Lugbara"), Londres e Nova Iorque, 1963.
48. R. G. Linnardi, "Some of witchcraft among the Dinka" in *Africa*, 1951, pp. 303-18.
49. Mair, *La brujeria...*, op. cit., pp. 39s.

sujas, asquerosas. Teobaldo, às vezes, arrancava grande quantidade de penas do "demônio" (aporte): desprendiam cheiro fétido, estavam enlambuzadas de excrementos humanos. Ao outro menino, José, o demônio aparecia em forma de porco do mato, preto e peludo.[50]

Não tem cabimento pretender que tais apresentações fossem oriundas do próprio demônio e não da imaginação doentia das crianças.

Não tem cabimento que atribuam ao demônio a fúria — fingidamente quase assassina — de Teobaldo e, ao mesmo tempo, descrevem o "endemoninhado" lançando-se furiosamente contra o próprio demônio para arrancar-lhe as penas.

Para Mons. Faustino Negrini, a figura do demônio é mais clássica. D. Faustino é um dos mais conhecidos exorcistas da Itália de hoje.

O vaidoso e exibido Satanás tem complexo de feiura? "Já o vi muitas vezes — declara Mons. Negrini. Todas as vezes que o vi foi no meu quarto. É preto. Chifres na cabeça. Asas de morcego. Patas e rabo de bode." O clássico...[51]

É evidente que tais figuras horríveis são projeções da mentalidade piedosa contra o símbolo do mal. Outros recalques projetam o demônio como uma mulher sedutora ou como um galã provocador...

Só resta em boa lógica a interpretação natural. Esta confirma a grande potencialidade das faculdades humanas e concretamente a capacidade do inconsciente de apresentar dramatizações "segundo o vento que sopra" no momento. É necessário destituir de qualquer valor o argumento de que os próprios demônios estão convictos e confessos.

50. Sutter *El diablo*..., op. cit., pp. 20 e 129.
51. No Brasil, cf. por exemplo: "Demônio encarna..." in "O Estado", op. cit.

Segunda Parte

OS ARGUMENTOS DA FÉ

(à luz da ciência)

Capítulo X

AFINAL, QUE SÃO OS DEMÔNIOS? — I

Os demônios na Bíblia. Se não interpretei mal alguns termos, o Novo Testamento, sob diversos nomes, alude 73 vezes ao que comumente hoje se chama demônio. O Novo Testamento usa, além de *daimonion*, os nomes: "Diabo e seus anjos" (Mt 25,41), "espíritos imundos" (Mt 10,1), "espírito impuro" (Mc 1,23) etc.

Demônio e os outros termos se usam indistintamente. No singular ou no plural. Assim, por exemplo, a mesma pessoa que, segundo Marcos (5,2), é possuída por *um espírito impuro*, no singular, pouco depois no mesmo Marcos (v. 13) está possuída por *espíritos imundos*, no plural; segundo Lucas (8,27) essa mesma pessoa está possuída por *demônios*, no plural; mas imediatamente, no mesmo Evangelho de Lucas (v. 29) Jesus identifica esses demônios como um *espírito impuro*, no singular; e no versículo seguinte (30), Lucas diz que são *muitos demônios*.

Termo "demônio" no Antigo Testamento? Uma primeira constatação é que o termo *demônio* (um equivalente hebraico para traduzir exatamente o termo grego *daimonion*) tão freqüente no Novo Testamento, não aparece nos originais do Antigo. A palavra demônio no Antigo Testamento é só fruto de traduções posteriores.

Quem ou que é o demônio? À procura do conceito de demônio, analisarei primeiro a que chamam demônio as traduções do Antigo Testamento. [1]

---

1. Jésus-Marie, *Satan...*, op. cit., Nicolas Corte, *Satan, l'adversaire;* tradução de F. Condomines, *Satan el adversario,* Andorra, Casal, I Vall, 1958; tradução: *Who is the Devil,* Nova Iorque, Hawthorn, 1958; Kelly, *The Devil,* op. cit., do mesmo autor: *Towards the death*

O tema é muito emaranhado. Os conceitos se misturam. Necessariamente terei de ir avançando sem muita ordem lógica. Irei avançando por um mosaico, não seguindo um fio desemaranhado. Como dizia Marshall McLuhan, há temas em que a exposição acumulativa substitui com vantagem o método lógico dedutivo de exposição.[2] Associarei os conceitos bíblicos às suas origens e às suas repetições ao longo da história.

Ídolos. Os sátiros (espécie mitológica de bode), "seres peludos" descritos por Isaías, inspirado nas divindades mesopotâmicas, são convertidos na tradução dos Setenta em *demônios*. Dançariam com sereias nas ruínas da Babilônia (Is 13,21).

Esses mesmos sátiros, esses mesmos demônios, no Levítico, são na tradução dos Setenta, simplesmente "ídolos e coisas vãs" (Lv 17,7). Coisas. Não existem como seres pessoais.

Também em outras oportunidades os *ídolos* se traduzem por *demônios.*[3] Isaías (65,3) condena os ritos dos pagãos, que fazem sacrifícios aos ídolos nos jardins e queimam perfumes sobre lajes, irritando assim a Deus. Quando adoram os ídolos, adoram "demônios que não existem", de acordo com a tradução dos Setenta. No Cântico de Moisés repreende-se aos que "sacrificaram a (em honra de) demônios, falsos deuses, a deuses que não haviam conhecido, novos, recentemente chegados" (Dt 32,17). Abertamente chama-se demônios em todas as traduções, às divindades cananéias (*sedim*).

Só em outra oportunidade aparece na Bíblia a mesma palavra *sedim*, que mais uma vez é traduzida por demônios, e de novo representam os ídolos de Canaã, aos quais se ofereceriam sacrifícios humanos: "Eles serviram seus ídolos... e sacrificaram seus filhos e suas filhas aos demônios (*sedim*), e derramaram o sangue inocente de seus filhos e suas filhas que sacrificaram aos ídolos de Canaã" (Sl 106,36ss.).

Também no Salmo 106,37, os deuses, touros alados da mitologia assíria, são traduzidos por demônios.

E quando Isaías (65,11) fala de Gad, o deus arameu da fortuna, os Setenta substituem Gad por demônio.

---

of Satan, Londres, G. Chapman, 1968; tradução de Maurice Galiano, *Le Diable et ses démons*, Paris, Cerf, 1977; Woods, *Satanism*, op. cit.

2. Marshall McLuhan, *A galáxia de Gutenberg*, São Paulo, 1972, p. 15.

3. Cf. M. Mieses, "Fremde Götter als Dämonen im Volksglauben Israels" in *Mitteilungen zur jüdischen Volkskunde*, vol. 22, 1921, pp. 1-7.

Conselho de Deus. Na sua pedagogia, a Bíblia não enfrentou diretamente desde o início os deuses estrangeiros. Primeiro os aceitou como subordinados a Iahweh, o Deus dos deuses e das potestades. E os chamou "Filhos de Deus" que formavam o conselho de Deus, "Potestades" que ajudavam no governo do universo. E inclusive os organizou hierarquicamente — como em toda milícia bem-estabelecida — sob o comandante supremo, Satã (Zc 3,2; Dn 10,13).

Corte real. Com a introdução da monarquia no povo judeu, aparece na Bíblia um tipo de corte angélica de Deus, demasiado paralela à corte de um rei oriental. Há querubins que sustentam o trono de Iahweh (Sl 80,2), arrastam seu carro (Ez 10,1), guardam a entrada dos seus domínios (Gn 3,24); há todo um exército celestial que canta a realeza de Deus (1Rs 22,19).

É nessa época que descobrimos as maiores semelhanças com as divindades extrabíblicas. Até a forma externa de representar os anjos se parece às esfinges egípcias e baixos-relevos babilônicos.

É possível que tais textos não pretendam revelar nada a respeito dos anjos — bons e maus —, senão destacar, por comparação com as cortes dos reis temporais, a grandeza do Rei Eterno.

Instrumento de linguagem. Mas a manifesta semelhança com a mitologia pagã poderia induzir o povo judeu ao politeísmo. Aparecem então os Profetas lembrando que só há um Deus.

Os profetas tiram da mitologia e cultura da época todo traço de politeísmo, mas guardam os aspectos compatíveis com o único Deus, Criador e Supremo Governante. As Potestades e outras criaturas celestes servem para destacar a grandeza do Criador.

Este empréstimo de elementos das religiões pagãs é evidente em várias oportunidades. Por exemplo, no Levítico. O velho costume popular de expiação é aproveitado purificando-o da idolatria.

> Quanto ao bode sobre o qual caiu a sorte "para Azazel", será colocado vivo diante de Javé, para fazer com ele o rito de expiação, a fim de ser enviado a Azazel, no deserto... Aarão porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode e confessará sobre ele todas as faltas dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados... e o bode levará sobre si todas as faltas deles para uma região desolada (Lv 16,10,21s.).

O bode não é sacrificado ao *daimon* Azazel. A ação simbólica de transferir os pecados se faz diante de Iahweh pela mediação do sacerdote Aarão, e o "bode expiatório" indo ao deserto, onde morrerá, simboliza a desaparição dos pecados.

Algo parecido deve-se dizer — mera terminologia simbólica — dos sátiros das ruínas (Is 13,21 e 24,14), Lilit da noite (Is 34,14), Asmodeu no deserto do Alto Egito (Tb 3,8; 6,14), o mau espírito enviado por Iahweh (1Sm 16,14ss, 18,10) etc.

Humanização. *Deuses e filhos de deuses* se convertem em *anjos*. Seus poderes ou são do único Deus, ou são humanos. Não existe nenhum outro ser intermediário. Os anjos são apresentados simplesmente como *homens:*

Os ídolos ou deuses pagãos, a corte celeste dos anjos, como homens que são, devem cultuar a Deus: "Tributai a Iahweh, ó filhos dos deuses... Adorai a Iahweh no seu átrio sagrado, trazei a Iahweh crias dos carneiros" (Sl 29,1s.)[4] Os homens é que devem adorar a Deus no templo de Jerusalém e oferecer sacrifícios de vítimas propiciatórias.

"Deus se levanta no conselho divino, em meio aos deuses ele julga." Os deuses convertidos em corte angélica, como veremos logo; mas Deus não precisa de conselho, é aos juízes humanos, aos príncipes entre os judeus a quem Deus recrimina: "Até quando julgareis injustamente, sustentando a causa dos ímpios?... Eu declarei: Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo, contudo morrereis como um homem qualquer, caireis como qualquer um dos príncipes" (Sl 82,1s,6s).

"Dentre os filhos dos deuses quem é como Iahweh? Deus é terrível no conselho dos santos." *Filhos de deuses* ou *deuses* é igual a *santos*, que aqui significa literalmente *anjos;* mais uma vez, porém, o significado profundo é *homens;* por isso a seguir se apresentam seus feitos no meio dos homens: "Deus dos Exércitos..., esmagaste Raab (monstro marinho que representa os egípcios, Sl 87,4 e Is 30,7) como um cadáver, dispersaste teus inimigos com teu braço poderoso..." (Sl 89,7-9,11).

Inexistentes. Mais ainda, Israel logo compreende que Deus não precisa de conselho nem ajuda de ninguém e que os deuses ou ídolos pagãos não passam de absurdas falsidades enquanto não se identifiquem com o próprio Deus único. Se não são o próprio Iahweh — nem homens —, essas divindades são falsas, inexistentes.

O Salmo 96,5, diz no original hebraico que os deuses dos pagãos são vãos: deuses — *élohim*; vãos — *élihim*. Não pode o grego conservar este jogo de palavras. E os Setenta convertem *vãos* em *demônios!* Os demônios são ídolos, deuses vãos, inexistentes.

4. Com o acréscimo do grego e da vulgata.

No Novo Testamento se recolhe a idéia; os ídolos são demônios, seres inertes, meras imagens feitas pelas mãos dos homens (Ap 11,20). Paulo vai considerar os ídolos como demônios, e igualmente como vãos, nada, inexistentes: "Aquilo que os gentios imolam, eles o imolam aos demônios, e não a Deus... Que quero dizer com isto?... Que os ídolos mesmos sejam alguma coisa? Não!" (1Cor 10,20,19).[5]

No Novo Testamento. A antiquíssima demonologia — divindades — da literatura suméria — os perniciosos deuses-demônios chamados *udug* — e a demonologia acádia influenciaram os hebreus do Antigo Testamento, e através dos caldeus penetraram o mundo grego e depois o romano. Antes da época de Cristo, a influência volta aos judeus, através da cultura grega, resultando da dominação romana. Dois séculos antes de Cristo e no próprio século d.C., a demonologia judaica manifesta reflexos da demonologia mesopotâmica[6] e greco-romana. Com a autoridade de Beer e de outros prestigiosos exegetas,

sabemos que nos encontramos aqui ante um setor de sabedoria, da superstição, e até do desvario babilônico, que chegou, muitas vezes, através da cultura persa e grega — junto com a cananéia — a converter-se em propriedade espiritual do judaísmo (na literatura apócrifa do judaísmo tardio). E, apesar do seu verniz de monoteísmo bíblico, mostra sua origem pagã.[7]

Demônios e *demônio* são as traduções vernáculas para os termos *daimones* no plural e *daimon* no singular na versão dos Setenta. Ora, na literatura grega e na época helenística, *daimon* freqüentemente significa *deus*: uma divindade de grau inferior.[8]

5. Cf. Hans Conzelmann, *Der erste Brief an die Korinther*, Göttingen, 1969, pp. 204s.

6. Sobre a demonologia mesopotâmica — e seus reflexos no judaísmo e cristianismo — cf. E. Ebeling, "Dämon" in *Reallexikon der Assyriologie*, Berlim, 1928ss., tomo II, pp. 107-113; D. O. Edzard, "Dämonen" in HAUSSIG, Hans Withelm (coord.): *Worterbuch der Mythologie*, 7 vols., Stuttgart, Ernst Klelt, 1965ss., vol. I: *Götter und Mythen Im Vorderen Orient*, pp. 46-49; C. Frank, *Lamastu, Pazuzu und andere Dämonen*, Leipzig, 1941; reimpressão 1971; J. L. Cunchillos Ilarri, "Demonología mesopotámica" in "27.ª Semana Biblica Española", Madri, 1970, pp. 143-159.

7. Cf. E. Kautzsch, *Die Apokryphen und Pseudepigraphen des Alten Testaments*, Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1900, e Hildesheim, 1962, vol. II, p. 233.

8. G. Kittel, continuação por G. Friedrich (coordenadores), *Theologisches Worterburch zum Alten Testament; Theologisches Wör-*

Os judeus, também, na época neotestamentária, adotaram esta denominação. Flávio Josefo várias vezes emprega o termo *daimones* como sinônimo de deuses.[9]

Provavelmente *daimon* (demônio) procede de *daiomai*, que significa distribuir: eram os deuses que distribuíam os bens aos homens — estes deuses foram convertidos em anjos — e também as coisas más — convertidos em demônios.[10]

É no sentido de divindade que se devem entender os demônios que Paulo refere (1Cor 10,20), usando a expressão dos Setenta e citando o Deuteronômio (32,17), que eram adorados pelo povo. Demônios = deuses pagãos.

Neste mesmo sentido, os pagãos usam o termo *daimones* com referência à pregação de Paulo: "Dir-se-ia um pregador de divindades (*daimones*) exóticas, porque ele anunciava Jesus e a Ressurreição" At 17,18). Os que escutavam Paulo usaram o termo *daimones* no plural porque acreditavam que Jesus era anunciado como um deus (*daimon*: Jesus identificado com um demônio) e a Ressurreição como uma deusa.[11]

Elaboração de animismo. Na mentalidade animista, cada elemento é governado por um deus.

Todas as manifestações da natureza que o homem primitivo considerava superiores a ele eram concebidas como dotadas de espírito. Esses espíritos — bons ou maus — eram os responsáveis pelos acontecimentos favoráveis ou desfavoráveis. O animismo é uma representação dinâmica de todos os seres.

Conserva-se o primitivo animismo nas tradições de muitos povos africanos.[12] De lá se ramificou principalmente pelos chamados cultos afro-brasileiros, e de vários países latino-americanos.

---

terbuch zum Neuen Testament, Stuttgart, 1970ss., vol. II, p. 2; tradução, *Grande Lessico del Nuevo Testamento*, Brescia, 1977ss.; tradução: *Theological Dictionary of the New Testament*, Grand Rapids (MI.). Eerdmans, 1971.

9. Flavius Josephus (José ben Matias), *A História da Guerra dos Judeus, Contra Apion*, vol. II, p. 263 e L, 69 etc.

10. H. Frist, *Griechisches Etymologisches Wörterburch*, Winter, Heidelberg, 1960-1970, G. W. H. Lampe, *A Patristic Greek Lexicon*, Oxford, Clarerdon, 1961, pp. 328-331; P. Chantraine, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des Mots*, vol. I, Paris, Klincknieck, 1968, p. 249. Para outras etimologias, não admissíveis, apresentadas por outros exegetas ou demonólogos, cf. Van der Loos, "The miracles" in *Novum*..., p. 340, nota 2.

11. J. Munck, *The Acts of the Apostles* (Anchor Bible), Garden City (NY), Doubleday, 1967, p. 169.

12. Cf. P. Tempels, *La philosophie bantou*, Paris, Présence Africaine, 1949, pp. 30-47; Johan Christopher Froehlich von Froehlichs-

Com o tempo, o animismo dos povos primitivos foi se fazendo mais elaborado e complexo. É substituído por potestades, anjos e demônios, ou divindades inferiores, que como intermediários governam a humanidade e o mundo. Os próprios intermediários — divindades inferiores, anjos e demônios — se multiplicam numa subordinação hierárquica mais ou menos extensa.

Zoroastro ou Zaratustra, o mais antigo fundador conhecido de religião, ensina que Alhura Mazda, o Deus Supremo, serve-se dos chamados "santos imortais": são divindades inferiores, pois são concebidas como irradiações da natureza divina. Alhura Mazda não governa diretamente o mundo, serve-se para isso dos imortais, que poderíamos chamar potestades ou daimones.[13]

O judaísmo não se opôs ao animismo, mas "o disciplinou, a fim de acomodá-lo às suas próprias exigências doutrinais".[14]

Por exemplo, o animismo universal considerava que os rios e os vaus tinham alma. Havia neles um deus. Eram *daimones*. Para atravessar um rio, primeiro era preciso aplacá-lo com oferendas e dádivas. Lê-se na Bíblia:

Jacó "se levantou, tomou suas duas mulheres, suas duas servas, seus onze filhos e passou o vau do Jaboc. Ele os tomou e os fez passar a torrente e fez passar também tudo o que possuía. E Jacó ficou só".

Mas não aplacara o deus torrente! Teria portanto de ser castigado: "E alguém lutou com ele até surgir a aurora. Vendo que não o dominava, tocou-lhe na articulação da coxa, e a coxa de Jacó se deslocou enquanto lutava com ele".

Com a saída do Sol vem um *daimon* mais poderoso, que afugenta as divindades noturnas. Para isso, o deus da torrente disse: "Deixa-me ir, pois já rompeu o dia". Mas Jacó respondeu: "Eu não te deixarei se não me abençoares".

Faz parte também do animismo universal atribuir força mágica aos nomes. O Gênesis acomoda tal crença, fazendo intervir a Divina Providência nos nomes.

Ele lhe perguntou: "Qual é teu nome?" "Jacó", respondeu ele. Ele retomou: "Não te chamarás mais Jacó, mas Israel (Deus forte, ou algum significado equivalente), porque foste forte contra Deus

---

bers, *De Sorcelleria*, Innsbruck, 1696; tradução: *Animismes*, Paris, Orient, 1964, pp. 62ss.

13. Von Wesendonk, *Das Weltbild der Tranier*, Munique, 1933, pp. 71s.

14. Pierre Grelot, "Les miracles de Jésus et la démonologie juive" in VV. AA., *Les miracles de Jésus*, Paris, Parole du Seuil, 1977, p. 61.

e contra os homens, e tu prevaleceste". Jacó fez esta pergunta: "Revela-me teu nome, por favor". Mas ele respondeu: "Por que perguntas pelo meu nome?" E ali mesmo o abençoou. Jacó deu a este lugar o nome de Fanuel "porque — disse ele — eu vi Deus face a face" (Gn 32,23-33).

Segundo um eminente exegeta, "em Israel tomou forma pouco a pouco uma doutrina de anjos e demônios, onde se poderiam encontrar elementos emprestados de todas as civilizações vizinhas: Canaã, Egito, Mesopotâmia e Irã, sem contar o sincretismo helenista que o judaísmo encontrou finalmente sobre sua rota nos países da Dispersão e na mesma Palestina". [15]

Tais culturas não pertencem ao conteúdo da Revelação! Os elementos da natureza não são deuses ou demônios. Estes *daimones* não existem. Só metaforicamente se identificam esses demônios com o verdadeiro e único Deus.

São Paulo. Paulo usa a linguagem e as imagens próprias da cultura judaica da sua época. [16] Os "espíritos do astral" e outros demônios-divindades, originariamente do Oriente, foram convertidos pelos judeus em "armadas celestes" (Sabaoth). Iahweh é o Deus dos Sabaoth, Deus dos exércitos, ou em diversas passagens da tradução dos Setenta, "Deus das Potestades" (cf. por exemplo, Sl 80,5).

Paulo, pela sua cultura judaica, utilizou como comparação o mito de que Deus delegou o governo do mundo aos Anjos, às Potestades e Principados (Gl 3,19; Hb 2,2; 1Cor 6,3 etc.). São os demônios. "Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do mal, que povoam as regiões Celestiais" (Ef 6,11-12).

As Potestades ou demônios estão a serviço de Deus; são dignos de respeito (1Cor 11,10) e obediência (talvez também Rm

15. Van der Leeuw, *Phanomenologie*..., op. cit., pp. 7-23.

16. Um apanhado dos dados, escassos e dispersos, extraídos das obras gerais a respeito da demonologia judaica foi realizado por Werner Foerster, "Daimon" in Kittel, *Theologisches*..., op. cit., tomo II, pp. 1-21; mas a epígrafe é anterior às descobertas de Qumran. Também é anterior a Qumran o apanhado sistemático, mais amplo, realizado por E. Langton, *Essentials of Demonology*, Londres, Epworth, 1949; tradução: *La Demonologie. Étude sur la doctrine juive et chrétienne, son origine et son developpement*, Paris, Payot, 1951. É interessante ver S. Eitren, *Some notes on the Demonology in the New Testament*, 2ª ed., Oslo, 1966. Excessivamente "mística" a epígrafe "Demons", na *Jewish Encyclopedia*, Nova Iorque, Macmillan, 1971, tomo V, cols. 1521-1533; ou *Encyclopédie de la mystique juive*, Paris, Berg Internacional, 1971.

13,1-6); são os instrumentos de uma correção salutar por meio de doenças (1Cor (6,5): o próprio Paulo é deixado a Satã (2Cor 12,7); serão julgados (1Cor 6,3) e podem ser castigados se não cumprem bem a sua função. Em todo caso os demônios culpáveis terão de reconhecer o senhorio universal de Cristo (Fl 2,10-11; Cl 1,15-20; Ef 3,10; Cl 2,15). [17]

Tudo influencia os primeiros cristãos. Se os povos orientais influenciaram muito nos judeus e, em seqüência, em São Paulo, influíram mais ainda na demonologia dos primeiros cristãos. Devemos levar em consideração que o Egito e concretamente a cidade de Alexandria foi um dos centros mais importantes do saber. Foi lá, aliás, que os Setenta realizaram, antes da era cristã, a tradução do Antigo Testamento.

Justino, Clemente de Alexandria etc. refletem claramente a mentalidade demonológica dos egípcios. Orígenes, no começo do século III, teve uma influência decisiva na demonologia cristã que até hoje permanece.

A Filosofia que prevalecia em Alexandria era a platônica como fora exposta por Plutarco. Orígenes aplica aos demônios a teoria platoniana da origem do ser. Sob a influência alexandrina se consideraram os anjos e demônios como intermediários entre Deus e os homens.

O Egito influi também claramente no gnosticismo. Seja qual for a sua origem, [18] o certo é que o gnosticismo fez livre uso de idéias religiosas e filosóficas tanto judaicas como pagãs e cristãs. O gnosticismo, por sua vez, como o hermetismo — uma forma de gnosticismo — influíram nos cristãos.

O cristianismo não aceitou, por ser incompatível com o Evangelho, a idéia gnóstico-ocultista de reencarnação. Mas deixou-se in-influenciar pela demonologia e mentalidade mágica. Gnose significa conhecimento. Praticamente a gnose consiste em preparações mágicas, fórmulas secretas e números que permitirão à alma forçar a passagem e ascender em sucessivas reencarnações a planetas cada vez mais desenvolvidos, apesar das dificuldades que oporão os demônios, cada potestade à frente de cada esfera celeste. Os demônios deviam ser combatidos já nesta vida.

Os ritos de iniciação praticados por uma forma de gnosticismo egípcio incluíam o batismo cristão e por sua vez no batismo cris-

17. A respeito da conversão dos demônios, cf. B. Cairo, *Principalites and powers. A study in pauline Theology*, Oxford, 1956, pp. 27s.

18. Robert M. Grant, *La gnose et les origines chrétiennes*, Paris, 1964, pp. 31-38, e do prefácio (por H. I. Marrou), pp. 8s.

tão foi incluída uma série de exorcismos e bênçãos para expulsar os demônios...

Notemos que, para a corrente gnóstica egípcio-síria, os demônios são potestades que procedem de Deus, mas que não o conhecem, nem sequer pelo conhecimento que poderia deduzir-se da observação do mundo. A matéria, o mal, o cosmos todo que é "o Reino das Trevas", teria sido criado por esses demônios. Eram chamados arcontes (chefes, governantes), e o poder tirânico por eles exercido sobre todas as coisas explica o Destino Universal que se deduziria das combinações astrológicas.

Na gnose os demônios ou arcontes são personificações místicas das leis da natureza. Considerados como seres reais, esses demônios, como os homens, algum dia se restaurarão na sua pureza primitiva, que teriam recebido do Criador, e então o cosmos, o "Reino das Trevas", acabará. [19]

Os demônios maus. Mais tarde Sto. Tomás transmitirá — sem discuti-lo — o mito de que os anjos (e os demônios) governam o movimento dos astros. [20] Em outras oportunidades lhes atribui ainda maiores encargos de governo. [21]

O *daimon*, demônio, divindade inferior, vai deixar de ser um intermediário entre Deus e as criaturas, para converter-se unicamente num ser mau. Para Paulo, apostatar da fé é equivalente a escutar os ensinamentos dos demônios-deuses pagãos (1Tm 4,1); a idolatria equivale a misturar-se com demônios-ídolos, que sustentam o paganismo (1Cor 10,20ss.). E passou-se a considerar os demônios como seres maus e desprezíveis, nada semelhantes a deuses ou anjos.

Isso já aparece nos últimos escritos do Novo Testamento: "Caiu, caiu Babilônia, a Grande, tornou-se moradia de demônios, abrigo de todo tipo de espíritos impuros, abrigo de todo tipo de aves impuras e repelentes" (Ap 18,2); "Nisto vi que da boca do dragão... saíram três espíritos impuros, como sapos" (Ap 16,13).

"Gradualmente — escreve Van Der Loos — o abismo entre divindade e demônio foi-se alargando. O judaísmo, o cristianismo e o Islã só vêem no demônio uma força inimiga de Deus e do homem. Da mesma maneira que o anjo, como espírito bom, pertence ao reino da luz, ao reino de Deus; o demônio pertence ao reino da escuridão, ao reino de Satanás." [22]

Paralelamente à mentalidade mítica judaica, que concebia os lugares áridos como morada preferida dos baixos demônios, aparecem em Paulo as altas potestades habitando as camadas mais altas da atmosfera: "Príncipe do poder do ar" (Ef 2,2); "Espíritos do mal que povoam as regiões celestiais" (Ef 6,12).

Demônios e Diabo. No Novo Testamento, distingue-se entre Diabo e demônios. Também alguns Santos Padres (Justino, Tertuliano, Clemente de Alexandria) distinguiram.

Diabo e Satanás (ou Satã) são sinônimos. No Novo Testamento aparece 37 vezes.

O Diabo e o Satanás são sempre apresentados no Novo Testamento no masculino, no singular e com maiúscula. E com artigo determinado. Para a palavra Satanás, não podem ser considerados exceções os textos de Mt 4,10; Lc 4,8; 20,3; 8,33 e Mt 16,23, porque em todos estes casos Satanás aparece em vocativo e portanto não pode levar artigo. Diabo só uma vez aparece sem o artigo determinado, mas também não pode ser considerado exceção. A tradução deve ser: "Não vos escolhi eu aos doze? No entanto um de vós é um diabo" (Jo 6,70), como o Diabo.

Mc 3,23 seria a única exceção? Também não! A tradução teria de ser mesmo com artigo e adjetivo *indeterminados* para contrapor dois hipotéticos Satanás: "Como pode um Satanás expulsar outro Satanás?" [23]

No Novo Testamento, só em duas oportunidades (Mt 25,41 e Ap 13,7-9) junto ao Diabo (Dragão, no Apocalipse) são colocados os seus anjos. Eles são subordinados; mas seriam da mesma espécie? Tal conceito é contraditório com o conceito geral que se reflete na Bíblia: o Diabo é apresentado como único. Essa é a função do artigo determinado da gramática grega do Novo Testamento. [24]

Os demônios não têm as características do Diabo. Não são da mesma espécie. Em contraposição ao Diabo, o termo demônio (*daimonion*) nunca leva artigo determinado, não se refere a um indivíduo masculino ou feminino, usa-se o plural, usam-se os sinônimos (espírito impuro, imundo etc.).

19. Cf. H. Jonas, *The gnostic religion. The message of an alien God and heginnings of christianny*, Boston, 1963.
20. Tomás de Aquino, *De Spiritualibus Creaturis*, art. 6; II, Dist. I, q. I, art. 4; q. 2, art. 5; XV, q. I, art. 2 etc.
21. Idem, ibidem. Por exemplo em I. q. 110, art. 1.

22. H. van der Loos, *The miracles...*, op. cit., p. 341.
23. J. Jeremias, *Teologia*, op. cit., p. 93.
24. F. Blass e A. Debrunner, tradução de Robert W. Funk, *A Greek Grammar of the New Testament*, p. 254; William Arndt e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, Chicago, University, 1957, 2ª ed., 1961; uso a edição de 1957, p. 552.

Os demônios não são tenatdores, não agem no âmbito moral. Quem tenta é o Diabo.

Atribui-se ao Diabo o controle das doenças (At 10,38), mas o exerceria através do domínio sobre os demônios (Lc 10,17-19; 13,11-16; Mt 13,22-29; Mc 3,22-27). São os demônios, não o Diabo, os que causam certas doenças (ou melhor, eles são as doenças). Cristo expulsava demônios. Em nenhuma parte da Bíblia se apresenta o Satã — ou o Diabo — atormentando possessos. Essa função correspondia aos simples demônios.

Portanto, o Diabo e demônios são coisas diferentes. Demônios relacionam-se com doenças. O Diabo relaciona-se com o pecado. Uns estão na ordem física e o outro na ordem moral.

Satanás representa o pecado. Quando "o Satanás entrou em Judas" (Lc 22,3; Jo 13,27) pode simplesmente significar que é o pecado voluntário e culpável que entra; o mesmo no caso de Ananias cujo coração foi enchido por o Satanás (At 5,3). Trata-se de posse voluntária, livre, na ordem moral. O Diabo ou o Satã pode ser, nestes casos, a personificação ou símbolo do pecado. Não se trata de possessão satânica em sentido físico.

A mesma identificação do pecado como sujeição ao Satã aparece em outros textos: "A fim de... voltarem das trevas à luz, e do poder de (o) Satanás a Deus, e alcançarem pela fé em mim a remissão dos pecados" (At 26,18).

Contra Elimas, contra o pecado de magia, exalta-se Paulo, e "repleto do Espírito Santo, fixou nele o olhar e disse: 'Ó filho do Diabo' " (At 13,8). É o pecado da superstição (At 19,18) ou da crença de que a telepatia se deve a algum espírito do além (At 16,16), ou o pecado da idolatria (At 19,26) etc.

Alguns Santos Padres utilizarão a mesma comparação simbólico-cultural. Identificam o pecado e o Satanás: são obra do Diabo os enfeites femininos (Ireneu, Tertuliano, Cipriano), a astrologia e a adivinhação em geral (Tertuliano, Clemente de Alexandria) e inclusive certa filosofia (Clemente de Alexandria).

Quem é o Diabo. *Diabo* provém do grego *diábolos*, por sua vez procedente de *bállo* = arrojar, com o prefixo *diá* = através de. A escolha da palavra é alusão à queda dos anjos rebeldes.

De *dia-ballo*, arrojar através de, procede o verbo *dia-ballo* e o substantivo *diábolos* — diabo —, que passaram a significar, substituindo o efeito pela causa, a ação e a pessoa que apresenta cargos com intento hostil, falsa ou caluniosamente. É este o significado

que corresponde à palavra hebraica *satã*. Com a palavra *diabo* — *diábolos* em grego — os Setenta traduzem a expressão *satã* do hebraico.

Os diabos. Que cristão não aprendeu que antes da criação do mundo houve uma revolta de anjos, sendo os rebeldes expulsos, arrojados, do céu? Milton escreveu um drama muito poético no seu *Paraíso perdido*.

No judaísmo tardio circulavam narrações a esse respeito. Foram introduzidas por um *Livro de Noé*, perdido, do século II a.C. A lenda — diretamente emprestada dos cananeus — concretizara-se num apócrifo, o *Livro de Henoc*, descoberto na Etiópia, em 1773. Consta de 108 capítulos, redigidos originariamente em aramaico, e talvez em parte em hebraico, mas na época do descobrimento só se encontraram cópias em etíope. Encontraram-se nada menos que 26 cópias porque a Igreja etíope antiga considerava esse livro canônico. É reconhecido como *Primeiro Livro de Henoc* — 1 Hn — ou então como Henoc etíope — Hn (et). Hoje já possuímos fragmentos em hebraico e mormente em aramaico, encontrados em Qumran.[25] Não tem unidade. É mais uma coleção de peças de diversas origens e antigüidades, compiladas entre o século II e primeiras décadas do século I a.C.

Segundo os primeiros 36 capítulos do apócrifo *Livro de Henoc*, 200 "guardiães" ou anjos, sob o comando de Semyasa, decidiram engendrar filhos com as mulheres humanas. Cada guardião comportadamente tomou uma só esposa. Essas duzentas mulheres engendraram 3.000 gigantes.

Para um moderno partidário dos OVNIs, estes anjos seriam extraterrestres que tinham por missão ser os guardiães da lei nos diversos planetas habitados no imenso cosmos. Segundo o *Livro de Henoc*, teriam ensinado aos terráqueos a fabricação de armas, a produção de cosméticos, a adivinhação pelos astros e a feitiçaria. Se ensinaram, é porque conheciam e tinham. Ensinaram o que eles tinham nos seus planetas. Que sentido teriam esses conhecimentos no conceito tradicional de anjos?

Mas aconteceu que os gigantes começaram a devorar homens... que, aterrados, clamaram a Deus. O Altíssimo envia então o anjo Uriel para prevenir Noé do diluvio com que planeja matar os gigantes; e para reprimir Semyasa, Azazel e demais anjos guardiães, envia Miguel.

---

25. Cf. Otto Eissfeldt, *Einleitung in das Alte Testament*, 3ª ed., Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1964, pp. 836s.

Mas os demônios não são estes anjos ou guardiães que não seguiram as normas interplanetárias. Demônios, segundo o *Livro de Henoc*, são os espíritos dos gigantes mortos no dilúvio.

Os diabos (anjos guardiães — ou extraterrestres — rebeldes), que se organizaram militarmente com um chefe para cada dezena, foram vencidos pelas milícias de Miguel e acorrentados em grutas subterrâneas durante 70 gerações, até o dia do Grande Julgamento quando serão lançados, junto com os homens maus, às masmorras de fogo (*Setenta gerações* é um número mágico que significa *por tempo incalculável*, até o fim do mundo). Os demônios (espíritos dos gigantes), porém, percorrem continuamente toda a Terra, fazendo mal aos homens. Também estes demônios serão condenados no dia do Juízo Final.[26]

Mais adiante, nos capítulos 37-71, o *Livro de Henoc* vai apresentar repetidamente Satã como chefe dos anjos perversos. Ou vários satãs, vários chefes com o mesmo qualificativo ou ofício de satã. Esta última parte do *Livro de Henoc* é já bem próxima da época de Cristo, certamente não mais distante dele que os primeiros decênios do século I a.C.[27]

O primeiro *Livro de Henoc* alcançou grande prestígio no judaísmo culto da época de Cristo. Era conhecido pelos escritores do Novo Testamento,[28] e muitos Padres da Igreja o tinham como inspirado tal como os livros canônicos.[29]

Outro livro com título parecido, *O Livro dos Segredos de Henoc* (*2.° Livro de Henoc* — 2Hn — ou Henoc eslavo — Hn (esl) — porque só numa versão eslava chegou completo até nós) demonstrou Vaillant, contra o que se acreditava até pouco tempo, que é uma compilação de tradições, feita na Idade Média. De todas as formas, pode ser que recolha fragmentos escritos — e desaparecidos — que remontam à diáspora helenística dos judeus cristãos e inclusive a fins do século I a.C.

---

26. Cf. F. Martin, *Le livre d'Hénoch*, Paris, 1906. Além de outras traduções comentadas que se citam em Eissfeldt, *Einleitung*..., op. cit., p. 836.
27. R. H. Charles, *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*, Oxford, 1913 e 1963, tomo II, p. 171. A. Lods, "La chute des anges et portée de cette spéculation" in *Revue d'Histoire et de Philosophie Religieuses*, n. 7, 1927, pp. 295-315.
28. Cf. R. H. Charles, *The Apocrypha*..., op. cit., tomo II, pp. 180 e 184ss.
29. Idem, ibidem, pp. 181-184. A. M. Denis, "Introduction aux Pseudépigraphes Grecs de l'Ancien Testament" in M. Black *Apocalypsis Henochi graeci*, Leiden, 1970, pp. 10-14.

Fala-se de viagens celestes (ou extraterretres) de Jesus, onde se teria encontrado com anjos prisioneiros por terem mantido relações sexuais com mulheres da nossa Terra, induzidos por Satanás.[30]

Também outro apócrifo, o *Livro dos Jubileus* (Jb)[31] fala dos gigantes. Jb começou a ser escrito no século II a.C., embora um pouco posterior ao principal de 1Hn, chegando a ser concluído talvez até no século II d.C. Apresenta a história bíblica do Gênesis e dos 12 primeiros capítulos do Êxodo segundo a mentalidade do judaísmo primitivo e com as lendas judaicas ou midrashim. Deve seu nome ao fato de sua história ser apresentada em períodos jubilares de 7 em 7 anos.

O *Livro dos Jubileus* repete a idéia de que os anjos — ou guardiães ou extraterrestres — vieram ao mundo a ensinar aos homens, mas logo se apaixonaram pelas mulheres humanas.

Quase todas as fontes desta lenda falam em relações sexuais com mulheres, não de homens da terra com anjos femininos. As viagens interplanetárias só seriam feitas por astronautas varões. O machismo, pelo visto, tão arraigado entre os judeus, teria bases cósmicas...

Em Jb não se fala expressamente da origem dos *daimones*, mas claramente se dá por suposto em todo o livro que são os espíritos dos gigantes mortos. Noé suplica a Deus que reprima aos *daimones*, encerrando-os nas masmorras do castigo, mas "o príncipe dos espíritos", Mastema, consegue de Deus que uma décima parte dos demônios continue na Terra pondo à prova os homens.[32]

Os diabos na Bíblia. A origem da tradição da queda dos anjos derrotados por Miguel fica assim muito clara. Igualmente fica clara a origem da crença em demônios que atormentam os homens. Mas qual o texto bíblico que se poderia invocar?

Na interpretação da Bíblia, os rabinos fantasiaram as relações sexuais dos "filhos de Deus" ou deuses com os humanos. No Talmud se ensina:

> Todos estes anos (Adão) engendrou espiritos, demônios e fantasmas noturnos; pois se diz: "quando Adão tinha 130 anos engendrou à sua imagem e semelhança" (Gn 5,3), o que quer dizer que antes tinha engendrado seres que não eram à sua imagem e semelhança.

---

30. A. Vaillant, *Le Livre des Secrets d'Hénoch*, Paris, 1952.
31. A melhor tradução comentada é a de R. H. Charles, *The Book of Jubileus or the Little Genesis*, Londres, 1902.
32. O melhor estudo sobre angelologia e demonologia de Jb é M. Testud, *Les idées religieuses du Livre des Jubilés*, Genebra, 1960, pp. 75-92.

Durante todo esse tempo, da mesma maneira que Adão fecundava divindades ou *daimones* femininos, também Eva teria engendrado de demônios masculinos, dando-lhes abundante descendência (Rabba 24,6).

No início do Antigo Testamento, no Gênesis, fala-se de que os "filhos de Deus" desposaram as "filhas dos homens" pelo que Deus se irritou com a humanidade.

Os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas, e tomaram como esposas todas as que mais lhes agradavam. Quando os filhos de Deus se uniam às filhas dos homens e estas lhes davam filhos, os Nefilim (gigantes) habitavam sobre a terra; estes homens foram os heróis dos tempos antigos (Gn 6,24).

Uma tradição judaica e cristã muito difundida identificará estes "filhos de Deus" com os diabos ou anjos que pecaram. Os gigantes e heróis serão também identificados como diabos. Mais tarde se lerá na Bíblia: "Deus não perdoou os gigantes de outrora que se rebelaram prevalecendo-se de suas forças" (Eclo 16,7).

Também no Gênesis aparecem de novo os diabos, deuses ou *daimones* — ou os astronautas extraterrestres —. Decidiram voltar a Sodoma e Gomorra para verificar se continuavam com os vícios verificados em viagens anteriores. Disse então Iahweh: "O grito contra Sodoma e Gomorra é muito grande! Seu pecado é muito grave! Vou descer e ver se eles fizeram ou não o que indica o grito que, contra eles, subiu até mim; então ficarei sabendo" (Gn 18,20s).

E aparece de novo o relacionamento sexual, ou intento, desta vez com a iniciativa humana desejando gerar gigantes no seu relacionamento com os filhos de Deus:

Ao anoitecer, quando os dois Anjos chegaram a Sodoma..., Ló se levantou ao seu encontro e prostrou-se com a face por terra. Ele disse: "Eu vos peço, meus senhores! Descei à casa de vosso servo para aí passardes a noite e lavar-vos os pés; de manhã retomareis vosso caminho"... Tanto insistiu que foram para sua casa e entraram... e comeram. Eles não tinham ainda deitado, quando a casa foi cercada pelos homens da cidade..., todo o povo sem exceção...: "Onde estão os homens que vieram para tua casa esta noite? Traze-os para que deles abusemos". Ló saiu à porta e, fechando-a detrás de si, disse-lhes: "Suplico-vos, meus irmãos, não façais o mal! Ouvi: tenho duas filhas que ainda são virgens; eu vo-las trarei: fazei-lhes o que bem vos parecer, mas a estes homens nada façais..." Arremessaram-se contra ele, Ló, e chegaram para arrombar a porta. Os homens, porém..., aos homens que estavam na entrada da casa, eles os feriram de cegueira... Disseram a Ló...:

"Vamos destruir este lugar, pois é grande o grito que se ergueu contra eles diante de Javé, e Javé nos enviou para exterminá-los" (Gn 19,1-13).

O mito — um arquétipo jungiano — [33] de OVNIs interpreta que "os filhos de Deus" eram extraterrestres, que teriam vindo nas suas maravilhosas espaçonaves, o carro de fogo descrito pela Bíblia (2Rs 2,11).

Eric von Däniken escreveu um livro perguntando: *Eram os deuses astronautas?* e pretendeu confirmar suas alegações com outros livros, especialmente: *De volta às estrelas.* [34] Um grupo de grandes especialistas, em *Vieram os deuses de outros planetas?*, demonstrou claramente que as teses de Däniken são fantasia, tergiversação, abertas mentiras e desconhecimento. E assim Carlos Jacchieri pôde responder: *Os deuses não eram astronautas.* [35] E não eram mesmo. Mito. Lenda.

A Bíblia combate o mito. A intenção desmitizante, a intenção de "batizar" a lenda aparece clara na Bíblia.

Filhos de deus pode significar originariamente *deuses,* como *filhos dos homens* simplesmente significa *homens*; e *filhas dos homens* significa *mulheres*; e *filho do homem*, expressão típica de Cristo, significa *homem*.

Satã é um dos "filhos de Deus". Na Bíblia está escrito: "No dia em que os filhos de Deus vieram se apresentar a Iahweh, entre eles veio também Satanás" (Jó 1,6). E logo depois: "Num outro dia em que os Filhos de Deus vieram se apresentar novamente a Iahweh, entre eles veio também Satanás" (Jo 2,1).

A expressão "filhos de Deus", porém, logo vai ser modificada, e nos indicará seu verdadeiro significado. A expressão original antiga num dos primeiros livros da Bíblia diz: "Quando o Altíssimo repartia as nações... fixou fronteiras para os povos, conforme o

33. Até não publicar-se a pesquisa do CLAP a este respeito, cf. Oscar G.-Quevedo, S.J., "OVNIs", gravação do "Curso de Parapsicologia e Religião". Necessariamente tem de haver outros planetas habitados; mas não se comunicam conosco...

34. Erich von Däniken, *Erinnerungen an die Zukunft*, Düsseldorf e Viena, Econ-Verlag, 1968; tradução de E. G. Kalmus, *Eram os deuses astronautas?*, 6ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1970; *Zuruck zu den Sternen*, tradução de Else Graf Kalmus, e Trude von Lascchan Solstein, *De volta às estrelas*, 4ª ed., São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1970.

35. Ernst von Khuon, *Waren die Götter Astronauten?*, tradução de Trude von Lascchan Solstein, *Vieram os deuses de outras estrelas?*, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1972; Carlos Jacchieri, *Os deuses não eram astronautas*, 2ª ed., São Paulo, Ciência e Progresso, 1972.

número dos *filhos de Deus*" (Dt 32,8). Significa "conforme o número dos *deuses*". "Filhos de Deus" é a expressão original, conforme acaba de confirmar um fragmento de Qumran. Os Setenta, porém, mitigaram a expressão, traduzindo: "Conforme o número dos *anjos de Deus*". E o significado verdadeiro o dá bem a entender a edição hebraica dos massoretas, comum entre os antigos judeus: "Conforme o número dos *filhos de Israel*", isto é, simplesmente "segundo o número de pessoas".

O Gênesis fala de gigantes e heróis. É bem razoável que o autor sagrado pretendesse indicar que os heróis, semideuses do paganismo, gigantes — astronautas vindos de outros planetas — eram na realidade lendas a respeito de meros homens, miticamente engrandecidos.

Iahweh disse: "Meu espírito não se responsabilizará eternamente pelo homem, pois ele é carne"... Iahweh arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra... E disse Iahweh: "Farei desaparecer da superfície do solo os homens que criei..., porque me arrependo de tê-los feito" (Gn 6,3,6s.).

Não há dúvida de que a descrição dos homens que visitaram Ló encaixa perfeitamente no mito dos deuses ou extraterrestres apaixonados pelas mulheres humanas. Mas é mito. Mito clássico e universal.

A Bíblia alude ao mito como instrumento de linguagem. Nos textos citados claramente apresenta frases desmitificantes.

E a visita dos misteriosos "deuses" a Ló tem em outra oportunidade um exato paralelo absolutamente sem alusão ao mito, usando símbolos plenamente humanos:

Fazemos o caminho de Belém de Judá para o vale da montanha de Efraim, é de lá que eu sou. Fui a Belém de Judá e volto para casa... Tenho... pão e vinho para mim, para a tua serva e para o jovem que acompanha o teu servo... "Sê bem-vindo", disse-lhe o velho... "mas não passes a noite na praça". Então ele o fez entrar na sua casa... Os viajantes lavaram os pés e depois comeram e beberam. Enquanto assim se reanimavam, eis que surgem vagabundos da cidade, fazendo tumulto ao redor da casa e, batendo na porta com golpes seguidos, diziam... "Faz sair o homem que está contigo, para que o conheçamos" (sexualmente). Então o dono da casa saiu e lhes disse: "Não, irmãos meus, rogo-vos, não pratiqueis um crime... Aqui está minha filha, que é virgem. Eu a entrego a vós. Abusai dela e fazei o que vos aprouver, mas não pratiqueis para com este homem uma tal infâmia"... As tribos de Israel enviaram emissários a toda tribo de Benjamim com a mensagem: "Que crime é esse que se cometeu entre vós?" Agora, pois, entregai-nos... esses bandidos... para que os executemos e extirpemos o mal do meio de Israel" (Jz 19,18-25 e 20,12s.).

O *Livro dos Jubileus* corrige com lógica 1Hn, mostrando, expressamente, que o dilúvio não poderia ter sido para castigar os homens, senão os anjos e gigantes. Mas o 2.° *Livro de Henoc* diz bem claramente, entre tantas obscuridades e contradições, que o pecado foi responsabilidade exclusiva dos homens. Deus não amaldiçoou a Satã nem a nenhum outro dos anjos. Mas tendo compaixão da fraqueza moral humana, também não amaldiçoou os homens, senão que se mostrou indulgente, e amaldiçoou somente a *ignorância* humana.

É significativo que Deus se tenha irritado com os homens, com a *humanidade*. Se o termo "Filhos de Deus" não designasse seres humanos, da nossa Terra, não se compreenderia por que Deus haveria de irritar-se com a humanidade. Se fossem anjos ou extraterrestres os que tiveram relações sexuais com a humanidade, a irritação teria de ser contra eles, e não contra a humanidade. Nem só nem principalmente.

Os textos bíblicos aludidos, portanto, podem designar o pecado de homens. Ou em outras palavras, estes anjos, demônios, deuses e extraterrestres, pecadores, do mito, simbolizam simplesmente homens.

Alusões neotestamentárias. No Novo Testamento, encontram-se duas alusões, e provavelmente só duas, à lenda dos anjos rebeldes. Jd 6: "Os anjos que não conservaram o seu principado, mas abandonaram a sua morada, guardou-os presos em cadeias eternas, sob as trevas, para o juízo do Grande Dia". E 2Pd 2,4: "Deus não poupou os anjos que pecaram, mas lançou-os nos abismos tenebrosos do Tártaro, onde estão guardados à espera do Juízo". Alusões. Instrumento de linguagem. Metáfora.

Quando Cristo (Mt 25,41) fala do fogo preparado para o Diabo e seus anjos, está também aludindo à lenda da queda? Talvez, mas é mais provável que, de acordo com outros textos neotestamentários (1Cor 5,5; 1Tm 1,20; 1Tm 3,6) e extrabíblicos (1Hn 63,3; *Documento de Damasco* 8,2); o texto de Mateus não se refira à queda dos anjos, senão meramente ao castigo dos homens pecadores, servidores do Diabo.

Igualmente. Segundo o Apocalipse (12,7-11), os anjos e seu Chefe Miguel, após rude combate, precipitaram "o grande Dragão, a antiga serpente, o chamado Diabo, ou Satanás, sedutor", e seus anjos, sobre a terra. Não se ratifica ou revela a queda dos anjos, senão que se simboliza a vitória da Redenção contra as dificuldades dos cristãos. "O acusador dos nossos irmãos" teria algo que ver com o nosso conceito do Diabo, sendo que fica "dia e noite diante do nosso Deus"? (Ap 12,10). Todo o texto é exacerbadamente ale-

górico e seria simplismo interpretá-lo como revelador de uma real batalha e queda de anjos.

É já de longa data (Cassiodoro) e é mais esclarecida outra exegese: a "luta dos anjos" no Apocalipse se refere ao presente e futuro do cristianismo, não a um longínquo passado. Algo de análogo à frase de Cristo que vê Satã caindo do Céu como um raio (Lc 10,18), porque os apóstolos estão vencendo o mal.

"Podemos afirmar que tudo isso do pecado e queda dos anjos é simplesmente um símbolo inspirado na mitologia helenista e ainda com maior destaque na iraniana ":[36]

Transformação da luta de deuses. Na mitologia greco-romana, havia uma multidão de deuses que lutavam entre si. Os judeus os converteram em anjos. O terrível titã chamado Tifão lutou encarniçadamente contra seu pai e deus supremo, Júpiter. Expulso do Olimpo, a morada dos deuses, mora nos infernos, nos abismos, na escuridão. De lá desencadeia toda classe de males contra a humanidade.

No "evangelho hindu", o *Bhagavad-Gita* (que está em extensão e importância para o *Mahabharata* do poema épico dos Vedas como o Evangelho está para a Bíblia), transmitido por tradição oral anterior a 5.000 anos a.C., narra-se o combate entre os exércitos do bem e do mal. Krishna anima o vacilante príncipe Arjuna a lançar-se com o exército dos Pândavas contra os exércitos dos Kurus, chefiados por Duryôdhana, no campo de batalha de Kurukshetra.[37]

Krishna — encarnação do Espírito Supremo — bem poderíamos traduzi-lo por Cristo; Arjuna e os Pândavas — ou S. Miguel e seus anjos — representam a humanidade — como conjunto e como indivíduo —, com seus desejos e tendências à perfeição e ao Sagrado; enquanto que, Duryôdhana e seus Kurus — Lúcifer ou Satanás com seus demônios — são a outra parte do homem, as forças do mal tais como o ódio, a luxúria, o egoísmo... Kurukshetra é a própria natureza de cada homem e da humanidade dividida em dois reinos antagônicos: Cristo e anticristo.

A interpretação que acabo de apresentar do *Bhagavad-Gita* é a mais comum hoje entre os místicos da Índia.[38]

36. T. F. Glasson, *Greak influence in Jewish Eschatology with Special Reference to the Apocalypses and Pseudepigrafhs*, Londres, 1961, pp. 62ss.; D. S. Russel, *The method and message of Jewish Apocalyptic 200 B.C. —A.D. 100*, Londres, 1964, pp. 257-262.

37. *Bhagavad-Gita*, cap. I.

38. Na interpretação do *Bhagavad-Gita* sigo vários autores: A. L. Herman, *The Bhagavad-Gita. A transplation and critical commentary*, Ipringfield (Illinois), Charles C. Tomas, 1973; Ismael Quiles, S.J., *El Bhagavad-Gita de acuerdo a Ghandi. Evangelio de la acción desinteresada*, Buenos Aires, Kier, 1969; Francisco Valdomiro Lorenz (tradução, introdução e notas): *Bhagavad-Gita. A sublime canção da imortalidade*, 3.ª ed., São Paulo, O Pensamento, s.d.; H. Rohden, *Bhagavad-Gita, sublime canção*, São Paulo e Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1963.

Poderia fazer idêntica explicação de outras lutas entre o bem e o mal das mitologias do antigo Oriente, como a de Marduc e Tiamat na religião de Babilônia; de Ormuzd e Ahriman na antiga religião iraniana etc. Esta lenda iraniana é particularmente interessante. Forma parte do zervanismo, forma especial da religião de Zaratustra desenvolvida na região ocidental do Irã, nos centros de dispersão dos partos. As divindades subalternas más, esquadrões das trevas capitaneados por Ahrimã, atacam a fortaleza do céu, onde reside o Deus Supremo, Único verdadeiro Deus, Zervan. Ao encontro das divindades más saem os resplandecentes guerreiros da divindade boa, Ormazd. Zervan não intervém. Quando Ahrimã está a ponto de chegar ao céu fazendo recuar os exércitos de Ormazd, o campo de batalha se afunda nas trevas. Ahrimã ficará acorrentado e retido para sempre no abismo tenebroso.[39]

A lenda da queda dos anjos se inspirou (imediata ou mediatamente) no *Bhagavad-Gita*, na mitologia babilônica, na mitologia iraniana...? Tudo é produto de uma mesma mentalidade oriental? A coincidência é manifesta.

Portanto, toda essa história de diabos — anjos expulsos do céu — pode perfeitamente não fazer parte da Revelação e ser apenas um veículo cultural para frisar a gravidade do pecado dos homens.

Os anjos pecaram? Não posso me deter pormenorizadamente nas diversas concretizações — sem real base nem bíblica nem científica — que os Santos Padres aplicaram ao pecado dos anjos. Nem nas elucubrações para explicar como podiam pecar apesar de estarem contemplando a "face de Deus" e portanto irresistivelmente atraídos pelo Sumo Bem.

Atenágoras julgou que alguns anjos-potestades foram condenados porque não governaram bem os diversos elementos do mundo que lhes teriam sido confiados — pessuposto manifestamente de origem pagã.

39. Cf. G. Widengren, "Das Prinzip des Bosen in den ostlichen Religionen" in *Das Bose, Studien aus dem C. G. Jung Institut*, n. 13, Zurique, 1961, pp. 57-59 (o artigo abarca as pp. 25-61).

Irineu, Tertuliano e Gregório Nisseno aceitam o absurdo de que os anjos teriam se deixado levar por ciúme com respeito à humanidade por ser amada por Deus. Fundamentam-se só no apócrifo *Vida de Adão e Eva.* Feito à imagem e semelhança de Deus, Adão seria mais glorioso do que os anjos (o Gênesis nem sugere esta conclusão!). Deus teria pedido aos anjos que venerassem Adão (!). Miguel e seus anjos teriam obedecido; Satã e os seus não, e por isso teriam sido lançados à Terra.

Taciano, Orígenes, Gregório Nazianzeno, Agostinho, Gregório Magno, embora elaborem mais seus pensamentos, não parecem mais acertados (se refletimos sobre a questão): o Eclesiástico afirma que Deus rejeita a soberba (Eclo 10,15); por soberba, multidão de anjos não teria aceito que Deus se encarnasse (Sua soberba lhes faria acreditar que eram mais inteligentes que Deus? Seriam os anjos tão pouco inteligentes?) Ou teriam se negado a adorar a Cristo (Acaso eles não queriam adorar a Deus?).

Para outros o pecado teria sido tentar Eva no paraíso (o sentido teológico é outro: o paraíso não se pode interpretar em sentido material; voltaremos a isso).

Ao maior absurdo, influenciados pelos conceitos mitológicos, descem Justino, Clemente de Alexandria, Cipriano, Eusébio...: os anjos pecaram sexualmente com mulheres!

Asmodeu. Demônio ciumento. O relacionamento amoroso de anjos e mulheres reflete-se também no *Livro de Tobias.* Manifestamente não é um livro histórico. Era um romance de "utilidade pública" e "religiosa". Os judeus, após o exílio, voltaram cheios de pânico pelas idéias mágicas dos primitivos povos pagãos.

O autor não visa confirmar, nem sequer discutir, demonologia ou poderes reais ou imaginários da magia. Com essa ficção, falando do demônio Asmodeu que teria matado sete maridos de Sara (Tb 3,8; 6,14s.), apresentando Tobias que teria usado defumadores para expulsar o mau espírito ou divindade (Tb 6,17s.), descrevendo que o anjo Rafael acorrenta Asmodeu no deserto do Egito (Tb 8,3) etc., só visa inculcar a onipotência divina sobre toda e qualquer possível ou imaginária magia ou divindade pagã (Tb 6,14-22).[40]

Asmodeu, "o pior dos demônios" (Tb 3,8), é certamente emprestado da mitologia do Irã. Zaratustra fala freqüentemente de Aesma deva (corrompido para Asmodeu na Bíblia), a divindade ira ou fúria, "o mais perigoso dos demônios". Foi recebido em

40. Cf. M. M. Schumpp, *Das Buch Tobias*, Munique, 1933.

sincretismo com o anjo destrutor de uma época bíblica anterior (2Sm 24,16; Sb 18,25) e pela sua semelhança com a raiz hebraica *schamad* = perder, destruir.[41]

A idéia de demônios ou deuses que amam as mortais existe em muitas mitologias e se perpetua no esoterismo das gerações posteriores, até hoje.

Agostinho chegará a dizer que negar a existência de demônios machos, os célebres íncubos, seria notoriamente imprudente, pois é um fato muito bem estabelecido...(!)

Sto. Tomás acreditava que "um e mesmo demônio, fazendo de súcubo — fêmea — para o varão, recebe o sêmen deste e o passa à mulher, fazendo-se íncubo para ela".[42]

Agostinho e Sto. Tomás, e quantos mais!, descrevem os íncubos e súcubos como demônios com instintos e possibilidades sexuais (portanto com corpo mais ou menos tênue!). Absurdo muito repetido por toda classe de ocultistas e espíritas...

Quem é Satã? É provável que haja relação da palavra hebraica *satã* com a posterior palavra árabe *shaitan*, que originalmente — ao que opinam alguns — significava *serpente.* Alguns povos vizinhos de Israel representavam seus ídolos sob forma de serpente. Satã, serpente, ídolo seriam sinônimos.[43] A serpente do paraíso seria assim compreendida de outro ângulo: representação de um ídolo, uma divindade.

A palavra *satã* nada tem a ver com os anjos caídos, ou demônios no conceito clássico cristão.

Com efeito: em 15 oportunidades — depende das versões — aparece o termo *satã* no Antigo Testamento:

1) Com referência a Davi diziam os príncipes filisteus: "Não se volte contra nós no combate". De acordo com o original hebraico seria: "Não se torne *satã* (inimigo) nosso no combate" (1Sm 29,4).

2) Davi aplica o termo satã aos homens que se opõem à vontade de Deus tentando o rei para que mate o benjaminita que o injuriou. Satã significa a oposição humana a Deus. A Bíblia de Jerusalém traduz por *adversários* do próprio Davi, no sentido de

41. Cf. D. Winston, "The Iranian Component in the Bible. Apocrypha and Qumran. A Review of the Evidence" in *History of religion,* tomo 5, 1965s., p. 193.
42. Tomás de Aquino, *De Potentia,* q. 6, a. 8, ad 5; cf. também *In Sentenciis,* d. 8, q. 1. a. 4; etc.
43. Cf. A. H. Wensinck e J. H. Kramers, *Handwörterbuch des Islam,* Leiden, 1941, p. 673.

tentadores: "Davi disse: 'Que tenho eu convosco filhos de Sarvia, para que vos torneis hoje meus *adversários*? Poderia ser alguém condenado à morte hoje em Israel?' " (2Sm 19,23).

3) A Bíblia de Jerusalém traduz simplesmente por *adversário* onde o original hebraico diz *satã*; Salomão afirma que "agora... não tenho *satã* nem infortúnio" (1Rs 5,18 ou 5,4 da Vulgata).

4) Pouco depois, já há dois satãs para Salomão. A palavra satã nesta oportunidade aparece três vezes. A Bíblia de Jerusalém volta a substituir *satãs* pelas palavras *adversário* e *inimigo* (1Rs 11,14.23.25).

5) No primeiro livro dos Reis (21,13) o termo satã qualifica duas falsas testemunhas. A Bíblia de Jerusalém traduz sua *atitude em satã* por *inescrupulosos.*

6) O Salmo 108 (ou 107,12-13) chama de satã os inimigos em geral e o acusador no julgamento. A Bíblia de Jerusalém emprega as palavras *rejeição* e *opressão.*

7) Igualmente satã é para o salmista, mais uma vez, um *acusador* no julgamento: "Designa um ímpio contra ele, que um acusador (satã) se poste à sua direita" (Sl 109,6).

8) Depois do exílio, satã personifica o promotor que no tribunal divino é encarregado de acusar. Iahweh "me fez ver Josué, sumo sacerdote, que estava de pé diante do Anjo de Iaweh, e Satã que estava de pé à sua direita para acusá-lo..." (Zc 3,1s.). Imagina-se o Supremo Juiz como um rei terreno rodeado de sua corte. Dentre os servidores, um deles tem o cargo de satã, de acusador. Satã é um cargo, não uma pessoa. Não é um nome próprio, é um título.

9) O livro de Jó (1,6) refere que um dos Filhos de Deus se apresenta diante do trono de Iahweh. O nome que lhe é dado é satã. O nome comum representa o cargo de acusar, e também a adversidade, a inimizade, a oposição que é permitida ou sancionada por Iahweh.

10) No Eclesiástico, emprega-se a palavra satã no sentido de alguma espécie de inimigo. Trata-se provavelmente do próprio instinto mau interior: "Quando o ímpio maldiz Satã, ele maldiz a si próprio" (Eclo 21,27).

11) Em Habacuc (2,5), Satã designa a peste. Na Bíblia de Jerusalém é traduzido por *Xeol,* o lugar da morte.

12) No primeiro livro dos Macabeus designa-se com o termo satã a "gente ímpia" e os "homens perversos" (1Mc, 1,34). A Bíblia de Jerusalém traduz o termo *satã* por *adversário maléfico*: "Aquilo era uma emboscada para o lugar santo, um adversário maléfico para Israel constantemente" (1Mc 1,36).

13) O termo satã é aplicado a um ser sobrenatural no Livro dos Números: é a oposição feita por Iahweh. O texto diz que o anjo de Iahweh, mensageiro de Iahweh, isto é, o próprio Iahweh, se interpõe no caminho de Balaão. "Sou Eu que vim barrar-te a passagem", segundo a Bíblia de Jerusalém. No original hebraico é: "Sou eu que vim contra ti em satã" = em oposição (Nm 22,32).

14) Como em Jó e em Números, o Satã das Crônicas (1Cor 21,1) é representante de Deus.

Em Jó (1,7; 2), Satã diz de si mesmo que vem de percorrer a Terra. Essa mesma função se considera própria de Iahweh, cujos sete olhos "percorrem toda a Terra" (Zc 4,10b).

15) O Livro da Sabedoria foi escrito em grego, ignoramos qual seria a palavra escolhida pelo autor sagrado se escrevesse em hebraico. O autor utiliza a palavra grega *diábolos*, termo com a qual os Setenta normalmente traduzem a palavra hebraica *satã*: "É por inveja do Diabo que a morte entrou no mundo" (Sb 2,24). Como Paulo (Rm 5,12) ensina que pelo pecado de Adão entrou a morte no mundo e o pecado pela tentação da serpente, o termo satã designaria aqui a serpente do Paraíso. Estudarei no próximo capítulo o conceito simbolizado pela serpente, e o significado desse texto do Livro da Sabedoria.

Portanto, no Antigo Testamento satã não designa um ser que possamos considerar um demônio no sentido cultural cristão de um ser sobre-humano e perverso. O nome Satã, ou Satanás, no Antigo Testamento, personifica a inimizade, dificuldade, contradição.

A palavra satã, na sua forma verbal, *stn* em hebraico, aparece seis vezes no Antigo Testamento (Zc 3,1; Sl 38,21; Sl 71,13; Sl 109,4; Sl 120,29). Poderíamos traduzi-lo por "satanizar". Os Setenta geralmente traduzem o verbo *stn* por *endiabállo* em grego; *caluniar* nas línguas vernáculas (e o substantivo *satã* os Setenta geralmente o traduzem por *diábolos,* que significa *caluniador*).[44] A Bíblia de Jerusalém geralmente traduz por *acusar.*

O Mastema, "príncipe dos espíritos" dos gigantes, ou chefe dos demônios, é às vezes chamado Satã. A palavra *mastemah* tem a mesma raiz *stn* que a palavra satanás. Também Mastema significa inimizade. Aparece na Bíblia sem nenhuma relação com qualquer ser sobrenatural.

---

44. Haag, *El Diablo. Su existencia...*, op. cit., p. 141, nota 8; Riva Kah Scharf Kluger, *Die Gestalt des Satans im Alten Testament,* como III parte em C. G. Jung, *Symbolik des Geistes,* Zurique, Rascher, 1948; tradução de Hildegard Nagel, *Satan in the Old Testament,* Evaston, Northwestern University, 1967.

No profeta Oséias: "Por causa da gravidade de tua falta, grande é tua hostilidade (mastema)..., uma rede está estendida em todos os seus caminhos, há hostilidade (mastema) na Casa do seu Deus" (Os 9,7s.). O qualificativo ou ofício aplicado ao chefe dos demônios era *sar hammastema*, conservado em alguns manuscritos etíopes, que significa "chefe da inimizade". Depois erradamente se abreviou para "chefe Mastema", convertendo-se assim o qualificativo em nome próprio.[45] Mastema e Satã são sinônimos.

Belial. No conjunto dos escritos de Qumran até agora encontrados aparece o nome de Satã quatro vezes. Não aparece Mastema como nome próprio do Príncipe dos Demônios, mas sim como qualificativo de Belial: Belial, "anjo da inimizade" — *mastemah* — [IQM (Regra da Guerra) XIII, 11; CD (Documento de Damasco) XVI, 5]; "projetos da inimizade" — *mastemah* — de Belial (IQM, XIII, 4); "domínio da inimizade" — *mastemah* — de Belial [IQS (Regra da Comunidade) III, 23].

Belial (forma hebraica) ou Beliar (forma grega) aparece 27 vezes no Antigo Testamento e uma (2Cor 6,15) no Novo. Delas, 21 vezes forma a expressão "filhos de Belial", que equivale a chamar essas pessoas de "beliais", qualificativo. Igual expressão aparece em Qumran. Por exemplo: "Deus faz sair aos justos fora da massa dos filhos de Belial... Belial intenta derrubar os filhos da luz, os oprime e persegue" (IQS III, 24). Contrapõem-se os justos aos injustos, os beliais ou filhos das trevas aos iluminados ou filhos da luz.

Deus marcou um final para a injustiça. Então Belial e seus anjos, isto é, todos os homens maus, serão submetidos a julgamento (IQS IV, 18).[46]

Belial era uma divindade cananéia, um *daimon* do mundo subterrâneo. No Antigo Testamento em três (Sl 28,5; Sl 41,9 e 2Sm 22,5) das 27 oportunidades em que a palavra aparece significa esse *mundo subterrâneo* que a Bíblia utiliza no simbolismo religioso de lugar afastado de Iahweh.[47]

---

45. Charles, *The book...*, op. cit., p. 53.
46. Cf. Werner Foester, "Satan" in Kittel..., uso a edição inglesa: *Theological...*, op. cit., vol. VIII, p. 153.
47. W. Foester, in Kittel, uso a edição alemã *Theologisches...*, op. cit., tomo I, p. 606; B. Otzen, in *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*, Stuttgart, 1970ss., tomo I, pp. 654-658; D. Winton Thomas, "Byj'l in the Old Testament" in *Biblical and Patristic Studies in Memory of R. P. Casey*, Londres, 1963, pp. 11-19; V. Maag, "Belija'al im Alten Testament" in *"Theologische Zeitschrift"*, Basiléa, n. 21, 1965, pp. 91-113.

O conceito de Belial tinha tudo para representar a personificação do mal. Esta personificação ocupa um lugar de destaque nos manuscritos do mar Morto: "Deus criou a Belial, o anjo das trevas, o espírito do mal... O mundo e os homens estão sob Belial, a quem Deus e os justos odeiam, e ele odeia a Deus e aos justos" (IQS III, 24).

Parece que satã, mastema, belial, inimizade... (daí incredulidade, impiedade, trevas, ídolos...) são sinônimos.

Etimologicamente, Belial significa *inútil*. Provavelmente esta seria a tradução mais correta da frase do Deuteronômio: "Caso ousas dizer que, numa das cidades que Iahweh teu Deus te dará para aí morar, filhos de Belial, procedentes do teu meio, seduziram os habitantes da sua cidade..." Ao pé da letra: "Homens sem utilidade", daí "vagabundos", "maus". A Bíblia de Jerusalém traduz "filhos de Belial" por "homens vagabundos".

Para mostrar este simbolismo religioso ver como exemplo a frase de Paulo:

> Não formeis parelha incoerente com os incrédulos. Que afinidade pode haver entre a justiça e a impiedade? Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas? Que acordo entre Cristo e Beliar? Que relação entre o fiel e o incrédulo? Que há de comum entre o templo de Deus e os ídolos? Ora, nós é que somos o templo do Deus vivo (2Cor 6, 14-16).

Capítulo XI

AFINAL, QUE SÃO OS DEMÔNIOS? — II

Lúcifer. Lúcifer ou Luzbel é considerado na cultura popular cristã o chefe supremo de todos os anjos rebeldes e expulsos do céu. Após Orígenes, começou-se a identificar Lúcifer com Satã.

Na realidade, Isaías (14,12) não faz nada mais que comparar a queda dum tirano — o rei da Babilônia, sem dúvida Nabucodonosor ou Nabônides — à queda de Hélél ben Shahar da mitologia fenícia. Na epopéia mítica de Râs-Shamra aparecem as divindades "Estrela d'Alva" e "Aurora". Reuniam-se com os outros deuses na Montanha da Assembléia, como os deuses gregos no Olimpo.

Na versão latina, a queda de Hélél ben Shahar converteu-se na queda de "Lúcifer, que aparece pela manhã", e a Bíblia de Jerusalém apresenta a tradução etimológica: "Estrela d'Alva, filho da Aurora".

João visa também ao significado etimológico: o próprio Cristo é chamado Lúcifer: "Eu sou o rebento da estirpe de Davi, a brilhante estrela da manhã", Lúcifer (Ap 22,16).

E a Igreja repete essa aplicação de Lúcifer a Cristo no *Exultet* da Vigília Pascal.

Não é raro que a Bíblia faça comparações com a mitologia cananéia, cheia de guerras e disputas entre os deuses, como na mitologia greco-romana e em tantas outras que influíram nos povos vizinhos e no próprio povo judeu. O Salmo 82 chega até a apresentar Deus, o único Deus, contraditoriamente ameaçando outros deuses de fazê-los simplesmente mortais em castigo pelas suas injustiças. A ameaça divina meramente metafórica — é evidente — foi posteriormente materializada pelos judeus e cristãos, convertendo esses deuses pagãos em demônios... Plenamente alheio à Revelação. Metáfora.

Nada se diz de um anjo caído. Que tem a ver Lúcifer com Diabo, com Satã, com príncipe dos demônios?

O próprio Deus. Vimos o *daimon da torrente* lutando contra Jacó e abençoando-o (Gn 32,23-31). Esse demônio era o próprio Deus. Vimos também afirmar-se expressamente que Satã era o próprio Iahweh: "Sou eu (Iahweh) que vim contra ti em Satã" (Nm 22,32par).

O mesmo acontece em outras oportunidades: por exemplo Números (20,16): "Clamamos a Iahweh. Ele ouviu a nossa voz e enviou o anjo que nos tirou do Egito". O Anjo de Iahweh é o próprio Deus.

Em Êxodo (14,19), descrevem-se "o anjo de Deus que ia adiante do exército de Israel... a coluna de nuvens... diante deles"; já em Números (17,7) esse anjo de Deus ("glória de Iahweh") e essa nuvem são o próprio Deus: "Moisés e Aarão, ambos se dirigiram para a Tenda da Reunião. Eis que a nuvem a cobriu e a glória de Iahweh apareceu".

No Livro de Samuel se apresenta Iahweh inflamando em cólera contra Israel e incitando Davi a provocar a desobediência do povo fazendo recenseamento proibido, para que Deus tenha motivo de castigá-lo (2Sm 24,1). Quando, porém, mais tarde o Livro das Crônicas refere o mesmo episódio, substitui o nome de Iahweh pelo de Satã, como nome próprio (1Cor 21,1).

A função do Satã do Livro de Jó é submeter à prova a paciência e fidelidade do santo a Deus. Outras provas de que se falava nos livros anteriores da Bíblia eram abertamente atribuídas diretamente a Deus: "Deus pôs Abraão à prova" (Gn 22,1). "Foi lá que ele (Iahweh) os colocou à prova" (Ex 15,25; ver também 16,4). "Moisés disse ao povo: 'Não temais, Deus veio para vos provar' " (Ex 20,20); "O caminho que Iahweh teu Deus te fez percorrer durante quarenta anos no deserto, a fim de humilhar-te, tentar-te e conhecer o que *tinhas no coração*..., para te humilhar e te experimentar" (Dt 8,2-16); "Porque é Iahweh vosso Deus que vos experimenta" (Dt 13,4); "A ira de Iahweh se inflamou então contra Israel... a fim de... submeter Israel à prova" (Jz 2,22, cf. 3,1-4).

O povo judeu não suportava, por não compreendê-la, a idéia de que Iahweh pudesse fazer (ou permitir) qualquer acontecimento desagradável para seu povo. A figura de Satã ofereceu a solução para o problema.

Nem por esse subterfúgio o Livro de Jó deixa de afirmar, bem no início da tragédia, que todas as desgraças que Satã inflige ao santo são com expresso conhecimento e por vontade do Altíssimo:

"Iahweh disse a Satanás: pois bem, tudo o que ele possui está em teu poder, mas não estendas tua mão contra ele" (1,12).

E nem por esse subterfúgio Jó deixa de atribuir suas desgraças a Deus: "Os terrores de Deus assediam-me (6,4); "Por que não afastaste de mim o olhar?... Por que me tomas por alvo?" (7,19s.); "Iahweh o deu, Iahweh o tirou, bendito seja o nome de Iahweh" (1,20).

Na tradução grega dos Setenta chama-se *Ho Diábolos*, o Diabo, ao Satã das Crônicas ou Paralelipômenos (1Cr 21,1), igual ao Satã do Livro de Jó, igual ao Satã que no Livro do Profeta Zacarias é o acusador do sumo sacerdote Josué. Em conclusão, Deus é representado por Satã e Diabo.

No Gênesis (22,1-2), Deus submete Abraão à prova pedindo-lhe que sacrifique seu filho Isaac. Quando no Livro dos Jubileus se conta o mesmo episódio, é Mastema, o príncipe dos espíritos, Satã, Beliar, quem sugere a Abraão o sacrifício (Jb XVII, 16).

Mastema é um príncipe do céu que, como Satã no Livro de Jó, tem acesso ao trono do Altíssimo. Mastema desempenha o mesmo ofício e pronuncia praticamente as mesmas palavras que Satã no Livro de Jó:

Havia vozes no céu a respeito de Abraão; dizia-se que ele era fiel em tudo o que Deus lhe dizia... E o príncipe Mastema veio e disse em presença de Deus: "Eis que Abraão ama seu filho Isaac... Diz-lhe, pois, que o ofereça em holocausto sobre o altar, e verás se cumpre esta palavra; reconhecerás então se te é fiel em tudo o que lhe provas".

Igualmente: no Êxodo se diz que é Iahweh quem assalta a Moisés e intenta matá-lo ao regresso do Egito; no livro dos Jubileus (48, 3), porém, é Mastema.

No Gênesis (12,17), "Iahweh feriu Faraó com grandes pragas e também sua casa, por causa de Sarai, a mulher de Abrão". Quando, porém, o "Apócrifo do Gênesis" encontrado em Qumran recita o mesmo fato, é um espírito mau que fere os egípcios provocando-lhes chagas purulentas para impedir-lhes relações sexuais; e curam-se quando Abraão expulsa o mau espírito (Qumran, Gênesis Apócrifo 20, 16-24).[1]

Pode ser significativo, ao menos é curioso, que em sânscrito ou devanagari — a escrita dos deuses — o mesmo radical *Assur*, que significa deus, espírito divino, luz, sopro de Deus, possa significar também demônio, espírito maligno, trevas, sopro demoníaco... Igualmente, vimos que em grego *Daimon* tanto pode traduzir-se por divindade como por demônio. Identificam-se.

1. H. Lignée, "L'Apocryphe de la Genèse" in Carmignac et alii, *Les Textes de Qumrân traduits et annotés*, Letouzey et Ané, 1963, tomo II, pp. 230ss.

Divina Providência. Atribuem-se a Deus as *forças da natureza* ou do próprio homem. É Iahweh quem castiga com a *lepra* a irmã de Moisés (Dt 24,9). Deus enviou contra o povo *serpentes abrasadoras* (Nm 21,6); ele entrega Israel aos *inimigos* (Jz 2,14); "Eu lhe endurecerei o *coração*" (Ex 4,21).

Essas forças da natureza e do homem, quando em si mesmos, benfazejas ou trazem benefícios, podem também ser representadas por anjos de Deus em vez de pelo próprio Deus. Os nomes destes anjos, destas forças boas da natureza ou do homem, vinculam-se à própria Providência Divina: Miguel: "Quem como Deus?"; Gabriel: "Homem de Deus"; Rafael: "Deus cura" etc.

Da mesma maneira as forças da natureza e do homem, quando em si mesmas — ou imediatamente —, são prejudiciais ou acarretam males, podem ser também consideradas "mau espírito procedente de Iahweh" (1Sm 16,14). É o anjo devastador que arrasa Jerusalém (1Sm 24,16), destrói Sodoma (Ex 12,13), mata todos os primogênitos dos egípcios (Gn 19,13), e 185 mil assírios do exército de Senaquerib (2Rs 9,35; 2Cr 32,21), destrói Jerusalém como contemplou Ezequiel (Ez 9,1), ou vinga Suzana com a morte dos anciãos caluniadores (Dn 3,55).

Em outros textos, porém, esses anjos ou espíritos maus enviados por Deus são o próprio "mau espírito de Deus", ou "a ira de Iahweh" (2Sm 24,1). No texto paralelo do cronista, esta ira de Deus, o próprio Deus, é chamado Satã (1Cr 21,1).

Iahweh substitui os deuses. Freqüentemente as funções demoníacas ou dos deuses maus das mitologias pagãs são atribuídas na Bíblia diretamente a Iahweh. "Aconteceu que no caminho, numa hospedaria, Iahweh veio ao seu encontro, e procurava fazê-lo morrer" (Ex 4,24); "Se uma calamidade semear morte repentina, ele ri do desespero dos inocentes... Se não for ele, quem é então?" (Jó 9,23s.): para os pagãos, são doenças e mortes semeadas pelos demônios do meio ambiente, como o egípcio Set.[2]

"Sacrificar a Iahweh, nosso Deus, para que não nos ataque com a *peste* ou com a *espada*" (Ex 5,3). "Então Iahweh teve pie-

2. Hans Withelm Haussig (ed.), *Wörtebuch der Mythologie*, tomo I: *Götter und Mythen im Vorderen Orient, Stuttgart*, Ernst Klett, 1965ss., p. 398.

dade da terra e a *peste* deixou Israel" (2Sm 24,25); corresponde aos deuses babilônicos da peste, Erra e Nergal, e ao Resef cananeu.[3]

"Levo cravadas as flechas de Shadai e sinto absorver seu veneno" (Jó 6,4; cf. 14,18s.). "Cercam-me touros numerosos, touros fortes de Basã me rodeiam; escancaram sua boca contra mim como leão que dilacera e ruge... Tu me colocas na poeira da morte. Cercam-me cães numerosos... Salva minha vida da espada, meu único ser da pata do cão! Salva-me da goela do leão, dos chifres do búfalo minha pobre vida!" (Sl 22,13-22): as flechas, a espada, e os animais ferozes são símbolos conhecidos do maléfico deus Astar, da mitologia síria.[4]

Como analisa Volz: "Todas as atuações que a humanidade atribui em geral aos demônios... (na Bíblia) são assumidas e se adscrevem ao único Iahweh... Assim Iahweh tem-se demonizado; e, ao inverso, porque Iahweh assumiu todo o demoníaco e como era o mais poderoso de todos os demônios, Israel já não precisa de outros demônios".[5]

Hoje distinguiríamos entre a ação de Deus intervindo diretamente (milagre) por um lado, e por outro a ação da natureza que a Divina Providência, sem intervir, quer ou simplesmente permite (porque tudo colabora para o bem). Estas *forças da natureza* são atribuídas e até identificadas com Deus ou com os demônios, mas não passam disso: forças da natureza e humanas.[6] A Bíblia, para inculcar que não existe mais Deus que Iahweh, nem mais providência ou governo do mundo que o do único Deus, não duvida em identificar Deus com os demônios ou deuses dos países vizinhos,[7] mas na realidade está suprimindo todos esses demônios ou deuses. Um único Deus.

Beelzebul e os demônios da sujeira. Zaratustra ou Zoroastro viveu no século VI a.C., ou antes.[8]

3. Haussig, *Wörterbuch*..., op. cit., pp. 63s., 109s. e 305.
4. R. de Mesmil de Buisson, "Pages de Mithologie Syrienne" in *Rivista di Studi Orientali*, n. 42, 1967, pp. 343-360.
5. P. Volz, *Das Dämonische in Jahwe*, Tübingen, 1924, pp. 28 e 31.
6. Antonio Charbel, Otto Skrzypczak et alii, *O Demônio, aspectos teológicos*, Petrópolis, Vozes, 1957, p. 290.
7. J. L. Crenshaw, *Prophetic Conflict*, Berlim, 1971. E do mesmo autor: *Beiheft zur Zeitschrift für alttestamentliche Wissenschaft*, n. 124, pp. 77-90.
8. Cf. uma síntese das discussões sobre a época de Zoroastro — oscila entre 10 e 5 séculos antes de Cristo — in Frederik Koning, *Zarathustras Jenseitsvorstellungen und das Alte Testament*, Viena, 1964, pp. 43s.

Zaratustra adverte sobre os cuidados que se deve ter após o corte de unhas e cabelos, pois uma vez cortados e separados do corpo, já pertencem ao Maligno, demônio mosca, e a outros devas ou espíritos maléficos, pelo fato mesmo de serem moradas da sujeira.[9]

No mesmo sentido, na mitologia cananéia, se adorava a Baal-Zebub, que segundo muitos significaria "Baal, do estrume, das moscas..."

A Bíblia de Jerusalém destaca o significado de "Baal, o príncipe", convertido pelos judeus em "príncipe dos demônios" (Mt 12,24 e Lc 11,15). Em todo caso foi fácil passar, com um pequeno jogo de palavras de Baal-Zebub para Beelzebul. Beelzebul viria assim a ser o príncipe, ou deus da sujeira, do estrume, das moscas...

Cristo foi acusado pelos fariseus de expulsar demônios pelo poder de Beelzebul. Disse então Jesus: "Se chamaram Beelzebul ao chefe da casa, quanto mais chamarão assim aos seus familiares" (Mt 10,25). E após ter sido acusado de expulsar os demônios pelo poder de Beelzebul, diz: "Uma casa cai sobre outra... Quando um homem forte... guarda sua moradia (melhor seria traduzir: sua casa)...; voltarei para minha casa, de onde saí" (Lc 11,17. 21 e 24). Há um jogo de palavras: Jesus usou conjuntamente o aramaico *be'el* (senhor) e o hebraico *zebul* (casa). Beelzebul seria o "senhor da casa".

Cristo tem presente também que Beelzebul é considerado o deus das moscas e que mora na sujeira: "Quando o espírito imundo sai do homem, perambula em lugares áridos... Chegando lá, encontra-a (a casa) varrida e arrumada (o que debilitaria as forças de Beelzebul). Diante disso, vai e toma outros sete espíritos piores do que ele, os quais vêm habitar aí. E (acumulam então tanta sujeira que) com isso a condição final daquele torna-se pior do que antes" (Lc 11,24-26).

Aquele jogo de palavras, com referência ao senhor da casa, foi percebido por famosos exegetas.[10] Mas lhes escapou esta manifesta utilização cultural do mito do "deus das moscas".

Há muitos textos tanto no Antigo como no Novo Testamento, na literatura apócrifa e rabínica — como também na cultura tradicional cristã —, que apresentam os demônios habitando desertos, lugares áridos, ruínas de casas abandonadas e lugares imundos como esgo-

9. Zaratustra (ou Zoroastro), *Zendavesta*, capítulo XVII, versículos 1-7.
10. Estou me referindo a Joachim Jeremias, *Teologia*..., op. cit., p. 22.

tos e cemitérios. É a mitologia pagã da época que grassou entre os judeus.

Quando o próprio Cristo (Mt 12,43 e Lc 11,24) se faz eco dessas crenças populares, emprestadas ao paganismo, evidentemente que não pretendia confirmar a fábula, senão dar à sua argumentação um cunho pitoresco e bem compreensível.

A serpente. O termo serpente é sinônimo de Satã e ídolo.

Uma resposta da Pontifícia Comissão Bíblica, em 30 de junho de 1909, declarava ser uma verdade inseparável dos fundamentos da fé cristã que o pecado de Adão foi por persuasão do Diabo sob aparência de serpente ("Diabolo sub serpentis specie suasore"). Esta resposta da Comissão tem valor normativo.[11] E assim a interpretação católica tradicional é que a serpente representa o Diabo. Isto estaria afirmado pelo livro da Sabedoria e pelo Novo Testamento!

Elucubrações exegéticas poderão aplicar a qualquer conceito de demônio a serpente tentadora[12] que aparece em Gn 3. Na realidade, no episódio da tentação de Adão e Eva nada se diz sobre o nome, natureza ou origem do tentador.

Mais ainda, a serpente não representa nenhum tentador, mas a tentação. Não pode significar nenhum tipo de demônio. Como escreve Haag,

> o texto não oferece o menor motivo para identificar este ser (a serpente) com Satã... Esta identificação apóia-se numa tardia interpretação judaica que penetrou e se manteve até nossos dias na exegese cristã. De modo algum responde aos princípios da exegese histórico-teológica universalmente reconhecidos. Na linguagem figurada na narração do pecado original, a serpente não é símbolo ou imagem do tentador, mas da tentação. Esta acontece no coração do homem embora dado o estilo simbolizante da narração, tem de se exteriorizar. O narrador atribui à serpente a função de tentadora, devido à proverbial astúcia deste animal.[13]

A serpente pode ser representação, personificação ou símbolo precisamente sexual. É símbolo clássico. Embora essa interpretação sexual do pecado do Paraíso não seja a mais comum entre os exegetas.

A tentação do Paraíso teria sido uma tentação sexual? Na literatura religiosa da Índia há uma lenda com traços marcadamente semelhantes à do Gênesis. O homem vivia só. Inicialmente feliz e sem preocupações. Um deus lhe apresentou a mulher. O diabo Mara incita ao prazer sexual. Considera-se o sexo como algo pecaminoso. Tabu. Só depois de conhecer sexualmente a mulher é que o homem descobre a solidão... A lenda indiana apresenta um demônio tentador. Os intérpretes suprimem o tentador. A serpente significa o próprio instinto sexual. Tentação sexual sem tentador.

Alguns exegetas protestantes (Vriezen, Humbert, Westermann e antes ainda Schmidt, Eteck) eliminaram acertadamente a identificação da serpente com o Diabo. Foi Coppens, exegeta belga, o primeiro católico moderno que interpretou a serpente como símbolo sexual. Em toda a descrição do primeiro pecado respira-se uma atmosfera sexual. A serpente era símbolo fálico muito familiar na época do antigo Oriente quando se escreveu o Gênesis. Adão e Eva teriam feito de sua vida sexual uma espécie de culto de fertilidade, conhecido sem dúvida pelo autor sagrado porque muito praticado pelos pagãos da época.[14] Muitos exegetas católicos concordaram com Coppens: a descrição pretendia condenar os cultos cananeus da fertilidade.[15]

Tem fundamento muito valioso na antiguidade judaica a interpretação sexual da serpente. Filo de Alexandria, contemporâneo de Cristo, e que teve grande influência nos primeiros escritores cristãos, foi o principal defensor da teoria *alegórica*.[16] A serpente é

---

11. Cf., por exemplo, entre os mais destacados exegetas dos primeiros 50 anos deste século, J. Schauberger in Henninger... *Lexicon für Theologie*, op. cit.; P. Heinisch, *Das Buch Genesis*, Bonn, 1930; M. A. Van der Oudenrijn, *De Zonde in den Tuin*, Roermond, 1938; E. Kalt, *Genesis, Exodus und Leviticus*, Freiburg-in-Breisgau, N. Adler, 1942; J. Hodbauer, "Die Paradiesesschlange" in *Zeitschrift für Katholische Theologie* (Innsbruck), Viena, 1877ss., tomo 69, 1947, pp. 228-231; H. Junker, *Genesis*, Wurzburg, 1949 e 1955; P. Morant, *Die Anfänge der Menscheit*, 2ª ed., Lucerna, 1962; L. Randellini, "Santana nell'Antico Testamento" in Roland de Vaux (ed.), *Biblia e Oriente*, Paris, 1961ss., vol. 5, 1963.

12. Cf. os resumos das diversas interpretações em L. Reinke, *Beiträge zur Erklärung des Alten Testaments*, Münster, 1853; J. Feldmann, "Paradies und Sündenfall" in *Alttestament*, Münster, 1913; Bruce M. Metzger, *Die Paradieserzählung, Die Geschichte ihrer Auslegung von J. Clericus bis W. M. L. de Wette*, Bonn, 1959.

13. Haag, *El Diablo. Su existencia...*, op. cit., p. 125.

14. J. Copeens, *La connaissance du bien et du mal et le péché du paradis*, Louvain, 1948.

15. A respeito de que o capítulo 3 do Gênesis nada tem com referência ao Diabo, cf. J. E. Alzuguren, *Eden y paraiso*, Madri, 1966, pp. 406s.; N. Lohfink, "Die ersten Kapitel der Bibel nach der intervention der Natudwissenschaft" in *Bibebelauslegung im Wandel*, Frankfurt, 1967, pp. 76-101.

16. Filon, cf. F. H. Colson, G. H. Whitaker e R. Marcos (tradutores e comentaristas): *Philo*, 10 volumes e 2 suplementos, com introdução analítica a cada tratado e breves notas, Londres, Loeb Cassical Library, 1929-62; H. A. Wolfson, *Philo*, 2 vols., Londres, 1947.

considerada como mera imagem dos desejos e prazeres sexuais. Não é Satã nem nenhum outro tipo de demônio; é a *hedoné* (sensualidade) humana.[17]

A serpente é arquétipo no inconsciente do homem, simbolizando em todas as épocas e povos a vida, a eterna juventude e, especialmente, a fecundidade e a libido.[18]

Alguns exegetas levam em conta esta descoberta da Psicologia Profunda.[19]

A serpente também poderia representar a idolatria, pois representa os deuses pagãos dos povos vizinhos de Israel. Haag destaca que os israelitas chegaram a adorar a serpente como uma divindade que podia levá-los à salvação.[20]

Parece-me que a teoria "ídolo" e a teoria "sexo" se identificam. A serpente era adorada nos cultos da fertilidade precisamente por ser deusa do sexo e dos prazeres sexuais.

Em todo caso, o Paraíso terrestre não pode ser tomado no sentido literal histórico. Todo o conjunto referente a Adão e Eva: a quem pertence diretamente o tema? De que se trata? O aspecto origem da vida humana no nosso mundo perceptível pertence à Ciência. A Ciência diz que os primeiros homens certamente não foram super-homens vivendo num paraíso de delícias, senão *possivelmente* a coroação evolutiva dos primatas: *Pithecanthopus Erectus, Homo de Java*, de *Neanderthal*, de *Cro-magnon* etc. Os primeiros homens *certamente* viviam nas cavernas quase como animais. E ponto final. Não pertence ao teólogo como tal opinar nem contra nem a favor sobre o fato histórico, científico, evolutivo... Ao teólogo corresponde reconhecer o ditame da ciência, como o aceita Wildiers: "A evolução histórica da humanidade, tal como nós a conhecemos, não oferece nenhum resquício para a figura de Adão, tal como a tinha bosquejado a teologia tradicional".[21] Os exegetas modernos concordam.[22]

---

17. Sobre as idéas e influências de Filon no judaísmo — e cristianismo —, cf. Wolfson, *Philo...*, op. cit.; Samuel Sandmel, *Philo's place in Judaism*, Londres, 1956.
18. Carl Gustav Jung, *Symbole der Wandlung*, 4ª ed., Zurique, s.d.
19. E. Hoffmann-Krayer "Schlange" in H. Bachtold-Staubli (coordenação), *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens*, Berlim, 1927-1942, tomo VII, pp. 1114-1196; H. Leisegang, *Das mysterium der Schlange* in *Eranos-Jahrbuch*, n. 7, Zurique, 1939 e 1940, pp. 151-250.
20. Herbert Haag, *Der Mensch an Anfang*, Trier, 1970.
21. N. M. Wildiers, *Weltbild und Theologie*, Einsiedeln, 1974, p. 391.
22. N. Lohfink, *Die ersten Kapitel...*, op. cit., pp. 76-106.

Aliás, não é de hoje que se considera o capítulo 3 do Gênesis como transcrevendo não uma história senão uma parábola educativa... Esta interpretação se impôs na exegese protestante desde fins do século XVIII e na exegese católica a defenderam P. B. Zimmer (1752-1820), F. Lenormant (1837-1883), e já mais recentemente A. Loisy (1847-1940). Uma parábola para ensinar um ponto de vista explicativo do problema do mal.[23]

Neste outro aspecto, o doutrinal, o teólogo procurará unicamente o sentido religioso que se encerra nas expressões bíblicas em questão.[24]

Não se pode argumentar em favor da existência ou atividade do demônio com um fato que não aconteceu.

Inseparável dos fundamentos da fé cristã? A Pontifícia Comissão Bíblica afirma que no Livro da Sabedoria e no Novo Testamento se define que a serpente do Paraíso é Satã.

No Apocalipse (12,9 e 20,2) o Grande Dragão, a serpente antiga, satanás, significa na realidade, o Império Romano e os perseguidores dos cristãos.

Em mais outras duas oportunidades — e só em mais duas — a Bíblia pareceria identificar a serpente com o Diabo.

No Evangelho de João é manifesta metáfora. Contrapõem-se os justos aos pecadores, a verdade à mentira, o caminho da salvação ao da morte eterna. Não se está ensinando doutrina a respeito nem da serpente nem do Diabo: "Vós sois do Diabo, vosso pai. E quereis realizar os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade porque nele não há verdade: quando ele mente, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira" (Jo 8,44).

Muito se discutiu um texto do Livro da Sabedoria. Mas parece hoje indiscutível que não encerra nenhuma alusão à tentação do paraíso, à *morte física* que teria decorrido do primeiro pecado, senão que se trata do castigo dos ímpios *na eternidade:* "Não esperam o prêmio pela santidade, não crêem na recompensa das vidas puras... Deus criou o homem para a incorruptibilidade e o fez imagem de sua própria eternidade.[25] É por inveja do diabo que a

---

23. Cf. Feldmann, *Paradise...*, op. cit.
24. Cf. Herbert Haag, "La enseñanza biblica sobre la criación y la doctrina de la Iglesia relativa al pecado original" in *Estudios Bíblicos*, Madri, 1941ss.; *Études Bibliques*, Paris, 1907ss.; no original alemão, n. 10, Stuttgart.
25. "Eternidade" e não "natureza". Cf. J. M. Reese, *Hellenistic influences on the Book of Wisdom and its consequences*, Roma, 1970, pp. 66ss.

morte entrou no mundo. Prová-la-ão quantos são do seu partido" (Sb 2,22-24. Compare-se com Rm 5,12).

O texto não se pode referir à morte física, que os ímpios conhecem e desejam para os justos (2,20). Evidentemente não a desejam para si próprios (2,6), proclamam exclusivamente o desfrute desta vida (2,1-20). Todo o texto e contexto (cf. também I, 16,12s.) mostra que o erro dos ímpios é acreditar que estão na vida, mas encontram a morte no outro mundo, enquanto que os justos morrendo para este mundo na realidade encontram a vida no outro (3,1-3).[26]

Não é nada provável que se aludisse ao capítulo 3 do Gênesis, porque o recurso ao passado não é do estilo do Antigo Testamento onde só em mais uma oportunidade se faz (Eclo 25,24). E mesmo que admitíssemos que há uma alusão ao Gênesis, seria mais provável a alusão ao fratricídio de Caim (Gn 4,1-6), como já defendeu no século passado Bois,[27] no começo do século Gregg, entre outros[28] e recentemente Reider[29] e Wright.[30]

Além do mais esta referência ao Diabo é tão desvinculada de todo o Livro da Sabedoria, que suspeitou-se que seja um comentário introduzido pelos primeiros cristãos.[31]

O texto — se não for uma interpolação — alude mais provavelmente às invejas entre deuses, do que ao Paraíso. O Autor Sagrado — certamente um judeu helenizado, de Alexandria — batiza a inveja dos deuses substituindo-a pela inveja do Diabo, ou de Satã, que já naquela época, nos séculos II e I a.C., infestava os livros apócrifos e a demonologia popular.[32]

Por tudo isso é excessivo afirmar que atinge "os fundamentos da religião cristã" a idéia de que o pecado original foi por sugestão de Satanás, disfarçado como serpente.[33]

---

26. Cf. R. J. Taylor, "The eschatological meaning of the lifehand death in the Book of Wisdom I: V" in *Ephemerides Theologicae Lovanienses* n. 42, 1966, pp. 72-137; C. Larcher, *Études sur le Livre de la Sagesse*, Paris, 1969, pp. 280-327; Reese, *Hellenistic*..., op. cit., pp. 62-71.

27. H. Bois, *Essai sur les origines de la Philosophie Judéo-Alexandrine*, Toulouse, 1980.

28. J. A. F. Gregg, *The Wisdom of Salomon*, Cambridge, 1909.

29. J. Reider, *The Book of Wisdom*, Nova Iorque, 1957, p. 70.

30. A. G. Wright, *The Jerome Biblical Commentary*, Londres, 1969, tomo I, p. 560.

31. H. Graetz, *Geschichte der Juden III*, 2.ª ed., Leipzig, 1863, endossado por Reider, *The Book*..., op. cit., p. 71.

32. Reese, *Hellenistic*..., op. cit., p. 11.

33. Cf. Haag, *El Diablo. Su existencia*..., op. cit., p. 187.

Monstros na Bíblia. Qualquer pessoa culta, tratando de qualquer tema poético ou mesmo científico ou religioso, alude à mitologia grega ou latina. E nem por isso haveríamos de pensar que tal autor acredita na existência dos deuses Júpiter, Palas ou Posseidon. Da mesma maneira a Bíblia cita a mitologia dos pagãos.

Os exílios do povo judaico o puseram em contato com os temores mágicos, aos quais, por outra parte, o povo primitivo israelita era propenso. Após o exílio, na tentativa de evitar guerras ou de ser dominados, até a época de Cristo, em que caíram sob poder romano, os israelitas eram permeabilizados por culturas pagãs. Traziam-nas os judeus das diásporas nas suas visitas a Jerusalém. Também o comércio com os países vizinhos.[34] Esses temores, convertidos em demônios, são citados na Bíblia.

Isaías (13,21), por exemplo, no original, fala de que no deserto habitavam Lilith (uma divindade feminina dos babilônios) traduzida por "satanás", e "seres peludos", depois identificados com *demônios*. A eles, segundo o Levítico (17,7) e 2 Crônicas (11,15), ofereciam-se sacrifícios como a divindades, embora de segunda categoria... É evidente que o Profeta não está aceitando nem esses grotescos demônios nem que habitem no deserto.

Como não toma a sério Leviatã, o monstro do mar, e Lannin, o dragão. Esses demônios — divindades da mitologia cananéia, citadas por Ras-Shamra, poema de Zaratustra — são meros símbolos com que Isaías (27,1) designa o Egito. O mesmo faz o salmista (Sl 74,13s.). O monstro Leviatã — acreditavam — engolia o sol quando acontecia o que hoje compreendemos como um eclipse. Os feiticeiros teriam poder de evocar o monstruoso Leviatã!

No Livro de Daniel, quatro bestas saídas do mar representam quatro impérios sucessivos.

No Apocalipse, já no fim do Novo Testamento, se retoma a imagem dos monstros. O império romano concretamente e em geral os homens que se opõem ao cristianismo são representados pelo mesmo símbolo de grande serpente, monstros e bestas tais como Rahab e Leviatã, oriundos de um caos primitivo. Realmente impressionante é a descrição joanina da aparição no céu do "grande Dragão (*serpente* em muitas traduções), cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres e sobre as cabeças sete diademas, sua cauda

---

34. Cf. Monden, *Le miracle*..., op. cit.; uso a tradução *Sign and Wonders*..., pp. 139-168; SMIT, *De Daemoniacis*..., op. cit., pp. 89-172; Van Der Loos, *The miracles*..., op. cit., pp. 339-360; W. Foerster, "Dalmon" in Kittel, *Theologisches*..., op. cit., tomo II, pp. 1-20; H. Cazelles e A. Seuillet (eds.), L. Pirot, (coordenador do "Suplément") e A. Robert (coordenador da continuação): *Dictionnaire de la Bible*, Paris, Letouzey et Ané, 1928ss., 10 volumes.

arrastava um terço das estrelas do céu, lançando-as para a terra" (Ap 12,3-4).

Visão magnífica. Mas metáfora: o Império Romano e os inimigos do cristianismo personificados pelo Diabo, Satã, o sedutor do mundo inteiro, o inimigo, o acusador dos cristãos *diante de Deus!* (Ap 12,7-10).

Espíritos dos mortos. Demônios e espíritos imundos, impuros etc. no Novo Testamento identificam-se também com os espíritos dos mortos.

Na antigüidade acudiam-se aos "médiuns" e curandeiros à procura de uma espécie de exorcismos para libertar-se das doenças, concebidas como "encostos" de maus espíritos lançados por outros "médiuns".

Para os semitas mesopotâmicos *Etemmu* são os espíritos dos mortos, mais concretamente dos mortos insepultos e privados dos sacrifícios prescritos. Pensavam que ficam vagando pela terra e podem causar inúmeras doenças e outras desgraças aos homens.

Para as especulações rabínicas, a identificação entre demonologia e espiritismo é, às vezes, manifesta. No Talmude e em outros comentários, os demônios são considerados entre outras coisas "seja como espíritos infortunados que foram deixados sem corpo quando, de repente, começou o sábado, após o sexto dia da criação; seja como os construtores da Torre de Babel, assim transformados a modo de castigo..." [35]

Flávio Josefo, o historiador judeu que escrevia no século I, nos transmite que os judeus consideravam os demônios como "espíritos de homens malvados, que penetram nos vivos e os atormentam, a menos que se venha em seu auxílio". [36]

Este conceito espírita — ele também! — pode perfeitamente ter influído na terminologia demonológica dos Evangelhos, e os casos neles referidos encaixam perfeitamente nos parâmetros desta interpretação supersticiosa que aparece como terminologia da época. Como explica Flávio Josefo, se expulsariam "os chamados demônios, com outra palavras, os espíritos dos homens malvados que penetram nos vivos". [37]

Paulo (1Tm 4,1) fala de "espíritos sedutores e doutrinas demoníacas". Por todo o contexto escatológico, o termo *demoníaco*

35. S. W. MacCasland, *By the finger of God. Demon possession and exorcism im early Christianity in the light of modern views of mental Illnes*, Nova Iorque, 1951, pp. 75s.
36. Flávio Josepho..., *A História...*, op. cit., VII, 185.
37. Idem, ibidem.

usado em sentido moral refere-se a *homens* fautores da apostasia, impostores.

Esses falsos profetas são concebidos pelo Apocalipse como "espíritos impuros, como sapos", saindo "da boca do Dragão, da boca da Besta e da boca do falso profeta... São com efeito, espíritos de demônios: fazem maravilhas" (Ap 16,13-14).

Espíritos de demônios e espíritos humanos (de mortos e de vivos) identificam-se. Metáforas. Não pertencem à Doutrina que se pretende revelar.

Aderências extrínsecas à Revelação. Os Santos Padres (e os escritores e teólogos cristãos) durante muitos séculos não separaram totalmente a Revelação do seu entorno mítico-cultural. Misturavam um tanto o campo da ciência e da fé. Foram assim aceitando-se em certa medida muitos mitos demonológicos.

Para Justino (como para Taciano e Teófilo de Antioquia) duas correntes bíblico-judaicas de demônios-potestades que não governaram bem o mundo, e demônios-anjos que pecaram com mulheres no tempo de Noé, se unem numa terceira interpretação: foram as potestades que pecaram com mulheres; menos Satã, "o príncipe dos demônios": este pecou quando, transformado em serpente, tentou a Eva no Paraíso. [38] Outras correntes, entre elas a dos anjos rebeldes e caídos antes da criação do nosso mundo, foram ignoradas.

Justino frisa que *muitos* demônios poderão arrepender-se e salvar-se. Se o Verbo de Deus revelou (!?) que Satã e alguns outros anjos serão certamente castigados ao fogo eterno, é porque Deus previu que esses poucos de fato não se arrependerão. [39]

Orígenes e numerosos outros Padres da Igreja também dizem que muitos demônios haveriam de se converter. [40]

Agostinho, com sua genialidade, conseguiu amalgamar quase tudo! Admite a possibilidade de que os anjos com um corpo tênue, depois da queda, pecaram com mulheres. Com Orígenes (ou com seu tradutor e prefaciante Rufino), [41] Agostinho também identifica os demônios com os anjos que com seu chefe, o Diabo, se rebelaram antes da criação do mundo. E estes mesmos anjos — rebel-

38. Justino, *Apologia*, primeira, e *Diálogo com Trifon*, XLV, LXXXIX, CXXIV; cf. Migne, *PG*, op. cit.; ou *Corpus Christianorum, seu Nova Patrum Collectio*, Turnhout-Paris, 1953ss.
39. Justino, *Diálogo...*, op. cit., CXLI, 2.
40. Orígenes, *De Principiis*, I, 6, 1; cf. Migne, *PL*, op. cit., ou *Corpus...*, op. cit.; *B. Altaner, Patrologie. Leben, Schriften und Lehre der Kirchenvater*, 6.ª ed., Freiburg-in-Breisgau, 1960.
41. Agostinho, *De Principiis;* cf. Migne, *PL*, op. cit., ou *Bibliotèque Augustiènne...*, op. cit.

des ou não — seriam as potestades. Esses mesmos anjos rebeldes seriam os que atuam por trás dos ídolos. E eles mesmos seriam os que residem pelos "espaços celestes", e também nos "abismos tenebrosos do Tártaro" (2Pd 2,4). "Dominadores deste mundo de trevas" (Ef 6,12).

Muitas outras interpretações se recolhiam numa obra do século XII, que foi o manual clássico das Universidades Teológicas medievais.[42]

Afinal o que são os demônios? A cultura demonológica bíblico-judeu-cristã é um mosaico de fontes e conceitos diferentes e até contraditórios.

Como diz Henry Ansgar Kelly:

> Os temas bíblicos, referentes ao que se chamará depois demonologia, mostram grande variedade nos conceitos como nas fontes que os inspiraram... Tudo o que a Bíblia diz a este respeito mostra invariavelmente os traços de noções emprestadas de culturas estranhas ao judaísmo (à Revelação). Constata-se o mesmo fenômeno na história do cristianismo.[43]

Para o prestigioso teólogo, Karl Rahner S.J., a demonologia é "uma interpretação da experiência *natural* em torno de diversas potestades e poderes sobrenaturais" (Considerados sobrenaturais). "Tal doutrina... vai penetrando lentamente de fora na religião autenticamente revelada".[44] E é lentamente que nos últimos anos vai-se compreendendo isto.

Idéia simplificada. Caberia perguntar-se se do ponto de vista teológico (ou filosófico) tem-se estabelecido um conceito ou definição de demônio.

Hoje não teria cabimento assumir a síntese agostiniana de quase todas as tendências e opiniões, às vezes até antagônicas, para apresentar o que pederíamos chamar conceito envolvente ou total de demônio.

Agostinho modificou as fontes, violentou-as, adaptou-as, cortou o que não encaixava, acrescentou o que achava que faltava. A demonologia entrou em um verdadeiro leito de Procusto (aquele bandido que esticava os seus seqüestrados se eram demasiado pequenos para o leito de ferro, ou lhes cortava as pernas se não cabiam nele).

Tomás de Aquino, embora endossasse muitas das idéias recolhidas por Agostinho, pode ser considerado como o pai de um conceito simplificado de demônio. Ele apresentou os anjos como criaturas espirituais, pessoais; e os demônios como anjos maus. Ponto. O mais elementar.

Esta idéia simplificada triunfou graças à autoridade do Aquinate. Subentende-se ou encaixa nas exposições dos demonólogos posteriores de algum prestígio até hoje. Como sinônimo do termo demônios usa-se Diabo, Serpente, Inimigo, Maligno etc. Às vezes no singular, às vezes no plural. Com maiúscula ou com minúscula. Quando se usa o singular e a maiúscula, às vezes se pretende designar o chefe dos demônios, chamado indistintamente Satanás, Lúcifer, Beelzebul etc.

Em todo este tema o que importa, mais que as fontes e modificações dos conceitos literais, é o "substratum" doutrinal e o significado subjacente na Tradição. Isto é que estudarei nos capítulos XIII a XVI.

Eis um aspecto importante do ponto de vista da Parapsicologia: na definição elementar de anjos e demônios (criaturas espirituais, pessoais, respectivamente bons e maus, estes últimos ao menos no sentido de causar dano), poder-se-iam encaixar os exus, orixás, demiurgos, gênios, musas e outras divindades inferiores ("criaturas" de um Deus Supremo). E talvez os extraterrestres se alguém os considera espirituais ou espiritualizados (!?). E os espíritos dos mortos, inclusive no sentido verdadeiro (homens ressuscitados), porque com corpo "espiritualizado". (Existem homens vivos com corpo material e homens mortos com corpo glorioso, espiritualizado; não existem espíritos separados de homens mortos).

---

42. Pedro Lombardo, *Sententiae*, 2, 6; cf. Migne, *PL*, op. cit., tomo 192, cols. 662-664.
43. Kelly, *The Devil...*, op. cit., pp. 32s.
44. Karl Rahner, S.J., C. Ernest e K. Smyth, *Sacramentum Mundi*, op. cit., col. 249.

Capítulo XII

BRUXOS, MAGOS, QUE SÃO?

Este tema é menos importante. Serei muito breve e intencionalmente superficial. Mas, à continuação do conceito de demônio, é necessário precisar outros conceitos para poder entender, nos capítulos a seguir, "os argumentos da fé" sobre a atividade dos demônios.

Ontem e hoje. Na época da bruxaria, considerava-se como essencial para ser bruxo a aliança com o Diabo. Satanás é para o bruxo seu deus e senhor. O Diabo, por sua parte, promete ajudar o bruxo a satisfazer todos os seus anseios.[1]

Há que ter em conta que o conceito de demônio é amplo. Daí que hoje o conceito de bruxo também se amplia. Não só quem pretende comunicar-se com o Diabo é bruxo, senão também quem pretende comunicar-se com exus e orixás, ou com espíritos de mortos, ou com outros seres imaginários, tais como fadas, elementares, larvas astrais, habitantes de outros planetas etc.

O bruxo antigo não pretendia certamente fazer milagres propriamente ditos, reservados aos mensageiros de Deus. A bruxaria estava na margem completamente oposta à do milagre.

Hoje, porém, há muitos bruxos que se apresentam como mensageiros do próprio Deus.

Modernamente no conceito de bruxo destaca-se o aspecto de fazedor de prodígios. Bruxo é uma pessoa à qual se atribuem ou que realiza ações estranhas, ou mais enfaticamente, próprias de uma mente doentia.[2]

1. Cf., por exemplo, Fox, *Science*..., op. cit., p. 22.
2. Cf., por exemplo, Henry Charles Lea (obra póstuma), compilação de Arthur C. Howland, *Materials towards History of Witch-*

Protótipo de ontem. O Dr. Fausto, imortalizado por Goethe, pode ser considerado um protótipo do bruxo antigo. Era formado em Humanidades, mas se dedicou à astrologia e outros estudos e atividades mágicas.

Era um assombroso charlatão. Afirmava que poderia escrever, psicografando, a ditado do Diabo, obras como as de Platão e Aristóteles, e fazer qualquer outro tipo de prodígio. Poderia...; mas não o fez!

O seu contemporâneo Melanchton deixa bem-estabelecido que Fausto se vangloriava de seus poderes, mas que sempre que tentava prová-los, o fracasso era evidente. Tentou voar, mas só conseguiu não quebrar a cabeça na queda.

Melanchton conta assim a morte do Dr. Fausto:

> Há alguns anos Fausto se encontrava muito abatido, numa certa cidadezinha do ducado de Würtemberg. O seu hospedeiro lhe perguntou as causas da sua tristeza, ao que o pior sem-vergonha e maior espertalhão que tinha existido respondeu: "Não te espantes esta noite! À meia-noite a casa (parecia que) foi sacudida fortemente (o que estaria fazendo aquele picareta?). Como no dia seguinte Fausto não aparecesse, ao meio-dia o hospedeiro dirigiu-se ao quarto com outras pessoas. Encontraram Fausto estendido no chão, com o rosto tampado como se tivesse morrido em mãos do diabo.

Fausto, na miséria do fracasso, ainda pretendera encobrir o suicídio confirmando suas pretensões de bruxo.[3]

Protótipo de hoje. Antigamente as bruxas eram temidas pelo povo e o poder público as levava à fogueira (realmente o demônio cumpria muito mal a parte do pacto que lhe correspondia!)

Hoje, porém, os bruxos se convertem em ídolos que arrastam multidões, a sociedade enganada os cumula de riquezas. Uri Geller é um caso típico do bruxo de hoje. Tive um debate com Uri Geller perante 15 jornalistas da *Manchete*. No dia seguinte, Geller teve de abandonar o país.[4] Era mágico, artista profissional do "Night Club" Zorba, em Jafa, perto de Tel-Aviv. Depois se apresentou como um super-homem, vindo de outro planeta, na sua nave Spectra. Foi ponto culminante do Congresso de Bruxaria de Bogotá, e percorreu o mundo enganando...

craft, Filadélfia, University of Pensylvania, 1939, vol. 3, pp. 385s. Fox, *Science*..., op. cit., p. 23.

3. Sirvo-me do resumo realizado por Gustav Büscher, *Buch Der Wunder*, tradução de Fernando Gracia, *El libro de las maravillas*, Barcelona, Mateu, 1961, pp. 248s.
4. Sobre os truques de Uri Geller, cf. *Revista de Parapsicologia* do CLAP, n. 10, 17, 21, 22.

Mais bruxas do que bruxos. No início do século XVI, Frei Martin de Castañega, num livro que foi famoso entre os inquisidores espanhóis,[5] garantia que entre os ministros diabólicos há mais mulheres do que homens porque as mulheres são compêndio de todos os vícios (!). E as velhas, feias e pobres, mais do que as jovens, bonitas e ricas. A bruxa, para os antigos, era uma "velha dona", mulher velha, feia e repelente, que sem mais recursos neste mundo optou por fazer uma aliança com o demônio.

Hoje, porém, a bruxa é uma mulher jovem, bela e sedutora, uma "bela-dona". Por ser duas vezes mais perversa e poderosa do que o desprestigiado Diabo, não tem necessidade nenhuma de fazer aliança com ele. O poder da bruxa propriamente deveria ser maligno. Um humorista, então, faria analogia com a palavra *beladona*, que em várias línguas designa um veneno mortal, mas em italiano uma *bela mulher*. Identidade essencial dos dois conceitos.[6]

Magos, bruxos e feiticeiros. A palavra *mago* provém da antiga palavra iraniano-persa *magus* com que se designava a quem hoje chamaríamos *feiticeiro* (para o mal).

Posteriormente em iraniano-turaniano, *mago* significou *profundo*. Os magos formavam uma das seis tribos dos medos, sendo a maioria deles sacerdotes de Zaratustra. Eram grandes astrônomos e gozavam de grande prestígio. Tal era o nome dado aos sábios que vieram do Oriente para adorar a Cristo recém-nascido.

Hoje em alguns países chama-se *mago* ou *mágico* a um artista prestidigitador ou ilusionista, pelos prodígios — *profundos*! — que realiza... É um significado metafórico.

Durante algum tempo, a palavra *mago* foi usada, segundo os casos, no bom ou no mal sentido: para o bem ou para o mal.

A palavra *bruxaria* nasceu nos primeiros séculos do cristianismo. Durante a lenta decadência do império romano, os magos do mundo inteiro fizeram de Roma a sua própria capital. Parece que foi então que se começou a utilizar o nome *bruxa*, da base pré-romana *brouxa*, para substituir o termo *mago*.

A diferença essencial seria que o mago, anterior ao bruxo, pretende ter domínio das forças que utiliza; o bruxo, porém, é um escravo das forças às quais se submete em troca de determina-

5. Fray Martín de Castañega, *Tratado muy sotil y bien fundado d'elas supersticiones y hechizerias, y varios conjuros y alusiones; y otras cosas al caso tocantes y de la posibilidad y remedio dellas*, Logroño, Miguel de Egula, 1529.

6. Ambrose Bierge, *The Devils Dictionary;* tradução de Marina Guaspari, *O Dicionário do Diabo*, São Paulo, Prometeu, 1959, pp. 29s.

dos poderes. Tanto para o mago como para o bruxo, essas forças podem ser as da natureza, mas na mente de muitos deles estão mais ou menos "divinizadas", são os demônios, os espíritos dos mortos, ou qualquer outra entidade autônoma e sobrenatural.

Podem-se utilizar indistintamente os termos *bruxo* e *mago*. Podemos sob o conceito de bruxo e mago incluir os feiticeiros, médiuns espíritas e — ao menos em muitas épocas e casos — ocultistas, alquimistas, esotéricos, teósofos... É freqüente neles a mentalidade mágica, de bruxaria, de espiritismo...

Todas essas divisões são fruto da mesma mentalidade supersticiosa e doentia. O século XVI, no qual a bruxaria alcançou sua máxima difusão, foi o século de maior difusão da astrologia, do curandeirismo, da feitiçaria, da alquimia, da adivinhação...[7]

Magia branca e magia negra. Alguns autores distinguem entre magia branca e magia negra ou feitiçaria, segundo seja para o bem ou para o mal.[8] "Para outros a diferença seria que a magia negra ou feitiçaria evoca entidades más e para o mal; a magia branca evoca entidades boas e para o bem."[9]

Mas em todo caso, a magia é a pretensão de obter efeitos sobrenaturais com meios naturais. Isto é a essência da magia.

No início grassa a bruxaria. A prática de magia é encontrada no povo mais antigo de que temos notícias, os caldeus, tribo extremamente supersticiosa que acreditava até que os processos naturais do corpo humano eram causados e dirigidos por espíritos. Os espíritos maus, ou demônios, eram os causadores dos distúrbios mentais, dos pesadelos, da morte etc.

Os egípcios, entre outras práticas (mágicas), evocavam (bruxaria) espíritos (espiritismo) bons ou maus para pô-los a seu serviço e causar curas (magia branca) ou mortes (feitiçaria ou magia negra).

Na antiga civilização chinesa, antes do aparecimento de Confúcio, os sacerdotes chamados WU eram magos em geral, feiticeiros algumas vezes e por meio de fórmulas mágicas e danças entravam em transe e evocavam espíritos (espiritismo e bruxaria).

7. Aradi, *O livro...*, op. cit., p. 17; Wedeck, *A treasury...*, op. cit.

8. Cf. Fantoni, op. cit., p. 123.

9. Cf. Mair, *La brujeria...*, op. cit., p. 27. Constantino Grimaldi, *Dissertazione in cui investiga quali sieno le operazione che dependono della Magia Diabolica e quali quelle che derivano delle Magie Artificiale e Naturale e qual cautela si ha da usare nella malagevolezza di discernerle*, Roma, Pallade, 1751; reimpressão: *Le Tre Magie. Riproduzione dell'edizione del 1751.*

Pretendiam adivinhar o futuro, aconselhavam, protegiam (magia branca) ou amaldiçoavam (magia negra) os seus fiéis.[10]

Muito antes de sofrer influências mágicas da Caldéia e Egito, os gregos já eram portadores de mentalidade mágica.[11]

Entre os gregos — e romanos —, Hécata era a deusa dos magos e feiticeiros.

Homero imortalizou na *Odisséia* as bruxas Medéia e Circe, assim como as imaginárias sereias, prodígios de beleza e poder, mas igualmente frias e perversas.

Algumas mulheres de Tessália adquiriram triste fama por difundirem horripilantes ensinamentos, superstições e praticarem ritos abomináveis. Violavam sepulturas, raptavam e sacrificavam crianças; cadáveres e crianças eram cozinhados em panelas de cobre, até que a carne e as gorduras dissolvidas adquirissem a consistência de um ungüento. Depois misturavam isto com suco de belenho, de beladona e de papoula preta. Com este e parecidos ungüentos, aplicados sobre toda a pele do corpo, as bruxas de então — e dos séculos posteriores — sofreram grandes alucinações.

Concluímos que todos os povos conhecidos da antigüidade praticaram a bruxaria.

A ação demoníaca. A ação dos seres sobrenaturais, invocados ou não pelo mago, se dividiria em possessão ou incorporação, infestação ou assombração, obsessão ou encosto, e tentação.

1) A *possessão* ou incorporação seria uma ação dentro da pessoa ou animal. No corpo do possesso agiria outro espírito.

2) *Infestação* ou assombração às vezes se entende como uma possessão muito prolongada. Outras vezes, mais freqüentemente, designa a atividade dos espíritos ou demônios dentro de seres inanimados ("casas mal-assombradas") ou plantas.

3) *Obsessões* — alguns autores as confundem com as possessões — seriam os atos do Diabo ou espíritos, agindo de fora. Externamente. O espírito "encosta" ao corpo da pessoa, animal ou coisa, e daí, junto a ele, o maneja. Como dizem na Umbanda e outras denominações de Espiritismo, o "médium" age como "cavalo", "instrumento", ou "máquina" do exu, orixá ou espírito do morto.

4) *Tentação* — de dentro ou de fora — é a incitação ao pecado. O demônio poderia tentar dentro do possesso, ou ao lado do obsesso, ou simplesmente por influência de terceiros — pessoas

10. Cf. Aradi, *O livro*..., op. cit., p. 67.
11. Cf. Fantoni. *Magia*..., op. cit., pp. 101s.

ou coisas — numa espécie de "providência" do "soberano deste mundo".

Deus e o Diabo. É inerente à bruxaria, à magia, à feitiçaria considerar dois deuses, o Deus bom e um outro deus ou semideus mau. A bruxaria — nela englobamos magia e feitiçaria — baseia-se na luta do bem e do mal, idéia procedente dos magos entre os povos orientais: Índia, Pérsia, Egito... Afirmavam que o mundo só é possível pela contínua luta entre o bem e o mal, os vivos e os mortos, a luz e as trevas.[12] Tudo, porém, para alguns, formaria uma unidade e todos os antagonismos se encontrariam na divindade panteísta.

Maniqueísmo. A tese do duplo deus foi veiculada pelo maniqueísmo, espécie de religião fundada por Mani ou Manes, um iraniano que viveu no século III. Pretendia unir aos ensinamentos de Moisés e de Cristo os de Buda e Zoroastro.

O ponto fundamental de sua doutrina era a luta entre Deus e o antideus ou Satanás. Tudo no mundo, até os seres inanimados, estariam compostos de um elemento benéfico e outro maléfico.

Como reação ao maniqueísmo e demais heresias do bem e do mal, do Deus bom e do antideus, aparecerão nos primeiros séculos do cristianismo — e sua influência se arrastou durante séculos — penitentes e monges que maceravam o corpo, desprezavam completamente todos os bens materiais e mortificavam ao máximo os sentidos. Agiam como faquires e outros santões orientais, no anseio de vencer o mau espírito... Imperceptivelmente caíram na heresia de atribuir origem diabólica ao mundo material.

Foram célebres os partidários de uma seita francesa, chamados *cátaros*, que parece teve origem nos refugiados oriundos da Bulgária. A Igreja, no século XIV, proibiu qualquer proteção ou participação com essa seita. A partir de então passaram à clandestinidade. Foram os principais inspiradores do "sabbat", presidido por Satã, e da Missa Negra. Externamente apareciam entre os cristãos praticando os mesmos ou parecidos rituais, mas com um sentido completamente às avessas.

Talvez não tenha sido casualidade os cátaros surgirem precisamente na região antigamente conhecida pelo nome de Trácia, um dos lugares onde mais se praticaram os cultos dionisíacos, com suas danças frenéticas e ritos esquisitos, muito semelhantes aos que hoje se realizam na Umbanda, Candomblé... Foi também na Trá-

12. Idem, ibidem, p. 125.

cia que surgiu a feitiçaria para ocasionar o mal ou a morte, superstição espalhada pelo mundo pela influência da antiga Grécia.

A raiz da bruxaria. A bruxaria é filha da mentalidade doentia da humanidade oprimida a se manifestar em todas as épocas e povos sob diversas formas e denominações. É o homem de ontem e de hoje que, não se realizando como pessoa humana, sonha ser um super-homem; instintivamente resiste a aceitar que todos são escravos do trabalho, da intempérie, da doença, da fome, da morte, ou além do mais, hoje, da máquina, do horário. O homem não é um escravo nem simplesmente um número, e então o doente se veste como seu "chefe" e "herói" com penas de pavão: super-homem, semideus, ou um intermediário e aliado dos demônios, dos espíritos, ou mesmo de Deus para guiar seus semelhantes.

Hoje o homem sadio, oprimido por um ambiente materialista, reage com procura de transcendência. Hoje e sempre o supersticioso quando desesperado de encontrar remédio para sua doença, experimenta a solução mágica.

A incultura e a superstição não se conformam com a normalidade da verdade, pura e simples, e prefere a explicação mítica. O homem, cansado pelo corriqueiro da vida cotidiana, tende às impressões fortes, e procura o mistério e o espetacular. Se lhe falta espírito crítico adere ao satanismo ou espiritismo. Numa palavra, o homem que não tem uma verdadeira crença nem senso comum, facilmente tem crendices e superstição doentia.

Para os humoristas, são grandes as semelhanças entre o mago e o governante. A um e outro se atribuem poderes e qualidades muito superiores às que na realidade têm; um e outro são procurados nos momentos de dificuldade e ilusão; defraudam igualmente, e no fim das contas tanto ao bruxo como ao governante se atribuem todos os males da sociedade. [13]

13. Baroja, *Las brujas*..., op. cit., p. 354.

Capítulo XIII

DOENÇAS E CURAS NOS TEMPOS DE CRISTO

Graças aos demônios! Paradoxalmente, devemos aos "demônios" mais um forte argumento, incontestável como muitos outros, da historicidade dos Evangelhos, até freqüentemente detalhada e minuciosa. A vida e obras de Jesus é o fato histórico melhor constatado da história antiga da humanidade. [1]

Concretamente são históricas, como fatos, as chamadas "expulsões de demônios" realizadas por Jesus.

Não se acusaria a Jesus de fazê-lo pelo poder de Beelzebul (Mc 3,22-30par), se os adversários estivessem só perante um ou poucos casos. Sob o peso de repetidos e quase contínuos fenômenos dessa espécie, refletiam sem encontrar escapatória. O poder de Jesus é superior aos poderes dos curandeiros. Daí o recurso ao "príncipe dos demônios". A "magia" de Jesus não provém de uma potestade ou demônio subalterno. No desespero, acentuaram a injúria ao máximo. A injúria a Cristo não poderia ser interpolação dos primeiros cristãos.

Por outro lado, o curandeiro estranho não usaria o nome de Jesus se ele não tivesse adquirido fama, por freqüentes expulsões de "demônios", de ser o melhor entre "os vossos filhos" que os expulsam também (Mt 12,27). Os primeiros cristãos não teriam inventado este episódio que não favorece os apóstolos, pois em contraste com Jesus, parecem intolerantes: "Mestre, vimos alguém

1. Em outro livro, ao tratar dos milagres, pretendo apresentar os numerosos argumentos em favor da historicidade dos Evangelhos. Entrementes remeto a Oscar G.-Quevedo, S.J., "Milagres", gravações do "Curso de Parapsicologia e Religião", do CLAP.

que não nos segue, expulsando demônios em teu nome, e o impedimos... Jesus porém, disse: 'Não o impeçais...'" (Mc 9,38par.).

Não são poupados os discípulos quando fracassam na tentativa de curar o "endemoninhado" epiléptico perante grande multidão e os escribas discutindo com eles (Mc 9,14-29). Os apóstolos se queixavam a Jesus por aquela humilhação pública. Esta passagem não pode ter sido acrescentada pelos cristãos. Nem os apóstolos não se lançariam a expulsar "demônios" se não o tivessem feito outras vezes e se Jesus não o fizesse freqüentemente.

Jesus discutiu várias vezes — talvez muitas — com os escribas e fariseus sobre o trabalho que se podia fazer no sábado, dia religioso de descanso. Para os judeus essa polêmica supõe muitos milagres realizados também aos sábados; não encaixa numa invenção posterior em outro ambiente. A polêmica teve início precisamente pelo "trabalho" de expulsar o "demônio" que na sinagoga de Cafarnaum proclamava que Jesus era o "Santo de Deus" (Mc 1,21-28).

Descrevendo o dia das contas, Jesus disse: "Muitos me dirão naquele dia: 'Senhor, Senhor, não foi... em teu nome que expulsamos demônios...?' Então, sem rodeios, Eu lhes direi: 'Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade'" (Mt 7,22s.). Em outra oportunidade Cristo aconselhava aos apóstolos: "Não vos alegreis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos nos céus" (Lc 10,20).

Estes e outros textos semelhantes não podem ser originários dos primeiros cristãos. "Popularizam" o poder de expulsar "demônios", em que a Igreja das origens se apoiava nas discussões com os pagãos. Não é exclusivo de Jesus. Nem Cristo falaria assim se não tivessem outras pessoas esse poder de curar "endemoninhados". [2]

Quando Jesus enviou os 72 discípulos dois a dois a pregar o Evangelho, "deu-lhes autoridade sobre os espíritos imundos" (Mc 6,7). "Quando voltaram com alegria dizendo: 'Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome'", Jesus os felicita com aquelas palavras: "Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago! Eis que vos dei o poder de pisar... todo o poder do Inimigo" (Lc 10,17-19). São fenômenos constatados em muitas partes.

2. Jeremias, *Teologia do Novo*..., op. cit., pp. 143s.

O poder de expulsar os demônios implicava que os discípulos estavam inundados pelo Espírito Santo, transmitido por Cristo, [3] pois "é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios" (Lc 11,20). Tal poder dos discípulos não pode ser invenção da Igreja primitiva, pois então se acreditava que só após o dia de Pentecostes o Espírito se comunicou. [4]

Suprimir os freqüentes casos de curas de "endemoninhados" equivaleria a abrir um enorme buraco nos Evangelhos. Estes casos estão, aliás, relacionados com outros ditos e fatos da vida de Jesus de ordem geral. Em conseqüência, suprimir os "endemoninhados" como sendo invenções e interpolações posteriores equivaleria a suprimir quase inteiramente os Evangelhos.

Os "endemoninhados" formam um núcleo certamente radicado nas próprias testemunhas e proclamado para as testemunhas. Esta constatação dá rigoroso valor histórico aos Evangelhos em geral.

A verdade histórica das expulsões de "demônios" — e outros milagres — realizados por Jesus e por seus discípulos não podia ser negada pelos seus próprios adversários. Por isso se refugiavam na acusação de magia. Além das fontes cristãs canônicas, temos confirmação nos Evangelhos apócrifos, cheios de lendas, mas que pressupõem a realidade dos milagres de Jesus. Temos ainda a confirmação pelo Talmude dos judeus da Babilônia, e pelo historiador judeu Flávio Josefo. [5]

A "possessão demoníaca" no NT. Nos Evangelhos fala-se claramente de possessões ou expulsões demoníacas 16 vezes e 3 nos Atos dos Apóstolos. Não considero como diferentes as diversas narrações dentro de um mesmo fato. Considero, porém, diferentes as frases gerais, mesmo que sejam bastante parecidas.

Onze são frases de ordem geral, tais como "ao entardecer, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele, com uma palavra, expulsou os espíritos" (Mt 8,16). Ou, perante Filipe "de muitos, efetivamente, saíam os espíritos impuros dando grandes gritos" (At 8,6s.). Assim até onze frases (Mt 10,1 e 8; Mc 1,34 e 39; 3,15; 6,13; 9,17; Lc 11,32; At 19,12).

Oito são casos concretos, às vezes referidos por vários evangelistas (considero-os então como um só): os demônios que foram aos porcos (Mt 8,28-34par.), o demônio mudo expulso pelo poder de Beelzebul (Mt 9,32-34par.), o menino epiléptico que os

3. Cf. L. Legrand, "Was Jesus Mission-Minded?" in *Indian Eclesiastical Studies*, tomo III, 1964, pp. 87-104.
4. Jeremias, *Theologia*..., op. cit., pp. 359s.
5. Strack, *Kommentar*, op. cit., pp. 39-631.

discípulos não conseguiram curar (Mt 17,14-20par.), o homem violentamente agitado que na sinagoga reconheceu a Jesus como Messias (Mc 1,21-28par.), a filha da siro-fenícia (Mc 7,24-30), os sete demônios expulsos de Maria Madalena (Mc 16,9par.), o demônio expulso da casa e que chama outros sete piores (Lc 11,24-26) e a jovem pitonisa que aclamava Paulo e Silas como servos do Deus Altíssimo (At 16,16-19).

Nada no Antigo Testamento. No Antigo Testamento não há nenhum caso de possessão demoníaca. Eram claras e severas as admoestações contra a magia. Dificilmente poder-se-iam aceitar na Bíblia veterotestamentária "encostos" e exorcismos ou "desencostos".

Depois a interpretação demonológica foi entrando aos poucos. Esta mentalidade mágica chegou mesmo a grassar entre os judeus do período intertestamentário e nos judeus e cristãos do primeiro século após Cristo. [6]

Animismo. Animismo é a crença da maioria dos povos primitivos, de que todo o mundo material estava habitado e controlado por daimones (potestades, deuses subalternos, demônios etc.).

É fácil analisar esta mentalidade, porque se conserva intacta em vários povos da África e da Austrália. No Brasil é a mentalidade mais difundida: os orixás e os exus habitam e conduzem os ventos, habitam e fazem fluir as correntes e as cascatas, habitam e fazem crescer as árvores... E as doenças são "encostos" desses espíritos.

O "Vudu" viajou do Daomé, seu país de origem, para o Haiti com os escravos africanos no século XVII; no Brasil é conhecido pelo nome de Candomblé. O raio é Heouvé; a varíola, Sagpata... Os iniciados passam a conhecer os nomes dos exus-doenças, 120 palavras mágicas secretas de cura.

---

6. Além da bibliografia que irei apresentando a diversos respeitos, para uma visão geral da demonologia no Novo Testamento, cf. Catherinet, *Demonics in the*... in *Satan*..., op. cit., pp. 163-167. H. Schlier, *Principalities and Powers in the Testament*, Nova Iorque, Herder, 1961; Otto Skrzypozak, "A Demonologia no Novo Testamento" in *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, tomo XVII, 1957, pp. 26-41, ou na separata Charbel, *O Demônio*..., op. cit., pp. 31-48; SMIT, *De Daemoniacis In*..., op. cit.; M. F. Unger, *Biblical Demonology. A study of the spiritual forces behind the present world unrest*, Weaton, Van Kampen, 1952, 11ª ed., tomo II; H. von Doderer, *The Demons*, 2 vols., Nova Iorque, Knopf. 1961; D. J. Saunders, "The Devil and the Divinity of Christ" in *Theological Studies*, Baltimore, 1940ss., tomo IX, 1948, pp. 536-553.

O "egungin", ritual da morte, *é proibido* na maioria dos candomblés brasileiros por desconhecimento dos nomes secretos, que só o Candomblé Gegê conservaria. Não obstante, com os nomes primitivos ou com outros inventados aqui, *é realizado* abertamente na Bahia, na Paraíba, no Maranhão..., quase por toda parte.

Entre os assírios, babilônios e caldeus. Data do ano 2.500 a.C. uma tabuleta assíria com os seguintes dizeres:

> Doença do cérebro, dos dentes, do coração, dores de cabeça, doenças dos olhos, febre, veneno, espíritos do mal, demônios do mal, espectros do mal, diabo do mal, deus do mal, amigos do mal; bruxo, demônio, vampiro, espírito ladrão; fantasma da noite, aparição noturna, escrava dos espectros; pestilência maligna, febre perniciosa, doenças funestas, angústia, feitiçaria ou qualquer mal, dor de cabeça, tremores; fascinação maligna, bruxaria, feitiçaria, encantamento e todo mal; sai da casa, vai para fora, não entra no homem, filho deste deus, parte daqui.

Uma outra tabuleta contém um exorcismo muito parecido. E há outra tabuleta, a de Babilônia que pretendia expulsar toda classe de demônios provocadores de toda classe de doenças. [7]

Entre os babilônicos, [8] o demônio *Namtar, príncipe das trevas*, se comprazia em atormentar os míseros mortais: era representado agarrando um homem pelos cabelos, e com a espada desembainhada para feri-lo com todo tipo de doenças e dores. *Etemmu* era o nome que recebiam os espíritos dos mortos que não receberam os sacrifícios rituais prescritos; vagavam pela terra assombrando casas e "encostando" nas pessoas que assim caíam em transe e eram atormentadas de mil maneiras. *Lamastu* era o demônio — ou deus — da febre puerperal e das doenças próprias de crianças. *Lilitu*, deusa que causava os pesadelos noturnos, entrou na Bíblia modificada em *Lilit*. Deste demônio feminino diz Isaías que descansa nas ruínas do Edom (Is 34,4). Era a deusa ou demônio da tormenta para os acádicos, identificada com a antiga *Mililla* (*"senhora tormenta"*). Terá grande destaque na demonologia pós-bíblica tanto entre os judeus como entre os cristãos. [9] Goethe aludirá a ela no seu *Fausto*. O demônio *Pazuzu* devia causar mil

---

7. Jan Ehrenwald, *Psychotherapy: myth and method. An integrative approach*, Nova Iorque e Londres, Grune & Stratton, 1966, p. 21.

8. Ebeling, "Dämon" in *Reallexikon*..., op. cit., pp. 107-113; Edzard, "Dämonen" in *Worterbuch*..., op. cit., tomo I, pp. 46-49; Ilarri, *Demonología*... in *27 Semana*..., op. cit., pp. 143-159.

9. Cf. G. Scholem, *Die Jüdische Mystik in thren Haupstromungen*, Zurique, 1957, pp. 191-483.

neuroses ou traumas só de se pensar nele: representavam-no com corpo mais ou menos humano, rosto de bode, pés em forma de garras de ave de rapina e poderosas asas. *Pazuzu* é o demônio que escolheu W. P. Blatty para causar a possessão no seu filme e livro *O Exorcista.*[10]

Cada doença, um demônio localizado. Assim o demônio *Alal* agia sobre o peito, *Adad* (rei assírio que depois de morto foi divinizado) agia sobre o pescoço. Enquanto que *Gigin* atormentava nos intestinos, *Idpa* a cabeça, reservando-se a fronte para Utug. As dores nas costas eram provocadas por *Ishtar.*

Mesmo moléstias tão comuns como a enxaqueca ou torcicolo. "Quando um homem sofre das têmporas e os músculos de seu pescoço estão doloridos, está lá a mão de um demônio", compila Labat.[11]

A medicina greco-romana. A demonologia da antiga Mesopotâmia, descrita na literatura sumérica, penetrou através dos caldeus na cultura helenística. Na mais antiga literatura dos gregos, na *Ilíada* e na *Odisséia,* atribuídas a Homero (Heródoto diz que viveu pelo ano 850 a.C.), a loucura e qualquer comportamento estranho eram conseqüência da interferência dos deuses irritados na mente do homem. Homero teve grande influência nos filósofos, nos eruditos, nos escritores e até na educação em todo o mundo helenístico.

O pensamento grego, crítico e analítico, não atribuiu indistintamente todas as doenças e dores aos *daimones.* Como destaca Foerster, a influência do demônio se limitava "ao que poderíamos denominar doenças internas, isto é, aquelas cujas causas naturais não eram perceptíveis ao mundo antigo, e nesse sentido diferenciáveis das feridas externas etc.".[12]

Hipócrates (460-367 a.C.), pai da Medicina, e seus seguidores lutaram por erradicar a tradição espírita ou demonológica na explicação das doenças. Era o *naturalismo,* que sustentava que todas as doenças se deviam a causas naturais. Abertamente negou a influência de espíritos ou demônios mesmo na epilepsia, "a doença sagrada".

O prestigiado e influente filósofo Platão (347-327 a.C.) pouco depois corrige com razão Hipócrates, exclusivamente materialista.

10. Frank, *Lamastu, Pazuzu und...,* op. cit.
11. Cf. R. Labat, *Traité Akkadien des diagnostics médicaux,* Leiden, 1951; G. Contenau, *La Médecine en Assyrie et en Babylonie,* Paris, 1938.
12. Foerster, "Daimon" in Kittel, *Theological Dictionary...,* op. cit., vol. II, p. 7, nota 53.

Platão defende acertadamente uma medicina psicossomática. Mas Platão conserva a mentalidade de que certos tipos de conduta estranha eram efeito da intervenção sobrenatural. Por exemplo o transe dos adivinhos seria causado pelo deus ou daimon Apolo, os poetas estariam inspirados pelas Musas, e a paixão dos enamorados era incutida pelos *daimones,* ou deuses inferiores, Eros e Afrodite. Compreende-se que o povo estendesse estas explicações de delírios, fúria, transe, inspiração, paixão, a todos os tipos de loucura[13] e que com estes exemplos se estendesse também e se confirmasse a explicação a todo tipo de doenças internas e por isso mesmo "misteriosas".

Como é sabido, os romanos adotaram a mentalidade grega, simplesmente trocando os nomes dos deuses ou *daimones.*[14] Embora houvesse médicos, como a família de médicos chamados Asclepíades e os seguidores de Areteu de Capadócia, o povo e muitos médicos romanos, talvez a maioria, continuaram com a mentalidade mágica e demonológica. Ao *daimon* da febre se dedicou um templo próprio em Roma. Galeno, médico grego (nascido em Pérgamo, Ásia Menor) conhecido em todo o império romano do século II (130-200 d.C.), foi acusado de praticar a bruxaria, pois só assim se compreenderia a precisão com que predizia o curso de uma doença interna: teria de ser porque conhecia os demônios que as causavam. O mesmo Galeno considerava obra do demônio os procedimentos psicológicos, que ele não conhecia, para enlouquecer uma pessoa ou fazê-la emudecer perante um tribunal.[15]

Permeabilizou os Evangelhos. Todos estes conceitos demonológicos a respeito das doenças penetraram na cultura do povo israelita.

Principalmente nos dois séculos a.C. e no século I d.C., a "medicina demonológica" dos judeus era a de Mesopotâmia. Recebida diretamente dos povos mesopotâmicos ou indiretamente atra-

13. Cf. J. H. Vanderveldt e R. P. Odenwald, *Psychiatry and Catholicism,* Nova Iorque, McGraw Hill; tradução de Nuno Santos, *Psiquiatria e catolicismo,* Lisboa, Aster, 1962; Oscar G.-Quevedo, *Curandeirismo...,* op. cit., especialmente capítulos 4, 17 e 18; neste capítulo 18, aliás, se analisam com certo detalhe as idéias de Hipócrates e de Platão.
14. Cf., além de outros já citados, F. Andrés, "Daimon" in Pauly-Wissowa, *Real-Encyclopädie...,* op. cit., pp. 267-322; também de F. Andres, *Die Engellehre der griechischen Apologeten des zweiten Jahrhundertes und ihr Verhaltnis zur griechisch-romischen Mythologie,* Paderborn, 1914, pp. 135-147.
15. Mair, *La brujeria...,* op. cit, p. 25; cf. Maurice Albert, *Les médecins grecs à Rome,* Paris, Hachette, 1894.

vés da cultura greco-romana. É problema cultural. Portanto, como problema cultural, não doutrinal, devem ser estudados os "endemoninhados" dos Evangelhos.

A magia misturando-se com receitas, remédios, ervas e pequenas cirurgias da medicina popular. A magia nunca se desprestigiou e sempre houve paralelamente o recurso às fórmulas imprecatórias, à evocação dos mortos... Não foi fácil que a medicina dos gregos, após Hipócrates, triunfasse nas áreas mais civilizadas. Nas áreas cultas da Babilônia, mesmo quando se praticava lá a mais estrita medicina hipocrática, havia também encantamentos, exorcismos e evocações.[16]

Havia, sem dúvida, numerosos médicos na Palestina dos tempos de Cristo, como inclusive se testemunha nos Evangelhos (Mc 5,26; Lc 8,43), e o confirmam a Mishna e o Talmude.[17] Mas inumeráveis textos provam que, junto à Medicina, a crença em influências ocultas de demônios e espíritos maus estava talvez tão difundida no meio judaico como no grego e oriental.[18] A religião judaica convivia em meio a todos os sincretismos e culturas, simplesmente destacando a idéia de que por cima de todas essas influências do além, em que o povo acreditava, Deus pairava como dono e senhor supremo.

Quando há algum tempo o *Catecismo Holandês* lançou discretamente a idéia de que "no Evangelho, doença e possessão não são coisas tão diferentes como talvez imaginamos",[19] mandou-se que nas edições do Catecismo se publicasse um prólogo de "alerta!" da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Hoje a suave referência do *Catecismo Holandês* reforçou-se com muitos argumentos...

Não Satã, os demônios. Quando se diz que Satã entrou em Judas (Lc 22,3; Jo 13,27) ou em Ananias (At 5,3) se faz referência ao pecado voluntário. Nunca aparecem "possessões" realizadas por Satanás. As "possessões" são realizadas pelos demônios

16. Cf. Marguerite Rutten, *La science des chaldéens*, Paris, PUF, 1960, pp. 66-74; E. Dhorme, *Les religions de Babylonie et d'Assyrie*, Paris, PUF, 1945, pp. 206s; R. Largement, M. Brillants e R. Aigrain, *Histoire des religions*, Bloud et Gay, s.d., pp. 146-153.

17. J. Jeremias, *Jerusalém*, op. cit., pp. 34-45.

18. Grelot, "Les miracles..." in Aletti, *Les miracles...*, op. cit., pp. 62s.

19. (Catecismo Holandês) *De Nieuwe Katechismus. Geloofsverkondigung*, Hilversum, 1966; uso a tradução: *Nuevo Catecismo para adultos*, Barcelona, Herder, 1969, p. 111.

(espíritos impuros, espíritos da doença...). Os demônios não implicam nenhum aspecto moral, unicamente atormentam.

Paulo parece usar modo diferente de se expressar. Pareceria que uma sua doença misteriosa não é atribuída aos demônios, senão a Satanás. Claro que alguém poderá ver designado na expressão "um anjo de Satanás" não o próprio Satã, mas um demônio de alguma maneira enviado por Satã.

Por outra parte, caberia perguntar-se — contra a interpretação comum — se Paulo se refere de fato a uma doença e não melhor a alguma tentação moral oriunda do instinto carnal ou a dificuldades procedentes de seus irmãos na carne, os judeus:

> Já que essas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba foi-me dado um aguilhão na carne, um anjo de Satanás, para me espancar, a fim de que eu não me encha de soberba. A esse respeito três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder (2Cor 12,7-9).

Se Cristo foi tentado, nada tem de estranho que também Paulo sentisse a tentação. Neste caso o texto paulino entraria plenamente na regra geral: as tentações são atribuídas a Satanás, e certas doenças aos demônios.

Para a mentalidade mágica (espíritas, por exemplo, nas suas idéias de carma...), as doenças provêm do pecado. Mediata ou imediatamente. Parece refletir-se na pergunta dos judeus: "Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?" (Jo 9,2).

Os sacerdotes dos povos circunvizinhos a Israel precisavam determinar o demônio que causa cada doença. E o demônio — doença — era atraído pelo pecado. Por isso, começavam por um interrogatório para descobrir qual o pecado que o doente cometeu. Uma vez descoberto, devia-se expulsar tal demônio determinado.[20]

Por efeito dessa mentalidade ambiente os primeiros cristãos identificaram a ação de Satã e a ação dos demônios. Satanás e demônios: pecado e doença.

A interpretação tradicional que considera certos doentes possuídos por *anjos rebeldes* não tem nenhuma base.[21] Nas expres-

20. A. Duprez, "Milagros helenistas en la época de Cristo" in Equipe "Cahiers Evangile", *Les miracles de l'Evangile*, Paris, Du Cerf; uso a tradução de Nicolas Darrical, *Los milagros del Evangelio* ("Cuadernos Bíblicos", 8), Estella (Navarra), Verbo Divino, 1977, p. 16.

21. Cf. também, além de outras obras que citamos, G. J. Waffelaert, "Possession diabolique" in *Dictionaire Apologétique de la foi Catholique*, vol. IV, cols. 53-81; Cazelles, Haag, Van Den Born e Ausejo, *Diccionario de la Biblia...*, op. cit., cols. 1554-1556; J. Weiss, "Dä-

sões evangélicas, a respeito de endemoninhados, a idéia de anjos rebeldes pode perfeitamente e deve ser excluída.

Todas as doenças? Que a mentalidade da época atribuía algumas doenças aos demônios é evidente. "Nada de se estranhar que também os Evangelhos imaginem as doenças mentais como possessão demoníaca. Falam na linguagem e na imaginação do seu tempo." Assim escreve J. Jeremias.[22] Que outra linguagem e imagem poderiam usar?

Mais ainda, no Novo Testamento, *todas* as doenças são atribuídas a certo influxo de *Satanás*. Tal poderia significar, no sentido natural (deixando agora o sentido doutrinal), a frase de Paulo, citando os profetas Habacuc (Hab 2,3-4) e Isaías (Is 26,20): "O meu justo viverá pela fé, mas se esmorecer, *nele não encontro mais nenhuma satisfação*" (Hb 10,38). O mesmo se poderia deduzir e aplicar-se a todas as doenças da frase com que Cristo se refere à encurvada "que *Satanás* prendeu há dezoito anos" (Lc 13,16). Pedro resumiu toda a atividade de Cristo com aquelas palavras: "Passou fazendo o bem e curando a todos aqueles que haviam caído no poder do *Diabo*" (At 10,38). Estão sob *Satanás*, não — ou não só — com simples demônios.

Todas as doenças. Essa generalização estaria "fora de discussão na teologia judaica extrabíblica".[23]

Também assim se explicariam as ocasiões nas quais os evangelistas pareciam contrapor doentes e endemoninhados em frases bastante repetidas, como: "Ele curou muitos que estavam oprimidos de diversas *doenças* e expulsou muitos *demônios*" (Mc 1,34). Os endemoninhados estariam possuídos pelos *demônios*; os doentes, como conseqüência do pecado só sob certo domínio externo de *Satanás*. Endemoninhados (por demônios e de dentro) e doentes (sob o poder de Satanás: de fora) poderiam assim distinguir-se.

Atribuir à ação sobrenatural todas as doenças, inclusive as físicas, é apenas metáfora.

Nos tempos de Cristo, os judeus não chamavam endemoninhados a *todos* os doentes.

Doenças internas. Chamavam "endemoninhados" os que estavam doentes por causas não-aparentes, internas, e como tais inobservá-

moniscle" in *Real Encyclopädie für Protestantische Theologie und Kirche*, vol. IV, pp. 410-419; G. Sulzer, *Die Besessenheitsheilungen Jesu*, 1921.

22. Jeremias, *Teologia...*, op. cit., p. 146.

23. Skrzypczak, *A Demonologia...*, tradução, *O Demônio...*, op. cit., p. 44.

veis e portanto misteriosas para os conhecimentos médicos da época. Falo de doenças internas, não só psicológicas.

A distinção que estabeleço não é, como pretenderam alguns autores, entre doenças *físicas* e doenças *psíquicas* (ou entre *orgânicas* e *funcionais*), mas entre doenças com "motivo" *perceptível* e doenças por uma "causa" *não-perceptível*. A epilepsia e a loucura, por exemplo, podem ter causas orgânicas, cerebrais, mas tais lesões ou deficiências são internas, imperceptíveis. Certas paralisias, pelo contrário, podem ser psicógenas, histéricas nos seus começos, mas chegaram a provocar atrofia muscular claramente perceptível. Nestes casos, a paralisia, apesar de psicógena, não se atribuiria aos demônios. E a psicose ou epilepsia, apesar de orgânicas, seriam consideradas como "possessões".

Possessão igual a doença interna. Parece inegável. Era essa a crença corrente e a nomenclatura de Cristo e dos evangelistas.[24]

Um exemplo famoso, entre muitos. Apolônio de Tyana (497) era contemporâneo de Jesus. Estava um dia instruindo o povo, quando de repente é interrompido com os risos de um jovem, tão fortes e broncos, que eclipsavam a voz de Apolônio. O célebre pregador, encarando o jovem, disse: "Não és tu quem perpetra este insulto, senão o *daimon* que te conduz sem que tu o percebas". O historiador Filóstrato apresenta os motivos porque o jovem era considerado possesso: "E de fato o jovem estava, sem sabê-lo, preso por *daimones*, porque ria de coisas de que ninguém ria e logo se punha a chorar sem nenhuma razão e falava e cantava sem objetivo..."

Isto é, a loucura, a histeria, a conduta incompreensível poderiam ser atribuídas "ao jeito desrespeitoso da juventude que o induzia a tais excessos"; ou a "que estava incorrendo na alegria de um bêbado". Afirma-o expressamente Filóstrato. Mas era considerado possesso: "Na realidade era porta-voz de um *daimon*". Como possesso foi tratado o jovem:

> Quando Apolônio o fitou, o *fantasma* que havia nele o levou a lançar gritos de medo e de raiva, como os que emitem as pessoas que estão sendo maceradas ou despedaçadas. O *fantasma* jurou que

24. C. K. Barrett, *The New Testament background: selected documents*, Nova Iorque, Harper Torchbooks, 1961, pp. 77s.; N. Perrin, *Rediscovering the teaching of Jesus*, Nova Iorque, Harper, 1967, pp. 132-137; Rudolf Bultmann, *The history of the Synoptic Tradition*, 2ª ed., Oxford, Blackwell, 1968, pp. 218-244; Joseph Bonsirven, *Judaisme palestinien au temps de Jésus-Christ*, 2 vols., Paris, Beauchesne 1934-5, pp. 189-193; Strack, *Kommentar...*, op. cit., pp. 501-535 (para edições anteriores, pois troca a paginação, procurar o excursus 21, sobre a demonologia judaica).

abandonaria o jovem e nunca mais voltaria a fazer possessão de nenhum homem. Apolônio por sua parte, enérgico, dirigiu-se a ele... e ordenou ao *demônio* que abandonasse o jovem.[25]

Se observável não é o demônio. Quando a causa é perceptível, visível, talvez até palpável, nunca nos Evangelhos o doente é considerado endemoninhado.

Perante a lepra ou outras infecções da pele, os Evangelhos falam simplesmente de leprosos (Mt 8,1-4par.; Lc 17,11-19).

Fala-se simplesmente de cegos (Mt 9,27-31; 20,29-34; Mc 8,22-26; 10,46-53par.; Jo 9,1-41): os olhos estão vazios, ou as pálpebras estão grudadas, aparece a íris sem coloração, percebe-se a infecção — tão freqüente naquela época como sabemos pelas inscrições dos templos de cura como o de Epidauro — etc.

Não se chama endemoninhados aos paralíticos: tinham visivelmente deformados ou atrofiados os músculos, mesmo que só fosse por estarem sempre prostrados e terem de ser transportados em macas (Mc 2,1-12; Mt 9,1-8par.; Jo 5,1-16).

Não é endemoninhado o homem que todos vêem com a mão "seca" (Mt 12,9-14par.), possivelmente atrofiada, sem carne e disforme. Usa-se o mesmo termo que se aplica à árvore seca (Mc 11,20s.; Mt 21,19s.) e cortada (Jo 15,6) e sem raízes (Mt 13,6) etc.

Não é endemoninhado o hidrópico (Lc 14,1-6), que todos vêem inchado — pela excessiva acumulação de líquido nos tecidos do corpo.

Sabia-se de "certa mulher, que sofria de um fluxo de sangue fazia doze anos" (Mt 9,20par.). A sua cura por Jesus não é expulsão de demônios.

As doenças que apresentavam "causas" perceptíveis já estavam liberadas da interpretação demoníaca. Nenhuma alusão à atividade de agentes sobrenaturais nas doenças da sogra de Pedro (Mc 1,29-31), o servo do Centurião (Lc 11,1-10) e o filho do oficial real (Jo 4,46.54), a filha de Jairo (Lc 8,40-42, 49-56), a filha de sírio-fenícia (Mc 7,24-30), o surdo-gago (Mc 7,32-37), Malco a quem Jesus devolveu a orelha que Pedro cortara (Lc 22,50s.).

Nem são expulsões de demônios as ressurreições de mortos (Mt 8,18s.23-26par.; Lc 7,11-17; Jo 11,1-44; 20,1-10). A doença ou acidente prévio (ou Crucificação) eram manifestos e aí estavam a rigidez e palidez como "causas" visíveis da morte. Também

25. F. Filóstrato, *De Vita Apollonii a Tyana*, reimpressão, Londres, 1860, IV, 20; outro exemplo de possessão se encontra in Emmanuel Swedenborg, *A verdadeira religião christã*, Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1964.

observável e "causa" de doenças é a febre (Mt 8,14s.par.; Jo 4,43-54). Não é o demônio.

Em contraposição aos tempos antigos, nos quais o demônio da morte era figura muito popular, no Novo Testamento com dificuldade e só uma vez a morte poderia ser ligada ao demônio. Diz Paulo que Cristo veio, "a fim de destruir pela morte o dominador da morte, isto é, o Diabo" (Hb 2,14). É possível relacionar a frase de Paulo com a idéia da morte ser uma possessão de Tánatos, o *daimon* grego da morte?

Seria só esta única vez. Porque a frase de Cristo "Vós sois do diabo, vosso pai, e quereis realizar os desejos de vosso pai. Ele foi *homicida* desde o princípio" (Jo 8,44), não se refere à morte individual, mas à morte em geral de todos os homens, castigo do pecado original.

Tanto Cristo como Paulo visam diretamente à "morte" no Espírito: o pecado e as falsas doutrinas. Por isso Jesus acrescenta — Jo 8,14 — que o Diabo "não permaneceu na verdade, porque nele não há verdade: quando ele mente, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira. Mas, porque digo a verdade..."

Um caso duvidoso? Todos os casos concretos de "possessão" narrados pelos Evangelhos são doenças internas. A causa é cerebral ou psíquica, não há marcas ou deficiências externas que expliquem, para os antigos, a conduta anormal.

A acusação de expulsar demônios pelo poder de Beelzebul surgiu após a cura de um mudo (Mt 12,22ss.par.). Se uma pessoa tem a língua como a de todos os demais, por que não fala? Como poderiam os antigos diagnosticar uma lesão cerebral ou um trauma psicológico? Se não falava era porque tinha dentro um *daimon* mudo...

Mateus (12,22) acrescenta que o "endemoninhado" era também cego. Se o qualificativo "endemoninhado" se referia também à cegueira e não só à mudez, o doente teria os olhos perfeitos em aparência. Os Evangelhos nada dizem. Os contemporâneos entendiam. Nós temos de entendê-lo assim.

Com bastantes pormenores apresentam os evangelhos dois casos: o louco de Gergesa e o lunático do Tabor.

O endemoninhado de Gergesa. Expliquei nos capítulos V a VII os fatos mais diretamente parapsicológicos como a adivinhação, o sansonismo e a influência sobre os porcos.

O "possesso" era um louco. Megalomaníaco. "Perguntou-lhe Jesus: 'Qual é o teu nome?' Respondeu-lhe: 'Legião é o meu nome, porque somos muitos' " (Mc 5,9). A legião romana constava de 5.200 soldados! Tantos demônios pululando no corpo de uma só pessoa? Duro de aceitar.

Mas a resposta do louco é plenamente encaixável na típica e freqüentíssima megalomania. Para não sofrer complexos de inferioridade, muitos loucos declaram ser a reencarnação de Maria Antonieta, Napoleão, Júlio César..., ou estarem possuídos pelo próprio Lúcifer ou nada menos que por uma legião de demônios. Ninguém mais do que eles! A família sofre, mas eles são "felizes", ao modo deles. Ou os loucos têm de ser tomados a sério; ou os "possessos" (e "reencarnados" etc.) têm de ser considerados doentes psíquicos.

Provavelmente, a concretização de sua megalomania em considerar-se possuído nada menos que por uma legião de demônios lhe foi incutida pela opinião popular: quanto pior fosse uma doença, tanto mais demônios eram causadores dela. Um louco particularmente selvagem e furioso tinha de ter uma legião de demônios.

Aliás, os gergesenos se maravilharam até o ponto em que "o pânico se apoderou deles" na intuição do poder milagroso de Jesus, capaz de, num instante, fazer que um louco passasse a poder estar — na expressão idêntica de Marcos e Lucas — "sentado, vestido e no seu juízo" (Mc 5,15; Lc 8,35). Ora, estar *no seu juízo* é a contraposição a *estar louco*.

Que "causas" externas se percebem num louco? A causa é psíquica, funcional, hormonal ou cerebral. Em todo caso, meramente interna. Por isso se atribuía a loucura a um ou a uma legião de demônios.

Idêntica denominação para o louco da sinagoga de Cafarnaum (Mc 1,21-28 e Lc 6,31-37).

Neste sentido deve-se entender a passagem com referência a João Batista: qual sinal físico externo? Mas procedia de maneira estranha, excêntrica, incrível: vivia no deserto, vestia uma pele de camelo, pregava novidades e ameaças (Mt 3,1-12par.), não bebia vinho, e jejuava... Foi considerado um louco. Reproduzindo a opinião de outros, dizia dele Jesus Cristo: "João veio: ele não bebia e não comia, e disseram: ele está possesso de um demônio" (Mt 11,18par.).

O próprio Cristo fez afirmações que pareceram mirabolantes aos judeus. Consideravam-nas próprias de um louco, e disseram: "Agora vemos que és possuído por um demônio. Abraão morreu, e também os profetas. E tu dizes que se alguém guardar a tua palavra, jamais provará a morte..." (Jo 8,52). Em outra oportunidade perguntou Jesus: "Por que procurais tirar-me a vida?" Como não entenderam, em vez de comentar que aquilo era uma loucura respondeu o povo: "Tens um demônio! Quem procura tirar-te a vida?" (Jo 7,20).

O endemoninhado lunático. Outro "endemoninhado" de que se trazem dados bastante definidos para o diagnóstico é o menino que os discípulos não conseguiram curar (Mc 11,14-29par.). Evidentemente, trata-se de um epiléptico. Seleciono alguns sintomas da doença que correspondem à descrição evangélica.

Na fase tônica do "grande mal": 1) há perda de conhecimento e o paciente desmorona. 2) Pode ferir-se, ao cair. 3) O ar, contraindo-se o peito e a barriga às vezes ao mesmo tempo, é expulso com força, e quase sem espaço de saída é expelido violentamente provocando o peculiar "grito do epiléptico".

Escrevem os evangelistas: 1) "Quando ele o toma, atira-o pelo chão" (Mc 9,18), "o demônio o jogou por terra" (Lc 1,42), "caindo por terra" (Mc 9,20). 2) "Deixando-o dilacerado" (Lc 9,39), "muitas vezes cai no fogo e outras muitas na água" (Mt 17,15), "muitas vezes o atira ao fogo e água para fazê-lo morrer" (Mc 9,22). 3) "Subitamente grita" (Lc 9,39), "Gritando... saiu. E o menino ficou como se estivesse morto" (Mc 9,26).

Na fase clônica, convulsiva ou espasmódica: 1) dão-se contrações musculares intermitentes e violentas — quando também podem repetir-se os gritos do epiléptico e pode também assim ficar "dilacerado". 2) Como efeito do violento abrir e fechar da boca, misturam-se o ar e a saliva, originando-se a típica "baba do epiléptico" — nestas contrações pode-se morder e até cortar a língua.

Está escrito: 1) "Sacode-o com violência", "agitou-o com violência" (Lc 9,39-42), "o espírito... agitou com violência... rolava", "agitando-o violentamente saiu" (Mc 9,20 e 26). 2) "E ele espuma, range os dentes e fica ressequido", "rolava espumando" (Mc 9,18 e 20).

Na fase pós-convulsiva, de coma ou confusa, o paciente fica num sono anormal e profundo — a natureza se recupera da terrível tensão anterior.

Do menino curado por Cristo os Evangelhos constatam: "O menino ficou como se estivesse morto, de modo que muitos diziam que ele tinha morrido" (Mc 9,26).

Parece lícito identificar o desmaio na fase tônica e o coma na fase pós-convulsiva com a mudez e surdez que também se atribuem ao epiléptico: "Meu filho que tem um espírito mudo", "espírito mudo e surdo" (Mc 9,17-25).

O psiquiatra Dr. Jean Lhermitte admirou-se da capacidade de observação dos Evangelhos: "É difícil ser mais explícito e mais exato na descrição do mal epiléptico criptogenético (isto é, "por causa interna" na expressão que estou usando). Não falta nenhum caráter essencial da enfermidade".[26]

É significativo que o evangelista Mateus transmita o diagnóstico exato e expresso que o pai sabia da doença do menino: "Senhor, tem compaixão de meu filho, porque é *lunático*" (Mt 17,15). Existia naquele tempo a crendice de que os epilépticos eram influenciados pelas fases e a luz da lua, erro que inclusive compartirá Galeno, o grande médico do século II. Lunático, nome "técnico" de então para designar a epilepsia.

Regra sem exceções. Com "causas" externas nenhum doente era considerado endemoninhado.

Não constitui exceção a "mulher possuída há dezoito anos por um espírito que a tornava enferma; estava inteiramente recurvada e não podia de modo algum levantar a cabeça... Esta filha de Abraão, que Satanás prendeu há dezoito anos" (Lc 13,11-16).

Fosse seu corpo perfeito poderia ser considerada endemoninhada: o manter-se curvada poderia equiparar-se a um distúrbio de conduta, e portanto ser considerada como possuída por um *daimon*. Mas dificilmente se poderá admitir que não houvesse no corpo da mulher mais sinal externo que o próprio estar curvada. Qual era a "causa" externa? Estaria ela deformada? Corcunda? Teria um manifesto desvio da coluna (escoliose)? Raquitismo? Nesse caso de nenhum jeito poderia ser considerada endemoninhada...

E de fato nada obriga no texto a aceitar que então interpretavam este caso como de possessão demoníaca. Tudo o contrário. "Um espírito que a tornava enferma", ou como outras versões preferem "um espírito de doença" (v. 11) é equivalente a "doença" simplesmente. É equivalente à expressão que pouco depois (v. 12) se emprega quando Jesus diz: "Estás livre de tua doença", doença, agora sem ser precedida pela palavra espírito.

Em outros muitos textos do Novo Testamento emprega-se a expressão "espírito de..." para designar exclusivamente o modo de proceder que vem após a palavra espírito. É o genitivo de qualidade, expressão também usada nas línguas vernáculas, mas especialmente freqüente entre os hebreus: "Espírito de escravos" (Rm

26. Jean Lhermitte, *Le problème des miracles*, 4ª ed., Paris, Gallimard, 1956, p. 35.

8,15), "espírito de filhos adotivos" (ibidem), "espírito do medo", "espírito de força, de amor e de sobriedade" (2Tm 1,7), "espírito da graça" (Hb 10,29), "espírito de Deus...; espírito do Anticristo" (1Jo 4,1-3), "espírito de sabedoria e de revelação" (Ef 1,17) etc. Portanto, "espírito de doença" de nenhum modo é sinônimo de demônio; é sinônimo de doença.

Cristo ter dito que Satanás a tinha presa só confirma o que estamos dizendo: todas as doenças eram relacionadas com o Diabo, consideradas como estando sob o domínio de Satanás, mas não no sentido de possessão.

"Sentimo-nos bastante seguros em nossa posição de não considerar a narração como um exemplo de possessão", afirma Cortés,[27] apoiado por Smit,[28] Tonquédec,[29] Monden,[30] Van der Loos,[31] Foerster[32] etc. De fato, como conclui White: "Só mediante um incrível esforço de linguagem poderia chamar-se a isto possessão diabólica".[33]

O gago. E também não constitui exceção o caso do surdo-mudo a quem Jesus curou com saliva e um "Ephphata" = abre-te. Todos os mudos e surdos são apresentados como possessos. É doença sem "causa" externa. Como a este surdo-mudo não o chamam de endemoninhado?

É Marcos quem narra a cura (Mc 7,31-37). Diz que era "mogilalon" (em neutro). A palavra grega pode significar perfeitamente, e no sentido primário e etimológico, gago (*mogis* = com dificuldade, *laleo* = *falar*). Em vez de *mogilalon*, poderia ter sido originário o neutro *moggilalon* = que fala com voz rouca[34] (ou *mogolalon* = ...com esforço; ou *migalon* = ...confusamente; ou *megalon* = ...com voz forte).

Contra a tradução da Vulgata e demais traduções antigas ("surdo-mudo"), aquele homem falava, embora rouco ou com dificuldade. O termo *gago* é o empregado nas traduções modernas. A Bíblia de Jerusalém em vez de *surdo-mudo* traduz "um surdo

27. Cortés, *Proceso*..., op. cit., p. 241.
28. Smit, *De Daemoniacis*..., op. cit., pp. 179-180.
29. Joseph de Tonquédec, S.J., "Aspects of Satan's activity" in Jésus-Marie, op. cit., p. 46, nota 1.
30. Monden, *Signs and Wonders*..., op. cit., p. 159, nota 85.
31. Van der Loos, *The miracles*..., op. cit., p. 520.
32. Foerster, "Satan" in Kittel, *Theologisches*..., op. cit., tomo VIII, p. 159.
33. V. White, *God and Unconscious, Cleveland*, The World Publishing, 1952, p. 194.
34. Taylor, *The gospel*..., op. cit., p. 354.

que gaguejava" (Mc 7,32). Tem valor a expressão do evangelista: após a cura, aquele homem "falava corretamente" (Mc 7,35). Não diz que conseguiu falar, mas que conseguiu falar corretamente. Antes dissera que "se soltou a trava de sua língua", ou (na tradução da Bíblia de Jerusalém) "a língua se lhe desprendeu", o que alude a dificuldade anterior melhor que à mudez.

Não sendo mudo, não era surdo de nascença, pois aprendeu a falar. Portanto, teria ficado surdo e gago em conseqüência de alguma doença ou acidente. Tendo sido acidente, até possivelmente ficassem cicatrizes. Por acidente ou por uma doença *externa*, se compreende que não o chamassem endemoninhado.[35]

"Daimonia". A intenção desmitificante dos evangelistas parece evidente. Os Evangelhos distinguem entre *daimonion* e *daimon*. Aparecem os "endemoninhados" como sendo pessoas que têm *daimonion*, 11 vezes em Mateus, 14 em Marcos, 23 em Lucas e 6 em João. A palavra *daimon* (*daimones*, em plural) aparece uma única vez nos Evangelhos.

Parece importante o fato. *Daimonion* é forma neutra. É fácil ver nas expressões evangélicas que *daimonion* não se concebe como ser pessoal, mas como coisa, algo impessoal. Sublinhou há tempo Trench: "*Daimon* ou *daimonion*... não são perfeitamente equivalentes. Em *daimon* há maior implicação de personalidade do que em *daimonion*".[36] A mesma tese defende Hafner,[37] citado e endossado por Smit,[38] Foerster[39] etc.

No único caso em que os Evangelhos (Mt 8,31) usam o termo *daimones*, é porque os demônios tinham sido identificados com os homens "possessos" como se formassem uma só coisa com eles. Eram os dois "possessos" — demônios e homem numa unidade — que gritavam: "Que tens a ver conosco, Filho de Deus? Vieste aqui para nos atormentar?" Eram os "possessos" uma unidade visível como humana — os que "eram tão furiosos que pessoa alguma ousava passar por ali". Evidentemente que eram os homens — "possessos", sim, mas homens — os que atacavam os transeuntes. Eram eles os que viviam no cemitério... Por isso aqui se emprega o termo pessoal *daimones*.

35. Cortés, *Proceso*..., op. cit., pp. 243-245.
36. R. C. Trench, *Notes on the miracles of Our Lord*, 10ª ed., Londres, 1874, p. 167.
37. G. Hafner, *Die Dämonischen im Neuen Testament*, Frankfurt, 1894.
38. Smit, *De Daemoniacis*..., op. cit., p. 174, nota 1.
39. Foerster, "Daimon" in Kittel, *Theologisches*..., op. cit., tomo II, p. 8.

Em vez de "possuídos por demônios", as traduções deveriam dizer "afligidos por forças nocivas" ou "vexados por transtornos malignos", ou outras expressões equivalentes. Termos imprecisos, meio misteriosos..., designam com mais precisão o que na época se entendia por *daimonion*. Não levam o leitor moderno a pensar erradamente em anjos rebeldes, demônios, divindades, espíritos..., atormentando os doentes.

Curar e sarar. Considerar o termo "endemoninhado" como designando uma doença especial enquadra-se perfeitamente com outro termo — também muito desmitificante — que freqüentemente o acompanha: o "possesso" é *curado*, *curare* em latim, *therapeúein* em grego; o "endemoninhado", *sara*, *sanare* em latim, *iásthai* em grego.

"Traziam todos os que eram acometidos por doenças diversas e atormentados por enfermidades, bem como endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os *curava*" (Mt 4,24); "Trouxeram-lhe um endemoninhado cego e mudo. E ele o *curou*" (Mt 12,22); "'A minha filha está horrivelmente endemoninhada'... E a partir daquele momento sua filha ficou *curada*" (Mt 15,22,28); "Eu o trouxe aos teus discípulos, mas eles não foram capazes de *curá-lo*... Jesus o exconjurou e o demônio saiu dele. E o menino *ficou são* (curado) a partir desse momento" (Mt 17,16-18); "Os atormentados por espíritos impuros também eram *curados*" (Lc 6,18); "*Curou* a muitos de doenças, de enfermidades, de espíritos malignos" (Lc 7,21); "Os Doze o acompanhavam, assim como algumas mulheres que haviam sido *curadas* de espíritos malignos e doenças" (Lc 8,1-2); "As testemunhas então contaram-lhe como fora *salvo* (como tinha *sarado*) o endemoninhado" (Lc 8,36); "Jesus, porém, conjurou severamente o espírito impuro, *curou* a criança e a devolveu ao pai" (Lc 9,42); "Trazendo doentes e atormentados de espíritos impuros, e todos eram *curados*" (At 5,16).

Saram e se *curam* doentes. Expulsam-se, portanto (ou saem, vão embora, abandonam, deixam os corpos — expressões também bíblicas), as doenças.

Diagnóstico expresso. Mais ainda. Freqüentemente os Evangelhos junto ao termo "endemoninhado" apresentam também expressamente o nome concreto da doença de que se trata.

A respeito do "endemoninhado" curado "pelo poder de Beelzebul" (2Lc 11,14) diz que "Jesus expulsava um demônio que era mudo. Ora, quando o demônio saiu, o *mudo* falou". As palavras

de Mateus são quase idênticas em um caso (Mt 9,32s.); e em outro caso diz: "Então trouxeram-lhe um endemoninhado *cego* e *mudo*. E ele o curou..." (Mt 12,22). Do menino para quem seu pai pedia piedade "porque é *lunático*" (Mt 19,14), o pai diz também: "Meu filho tem um espírito mudo". E Cristo intima ao "espírito *mudo* e *surdo*" (Mc 9,17-25). Talvez devamos acrescentar o caso do "endemoninhado" gergeseno: dizer que ficou "no seu juízo" (Mc 5,15 e Lc 8,35) é quase expressamente dizer que tinha algum tipo de *loucura*.

Em outras ocasiões, pela descrição dos sintomas, é possível diagnosticar a doença concreta, como fiz no caso do "endemoninhado" na sinagoga de Cafarnaum. Quando não se pode deduzir qual é a doença que sofre o "endemoninhado" é só porque os evangelistas nenhum dado, nenhum sintoma apresentam.

Ora se nomeia expressamente, ora se deduz a doença que sofrem os "endemoninhados". Havendo uma possível explicação natural, deve-se excluir qualquer interpretação demoníaca.

Distinção entre doenças e possessão? Não se pode objetar que os Evangelhos distinguem entre doenças e "possessões".

Balducci, por exemplo, apresenta como supremo argumento que "Jesus e os evangelistas distinguem de modo explícito entre cura dos doentes e expulsão dos demônios... Deve-se especialmente sublinhar (a passagem) na qual Jesus dá aos seus discípulos o poder de expulsar os demônios distinguindo-o claramente daquele de curar os doentes".[40]

Nove textos neotestamentários poderiam ser citados. Em todos eles é cabível a distinção entre doenças internas e externas, perceptíveis e imperceptíveis.

É o que basta em três textos de Marcos:

1) "Ao entardecer quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados... E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios" (Mc 1,32,34).

2) "Expulsavam muitos demônios, e curavam muitos enfermos, ungindo-os com óleo" (Mc 6,13).

3) "Estes são os sinais que acompanharão aos que tiverem crido, em meu nome expulsarão demônios..., imporão as mãos sobre os enfermos, e estes ficarão curados" (Mc 16,17s.).

Explicitação sob rótulo amplo. Em relação aos outros seis textos, só encaixa perfeitamente a distinção entre doenças perceptíveis e imperceptíveis. Não cabe distinção entre doenças e endemoninhados.

40. Balducci, *Gli indemoniati...*, op. cit., p. 58, nota 44.

4) O texto de Mateus (8,16) de acordo com o original é: "Ao entardecer, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele com sua palavra expulsou os espíritos e curou a todos os que estavam mal".

Não se está falando de outros tipos de doentes, mas unicamente dos chamados endemoninhados. "Trouxeram-lhe muitos endemoninhados", não se diz que lhe trouxeram também doentes (outra classe de doentes). A frase a seguir pode ser uma explicação da cura destes endemoninhados, só deles se fala: "Ele expulsou os espíritos e curou a todos que estavam mal"; poderia interpretar-se no sentido de que entre os "endemoninhados" alguns se encontravam então mal, por exemplo tendo convulsões; outros endemoninhados estavam então tranqüilos. O sentido seria: "Ao entardecer trouxeram-lhe muitos doentes desses que se chamam possessos. Com sua palavra ele curou a todos, mesmo os que estavam então em crise".

Em todo caso, se a exegese que proponho fosse forçada, o texto admitiria a distinção entre doenças internas e externas.

5) Exata inversão da ordem entre os sinônimos fazem os Atos dos Apóstolos: sob o rótulo de enfermos arrolam-se também os "endemoninhados": "Deus operava pelas mãos de Paulo milagres extraordinários, a tal ponto que bastava que se aplicassem *sobre os doentes* lenços e aventais que tivessem tocado seu corpo; então, as doenças os deixavam e os espíritos maus se retiravam" (At 19,11s.).

Isto poderia significar o seguinte: "Paulo curava, até pelo contato de suas roupas, *todo tipo de doentes*: tanto as doenças externas como as internas". Os chamados possessos, repetimos, são incluídos sob o rótulo geral de doentes.

Estilo reiterativo. É estilo coloquial, enfatizante:

6) "Deu-lhes autoridade de expulsar os espíritos imundos e de curar toda a sorte de males e enfermidades" (Mt 10,1). Não se quer contrapor "todos os males" (outra tradução seria: "todas as doenças") a "todas as enfermidades".

7) "Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios" (Mt 10,8). Não se quer excluir do conceito de "doentes" o de "leprosos". Os leprosos não são doentes ou enfermos? Enfermidade e doença não são sinônimos? Assim também os "possessos" são um tipo a mais de enfermidade.

Poderíamos traduzir livremente esses dois textos de Mateus assim: "Conferiu-lhes poder de curar todo tipo de doentes ou enfermos, inclusive leprosos e esses outros mais graves ou misteriosos

chamados possessos, até sobre a última e mais grave doença, a própria morte".

8) Este estilo reiterativo, de acumulação, enfático que não implica contraposição exclusiva entre doenças e possessões, é manifesto em outro texto do Evangelho de Mateus (4,24): "Traziam todos os que eram acometidos por doenças diversas e atormentados por enfermidades, bem como endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curava".

9) Idêntica consideração para os Atos dos Apóstolos: "De muitos possessos, efetivamente, saíam os espíritos impuros, dando grandes gritos. Numerosos paralíticos e aleijados foram igualmente curados" (At 8,7s.). Os paralíticos são doentes. Os aleijados também. Também os possessos.

"Isto é". A exegese por explicitação sob rótulo mais amplo é proposta pela maioria dos autores que rejeitam a interpretação demonológica.[41] Está de acordo com o grego bíblico. Se bem se observa, explicitação e estilo reiterativo não se excluem, antes se identificam às vezes. "Muitos deles diziam: Ele tem um demônio! Está louco!" (Jo 10,20). No original grego há um *Kai*. A tradução literal seria por meio da conjunção copulativa "e". Mas seu sentido, segundo os puristas gregos, muito provavelmente seria epixegético ou explicativo (e às vezes reiterativo).[42]

Deveria ser traduzido, se não fosse dissonante nas línguas vernáculas, por "isto é", "e portanto", "quer dizer", "ou", "ou seja" etc.: "Ele tem um demônio, isto é, está louco". Esta tradução se confirma com a que deveria ter em outros textos: "Pois de sua plenitude todos nós recebemos, *quer dizer,* graça" (Jo 1,16). "Se conhecesses o dom de Deus, *ou seja,* quem é que te diz 'dá-me de beber!'" (Jo 4,10). "Dizei à filha de Sião: 'Eis que o teu rei vem a ti, manso, *e portanto,* montado em um jumento, *ou* em um jumentinho filho de uma jumenta'" (Mt 21,5).

Nesse sentido explicativo e reiterativo, além do texto demonológico antes citado, poder-se-iam traduzir cinco outros textos excluindo-se neles qualquer distinção entre doentes e possessos. Inclusive só se falaria de "possessos", reiterando a expressão. Interessaria ao evangelista destacar para seus leitores este aspecto, dada a quantidade de curandeiros exorcistas que pululavam, que curavam sempre por meio de exorcismos. Exorcizar seria equivalente a curar.

1) "Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos, *isto é,* endemoninhados... E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades (inclusive internas), *isto é,* expulsou muitos demônios. Não consentia, porém, que os demônios falassem, pois eles o conheciam" (Mc 1,32-34).

2) Também no texto paralelo de Mateus (8,16-17). "Ao entardecer, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele com uma palavra, expulsou os espíritos, *ou seja,* curou todos os que estavam enfermos (inclusive de doenças internas), a fim de se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: Levou as nossas enfermidades, *quer dizer,* carregou nossas doenças" (Mt 8,16-17).

3) "Chamou os doze discípulos e deu-lhes autoridade de expulsar os espíritos imundos, *isto é,* de curar toda sorte de males ou enfermidades" (Mt 10,1).

4) Também no texto paralelo de Lucas: "Convocando aos Doze, deu-lhes poder, *isto é* autoridade sobre todos os demônios, *isto é,* para curar (inclusive este tipo de) doenças" (Lc 9,1), todas as doenças.

5) "Ide dizer a esta raposa: 'Eis que eu expulso demônios, *quer dizer,* realizo (toda sorte de) curas hoje e amanhã e no terceiro dia vou terminar!'" (Lc 13,32).

"Vi Satanás..." Quando os grupos dos 72 discípulos enviados dois a dois iam voltando, todos satisfeitos porque expulsaram demônios, Jesus lhes confirmou que se tratava mesmo de demônios? "Senhor, até os demônios se nos submeteram no teu nome!" Jesus os felicitou dizendo: "Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago" (Lc 10,17s.).

A frase parece estar fora de lugar. Cristo não a teria dito como resposta aos discípulos entusiasmados, senão em outra oportunidade e em outro contexto. Muitos exegetas pensam que a frase não estava no texto original de Lucas.[43]

Parece que esta frase de Jesus não se refere nada à expulsão de demônios. Era impossível que os discípulos a entendessem como se referindo à expulsão de demônios, porque "em primeiro lugar nunca se estabeleceu, nem na etapa posterior (do judaísmo), conexão estável entre Satanás e os espíritos impuros ou demônios causadores de doenças", afirmam os eminentes teólogos do Dicio-

41. Cortés, *Proceso...*, op. cit., p. 124.
42. Blass, *A Greek Grammar...*, op. cit., p. 442; M. Zerwick, *Graecitas Biblica,* 5.ª ed., Roma, Instituto Bíblico Pontifício, 1966, p. 455.
43. Haag, *El Diablo. Su existencia...*, op. cit., pp. 208-212.

nário Teológico de Kittel.[44] Por exemplo, no apócrifo *Testamento dos Doze Patriarcas* e nos manuscritos de Qumran, Deus é que se identifica com os demônios *causadores de doenças* (*Test Rub* I, 7-9; *Test Sim* II, 12; *Test Gad* V, 9-11; *1Q Gn Apoc* — Qumran Gênesis Apócrifo — XX, 16-29), nunca estes demônios são vinculados a Satã. Os "maus espíritos", que nos testamentos de Rúben, de Simeão, e de Issacar e nas regras qumranianas da Comunidade e da Guerra estão submetidos a Satã ou Belial, são os *tentadores*, os que induzem ao pecado (*Test Rub* II e III; *Test Sim* II, 7 e III; *Test Is* IV, 4; *1QS* IV, 9-11; *1QM* XIII, 11s.). Para os discípulos, Satanás e os demônios eram coisas completamente diferentes.

A frase ou visão de Cristo tem um significado religioso, profético, da vitória do cristianismo sobre o mal.

Ordens pessoais. Os "demonófilos" objetam: trata-se de verdadeiros demônios; "Jesus o confirma com o modo de comportar-se com os obsessos, porque, em tais casos, com suas palavras demonstrou que se estava enfrentando não com uma doença, mas com entidade diferente da do doente, impondo-lhe energicamente que abandonasse aquele paciente".[45]

Podem-se invocar três textos: 1) Cristo, ao pé do monte Tabor, para curar o epiléptico "conjurou severamente o espírito impuro dizendo-lhe: 'Espírito mudo e surdo, eu te ordeno, deixa-o e nunca mais entres nele'" (Mc 9,25). 2) Para curar o louco da sinagoga de Cafarnaum, "Jesus, porém, o conjurou severamente: 'Cala-te e sai dele'" (Mc 1,25 e Lc 4,35). 3) Para libertar um louco furioso — ou dois — e com fenômenos histeroparapsicológicos na terra dos gergesenos, "Jesus lhe dizia: 'sai deste homem, espírito impuro'" (Mc 5,8).

Em primeiro lugar é excelente tática psicológica acomodar-se à mentalidade do doente para, uma vez estabelecido o *rapport*, arrancá-lo do seu auto-hipnotismo. Jesus poderia saber disto por experiência.

Alguns exegetas argumentam que *increpar* (*epitimáô*, no original grego) não teria sentido se Jesus se dirigisse a uma doença e não a um demônio. *Epitimáô* é imposição forte, repreensão ou ordem severa. Igualmente, quando manda calar o "demônio" usa-se no grego o verbo *phimóô*, que significa *amordaçar*.

44. Foerster, "Daimon" in Kittel, *Theologisches*..., op. cit., tomo II, p. 14.

45. K. V. Knur, *Christus medicus?*, Florença, Fiorentina, 1907, p. 61.

Na realidade mesmo supondo que Cristo quisesse entrar em ciência (capítulo II)..., o mesmo verbo *epitimáô* que ele usa com o "demônio", o usa quando se dirige aos ventos (Mt 8,26), ao mar (Mt 8,26), às ondas (Lc 8,24), à febre (Lc 4,39). E o mesmo verbo *phimóô*, Cristo o usa também quando se dirige ao mar e aos ventos (Mt 4,34).

Manda, prescreve, *epitássô* aos "demônios" (Mc 1,27; Lc 4,36; 8,31; Mc 9,25), mas a mesma palavra é empregada contra o vento e as ondas (Lc 8,25).

Idêntica comparação de textos vale para a expressão freqüente nos Evangelhos: os demônios *saíam* dos possessos (por exemplo, Lc 4,41). É similar a expressões como "a febre *a deixou*" (Mc 1,31 e Jo 4,52), "e logo a lepra o *deixou*" (Mc 1,42; Lc 5,13). Os evangelhos não chamam de endemoninhado alguém com febre ou um leproso (é uma doença manifesta e visível externamente). Mas dizem que a lepra e a febre o abandona. A mesma figura que se aplica ao espírito imundo que sai...

Com tais expressões bíblicas não se afirma que o vento, as ondas, a tempestade, a febre e a lepra são demônios.

Diferença de atitude. Muitos objetam que Jesus não tocava ou não se deixava tocar pelos "possessos" e sim pelos doentes. A mesma diferença de atitude se encontraria nos apóstolos. Não quereriam contaminar-se com os demônios.

Simplesmente, é provável que não seja verdade essa distinção. O evangelista diz: "Ao pôr-do-sol, todos os que tinham doentes: atingidos de males diversos (de *qualquer* enfermidade), traziam-nos, e ele *impondo as mãos sobre cada um*, curava-os. De um grande número também *saíam demônios gritando*..." (Lc 4,40s.). *Os atormentados por espíritos impuros* também eram curados. E *toda a multidão* procurava *tocá-lo*, porque dele saía uma força que a *todos curava*" (Lc 6,16s.). Expressões semelhantes podem se encontrar em Marcos: "Havia curado muita gente. E *todos* os que sofriam de alguma enfermidade *lançavam-se sobre ele* para *tocá-lo*. E os *espíritos impuros*, assim que o viam, caíam a seus pés e gritavam..." (Mc 3,30).

"Caíam a seus pés", "prostravam-se diante dele": o costume era abraçar as pernas e beijar os pés.

Nos Atos dos Apóstolos: "A ponto de serem os doentes transportados para as praças e depostos lá em leitos e catres, a fim de que, ao passar Pedro, *ao menos* sua sombra *cobrisse alguns deles*. A multidão acorria mesmo das cidades vizinhas de Jerusa-

lém, trazendo doentes e *atormentados de espíritos impuros*, e todos eram curados" (At 5,15s.).

Jesus às vezes não tocava os doentes comuns. Por exemplo: "Eu te ordeno — disse ele ao paralítico —, levanta-te, toma teu leito, e vai para tua casa" (Mc 2,11). Tudo está a indicar que sem tocá-lo. Curava doentes e ressuscitava mortos inclusive à distância, como o filho — não "possesso" — do oficial real (Jo 4,43-54) e o servo — não "possesso" — do centurião (Mt 8,5-13; Lc 7,1-10). Igual que a filha "possessa" da cananéia ou siro-fenícia:

Eis que uma mulher cananéia... veio gritando: "Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim: a minha filha está horrivelmente endemoninhada"... Jesus lhe disse: "Mulher, grande é a tua fé! Seja feito como queres". E a partir daquele momento sua filha ficou curada (Mt 15,22-28).

Uma mulher cuja filha tinha um espírito impuro..., lhe rogou que expulsasse o demônio de sua filha... E ele respondeu: "Pelo que disseste (pela tua fé), vai: o demônio já saiu da tua filha". Ela voltou para casa e encontrou a criança atirada sobre o leito. E o demônio tinha ido embora (Mc 7,25-30).

Jesus curava "endemoninhados" exatamente com o mesmo procedimento com que curava doentes comuns, e vice-versa. Com sua palavra: "Com uma palavra expulsou os espíritos e curou todos os que estavam enfermos" (Mt 8,6).

Não é válida, portanto, a afirmação de que Jesus tocava os doentes e esquivasse os "endemoninhados".

E mesmo que houvesse tal diferença de atitude, ao menos em alguns casos, poderia responder simplesmente ao receio em Cristo e nos apóstolos de serem agredidos pelos "endemoninhados", convulsivos, histéricos e inclusive furiosos.

Costume dos exorcismos. Outra objeção dos "demonófilos": Jesus deu aos discípulos um duplo poder: curar e exorcizar. Ele mesmo empregava um ritual para expulsar demônios, diferente do usado em doentes comuns.

Os exorcistas da época tinham seus ritos peculiares. Na mitologia dos caldeus, quando uma pessoa "comete uma falta — voluntariamente ou não — o deus irritado abandona seu cliente, seu deus irritado sai do seu corpo... e este, sem defesa, é vítima dos demônios-doenças". O tratamento responde lògicamente às diversas indicações que decorrem da natureza da doença: 1º) Enternecer o deus irritado e reconciliar o enfermo com ele; 2º) Expulsar o demônio que tomou posse do corpo do enfermo. O perdão do deus se obtém pela oração acompanhada da oferenda de um sacrifício; o exorcismo do demônio, por encantamento e por purificações às vezes, mais raramente por um sacrifício" de animais (mas mesmo de pessoas).

Como as palavras e os ritos tinham para o babilônio um poder concreto,[46] todas as cerimônias eram acompanhadas por práticas e gestos, fixados pela tradição, que constituem ritos imutáveis. Entre as práticas utilizadas, encontra-se a "substituição": o cordeiro é o substituto da humanidade... O animal sacrificado tinha tomado sobre si o pecado do doente; o deus deveria mostrar-se satisfeito.[47]

Esta mentalidade mágica e a prática de exorcismos na terra de Canaã, os hebreus a tinham estampada na própria Bíblia que continuamente liam. Por exemplo:

Quando entrares na terra que Javé, teu Deus, te dará, não aprendas a imitar as abominações daqueles povos. Que em teu meio não se encontre alguém que *queime seu filho ou sua filha* nem que faça presságio, oráculo, adivinhação ou magia, ou que pratique *encantamentos*, que interrogue espíritos ou adivinhos, ou ainda que invoque os mortos, pois quem pratica essas coisas é abominável a Javé e é por causa dessas abominações... (Dt 18,9-12). Aos antigos habitantes de tua terra santa, tu os aborreceste por causa de suas práticas detestáveis, ritos execráveis, atos de magia, esses cruéis *infanticídios*, banquetes *canibalescos* de vísceras e sangue humano, esses iniciados membros de confraria (mistérios orgíacos) e pais *assassinos* de vida sem defesa, decidiste eliminá-los (Sb 13,3-5).

Estes sacrifícios humanos tinham finalidade mágica e de exorcismo.

Muitos israelitas acreditavam e temiam as práticas mágicas. Precisamente porque acreditavam e praticavam a magia e espiritismo, a Bíblia o proíbe tão enérgica e freqüentemente.

É significativo o episódio do rei Moab: ante o ataque dos israelitas, imolou seu próprio filho primogênito em holocausto sobre o muro da cidade, e os israelitas — bem provavelmente aterrados pelos poderes demoníacos que pensavam que este sacrifício desencadearia — levantaram o cerco da cidade e fugiram (2Rs 3,26-27).

No Novo Testamento. A Igreja Primitiva não teria feito exorcismos ou conjuros se não tivesse observado essa prática entre os judeus como entre os gentios com que convivia. Em vez de con-

46. G. Contenau, "De la valeur du nom chez les Assyriens et les Babyloniens" in *Revue d'Histoire des Religions*, tomo 91, 1920.
47. Rutten, *La science...*, op. cit., p. 69, cf. Contenau, *La médicine...*, op. cit.

denar, como no Antigo Testamento, essas "práticas detestáveis, abomináveis, execráveis", preferiu purificar e santificar o costume.

Foi do ambiente, não de Cristo nem dos apóstolos, que a Igreja herdou os exorcismos. Nem Jesus nem os apóstolos foram exorcistas. Eles curavam. Só.

Exorcismo vem do verbo grego *exorkizo*, que significa conjurar, fazer jurar. (Em nome de Deus, no Novo Testamento).

Os exorcismos eram prática corrente entre os judeus contemporâneos de Jesus.

Paulo reflete o ambiente:

Se o sangue de bodes e de novilhos e se a cinza da novilha, espalhada sobre os seres ritualmente impuros, os santifica, purificando os seus corpos... Segundo a lei, quase todas as coisas se purificam com sangue, e sem efusão de sangue não há remissão (Hb 9,13,22).

Os discípulos queixaram-se: "Mestre, vimos alguém que não nos segue, expulsando demônios em teu nome, e o impedimos (Mc 9,38par.). É possível que os discípulos pensassem que expulsar demônios — curar doenças internas — só com a palavra, sem ritual e sem sangue, era uma novidade, uma originalidade de Jesus, portanto queriam a "patente". Na realidade, existiam conjuros — exorcismos — simplificados.

Se os exorcistas — na realidade curandeiros — não fossem comuns, se não fossem um hábito necessário para a mentalidade mágica dos judeus, Jesus não poderia ter perguntado: "Se eu expulso os demônios por Beelzebul, por quem expulsam os vossos filhos?" (Mt 12,27par.).

Jesus, um exorcista? O problema é saber se Jesus se acomodava à prática da maioria com mentalidade mágico-exorcista, ou se pertencia à reação culta introduzida pelos médicos gregos.

Na realidade, Jesus Cristo nem foi exorcista nem conferiu aos seus discípulos o poder de exorcizar. Estamos nos referindo ao emprego de algumas fórmulas ou ritos especiais. Cristo simplesmente curou e deu poder de curar *todas* as doenças *internas e externas*.

O Pe. Cortés, S.J., parece que é o primeiro a se insurgir contra a opinião de que Jesus praticara exorcismos.[48]

Jesus curava os "possessos" (isto é, os pacientes de doenças internas), exatamente da mesma maneira que curava os outros pacientes de doenças externas. Com sua palavra, pela imposição das mãos, com sua presença, pela sua autoridade. Sem exorcismos.

Em poucos casos Jesus usou certo "ritual":

Levando-o a sós para longe da multidão, colocou os dedos nas orelhas dele e, com saliva, tocou-lhe a língua. Depois, levantando os olhos para o céu, gemeu, e disse: *Ephphatha* (Mc 7,33s.). Tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia, e, cuspindo-lhe nos olhos e impondo-lhe as mãos... (Mc 8,23). Cuspiu na terra, fez lama com a saliva, aplicou-as sobre os olhos do cego e lhe disse: "Vai lavar-te na piscina de Siloé" (Jo 9,6s.).

Mas precisamente nestes casos trata-se de doenças externas, não de "endemoninhados"!

Nem se trata de verdadeiro ritual. Jesus tocava os olhos para entrar em comunicação com o cego. Tocava os ouvidos para entrar em comunicação com o surdo. Olhava para o céu para orar e para induzir o surdo à oração.

Nos casos de cura de "endemoninhados" não encontramos qualquer coisa semelhante a rituais, fórmulas, esconjuros... Os pacientes de doenças internas ("endemoninhados") curam-se simplesmente pela vontade de Jesus.

Jesus nunca usou o termo *exorkizo*. Precisamente as duas únicas vezes em que nos Evangelhos aparece é contra Jesus: "Conjuro-te — *exorkizo* — por Deus, que não me atormentes!" (Mc 5,7) diziam os "demônios" no país dos gergesenos. E Caifás: "Eu te conjuro — *exorkizo* — pelo Deus vivo que nos declares se tu és o Messias!" (Mt 26,63). Os judeus, como os babilônios, exorcizavam, mas não Jesus. Nem seus discípulos.

Poder-se-ia interpretar como esconjuro, exorcismo, o modo autoritário que alguma vez utilizaram os apóstolos para curar as doenças internas então atribuídas aos demônios? Por exemplo no caso da escrava "que tinha um espírito de Pitão". Frisemos que não se trata de demônios cristãos, senão de um *daimon* ou deus pagão, a serpente Pitão do oráculo de Delfos.

Ia fazendo apostolado

clamando: "Estes homens são servos de Deus Altíssimo, que vos anunciam o caminho da salvação". Fê-lo por vários dias. Por fim, Paulo, aborrecido, voltou-se e disse ao espírito: "Eu te ordeno em nome de Jesus Cristo: sai desta mulher". E o espírito saiu no mesmo instante (At 16,16-18).

Exorcismo? Então todas as curas, mesmo quando se trata de doenças externas e todos os milagres, inclusive sobre os seres inanimados, teriam que ser considerados exorcismos! Melhor é inverter o argumento. Os aparentes exorcismos não o são, trata-se sim-

48. Cortés, *Proceso...*, op. cit., p. 131.

plesmente de curas, porque é a mesma fórmula empregada para doenças externas e outros milagres. Por exemplo:

Vinha então, carregado, um aleijado de nascença (além de aleijado, sendo paralítico de nascença tinha que ter atrofia muscular, e, portanto, percebia-se externamente a "causa" da paralisia; nada de demônios)... Pedro o encarou, como também João, e disse: "Olha para nós... Em nome de Jesus Cristo Nazareno, anda!"... De um salto ficou em pé e começou a andar (At 3, 2, 4, 8).

Nos Atos dos Apóstolos é possível que se esteja condenando a prática dos exorcismos. Condena-se a atitude de uns judeus expressamente chamados de *exorcistas* (*exorkistoi*): "Alguns judeus exorcistas percorriam vários lugares..." Eles dirigiam-se aos "endemoninhados" com a fórmula: "*Conjuro-os* — exorkizo — por Jesus, que Paulo prega". E o autor sagrado faz questão de frisar que o resultado de tal ato foi catastrófico para os sete filhos do sacerdote judeu Cevas, pois o "endemoninhado" os atacou com grande violência e tiveram de fugir nus e feridos. Destaca que após essa lição, os praticantes de exorcismos e outras magias levaram seus livros e os queimaram diante de todos (At 19,13-20).

Jesus não deu aos apóstolos um duplo poder, de curar e de exorcizar. Deu-lhes o poder de curar. Um único poder. "Convocando os Doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, isto é (Kai) para curar doenças" (Lc 9,1). Marcos fala só em demônios: "Chamou a si os Doze... E deu-lhe autoridade sobre os espíritos imundos" (Mc 6,7). Mateus, explicita mais: "Chamou os doze discípulos e deu-lhes autoridade de expulsar os espíritos imundos e de curar toda a sorte de males e enfermidades" (Mt 10,1). Uma tradução do sentido dos três textos equivaleria a: "Conferiu-lhes o poder de curar toda classe de doenças". Ou, explicitando: "Deu-lhes poder sobre todas as doenças, inclusive as mais graves e misteriosas (as internas)".

Jesus em luta com Satã? Lembro-me com saudade dos anos em que era estudante de Teologia no querido "Colégio Máximo Cristo Rei", de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Lembro com carinho as aulas de exegese do sábio e esforçado Pe. Balduíno Kipper, S.J. Algumas de minhas teses parapsicológicas lhe pareciam heréticas...

Surpresa agridoce para mim, dedicou-me uma aula inteira a tentar concenver-me de que na Bíblia se *impunha* a existência da possessão demoníaca:

São João mostra a última razão pela qual foram tão freqüentes as possessões no período evangélico. Os demônios sabem que, com a chegada de Cristo, chegou a hora fatal para eles e, portanto, tentam com toda força destruir os homens e assim perder a Jesus, para ver se é possível superar tal crise... [O texto de João a que o Pe. Kipper fazia referência é: "Vós sois do diabo, vosso pai, e quereis realizar os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade... É mentiroso e pai da mentira. Mas porque digo a verdade não credes em mim... Se digo a verdade, por que não credes em mim?... Por isso não ouvis, porque não sois de Deus" (Jo 8,44-47)]. Estabeleceu-se a definitiva luta entre Cristo, que é da verdade, e o pai da mentira, concluía Kipper.

O argumento já fora muito freqüentemente usado. "Havia uma razão especial de conveniência para que a Divina Providência" desse liberdade aos demônios nos tempos de Cristo, afirmou Smit. [49] O Pe. Balducci explicita:

De fato Jesus, que viera "para destruir as obras do demônio" (1Jo 3,8), porque com Jesus "o príncipe deste mundo será lançado fora" (Jo 12,31), devia com exemplos concretos mostrar seu poder sobre o império de Satanás, e sinais muito claros eram precisamente as expulsões de espíritos malignos...; porque, para que aparecesse a messianidade e divindade de Jesus, era muito oportuna a presença de numerosos casos de possessão. [50]

Smit insiste: "Mormente Marcos prova a divindade de Jesus por estes sinais: porque Jesus, expulsando os espíritos imundos, se mostrava mais forte do que eles". [51]

"Por outra parte — continua Balducci —, era natural que Satanás... vendo-se agora obstaculizado por um inimigo tão forte e pressagiando um porvir pior, procura esforçar-se ao máximo no seu poder maléfico, de forma mais estrepitosa." [52]

Estas explicações supõem e explicam o que deveriam demonstrar.

Cristo não veio a destruir as obras do demônio e a expulsar fora o príncipe deste mundo. Só em sentido metafórico. "Jesus não entendeu sua atividade como uma luta contra Satã. A Jesus só interessava a salvação dos homens e sua libertação do pecado, que nos conceitos do judaísmo daquela época estavam relacionados com Satã", personificação do pecado, mera cultura extrínseca à mensagem cristã. [53]

49. Smit, *De Daemoniacis*..., op. cit., p. 82.
50. Balducci, *Gli indemoniati*..., op. cit., p. 59.
51. Smit, *De Daemoniacis*..., op. cit., n. 68, p. 83.
52. Balducci, *Gli indemoniati*..., op. cit., p. 59.
53. Haag, *El Diablo. Su existencia*..., op. cit., p. 424.

Havia muitos "endemoninhados" na época não porque Satã estivesse aproveitando todas suas forças, senão porque, como sempre, havia muitos doentes e, então (não antes na Bíblia) se atribuíam certas doenças aos demônios.

Se a exegese de Kipper, Smit, Balducci e tantos outros [54] fosse verdade, Cristo teria sido derrotado plenamente pelos demônios! Pois os "demônios" haveriam de continuar por séculos se "apoderando" dos homens. Por isso Cristo concedeu aos apóstolos o poder de expulsar "demônios" (Mt 10,1-8; Mc 3,14s.; 6,7; Lc 9,1; 10,17-30). Por isso fez a promessa aos que nele cressem, de expulsar os "demônios" no seu nome (Mc 16,17).

Houve muitas "possessões" depois de Cristo, na época apostólica, como se testemunha nos Atos dos Apóstolos (At 5,14-16; 8,5-8; 16,16-18; 19,11-16). Houve também muitas "possessões" na época patrística, como testemunha, por exemplo, S. Justino:

> Porque a muitos agitados por demônios em todo o orbe e na vossa cidade, muitos dos nossos cristãos, tendo-os adjurado em nome de Jesus Cristo crucificado sob Pôncio Pilatos, os curaram apesar de não tê-los sanado nenhum outro adjutório, encantamento ou remédio. E ainda continuam a curar, quebrando e expulsando os demônios que se apoderavam dos homens. [55]

Na época da bruxaria houve mais "possessões demoníacas" do que em qualquer outra época. É que o demônio continuou livrando a grande batalha contra Cristo? Continuou havendo razões especiais para dar mais liberdade aos demônios?

Seria completamente falsa a afirmação ou o grito de vitória de Jesus: "Agora o príncipe deste mundo será lançado fora" (Jo 12,31). "O príncipe deste mundo está julgado" (Jo 16,11).

"Para isto é que o filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do demônio" (1Jo 3,8). Se fosse no sentido dos "demonófilos" que deve entender-se essa afirmação, Cristo teria perdido completamente a batalha com o Diabo.

Não seria um dos grandes frutos que cabe esperar do cristianismo, a libertação dessa opressão doentia da ação dos demônios,

54. F. Prat, *Jesucristo*, 2ª ed., México, Jus, 1948, vol. I, pp. 304s.; W. Grossouw, e J. de Fraine, na epígrafe sobre possessão diabólica in Cazelles, Ausejo, *Diccionario...*, op. cit., coluna 1556. Para Unger, porém — é evidente —, hoje haveria mais possessos do que nunca: Merrill F. Unger, *Biblical Demonology...*, op. cit.

55. Justino, *Apologia II*, 6 in Migne, *P.G.*, op. cit., tomo 6, pp. 454s.

exus, espíritos opressores? Com Cristo começou a era da saúde espiritual moral, da paz e da oração dirigida ao "abba", pai [56]

Com Cristo irrompeu a "Basiléia" ou Reino de Deus, porque Cristo venceu o Satã, o mal moral. Inclusive as doenças internas, "tudo concorre para o bem daqueles que amem a Deus", para o bem espiritual (Rm 8,28 segundo a variante da Vulgata).

56. Cf. Joachim Jeremias, *Teologia...*, op. cit., pp. 121-375.

Capítulo XIV

"CONTEXTO GLOBAL"

A atividade e existência do demônio são dogmas de fé? Fazem parte da Revelação? Em que grau pertencem à Fé?

Poderia à primeira vista parecer estranho, mas em teoria, mesmo que a demonologia não pertença à Revelação Bíblica, seria possível que pertencesse de alguma maneira ao tesouro da fé a afirmação da ação perniciosa do(s) demônio(s) ou ao menos só da sua existência.[1] Poderia estar só implícito na Bíblia.

Certamente não encaixaria na mentalidade bíblica revelar — nem implicitamente — a existência de um ser que não nos atingisse... É sob o aspecto de atividade que geralmente se deve entender o que se disser da existência. Evidentemente, em caso positivo, haveria de estabelecer-se a que conceito de demônio se referiria esse dogma!

"Razoável". O artigo 4 do volume II da monumental obra *Mysterium Salutis*, tida como uma das melhores súmulas da Teologia Contemporânea, trata o tema dos anjos e demônios. Os teólogos que escrevem nessa obra são moderados. A atividade dos

1. Cf., além da bibliografia que venho citando, A. Winklhofer, *Traktat über den Teufel*, Frankfurt, 1961; E. von Peterdorfe, *Daemonologie*, 2 vols., Munique, 1956s.; F. J. Schierse e J. Michl, na introdução bíblica à epígrafe "Satan" in *Handbuch theologischer Grundbegriffe*, tomo II, Munique, 1963, pp. 465-478; O. Semmelroth, "Glauben wir noch an den Teufel?" in *Geist und Leben*, n. 33, 1960, pp. 348-359; J. M. Dalmau e J. F. Sagüés, *Sacrae Theologiae Summa*, 4.ª ed., Madri, BAC, 1964, pp. 601-610, 620-640; L. Ott, *Manual de Teología Dogmática*, 6.ª ed., Barcelona, Herder, 1969, pp. 193-204; Zahringer, "Die Dämonen" in Feiner, *Mysterium*..., op. cit.,

demônios é aceita como "também hoje, razoável". Negá-la seria enfrentar o peso do "contexto global da história da Salvação".[2]

É esse o "contexto global"?

O fundamento bíblico. A existência dos demônios e especificamente a sua revolta contra os cristãos geralmente é apresentada como continuação de uma primeira revolta contra Deus. É deduzida da queda dos anjos. E citam-se os textos bíblicos que documentariam essa queda.

Mas já vimos nos capítulos X e XI que é mais do que discutível que tal queda pertença à Revelação. Os autores que concordam com Pohle e Gummersbach ("O dogma da existência de espíritos maus")[3] vão longe demais. A queda dos anjos geralmente nos manuais de Teologia não passa de "conclusão teológica" ou "sentença próxima à fé". Ora, a própria queda dos anjos não sendo de fé, não se pode deduzir dela a atividade dos demônios.

Outros autores dizem com Schmaus que "embora a fé no diabo não ocupe uma posição central na consciência de fé *veterotestamentária*..., o Novo Testamento testemunha um reino organizado do diabo... Há nele, sem dúvida alguma, um diabo supremo, chamado Belzebu ou Beelzebul".[4]

É ir também longe demais. Em primeiro lugar é demais identificar o Diabo, demônios, Belzebu... Em segundo lugar é demais afirmar que não há dúvida nenhuma de que há o Diabo supremo e outros diabos. Talvez não seja lícito identificar "príncipe dos demônios" (Mt 12,24) com "Diabo supremo". Certamente é demais afirmar implicitamente que a atividade dos demônios "ocupa posição central" no *Novo Testamento*. Talvez não seja lícito afirmar que no Novo Testamento se pretende revelar doutrinalmente o pernicioso influxo do Diabo, Beelzebul, do diabo supremo, do reino diabólico, a sua organização.

A "Sagrada Congregação para a Defesa da Fé" solicitou a um perito, e este publicou um artigo sobre "Fé Cristã e demonologia" no "L'Osservatore Romano".[5] O texto é vivamente recomen-

2. M. Seemann, "Vorfragen zur Angelogie und Dämonologie" in Feiner, *Mysterium*..., op. cit., pp. 950-952.
3. Pohle e Gummersbach, *Lehrbuch der Dogmatik*, 10ª ed., Paderborn, 1952, p. 658.
4. M. Schmaus, *Katholische Dogmatik*, 6ª ed., Munique, 1962, 2 tomos, tomo I, pp. 304ss.; tradução: *Teologia Dogmática*, 24.ª ed., Madri, Rialp, 1969.
5. (Perito da Sagrada Congregação da Doutrina da Fé): "Fé

dado por esse jornal como base para reafirmar a doutrina do Magistério sobre o tema.

O perito argumenta concretamente a partir da discussão dos membros do Sinédrio contra Paulo (At 23,8):

No tempo de Jesus, contra os fariseus que acreditavam, os saduceus não admitiam hem Ressurreição, nem anjos, nem espíritos. Jesus, porém, falando e exercendo o poder de expulsar demônios, apoiou nisto os fariseus e criticou os saduceus. Pretender, pois, hoje, que o discurso de Jesus sobre Satã não seria senão doutrina de empréstimo, sem importância para a fé universal, parece assim, à primeira vista, uma opinião pouco informada sobre a época e sobre a personalidade do Mestre. Se Jesus utilizou esta linguagem, se sobretudo ele a traduziu em ato pelo seu ministério, é que exprimia uma doutrina necessária, ao menos em parte, à noção e à realidade da Salvação que trazia.[6]

Haveria de ver o que se entende aqui por *espíritos*. Contra dois autores judeus modernos e um protestante — citados pelo articulista — que identificam os espíritos também com os demônios e não só com os espíritos dos mortos, vimos nos capítulos X e XI outras fontes que identificam espíritos e demônios com *espíritos dos mortos* (etemmu), além de muitos outros conceitos. Essas discussões dos fariseus e saduceus visavam não à existência de demônios, senão — ao menos principalmente — à ressurreição e portanto à sobrevivência do espírito *humano*. Cristo e Paulo apoiaram a doutrina dos fariseus a respeito da ressurreição dos mortos.[7] Portanto, nada com respeito aos demônios (nem atividade, nem existência, nesse texto) nem de intervenção dos mortos.

Alguns autores, como Haenchen,[8] negam a historicidade desta passagem (de At 22,30 até 23,11). Em todo caso é de lamentar que o melhor argumento escriturístico do perito do Vaticano seja precisamente um texto de historicidade discutida.

Não preciso, creio, acrescentar mais nada — levando em conta também os capítulos XI e XII. Repito com o Pe. Karl Rahner que o tema dos demônios não pertence à revelação bíblica.[9]

Cristã a Demonologia" in "L'Osservatore Romano" (edição portuguesa) 26-6-1975; *La Documentation Catholique*, 3-17/8/1975.

6. Idem, ibidem; *La Documentation*..., op. cit., p. 709.
7. J. le Moyne, op. cit., pp. 131-135.
8. E. Haenchen, *Der Weg Jesu*, Berlim, 1968.
9. Karl Rahner, S.J., epígrafes "Angelologie" e "Dämonologie" in J. Henninger, *Lexicon*..., op. cit.; epígrafe "Diablo" (de Rahner) in Rahner, *Sacramentum*..., op. cit., vol. II, col. 249.

Há definições dogmáticas? No Concílio Ecumênico Lateranense IV, do ano 1215, citam-se os demônios dentro do texto de uma definição dogmática.[10]

Segundo o perito do Vaticano, o Lateranense IV define "a existência da realidade demoníaca e *a afirmação do seu poder*... O conjunto do documento conciliar é de fé... Em razão da sua natureza e da sua forma, cada um destes pontos principais tem igualmente valor dogmático".[11]

Toda a argumentação que o perito apresenta antes de chegar a essa conclusão parece fraca. A questão em litígio era se Deus criara seres maus, definindo o Concílio contra os Albigenses que tudo foi criado bom. A definição dogmática do Lateranense IV não visava à atividade — nem sequer à existência — dos demônios, que os albigenses não negavam. Dependeu — segundo outro texto do mesmo Concílio — do mau uso da liberdade que alguns seres se tenham feito maus.[12]

Rahner e Vorgrimmler, no artigo "Possession", deduzem que a definição do Lateranense implicitamente faria da existência dos demônios uma verdade de fé. Rahner escreve: "Certamente atendo-nos às declarações conciliares... não podemos pôr em dúvida a existência de anjos (e demônios). E portanto... (como conseqüência da definição) temos de sustentar que a existência de anjos e demônios está afirmada na Sagrada Escritura, de forma que não constitui uma mera hipótese... que nós poderíamos abandonar na atualidade".[13]

Estes argumentos não me parecem convincentes. Pressupõe-se a existência de demônios, mas não se define[14] nem se julga sua atividade no mundo. Os mesmos autores afirmam que tal definição conciliar *pressupõe* a realidade dos demônios. Ao que entendo,

---

10. Concílio Ecumênico Lateranense IV. Cf. H. Denzinger e A. Schonmetzer, *Enchiridium Symbolorum, définitionum et declarationum de rebus fidei et morum*, Freiburg-in-Breisgau, 31.ª ed., 1960, 36.ª ed., Barcelona, Herder, 1963.
11. Perito, "Fé Cristã", op. cit.; *La Documentation*..., op. cit., p. 715.
12. Concílio Ecumênico Lateranense IV. Cf. Denzinger, *Enchiridium*..., op. cit., n. 300 e 428.
13. K. Rahner, S.J. e H. Vorgrimmler, S.J., epígrafe "Possession" in *Petit Dictionnaire de Théologie Catholique*, Paris, 1970, p. 372; Rahner, *Sacramentum*..., op. cit., vol. I, col. 154.
14. A. Darlap, "Dämon" in Henninger, *Lexicon*, op. cit., tomo 3, p. 142.

dizer que uma idéia é simplesmente *pressuposta* é equivalente a admitir que ela *não é objeto* dessa definição.

Outros documentos. O perito do Vaticano não consegue apresentar no seu amplo artigo nenhum outro texto que seja claramente dogma, ou tradição universal, ou doutrina de fé católica, ou firme, a respeito do demônio.

Não posso deixar de acrescentar que o mesmo argumento de só pressupor se aplica ao Concílio de Trento (1545-1563), que é menos explícito.[15]

O Concílio Vaticano I (1870) repete[16] o texto do Lateranense IV. Não tem maior alcance que a primeira promulgação.

No Concílio Vaticano II (1963-1965), no começo de um parágrafo,[17] fala-se do "abuso de sua liberdade por instigação do demônio" e no fim do mesmo parágrafo afirma-se que Cristo veio expulsar o "Príncipe deste Mundo". Mas a força destas frases não é maior do que podem ter na complicada exegese moderna os textos bíblicos a que se alude. Inclusive no núcleo do parágrafo o Concílio dá a entender que esse demônio seria simplesmente a liberdade humana: "O homem, quando examina seu coração, comprova sua inclinação ao mal" e "isto é o que explica a divisão interna do homem". Igualmente a alusão a Satanás[18] não pode ter mais valor do que o texto bíblico (At 16,18) que se aduz.[19]

O texto do Lateranense IV é praticamente repetição do texto de um Concílio Provincial (os concílios provinciais não podem dar definições dogmáticas). Em Braga, no ano de 561, condenou-se a tese maniquéia e priscilianista de que Deus teria criado um princípio do mal.[20]

No mesmo contexto está e igualmente deve interpretar-se a declaração contida na Profissão de Fé imposta por Inocêncio III, em 1208, contra os valdenses: "Cremos que o Diabo não foi mau por criação, senão pela sua própria decisão".[21]

---

15. Concílio Ecumênico Tridentino. Cf. Denzinger, *Enchiridium...*, op. cit., n. 1694.
16. Concílio Ecumênico Vaticano I. Cf. Denzinger, n. 3.000.
17. Concílio Ecumênico Vaticano II: "Constituição Pastoral 'Gaudium et spes', sobre a Igreja no mundo atual".
18. Ibidem, Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, 6.
19. Ibidem, "Constituição Pastoral 'Gaudium et spes' sobre a Igreja no mundo atual", artigos 13 e 2; "Decreto *Ad gentes* sobre a atividade missionária da Igreja", 9 e 3.
20. Concílio Particular de Braga. Cf. Denzinger, n. 286, 325 e 457.
21. Inocêncio III: *Contra os valdenses.* Cf. Denzinger, n. 797.

Não são nomeados os demônios — nem os anjos — no texto do antiquíssimo Concílio de Nicéia[22] e também não no Símbolo de Constantinopla.[23] Define-se que Deus é criador de todo "o visível e o invisível": tudo, seja lá o que for que exista.

A Igreja de Ancira (ano 372), Concílio também Provincial, alude aos anjos, não aos demônios. Mas com igual sentido condicional, quando concretiza "as coisas invisíveis" em Tronos e Dominações.

Em todos esses pronunciamentos da Igreja, não se trata diretamente da atividade dos demônios. Como diz uma comissão de Teólogos nomeada em 1974 por S. Ema. o Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, para julgar — e foi aprovada — a minha posição a respeito de demonologia, os textos conciliares "são afirmações que a Igreja opõe à tese de um princípio mau que, ao lado de Deus, codivide a criação — maniqueísmo, priscilianismo, valdenses etc. —; o dogma, quando de dogma se trata, é a condenação desse princípio mau; não a explicação dada para tal rejeição".[24]

O caso é que o perito do Vaticano reconhece: "É verdade que, no curso dos séculos, a existência de Satã e dos demônios não tem sido *jamais objeto de uma afirmação explícita* do seu magistério", do Magistério da Igreja.[25]

Nas origens da Igreja. Creio que os "demonófilos" não deveriam insistir nas citações dos Santos Padres e Escritores Eclesiásticos. Por dois motivos evidentes:

Primeiro, porque sabemos que neste ponto eles encaixaram sem suficientes discernimentos ou críticas, crenças da época que hoje nenhum teólogo nem cientista aceita, como a já várias vezes aludida de que os demônios pecaram com mulheres, ou que tinham corporeidade e assim se deleitavam com o cheirinho dos sacrifícios aos ídolos etc.

Em segundo lugar, porque é claro, mesmo a uma ligeira análise, que os Santos Padres e os Escritores Eclesiásticos não apresentavam a demonologia como conteúdo de fé. Inclusive grande

---

22. Concílio Ecumênico de Nicéia. Cf. Denzinger, n. 54.
23. Símbolo do Concílio Ecumênico de Constantinopla. Cf. Denzinger, n. 86.
24. D. Paulo Evaristo Arns, "Comissão de Teólogos" (nomeada por). Cf., talvez, nos Arquivos da Cúria; Arquivos do CLAP, seção "Documentos-Hierarquia", n. 10.
25. Perito, "Fe Cristã...", op. cit.; *La Documentation...*, op. cit., p. 717.

parte contradiz a outra grande parte. Eles apresentam a demonologia como conteúdo da "ciência". [26]

"Lei de orar, lei de crer". Liturgia. A Liturgia é a manifestação da Igreja, é a fé que vive e se expressa em cerimônias e ritos.

A linguagem litúrgica é uma linguagem poética, popular, que se serve do modo de pensar e comunicar-se do povo. Surge do conhecimento vivencial e simples do povo. Evidentemente, por este motivo, será difícil interpretar a Liturgia como prova da atividade de demônios.

À luz deste conceito da Liturgia tem grande valor a observação de que quanto mais perto da essência religiosa, mais cuidado tem a Igreja em diminuir na Liturgia a ingerência das idéias demonológicas. Nos formulários da Missa no Missal Romano de Pio V, obrigatório até 30 de novembro de 1969, muito pouco se nomeava o Diabo. Nos textos da liturgia dominical, onde se cuidava mais da instrução dos fiéis, pois logicamente se esperava maior afluência, o Diabo era nomeado só duas vezes (Domingos 15 e 17 depois de Pentecostes). Pois bem, mesmo estas duas únicas menções foram retiradas na edição de 1970.

No centro da Liturgia, na Celebração da Eucaristia, antigamente havia uma solenissima enumeração de diversas hierarquias angélicas às quais nos unimos para dar eterno louvor a Deus. No prefácio do *Sanctus*. O texto, porém, estava claramente numa linguagem simbólica.

Enumeravam-se entre esses anjos concretamente os serafins. Eram deuses de segunda categoria (ou demônios) que na mitologia mesopotâmica custodiavam os palácios e os templos. Eram deuses com figura humana, mas alados com seis asas. Estes deuses, os serafins, etimologicamente "abrasadores", na Bíblia são postos a louvar a Deus: "Em pé estavam serafins, cada um com seis asas; com duas cobriam a face (por respeito a Iahweh: cf. Ex 33,20), com duas cobriam os pés (eufemismo: partes sexuais) e com duas voavam. Estes... diziam: 'Santo, santo, santo é Iahweh dos Exércitos, a sua glória enche toda a terra'" (Is 6,2s.). Manifestamente daqui tirou a Liturgia o texto do *Sanctus*.

Os serafins são também chamados querubins. Os querubins aparecem na Bíblia guardando as Portas do Paraíso (Gn 3,24) ou

26. Cf. também, a estes dois respeitos, *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, 1957, pp. 45s., e 53s.; ou, entre outros, James George Frazer, "The belief in immortality", vol. I, Londres, Pall Mall, 1968, pp. 180 e 183.

a Tenda de Iahweh (1Rs 6,23ss.; 7,6s.) e levando o Carro do Trono de Deus (1Sm 18,11; 2Sm 22,11; Ez 10; cf. Ez 1). No *Sanctus* estes *daimones* mesopotâmicos figuram como se fossem duas espécies de anjos diferentes.

É possível também que aos serafins a Bíblia tenha incorporado, "batizando-os", os *seraf* ou "serpentes abrasadoras" (Nm 21,6-9) (funestos demônios do deserto), identificando-as com a serpente de bronze no templo (2Rs 18,4), "serpentes abrasadoras e escorpiões" do "terrível deserto" (Dt 8,15). "Da raiz da serpente sairá uma víbora e o seu fruto será uma serpente volante", diz Isaías (Is 14,29; cf. 30,6). Em todo caso os serafins formam parte, junto com as serpentes voadoras e abrasadoras, da mitologia. [27]

"Nenhum destes seres celestes — conclui Fohrer — possui na religião iahwista, significação própria e autônoma. Foram admitidos nesta religião como meio representativo auxiliar. Cada um à sua maneira simboliza a superioridade de Iahweh." [28]

Em todo caso esta enumeração de diversas espécies de anjos (*daimones*) no Prefácio foram suprimidas na recente reforma litúrgica.

As supressões e mudanças sofridas especialmente nos últimos anos no calendário dos santos mostram que as festas e expressões litúrgicas não implicam necessariamente a existência do seu objeto. Não se pode exagerar a norma "Lex orandi, lex credendi". São Cristóvão e São Jorge historicamente foram completamente diferentes ao que lendariamente se pensa.

No capítulo XVI, abordarei outro tema litúrgico: os exorcismos.

Anjos... também maus? Permanece nas trevas a origem do conceito de Diabo nos apócrifos do judaísmo primitivo. É escura a origem do conceito de Satã.

E escura era para Zaratustra, anterior à Bíblia, e do qual parece que direta ou indiretamente têm surgido várias lendas judaicas. Nos *gathas*, parte do Avesta que remonta ao próprio Zaratustra, só uma vez se nomeia o mau espírito. Foi no diálogo com o bom espírito: "Disse o mais santo ao *mais ruim*: não concordam nossos pensamentos, nem nossos conselhos, nem nossas confissões de fé, nem nossas palavras, nem nossas ações, nem nossas essências, nem nossas almas estão em concórdia" (*Yasna* XLV, 2).

27. H. Wildberger, "Jesaja I-12" in *Biblischer Kommentar*, tomo X, n. 1, Neukirchen, 1972, pp. 147s.
28. G. Fohrer, *Geschichte der israelitischen Religion*, Berlim, 1969, p. 170.

Mas dado que os dois espíritos, o bom e o mau, na religião de Zaratustra são gêmeos, e dado que desde Zaratustra o Deus Supremo ou Alhura Mazda é o "pai santo" do "santo espírito" (*Yasna* XLVII, 3), é lógico concluir que Alhura Mazda é também pai do mau espírito, o espírito do mal, o demônio mau por essência.[29]

Para a comunidade de Qumran, Deus teria criado os demônios como tais, tê-los-ia criado maus: são maus já por criação. Assim na *Regra da Guerra* se ensina: "Tu fizeste a Belial para corromper, para ser anjo da inimizade" (IQM, XIII, 11). E na *Regra da Comunidade*: Deus "criou os espíritos da luz e os das trevas" (IQS, III, 25).

Como vimos, esta tese de que Deus possa ter criado algo mau é condenada na Concílio Lateranense IV.

É importante levar em conta que os poucos apócrifos que falam de demônios não são, de modo algum, representativos da mentalidade do judaísmo primitivo. Há toda uma série de apócrifos nos quais não aparece nem Satã nem maus espíritos. Prescindem inteiramente do Diabo e demônios o livro de Sira, o testamento de Abraão, os Salmos de Salomão e o quarto livro de Esdras. Pertencentes ao cânon católico, mas não ao cânon judaico, também nada dizem de Satã ou qualquer outro tipo de demônios os dois livros dos Macabeus, Baruc e Judite. No Livro da Sabedoria, só um texto alude ao Diabo. E tal texto é suscetível de outra explicação e é de autenticidade discutida — como já vimos: "É por inveja do Diabo (Satã, no original) que a morte entrou no mundo" (Sb 2,24).

Magistério moderno. No catecismo de Pio X se afirma a existência de anjos. Não se afirma a atividade de demônios.

A anjos — e não a demônios — alude Pio XI na Encíclica *Quas primas*.[30]

A Encíclica *Humani generis* de Pio XII (de 12 de agosto de 1950 aos cientistas católicos) alerta os teólogos que duvidam que "os anjos são seres pessoais".[31]

Parece sintomático para o nosso tema de demonologia que sendo na época a discussão preferentemente sobre a existência e atividade dos demônios, os Papas preferissem não nomear os demônios e falar em anjos.

No Concílio Vaticano II,[32] alude-se aos anjos num parêntese, não é portanto núcleo da doutrina que se expõe.

29. Windengren, *Das Prinzip...*, op. cit., pp. 40s.
30. Pio XI, *Quas primas;* cf. Denzinger, n. 2194.
31. Pio XII, *Humani generis*, 12-8-1950. Cf. Denzinger, n. 3818.
32. Concílio Ecumênico Vaticano II, Constituição *Lumen gentium*, n. 50.

Também Paulo VI haverá de aludir aos anjos — e não demônios — *nesta ocasião* num parêntese, quando fala do "Criador de todas as coisas visíveis... e das invisíveis (como são os espíritos puros que chamamos anjos)".[33]

Parece significativo que no Concílio Vaticano II, salvo erro na verificação, o demônio só foi visado *diretamente* uma única vez (indiretamente pelo menos 9 vezes). Mas essa abordagem direta foi durante as discussões *prévias aos manifestos oficiais*, numa intervenção do bispo brasileiro D. Antonio de Castro Méier, famoso pelo seu "tradicionalismo".

Um acertado rumo da catequese moderna marcava com pioneirismo o *Catecismo Holandês.* Foi o primeiro intento para incorporar à instrução religiosa a dúvida sobre a ação de demônios. "É sua existência mera pressuposição da imagem bíblica do mundo ou parte essencial da revelação divina?".[34]

A pedagogia religiosa posterior mostra claramente a tendência à exclusão da atividade de Satanás. Nem o citam Bleistein,[35] Exeler e Scherer,[36] Breher...[37]

Pio XII autorizou o pesquisador moderno em temas relacionados com a ciência, a discordar de Sto. Tomás de Aquino, da Patrística e do Magistério Ordinário em diferentes épocas.[38] Parece que a demonologia pode ser considerada entre "o que é simples conseqüência do conhecimento imperfeito e exíguo que os antigos" tinham da ciência, concretamente da Parapsicologia e da História.[39]

E a advertência de Paulo VI? Parece que não seria válido objetar que Paulo VI afirmou categoricamente: "Sabemos, portanto, que esse ser mesquinho e perturbador existe realmente e que *ainda atua* com astúcia traiçoeira; é um inimigo oculto que semeia erros e desgraças na história humana".

33. Paulo VI, *Credo do Povo de Deus*, de 30-6-1968.
34. (Catecismo Holandês) *Nuevo Catecismo*, op. cit., p. 461.
35. R. Bleistein, *Kurzformel des Glaubens, Prinzipien einer modernen Religionspädogogik*, Wurzburgo, 1971.
36. A. Exeler e G. Scherer, *Glaubens in formation. Sachbuch, zur theologischen Erwachsenenbildung*, Freiburg-in-Breisgau, 1971.
37. B. Dreher, *Glaubensstufen für Erwachsene*, 2 vols., Graz, 1971s.
38. Pio XII, Discurso ao Corpo Acadêmico da Universidade Gregoriana, 17-10-1953.
39. Cf. a interpretação a este texto de Pio XII apresentada por D. Boaventura Kloppenburg, "A irrealidade da magia" in *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, junho, 1961, p. 355.

Paulo VI de fato implicitamente chamou herege a quem negar a existência do demônio: "Sai do âmbito do ensinamento bíblico e eclesiástico quem se recusa a reconhecer a existência desta realidade..., ou a explica como uma pseudo-realidade, como uma personificação conceitual e fantástica das causas desconhecidas de nossas desgraças". [40]

Não parece válida a objeção.

Os inquéritos realizados mostram que inclusive entre os teólogos católicos só 39% consideram que o discurso de Paulo VI tem força obrigatória. [41]

Para defender esta tese, perguntaria se tem alguma força o fato de não se tratar de uma encíclica, senão simplesmente de um pronunciamento numa audiência geral das que costumava ter nas quartas-feiras.

Aliás, naquele pronunciamento do dia 5 de novembro de 1972, o Papa manifestou dúvidas quanto a corresponder a uma realidade o fato de terem-se suprimido os exorcismos no Ritual do Batismo. Ora, essa supressão no Ritual tinha sido publicada com força de lei em 1969 em nome do próprio Papa. Se o próprio Papa nessa audiência duvida da conveniência de um pronunciamento oficial do Sumo Pontífice, não se pode dar a essa audiência particular mais do que um valor particular.

Mais ainda, algumas observações de Paulo VI naquela ocasião não foram publicadas no texto oficial. [42] Foram publicadas por vários jornais e revistas. [43]

Parece-me sintomático que nessa exortação das quartas-feiras Paulo VI fale muito do problema do mal, mas quando concretiza a Satã e seus satélites, a sua revolta, à queda não cita em apoio nenhuma passagem escriturística. Paulo VI tinha por costume apoiar-se na Bíblia para seus ensinamentos doutrinários. Ao deixar de lado as passagens da Sagrada Escritura com referência à ação e origem dos demônios parece provável que é porque está levando em consideração as críticas de determinados exegetas modernos que contestam a validade da interpretação demonológica desses textos. Só alude ao semeador do joio no campo de trigo (Mt 13,28) e o chama "homicida desde o princípio" e "pai da mentira" (Jo 8,44). Textos que segundo a exegese atual de nenhum modo podem referir-se ao Diabo, a um ser maligno, espiritual e pessoal. E o Papa certamente não está querendo dizer que esses textos devem interpretar-se nesse sentido. Está, pois, unicamente utilizando-os simbolicamente.

40. Paulo VI, Audiência Geral de 15-11-1972. Cf. *SEDOC* 5-3, 1973; "L'Osservatore Romano", 16-11-1972; *Documentation Catholique*, n. 69, 1972, pp. 1053-5; Associated Press, 16-11-1972.

41. A. J. Hammers e U. Rosin, "Fragen über den Teufel" in *Festschrift H. Bender*, Stuttgart, 1974, p. 64.

42. Paulo VI, Audiência..., op. cit.

43. Paulo VI, Audiência..., op. cit., nos jornais de 16-11-1972, seguindo comunicado da Associated Press.

Ao falar do problema do mal cita passagens da Escritura. Mas uma coisa é falar do mal e outra do Mau. Como também uma coisa é falar das limitações naturais, e outra do mal moral. O Papa Paulo VI falava do mal no âmbito da natureza — a desordem que há nela (as limitações, a intempérie, as forças da natureza desencadeadas...) — e do mal no âmbito humano... — a debilidade, caducidade, a dor, a morte... Mas tudo isso nada tem a ver com o Mau — o Diabo — nem sequer com o mal moral, violação consciente e intencional de uma norma ou regra. [44]

Sobre a origem, existência, natureza e ação dos demônios, o Papa diz expressamente que "conhecemos bem pouco". E portanto o Papa não pretende dizer mais do que se sabe. Com esse pressuposto, como haveria o Papa de "arriscar-se a lançar afirmações obrigatórias? Isto se perguntavam muitos observadores romanos, também eclesiásticos, depois que o discurso de 15 de novembro provocara, fora do ambiente do ocultismo, mais burla incrédula que reflexiva compreensão". Assim comentava o acreditado teólogo Stehle. [45]

No que "diz respeito à *nossa vida* (destaco a expressão) é que conhecemos muita coisa deste mundo diabólico". Tudo está a indicar, portanto, que Paulo VI nesta oportunidade não está dando ênfase a ensinamentos *doutrinais,* senão preferentemente exortando, aconselhando, movendo em função *pastoral.* No âmbito doutrinal o Papa recalca: "A nossa doutrina se faz *incerta,* obscurecida como está pelas trevas que circundam o Demônio". Incerta. Expressamente.

Testemunhos a favor. Recentemente e no Brasil, o prezado irmão e colega D. João Evangelista M. Terra S.J., teve o grande mérito de recolher tudo o que há de relevante publicado nos últimos decênios em defesa da existência dos demônios. Demonologia tanto judaica moderna como católica e protestante.

Ora, apresentam-se unicamente os testemunhos a favor. Sei por confidências do próprio D. Terra que pretendia publicar depois um segundo livro recolhendo os testemunhos contra. Desistiu.

44. Cf. Haag, *El Diablo. Su existencia...*, op. cit., pp. 16s.

45. H. Stehle, in "Die Zeit", 29-12-1972, p. 50.

Há testemunhos a favor. Há também muitos contra. Parece-me que não se deveria insistir nesse método de testemunhos, se não existe nenhuma definição dogmática *explícita e direta* da Igreja. A definição da Igreja seria a única forma de poder dirimir o impasse.

Ora, não há nenhuma declaração explícita no magistério extraordinário. Reconhece-o o próprio D. Terra. Neste "primeiro livro", ele deduz que há definição *implícita* e conclui que a existência do demônio — lembremos: certamente não se definiria um ser sem atividade para nós — é um dogma de fé, embora não definido, por desnecessário.

Mas deve excluir-se da Teologia a qualificação "definições *implícitas*". Ou é definição direta ou não é definição. Não só por lógica senão também por fatos. A história dos concílios está cheia de "implícitos" dentro de definições, "implícitos" que hoje já não se aceitam. Não podem ser, portanto, definições implícitas. Por exemplo, numa definição dogmática diz o concílio de Trento: "Se alguém não confessa que o primeiro homem, Adão, ao transgredir o mandamento de Deus no Paraíso..., incorreu no cativeiro sob o poder daquele que tem o império da morte, isto é, do diabo... seja anátema". [46] E na realidade não é certo que houve um único primeiro homem (monogenismo), nem houve Paraíso, nem é histórica a cena da tentação, nem o Diabo tem o império da morte...

Não é "contexto global". Se, pois, nem a Bíblia, nem a Patrística, nem a Liturgia, nem o Magistério Extraordinário, nem o Magistério Ordinário constituem fundamento sólido, qualquer pretensão de erigir um "contexto global da história da Salvação" em matéria de demonologia ruiria pela base.

E mesmo que fosse. A frase *Extra Ecclesiam nulla est salus* ("fora da Igreja não há salvação"), entendida em sentido estrito, constituiu todo o "contexto global da história da salvação" cristã. Originou santos missionários e mártires. E hoje é interpretada em sentido bem menos estrito... Portanto, e até com maior motivo, mesmo que a crença na ação do demônio tivesse constituído o "contexto global da história da salvação", não por isso haveria necessariamente que considerá-la verdadeira.

46. Concílio Ecumênico de Trento, cf. Denzinger, *Enchiridium*..., op. cit., n. 1511; já estava na gráfica este livro, quando saiu um outro livro de João Evangelista Martins Terra, S.J., *Anjos e demônios na Bíblia*, São Paulo, Edições Loyola, 1981. Os argumentos que apresentam alguns autores citados por Terra, já os analiso aqui. A modo de introdução, D. Terra se permite umas afirmações "dogmáticas"... Terra não apresenta provas. Parece que não pretende D. Terra convencer, senão unicamente compilar material. O livro anterior, de D. Terra, a que aludo no texto, é: *Existe o Demônio?*, São Paulo, Edições Loyola, 1973.

"O mundo dos anjos e dos demônios como mundo circundante e concomitante histórico-salvífico do homem" é o título — provavelmente por influência de Rahner — com que Seemann abre seu estudo em *Mysterium Salutis*. [47]

Não importa o fato de que os demônios tenham feito parte do contexto da Revelação bíblica, de Definições Dogmáticas e do Magistério Ordinário. Mais ainda, mesmo que os demônios fossem pressuposto para a Revelação do Amor e Salvação, isto também não implica necessariamente que a ação dos demônios seja de fé. [48] Seria um pressuposto da "ciência" da época. E no campo da ciência cabe um grande progresso...

Testemunhos contra. Ao longo da história, se há muitos pronunciamentos a favor da atividade do demônio, há também outros muitos contra.

Herbert Haag não só nega que a atividade dos demônios seja de fé, mas como muitos teólogos — número cada dia crescente — põe em dúvida a existência dessa atividade. Primeiro num livro de grande êxito editorial, intitulado *A liquidação do Diabo*. [49] Posteriormente ampliou a sua tese num outro livro mais volumoso. [50] Seus argumentos são geralmente de peso.

Com Haag, um exército de teólogos modernos. Protestantes e católicos: cristãos.

Entre os teólogos protestantes, de um modo geral, tem havido um tríplice movimento pendular de oscilação extrema. Antigamente na época da bruxaria, era estável a fé maciça no Diabo. Lutero acreditava doentiamente no Diabo. Acompanhando a reação contra a bruxaria, em tempos mais modernos, Bchleiermacher convenceu a teologia protestante a aposentar o demônio. A liquidação da atividade do Diabo manteve-se até o fim da primeira guerra mundial. Então, com a volta a Lutero veio também uma

47. Feiner, *Mysterium*..., op. cit., pp. 943-1019.
48. Pieter Schoonenberg, S.J., *God's World in the Making*, Pittsburg, 1964, pp. 8ss.
49. Herbert Haag, *Abschied vom Teufel*, Einsiedeln, Benzinger, 1969, 4ª ed., 1973, na coleção "Theologische Meditationen", dirigida por Hans Küng; tradução francesa de Jean Evrard, *Liquidation du Diable*, Paris, Desclée de Brouwer, 1971; tradução espanhola de Alejandro Esteban Latorros, *El Diablo, un fantasma*, Barcelona, Herder, 1973.
50. Haag, *El Diablo. Su existencia*..., op. cit.

conseqüência funesta: o império do Diabo. Entre os teólogos protestantes continuou até o fim da Segunda Guerra Mundial, alentada, é claro, pelas experiências bélicas e seu séquito de males. Mas hoje de novo se afastaram as trevas e brilha o sol. Compreenderam que em matéria de demonologia nada se pode tirar da Bíblia. Por outro lado os protestantes nada têm que se possa assemelhar à Tradição ou ao Magistério obrigatório. Neste contexto, os argumentos filosóficos, e inclusive psicológicos — poucos conhecem Parapsicologia —, são mais explorados que entre os católicos. Assim Fuchs, Braun, Metzger, Moltmann, Sölle... [51]

Inquéritos realizados conscienciosamente revelam que entre os teólogos protestantes 51% rejeitam decididamente a atividade do Diabo. Entre os teólogos católicos — imediatamente após o pronunciamento de Paulo VI! — 1/3 não acreditava na ação dos demônios. [52] Sem dúvida a estatística dos "antidemonistas" hoje é enormemente maior, com o avanço da pesquisa e a divulgação das descobertas.

Já no século passado, a Igreja Luterana da Suécia oficialmente e a generalidade dos seus filósofos e teólogos duvidavam pioneiramente da atividade de demônios.

Amplos grupos, cada dia maiores, entre o povo cristão moderno rejeitam a ação dos demônios até como repugnante e ridícula.

Corresponde à ciência e precisamente pela falta de argumentos escriturísticos, do Magistério, etc. que hoje os "demonófilos" preferem aludir à (contexto global da) *história* (da Salvação), na frase de Seemann. A existência e ação de Satã "podem *experimentar-se* ou pelo menos suspeitar-se hoje, nuns tempos em que o mal, o brutal, o inumano alcançaram legitimidade pública": assim se expressam os coordenadores de "Mysterium Salutis". [53] Mediante o recurso aos *fatos*, à ciência *experimental*, à *experiência* humana, Darlapp considera "doutrina de fé" a existência dos demônios, apesar de reconhecer que "deve proceder-se com grande cautela no método tradicional" de argumentar com a Sagrada Escritura e o Magistério. [54] Igualmente Schierse pretende fundamentar-se na *história* da humanidade, pois reconhece que "todo intento por estabelecer uma

51. Cf. Katharina Elliger, "Teologia Protestante" in Haag, *El Diablo. Su existencia...*, op. cit., p. 53.
52. Hammers, *Fragen über...*, op. cit., pp. 61-73.
53. Feiner, *Mysterium...*, op. cit., p. 945.
54. Darlar, "Dämon" in Henninger, *Lexicon für...*, op. cit., tomo III, pp. 142s.

'diabologia bíblica' sistemática é um erro", como também seria um erro pretender encontrar base no Magistério. [55]

Excessiva severidade. Voltamos ao parecer pedido pelo Vaticano a um perito.

Quero frisar que expressamente se manifesta que o texto foi encomendado a um perito. Tal manifestação expressa reduz em parte a autoridade à do próprio perito. Expressamente também "se recomendava vivamente". E recomendação não é imposição nem pretende dirimir a questão. Antes ao contrário, parece que se incentiva o estudo, para o que se apresenta o artigo como "base segura" ou ponto de partida para a pesquisa. Não se trata de disposições práticas, que há que obedecer; parece tratar-se de orientações teóricas que há que considerar.

Por outra parte o perito dedica praticamente o artigo inteiro a apresentar argumentos. Ora, as conclusões ou doutrinas podem pertencer ao Magistério Ordinário — a considerar junto com outros textos contrários que são também do Magistério Ordinário —, mas os argumentos valem o que valham em si mesmos. E não me parecem válidos ou certos. Em várias oportunidades deste livro expressamente refuto diversos argumentos apresentados pelo perito.

Por todo o dito penso que é excessiva severidade a do perito quando afirma: "É, com efeito, no ensino evangélico e no coração da fé vivida, onde se revela, como um dado dogmático, a existência do mundo demoníaco". Aparece mesmo no ensino evangélico? É essa a fé vivida?

É evidente que tanto na Bíblia como no Magistério, na Tradição e na Liturgia..., se exorta continuamente os fiéis a lutar contra Satanás. Satanás é apresentado como "o Príncipe *deste mundo*" (Jo 12,31; 14,30; 16,11), "os príncipes *deste mundo*" ("desta época") (1Cor 2,6-8), "o Príncipe do poder *do ar*, o espírito que agora opera nos filhos da *desobediência*" (Ef 2,2), "o dominador *da morte*" (Hb 2,14) etc. Não há dúvidas de que se pretende contrapor o reino de Deus ao reino de Satanás, a Virtude ao Pecado, o Bem ao Mal. Mas, da mesma maneira que ninguém acredita hoje que o mundo, esta época, o ar, a desobediência, a morte, as doenças, as coisas malignas, as desgraças, o Mal numa palavra, sejam seres transcendentes pessoais; da mesma maneira não há por que considerar esses males como efeito da ação de Satanás e

55. Schierse, "Satan" in *Handbuch Theologische...*, op. cit., tomo II, p. 469.

seus demônios. Estes ao contrário podem ser simplesmente representações daqueles diversos tipos do Mal.

Falta de lógica. Parece-me ilógica, *petitio principii* (supor o que se deveria demonstrar), a atitude de alguns "demonófilos" quando repetem a expressão de S. Boaventura — outros a atribuem a Baudelaire: "De nenhuma maneira o demônio engana tanto aos homens como fazendo-os acreditar que não existe".

Com essa *petitio principii* Zahringer começa seu artigo sobre demonologia no prestigioso "Mysterium Salutis". [56] Com ele pretendem provar alguma coisa Semmelroth [57] e Guardini etc. [58] À mesma falha na lógica se apega um jornal da cidade do Vaticano — não oficial da Santa Sé — quando, pela caneta do conhecido teólogo Momchone, O.P., escreve: "Quem considerar simplória a crença no demônio e apresentar Satanás como uma criatura imaginária e ridícula se converterá por isso mesmo em seu mais humilhante servidor, seu mais mecânico escravo". [59]

Frases infelizes.

E na realidade talvez nenhuma idéia tenha sido tão perniciosa para a humanidade, como a idéia de "milagres" dos demônios. As maiores aberrações têm surgido da crença no poder do demônio. E não só na época da bruxomania.

O Diabo age no nosso mundo? Sobre isto a Teologia não pretende dizer a última palavra. Duquoc chega a afirmar que "hoje o estudioso não pode afirmar a existência real (do demônio). Isso é tímido? É avançado? No momento é o mais honesto". [60]

Parece estranho que se tenha exaltado tanto a Satanás, como para fazê-lo inseparável do "contexto global da história da Salvação" e "necessário para a noção e realidade da Salvação" que Cristo nos trouxe!

Neste capítulo que aqui termino, analisei o "contexto global" e os testemunhos da "Igreja" a favor diretamente da *existência* (em função da atividade). Nos dois próximos capítulos analisarei o "contexto global" e testemunhos com respeito diretamente à *atividade* (e deles se poderá, ou não, deduzir a existência).

---

56. Feiner, *Mysterium...*, op. cit., p. 996.
57. Semmelroth, *Glauben wir...*, op. cit., p. 348.
58. R. Guardini, *Glaubenserkenntnis*, Wurzburgo, 1949.
59. Monchone, O.P., in "L'Osservatore Della Domenica", 1.º domingo de fevereiro de 1972. A Associated Press espalhou a frase pelo mundo no comunicado de 3 de fevereiro do mesmo ano.
60. C. Duquoc, "Satan, symbole ou realité?" in *Lumière et Vie*, n. 78, 1966, pp. 99-105.

Capítulo XV

A EXALTAÇÃO DE SATÃ

Pouco ou nada na Patrística. Com respeito à magia e a sua eficácia, os Santos Padres nem formularam o problema. Pouquíssima coisa poderá extrair-se neste sentido dos mais destacados demonólogos como Justino, Taciano, Atenágoras, Tertuliano, Cipriano, Orígenes e Eusébio.

Agostinho provavelmente pode ter influído na elaboração posterior da teoria do pacto implícito (Sto. Tomás, na exposição desta teoria, constantemente se apóia em Agostinho). Uma passagem agostiniana destaca que os que se entregam a superstições "frívolas e nocivas" dão a impressão de ter um "pacto pestilento" com os demônios. [1] Na realidade, Agostinho é claramente contra a interpretação demonológica.

É pouco o que se tem publicado a respeito de magia e bruxaria na Patrística. As monografias a respeito para o *Dicionário da Teologia Católica* [2] foram encomendadas a Gardette. Gardette apresenta como *hipótese* a interpretação demoníaca nos Santos Padres. Se é hipótese, não se pode invocar a tradição primitiva para considerar *de fé* a existência dos "milagres" do demônio.

Maniqueísmo. De todas as mitologias, provavelmente a mais imbuída de demônios é o maniqueísmo. O maniqueísmo já tinha raízes na mais remota antigüidade de muitos, ou de todos os povos. Seu predecessor imediato foi o gnosticismo.

---

1. Agostinho, *De Doctrina Christiana*, cf. Migne, *Patrologia Latina...*, op. cit., pp. 52s.
2. Gardette, epígrafe "Magie" in *Petit Dictionnaire de Théologie Catholique*, Paris, 1970 vol. IX.

Mani, ou Manes, nasceu no ano 216 d.C. Na Babilônia. Seu pai era de grande influência, pertencente à dinastia Meda dos Arsacides. Mani, por esse fato, encontrou quando adulto, maiores possibilidades de difusão de suas idéias.

Já aos 24 anos, ele viajou pela Índia incitando a fugir da matéria. Em Beluchistão converteu o governante daquele país, que viu em Mani a reencarnação de Buda! Depois de 2 anos, Mani foi chamado à Pérsia pelo rei Sapor I para ensinar ao povo qual era a origem de todos os males. Suas idéias percorreram todo o mundo então conhecido. Mani ou Manes morreu no cárcere onde o rei Babram, sucessor de Sapor, o manteve 26 dias em sofrimento. Fora acusado pelos sacerdotes da seita mazda. Seus seguidores falaram da "crucificação de Mani".

De acordo com Mani, há dois princípios eternos: Deus, princípio de todo o bem; o segundo — característica do maniqueísmo — é a matéria, princípio de todo o mal.

Durante os primeiros séculos do cristianismo, esta heresia causou grandes divisões. Tanto o mundo Oriental, onde surgiu, como o Ocidental foram tremendamente influenciados pela imagem maniqueísta do demônio.

O rei dos demônios é o "príncipe das trevas". O tal "príncipe das trevas" reinava por todas as partes: foi identificado no mundo muçulmano com Satã; os persas o identificaram com Ahriman; na China com Tan-mo, o demônio da cobiça; na Ásia Central com Sanmu etc.

O "território infernal" seria o mundo, dividido em cinco "províncias" governadas hierarquicamente por outros tantos demônios: príncipes do fogo, da fumaça, do ar, da água, das nuvens. Outros demônios governavam (residiam ou mesmo eram) os bípedes, répteis, quadrúpedes, alados e peixes.

O Maniqueísmo levou ao culto do demônio. A grande importância que classicamente foi dada ao demônio constitui uma espécie de culto. Freqüentemente rebrota aqui ou lá.

Exorcismos. Os judeus e a Igreja Primitiva Cristã identificavam todos os ídolos ou deuses pagãos com Satã e seus demônios. Sob o influxo do Maniqueísmo não houve dificuldades para que as bênçãos, invocando a ajuda de Deus, se transformassem em "exorcismos" para defender-se dos demônios.

Há, além do mais, frases no Novo Testamento que, mal-interpretadas, fizeram os primeiros cristãos acreditarem na generalizada superstição demoníaca na maioria dos países. "O exorcismo (ou mais em geral, quaisquer orações para se proteger do demônio) tem sua origem em afirmações do Novo Testamento... Na tradição cristã ocidental, a teoria da possessão brotou do Novo Testamento." [3]

Alguns povos pagãos acreditavam que os demônios viviam na água. Tertuliano, no seu tratado sobre Batismo, toma muito a sério a idéia de que a água é habitação demoníaca. [4]

Cirilo de Jerusalém, por exemplo, nos transmite um ritual de exorcismo para todas as pessoas antes de serem batizadas, pois todo pagão era morada dos demônios. E o exorcismo se aplicava tirando-lhe todas as roupas, para serem primeiro também exorcizadas. Depois o ungiam dos pés à cabeça com óleo, mas o óleo tinha também previamente sido exorcizado! [5]

Os cristãos acabaram "exorcizando" tudo: a água, o óleo, as sementes, a lavoura...

Desde o século III até a recente modificação do Ritual, foi aumentando cada vez mais o motivo demonológico na liturgia cristã. Chegou a constar amplamente no Ritual dos sacramentos e de uns 50 sacramentais. [6] Em tudo e sempre tinha o homem que se proteger contra o ataque dos demônios residentes na matéria.

Até bem recentemente todos os atos litúrgicos se iniciavam com o sinal da cruz acompanhado da invocação "Adjutorium nostrum in nomine Domini" ("nossa defesa está no nome do Senhor"). Um "exorcismo".

Albigenses, Valdenses... No século XII, o maniqueísmo fanatizou-se na seita dos albigenses, assim chamados por terem surgido muitos seguidores em Albi, cidade da França. Rejeitavam o casamento por conceituá-lo como material, e chegavam até o suicídio de fome para fugir de toda matéria. Fora dos "perfeitos" ou elite, a massa, cheia de idéias demoníacas, por reação se dedicava à magia, culto ao demônio, práticas repletas de licenciosidade etc.

Também no século XII, concretamente em 1179, nasceu a seita dos Valdenses. Os "pobres de Lião", conduzidos por Valdo, fugiam de todos os bens materiais. Os "mestres" ou "apóstolos" faziam voto de pobreza absoluta, extrema, distinguindo-se dos seguidores não tão radicais, chamados "amigos". A seita estendeu-se por quase toda a Europa. (Hoje a Igreja evangélica valdense, de caráter batista, abandonou o extremo fanatismo maniqueísta primitivo).

---

3. Robbins, *The Encyclopedia...*, op. cit., pp. 181 e 392.
4. Cf. F. J. Doeloer, *Der Exorcismus im altchristlichen Taufritual*, Paderborn, 1909, pp. 161 e 163.
5. Cirilo de Jerusalém, *Catechumeni*, XX, 3.
6. C. Vagaggini, *Initiation théologique à la liturgie*, tomo I, Paris, Bruger, 1959, pp. 247-298.

Pensam muitos que o sabbat dos bruxos se originou nos encontros de pessoas desequilibradas imbuídas das idéias maniqueístas da seita dos Valdenses. Inclusive outra das possíveis origens do termo Sabbat seria o fato de que os Valdenses se autodenominavam, na Itália, *sabbatati.*[7]

Com tais líderes... Neste ambiente, a autoridade e influxo de Sto. Tomás de Aquino, pró-demônio, triunfaram no século XIII.

"A fé católica quer — escrevia o Doutor Angélico — que os demônios sejam algo que possa fazer danos mediante suas operações e impedir a cópula carnal." Quer também que se condene pela Igreja a idéia de que a atividade do demônio é pura fantasmagoria, fábulas para assustar os homens quando se fala de magia. Tal idéia, segundo o Aquinate, revelaria pouca fé.[8]

Essas idéias de Sto. Tomás de Aquino alastraram-se durante os séculos posteriores. No século XVI, o grande teólogo Francisco de Vitória, mesmo concedendo que as bruxas em certas ocasiões eram vítimas de alucinações, reforçava a idéia da atividade demoníaca defendendo a tese de que, por poderes demoníacos, os bruxos *algumas vezes* realizavam metamorfoses convertendo-se em lobos, sapos ou outros animais e que eram capazes de realizar vôos com vassouras ou sem elas; e assim por diante...[9]

No século XVII, Francisco Suárez, que talvez tenha sido o maior teólogo escolástico dos tempos modernos, defendeu também a magia e os poderes demoníacos. Lecionou em Alcalá, em Salamanca e em Coimbra: da Espanha e Portugal se irradiavam então as teorias a todo o mundo.

Com tais líderes era indiscutível, do século XIII ao XVIII, que os demônios realizavam toda a classe de prodígios.

Também na Reforma. Como os católicos, os teólogos protestantes. Católicos e protestantes até podiam tratar-se como adversários. Mas concordavam no tema da magia, das atividades demoníacas.

Parece incrível que a crendice com respeito a Satanás chegue aos extremos das mais absurdas aberrações, num Lutero que em outros temas tendia ao ceticismo.

---

7. Nosso colega, do CLAP, provavelmente influenciado pela discutível posição de Margareth Murray da *Enciclopédia Britânica*, faz derivar a palavra *sabbath de Sabesio*, segunda denominação de Baco, o deus dos bacanais; Bruno A. L. Fantoni, *Magia e...*, op. cit., p. 134.
8. Tomás de Aquino, *Quaestiones Quodlibetales*, XI, 10.
9. Francisco de Vitória, tradução do latim de Jaime Torrubiano, *Relación del Arte Mágica*, Madri, pp. 152s.

Nas biografias podemos vê-lo contando, ele mesmo, como um dia em que Satanás o incomodava muito, pegou o tinteiro e o lançou violentamente contra a cabeça de Lúcifer. Ainda hoje mostra-se em Wartburg, na habitação que usou Lutero, o manchão de tinta na parede.

Afirma nos seus escritos que viu a Satanás muitas vezes. É que, para Lutero, qualquer coisa era disfarce de Satanás; em forma de porco, de palha ardendo, de qualquer maneira. Cita que em Lessem, três criados foram arrebatados vivos pelo Diabo, como também um flautista bêbado em Mühlberg; que em Marche, Belzebu retorcera o pescoço do dono de um boteco. Outra vez, um médico reconheceu o demônio num bode e pretendendo pegá-lo pelos chifres para degolá-lo, o bode revoltou-se contra o médico e este é que foi degolado. Lutero afirma também ter conhecido em Dessau um filho do Diabo: uma mulher coabitara com o próprio Lúcifer. Lutero recomendou ao Príncipe de Anhalt que matasse a criança nas margens do Mülde.

Os pronunciamentos de teólogos de prestígio a respeito do poder dos demônios, paradoxalmente, proporcionaram o maior incentivo à magia. Principalmente — novo paradoxo — entre os incrédulos, que não esperam mais riquezas e poderes que os deste mundo...

O que se aceitava. A perseguição incentivou a mentalidade mágica.

A título de exemplo, entre tantos!, de credulidade, traduzo, conservando o estilo do castelhano antigo, alguns trechos de uma enorme carta do Inquisidor da Calahorra ao Condestável de Navarra (Espanha):

Descobri este caso de bruxas, contra as quais fizemos processo, e todas manifestaram suas culpas, especialmente as que diziam ir em pessoa à reunião com o demônio e que saíam por janelas e chaminés e por qualquer parte que elas quisessem. Fiz que uma delas se untasse na minha presença... (e de) homens da terra até 20, e em presença de todos eles ela se apetrechou e a puseram num quarto, eu, o secretário e outros com ela. Ela se untou pela forma acostumada... e chegou a uma janela do aposento que estava muito alta do chão e embaixo uma grande rocha, que um gato se faria em pedaços, e fez uma evocação do demônio, o qual veio como costumava e a desceu em berço até chegar ao chão (levitação?). E porque fosse mais convincente, deixei um cabo de esquadra, um soldado, e outro homem da região sob a janela pela parte de fora. E um deles, espantado de ver tal coisa, começou a fazer o sinal-da-cruz e dizer Jesus, e assim (a bruxa) desapareceu e escapou das mãos (alucinação?). E no dia seguinte apareceu com outras sete a três

léguas de lá (agilidade? Mania ambulatória?)... O presidente e alguns do Conselho com alguns teólogos letrados... acabamos com a dúvida que tinhamos de que estas bruxas iam em pessoa e as levava o demônio...

Satã... mostra-lhes a forma que hão de ter para untar-se em certas articulações do corpo na parte esquerda..., com aquilo podem ir aonde quiserem pelo ar e aquele demônio as sustenta e vem levá-las... E o demônio fala com ela e ela com ele. E o demônio está em figura de bode, grande e preto..., e o demônio as recebe bem..., promete-lhes dar dinheiro e quanto precisarem... Adoram-no no mais sujo lugar do seu corpo... e (o demônio) lhes dá de início dinheiros e moedas... E o que é de maior dor é que aos homens dão moças e às mulheres homens, que são na verdade demônios que tomam corpos fantásticos, e certamente têm parte com os demônios, e assim tanto os homens como as mulheres confessam que no que fazem com o demônio têm tanta deleitação, como o marido com a mulher... E isto, que vão com o demônio pessoalmente, Vossa Senhoria tenha por certo, já está averiguado, porque tenho mais de 50 moças e mulheres de pouca idade que estão corrompidas pelo demônio e entre elas há uma que não chega a 12 anos...

Os mandamentos que lhes manda... assim matar homens, mulheres e crianças como extirpar pães, gados, bolotas dos montes e toda classe de frutas que a terra produz. Que a quem maior dano faz, o demônio dá mais prêmios... Matam com venenos aos homens, mulheres e crianças, e por suas próprias mãos mataram gados, e perdem as bolotas dos montes, e os pastos, e os frutos da terra... com certas maldições que dizem ao campo... Costumam fazer cair pedras... e creia Vossa Senhoria que quando a terra se perde por pedras e tempestades neste reino ou em qualquer outra parte, que é por malefício delas...; sabem fazer feitiços, e quando saem das suas reuniões ou más operações não se sentem nas casas onde entram a fazer mal, adormecem (os habitantes) de forma que elas podem ir, entrar e voltar seguras, e sabem fazer feitiços para que o homem não tenha parte com a mulher; e na minha experiência tenho encontrado que fazem feitiços a seus próprios filhos e netos ao tempo dos casamentos deles para fazerem maiores danos e desprezá-los. Matam seus filhos e fazem outros malefícios e pecados gravíssimos... [10]

Lá e alhures. Espanha, nas montanhas do Norte, avançados os séculos de bruxomania... Não se pense, porém, que se trata de um caso excepcional de credulidade. Na Bula que acendia por toda a Europa as fogueiras contra as bruxas, fundamentando-se no que diziam que acontecia na Alemanha, em 1484, Inocêncio VIII pontificava:

10. Calle, *La Magia*..., op. cit., pp. 247ss.

Muitas pessoas de ambos os sexos... abusam com demônios íncubos e súcubos, procuram com seus encantamentos, canções e conjurações e com outros nefandos excessos de superstição e sortilégio, crimes e delitos, e fazem perecer, sufocar e extinguir os partos das mulheres, os fetos dos animais, os frutos da terra, as uvas da videira e as frutas das árvores, assim como os homens, mulheres e rebanhos.

E o Papa continua numa lista aterradora de danos. Fala igualmente na vinda pelos ares, da adoração do demônio em forma de bode, do *osculum obscenum* etc. [11]

Talvez não a pedido, em todo caso com o patrocínio da autoridade de Inocêncio VII, os inquisidores Frei Henrique Kraemer e Frei Jacob Sprenger escreveram em 1485 o *Malleus Maleficarum*, ou *Martelo de Bruxas* como se conhecia nas línguas vernáculas. Neste "autorizado" manual se confirmavam todas as crenças populares dos poderes demoníacos manejados pelas bruxas e se detalhavam métodos de inquisição e tortura. Seu uso foi contínuo durante vários séculos. Os que negavam e duvidavam dos "milagres dos demônios" terminavam cedendo perante tão grandes autoridades.

"Auto-de-fé" em Logronho. O "auto-de-fé" mais famoso dos realizados na Espanha foi o de Logronho. Teve lugar nos dias 7 e 8 de novembro de 1610.

Na relação original [12] aparece uma exposição direta, breve, dando às declarações dos processos e das testemunhas uma estrutura sólida. Melhor do que em nenhum outro documento, aparece neste a bruxaria como uma seita bem organizada. Os sabbats ou reuniões de bruxos aparecem como muito semelhantes aos "mistérios" da época romana, também com um ritual bem definido.

Segundo a relação ou processo, teria ficado demonstrado que em todas as sextas-feiras celebravam-se as reuniões ou aquelarres

11. Inocêncio VIII, *Summis desiderantes*. Cf. *Magnum bullarium romanum*, "(Dipl. et Priv.. Sanctorum Romanorum Pontificum taurinensis editio)", in 1592; Luxemburgo, 1725ss., vol. I, col. 429b-430b. O texto de *Summis desiderantes* se encontra íntegro em quase todas as edições do *Malleus* após o índice. Kraemer, *Malleus*..., op. cit.

12. (Inquisición de Logroño): *Relación de las personas que salieron al auto de la Fe que los señores Doctor Alonso Bezerra Holguin del Abito de Alcántara; licenciado Juan do Valle Alvarado; licenciado Alonso de Salazar y Frias, inquisidores apostólicos del Reino de Navarra y su distrito, celebraron en la ciudad de Logroño en siete y ocho del mes de noviembre de 1610 años. Y de las cosas y delitos porque fueron castigados*, Biblioteca Nacional de Madri, seção de Manuscritos, 718 fols., 271 r., 283 vto., e em V/Cª 248, n. 71.

(ou sabbats). E em vésperas de certas festas católicas mais importantes, as reuniões para adorar o demônio eram mais solenes. Nelas o próprio Satã, ajudado por outros demônios subalternos, celebraria a missa negra e pregaria a "homilia" em língua basca.

Os detalhes da missa e das cerimônias posteriores de adoração ao demônio são repugnantes e fruto de fantasias atrozmente pervertidas religiosa e sexualmente. Especialmente o que se descreve das imoralidades e excessos sexuais dos demônios com as crianças.

Tudo era aceito como verídico, acreditavam que nos aquelarres os demônios realizavam metamorfoses em porcos, cabras, ovelhas, cavalos e outros animais "segundo o que é mais a propósito para seus intentos". Referem-se aos malefícios para causar danos e tempestades. Acrescenta-se, com certa originalidade, o vampirismo e a necrofagia.

Recorde germânico. Foi na Alemanha que nasceu em 1486 o *Malleus Maleficarum.*[13] Com o tempo este livro fanático teve uma grande e maléfica influência tanto entre os católicos como entre os protestantes. Era considerado como uma espécie de Bíblia, indiscutível como se fosse de inspiração divina. Foi o manual de investigadores e juízes de todos os países. Nele se fundamentaram durante três longos séculos para condenar à morte milhares de inocentes e doentes considerados como se fossem bruxas.

O *Malleus* tem três partes. Na segunda parte se expõem os sinais de pacto com o Diabo; na terceira parte expressam-se os procedimentos legais.

Interessa, agora, a primeira parte que expõe a crença na existência de bruxas, de pessoas que agem com poderes do demônio. "Heresis est maxima opera maleficarum non credere" ("A máxima heresia é não acreditar nas ações das bruxas") dizia o subtítulo. No corpo do livro insiste "dogmaticamente", sem provas, contra os cientistas:

Erram os que afirmam que não existe nada tal como a bruxaria, senão que é pura imaginação; (erram) quando não acreditam na existência dos diabos (e dizem que é) a imaginação dos ignorantes e plebeus; e (erram os que afirmam) que os acidentes que ocorrem ao homem por equivocação se atribuem aos diabos. (Erram os que argumentam dizendo) que a imaginação de alguns homens é tão ativa que pensam ver figuras e imagens reais que nada mais são que os reflexos dos seus pensamentos e chegam a acreditar que são aparições de maus espíritos e inclusive fantasmas das bruxas.

13. Kraemer, *Malleus...*, op. cit.

Isto vai contra a verdadeira fé que nos ensina que alguns anjos caíram do céu e são agora diabos; (pela verdadeira fé) somos forçados a reconhecer que por sua mesma natureza (os demônios) podem realizar muitos atos maravilhosos, e nós ocultos ("ataduras" mágicas)... E porque a infidelidade de uma pessoa batizada se designa com o nome de heresia, portanto tais pessoas são evidentemente hereges.[14]

Na Alemanha o fanatismo bateu o recorde.

Bruxaria e espiritismo, primos-irmãos. Na Escócia, no início, a bruxaria estava mais relacionada com espiritismo e mitologia do que com satanismo propriamente dito. Assim, por exemplo, Bessie Dunlop foi condenada à fogueira em 8 de novembro de 1547 porque, segundo ela, aparecia-lhe o espírito de quem fora seu vizinho, Thome Reid, e que morrera na batalha de Pinkie. Era o espírito do morto, em companhia de quatro outros espíritos e de oito "damas da corte de Elfos", quem guiava em adivinhações e na prática de curandeira e parteira. Também eram seus "guias". Aconselhavam-na a "boas ações" — más, e ditadas pelo demônio, segundo os juízes protestantes —, como, por exemplo, que deveria fazer-se católica.

Muito parecido foi o caso de Alison Peirsun de Byrechill. Recebia as visitas do espírito de um parente morto, William Sympsoune. Foi o espírito do morto quem a levou às reuniões com os Elfos e à presença da rainha das fadas. Como curandeira alcançou tanto prestígio, que o próprio arcebispo de Saint Andrews, o protestante episcopalino Patrick Adamson, consultou-se com ela e se sentiu curado. Arrependido depois, e atribuindo sua cura ao poder do demônio, acusou-a de bruxaria. No processo, a senhora Alison acusou outras muitas pessoas de acudir às reuniões com os Elfos. Convicta e confessa, morreu na fogueira.

Percebe-se que as reuniões com Elfos e sob uma rainha fada têm bastante semelhança com as reuniões com demônios e sob o comando de Satã (ambos os tipos de sabbats provavelmente têm origem comum na antigüidade pagã). Foi só após a viagem do rei Jacob e da princesa Ana de Dinamarca, nos anos 1589-1591, que a bruxaria escocesa adotou caracteres clássica e propriamente demonológicos.

Houve naqueles anos muitas tempestades que impediram aos barcos sulcarem o mar do Norte. Alguém insinuou que eram provocadas por bruxos. O rei acreditou. O líder dos católicos foi acusado, mas conseguiu fugir escondendo-se nas montanhas com seus partidários. Foram, antes e depois, acusadas pessoas humil-

14. Kraemer, *Malleus*, op. cit., p. 7.

des. Até que um magistrado subalterno acusou sua empregada, Ceillis Duncan, curandeira. Usando das suas atribuições submeteu-a a tormentos, sem que a feiticeira confessasse. Começou então a procurar, como se fazia no Continente Europeu, as marcas do Diabo (*Stigmata diaboli*). Encontrado qualquer lugar, já não houve dúvidas. A bruxa acabou confessando e denunciando mais trinta pessoas, algumas de grande categoria, entre elas o Dr. Fian ou também conhecido como John Cunninghan. Nos tormentos ele confessou ter feito pacto com o demônio e ter assistido ao sabbat como secretário do próprio Satanás. Houve muitas prisões. Confirmaram e até ampliaram detalhes às confissões de Cunninghan e Duncan. Jogando um gato na água causavam as tempestades que tanto prejudicaram o monarca. O processo durou quase todo o ano de 1590. Por esse processo, por um só processo, quase todos os acusados, umas 200 pessoas, foram queimadas ou estranguladas.[15]

Acabou? No século XVII, e inclusive no século XVIII, ainda se faziam processos. Criticáveis e retardatários. Já passaram os velhos tempos do *Malleus Maleficarum*, porém alguns juízes protestantes continuavam a se guiar pelos critérios dos antigos dominicanos, já abandonados pelos correligionários católicos, e acreditavam nas mais portentosas maravilhas diabólicas.[16]

Exceção na Igreja. Mas não é certo que a Igreja oficialmente apoiasse os teólogos "demonófilos" neste particular.

Constituem exceção os pronunciamentos Papais (nunca "ex-cátedra") e os Concílios particulares (nenhum entre os ecumênicos) que oficialmente aceitaram a realidade da intervenção do demônio no nosso mundo.[17]

Uma exceção notável pode ser João XXII (1316-1334). Em 1326 ensinava na bula *Super illius*:

> Dolorosamente percebemos... quantas pessoas são cristãs unicamente de nome, as quais... estão obnubiladas com tão grande nevoeiro de erro, que... fazem pacto com o inferno... fabricam ou procuram que sejam fabricadas imagens, anéis, ou espelhos, ou cálices ou qualquer outra coisa para atar aí magicamente os demônios; deles pedem respostas, deles as recebem e pedem auxílio para completar seus perversos desejos.[18]

15. Baroja, *Las brujas y...*, op. cit., pp. 189ss.
16. Cf. Bekker, *Le monde enchanté*, op. cit., tomo IV, cap. XXIX, pp. 576-587; no cap. XVII sob a epígrafe "Terminaram mais tarde".
17. Cf. Constantino Koser, O.F.M., "Documentos eclesiásticos sobre práticas supersticiosas e demoníacas" in Charbel, *O demônio...*, op. cit., pp. 65ss.

Tal é o documento mais pró-demônio. Há no documento outras frases — como veremos — que talvez, no conjunto, poderiam fazer que mesmo João XXII fosse contado entre os papas que nos seus *pronunciamentos oficiais* não admitiam a atividade demoníaca. A Bula, aliás, é mais jurídica que doutrinária.

Como é lógico, no pontificado do seu sucessor, Bento XII (1334-1342) continuou a repressão à bruxaria.

Antes, pela primeira vez num Concílio, o de Paderborn, repetido no *Decretum Gratiani* tocasse no tema do poder dos demônios: nada superior ao que hoje poderíamos chamar de fenômenos parapsicológicos. O demônio não teria permissão divina para isso. Nada de atar os demônios com pactos ou instrumentos mágicos. Mas os padres conciliares admitem que espontaneamente o demônio poderia, *servindo-se das forças da natureza*, se imiscuir no nosso mundo se os homens lhe abrissem a porta.

Inocêncio VIII foi o autor da famigerada bula *Summis desiderantes*, em 9 de dezembro de 1484, e com ela os processos de bruxaria começaram a ser levados aos tribunais da Inquisição e começou a queima de bruxos... O Papa acreditou nas notícias que de vários pontos da Alemanha lhe veicularam os inquisidores Henrique Institor (Kreemer) e Jacobo Sprenger, dominicanos, que pretendem refutar o *Decretum Gratiani* onde diz que a bruxaria é ilusão.

O Papa acreditava em todo tipo de malefícios mágicos e em que a recompensa dos seus sequazes eram relações carnais com demônios íncubos e súcubos. Até parece muito provável que o Papa encarregou a redação da bula[19] aos próprios inquisidores citados,[20] Frei Henrique Kreemer e Frei Jacobo Sprenger.

Há também de se frisar que a bula não é dogmática, nem sequer doutrinal. É meramente jurídica, circunscrita a algumas regiões da Alemanha (que se citam) e só daquela época.

A bula de Inocêncio VIII foi confirmada posteriormente por Leão X (1513-1521), sem nada acrescentar pelas bulas *Supernae*

18. João XXII, *Super Illius*. Cf. *Magnum bullarium...*, op. cit., vol. I, col. 204b-205a.
19. Cf. *Magnum bullarium...*, op. cit., vol. V, p. 297.
20. H. J. Zwetsloot, S.J. *Friedrich Spee und die Hexenprozesse. Die Stellung und Bedeutung der Cautio criminalis in der Geschichte der Hexenverfolgungen*, Trier, 1954, p. 50.

e *Homestis Petentium* [21] e por Adriano VI na bula *Dudum*, de 1522. [22]

Gregório XV, apesar de qualificar como superstições ("ineficazes e falsas") os malefícios e artes semelhantes, admite a possibilidade de que realmente façam mal a terceiros. Poder-se-ia admitir que o Papa atribuiria tal eficácia a forças naturais? A sanção seria só pela imoralidade de pretender pactuar com o demônio? Expressa-se assim na bula *Omnipotentis Dei* de 1623:

> Existem alguns... (que) não temem aplicar-se aos malefícios, superstições e nefandos inventos de Satanás, (apesar de) a ele terem renunciado (no batismo)... Mandamos que, uma vez bem estabelecido que alguém tenha feito pacto com o Diabo e que... tenha prejudicado a uma ou várias pessoas com malefícios ou sortilégios, seja entregue ao braço secular para ser castigado com as devidas penas. [23]

E nada mais. Nenhum outro documento se encontra nem nos Concílios nem nos Papas, neste sentido de defender a intervenção demoníaca.

Alguns autores, por exemplo, Henri Charles Lea, [24] citam outros Papas: Eugênio IV em pronunciamentos de 1437 e 1445, Calixto II em 1457, Pio IV em 1459. [25] Alexandre VI em 1494, Júlio II (1503-1513), e Clemente VII em 1524. Também alguns citam Inocêncio XIII em 1584 e Clemente VIII em 1593.

Esses autores não distinguem bem os fatos. Uma coisa é reprimir a bruxaria ou regulamentar a repressão — isso os Papas faziam —; e outra muito diferente, defender ou endossar expressa e diretamente a interpretação demoníaca. Isto não se pode achacar a esses Papas que citam.

Aos pronunciamentos papais e Conciliares, defendendo a intervenção demoníaca na bruxaria, devemos acrescentar outro pronunciamento, também excepcional e único, com referência ao espiritismo. Expressamente por desconhecimento das explicações que hoje tem fornecido a Parapsicologia. O Concílio III de Baltimore

21. Leão X, *Supernae* e *Honestis petentium*. Cf. *Magnum bullarium...*, op. cit., col. 548a, cols. 617b-618a.
22. Adriano VI, *Dudum*. Cf. *Magnum bullarium...*, op. cit., cols. 625a-b.
23. Gregório XV, *Omnipotentis Dei*. Cf. *Magnum bullarium...*, op. cit., vol. III, col. 498b.
24. Henry Charles Lea, *A history of the Inquisition of Spain*, Nova Iorque e Londres, 1906. Tomo IV, p. 208.
25. Sobre bulas papais entre 1434 a 1484, cf. Joseph Hansen, *Zauberwahn. Inquisition und Hexenputzen im Mittelalter und die Entestehung der grossen Hexenverfolgung*, Munique e Leipzig, 1900, pp. 412-416.

decretava em 1866: "Não obstante, parece difícil duvidar-se que alguns, ao menos, desses (fenômenos) devem explicar-se por intervenções satânicas, *dado que dificilmente poderiam explicar-se suficientemente de outro modo*". [26]

Tal opinião foi defendida por um bom número de teólogos da primeira metade deste século. [27] O mesmo podemos afirmar com referência a autores leigos de prestígio. [28]

Somente a heresia. Concedendo que alguns Concílios e Papas, e muitos teólogos da época e mesmo de hoje consideraram os demônios como autores de determinados prodígios da bruxaria, a atitude eclesial visava mais ao aspecto moral e à heresia do que à explicação dos fenômenos.

Para combater a heresia, nos albores da bruxaria, no início do século XIII, em 1231, o papa Gregório IX fundava como permanente o "Tribunal da Inquisição", confiado aos dominicanos. [29] A finalidade da Inquisição era verificar se algum "adorador de Satã" caía na herética pretensão de fazer pacto com o demônio. [30]

Bem no início da Inquisição, o Papa Alexandre IV, em 1252, dava as instruções claras de que o Tribunal não era para combater a bruxaria, feitiçaria ou quaisquer outras *práticas* mágicas, mas unicamente para combater a *heresia*. O julgamento e repressão da magia, da feitiçaria, da bruxaria como ações ou poderes, era competência do poder civil:

> Como os interesses da fé devem gozar das mais altas prerrogativas e não sofrer detrimento proveniente de cuidados que lhe são estranhos, os que haverão de ser designados como inquisidores pela Santa Sé para lutar contra a peste da heresia não deverão ocupar-se de fatos de adivinhação ou sortilégios, *a menos que estes tenham manifestamente sabor herético*. Eles não deverão castigar os que

26. Concílio Particular III de Baltimore, Título I, cap. VII, n. 5; e Título V, Cap. 10. Cf. *Collectio Lacencis*, vol. III, cols. 405s. e 492.
27. Cf. alguns testemunhos in I. P. Fusening, *Espiritismo, protestantismo*, São Paulo, Revista dos Tribunais, 1936, pp. 39s; Ramos de Oliveira, *A ilusão*, op. cit., pp. 67ss.
28. Cf. uma enumeração seleta in *Balducci, Gli indemoniati*, p. 276, op. cit.
29. Já antes Inocêncio III utilizara o processo inquisitorial contra os cátaros e albigenses.
30. Posteriormente o "Tribunal da Inquisição" se aplicou a outras heresias ou erros religiosos. Por exemplo, na Espanha o "Tribunal de Santo Ofício Espanhol" dedicou-se preferentemente, e muito violentamente, a perseguir os judeus.

se entregam a essas práticas, senão que deixarão essa solicitude à justiça local.[31]

Qual a diferença? Havia teólogos que teoricamente distinguiam muito bem entre heresia e poderes naturais. Na prática, como é que o povo, os inquisidores e mesmo grande número de teólogos poderiam saber sempre e claramente onde terminava o natural e começava o intento vão, supersticioso e herético?

Se havia poderes autênticos, ou inclusive se havia proibição, julgamento, perseguição e castigos, era, pensavam, porque o pacto e práticas mágicas alcançavam realmente a intervenção do demônio. Na época não podiam entender que se tratasse meramente de técnicas e de fenômenos naturais (parapsicológicos).

Só pelas teorias, mas em definitivo Sto. Tomás incentivou a queima das bruxas.[32] Entre outras responsabilidades teóricas, Sto. Tomás foi o grande responsável por se considerarem certos fenômenos parapsicológicos como efeito da ação demoníaca em resposta ao pacto e heresia *implícitos*.

Para Sto. Tomás, a percepção extra-sensorial parapsicológica, por exemplo, se deve ao demônio: "Omnis divinatio ex operatione daemonum provenit". E tal concurso pode ser ingerência oculta sem ser implorada, só *implicitamente* pelo simples intento de adivinhar.[33]

Em outra oportunidade, explica mais detalhadamente a evocação implícita e a aplica a qualquer fenômeno parapsicológico que naquela época não pudessem compreender: "Como naturalmente não parece que se possam causar tais efeitos, em conseqüência, para causá-los não se empregam causas, senão unicamente uma espécie de sinais. E assim tais sinais devem ser considerados como pactos implícitos com os demônios".[34]

Simplismo. A falsa e anticientífica interpretação demonológica de fatos parapsicológicos apresentada por Sto. Tomás arrastou até hoje grande número de teólogos. Nos manuais de nossos dias, pode-se ler: "Implicitamente é invocado o demônio por aquele que emprega meios vãos e ineptos para conhecer ou fazer alguma coisa".

31. Alexandre IV, *Liber sextus decretalium*, 5, 2, 8. Cf. Friedberg, op. cit., tomo II, p. 1072.
32. S. M. Manser, O.P., *Divus Tomas*, 1922, pp. 17-49 e 81-110.
33. Tomás de Aquino, *Summa*..., Secunda Secundae, questio 95, arts. 2-3.
34. Idem, ibidem, q. 96, art. 2.

Acontece que o mago — a maioria deles — não sabia antes de ser condenado que estivera evocando o demônio em vez de possíveis forças naturais desconhecidas.[35]

Um dos casos de "possessão" mais célebres da história foi o das freiras ursulinas de Loudun. A superiora, Madre Jeanne des Anges, não sabia, antes dos exorcismos, que estava "possuída" (?!). Na autobiografia confessa: "Então eu não acreditava que pudesse estar possuída sem ter dado consentimento ou feito um pacto com o diabo". Não pensava ela na disquisição teológica do pacto implícito: "Nisso eu estava errada". Jean Lhermitte e A. Huxley concluem: "Deve ter sido, portanto, sob a pressão dos exorcistas que a Ir. Jeanne e suas colegas se acreditaram possessas e agiram como tais".[36]

Nem os inquisidores sabiam quais métodos são realmente ineptos para facilitar conhecimentos ou outros fenômenos parapsicológicos. Acaso os "demonófilos" de hoje o sabem? "Não é comum, é sobrenatural; não é de Deus, é do demônio", pensaram os inquisidores. "Horrível simplismo".[37] O famoso bispo franciscano e ex-professor de Teologia, D. Boaventura Kloppenburg, que durante dez anos livrou o bom combate contra a heresia espírita, houve de retratar-se em 1961, breve mas taxativamente do erro de considerar demoníaco e pacto implícito a magia, a feitiçaria, a superstição: "Devo confessar que eu mesmo já fui vítima desta simplificação".[38]

Os inquisidores vieram a se perguntar: como ou para que separar a heresia, *implícita* na bruxaria, de outras heresias? E logo passaram a perseguir só ou principalmente as "bruxas".

35. Fritz Byloff, *Das Verbrechen der Zauberei*, 1902, pp. 396ss.
36. Lhermitte, *Vrais*..., op. cit., pp. 54-62; Huxley, *The devils*..., op. cit.
37. Kloppenburg, "A irrealidade..." in *Revista*..., op. cit., p. 350.
38. Idem, ibidem.

Capítulo XVI

A IGREJA ACEITOU OS PODERES DO DEMÔNIO?

Erro de perspectiva. Olhando a partir do século XX muitos consideraram a época da bruxaria como obscurantista.

É necessário olhar mais as superstições, pseudocientíficas e pseudo-religiosas de hoje, tão freqüentes, possibilitando o ressurgimento da bruxaria e proliferação de outras seitas pseudo-religiosas. O século XX é menos obscurantista?

A reação contra a superstição é hoje certamente bem menor do que nos séculos da bruxomania. Hoje se fala de tolerância religiosa, freqüentemente aplicada a meros disfarces sob aparências religiosas. Essa tolerância é responsável pela alienação das mentes e pela exploração econômica em benefício de falsos profetas.

"Foram alguns processos de bruxaria os que serviram de base a um estudo científico da prova testemunhal."[1] Em geral os inquisidores eram as pessoas mais sábias, mais prudentes da época, acostumadas ao estudo sereno e crítico, céticas, educadas, longe das fabulações e medos primitivos das pessoas simples, com desejo sincero de servir a Deus e ao próximo, piedosas até o escrúpulo, que não queriam carregar a consciência com um veredicto demasiado severo ou com falta de misericórdia.

Os primeiros cristãos. A época da bruxaria foi um parêntese — longo e escuro túnel — na História do Cristianismo. Antes e depois desse longo túnel de cinco séculos, o cristianismo não só oficialmente, senão também no pensar mais culto e representativo, respira o ar livre e iluminado: não acredita em tenebrosos "milagres" do demônio.

1. Edmond Locard, *L'enquête criminelle et les méthodes scientifiques*, Paris, 1920, p. 100.

Em contraste com a pena de morte que o Antigo Testamento decretava contra feiticeiros, médiuns, pitonisas etc., o Novo Testamento manifesta mais do que nada desprezo e descrença da interpretação de bruxaria.

Os Atos dos Apóstolos referem que "grande número dos que se haviam dado à magia, amontoavam os seus livros e os queimavam na presença de todos. E estimaram o valor deles em cinqüenta mil peças de prata" (At 19,19). Parece que queimaram os livros por considerá-los pecaminosos. Nenhum castigo contra os tais bruxos, nem nenhuma exigência específica de adjuração de heresia, para serem admitidos na Igreja. Como também nada se exigiu de Simão, o mago que "*iludia* o povo de Samaria... desde o menor até o maior". Simplesmente "Simão... acreditou, recebeu o batismo e aderiu a Filipe" (At 8,9-13).

O legítimo livro gigante de S. Cipriano — multidão interminável de edições com pequenas variantes no título —, tão famoso entre os espíritas e toda classe de ocultistas, atribuem-no eles a um feiticeiro que, convertido ao cristianismo, teria queimado os livros de feitiçaria e chegado a papa, depois canonizado. Na realidade há nove Ciprianos no santoral católico. Nenhum foi papa. Quatro foram bispos. Os espíritas e ocultistas concretizam: S. Cipriano de Cartago. Também não foi papa. Foi batizado já adulto. Nunca foi feiticeiro. Chegou a bispo de Cartago no ano 249. Morreu mártir. "O Legítimo..." é completamente ilegítimo.

Os imperadores romanos cristãos proibiam a superstição da magia na antiga religião pagã. Parecia que a crença alienante e pagã em intervenções de diabos, de espíritos ou de qualquer outra entidade maléfica, tinha sido erradicada para sempre.

Mas durante o império de Teodósio II, a bruxaria rebrotou timidamente e foi sobrevivendo débil e sempre agonizante até o século VI.

O cristianismo se impusera totalmente. Só algumas raízes soterradas da crença na magia, e de vez em quando pequenos brotos continuavam entre as camadas mais supersticiosas e ignorantes do povo. Eram práticas isoladas.

As pessoas simples temiam os bruxos porque acreditavam que eram capazes de fazer mal; em geral não os consideravam adoradores de Satanás nem partícipes dos seus poderes. Temiam os bruxos sem perguntar-se como nem por que tinham poder de fazer mal.

As práticas de feitiçaria continuavam rigorosamente proibidas no plano moral, como relíquias do paganismo, mas na ordem prática as penas prescritas por reis e bispos eram muito benignas: a

Igreja e o Governo sentiam-se plenamente seguros perante a magia, desprezavam-na, não acreditavam nos poderes demoníacos.

A Igreja ensinava que a magia está fora do mundo divino e, portanto, destinada ao fracasso. Quando parece funcionar, seu êxito é aparente e deve-se a ilusões e erros de interpretação. (Um tanto contraditoriamente, porém, às vezes atribuíam essas ilusões e erros ao influxo do demônio no âmbito interno, *mental*).

É do século VI um documento sírio ou palestinense. Apócrifo. Não foi escrito por Dionísio o Areopagita. Mas reflete sem dúvida muito bem o que pensavam os responsáveis por aquela Igreja Oriental. Seu título significa autoridade: "Hierarquia Eclesiástica".[2] Nele se descrevem energúmenos (que como os catecúmenos e os penitentes devem excluir-se dos atos litúrgicos). Dão-se normas para curar os energúmenos (seriam considerados "endemoninhados" em outros ambientes). Na Igreja Oriental nem se alude a exorcismos. Nada indica que os fenômenos lá fossem atribuídos aos demônios. Pelo contrário, vitupera nesses doentes sua pusilanimidade e falta de controle sobre sua imaginação, e incita a superar seus temores que são qualificados como sem fundamento.[3]

Um exemplo de negação total da intervenção demoníaca o encontramos no cânon 16 do sínodo chamado de S. Patrício, celebrado pelo ano 450, na época de Sto. Agostinho. As autoridades eclesiásticas irlandesas condenavam a prática da bruxaria, e a teoria de que os fenômenos misteriosos fossem realizados pelo demônio. Inclusive rejeitavam a possibilidade de intervenção do demônio e até a existência de quaisquer prodígios (alguns poderiam ser parapsicológicos!) dos atribuídos a ele.[4]

Também o III Concílio de Tours, em 813, parece que chega — seria demais! — até a negar a possibilidade de fenômenos que hoje chamamos parapsicológicos, por forças naturais. Em todo caso extensa e contundentemente nega a intervenção do demônio: "Admoestem os sacerdotes ao povo fiel para que saibam que as artes mágicas e encantamentos nenhum remédio podem prestar às doenças... Nada resolvem..., nada favorecem".[5]

2. Pseudo-Dionísio, "Hierarchia ecclesiastica" in Johannes Quasten (ed.), *Monumenta eucharistica et liturgica vetustissima*, Bonn, 1935-1937; *Florilegium Patristicum*, tomo 7, pp. 275-328; tradução e continuação; J. C. Plumpe (coord.), *Ancient christian writers*, Westminster e Londres, 1946ss.

3. Pseudo-Dionísio, *Hierarchia*..., op. cit., 3, 3, 7; cf. V. Quasten, *Monumenta*..., op. cit.

4. Sínodo de São Patrício, Revisão in L. Bieler, *Mélanges offerts à Mlle. Mohrmann*, Utrecht, 1933, pp. 96-102.

5. III Concílio de Tours, cânon 42. Cf. Conscartius Labraeus, *Sacrosancta Concilia*, vol. VII, Paris, 1671, col. 1268.

Até o século XIII se manteve oficialmente na Igreja o desprezo total pela magia.[6]

Um parêntese na história. A tese teológica antidemoníaca é antiga e é moderna. Houve um parêntese no intermédio. Lástima que Sto. Tomás de Aquino se tenha desviado do que a este respeito ensinava quem foi seu mestre...

Sto. Alberto Magno, filósofo e teólogo de origem alemã, é considerado precursor da moderna Parapsicologia. Ele evidentemente não podia se aprofundar nas explicações científicas, mas por senso comum e espírito de observação, por Filosofia, por Teologia, atribuía às forças da natureza todos os fenômenos tidos por demoníacos. Sto. Alberto Magno ensinava que "todas as maravilhas que o povo atribui ao demônio, ou são falsidades ou são fenômenos naturais. Há homens que, pelo poder da vontade, podem produzir os fenômenos e curas mais maravilhosas".[7] Não há intervenções demoníacas: "São falsidades ou são fenômenos naturais".

Nem sequer na época da bruxaria. No século XIII a mentalidade mágica, o medo a poderes "exclusivos de Deus" em mãos do demônio, brotou viçosa e encheu o mundo até meados do século XVII. Foi um dos períodos mais negros e absurdos que a humanidade conheceu.

Mesmo nos textos eclesiásticos que *na ordem prática* mais poderiam parecer a favor da interpretação demoníaca, sempre aparece *na ordem doutrinal* a interpretação antidemoníaca. Muito acertadamente concluía o teólogo e parapsicólogo, especialista em demonologia, Pe. Tonquédec, referindo-se à interpretação demoníaca e espírita das tiptologias e casas "mal-assombradas":

> Mesmo que tais crenças estejam muito difundidas entre as pessoas piedosas e inclusive entre alguns santos, a Igreja não tomou jamais posição a seu favor. Ela não tem uma doutrina geral sobre esses fenômenos. Por exemplo, não homologou a idéia de que os golpes (tiptologia) signifiquem uma demanda de orações ou de missas.[8]

A Igreja nunca homologou a superstição. E claramente se pronunciou contra.

6. Gardette, epígrafe "Magie" in *Petit Dictionnaire*..., op. cit., vol. IX, col. 1524.

7. Cf. J. Ennemoser, *The history of magic*, 2 vols., Londres e Nova Iorque, 1854, p. 95.

8. Tonquédec, *Merveilleux*..., op. cit., p. 115.

Na realidade, a crença na bruxaria, possessão-demoníaca etc. só é imputável aos cristãos como cidadãos, não precisamente como cristãos. Não é imputável à Igreja como tal.

Alguns teólogos — felizmente cada dia mais isolados —, que ainda hoje defendem esse tipo de atividade demoníaca, não parece tenham considerado bem o conjunto da Revelação, da Tradição e do Magistério a este respeito.

Sobre a bruxaria nenhum Concílio Ecumênico (únicos a poder se pronunciar como dogma de fé) nem Papa algum *ex-cathedra* definiu absolutamente nada.

A tônica geral do Magistério Ordinário da Igreja, mesmo quando condena as práticas de bruxaria, é contra a interpretação demonológica.

Os Concílios particulares mais antigos que tratam o tema da superstição e magia não se referem ao demônio: Concílio de Elvira em 305 (?), cânones 6, 29 e 37; Concílio de Cartago em 398, cânones 7 e de 89 ao 92; e pela mesma época — de vários Concílios antigos não consta data exata — o de Laodicéia, cânon 36; de Orange em 441, cânon 14; o I de Orleans em 511, cânon 30; e de Narbone em 589, cânon 14.[9] O XI de Toledo em 675, cânon 13; o I e o IV de Milão em 1565, parte 2, n. 48; e em 1576, parte 2, n. 1; o Salarnitano em 1596, cânon 18.

O primeiro Concílio que, tratando de superstição e magia menciona o demônio, é o Concílio de Paderborn (ano 786). O concílio nega abertamente no cânon 6 que se possa eficazmente fazer pacto com o demônio e que o homem possa utilizar o demônio. No cânon 6 ensina: "Se alguém enganado pelo demônio acreditasse que algum homem ou mulher é bruxa..." — e como o Concílio estava presidido por Carlos Magno, a sanção é civil — "será castigado com pena capital".[10]

A mesma doutrina se repete e se mantém depois constantemente nos Concílios Calcutense (787), de Aquisgrana (ano 790?), II de Tours (813) etc., até chegarmos sem variações ao *Decretum Gratiani* por volta de 1140.

9. Koser, O.F.M., "Documentos..." in Charbel, S.D.B., *O Demônio...*, op. cit., pp. 69-72. Adverte Koser que não conseguiu fazer a lista completa. De fato tenho encontrado em outras fontes vários concílios e documentos tratando de demonologia e magia, como os citados à continuação no texto.

10. Pertz, *Monumenta Germanicae Histórica,* vol. I: *Leges,* Hannover, 1835, p. 48; Migne, *PL...*, op. cit., vol. 97, p. 145; Hefele-Leclerc, *Histoire des Conciles,* tomo III, p. 993.

Pecado. A hierarquia eclesiástica, como o povo, acreditava que todo bruxo participava de Missas Negras. Certamente que ontem como hoje e provavelmente em número sempre crescente, houve doidos e tarados que individualmente ou em associações satânicas cultuavam o Diabo.

Frei Castañega dedicou um capítulo do seu difundido livro a descrever o ritual satânico. Uma total inversão do ritual católico. A cada sacramento católico corresponde um "execramento" satânico. A cada sacramental corresponde um "execramental". A Missa é parodiada pela Missa Negra. Em contraposição à limpeza e elegância dos vasos sagrados, utensílios e imagens, em contraste com a brancura e pureza das vestes e panos reservados para o culto católico, as sociedades diabólicas preferiam materiais sujos, impuros e aborrecíveis. Todo o cerimonial satânico é o avesso do culto divino.[11]

Atribuem-se muitos tipos de aberrações e crimes aos bruxos.

Teólogos protestantes, ao menos os de tendência mais moralista e menos doutrinária, insistiram freqüentemente na condenação da bruxaria como pecado. O pecado era também o ponto central em Hobbes ainda no século XVII. Não aceitavam a realidade dos fenômenos. Não se preocupavam pelo aspecto heresia.[12]

Pecado de pretensa magia. No século XV o teólogo espanhol Pedro Sánchez Ciruelo — durante trinta anos inquisidor em Saragoça — era taxativo em excesso: negava que fossem reais o sabbat e mesmo quaisquer outros fenômenos atribuídos às bruxas. Como fenômenos! Todos! Igualmente taxativo era o teólogo Molitor: só as imaginações doentias podiam inventar e acreditar na realidade dos fenômenos. Mas mesmo assim afirmavam que as pretensas bruxas eram igualmente dignas de ser castigadas. Seus poderes eram ilusão de quem deseja tais poderes; pretender fazer dano, mesmo sendo ilusão, é pecado.[13] E pretender ajuda do demônio é heresia.

A condenação do pecado de pretensa magia fez escola. Outros teólogos católicos aceitaram tal ponto de vista.

É evidente que Lutero se deixou inundar, inclusive mais do que os católicos, pela supersticiosa mentalidade demonológica. O homem está quase que indefeso perante o Diabo. Todo o mal

11. Castañega, *Tratado muy...*, op. cit., cap. III.

12. Thomas Hobbes, *Leviathan,* 1651.

13. Ulrich Molitor, *Tractatus de Pythonicis* Mulieribus, 1489; tradução: *Des sorcièrs et des devineresses,* Paris, E. Nourry, 1926.

procede do Diabo. Satanás governa este mundo.[14] Satanás engana e arranca dos homens a palavra de Deus.[15] Cristo veio libertar-nos do poder do Diabo que nos cerca e arrasta por todas as partes.[16]

Lutero exorta encomiasticamente a não buscar ajuda do Diabo (nem dos santos).[17] Apoiados nisto, alguns — Katharina Elliger, por exemplo —[18] acham que Lutero acreditava no pacto com o Diabo. O argumento de Elliger não me convence. Nesse caso, o CLAP, que sempre exorta contra o espiritismo, a bruxaria etc., também aceitaria essa mentalidade mágica? Ao contrário: exorta porque não concorda com esse crasso erro científico e religioso. Mas não sei se Lutero considerava a bruxaria mais como pecado ou mais como pretensão. Ou se refletiu sobre esta distinção...

Pecado de heresia. O caso é que a bruxaria logo depois passou a ser proibida oficialmente pela Igreja Católica principalmente porque era pretensão *herética.* O satanismo foi considerado um pecado mais grave que a idolatria por ser herético.

A bruxaria era heresia. E portanto falsa, ilusão, erro, impossível.

Decretum Gratiani. O *Decretum Gratiani*[19] (C. 1140), negando a ingerência do demônio no mundo observável, constitui o foco de luz para os posteriores pronunciamentos.

A doutrina e os textos apresentados pelo decreto são todos anteriores a ele. Serve, por isso mesmo, para termos um resumo do que a Igreja geralmente pensava desde a antiguidade.

Creio definir bem a doutrina do *Decretum Gratiani* com os seguintes itens: nenhuma prática mágica existe que possa forçar o demônio a intervir e colaborar com o homem. Todo fenômeno de bruxaria está, como qualquer outro fato, sob o governo soberano de Deus, sem que o demônio possa fazer nada sem aprovação da Divina Providência. E qualquer fenômeno dos atribuídos à magia — e isto é o importante — está dentro das forças naturais e

14. Martinho Lutero (apresentação de G. Hermann), *Grosser Katechismus,* 11ª ed., Berlim, 1954, p. 32.
15. Idem, ibidem, p. 31.
16. Idem, ibidem, p. 81.
17. Martinho Lutero (apresentação de K. Wolfh), *Der Kleine Katechismus D. Martin Luthers,* Gottingen, s.d., p. 17.
18. Elliger, "Teología..." in Haag, *El Diablo. Su existencia...,* op. cit., p. 69.
19. *Decretum Gratiani,* Pars II, casus 26, quaestiones 1-2, canones 1-11; quaestiones 3-4; canones 1-3; quaestio 5, canones 1-14; quaestio 7, canones 15-16. Cf. Ferrario-Franzino, *Decreta,* edição antiga de Veneza, 1584, cols. 1919-1956.

humanas (hoje diríamos: mero fenômeno parapsicológico). A "colaboração" demoníaca — se houvesse! — não pode ultrapassar em nada o alcance do puramente humano e natural.

O *Canon Episcopi Eorumque* (erradamente atribuído ao papa S. Dâmaso e ao Concílio ainda não identificado de Ancira, mais ou menos no ano 314) é provavelmente de autoria de um capitular carolíngio no ano 906.[20] Foi incorporado ao Direito Canônico no *Decretum Gratiani* pelo ano 1140. Declara que "a multidão inumerável" que acredita na bruxaria está "enganada por falsa opinião", "se desvia da reta fé", "se envolve no erro dos pagãos pensando que há algo de divindade ou de providência fora do único Deus", são de "mente obtusa e estúpida", "perdem a fé"[21]

Como o "Canon Episcopi" solenemente foi incorporado no *Decretum Gratiani*[22] e como este era respeitado como a expressão do direito vigente na Igreja daquela época, pode-se concluir que eram declarados hereges (*fidem perdit*) os que crêem na bruxaria, nos "milagres" do demônio ("qui talia et his similia credit").

Um exemplo. Um episódio da vida de Sto. Hilarião é claramente a aplicação desta doutrina. Um jovem apaixonado não conseguia seduzir sua amada. Dirigiu-se então a um bruxo de Mênfis. Durante um ano o bruxo ficou ensinando e treinando o jovem.

Sob o chão da casa onde habitava a moça, enterrou certas fórmulas mágicas, assim como horríveis figuras de chifre gravadas em bronze. Logo a moça começou a dar mostras de loucura. Joga o véu que lhe cobria a cabeça, se arranca os cabelos, range os dentes e chama estrepitosamente o jovem pelo nome. O afeto que ela tinha por ele se tornou um frenesi.

Os parentes a levam então ao mosteiro (é a mentalidade mágica que procura o padre em vez do médico) e a apresentam ao velho santo. No mesmo instante em que ela ficou perante ele, o Diabo (?!) começou a berrar e a confessar: "Fui constrangido, é contra minha vontade que fui arrebatado. Ah, como eu era feliz quando podia troçar nos sonhos das pessoas de Mênfis! Quantas cruzes, quantas torturas sofro agora! Tu queres me forçar a sair, e eu estou ligado sob o chão. Não posso sair daqui, a menos que o jovem que me segura me permita agir ao meu gosto".

Mas Sto. Hilarião, como o *Decretum Gratiani,* como tradicionalmente a Igreja, não aceitava a heresia da magia: "O santo, com

20. Russel *Witchcraft...,* op. cit., pp. 76s.
21. Barônio, *Annales Ecclesiae,* an. 314, an. 323.
22. *Decretum Gratiani: Canon Episcopi,* quaestio 5, canon 12, n. 10.

efeito, não permitiu que se fosse procurar o jovem ou que se trouxessem os talismãs...: porque receava que acreditassem que o demônio tinha sido ligado por meio de encantamentos, ou que ele mesmo estava dando qualquer crédito ao que lhe contavam". [23]

No fim do século IV, Sto. Hilarião não acreditava na magia. Contrasta com a superstição que no começo do século XVII se infiltrou e se conservou até hoje no Ritual Romano: "Que ele (o exorcista) ordene ao demônio dizer se é por efeito de qualquer operação mágica ou por meio de figuras ou instrumentos para malefícios que está assim encerrado nesse corpo. E se o possesso os engoliu, será necessário que os vomite; ou se se encontram ao redor do corpo, deverá dizer onde estão; e se os encontram deverão ser queimados". [24]

Disquisições... O *Decretum Gratiani* deu grande trabalho aos "demonófilos", eles não podiam aceitar que a bruxaria fosse falsa. Assim Alonso de Castro e Torreblanca diziam que o decreto só se referia às bruxas do século IV: "As palavras do cânon não se referem às bruxas do nosso tempo, que verdadeira e realmente são transportadas (*pelo demônio*), senão a algumas heréticas..." [25] Del Rio pretende que o cânon não pode ser autêntico. Granado e Arriago julgam que o Concílio não pode falar com obrigatoriedade de fé nesta parte em que nega o poder do demônio.

Tanner, o Cardeal Toledo, Torquemada, Silvestre e Tostado caíam em disquisições: o cânon não negaria que sejam transportadas por poder do demônio, senão que condenaria as bruxas que acreditam serem transportadas por Diana ou Herodíades. [26]

Forçadas e falsas escapatórias. O texto em que pretendem apoiar-se diz: "Também não se deve omitir que algumas mulheres perversas, voltadas para Satanás e seduzidas por ilusões e fantasias de demônios, crêem e professam que cavalgam sobre certas bestas pelas noites junto com a deusa Diana e com Herodíades..." O cânon refere-se expressamente a pessoas voltadas para Satanás e seduzidas por ilusões e fantasias de demônios.

O *Decretum Gratiani*, radicado na antiga tradição fazia parte do *corpus Iuris Canonici*. Foram, pois, meras saídas particulares dos

23. S. Jerônimo, *Vita Sancti Hilarionis*, cap. 21; Migne, *PL*..., op. cit., tomo 23, cols. 38s.
24. *Rituale Romanum*, op. cit., titulus XII, caput I, n. 20.
25. Francisco (Cordubensis) Villalpendo Torreblanca, *De magia*, Lião, 1678; *Daemonologia*, Mainz, 1623, liber II, caput XXVI, p. 281.
26. Sigo nesta enumeração de "defensores do demônio" Kloppenburg, "A irrealidade..." in *Revista*..., op. cit., p. 353.

trilhos oficiais aquelas opiniões de Papas posteriores e do Ritual dos Exorcismos que aceitaram a ação do demônio.

Os papas alertam... e calam. Cronologicamente, vêm depois os *Decretales* de Gregório IX (1227-1241). A alusão ao demônio é rapidíssima: "Não com a intenção de evocar o demônio, senão pela inspeção do astrolábio". [27] Parece aceitar a adivinhação. Mas não por evocação do demônio. Em todo caso não se poderia dizer que por essa frase, mais ou menos ambígua, o Papa estaria se opondo à doutrina do *Decretum Gratiani*.

Alexandre IV com sua Bula *Quod Super Nonnullos* de 1257 e o Concílio de Grado em 1296: a magia e bruxaria são heresia. Nenhuma ambigüidade oferece o Concílio de Treveris que proíbe que alguma mulher diga que tomou parte em um sabbat de bruxas, porque isso é "demoníaca *ilusão*". Igual o Concílio de Valladolid em 1322.

Na época de João XXII (1316-1334), começava a se generalisar entre o povo a aceitação da realidade da bruxaria, a crença na intervenção no nosso mundo de mirabolantes poderes demoníacos. O Papa condena a bruxaria, não contradiz a interpretação dos fatos.

Posteriormente e durante um século os Concílios de Salamanca (1335) e de Ruão (1445) não refutam, não confirmam. A idéia popular continua, espalha-se o erro científico-cultural na interpretação. Apesar de o Concílio de Praga (1346-1349) e o Sínodo de Praga (1355) exigirem dos párocos que freqüentemente alertem os fiéis da inutilidade da magia. [28]

Sixto V (1585-1590), embora freqüentemente citado como defensor da intervenção demoníaca, faz um importante esclarecimento: todas as artes mágicas e bruxarias são ineficazes, nenhum efeito depende delas. [29]

Urbano VIII (1623-1644) e os Concílios de Nápoles (1699) e do Monte Líbano (1738) repetem o mesmo esclarecimento de Sixto V.

Outro passo em direção à rejeição da intervenção do demônio foi dado por Gregório XV no ano de sua morte, 1623: Consi-

27. Gregório IX, *Decretales*, Liber V, titulus 21, caput 2. Cf. Ferrario-Franzino, *Decreta*..., op. cit. col. 1754.
28. J. D. Mansi (ed.), *Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Collectio*, 31 vols., Florença-Veneza, 1757-98; reimpressão e continuação por L. Petti e J. B. Martin (eds.), 60 vols., Paris, 1899-1927. Vol 26, pp. 100 e 406 respectivamente.
29. Sixto V, Bula *Caeli et Terrae*, de 5-1-1585. Cf. *Magnum bullarium*..., op. cit., vol. II, col. 625a-b.

dera herética a aceitação dos *sacramenta diaboli* (magia), reduz a poucos (*nonnulli*) os casos de bruxaria espontânea. Manda que não se pressuponha a facilidade e freqüência. "Algum" caso existente tem de ser provado em juízo.[30] Foi a última menção papal da bruxaria.

Como heresia, sempre. Segundo o Magistério Ordinário Universal, a bruxaria e magia (e mediunidade espírita) foram sempre e nunca deixaram de ser qualificados de heresia. Mesmo quando houve alguma "saída dos trilhos" particular durante os séculos XIV a XVII, a bruxaria continuou a ser qualificada oficialmente pelos Papas e Concílios como heresia.

É constante nos documentos eclesiásticos ensinar que acreditar na bruxaria, na magia, na superstição constitui pecado contra a fé no sentido de heresia. Explícita ou implícita. Falsidade, impossibilidade.

É considerado heresia explícita pelo *Decretum Gratiani*, pelo papa João XXII na Bula *Super illius* de 1326, Inocêncio VIII na *Summis desiderantes* de 1484, Leão X na *Honestis petentium* de 1521, Adriano VI na *Dudum* de 1522, Gregório XV na *Omnipotentis Dei* de 1623 e Urbano VIII na *Inscrutabilis* de 1631[31] e pelo Concílio de Ruão em 1455, cânon 6.

Implicaria heresia implícita segundo outros cânones do *Decretum Gratiani*[32] e segundo os decretos do Santo Ofício de 23-6-1840 e de 30-7-1856; heresia implícita também para o papa Sixto V na Bula *Caeli et terrae* de 1585 e para os Concílios de Veneza em 1859 e de Utrecht em 1865.[33]

Há outros textos em que não parece claro se o pecado contra a fé que visam na condenação da bruxaria é ou não no sentido de heresia.

Além dos papas e concílios escolho, quase ao acaso, um decreto do Santo Ofício de 30 de julho de 1856 (repetido no Concílio de

30. Gregório XV, Bula *Omnipotentis Dei*, de 20-3-1623. Cf. *Magnum bullarium*..., op. cit., vol. III, col. 498b.
31. *Decretum Gratiani*, q. 5, canones 12-14; q. 5, canon 16; para as Bulas de João XXII, Inocêncio VIII, Leão X, Adriano VI, Gregório XV e Urbano VIII, cf. *Magnum bullarium*..., op. cit.
32. *Decretum Gratiani*, q. 1, canon 7; e q. 5, canon 12.
33. O Concílio de Veneza nos *Decretos*, Pars I, cap. 5 e pars III, cap. 23; o Concílio de Utrecht no Tit. VI, cap. 9; para os Concílios de Ruão, Veneza e Utrecht, cf. Denzinger, *Enchiridium*..., op. cit.; ou Mansi, *Sacrorum*..., op. cit., ou E. Schwartz (ed.), *Acta... Conciliorum Oecumenicorum*, Berlim, 1914ss.; para os decretos da "Sagrada Congregação do Santo Ofício", cf. *Acta Apostolicae Sedis*.

Veneza em 1859, III de Baltimore em 1866, Plenário de América Latina em 1899; e várias vezes pelo próprio Santo Ofício em 1857...): "Aplicação de princípios e meios puramente físicos para (obter) coisas ou efeitos verdadeiramente sobrenaturais (depois corrigido para "não naturais"), para que sejam aplicados (depois modificado para "desenvolvidos") fisicamente, não é senão engano completamente ilícito e *herético*".[34] No mesmo documento concretiza e repete o Santo Ofício: "Pretendem temerariamente evocar as almas dos mortos, receber respostas, desvendar coisas desconhecidas ou longínquas e exercer outras superstições deste gênero... Em todas estas coisas, seja qual for afinal de contas a ilusão ou arte que utilizam, como se encaminhem meios físicos a efeitos não naturais, se encontra total engano completamente ilícito e herético".[35]

Entre as disposições episcopais particulares alertando os fiéis de que acreditar na bruxaria é heresia, alguns exemplos. Agobardo, bispo de Lião, no século IX, ridiculariza em longas páginas as pretensões dos magos e bruxas.[36] Bocardo, bispo de Worms, no século X: "Se há alguma (mulher) que diga ter cavalgado alguma noite sobre certas bestas junto com uma multidão de demônios transformados em aparências de mulheres, e que esteve entre elas, esta tal, após ser corrigida de diversos modos, seja expulsa da paróquia".[37] Excomungada por ser herege. E João de Salisbury, no século XII: "O remédio mais eficaz contra esta peste é agarrar-se à fé (portanto é contra a fé acreditar na bruxaria), fechando os ouvidos a tais mentiras e não dando nenhuma importância a semelhantes idéias vazias e insânias falsas".[38]

Em 1398 a Faculdade de Teologia da Universidade de Paris, no tempo árbitro da Teologia mundial, declarava a bruxaria como supersticiosa observância e erro na fé (heresia), pois supunha um impossível pacto implícito com o demônio.[39]

34. Santo Ofício, *Decreto* de 30-7-1856. Cf. Denzinger, *Enchiridium*..., op. cit., n. 1653.
35. Idem, ibidem. Cf. Denzinger, op. cit., n. 1654.
36. Agobardo, bispo de Lião, *sobre a bruxaria*.... Cf. Migne, *PL*..., op. cit., tomo 104, pp. 147-158.
37. Bocardo, bispo de Worms, *Sobre a bruxaria*. Cf. Migne, *PL*..., op. cit., tomo 140, p. 837.
38. João de Salisbury, *Sobre a bruxaria*. Cf. Migne, *PL*, op. cit,. tomo 199, p. 436.
39. Henry Charles Lea, *A History of the Inquisition of the Middle Ages*, 3 vols., Nova Iorque, Harper, 1888; tradução de Salomon Reinach, *Histoire de L'Inquisition au Moyen-Âge. Cuvrage traduit sur l'exemplaire revu et corrigé de l'auteur*, 3 vols., Paris, 1900-2, vol. 3, p. 464; pode ser útil comparar com Georg Siegmund: *Wunder und Wissenschaft*, separata de *Verborgene Welt. Zeitschrift für Grenzgebiete des christlichen Weltbildes*, Abensberg, Aventinus, s.d.

Heresias e, portanto, falsidade. Segundo os documentos eclesiásticos, a bruxaria implica várias heresias: existência de divindade ou espécie de divindades diferentes de Deus; contra a unicidade da Causa Criadora do universo; possibilidade de que a espécie de uma criatura seja mudada ou transformada por algum ser diferente do Criador; a eficácia da magia, como se fosse mais um, além dos unicamente sete sacramentos; contra a unicidade e universalidade da Providência Divina (as cinco heresias citadas são mencionadas no *Decretum Gratiani*); contra a exclusividade Divina do Milagre; não fazer a conveniente separação entre o mundo natural e o sobrenatural; e pretender por meios naturais obter efeitos sobrenaturais.[40]

Como base na Revelação para esse qualificativo de heresia, se poderia invocar praticamente toda a Sagrada Escritura.

A constante ameaça por toda classe de perigo: atmosféricos, terrestres, animais, de outros homens, doenças... evidentemente foi tão opressiva para o homem bíblico como para todos os habitantes do mundo antigo. Os vizinhos de Israel consideravam todos os fenômenos de causas desconhecidas como sendo originados por forças sobrenaturais.

Israel não teve inconveniente em compartir com os vizinhos a idéia de uma corte celeste de anjos bons postos a serviço de Iahweh. Mas a idéia da mera existência — não só que os possamos pôr a nosso serviço — de poderes maus, hostis a Iahweh, era inconciliável com a religião bíblica, monoliticamente monoteísta, providencialista até os últimos detalhes.

Nossos conhecimentos sobre o mundo dos demônios do âmbito siro-palestinense é muito escasso, precisamente porque a religião israelita "eliminou, rejeitando-o como idolatria, do seu meio ambiente quase tudo o relacionado com evocações, adivinhações e feitiçaria"[41] O que conhecemos são meras cinzas de "queima de bruxas", cinzas que dão para perceber que o espiritismo e a bruxaria que a religião israelita enfrentou até violenta e drasticamente — com pena de morte — foram muito amplas.[42]

Distinção necessária. Não há dúvidas de que, em alguns documentos "pró-demônio" dos séculos XIV-XVII, há uma contradição. Aceitam os fatos como demoníacos, e ao mesmo tempo os consideram impossíveis. Se a bruxaria pudesse realmente evocar o demônio ou houvesse intervenção demoníaca nos fatos, não seria heresia acreditar nisso. Perversa e condenada, sim, mas não doutrina falsa ou herética. Se é doutrina falsa e herética é porque a intervenção demoníaca é impossível.

A solução está em que os documentos "pró-demônio", quando falam de fatos (historicidade e interpretação demoníaca dos fatos), transmitem uma opinião, que pertence ao *âmbito da ciência*. Quando falam de heresia (condenação da interpretação demoníaca) estão no *âmbito da doutrina*.

No campo da ciência, o Magistério Eclesial, como tal, não tem autoridade. Reflete o que a prudência científica da época poderia ditar, e neste caso estava errada. Esses documentos não nos obrigam, como frisava Pio XII. No campo doutrinal é onde o Magistério pode exercer sua atividade. No veredicto de que a bruxaria é heresia, falsidade, que a colaboração ou intervenção do demônio no nosso mundo não é possível nem pode obter-se por pacto nenhum, os documentos estão certos e obrigam todo católico.

Constata-se um duplo fenômeno de grande significação. Por um lado, *no âmbito doutrinal*, a Igreja Católica considerou heresia e *vana observantia* a interpretação demonológica. Por outro lado, em incompatibilidade profunda freqüentemente com a doutrina, na *interpretação dos fatos* chamados demoníacos a Igreja Católica na época da bruxaria endossou grandes erros.

Esta dupla constatação é mais uma prova de que a Igreja, como sociedade humana e no *âmbito da ciência* é evidentemente falível; e no *âmbito doutrinal* é assistida pelo Espírito Santo.

Os mesmos Papas que erraram nos fatos não erraram na doutrina! Constatação admirável, impressionante, até estarrecedora!

Em conclusão: durante toda a história, a Igreja oficialmente considerou como herética a crença na intervenção demoníaca. Não todos os documentos constituem uma definição *ex cathedra*, mas certamente constituem um conjunto de uma obrigatoriedade indiscutível.[43] É, ao menos, uma constante do Magistério Ordinário. Portanto há que deduzir que é absolutamente falso que existam pessoas possuídas pelo demônio ou vítimas de qualquer outro poder ou influxo demoníaco.

No meio do turbilhão de bruxomania, um franciscano italiano, Frei Cazzini, abertamente chamou hereges (não-declarados) a quantos papas (enquanto particulares), bispos, inquisidores, teólogos e

40. Santo Ofício, 23-6-1840 e 30-7-1856; texto repetido pelo Sínodo de Monte Líbano e Concílios de Veneza, de Baltimore e Plenário de América Latina de 1899.
41. W. Rolling, "Götter und Mythen im Vorderen Orient" in Haussing, *Wörterbuch*... op. cit., tomo I, pp. 274s.
42. T. Witton Davies, *Magic, Divination and Demonology among the Hebrews*, Londres, 1904; Nova Iorque, Ktav, 1969.

43. Charbel, *O Demônio*..., op. cit., p. 77.

cristãos em geral tenham acreditado nas possessões ou intervenções demoníacas. Nenhum cristão pode acreditar na ação do demônio. [44]

A mesma solução. A mesma distinção devemos fazer com respeito à autoridade — evidentemente só humana — dos teólogos: âmbito da ciência, fatos; âmbito da teologia, doutrina. Sto. Tomás saiu do seu campo de teólogo ao estudar a intervenção demoníaca no mundo; agiu e errou como filósofo ou cientista. Mas acertou como teólogo ao considerar herético, *vana observantia*, o pacto, mesmo implícito, com o demônio; isso é doutrina. [45]

Por pacto implícito entendiam a mera prática da magia. Como poderia um boneco, uma "oração forte", uma canção (daí vem *encantamento*) etc., realizar uma cura, dano, ou qualquer outro prodígio? Aí estariam implicitamente a evocação e pacto com o demônios (ou com os espíritos dos mortos, ou quaisquer outras entidades "não naturais"). Não compreendiam que tudo poderia ser natural.

Concílio Plenário da América Latina. Foi celebrado em Roma em 1899.

Ao falar de interpretação de fatos os Padres Conciliares saem do campo doutrinal que diretamente lhes é próprio, para invadir, por motivos pastorais, o campo específico da Parapsicologia. Não pertence diretamente a eles diagnosticar que "os sequazes do espiritismo, que enganam os incautos com quase inumeráveis ficções e exibições mentirosas, admitem e promovem por toda parte ações diabólicas". Nem tudo é ficção e mentira, e nada é ação diabólica.

Estão na sua área específica de bispos quando qualificam os sequazes do espiritismo como sendo quem "dissemina heresias inúmeras" e, portanto,

> não poderão, seja no foro interno, seja no externo, ser tratados simplesmente como pecadores comuns; antes devem ser tidos em conta e considerados como hereges ou fautores ou autores e defensores de heresias, e não deverão ser admitidos aos sacramentos sem que tenham abjurado o espiritismo e feito a profissão de fé. [46]

Idênticas palavras repete a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) na primeira reunião Ordinária de 17 a 20 de agosto de 1953 em Belém do Pará. Essas palavras já foram ditas

44. Samuel de Cazzini, *Quaestiones della Stregoneria*, Milão, 1505.
45. Cf. Kloppenburg, "A irrealidade...", op. cit., p. 349.
46. Concílio Plenário da América Latina. Cf. *Acta et Decreta Concilii Americae Latinae*, Roma, 1902, n. 163s.

e depois reafirmadas na "Carta Pastoral Coletiva" de 1915, reeditada em 1948 com o título de "Constituições Eclesiásticas do Brasil". [47]

Mas os exorcismos... A alguns poderia parecer mais comprometedor que na Igreja existam exorcismos, ordem menor de exorcistas, e rito de exorcismos no Ritual Romano. Aceitaria, portanto, a Igreja nada menos que as possessões demoníacas!

No século III, introduziu-se em algumas comunidades cristãs o absurdo de exorcizar os catecúmenos antes do batismo; é provável que só então sentissem a conveniência de contar com ministros regularmente designados, pois devia ser bem problemático encontrar no momento oportuno pessoas com o "carisma" de exorcista. [48]

Mas havia de fato, já no século III, ordem de exorcistas?

Hipólito de Roma, que fala amplamente da necessidade de exorcizar os catecúmenos, emprega uma frase da qual talvez devamos deduzir que havia pessoas ordenadas como exorcistas: "Se alguém parece ter recebido o dom de cura por revelação, que não se lhe imponha as mãos, porque a coisa é manifesta". [49] Significa isto que outros exorcistas deveriam ser ordenados? Provavelmente era só uma prática entre "grupos carismáticos", análogos aos de hoje.

O papa Cornélio (200-253), numa carta a Fábio de Antioquia, e Cipriano (200-258) mencionariam — segundo a interpretação geral — os exorcistas como formando uma das classes do clero de Roma. [50] Mas Claeys-Bouaert destacou que as palavras do Papa — e de Cipriano — não significam necessariamente que tais clérigos fossem ordenados como exorcistas. [51]

Encontramos de novo alusão aos exorcistas de Roma no começo do século VI. Não era obrigatório passar por esse grau na or-

47. Sobre as heresias próprias de espíritas e umbandistas, e sobre as conseqüências daí derivadas, cf. toda a primeira parte de Desidério Kalverkamp e Boaventura Kloppenburg, *Ação pastoral perante o espiritismo*, Petrópolis, Vozes, 1961, pp. 1-95.
48. Na exposição da evolução histórica da ordem de exorcista, sigo principalmente o trabalho de Martin Ebon (ed.), *Exorcism: fact, no fiction*, Nova Iorque, New American, 1974, pp. 109-114.
49. Sto. Hipólito de Roma, *A tradição apostólica*, cap. 15. Cf. Quasten, *Monumenta*..., tradução: "Ancient", "Scriptores Christiani", p. 43.
50. Papa Cornélio, carta conservada por Eusébio, *História Eclesiástica*, VI, 43, 11. Cf. ibidem, p. 156.
51. Claeys-Bouaért, epígrafes "Exorcisme" ou "Exorciste" in *Dictionnaire*..., op. cit., cols. 672s.

denação clerical. E alguns decênios depois a categoria de exorcista estava quase extinta.

Segundo uma tradição manuscrita originária da Espanha (constatada na Itália no século VIII), a função dos exorcistas não era só curar os energúmenos senão também "aqueles que devem receber o batismo".[52] Seriam ministros ordinários do exorcismo e do batismo? Não necessariamente...

No *Ordo Romanus XI*, que data da segunda metade do século VI ou de começos do VII, os exorcismos são aplicados por padres ou por acólitos: Não há ordem de exorcistas.[53]

Onde certamente houve exorcistas oficialmente ordenados foi na França, no século V. Assim o demonstra uma série de cânones, provavelmente compostos por Gennade de Marseille (geralmente atribuídos a um possível IV Concílio de Cartago). Dá-se-lhes o nome de *Statuta Ecclesiae Antiqua.*[54] Havia exorcistas ordenados e havia ritual dos exorcismos, pois no capítulo 95 lemos:

> Quando o exorcista é ordenado, deve receber das mãos do Bispo o *livro no qual se encontram os exorcismos*, enquanto o bispo lhe diz: "Recebe este livro e aprende-o de cor, e exerce o poder de impor as mãos aos energúmenos tanto batizados como ainda catecúmenos".

Este ritual de ordenação de exorcistas foi incorporado nos livros litúrgicos franceses. No século X se introduziu em Roma, e posteriormente no *Decretum Gratiani* tornando obrigatória a ordenação de exorcista antes de chegar ao presbiterado.[55] Obrigação que se manteve até há poucos anos na Igreja de rito latino.

Nas Igrejas orientais. Não há ordem de exorcista e nem mesmo ritual de exorcismos nas Igrejas orientais. Em Jerusalém, Antioquia e Mopsuéstia, só nos séculos IV e V, os ordenados exorcistas administraram os exorcismos na liturgia prévia ao batismo. Mais tarde são administrados por pessoas não-ordenadas para tal. Na Grécia, mesmo nos séculos IV e V, os exorcismos pré-batismais eram administrados por ministros sem ordenação específica.

52. Michel Andrieu, *Les 'Ordines Romani' du Haut Moyen-Âge*, Louvain, 1951ss., tomo III, p. 618.
53. Idem, ibidem, tomo III, pp. 543s. e tomo IV, pp. 23s.
54. C. Munier (ed.), *Concilia Galliae A. 314-A. 506;* cf. CC. série latina, tomo 148, pp. 162-188.
55. Andrieu, *Les Ordines...*, op. cit., tomo III, pp. 572s. e 596s.; tomo IV, p. 24.

Temos também documentos[56] a respeito da liturgia síria ocidental, desses mesmos começos do século V.[57] Havia durante a liturgia eucarística orações em benefício dos energúmenos, mas não recitadas por exorcistas senão pelo diácono e pelo bispo.[58]

Sob a influência das Cruzadas, na Idade Média, a Igreja Armênia admitiu a ordem de exorcistas. Sua função era ler os exorcismos rituais aos catecúmenos antes do batismo.[59]

De maneira geral, as Igrejas orientais sempre resistiram às pressões que sobre elas exercia Roma para que aceitassem as quatro ordens menores, entre elas a de exorcista, tal como se encontravam no Ocidente. No século XIII, por exemplo, Inocêncio IV não o conseguiu da Igreja Grega.[60]

No IV Concílio de Constantinopla (anos 869-870) considerado como 8.º Concílio *Ecumênico*, uma só ordem menor, a de leitor, é mencionada como etapa necessária antes do episcopado.[61]

O Decreto *Orientalium Ecclesiarum*, do Concílio Vaticano II, no número 17, contra o que poderia parecer à primeira vista, não impõe, mas deixa aberta a questão sobre se às Igrejas Orientais convém ou não que adotem as ordens menores latinas: "A autoridade legislativa de cada uma das Igrejas particulares decidirá a respeito".

Se houve alguma vez costume de ordenar exorcistas em alguma parte do Oriente, o certo é que na maioria das Igrejas desapareceu logo e completamente.

Volta às origens. Dentro da própria Igreja de rito latino, houve uma volta às origens. Em 15 de agosto de 1972, Paulo VI decretou que a partir de 1973 ficavam abolidas as ordens menores, convertendo-se em ministérios que também podem ser exercidos por leigos. O ministério de exorcista era abolido — embora se permitissem as exceções, se assim o desejassem as conferências

56. *Constituições Apostólicas;* cf. Junk (ed.), *Didascalia et Constitutiones Apostolorum*, Paderborn, 1905.
57. J. Ysebaert, *Greek baptismal terminology. Its origins and early development*, Nimègue, 1962, pp. 317s.
58. *Constituições Apostólicas*, op. cit., 8, 7, 2-4; 8, 12, 47. 8, 26, 2.
59. H. Denzinger, *Ritus Orientalium, Coptorum, Syrorum et Armeniorum in administrandis sacramentis*, Wurzburgo, 1864, tomo II: *Ordinationes Armenorum. Ordinatio Exorcistae*, pp. 280s.
60. Inocêncio IV, *Sub Catholicae Professione*, 19.
61. Concílio de Constantinopla IV, cânon 10, 5. Cf. Mansi, op. cit., tomo 16, p. 401.

episcopais particulares —, conservando-se para toda a Igreja latina só os ministérios de leitor e acólito (ou subdiácono). [62]

Exorcismos e protestantes. Os luteranos, no começo, conservaram o costume cristão de exorcizar certos doentes e os catecúmenos. Mas no fim do século XVI, surgiu pujante o movimento de rejeitar os exorcismos por implicarem superstição.

Os calvinistas abandonaram completamente os exorcismos.

Na Inglaterra só a seita puritana rivalizava em número e êxito com os jesuítas na administração de exorcismos.

O Revdo. Harsnett, mais tarde arcebispo anglicano de York, não sem razão, ridiculariza as "imposturas dos papistas", pelas superstições implícitas nos exorcismos. [63]

E no ano seguinte, 1604, o Sínodo da Igreja da Inglaterra energicamente proclamava um cânon "que interdita a todo clérigo anglicano, salvo com consentimento expresso e antecedente de seu bispo, praticar o exorcismo, não importa de que maneira e com o pretesto que seja, sob pena de ser considerado como impostor e de ser destituído." [64]

Este proceder pioneiro das igrejas protestantes confirma de alguma maneira que exorcista e exorcismos não são parte integrante do cristianismo.

O Ritual Romano. Não se introduziu a ordem de exorcista entre as Igrejas Católicas Orientais, mas algumas têm fórmulas de exorcismos nos seus rituais. Por exemplo, o ritual bizantino contém vários exorcismos, [65] longos, intermináveis. Descrevem demoradamente a atividade que se atribui aos maus espíritos.

As fórmulas, ao que parece, procedem de longa data, atribuídas a S. Basílio o Grande, e a S. João Crisóstomo. Há orações dirigidas a Deus suplicando sua intercessão; mas há também imprecações, repreensões e insultos dirigidos diretamente ao demônio, até mais grotescos que os empregados nos exorcismos latinos.

62. Paulo VI, *Ministeria quaedam* in *Acta Apostolicae Sedis*, 1972, pp. 529-534.
63. Samuel Harsnett, *A Declaration of Egregious Popish Impostures*, Londres, 1603.
64. Sinodo da Igreja da Inglaterra (anglicanos), de 1604. Cf. Wallace Notestein, *A history of witchcraft in England from 1558 to 1718*, Washington, 1911; uso a edição Nova Iorque, Russell & Russell, 1965, pp. 87s.
65. J. Goar (ed.), *Euchologion sive Rituale Graecorum*, Veneza, 1930; uso a edição Graz, 1960, pp. 578-585.

Empregam-se também *repetições e mais repetições* (de sinais-da-cruz), e de *fórmulas*. Isto procede e favorece a mentalidade mágica e supersticiosa. [66] Mas deve-se observar que na única cerimônia que comporta uma ação ritual, a unção com óleo, nem se nomeiam os demônios, apesar de ser bem longa, e contra o que caberia esperar pelo título: "Ofício de oração para os doentes agitados ou possuídos por espíritos impuros". [67] Este fato parece significativo para afastar do ritual de "expulsão do demônio" a mentalidade mágica e herética.

Quanto ao Ritual Romano, o conteúdo deste manual da Igreja latina foi compilado, a maior parte, no começo do século XVII. Os exorcismos não são, pelo menos totalmente, originários de 1614, quando foram publicados sob Paulo V e editados por M. van Eynatten. A maior parte dos exorcismos do Ritual Romano provém de rituais batismais. Os *Statuta Ecclesiae Antiqua*, [68] escritos na segunda metade do século V, aludem a uma recopilação de exorcismos. Mas não se conserva nenhum... Segundo Adolfo Franz, o Ritual Romano copiaria ou se inspiraria em fórmulas de exorcismos não anteriores ao século VIII ou no máximo VII. [69] Todo este tema dos exorcismos foi depois incluído no *Thesaurus Exorcismorum* editado em 1926.

Na revisão do Ritual realizada em 1952, o texto referente aos exorcismos não foi modificado e, portanto, ficou confirmado.

Quanto ao Ritual Romano neste particular dos exorcismos, creio lícita a distinção feita entre ciência e doutrina religiosa. Trata-se de interpretação de fatos, pertence à ciência. Os católicos só estariam obrigados a aceitá-lo disciplinarmente, não na ordem da doutrina religiosa.

Outros documentos eclesiásticos derrogam implicitamente as afirmações "pró-demônio" nos exorcismos do Ritual. Definem que o milagre é exclusivo de Deus; impossível um milagre demoníaco, impossível, portanto, a possessão demoníaca. Também condenam toda classe de magia por herética, e a magia constaria do Ritual Romano: Por exemplo no n. 20 do Ritual, [70] aceita-se inclusive a eficácia das artes mágicas, pois se recomenda ao exorcista — como

66. Neste sentido, cf. especialmente Goar, *Euchologion...*, op. cit., p. 583.
67. Idem, ibidem, pp. 575-578.
68. Concilio de Cartago IV e Gennade de Marseha in *Statuta Ecclesiae Antiqua*. Cf. Munier, *Concilia...*, op. cit., pp. 162-188.
69. Adolf Franz, *Die Kirchlichen Benediktionen im Mittelalter*, Freiburg-in-Breisgau, 1909, tomo II, p. 579.
70. *Rituale Romanum*, op. cit., n. 20, pp. 839-843; *De exorcizandis Obsessis a Daemonio.*

vimos — que mande ao demônio dizer se está retido naquele corpo por alguma ação mágica, ou malefício, ou instrumento...

Segundo o prestigioso teólogo Lukken: Os exorcismos são uma "superstição crente", ausência de fé nos que têm fé.[71]

O problema da aprovação e conseqüente obrigatoriedade (doutrinal?) do Ritual pareceria grave...

Parece-me importante frisar que talvez não se trate de uma "lei disciplinar *universal*" (obrigaria ao "assentimento interno" e não só a um "silêncio obsequioso" público), porque foi aprovado somente para a Igreja *Latina*.

Não se altera o fato por razão da *aceitação quase* universal do Ritual Romano. Tal aceitação *não se refere especificamente* aos exorcismos, senão apesar deles.

Os outros documentos, inclusive modernos, *certamente doutrinais* e *universais*, referentes à magia negam expressamente o que a Instrução e os Exorcismos afirmam a respeito dos possessos.

Creio que também tem valor a observação do prestigioso teólogo brasileiro Dr. Frei Constantino Koser, O.F.M., professor de dogma em Petrópolis, RJ: "Poder-se-ia observar que Paulo V não *prescreveu* o Ritual a toda Igreja, mas apenas *exortou* os Bispos a que o *adotassem*" ("Hortamur in Domino venerabiles fratres...").[72] O decreto de aprovação da revisão de 1952, da qual a edição de 1954 é cópia, não modificou a fórmula de promulgação.[73] Nem o Código de Direito Canônico conferiu obrigatoriedade ao Ritual.[74]

Esse argumento do "Hortamur" não é aceito por alguns. Aceitam-no outros grandes teólogos. Direi que onde existe a dúvida razoável não pode haver obrigatoriedade...

Até a abolição. Após vários Sínodos diocesanos e provinciais proibindo administrar os exorcismos sem licença peculiar do bispo; após Roma pedir a mesma restrição em várias dioceses,[75] por fim em 1917, pelo cânon 1151, se estende a proibição a toda a Igreja Latina: "Quem tenha recebido o poder de exorcizar não pode legitimamente exercê-lo sem obter de modo especial autorização expressa do Ordinário".

71. G. M. Lukken, "Enkele kanttekeningen over het exorcisme" in *Tijdschrift voor Liturgie*, n. 52, 1958, pp. 254-260.
72. *Rituale...*, op. cit., pp. Vls.
73. Ibidem, p. VI.
74. *Codex (ou "Corpus") Juris Canonici* (propugnado pelo Concílio Vaticano I, realizado por Pio X e promulgado por Benedito XV), Roma, Typis Polyglottis, 1917, cânones 2, 98 e 733.
75. Kelly, *Le Diable...*, op. cit., p. 118.

Limita-se inclusive a autoridade do bispo: "Esta permissão não pode ser concedida senão a um padre distinguido pela sua piedade, sua prudência e pureza de seus costumes".[76]

Antes dos sinais, o atual Ritual põe 19 advertências. Várias delas se referem à própria aplicação dos exorcismos, outras — que agora interessam — ao discernimento de se devem ou não aplicar-se. Estas normas, se bem consideradas à luz dos conhecimentos atuais, impedem totalmente a aplicação dos exorcismos. 1.º) Não basta obter licença expressa do bispo, senão que o sacerdote exorcista deve ser prudente e maduro. 2.º) Deve ser especialista nestes assuntos, formado nas melhores fontes e autoridades. 3.º) Deve ter muita precaução para diagnosticar possessão em vez de alguma doença ou fenômeno natural embora estranho. 7.º) Deve ser evitada qualquer coisa que cheire a superstição. 16.º) Deve deixar aos médicos (ao cientista, ao parapsicólogo) o que lhes pertence.

O *Código de Direito Canônico* repete estas normas.[77]

No *motu proprio* que entraria em vigor em 1.º de janeiro de 1973, Paulo VI aboliu a ordem menor de exorcista.

Em 1969 publicara-se um novo Ritual do Batismo de crianças no qual, seguindo a indicação do Concílio Vaticano II, se suprimem todos os exorcismos, embora haja uma fórmula que leva o título "oração de exorcismos", e nela se afirme que Deus enviou seu Filho para libertar o homem do poder de Satanás.

Os exorcismos batismais não devem ser considerados como expulsão real, mas só metafórica, do demônio. Erro de interpretação houve, certamente. Até bem recentemente os sacerdotes pronunciávamos fórmulas de exorcismos para expulsar Satanás das crianças que batizávamos. E exigíamos dos padrinhos que em nome das crianças renunciassem a Satanás.

O ritual batismal especifica mais o que significa a renúncia ao Diabo: concretiza-se nas ações e estilo de vida. Aqui está o núcleo do mal a que temos de renunciar. Interpretar-se-ia corretamente o texto se disséssemos que a expulsão de Satanás não era mais que a representação alegórica da libertação do pecado original.

A nova liturgia do batismo conserva o título "Exorcismo", mas suprimiu o ritual dos exorcismos propriamente dito. E é bem mais sóbria: não elimina completamente a alusão à renúncia a Satanás, que pode — e deve talvez — entender-se como renúncia ao *mal* que nos rodeia e que levamos dentro.

76. *Codex Juris...*, op. cit., cânon 1151.
77. *Rituale Romanum*, op. cit., titulus XII, cap. I, *Codex Juris...*, op. cit., câns. 1151 e 1152.

A Comissão de Teólogos que, nomeada pelo Cardeal Arcebispo de São Paulo, aprovou as minhas idéias sobre demonologia, dizia a respeito dos exorcismos: "Na verdade, todo o capítulo dos exorcismos está presente na práxis eclesial como *herança recebida do passado e mantida sem uma crítica mais profunda*". [78]

Sei que nestes últimos 17 anos se veio trabalhando arduamente na preparação de um Novo Ritual.

Mais, segundo anúncio do Cardeal Pericle Felici aos 216 bispos participantes do Sínodo Mundial dos Bispos, em Roma, no fim do ano passado, estará pronto logo, talvez neste ano de 1981, um novo *Codex Juris Canonici* (Código de Direito Canônico) e uma espécie de constituição para a Igreja, a *Lex Fundamentalis Ecclesiae*.

Sei que se tentará atualizar todo o referente aos exorcismos. Evidentemente não sei ainda até que ponto chegará a atualização, se inclusive até a supressão pura e simples dos exorcismos. É provável. Se já suprimiram os exorcistas, não seria lógico que se mantivesse um ritual para eles. *

Exorcistas e exorcismos não podem, portanto, de nenhuma maneira, ser considerados como práticas oficiais (ordem e ritual) e universais (no tempo e no espaço) da Igreja Católica. Que tenha havido alguma vez e em alguns lugares exorcismos, exorcistas, ordem e ritual de exorcismos, não significa mais (em termos de reconhecimento, por parte da Igreja, da possessão demoníaca) do que as próprias narrações evangélicas sobre "endemoninhados". Questão de interpretação cultural da época.

Portanto: a intervenção do demônio, tanto provocada (magia) como espontânea (bruxaria), não foi aceita pela Igreja universalmente. E oficial e doutrinalmente a Igreja sempre condenou a magia e a bruxaria como heresias.

---

78. Arns, *Comissão...*, op. cit.

* Com efeito: no Novo Código de Direito Canônico, publicado em 1983, não se faz enumeração nenhuma de sintomas ou sinais de possessão. Brevemente se alude aos exorcismos. E no novo Ritual (das Bênçãos) publicado em 1984, não aparecem nem rito nem fórmula alguma de exorcismos para possessos (nota do autor em 1989).

Capítulo XVII

IGREJA E ESTADO

Como é que uma instituição religiosa, a Igreja, chegou a "fazer justiça por sua mão?

O influxo religioso. O deslizamento psicológico apoiou-se em dois motivos. Primeiro: nas Sagradas Escrituras, desde os tempos de Moisés, a Religião e a Lei iam conjuntamente — estado teocrático. Não chocava a certos cristãos e teólogos que a Igreja castigasse, como se na sua mão estivesse também o poder civil.

Segundo: desde o começo, os confessores decretavam penitências. Sob o influxo bíblico mencionado, degeneravam em castigos. No mais antigo compêndio inglês para ajudar os confessores, já se vêem as penitências transformadas em medidas disciplinares. É do século VII, e seu autor, S. Leonardo. No *Liber Poenitentialis* se prevê a prisão para os adoradores do demônio. "Um ano de prisão se é um servo de classe baixa; dez anos se é de mais alta condição." [1]

Daí, após séculos, surgiu e se aceitou a Inquisição "fazendo justiça por sua mão".

O influxo civil. Há outro aspecto importante para compreender por que a Igreja — católica e protestante — escorregou ao plano supersticioso do poder civil e começou a perseguir e castigar a bruxaria. Os governantes civis temiam os bruxos porque estes te-

---

1. Cf. Pierre Duval, "L'aventure expérimentale de la parapsychologie moderne" in Robert Tocquet, *Nos pouvoirs inconnus. Les mystères de la Psychologie*, Paris, Planète, s.d., pp. 103s.

riam obtido de Satanás o poder de predizer o futuro, descobrir coisas ocultas e até os "segredos de Estado" etc.; a Igreja pensava que se Satanás concedesse esses dons, seria com o intuito principal de atrair e seduzir as almas. Os governantes temiam as bruxas porque, como escravas de Satanás, se comprometiam a fazer todo o mal que lhes fosse possível; a Igreja pensava que, escravizando-se a Satanás, as almas se afastariam da submissão a Deus. Os governos lembravam que, Satanás, tentando a Cristo, teria oferecido as riquezas e reinos deste mundo e poderia oferecê-los também aos bruxos; a Igreja lembrava que tal oferecimento teria sido em troca da adoração a Satanás.

Acusação falsa. Russell Hope Robbins crê que representa a verdade (e certamente representa a maioria), quando diz: "Não fosse a Inquisição, isto é, o Tribunal Católico encarregado de perseguir e castigar a não-ortodoxia em matéria de religião, ninguém teria morrido por ter praticado a bruxaria". [2]

Absolutamente falso. Tal acusação foi lançada contra a Igreja Católica e contra a autoridade pontifícia por alguns autores protestantes — um exemplo pode ser Henri Charles Lea —; também por teólogos dissidentes do Catolicismo, como o Cônego Doellinger; e por escritores racionalistas e anticatólicos como Jules Baissac e aquele que se escondeu sob o pseudônimo de Jean Français. Até professores de história das religiões têm repetido tal calúnia, por exemplo Reinach. [3] Os próprios católicos de hoje freqüentemente manifestam este complexo. É injusta a agressividade com que o famoso teólogo católico Pe. Herbert Haag — ou sua colaboradora Katharina Elliger — se refere à Inquisição, aos papas da época, à Igreja e pretende ironizar autores que minimizam, passam por alto ou desculpam a ação da Inquisição. [4]

Foi uma aberração *universal*. Bastará procurar, em fácil folhear, os critérios, opiniões, crenças de *todos* os países nos séculos da bruxaria. [5] (É muito fácil, mas injusto, condenar com os critérios de hoje os acontecimentos de então).

Os processos contra bruxas começaram antes, foram muito mais freqüentes, muito mais cruéis e terminaram mais tarde, nos

2. Robbins, "Inquisition" in *The Encyclopedia*..., op. cit., p. 266.
3. Salomon Reinach, *Histoire générale des religions, Orpheus*, Paris, 1914, pp. 444s.
4. Haag, *El Diablo. Su existencia*..., op. cit., pp. 362-367.
5. C. L. Ewen, *Witchcraft and demonianism*, Londres, Muller, 1970; *Witch runting and witch trials*, Londres, 1929; Nova Iorque, Harper, 1971.

tribunais leigos do que nos eclesiásticos. E os protestantes superaram aos católicos nesta triste competição.

Começaram antes. A primeira condenação à morte pelo tribunal da Inquisição foi em 1274, quando o furor contra as bruxas — e as condenações à morte — já tinha sido durante muitos séculos ateado pelos tribunais civis. A primeira queima de uma bruxa, a título de advertência disciplinar aos hereges, foi decretada pela Inquisição concretamente por Hugues de Banyol, em Toulouse (França), centro do movimento herético dos cátaros. Uma infeliz mulher confessou que mantinha relações sexuais com o demônio (?), a quem alimentava (?) com carnes de crianças que ela mesma seqüestrava durante a noite. A confissão irritou o povo e este exigiu que o bispo de Toulouse confirmasse a condenação. [6]

O primeiro processo por bruxaria de que temos notícia foi instaurado pelo faraó Ramsés III, por volta de 1300 a.C.

Referem as crônicas que um certo Penhaiben, superintendente de uma fazenda de gado, passando casualmente diante do Khen, o Salão do Palácio Real onde se guardavam os rolos das tradições místicas, sentiu-se arrebatado pelo desejo de ter acesso aos segredos em seu próprio benefício.

Conseguindo a ajuda de um pedreiro chamado Atirma, penetrou nos sagrados recintos do Khen. Pegou um livro de "perigosas" fórmulas pertencentes ao seu senhor Ramsés III. Uma vez dominado o uso das fórmulas, era capaz de realizar todas as façanhas (?) dos doutores de mistérios. Fez encantamentos com os quais corrompeu as concubinas do faraó; provocou ódio entre os homens, fascinava-os, atormentava-os, paralisava seus membros. Numa palavra, como o relatório declara: "Procurou e achou os verdadeiros meios de realizar a abominação e toda maldade que o coração concebeu, e as realizou com outros grandes crimes; foi o horror de todos os deuses e deusas. Por isso o grande castigo até a morte, que as escrituras divinas dizem que mereceu". [7]

Não se castigava no Egito a prática da magia. O próprio faraó era mestre. A hipótese mais provável é que Ramsés III tenha

6. Kurt Seligmann, *The history of magic;* uso a tradução de Jean-Marie Daillet, *Histoire des magies*, Paris, Planète, s.d., p. 51. Cf. Aradi, *O Livro*..., op. cit., p. 69; Ângelo Antônio Dallegrave, "As feiticeiras" in "Voz do Paraná", 11 a 17 de agosto de 1974.
7. E. A. Wallis Budge, *Egyptian magic*, Londres, Routledge & Kegan Paul, 1975; uso a edição de 1899, p. 8; Lea, *A History*... *Middle Ages*..., op. cit., vol. 3, p. 388.

castigado o mago por usar (?) os poderes "sobrenaturais" em proveito próprio e contra os interesses do faraó[8]

Prescindo das proibições do Antigo Testamento contra os feiticeiros, proibições que poderíamos considerar legais e até certo ponto "civis" num estado teocrático. Prescindo das antiquíssimas leis greco-romanas, por exemplo contra aqueles que faziam malefícios para estragar as colheitas. Aludirei unicamente às leis civis dos países contemporâneos da Igreja de Cristo.

O historiador Suetônio refere que o imperador Augusto mandou queimar publicamente mais de 2.000 livros de bruxaria, escritos em latim e grego, que confiscou em Roma.[9] Tinham-se esquecido as antigas leis. A bruxaria vinha de longos anos sendo desprezada. Os romanos prescreviam cultos precisos aos inumeráveis deuses de seu alienante panteão. Qualquer outra prática diferente das previstas era considerada supérflua, inútil, *superstitio* ("sobra", "está demais"). Mas a superstição tinha crescido e Augusto achou que era conveniente reagir.

O imperador romano, Constantino, decretou "as mais severas penas" contra a bruxaria, lei que depois foi incorporada no código do imperador Teodósio: "Esses homens que praticam a magia e dos quais se tenha demonstrado que conspiraram contra a segurança dos indivíduos, ou que transformaram em seres lúbricos, espíritos até então virtuosos, serão castigados e corrigidos como merecem pelas mais severas leis".[10] Esta lei data de 317-319. Dez séculos antes dos castigos eclesiásticos contra a bruxaria.

O Código Teodosiano foi promulgado no século V, em 438. O elemento demoníaco aparece pouco depois, no *Breviário de Alarico:* "Os magos, encantadores, os conjuradores e todos aqueles que, *invocando os demônios,* lançam a confusão no espírito dos homens, serão castigados por toda a classe de penalidades".

A lei Teodosiana dizia: "De agora em diante nenhuma pessoa deverá mais tentar dedicar-se ou entregar-se a funestas imprecações durante a noite, nem a preparações mágicas, nem a sacrifícios fúnebres. Se ficar provado que alguém agiu dessa maneira, decretamos, em virtude de nossa suprema autoridade, que deverá ser castigado da maneira mais convincente". No *Breviário de Alarico* a lei se transforma e a magia é vinculada com o demônio: "Se alguma pessoa oferece sacrifícios noturnos aos demônios ou os invocar por encantamentos, será fustigada com a pena capital".[11]

8. Cf. Fox, *Science...*, op. cit., pp. 11s.
9. Suetônio, *Vita Augusti,* XXXI.
10. Teodósio, *Codex Theodosianus,* 9, 16, 3.
11. Cf. A. A. Barb, "The survival of magic arts" in A. Momi-

A Lei Sálica, sancionada por Clóvis ou Clodoveu, rei dos francos, no século V (portanto nove séculos antes dos castigos da Inquisição) prescrevia: "Uma bruxa que tenha comido carne humana e esteja convicta deste delito pagará mil denários". Chama a atenção a benignidade da multa — mesmo que se trate de uma soma alta —, bem mais benigna, por exemplo, da imposta aos difamadores.[12]

Carlos Magno, imperador e árbitro do Ocidente, no seu código fixava penas de prisão para os bruxos, seguidas de um período de "penitência". E seguindo a trajetória de outros reis merovíngios, condenava especificamente a evocação dos demônios para fazer horóscopos e praticar astrologia, causar tempestades, fazer filtros amorosos ou maléficos contra homens, animais e frutos da terra, para fazer com que o leite dos animais pertencentes a determinadas pessoas passe para os de outras etc. Os que exerceram tais atos demoníacos serão castigados com as mesmas penas que os homicidas, envenenadores e ladrões. Os que consultaram os bruxos serão castigados igual. Em alguns casos era a morte.[13] Isto no século VIII, seis séculos antes das punições eclesiásticas.

No século IX, exatamente no ano 873, o rei Carlos, o Calvo, declara em Quierzy-sur-Oise ter-se inteirado de que em vários pontos de seu reino havia feiticeiros que ocasionavam doenças e mortes.

> Fazemos, em conseqüência, recomendação expressa a todos os Condes que busquem e prendam com grande diligência os culpáveis destes crimes nos seus respectivos condados. Se são convictos, homens e mulheres devem perecer como pede a lei e a justiça... E não só os culpados, senão também seus associados e cúmplices, homens ou mulheres, morrerão, a fim de fazer desaparecer de nossa terra todo conhecimento de crime tão grande.[14]

Poderia ir citando outras numerosas legislações.

Era nessa época (no ano 936 concretamente) que o papa Leão VII instruía a Gerhard, arcebispo de Lorch (Alemanha), para que não imitasse os tribunais civis na punição dos feiticeiros: "Responde que, embora a velha lei os castigasse com a morte, a justiça eclesiástica lhes perdoa a vida, para que façam penitência".

Posteriormente o papa Gregório VII escrevia ao Rei da Dinamarca para que evitasse a perseguição das bruxas. São — diz —

gliano (ed.), *The Conflict between Paganism and Christianity in the Fourth Century,* Oxford, 1963, pp. 100ss.
12. Cf. Fantoni, *Magia...*, op. cit., p. 170.
13. Baluze, *Capitularia...*, op. cit., tomo I, cols. 220, 518, 707, 837, 929, 962, 999, 1104.
14. Idem, ibídem, tomo II, cols. 230s.

mulheres inocentes; as acusações de terem causado tempestades e epidemias não têm mais fundamento que a superstição ou fins escusos.

Na mesma época, exatamente no ano 943 o rei Ramiro I da Espanha decreta pena de fogueira contra magos e feiticeiros.[15] Só quatro séculos mais tarde, 1357, em Navarra, alguém seria queimado por ordem eclesiástica, pela primeira vez, na Espanha.

Entre os ingleses, a morte das bruxas começa bem cedo. A Lei de Withraed, rei de Kent, ordenava em 690: "Se um bruxo faz uma oferenda aos demônios, que efetue uma doação de seis xelins (quantidade que devia ser exorbitante na época, como podemos deduzir pelo equivalente dessa multa que segue em continuação) ou que pague com sua pele".[16]

As *Leges Henrici*, emanadas em 1114, prescreviam pena capital para o bruxo que com seus malefícios tivesse matado alguma pessoa. Esta lei se manteve sem alteração até 1541.[17]

Muito mais freqüentes. Basta folhear a monumental obra do próprio Léa, acusador da Inquisição, para convencer-se que na realidade as bruxas foram perseguidas e condenadas em todas as partes, mais pelos detentores do poder civil e pelos protestantes do que pela Inquisição.[18]

Do século XIII ao século XVI, mais concretamente de 1258 até 1526, no auge da bruxomania, constam somente 72 processos nos tribunais eclesiásticos contra 262 nos tribunais civis.[19]

Provavelmente é inexato nos números, mas indica as linhas gerais esta frase de Bommberg:

Um juiz francês (poder civil) alardeava de ter queimado 800 mulheres em 16 anos de magistratura. Queimaram-se 600 durante a administração de um bispo (protestante) em Bamberga. A Inquisição, que originariamente começou na Igreja de Roma, foi continuada pelas Igrejas protestantes em Grã-Bretanha e em Alemanha. Na Genebra protestante foram queimadas 500 pessoas no ano 1515. Em Tréveris (quase exclusivamente poder civil) se informou da queima de umas 7.000 pessoas durante um período de vários anos.[20]

15. Lea, *A History... Spain...*, op. cit., tomo IV, p. 179.
16. Seligmann, *Histoire...*, op. cit., p. 103.
17. Cf. Fox, *Science...*, op. cit., p. 35.
18. Lea, *Materials...*, op. cit., principalmente vol. I, pp. 137ss.; idem. *"A History Ages"*, op. cit., principalmente vol. III, pp. 429ss.
19. Hansen, *Zauberwahn...*, op. cit.; idem, *Quellen und Untersuchungen zur Geschichte des Hexenwahns und der Hexenverfolgung im Mittelalter*, Bonn, 1901.
20. W. Bommberg, *The mind of man: the story of man's con-*

Segundo Gérin-Ricard, "de 1575 a 1700, a Inquisição (!?) inculpou um milhão de feiticeiros".[21] Mesmo que o período não abarque toda a época da bruxaria, senão preferentemente o recrudescimento da chama pelo sopro protestante, o número talvez não seja exagerado.

Provavelmente exagera Kurtz quando afirma que só num ano, 1484, em toda a Europa, se mataram 300.000 bruxas.[22] (A população da Europa naquela época não passava dos 80 milhões... Paris — uma das maiores cidades — não chegava a 80.000 habitantes).

Outra enumeração, também pouco crítica, mas que de novo indica as linhas gerais comparativas, é apresentada por Lea:

Na Grenoble católica o poder civil — preferentemente — condenou à morte 167 pessoas acusadas de bruxaria entre os anos 1428 e 1447. Mas na Saxônia protestante só num dia de 1589 se queimaram 133 bruxos. No pequeno cantão suíço de Vaud, os protestantes, em 10 anos — de 1591 a 1600 —, mataram 311 bruxos, e na Baviera uns 2.000 do anos 1500 ao 1756.[23]

Um só perseguidor de bruxas na Alemanha, Nichólas Romy, considerado grande especialista e que escreveu um longo tratado sobre bruxaria,[24] teve sobre sua consciência a morte de 900 pessoas.

Foram terríveis os estragos que a bruxomania fez na Alemanha protestante. Então a Alemanha estava dividida em mais de trezentas circunscrições, cada uma delas com seu próprio Supremo Tribunal civil e seu Direito particular. A perseguição às bruxas e a severidade dos castigos dependiam geralmente dos respectivos senhores de cada região, que governavam com muita independência e poder quase absoluto. Dentro de cada região, havia oscilações pendulares inclusive extremas, segundo os critérios subjetivos do mesmo senhor e segundo os conceitos das diversas sucessões no poder através dos anos e dos séculos. Daí a dificuldade em se calcular o número de pessoas condenadas à fogueira ou à forca na Alemanha. Mas das crônicas e processos regionais que chegaram até nós cabe deduzir que as vítimas se contaram

quest of mental illness, 2ª ed., Nova Iorque, Harper, 1959; tradução: *La mente del hombre*, Buenos Aires, 1940.
21. Citado por Calle, *La magia...*, op. cit., p. 103.
22. Idem, ibidem, p. 272.
23. Lea, *Materiais...*, op. cit., vol. I.
24. Nicholas Romy, *Daemonolatriae Libri Tres*, Lião, 1595; Colônia, 1596; Frankfurt, 1597.

por milhares. Gardner calcula nove milhões.[25] Morrow simplesmente diz que foram milhões.[26]

W. A. Schoeder, contemporâneo aos fatos, anotou que nas localidades de Bamberg e Zeil, entre 1625 e 1630, cinco anos, se realizaram nada menos que 900 processos de bruxaria. Deles, 236 terminaram com condenação à morte na fogueira. Só num ano, 1617, em Wurzburgo, foram queimadas 300 bruxas;[27] em total nesta região as atas apresentam 1.200 condenações à morte.[28]

Em 20 anos, de 1615 a 1635, em Estrasburgo, houve 5.000 queimas de bruxas.[29]

Em cidades pequenas como a imperial Offenburg, que só tinha entre dois e três mil habitantes, se desenvolveram acérrimas perseguições às bruxas durante três decênios, e em só dois anos, segundo as atas, foram queimadas 79 pessoas.[30]

Na Suíça, também protestante, os casos de condenação de bruxas descritos nas crônicas conservadas chegam a 5.417.[31] Nos Alpes Austríacos, as mortes chegaram ao menos a 5.000.[32]

Não houve Inquisição na Inglaterra. Não se preocupavam com a heresia. Temiam, porém, a magia. Houve muitas mortes de bruxas decretadas pelo Governo e juízes leigos.

É absolutamente sem fundamento a afirmação de muitos autores ingleses de que a Inglaterra foi uma exceção dentro da bruxomania geral.

Segundo Ewen,[33] que cita documentos originais, o número de condenados à pena de morte por bruxaria, na Inglaterra protestante, exatamente de 1541 a 1736, teria sido menos de mil. As condenações à morte teriam sido menos de 30% das acusações. Mesmo assim, o correto comportamento inglês não fugiu ao ditado de que não há regras sem exceções.

A falta de profissionais teve sua contrapartida negativa: surgiram os "caçadores de bruxas" por inclinação particular. Deve-se

25. Gerald B. Gardner, *Ursprung und Wirklichkeit der Hexen*, Weilheim, 1965, pp. 30s.
26. F. Morrow, no prólogo e Montagne Summers, *The history of witchcraft and demonology*, 2ª ed., Nova Iorque, 1956.
27. Citado por Merzbacher, *Die Hexenprozesse*..., op. cit., p. 43.
28. Baschwitz, *Hexen*..., op. cit., p. 261.
29. Soldan-Heppe-Bauer, *Geschichte*..., op. cit., tomo I, p. 530.
30. Idem, ibidem, p. 251.
31. Na tese doutoral de G. Bader, *Die Hexenprozesse in der Schweiz*, Zurique, 1945, p. 219.
32. Fritz Byloff, "Hexenglaube und Hexenverfolgung in der österreichischen Alpenlander" in *Quellen zur deutschen Volkskunde*, 1934, caderno 6, p. 159.
33. Ewen, *Witch hunting*..., op. cit.

destacar Mathew Hopkins que se autodenominava "descobridor geral de bruxas". Parece que era um sádico encoberto. Quando encontrava uma mulher que excitava seus instintos sexuais anormais, obrigava-a a despir-se na sua presença e começava a fincar, com uma agulha, as diversas partes do corpo dela (assim se procuravam áreas insensíveis, o que seria sinal de possessão demoníaca).

Mas... ele mesmo foi acusado de possuir estranhos poderes. Submetido às provas de bruxaria que empregara, foi condenado e morto.[34]

Na Inglaterra não era necessário aplicar torturas — às vezes se deram! — porque a condenação freqüentemente era sentenciada sem necessidade de confissão por parte do acusado.[35]

O historiador A. D. Macfarleme garante que os registros judiciais contra a bruxaria achados no condado de Essex, Inglaterra, não podem ser considerados como uma manifestação de perseguição religiosa. Era a justiça civil que se defendia dos terroríficos poderes então atribuídos aos feiticeiros, os mais perigosos malfeitores.[36]

Em 1562 a rainha Elizabeth, e a versão definitiva do *Witch Act* ou lei contra os bruxos de Jacques I em 1604, condenavam à morte a pessoa que tivesse feito qualquer malefício pretendendo acabar com a vida ou danar o corpo de alguém. Mesmo que não se percebesse efeito nenhum do malefício! Esta lei se manteve em vigor na Constituição até 1736.

A Lei de Jaime I era mais severa do que a anterior: enquanto que na legislação da rainha só se condenava à morte o reincidente de feitiçaria, a lei do rei o condenava no primeiro *intento*. Além do mais, não só se condenava por atentar contra a vida ou por danos corporais, senão também por crimes menores tais como a própria exumação de cadáveres, mesmo que não se chegasse a empregá-los nos malefícios.[37]

Os homens de lei da Inglaterra, no fim do século XVI e começos do XVII, exigiam que a legislação sancionasse com severas penas a simples prática de qualquer tipo de magia e, expressamente, o delito de pactuar com o demônio. Assim, por exemplo, George Gifford em 1593[38] e William Perkins em 1608.[39]

34. Calle, *La magia*..., op. cit., pp. 271s.
35. Cf. Ronald Seth, *Children against witches*, Londres, Robert Hale, 1969, p. 14; Davies, *Four centuries*..., op. cit.,
36. Mair, *La brujeria*..., op. cit., pp. 186s.
37. Cf. Fox, *Science*..., op. cit., p. 36.
38. George Gifford, *A dialogue concerning witchcraft*, Londres, reimpressão por Percy Society, 1842, p. 95.
39. Willian Perkins, *A discourse of the damned art of witch-*

A bruxomania passou o Atlântico. Chegou aos EUA. É lógico que começou tarde. O primeiro corpo de estatutos — *The Body of Liberties* — que houve em Massachusetts é de 1641.[40] Nele se diz: "Se algum homem ou mulher é bruxo que manifesta ou consulta um espírito familiar(?), será enviado à morte".[41]

A revisão de 1649 reiterava a mesma lei com pena capital.[42] De sua vigência é um exemplo famoso o processo das bruxas de Salem em 1692.

O pânico da população perante as bruxas e a ira contra elas refletem-se no caso de Ann Hibbins. Parece que foi acusada por motivos meramente socioeconômicos. Era irmã de um rico comerciante e antigo assistente da colônia, Richard Bellingham, que fora governador da Baía de Massachusetts. O júri a condenou. Os juízes não aceitaram o veredicto. O caso foi levado à Corte Geral. Foi fácil incitar a opinião pública. Tanto pressionaram a Corte que Ann Hibbins foi condenada à morte.[43]

Devemos levar em conta que as crônicas e processos conservados só representam, no máximo, um terço dos processos realizados contra as bruxas! "Houve lugares nos quais, após a onda persecutória, só um pequeno número de mulheres ficou com vida".[44]

Muito mais cruéis. Sobre a crueldade dos tribunais civis...

H. C. Lea cita 47 bulas nas quais a Santa Sé continuamente insiste na jurisprudência que deve se observar nos tribunais eclesiásticos. Alertam para não cair na violência e injustiças freqüentes dos juízes leigos.

Uma instrução da Câmara Apostólica, de 1657 — então os processos de bruxaria somente se realizavam nos tribunais civis —, apresenta a advertência da Inquisição: "A Santa Inquisição confessa que os processos são longos para serem instruídos regularmente; ela censura os juízes pelas vexações, encarceramentos injustos, torturas... Muitos têm-se mostrado demasiado cruéis encarcerando pela mínima suspeita e têm aplicado a tortura apesar do malefício não ter sido provado...".[45]

O mesmo advertia já em 1358 Nicolas Eymeric, apesar de ele mesmo ter deixado, em Aragão, lembrança amarga de inquisidor implacável. Inquisidor Geral nomeado por Gregório XI, o teólogo dominicano escrevia no *Manual dos Inquisidores* (de Espanha e Portugal): "Indubitavelmente a aplicação de torturas aos criminosos é costume louvável, mas eu desaprovo energicamente a esses juízes sanguinários que, não sei em virtude de que vão amor próprio, utilizam suplícios tão rebuscados e cruéis, que os acusados perecem neles ou perdem algum dos seus membros".[46]

Jean Bodin (1529-1595), catedrático de Direito Romano na Universidade de Toulouse, foi o criador do moderno conceito de soberania. Até hoje conserva seu prestígio de jurista. Apesar de freqüentemente pedir tolerância e humanismo em outras causas judiciais, reclamava para as bruxas a maior crueldade:

> Seja qual for o castigo que ordenemos contra as bruxas, assá-las ou cozê-las ao fogo lento, não é realmente demais e não tão ruim quanto... as agonias eternas que lhes estão preparadas no inferno, porque o fogo aqui não pode demorar muito mais do que ao redor de uma hora até que a bruxa morra.[47]

O ódio deste famoso magistrado às bruxas não tinha relação nenhuma com suas crenças cristãs. Decorria, como qualquer estudante de primeiro ano de Psicologia pode compreender, de suas frustrações sexuais. Era impotente. É sabido que estudou detidamente e acreditava em tudo quanto se escrevesse ou se dissesse sobre o feitiço de ligadura. Conhecia umas cinqüenta técnicas empregadas pelas bruxas para a ligadura de impotência. À ligadura atribuía sua frustração,[48] e por isso reagia com ódio mortal às bruxas. Poder civil.

Henri Boguet era um destacado juiz — poder civil. Após condenar como bruxa uma mulher de conduta irrepreensível, deixan-

---

craft, 1608, incluido in Kittredge, *Witchcraft in Old and New England*, pp. 290-293, especialmente p. 292.

40. *The body of liberties* é reproduzido por William Witmore (ed.), *The Colonial Laws of Massachusetts. Reprinted from the edition of 1660, with suplements to 1672. Containing also the Body of Liberties of 1641*, Boston, City Council, 1889.

41. Ibidem, *Liberty, 94*, Capital Lawa, p. 55.

42. Cf. Winfield S. Nevins, *Witchcraft in Salem Village in 1692*, Salem-Massachusetts, Salem-Press, 1916, pp. 29s.

43. Thomas Hutchinson, *History of the Colony of Massachusetts Bay*, Londres, Thomas and John Fleet, 1764, p. 187; William F. Poole, "Witchcraft in Boston" in Justin Windsor (ed.), *Memorial history of Boston*, Boston, Tickner, 1881, tomo 2, p. 130.

44. Haag, *El Diablo. Su existencia...*, op. cit., p. 364.

45. Hansen, *Zauberwahn...*, op. cit., pp. 24s.

46. Eymeric, *El Manual...*, op. cit., p. 66. O texto original em latim, *Directorium Inquisitorum*, andava em multidão de manuscritos, publicado integralmente depois da invenção da imprensa em 1578. Traduzido ao francês foi publicado em Paris, em 1762, e é desta tradução francesa que se faz a tradução espanhola e da qual extraio o texto citado.

47. Robbins, *The Encyclopedia...*, op. cit., p. 5.

48. Baschwitz, *Hexen*, op. cit., pp. 125s.; F. Heer, *Abschied von Höllen und Himmel*, Munique, 1970, p. 175.

do-se convencer pelo fantasioso testemunho de uma menina de 8 anos, trocou seu equilíbrio jurídico e se transformou num sanguinário caçador de bruxas. Percorrendo o Franco Condado, especializou-se em mandar crianças à fogueira! Tendo-se entregado ao demônio em tão tenra idade, de nenhum modo poderiam ser recuperadas e seriam depois terrivelmente perigosas para as pessoas, sociedade e governo.[49]

De igual opinião era o sanguinário De Lancre. Vivia obcecado com as crianças que, já desde os 5 anos, participavam habitualmente do inexistente "sabbat".[50] Como recuperá-las? Havia de eliminá-las. Poder Civil.

A crueldade foi especialmente severa na Alemanha protestante. Carpzov foi legista brilhante e figura esclarecida, até hoje ocupando lugar destacado na história do Direito Penal. Mas perdia a compostura contra a bruxaria, que considerava merecedora de torturas três vezes intensificadas com respeito a outros crimes, e cinco vezes punível com pena de morte.[51] Luterano fanático, afirmava, quando velho, ter lido a Bíblia inteira 53 vezes. Assinou sentença de morte contra 20.000 bruxas, apoiando-se principalmente na Bíblia. Na "Lei" do Antigo Testamento principalmente. Não compreendendo o verdadeiro significado da Bíblia, considerava o Pentateuco como lei promulgada pelo próprio Deus, Supremo Legislador. Carpzov, entre outros textos bíblicos (Lv 19,31; 20,6.27; Dt 12,1-5; 1Sm 28...), citava de preferência o Êxodo (22,17): "Não deixarás viver a feiticeira".

Reitor da Universidade de Innsbruck e catedrático de Direito, Froehligh, que chegou a ser chanceler da Alta Áustria, insistia em que não só as supostas bruxas fossem condenadas, senão também seus filhos! E não se precisava muito para ser considerada bruxa, pois o seria qualquer pessoa que não tivesse um olhar franco.[52]

Naquele ambiente de superstição, crueldade e pânico perante as bruxas, foi possível o aparecimento de um Franz Buirmann, pervertido magistrado e degenerado inimigo da bruxaria. Era um juiz itinerante. Referindo-se a ele dizia seu contemporâneo Hermann Loher: "Preferiria mil vezes ser julgado por animais selvagens, cair numa fossa cheia de leões, de lobos e ursos, do que cair em suas mãos".

49. Baschwitz, *Hexen...*, op. cit., p. 223s.
50. Pierre de Lancre, *Tableau de l'inconstance des mauvais anges et démons*, Paris, 1612, p. 95.
51. Benedict Carpzov, *Practica Nova Rerum Criminalium Imperialis Saxonica in Tres Partes Divisae*, Wittenberg, 1635.
52. Johan Christopher Froehlich von Froehlichsberg, *De sorcelleria*, Innsbruck, 1696; tradução: *Animismes*, Paris, Orent, 1964, pp. 62ss.

Deste impiedoso juiz se afirma que somente em duas incursões que realizou por pequeninas aldeias ao redor de Bonn, que perfaziam um total de 300 pessoas contando-se crianças e velhos, queimou vivas nada menos que 150 pessoas! Consta que ao menos em duas oportunidades (da viúva Boffgen e do Alcaide de Rheinbach), o juiz se apoderou de todos os bens dos condenados à fogueira (o Alcaide de Rheinbach era seu inimigo político...).[53]

A Inquisição era menos temível que a justiça civil. Os presos, fora dos processos, não eram maltratados, como nos cárceres civis.

O orçamento para a alimentação nas prisões da Inquisição, muito menos numerosas do que as do Estado, ultrapassava o orçamento alimentício de todas as prisões estatais. Não era raro que os presos fossem melhor alimentados e abrigados do que nas suas próprias casas. Quem quisesse e tivesse posse, podia obter da família não só os mantimentos preferidos, senão inclusive móveis, roupas, livros etc.

Casanova, trancado nas prisões da Inquisição de Veneza, mais parecia levar vida de príncipe exilado do que de prisioneiro, a julgar pelas próprias "memórias" do proverbial sedutor de mulheres.

Henry Kamen cita vários casos de presos comuns dependendo da sentença dos tribunais do Estado, que preferiram acusar-se a si mesmos de heresia, sem outros motivos que o de conseguir serem transferidos para as prisões da Inquisição, bem mais confortáveis e onde lhes davam melhor atendimento.

As imensas fogueiras que iluminaram a Idade Média e o Renascimento não são uma lenda. Mas ater-se unicamente ao número de justiçados pode provocar um erro de perspectiva. É importante frisar, contra a lenda negra, que em relação ao número de acusados e julgados pela Inquisição, as vítimas que terminaram em cinzas foram uma minoria. Mesmo entre os declarados culpados.

Salvo exceções (que chamaram muito a atenção, mas que não passam de exceções doentias), "a Inquisição mais procurava atrair a ovelha ao aprisco do que separar um rebanho sempre passivo de ser tosqueado".[54]

Nunca a Inquisição decretou uma condenação sem prévio julgamento, enquanto o "Fuero de Cuenca" (região espanhola ao centro da Península), por citar algum exemplo, no século XIV, condenava à pena capital sem exigir tramitação: "Assim mesmo, a mulher que seja adivinha ou feiticeira, queimem-na ou salve-se pelo

53. Finné, *Erotismo...*, op. cit., p. 41.
54. Idem, ibidem, p. 49.

fogo" (isto é, esperava-se que se era inocente saísse incólume da fogueira!).[55]

Os responsáveis pela província de Guipúzcua, a principal do País Basco, solicitaram ao rei Henrique IV de Castela que desse faculdade aos alcaides (prefeitos) para sentenciar em casos de bruxaria e condenar à morte, sem direito à apelação. O rei consentiu em real cédula assinada em Valladolid, no dia 15 de agosto de 1466.[56]

Terminaram mais tarde. Já tinha passado o tempo do *Malleus Maleficarum*, e ainda alguns juízes protestantes continuavam a se guiar por aqueles critérios antigos.

No ano 1670, na Suécia, houve um processo deplorável: uns meninos declararam que umas bruxas os tinham levado a um sabbat! O demônio — sabiam que era o demônio porque tinha a barba avermelhada! — aparecia vestido geralmente com calças vermelhas, meias azuis, chapéu ponteagudo e gibão cinza! Cada bruxa tinha de levar um menino ao sabbat: durante o processo chegaram a reunir-se 300 crianças e jovenzinhos afirmando ter sido levados ao sabbat!

Além de renegar, como em todo sabbat, sua fé cristã, teria havido os clássicos abusos das crianças. Também, como sempre, se afirmava que das relações entre demônios e mortais nasceriam "filhos do demônio", mas das relações dos bruxos entre si nasceriam cobras e sapos. Exceto o detalhe de afirmar que "o diabo" certa vez morreu para logo depois ressuscitar, tudo o mais poderia estar tirado de qualquer dos livros anteriores de demonologia.

Como conseqüência das declarações, arrancadas pelas interrogações feitas pelos teólogos protestantes, foram queimadas 70 mulheres, açoitadas mais 56, queimadas 15 crianças que já tinham chegado aos 16 anos e outras 40 foram açoitadas.[57]

Na Alemanha protestante, o poder civil condenou Anna Maria Schwugelin. Foi decapitada como bruxa em 1759.

No dia 18 de junho de 1782, o governo ainda decapitou uma bruxa na Suíça.

Os protestantes do Reino Unido foram lentos. Na Inglaterra do século XVII, na área da interpretação dos fenômenos misteriosos

55. Cf. Rafael de Ureña y Smenjand (edição crítica e apresentador), *Fuero de Cuenca*, Madri, 1935, livro II, título 1º, artigo 35, p. 329.
56. Pablo de Gavosabel, *Noticia de las cosas memorables de Guipúzcua*, 6 vols., Tolosa, 1899-1901, vol. II, cap. II, pp. 353s.
57. Bekker, op. cit., pp. 576-587.

ainda grassava a superstição demonológica, e houve várias condenações. O último juízo por bruxaria foi já entrado o século XVIII, em 1717.[58] E ainda demorariam mais vinte anos para abolir o estatuto inglês contra as bruxas, em 1736.[59]

A última morte por condenação como bruxa, na Escócia, foi em 1738. Na Irlanda, a lei contra bruxaria não foi abolida até 1821!

Em 1863, segunda metade do século XIX!, o povo inglês linchou um velho por considerá-lo bruxo.

Abramos um parêntese. Só na Inglaterra, só neste ambiente atrasado de bruxaria pode ter surgido, no fim do século XVIII, uma figura como a de William Beckford ou Fonthil. Contemporâneo do Marquês de Sade e de Estif de la Britagne, Beckford, junto com o poeta W. Blake, inicia uma linhagem dos "místicos do inferno". Só na Inglaterra poderia ter nascido essa "raça maldita" de escritores que se estenderá pelo mundo constituindo um dos marcos mais importantes da história literária: Byron e Disraeli, Baudelaire, Poe e Lautreamnont... Em todos eles a influência de Beckford é manifesta.

O iniciador dos "místicos do inferno" nasceu em 1760, de sangue real por parte de mãe. Herdeiro de imensa fortuna. Homem de rara beleza e de rara habilidade para seduzir tanto as mulheres como homossexualmente os jovens. Na sua vida até superava suas personagens no romantismo satânico. A sua biografia rivaliza com seus escritos em histórias mirabolantes e satânicas.

Aos 21 anos, celebrou a maioridade com uma Missa Negra que durou três dias seguidos. E durante essa monstruosa Missa Negra se ofereceu um jovem de 14 anos em sacrifício mortal a Satã.

Aos 23 anos, já Membro do Parlamento, é surpreendido sodomizando um nobre adolescente. Acusado de homossexualismo e bruxaria, o mais grave crime na legislação de então, para escapar da morte tem de fugir da corte de Georges III para a Suíça. Acompanha-o ao exílio sua mulher, Lady Margareth. Pouco depois, principalmente de tristeza e desespero, ela morre. Beckford dedica-se durante 12 anos a viajar pelas cortes de Espanha, Portugal, França... Sua vida é um contínuo de seduções, escândalos, perversidades, satanismo...

58. Mair, *La brujería*..., op. cit., p. 216.
59. Fox, *Science*..., op. cit., p. 25; sobre a Bruxaria na Inglaterra, Peter Haining, *A circle of witches. An anthology of victorian witchcraft stories*, Londres, Robert Hale, 1971; idem, *The anatomy of witchcraft*, Londres, Souvenir, 1972; tradução de René Cárdenas Barrios, *La anatomia de la brujeria*, México, Diana, 1976.

Com 36 anos, volta à Inglaterra. Não consegue abrir caminho na corte. Encerra-se no seu castelo. É dessa época sua principal obra: *Vathek with the Episode of Vathek*. Vathek é um califa dedicado ao mal e à perversidade. Vai em busca do reino de Eblis. Eblis é Lúcifer, Satã. Os homens que adoram Eblis não morrem. O fogo toma conta dos seus corações. Discute-se se este castigo infligido por Eblis aos seus seguidores não será alguma mostra do desencanto experimentado pelo autor.[60] Fecho o parêntese.

Deturpação da história. Após assomar-nos à realidade espantosa da bruxomania entre os civis e protestantes, é de todo ridículo que se inflamem os ânimos de certos historiadores contra a Inquisição e a Igreja.

Na Espanha católica, no período da Inquisição foram pouquíssimas as mortes por bruxaria (prová-lo-ei no capítulo XXII).[61]

E em Roma, onde evidentemente o influxo da Igreja Católica era maior, só se deu uma morte pelo delito de bruxaria.[62] Essa condenação à morte foi pedida pelo papa João XXII (1316-1334). E não por motivos religiosos. Antes do nascimento da Reforma. Mandou queimar o bispo da sua cidade, Cahors, e enforcar seu médico porque supunha que estes dois homens tentaram tirar-lhe a vida por meio da magia. Naquele ambiente da época, o próprio papa viveu toda a sua vida escravizado pelo pânico supersticioso dos feitiços.[63]

Após o nascimento da Reforma protestante, enquanto em outras cidades morriam queimadas ou enforcadas milhares e até milhões de "bruxas", nenhuma execução por este motivo se realizou em Roma.

60. Talvez as melhores biografias sobre Beckford sejam Alexander Boyd, *England's wealthiest son*, Londres, Centaur, 1962; Marc Chadourne, *Eblis ou l'enfer de W. Beckford*, Paris, Jean-Jacques Paurvert, 1968.

61. Assim o prova, por exemplo Zwetsloot, *Friedrich Spee*..., op. cit. Rahner apóia o argumento, epigrafe, "Brujas, procesos de" in *Sacramentum Mundi*..., op. cit., tomo I, col. 607.

62. Como reconhece, apesar de tanto irar-se contra a Igreja Católica, Elliger, *Teologia*..., op. cit., p. 364.

63. Hansen, *Zauberwahn*..., op. cit., pp. 24s.

Capítulo XVIII

ÊXITO DOS EXORCISMOS

"Pelo poder de Beelzebul". Os escribas reagiram: "Beelzebul está nele... É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios".

Jesus retrucou: "Como pode Satanás expulsar Satanás?... Se Satanás se atira contra si próprio e se divide, não poderá subsistir, mas acabará" (Mc 3,22s.26). "Ora, se é por Beelzebul que eu expulso os demônios, por quem os expulsam os vossos filhos? Assim, eles mesmos serão os vossos juízes. Contudo, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o reino de Deus já chegou a vós" (Lc 11,19s.).

Já vimos que Jesus empregava a terminologia da época. Não é lícito deduzir destas passagens evangélicas que Cristo está afirmando a expulsão de demônios e conseqüentemente a existência da possessão.

Somente se afirma que a ação curativa de Jesus é pelo dedo de Deus.[1] Fez milagres. Não se afirma que "vossos filhos" expulsem realmente demônios. Nem se afirma que "vossos filhos" agem pelo dedo de Deus.

Cristo devolve a objeção aos que a lançaram: seria absurdo pôr Satanás contra Satanás; e tal objeção seria contra "vossos filhos". Argumenta em teoria. Não analisa os fatos em si mesmos.

Pecado contra o Espírito Santo. Jesus termina a discussão com palavras severíssimas: "Na verdade eu vos digo: tudo será perdoado aos filhos dos homens, os pecados e todas as blasfêmias que tiverem proferido. Aquele, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo, não terá remissão para sempre. Pelo contrário, é cul-

1. Cf. MacCasland, *By the finger*..., op. cit.

pado de um pecado eterno. É porque eles diziam: "Um espírito imundo está nele" (Mc 3,28-30).

Fundamentando-se neste texto (e paralelos) em nome de muitos "demonófilos" argumenta McKenzie: "O discurso... é um dos mais severos dos Evangelhos. Negar-se a acreditar que ele mostra o poder de Deus, precisamente pelo seu poder sobre os demônios, é o pecado contra o Espírito Santo, pecado que não se perdoa. A severidade do discurso nos faz difícil aceitar numa explicação que proponha que não havia nenhum demônio que expulsar".[2]

Proponho outra exegese que me pareça mais lógica. O pecado contra o Espírito Santo consiste em atribuir os milagres de Cristo à magia (a Satanás, a Beelzebul).

Um texto que, sem dúvida, remonta ao século II mostra a memorável tradição judaica de que Jesus foi condenado como um mago: "Nas vésperas da Páscoa crucificaram a Jesus. Durante quarenta horas um arauto caminhou diante dele gritando: 'Vai ser eliminado por ter exercido a magia, ter seduzido a Israel...'"[3]

Compreende-se a severidade das palavras de Cristo. Foi de fato pela mentalidade mágica, por atribuir os milagres de Cristo ao poder do demônio, que o povo judeu não se converteu.

Os judeus esperavam que o Messias fizesse milagres. Os fariseus freqüentemente pediram a Jesus um sinal. Esperavam que o Messias expulsasse os romanos e fizesse de Israel um povo poderoso em armas. Este preconceito inclinou-os a interpretar como mágico, demoníaco, de Beelzebul, o poder que Jesus manifestava. Não podia ser de Deus, diziam, porque curou a mulher encurvada, em sábado (Lc 13,14). "Este homem não vem de Deus porque não guarda o sábado" (Jo 9,16), argumentavam quando Jesus deu a visão ao cego de nascença. Se não vem de Deus, vem do demônio.

Pecado contra o Espírito Santo não é negar a possessão demoníaca. Pecado contra o Espírito Santo é atribuir os milagres a Satanás. A mentalidade mágico-demoníaca é responsável de o povo eleito não ter aceitado o Filho de Deus!

Como se converterá quem, perante o milagre, em vez de voltar-se para Deus, o atribui à magia? Como tal pessoa aceitará a doutrina e moral de Cristo?

"... por quem os expulsam os vossos filhos?" O historiador judeu daquela época, Flávio Josefo (37?-100?) fala de um exorcista chamado Eleazar (provavelmente essênio: esta seita possuía livros de "medicina" atribuídos ao rei sábio): "Salomão

> compôs encantamentos pelos quais se aliviam as doenças, e deixou formas de exorcismos para expulsar os demônios, de forma que não voltem nunca mais. E este tipo de cura é de grande força entre nós até hoje. Eu mesmo vi um tal Eleazar, caipira de minha região, liberar homens possuídos por demônios, na presença de Vespasiano (depois o próprio Vespasiano utilizaria métodos mágicos de cura), seus filhos, tribunos e alguns outros soldados. E esta foi a maneira de cura: meteu no nariz do possesso um anel que levava dentro uma das raízes prescritas por Salomão (é possível que fosse a planta *baaras* que o próprio Josefo descreve).[4] Logo que o homem respirou o perfume, expulsou o demônio pelo nariz. O homem, então, desmoronou e o exorcista adjurou o demônio para nunca mais voltar. Invocava para isso o nome de Salomão e recitava os encantamentos que ele prescrevera.

Não parece necessário nem lógico acudir à telecinesia — com hora marcada! — pois basta um facílimo truque — ainda mais fácil na concentração de todos os espectadores sobre o "possesso" — para explicar a prova da expulsão: "Eleazar colocou um tanto afastado um recipiente ou bacia de (lavar os) pés, cheia de água e ordenou ao demônio que, quando saísse, a virasse para fazer saber aos espectadores que tinha saído daquele homem. E assim aconteceu..."[5]

Outros muitos exemplos de exorcismos judaicos pela ciência de Salomão (segundo se acreditava então) são referidos no Talmude,[6] em certos papiros,[7] na tradição cristã dos primeiros séculos[8] e inclusive aparecem depois alusões e lendas a respeito.

Nos Atos dos Apóstolos, encontramos de novo esses exorcistas ambulantes:

> Alguns exorcistas judeus ambulantes tentaram invocar, eles também, o nome do Senhor Jesus sobre aqueles que tinham espíritos malignos. Diziam: "Eu vos adjuro por este Jesus que Paulo pre-

2. McKenzie, *Dictionary of the Bible*, op. cit., p. 685.
3. Léon-Dufour, epigrafe "Passion" in Cazelles e Seuillet, *Dictionnaire Biblique*, op. cit., tomo 7, p. 1421.

4. Flávio Josefo, *A história...*, op. cit., VII, 180ss.
5. Flávio Josefo, *Antigüidades Judaicas*, VIII, II, 5 (45-49).
6. Cf. Perrin, *Rediscovering...*, op. cit., p. 35; *Encyclopédie de la mystique juive...*; uso a edição *Jewish Encyclopedia...*, epígrafe "Demons", op. cit., Bonsirven, *Judaisme...*, op. cit.
7. Cf. Barrett, *The New Testament...*, op. cit., pp. 31-35.
8. Edgar Hennecke e W. Schneemelcher, *Neutestamentliche Apocryphen*, Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1924; tradução: *New Testament Apocrypha*, 2 vols., Filadélfia, Westminster, 1963 e 1966.

ga". Eram eles filhos de Sceva, um chefe dos sacerdotes judeus, que agiam deste modo. Mas o espírito maligno lhes replicou: "Jesus, eu o conheço, e quanto a Paulo, sei quem é. Mas vós, quem sois?" E lançando-se sobre eles, o possesso do espírito maligno saltou, dominou a uns e outros, e tanto os maltratou que nus e cobertos de feridas escaparam daquela casa (At 19,13-16).

A fama de Paulo fazendo curas em nome de Jesus, se espalhara. Alguns curandeiros adotaram o expediente de utilizar, como palavra mágica, o nome de Jesus. Isso apesar de não serem nem apóstolos nem cristãos. Para eles o importante era a eficácia mágica do nome!

Não se pode deduzir deste e semelhantes episódios nada a favor da interpretação demoníaca. Nada há de mais nem de novo na passagem. O energúmeno, como todos, sabia quem era Jesus e quem era Paulo, não se precisa adivinhação. Não respeitava os exorcistas. Nem foi curado com os exorcismos.

A tradição judaica conservou também a descrição dos exorcismos dos pagãos.

Até à primitiva superstição de usar "defumadores" alude a Bíblia:

Tobias perguntou ao anjo: "Azarias, meu irmão, que remédio há no coração, no fígado e no fel do peixe?" Respondeu ele: "Se se queima o coração ou o fígado do peixe diante de um homem ou de uma mulher atormentados por um demônio ou por um espírito mau, a fumaça afugenta todo mal e o faz desaparecer para sempre..." Recordou-se Tobias dos conselhos de Rafael, e, tirando o fígado e o coração do peixe de dentro do saco onde os guardara, colocou-os sobre as brasas do perfumador. O cheiro do peixe expulsou o demônio, que fugiu pelos ares até o Egito. Rafael seguiu-o, prendeu-o e acorrentou-o imediatamente (Tb 6,7s.; 8,2s.).

Um idólatra objetava um dia ao rabi Johanam Ben Zakkai que certos rituais judaicos eram idênticos às práticas mágicas que os primeiros pagãos usavam. Para liberar um endemoninhado — explicava o pagão — "nós trazemos raízes e as queimamos e fazemos com que ele (o 'endemoninhado') respire a fumaça; depois nós derramamos água sobre o demônio, e ele foge".

O rabi identificou o método com as abluções rituais dos judeus e explicou seu simbolismo: a água da purificação era derramada sobre quem era impuro e o espírito impuro fugia. Quando o pagão saiu, o rabi declarou aos discípulos que a resposta que deu foi para ficar ao alcance do interlocutor, pois o rito em si mesmo não tinha poder de expulsão do demônio, senão que "se

justificativa pela ordem divina".[9] (Análogo aos sacramentos e sacramentais).

Mas ficamos sem saber como o rabi explicava o êxito dos exorcismos pagãos. Por uma ordem divina? O rabi jamais reconheceria isso.

E aí fica a dificuldade para os defensores da explicação demonológica do êxito nos exorcismos cristãos: "Os exorcismos — dizem — são contra o demônio; são eficientes; portanto é o demônio mesmo e não uma doença o que se expulsa".[10]

Também — respondo — eram eficazes os exorcismos de Salomão, dos judeus em geral e dos pagãos! E esta resposta é mais significativa hoje no Brasil, onde *diariamente se praticam* nos centros de alto e baixo espiritismo, milhares de "expulsões"... Os "demônios" expulsos pelos judeus, pelos pagãos, pelos espíritas são diferentes dos demônios no conceito cristão. E não seria por poder divino! Portanto, o argumento não vale. Pura "cura" sugestiva de distúrbios psicossomáticos.

Panacéia universal. No Ritual Romano chegaram a constar 900 sacramentais. São necessárias 900 bênçãos e orações e ritos específicos para cada problema da vida humana? São necessários precisamente tais e tais palavras, tais gestos e tais orações? Isso é influência da magia...

A própria proliferação de exorcismos específicos "e eficazes" para todas e cada uma das doenças e muitas outras dificuldades da vida prova que o êxito dos exorcismos deve ser adscrito à força sugestiva, como no mais vulgar curandeirismo. Nem o demônio causa o mal nem é expulso.

A mentalidade mágica da época refletiu-se nos exorcismos. Houve numerosas antologias de exorcismos. Determinada cada circunstância, específico cada exorcismo. Um dos livros de exorcismos mais conhecidos era o de Girolamo Menghi: *Flagellum demonium. Exorcismos terribles, potentissimos et eficaces*, publicado em 1581 numa mistura de latim, espanhol (da época) e italiano. Continha sete exorcismos diferentes. Dava-se uma importância mágica a cada exorcismo: de seguir ao pé da letra cada rito, gesto e palavra dependia a "muito terrível e potente eficácia"!

O *potentíssimo flagelo de demônios* foi incluído em 1626 em outra antologia famosa, o *Thesaurus exorcismorum*. Nas suas 1232 páginas, incluíam-se exorcismos específicos para tudo: contra a seca nas vacas, "dores de estômago e de barriga", contra as influências que destroem matrimônios...

9. Talmude, *Nombres Rabbah*, 19,6 ("Midrash Rabbad", 6).
10. Cf. Monden, *Signs and Wonders*, op. cit.

No *Enchiridium*, outro famoso manual de exorcismos, de autoria de Vincentius von Berg, em 1743, se incluíam também exorcismos específicos contra demônios machos e fêmeas, os coitados íncubos e súcubos com que os esposos infiéis e as amantes encobriam suas aventuras.

Ainda se conserva em alguns países, por exemplo, na Espanha, o costume de quem boceja fazer o sinal da cruz sobre a boca. E a quem espirra lhe dizem "Jesus".

Estes costumes são pequenos "exorcismos", pois antigamente acreditavam que demônios de doenças podiam penetrar pela boca escancarada a bocejar, e pelas vias respiratórias franqueadas pelo espirro.[11]

"Há diferenças!" Justino, Mártir (100?-165?), argumenta a favor da divindade do cristianismo com as curas dos "endemoninhados" pelo poder de Jesus: "Se vós conjurais — exorcizais — os demônios em nome de não importa qual dos reis, dos justos, dos profetas ou dos patriarcas que houve entre vós (judeus), nenhum (dos demônios) some".[12] E com referência aos exorcismos dos pagãos: "Há em todas e em vossa cidade numerosos demoníacos que nem adjurações, nem encantamentos, nem filtros — nenhum conjunto de práticas mágicas de exorcismo — têm podido curar. Nós, cristãos, os adjuramos — simples ordem, sem exorcismos nem magia — em nome de Jesus Cristo... e têm-se curado e se curam ainda hoje muitos".[13]

Erra certamente S. Justino ao considerar sempre ineficazes os exorcismos dos judeus e dos pagãos. Sem dúvida, porém, entre os cristãos havia maior êxito e até milagres de cura.

O "argumento" de S. Justino será repetido freqüentemente. Tertuliano (160?-230?) lamenta a ingratidão dos pagãos que consideravam os cristãos inimigos da raça humana sem levar em conta quantas expulsões de "demônios" os cristãos faziam de "possessos" pagãos: os pagãos não conseguiam, acudiam então aos cristãos e eles expulsavam os "demônios" em nome de Jesus sem ressentimentos e sem nada cobrar.[14] Também Orígenes (185?-254?) se gabava de que simplesmente à invocação do nome de Jesus, os espíritos maus fugiam de inumeráveis "possessos".[15] O mesmo testemunham Lactâncio (morto no começo do século IV)[16] e Cirilo de Jerusalém (315?-386?).[17]

11. Cf. Wallace, *La brujería...*, op. cit., p. 222.
12. Justino, *2.ª Apologia*, 6. Cf. Migne, *PG*, op. cit.
13. Justino, *Diálogo con Trifon*, 85, 2-3. Cf. Migne, *PG*, op. cit.
14. Tertuliano, *Apologética*, 37, Cf. Migne, *PL*, op. cit., I.
15. Orígenes, *Contra Celsum*, I, 25.

A maior eficiência das curas feitas pelos cristãos provaria a real presença demoníaca no chamado possesso?

Êxito muito compreensível. Com muita razão, Oesterreich contesta o falso raciocínio de S. Justino — e demais escritores cristãos citados:

> Os cristãos possuíam uma certeza absoluta da vitória, fundamentada sobre sua fé. A isso se acrescentava o alto valor moral de sua doutrina que lhes abria as almas dos doentes e dos oprimidos. Esta liberação de todos os fardos da alma, que o homem moderno experimenta quando entra no meio de verdadeiros crentes de Jesus, devia ter se produzido num grau bem mais alto entre os cristãos das duas primeiras gerações da Igreja onde a lembrança de Jesus estava ainda imediatamente viva. Viviam ainda os que O tinham conhecido ou haviam podido ouvir com seus próprios ouvidos os ditos dEle. É necessário acrescentar a fé no retorno próximo de Jesus. Com dificuldade, podemos fazer-nos uma idéia da convicção e da exaltação desses cristãos. Que força deve ter dado a esta religião o ser jovem, ter uma fé nova e fresca... O grande sucesso dos exorcistas cristãos — das "expulsões", porque não faziam exorcismos propriamente ditos — é pois muito compreensível[18]

do ponto de vista psicológico.

Contra a Reforma? O mesmo falso argumento dos primeiros cristãos vai ser utilizado pelos católicos contra os protestantes.[19] O êxito dos exorcismos — agora sim exorcismos — dos católicos e o fracasso dos exorcismos dos protestantes seria prova de que Deus apoiava Roma e rejeitava a Reforma. Na realidade, tal êxito e tal fracasso era e é muitas vezes mero julgamento subjetivo.

Em alguns casos, a real diferença podia ser perfeitamente explicada pelo convencimento supersticioso então crescente entre os católicos. Entre certas denominações importantes da Reforma surgiu uma clara reação de senso comum, de reflexão prudente e científica contra a interpretação demonológica. Especialmente quando os exorcismos são aplicados a objetos irracionais: maniqueísmo. Insistiam em que os próprios exorcismos implicam mentalidade mágica.

16. Lactâncio, *Institutiones*, IV, 27.
17. Cirilo de Jerusalém, *Catechumeni*, op. cit., XX, 3.
18. Oesterreich, *Die Besissenheit;* utilizo a tradução por Sudré, *Les possédés...*, op. cit., pp. 207s.
19. Cf. Kelly, *Le Diable...*, op. cit., pp. 117s.

Hoje os curandeiros — exorcistas — das mais baixas e exaltadas seitas pseudoprotestantes obtêm estrondosos êxitos (aparentes). Portanto, as "curas" por exorcismos não são milagres divinos. Não são expulsões de demônios. É puro curandeirismo.

Por que "curam" os exorcismos. Alguma vez, ou após muito tempo (já cada sessão de exorcismo é "muito tempo") o ritual de expulsão dos demônios alcança êxito. Talvez os histéricos se decidam a curar-se por cansaço. Talvez se tenham convencido de que não era este o mais prático modo de chamar a atenção. Perceberam que era preferível chamar a atenção como "miraculosamente curados".

Não basta a sugestão e poder do psiquismo para explicar todos os casos de eficiência dos exorcismos?

Por sugestão — em sentido amplo — não se acabará logo com os sintomas de uma doença psíquica um tanto mais estruturada e grave. Mas curar-se-ão com relativa facilidade as neuroses superficiais, histerias não estruturadas e os fenômenos parapsicológicos. ("Êxito", porém, que é perigoso, de puro curandeirismo).

Entre os cristãos... Mesmo antes de que a civilização greco-romana ruísse sob os pés da invasão bárbara no século V, já os cristãos tinham, lamentavelmente, descartado por completo a interpretação natural dos desequilíbrios mentais implantada por Hipócrates e Galeno. Segundo os cristãos, os loucos, os histéricos, os epilépticos, as vítimas de fenômenos parapsicológicos eram "endemoninhados".

Os neuróticos, histéricos, débeis psiquicamente, propensos..., logo ficavam "endemoninhados". Freqüentemente por causa dos exorcismos. E, às vezes, se curavam pelos exorcismos. A mesma sugestão que causava a síndrome, a removia.

Confinavam-nos nos mosteiros. O tratamento era uma indigesta mistura de orações, magia e "remédios". Aplicavam-lhe ungüentos que antes benziam. Os sacerdotes sopravam nos "endemoninhados", punham-lhes a própria saliva nos lábios e ouvidos deles (rito conservado até poucos anos atrás no exorcismo batismal), colocavam relíquias sobre eles, aspergiam-nos com água benta e recitavam dramáticas e até violentas orações, e provocavam vômitos: "Quando o diabo possui um homem ou o controla de dentro com doença, (há que aplicar) um vomitivo de tremoço, paliteira, meimendro, alho: triturai tudo e acrescentai cerveja e água". A singular amálgama mágico-terapêutico-religiosa era condimentada com imprecações contra o demônio tão corteses como: "Que todos os

diabos que são teus inimigos (tinham o convencimento de que Satanás e os de seu reino lutam entre si) se lancem sobre ti e te arrastem (de volta) ao inferno!"; "Que Deus ponha um prego no teu crânio (o crânio do diabo!) e o faça penetrar com um martelo (Deus usando martelo!), como Jael fez sobre Sísara"; "Que Deus te pendure em uma junta infernal (bois no inferno!), como foram pendurados os sete homens pelos filhos de Saul" etc.[20]

Aceitar nestes casos que se tratava de verdadeiro poder divino alcançado por tais "orações" vem a ser até ridículo. "Cura" puramente sugestiva e natural.

Exorcismos impressionantes. Os aborígenes australianos têm certeza de que se algum feiticeiro projeta, de qualquer distância, um "raio da morte" — imaginário — contra eles, é absolutamente infalível que morrerão imediatamente. E são muitos os casos — inclusive alguns de missionários! — em que morrem mesmo. Deitam-se no chão e ficam morrendo gradual, mas rapidamente: às vezes em poucos dias, às vezes em poucas horas.

Mas há uma solução igualmente infalível. Para muitos deles. A única coisa que lhes salva a vida é um "raio" neutralizante de outro feiticeiro. O conhecido fato é recolhido no livro *O exorcista*.[21]

Foram descobertos em Peru crânios trepanados pertencentes aos índios pré-colombianos. Amplas trepanações, de tal tamanho que comodamente poderia caber um punho. Pelo estudo das bordas arredondadas do osso verifica-se que os pacientes sobreviveram a tão difícil e delicada operação cirúrgica. Outros crânios foram encontrados, tendo pequenas perfurações. Também com claras mostras de sobrevivência. Os arqueólogos opinam que esses grandes e pequenos buracos no crânio eram feitos para permitir a saída dos demônios responsáveis pela loucura ou conduta anormal de certos doentes.

Outros arqueólogos consideram que a prática da trepanação com a mesma finalidade deve ter sido utilizada nos primitivos povos da Europa. O Pe. Vinco Dulcic, de Split, Iugoslávia, encontrou numa gruta das montanhas Dálmatas um crânio jeitosamente trepanado, pertencente a um homem da primeira idade da pedra!

Os modernos índios melanésios também fazem trepanações para expulsar os demônios. O paciente sobrevive à cirurgia em

20. Robert N. Goldenson, *Encyclopedia of Human Behavior*, 2 vols. Nova Iorque, Doubleday, 1970, vol. I, p. 308.
21. Blatty, *O Exorcista*, op. cit., p. 63.

nove sobre dez casos (na cirurgia médica moderna, poucos anos atrás, a mesma operação era quase invariavelmente fatal).[22]

Tudo indica que tal método de "exorcismo" deve ter sido então (como hoje entre os melanésios) relativamente freqüente, do contrário não haveria tão bons técnicos que conseguissem fazer tão difíceis operações sem matar os "endemoninhados". Não se encontram crânios com sinal de morte pela trepanação. Por outra parte a prática não teria perdurado se além de cirurgicamente bem-sucedida não tivesse êxito também na expulsão do "demônio".

Técnica hipnótica. A sugestão é indireta, positiva e emotiva. Um raio neutralizante. Trepanação. Nos exorcismos não se diz: "Não terás mais convulsões", "não terás mais adivinhações" etc. Diz-se "sai, demônio maldito", faz-se o sinal-da-cruz, insulta-se e ameaça-se o obsessor etc. Em todos os manuais de hipnotismo, se encontrará como a melhor a sugestão positiva, indireta e emotiva... Os exorcismos usam a melhor técnica sugestiva.

"Santo de casa não faz milagres". Deve-se destacar o fator autoridade, tão importante em hipnotismo, o prestígio e fama do exorcista. Um simples sacerdote, o vigário conhecido pelo "endemoninhado", tem mais dificuldades em "curar" mesmo que empregue os mais empolgantes exorcismos. Um sacerdote com fama de milagreiro, mesmo sem empregar os exorcismos, pode obter êxito rapidamente.

O Pe. Pio de Pietralcina, recentemente falecido com fama de santidade, teria expulsado o demônio, concretamente e por exemplo, da famosa "L'indemoniata del'Appennino".

Tratava-se de Maria Palma Carboni, de 15 anos, residente em Condiente, município de Castiglione dei Popoli, província de Bolonha, na Itália. Tendo saído do seu lugarejo para servir a uma família de Prato, começou a sofrer crises nervosas e delírios noturnos. A simples e supersticiosa gente da comarca pensou logo em um feitiço que teria feito um jovem por ela rejeitado.

A família despediu a jovem, que regressou para Castiglione dei Pòpoli. Lá chegando, os fenômenos se multiplicaram. Via um demônio vermelho e preto. O demônio entrava pela janela, batia na porta. Sempre na hora exata vinha ao "encontro marcado" com Maria Palma. Quando ela se sentia invadida pelo demônio, recitava

22. G. C. Davison e J. M. Neale, *Abnormal psychology. An experimental clinical approach,* Nova Iorque, Wiley, 1974, p. 5.

versos de Pascoli, só de Pascoli. Tendo ela habitualmente uma voz meio rouca, cantava com voz agradável.

Procuraram (como não?) o pároco, Pe. Francesco Degli Espositi, que, além de à jovem, benzeu a porta e a janela. Tudo foi em vão: o demônio agora descia — afirmava Maria Palma — pela chaminé da lareira.

Após a inutilidade dos tratamentos médicos, procuram-se os exorcismos. Mas os vigários do lugar nada conseguiam. É então que se pensa em levar a "endemoninhada" ao Pe. Pio, em S. Giovanni Rotondo.

A viagem foi uma odisséia: "Os pára-lamas do carro incomodavam, esvaziam-se os pneus, as luzes se apagam, a gasolina não passa".

Por fim, chegaram a S. Giovanni Rotondo. O Pe. Pio benzeu a jovem, que estava desmaiada, acordou-a, depois lhe disse: "Pobrezinha, quem sabe quanto tens sofrido! Mas esperamos que fiques melhor".

A jovem voltou alegre e contente: estava "curada".[23]

Na realidade, tudo natural. Maria Palma não era endemoninhada nem coisa semelhante. Todo o conjunto advoga manifestamente pelo diagnóstico geral de histeria: sexo, idade crítica, constituição longilínea com desigual desenvolvimento, típica debilidade nervosa, acessos com hora marcada caracteristicamente auto-sugestivos ou condicionados.

Será que o demônio só podia recitar uma e sempre a mesma poesia de Pascoli e só dele?

É típica a mudança de voz nos acessos histéricos — ecolalia —, chegando-se inclusive a certa ventriloquia espontânea.

Que se pode esperar de um carro velho, numa estrada própria para carroça, de Emília até Puglie? Não é preciso recorrer à possível emanação parapsicológica de telergia para impedir a passagem da gasolina ou para o desligamento de um fio elétrico.

Mesmo aqueles que gostam de atribuir os fatos ao demônio deverão concordar em que, sendo o demônio naturalmente invisível, para tornar-se visível para Maria Palma, e só para Maria, deveria provocar nela uma alucinação. Alucinatoriamente "aparece" o demônio com corpo que não tem, com cores pretas e vermelhas que também não são do demônio. Por que então não basta uma alucinação surgida da própria Maria Palma?

23. Muitos jornais e revistas italianas de 1952 noticiaram o caso. Sirvo-me especialmente de *Oggi* (Revista italiana), 3-7-1952; Cf. Alfano, *Lo Spiritismo...*, op. cit., pp. 281s.

O demônio precisaria que lhe abrissem a porta ou a janela? Trata-se evidentemente de idéias ignorantes e supersticiosas de Maria Palma. Igualmente é projeção de sua mentalidade achar que, tendo sido benta a porta, o demônio só poderia entrar pela chaminé...

É lógico que médicos tradicionais, sem conhecimento de Parapsicologia (nem de Psicologia), por métodos meramente orgânicos, não tivessem êxito com uma histeroparapsíquica.

"Desmaiou e foi acordada." Ora, este tipo de transe ou auto-hipnotismo é conhecidíssimo. Entra-se nele e tira-se dele com grande facilidade.

Uma histérica que, com a firme esperança de sarar, se submete a uma longa e cansativa viagem, com grande confiança no famoso e lendário Pe. Pio, sara... A histérica foi "curada" e a atenção que histericamente antes pretendia atrair sobre si, agora consegue e até com acréscimo, sendo considerada como eleita por Deus para uma "cura milagrosa", realizada por intermédio nada menos que do Pe. Pio. Maria Palma é famosa. Os jornais citam. É visitada e admirada...

Mas era preciso o Pe. Pio! Não "um padre qualquer"! Para ela as orações pouco importam. É o prestígio do exorcista! É porque o demônio reconhece a santidade? Não teriam mais força a oração a Deus, a Igreja, a Eucaristia? É pura e simplesmente diferença de conduta de Maria Palma perante padres comuns e perante um padre famoso e em ambiente especial.

E a superstição se espalha e logo mais surgirão novas vítimas do demônio.[24]

"Após a tormenta virá a bonança". O paroxismo nervoso e fenomenológico provocado pelos exorcismos ocasiona, instantes depois, uma natural calma e relaxamento profundo. A natureza descansa. Qualquer esforço maior provoca sono. Qualquer esforço exige mais descanso.

Na interpretação demonológica, porém, não têm cabimento os períodos de calma em geral e o relaxamento subseqüente à crise, em particular. Pelo grandíssimo ódio que dizem terem os demônios aos homens; pela enorme força que dizem terem os demônios; por serem incansáveis como espíritos, estariam sempre, sem interrupção e com a máxima violência, atormentando os homens.

Soam apriorísticas as explicações dadas pelos "demonófilos" para explicar os períodos de calma e a reação de descanso após a crise. Copiando de Tireo, Balducci confirma: "Os demônios

24. Extraído do meu *Curandeirismo...*, op. cit., pp. 384-387.

fazem sentir a sua presença *a intervalos*. E isto é devido seja à vontade de Deus que, na sua misericórdia, limita não só a intensidade deste poder, mas também a duração e os momentos em que pode ser exercitado; seja porque os mesmos demônios desejam permanecer no homem o maior tempo possível, enquanto que se molestassem continuamente... abreviariam a vida do paciente.[25]

Não podem pressupor estas explicações. Pressupõem o que deveriam demonstrar.

Às vezes o relaxamento muito profundo pode parecer um desmaio. O epiléptico, após a crise fica *como morto*. Outras vezes, mais freqüentemente, essa calma, relaxamento, sono, poderá ser considerada como cura ou expulsão do demônio.

O psicoterapeuta pode aproveitar essa calma para induzir uma real cura ou grande melhora; nos neuróticos de guerra usou-se muito provocar o pânico, o frenesi, a suprema excitação emocional. O medo intenso acaba por provocar o colapso nervoso, seguido da profunda sensação de descanso e calma. O psicoterapeuta aproveita então esta tranqüila "entrega dos pontos", esta total renúncia à luta, estes momentos em que a natureza descansa e se recupera, para aplicar técnicas que curam o neurótico de guerra.

Mas se não bem dirigida e aproveitada a ocasião, o que dificilmente saberá fazer o exorcista, a "cura" será meramente aparente e passageira, e o "demônio" voltará... com "outros sete espíritos piores do que ele" (Lc 11,26). A célebre Marie-Thérèse Noblet foi exorcizada durante toda a vida sem êxito nenhum. Ficou cada vez pior. Morreu "endemoninhada". Como cada vez mais "endemoninhada", morreu Anneliese recentemente na Alemanha. E tantos outros casos.

Às vezes, de fato, a cura real poderá vir como efeito da prolongada sugestão, precisamente nesses propícios momentos de relax após o paroxismo. Em outro livro,[26] expus e expliquei o valor terapêutico das convulsões (concretamente como válvula de escape da tensão nervosa); assim como o valor terapêutico também de profundo relax subseqüente.[27]

Neste sentido deve-se destacar o papel dos exorcismos. Nos exorcismos há uma luta violenta e, freqüentemente, não só verbal... entre o exorcista e o "demônio".

Provoca-se no "endemoninhado" — ou no "demônio"! — a cólera e o medo crescentes até o paroxismo. Essas duas paixões são

25. Balducci, *Gli indemoniati*, op. cit., p. 39.
26. Oscar G.-Quevedo, *Curandeirismo...*, op. cit., pp. 84-88.
27. Idem, ibidem, pp. 91-97.

também provocadas, como de crucial importância, no tratamento das neuroses de guerra. E no exorcismo espírita. No Brasil, no Quênia, na Etiópia, ou em Zâmbia. Pense-se, por exemplo, nas convulsões até o colapso total provocadas pelos "médicos-feiticeiros" descritas e admiradas por Sargant.[28]

O que realmente interessa, seja pelo eletrochoque, pelo exorcismo, pela dança ou como for, é colocar o cérebro em estado de prolongada excitação ab-reativa até o colapso, enorme descarga emocional. Após isso pode-se iniciar o processo de cura. Até pode parecer repentina.[29]

Chamar a atenção. Um doente adolescente — nem criança para receber mimos, nem adulto para ser auto-suficiente e respeitado — é nos exorcismos objeto da atenção dos padres, da curiosidade de centenas de pessoas, exibido em praça pública ou ao menos na Igreja cheia...

Por outro lado se compreende que também por este fator os exorcismos tardam em surtir efeito: o histérico o que deseja mesmo é chamar a atenção; encontra-se muito a gosto nessa situação. Por outra parte, em ordem à cura compreende-se também que tão grande solenidade favoreça a constante sugestão indireta de ficar calmo. Quanto mais solene, mais eficaz. O inconsciente, após todas as suas lógicas reações e resistências, é também lógico que acabe por acomodar-se e aceitar a sugestão.

Com os endemoninhados de Illfurt tinham-se passado três anos de distúrbios desde o outono de 1864. Todos os esforços dos médicos Krafft, Lachxmann, Meyer e Szertecki, da vizinha cidade de Mulhouse (Sul da Alsácia — Alemanha), foram inúteis. Como inúteis foram os exorcismos que, em 22 de maio de 1868, começaram, intermináveis, os monges eremitas de Einsiedeln.

A "brincadeira" psíquica se tornava esgotante, monótona e sem porvir.

O mais velho dos meninos, Teobaldo — nascido em 12 de agosto de 1855 —, foi levado ao orfanato São Carlos em Schiltigheim para ser estudado por uma comissão presidida pelo Vigário Geral, D. Marula. Depois "por ordem do senhor Bispo-de-Estrasburgo, D. Raesg, se fez sobre ele um novo e minucioso inquérito, do qual se encarregaram D. Rapp, Vigário Geral, o Revdo. Pe. Stumpf, superior (do Seminário), e o Revdo. Pe. Eicher, superior dos jesuítas de Strasburgo". Ficaram convencidos de que se tratava de uma clara e indiscutível possessão demoníaca (!?).

28. Sargant, *A possessão...*, op. cit., pp. 156ss.
29. Idem, ibidem, p. 169.

O Pe. Souquat começou então os exorcismos. Solenes, impressionantes esconjuros em nome de Deus, sinais-da-cruz, água benta, apresentação do Santíssimo Sacramento. E recrudesce toda a fenomenologia, como de costume! Sem faltar a levitação!

Vai passando o tempo. Já estamos em setembro de 1869, quase cinco anos de luta. Que psiquismo resiste? O exorcista não cede. Por fim enquanto circunstantes recitavam o "Miserere", o Pe. Souquat, com uma imagem da Santíssima Virgem nas mãos, conclama autoritariamente:

> Vês a Bendita Virgem Maria? Será ela quem te esmagará de novo a cabeça! Ela deverá de novo imprimir-te sua marca e traçará sobre o teu peito os nomes de Jesus e de Maria, para que assim tu sejas eternamente abrasado. Não queres partir? Não queres obedecer à ordem que te é dada em nome de Jesus, da Igreja Católica, de sua Santidade o Papa, do Santíssimo Sacramento? Não escutas a voz do sacerdote? Eia, Satanás! Já! É a Santa Mãe de Deus que por meu intermédio te manda partir! Afasta-te, pois, espírito imundo, da vista da Imaculada! Obedece a seu comando, e vai imediatamente!

Tinha de ser! Teobaldo está esgotado, as defesas minadas, o inconsciente saturado, adaptado, tinha por fim de sucumbir à sugestão contínua e soleníssima. É psicologicamente possível resistir mais? O menino, por fim, exclama em nome dos demônios: "Já! Somos obrigados a ceder!" Últimas contorções, clássicas; um ligeiro estremecimento e "o demônio fugiu!" Eis aí uma criança imóvel que dormirá durante uma hora, até que a acordaram... com água benta!

Teobaldo volta à sua cidadezinha. Já completara 14 anos. Ao outro irmão, José — nascido em 29 de abril de 1857 — já foi relativamente fácil curá-lo com uma sessão de exorcismo que durou mais de três horas. Foi em 27 de outubro de 1869, completaria 12 anos.[30]

Muito sabiamente comentava então o Dr. Hoppe, protestante, professor de Fisiologia em Basiléia:

> Eu reconheço que os exorcismos dos padres católicos curaram os dois irmãos. Mas sustento que não é enxotando o demônio, como

30. Sutter, *Le Diable*, op. cit., pp. 139, 142, 154; do mesmo autor, anterior e com alguns outros detalhes: *Potenza ed opere di Satana su due bambini ossessi*, o original foi publicado em Baven, 1921. Carlo Brey, *Fedele relazione sull obssessione dei due fanciulli Teobaldo e Giuseppe Burner da Illfurt*, o original foi publicado em Altkirch, 1870.

se pensa, senão obtendo psiquicamente a cura de um cérebro doente. Eu encontro nos dois meninos uma aberração histérica complicada com coréia (afecção do sistema nervoso, com convulsões, típica de crianças). E explico os acontecimentos como segue: a alma inteira, ou o cérebro animado, de Teobaldo e José Burner é a causa reflexa dos fenômenos ditos diabólicos e, a seguir, da sua cura. É conseqüência natural do organismo, do cérebro e do seu mecanismo espiritual...[31]

Os possessos — advertia já no século XV o sensato Frei Nider — são simplesmente doentes mentais; sua cura não se deve aos exorcismos, orações e sacramentos, senão — além da sugestão — à boa alimentação, bom sono e trabalho regrado.[32]

Toda a pesquisa e resultados obtidos, desde Charcot no Hospital de Salpetrière, a respeito da histeria e curas pelo hipnotismo, torna hoje obsoleta qualquer relação com o demônio das curas obtidas pelos exorcismos.

Se o chamam, volta. Há outros muitos modos de obter êxitos se envolvem igual dose de sugestão.

Em hipnotismo é conhecida a importância de chamar pelo próprio nome repetidamente a quem está em estado alterado de consciência. Com essa técnica básica — e pouco mais — tira-se o doente do auto-hipnotismo e se estabelece o *rapport* com o hipnotizador.

Tarda mais ou menos, segundo a profundidade do autotranse do doente, mas acorda. Na Clínica do CLAP o experimentado Pe. Friderichs, após meia hora de esforço, renunciou a acordar Maria Verônica, 19 anos, de Florianópolis. Dormindo, "desmaiada", fora trazida como última instância. O "desmaio" durava já uma semana inteira. E outras vezes, antes, tivera tão prolongados "sonos". Demorei 1h45min para acordá-la. No dia seguinte, porém, o *rapport* foi mais fácil, bastou-me menos de meia hora. Desde então até sua cura completa (os problemas eram outros; o "sono" era puro sintoma; foi curada por um dos psicoterapeutas do CLAP), o *rapport* à minha voz e expressões já estava estabelecido, e mesmo que os colegas dela não conseguissem acordá-la com gritos e movendo-a, bastava-me então, no máximo, meio minuto para acordá-la chamando-a repetidamente pelo seu nome.

31. Sutter, *El Diablo*, op. cit., p. 164.
32. Citado por Maurice Garçon e Jean Vinchon, *Le Diable. Étude historique, critique et médicale*, Paris, Gallimard, 1926.

Não era o "sono" muito profundo no famoso caso dos "endemoninhados" irmãos Panzini, de Ruvo (Bari — Itália): A história[33] "muito conhecida pela grande difusão conferida pelos jornais, merece ser refletida pela sua não comum importância". É, para os "demonófilos", outro dos casos indiscutíveis! Alfredo começou os fenômenos quando tinha 7 anos em 1901, após ter assistido a uma sessão espírita que muito o impressionou. Seu irmão Paulo, contagiado, começou com 8 anos em 1903. Continuaram os dois até 1905.

O bispo da diocese de Ruvo, D. Berardi, chegou a expulsar os "demônios" apenas chamando as crianças pelo seu nome próprio. Elas estavam sumidas em completo letargo, sem dar demonstração de perceber nada, sem reagir a nada. Saíam do transe pela força do próprio nome e pelo respeito ao bispo. Cada vez mais facilmente: as crianças já estavam condicionadas à voz de D. Berardi.

Numa oportunidade, Alfredo, completamente nu e desacordado, foi levado à presença de D. Berardi. O bispo acordou-o simplesmente chamando-o carinhosa e convictamente pelo nome. O "endemoninhado", ao acordar, ficou muito envergonhado de ver-se nu diante do bispo que tanto respeitava, e vestiu-se imediatamente.[34]

Uma vez, José, o menor dos "endemoninhados" de Illfurt, estava agitadíssimo. Ignácio Spies colocou-o ternamente sobre seus joelhos "e acariciando-o com doçura o acalmou a ponto de poder dirigir-lhe diversas perguntas e obter respostas".[35] Demônio mimoso!

Contra a objeção de "se os exorcismos têm êxito, é o demônio", retruco: se o nome, a doçura e as carícias têm êxito, é carência afetiva!

Tortura. Os tormentos têm sido muitas vezes empregados para afastar os "demônios". Ainda se usam muito no Brasil moderno e em qualquer país de ambiente espírita, para afugentar certos "espíritos obsessores".

Na Sicília os *caporali* encarregam-se de afugentar "os espíritos maus" pelos quais os médiuns estariam inspirados e falariam línguas. Os *caporali* reforçam as orações dos seus peculiares métodos de "exorcismo" apertando até o máximo, com um cepo, o braço dos "possessos", puxando os cabelos, com tapas e pauladas, com violentos murros no peito.[36]

33. "Giornale d'Italia", 16-11-1905; Giuseppe Ciuffa, *Vita sovrumana*, Subiaco, 1908. Giuseppe Lapponi, in *Luce e Ombra*, 1905, pp. 652-659.
34. Antonelli, *Lo spiritismo...*, op. cit., p. 172.
35. Sutter, *El Diablo*, op. cit., p. 44.
36. G. Pitre, *Usi i costumi, credenze e pregiudize del popolo siciliano*, 4 vols., Roma, 1944; Lombroso, op. cit., pp. 173s.

A eficácia dos tormentos para expulsar demônios é contraditória: os *espíritos* têm medo e sofrem com os castigos *corporais*? Que importa aos demônios que se golpeie o corpo dos "possessos", se — segundo se afirma — seriam os próprios demônios que convulsionam, golpeiam, mordem e torturam o corpo dos "endemoninhados"? Quem pode sofrer nas torturas é o coitado do doente. O tormento — em circunstâncias fora do fenômeno parapsicológico de "invulnerabilidade" — é uma drástica chamada à realidade e a sair do transe.

Esquentar o fogo? O fogo era freqüentemente aplicado aos "endemoninhados" durante os exorcismos, antes de liberar totalmente as bruxas da possessão "demoníaca" condenando-as à morte na fogueira!

Como destaca Aldous Huxley "em muitos casos a 'chicotada' à antiga moda era provavelmente tão eficaz como o moderno tratamento por (eletro) choque".[37] Mas tal eficácia é contraditória na interpretação demonológica. Não se entende que sofrimento poderia acrescentar ao "fogo" do inferno o delicado fogo dos homens.

Se o tormento, o fogo (ou os remédios), "exorcismos" manifestamente naturais, acabam com os fenômenos é porque a causa dos fenômenos não se encontra no além. Mesmo que a Parapsicologia não entendesse tal ou qual fenômeno, como não o entendia a ciência de antanho.

Qualquer coisa serve de exorcismo. A casa do Pe. Bayer estava "mal-assombrada": fantasmas, tiptologia (ruídos), fotogenias (luzes errantes), psicofonias (vozes e lamentos), e uma grande variedade de outros fenômenos parapsicológicos.

Não parece muito ortodoxo do ponto de vista da crítica histórica sair-se pela tangente como faz D. Calmet,[38] dizendo simplesmente que o Pe. Bayer era vítima de persistente alucinação, vítima do medo. Não basta a alucinação para explicar alguns fatos que freqüentemente foram presenciados por toda classe de testemunhas. O próprio D. Calmet reconhece em outro lugar que houve muitas testemunhas...

37. Huxley, *Les diables*..., op. cit., vol. I.
38. Augustin Calmet, *Dissertations (ou "Traité") sur les apparitions des anges, des démons et des esprits, et sur les revenants et vampires de Hongrie, de Bohême, de Moravie et de Silésie*..., *nouvelle édition revue, corrigée et augmentée par l'auteur*, Paris, "Chez de Bure l'ainé. Quai des Augustins, à l'image S. Paul", 1740, 1746, 1750, 1851; tradução de Henry Christmans, *The phantom world, or the philosophy of spirits, Apparitions etc*..., 2 vols., Londres e Filadélfia, 1850; tradução: *Dissertazione sopra apparizioni degli spiriti*, Veneza, 1770; uso a edição de Paris, 1740, tomo I, cap. XXV.

Nada ajudaram as aspersões da casa com água benta, e as repetidas bênçãos.

Diz-se em ocultismo que as pontas afugentam os fantasmas. Superstição. Mas o Pe. Bayer armou-se contra todos os fenômenos de que era vítima com uma espada, e — pouco a pouco — tudo se acalmou.

Onde nada conseguiram os exorcismos, tiveram êxito as pontas. Porque tinha a cabeça cheia de leitura de ocultismo, surgiram os fantasmas; pela confiança na superstição, aparentemente curou e desapareceram os fenômenos.

A superstição tem base e confirmação nos fatos — interpretados erradamente. Na base está a sugestão. Durante séculos, acreditou-se que os sinos são um excelente meio de proteção contra os poderes demoníacos das bruxas. Qualquer bruxa fica inerte quando tange um sino "especialmente se está no campanário de uma Igreja". Mas não servem os sinos movidos eletricamente nem as campainhas de nenhuma espécie. O som do sino tem de ser puro: "Um sino quebrado é sinal da presença de uma bruxa".[39] Se os sinos têm êxito...

E os alhos. Não é necessário comê-los, comenta Wallace, para ter êxito contra as bruxas e ataques do demônio. Na França, Itália, Romênia e Hungria as grinaldas de alho se levaram — e se levam — como colares, quando "as bruxas andam soltas". Em tempos normais se penduram atrás das portas para impedir a entrada do demônio. O alho, como talismã, continua sendo muito estimado em vários países da América Latina.[40]

Enfim, se analisamos os fatos, a objeção "se os exorcismos têm êxito, era o demônio" é ridícula. Não é preciso insistir. Até livros cheios de superstição sabem ao menos ver o ridículo do argumento de que os exorcismos curam. Referem que na ausência do bispo um dos familiares vestiu a batina e leu, como podia, o latim das cartas de Cícero. "O Diabo", desconhecendo o latim e a peça que lhe pregavam (!), reagiu exatamente igual como teria reagido perante o mais litúrgico exorcismo.[41]

Num caso análogo — se não foi neste onde se inspiraram os ocultistas que acabo de citar — a lição que pretendia dar o bispo de Orleans, de pouco serviu. Era privada. Os interessados

39. Repollés, *La brujería actual*, op. cit., pp. 114s.
40. Idem, ibidem, p. 113.
41. S. Cipriano (apócrifo), *O Livro gigante de S. Cipriano*, São Paulo, Brasil, s.d., p. 314.

na tese demoníaca e na discussão a respeito de exorcismos católicos e protestantes, continuaram impertérritos.

Mas ainda, uns padres capuchinhos, desrespeitando o veredicto do bispo, passearam com Marta Brossier por outras dioceses... em exibições "circenses".

De "férias em férias", chegaram a Paris. O vigário da Igreja de Santa Genoveva patrocinou a exibição de Marta.

E se armou o grande escândalo: o vigário bradava desafiante que se alguém duvidava, "o que tinha a fazer era bater-se com aquele demônio e procurar domá-lo, com o risco da própria vida". Lá estava o célebre e esclarecido médico Dr. Marescot. Aceitou o desafio. Seguro de si, conseguiu agarrar a "possessa" pelo pescoço e ordenou-lhe que ficasse quieta. Com tal "exorcismo" ela obedeceu! Afirmou a todos que o demônio a deixara.[42]

O escândalo e discussões foram gerais. Alguns temiam a reexplosão da guerra religiosa. O Cardeal de Paris, D. Goudi, e o rei, Henrique IV, nomearam uma comissão de cinco médicos escolhidos e especialistas no tema, entre eles o próprio Marescot. Marta foi estudada durante quarenta dias, com ajuda e na presença de mais onze médicos.

Com os desconhecimentos de Parapsicologia na época, o veredicto da comissão foi pouco válido ou mesmo falso com relação a aspectos concretos, tais como as línguas estrangeiras faladas por Marta (xenoglossia), as agulhas e pregos que estavam e surgiam do seu corpo (aporte) etc. Mas a conclusão geral foi lúcida e extremamente válida. Para o caso de Marta e para os casos de demonologia em geral. A conclusão de Marescot pode ser um *slogan* em demonologia e Parapsicologia: "Nihil a daemone; multa ficta; a morboso pauca". ("Alguns fenômenos provêm da doença, muitos são fingimento, do demônio nada.")[43]

Legião. "Meu nome é legião, porque somos muitos" (Mc 5,9). Expulsa-se um "demônio", e ficam quantos? Abundam os exemplos nos livros a respeito.

S. Fortunato chegou à exaustão. Expulsou um demônio, havia outro; expulsava-o, havia outro, e outro... até chegar ao último! Era o seis mil seiscentos setenta (6.670).[44]

---

42. Bayle, *Dictionaire Historique et Critique*, uso a edição de 1820, tomo IV, p. 157; Calmet, *Traité*..., op. cit., tomo I, pp. 198s.; Alfano *Lo spiritismo*..., op. cit., pp. 284.
43. Marescot, *Discours véritable sur le fait de Marthe Brossier de Romorantis, prétendue démoniaque*, Paris, 1599.
44. Citado por Gregory Zilbcorg, *A history of medical psychology*, Nova Iorque, Morton, 1941, p. 163.

O recorde, como tantas outras vezes neste triste tema, foi batido na Alemanha. Ridículo o caso de Viena. Em 1583, uma jovem de 16 anos tinha enorme dificuldade para menstruar. É claro: tinha lá 12.652 demônios! Os padres jesuítas os foram expulsando e eles saíam em forma de moscas vivas, voando!

Não nos dizem que tipo de infecção, que tipo de ovos de insetos, que tipo de moscas saíam, mas nos asseguram que alguns desses demônios-moscas os conservava a avó da jovem num vidro...[45]

Hoje nos parecem completamente absurdas tais interpretações demonológicas e concretamente a multidão de demônios. Se fossem demônios, bastaria um para acabar com o possesso! Tantos demônios só podem caber na cabeça megalomaníaca do "possesso" e na imaginação — no fundo não menos doentiamente condicionada e oprimida de certos "demonófilos".

Muito lento para ser divino. Os compridos, intermináveis exorcismos, havia que repeti-los um dia e outro dia, inclusive por muitos meses e até anos.

É necessário deduzir que a experiência foi mostrando aos exorcistas que não era nada fácil expulsar certa "espécie de demônio" (cf. Mc 9,29 e, se existe, Mc 17,21), isto é, curar certos tipos de doenças. Pouco poder mágico tinham tantos e tantos sinais-da-cruz. Pouco serviam tantos insultos. É que certas doenças — se curáveis! — só mesmo com remédios e longas psicoterapias; instantaneamente e para sempre *nestes casos* seria milagre.

Parece absurdo e contraditório que sejam necessárias tantas e tantas sessões se a causa dos fatos fosse mesmo o demônio e a causa da cura o poder de Deus alcançado pela oração. A eficácia da oração está na ordem sobrenatural e não pode depender do tempo. Está condicionada à fé, devoção e confiança em Deus, virtudes com referência ao sobrenatural, e não à intensidade, violência e insistência meramente humanas.[46]

Se não se tratasse da mesma coisa, seria surpreendente demais a semelhança entre "demônios" e complexos. O complexo que está nos fundamentos da neurose encontrou, sob forma de "demônio", hospedeiro condescendente. O complexo, como o demônio", se resiste a sair. A cura é, em muitos casos, até execrada pelo paciente. Erradamente, mas na neurose o paciente encontrou sua válvula de escape. No desequilíbrio com a sociedade e consigo mesmo, encontrou o equilíbrio com seu trauma.

---

45. Robbins, *The Encyclopedia*..., op. cit., p. 395.
46. Oscar G.-Quevedo, *Curandeirismo*..., op. cit., capítulo 19, sobre a "Fé que cura e curas com fé".

E muito dócil para ser o Diabo. A lentidão "divina" em obter a cura contrasta com a facilidade e obediência "diabólica" a determinadas ordens. O irmão do rei Luís XIV foi ver as "possessas" de Loudun. Exprimiu o desejo de saber quantos demônios possuíam uma determinada freira. Querendo agradar ao príncipe, o exorcista mandou os demônios que se apresentassem, e um após outro surgiram no rosto da "endemoninhada" tornando-o repugnante. Cada demônio causava uma distorção diferente. Caretas. Voluntária ou histericamente.

O Pe. Tranquille achava que devia obrigar, importunar, atormentar os demônios. Quando a superiora passava alguns dias sem fenômenos, ou quando vinha qualquer personalidade, o Pe. Tranquille utilizava meios "muito aptos" para introduzir o transe. Chegou a utilizar a fumaça de candeias de piche ou de enxofre. Obrigava a coitada a manter o rosto em cima dessas fumaças até que "dolorida e desesperada" entrava em transe...

Por que a desobediência do "Diabo" em ir embora definitivamente, e a obediência nestas outras ordens? É que a doença não estava "madura", precisa tempo para ser curada; e estas ordens estavam de acordo com a mentalidade dos possessos e os "argumentos" eram convincentes... igual que no hipnotismo.

Lentos e contraproducentes. Realmente pode-se falar de êxito dos exorcismos?

Em Loudun nada conseguiram as orientações e conselhos do Pe. Mignon, fracassaram os exorcismos dos padres carmelitas, fracassou o Pe. Barré, de nada adiantou a morte do Pe. Grandier, fracassaram os Pes. Lactance e Tranquille, e o último exorcista, o jesuíta Pe. Jean Joseph Surin empregou três longos anos de contínuos e incansáveis exorcismos. Dispersaram-se as freiras, e continuaram os problemas e as loucuras e mortes dos principais exorcistas e participantes. É isso êxito dos exorcismos?

Uma freira, "de demasiado pouca inteligência", sofria de escrúpulos. Confessava-se muito freqüentemente. Sempre com o mesmo sacerdote. Acusava sempre as mesmas tentações contra a castidade. Para ela, tentação era pecado! O sacerdote um dia teve a infelicidade de exclamar: "Mas minha filha, você está possessa por um espírito impuro"(?!).

Foi o suficiente para que a partir de então, a freira de 40 anos, começasse a desenvolver o sentimento de possessão demoníaca. O confessor, pouco esclarecido, acreditou na possessão da sua penitente. Sem licença do Bispo, começou a administrar os exorcismos solenes. A doente recebeu nada menos que 360 exorcismos! A freira, com tantos exorcismos, ficou cada dia mais convencida de que estava possuída pelo demônio, e as manifestações "demonológicas" iam aumentando.

Nos exorcismos diários, a religiosa se contorcia, apelava para a violência, quebrava objetos, insultava a todos, revoltava-se contra tudo, inclusive se punha a profetizar. Espantava todo o convento.

A coisa chegou aos ouvidos do Pe. G., exorcista autorizado pelo Bispo da diocese.

O Pe. G. recitou a oração de S. Miguel, que então — e até há pouco — se recitava no fim da Missa "para que S. Miguel e toda sua corte lançasse e segurasse os demônios que andam pelo mundo para a perdição das almas..." E o efeito foi imediato. A "possessa" lançou sobre as testemunhas um olhar incendiário, e lhes cobriu de grosserias e injúrias carregadas de obscenidade. Dançou, contorcia-se, lançava suas pernas para todos os lados provocativamente, exibia-se, arrancou o hábito e o lançou contra os aturdidos espectadores.

O Pe. G. solicitou do grande neurólogo e especialista em "demonopatias", Dr. Jean Lhermitte, uma análise clínica do caso. Lhermitte começou um tratamento psicoterápico. "Aquilo que não pôde fazer um ano de exorcismos" se conseguiu em menos de um mês de tratamento "fazendo esvair até a sombra do demônio". [47]

Muito acertadamente escrevia em 1640 o arcebispo de Lião ao exorcista Pe. Bauré, o exorcista das "endemoninhadas" de Chiton: as mocinhas "acreditam estar realmente possuídas só porque você o diz, de forma que a causa dos sofrimentos delas é a confiança que depositam na sua opinião". [48]

Da "endemoninhada" Marie-Thérèse Noblet, freira de Papuásia (antigo nome da Nova Guiné) [49] e das "endemoninhadas" de Loudun, que ele estuda conjuntamente, lamenta Lhermitte que o exorcista não percebesse "que tais práticas não faziam mais do que reforçar o estado passional de quem se dizia possessa. Num caso como no outro (em Marie-Thérèse como em Loudun), a influência dos exorcismos multiplicados... foi desastrosa... Seria, pois, sob a influência dos exorcismos que Madre Jeanne des Anges e suas companheiras se consideravam possessas e se conduziam como tais." [50]

O Pe. Bremond na biografia, já citada, do Pe. Surin, conclui:

---

47. Lhermitte, *Mystiques...*, op. cit., pp. 218ss.
48. Este caso é resumido (extratando-o de Robbins, *Encyclopedia...*, op. cit.), por Cortés, *Proceso...*, op. cit., p. 74.
49. Sobre este famoso e interessante caso, cf. Rvde. Père Giscard, *Mystique ou hystérie?*, Paris, La Colombe, 1953.
50. Lhermitte, *Les pseudo-possessions...*, op. cit., pp. 160s e 166.

O exorcista aceitava demasiado facilmente o estranho conceito que bom número de teólogos apresentavam do papel do exorcista, não se precavendo dos resultados desastrosos que pode acarretar uma tão grossa derrogação da prudência e da verdade.

Nas duas oportunidades em que (por ordem do arcebispo de Bordéux em 1632 e depois em 1633 por ordem do cardeal Richelieu) se suspenderam os exorcismos das freiras de Loudun, os fenômenos cessaram logo. Bastou acusar a Grandier de bruxaria para que começassem certos fatos estranhos, embora singelos; aplicaram-se os exorcismos e a pequena chama transformou-se em violento incêndio.

Já na época dos fatos, escreveu um autor anônimo: As freiras estão mesmo possuídas? Não seria possível também que, nas suas imaginações loucas e enganadas, acreditem que estejam possuídas, quando na verdade não estão? Conseqüência de jejuns, macerações e meditações relacionadas com o inferno e Satã... O confessor diante do comportamento estranho que nelas percebe pode imaginar na sua ignorância que elas estão possuídas ou enfeitiçadas, e persuadi-las disto pela influência que exerce nas suas mentes.

Aldous Huxley cita e concorda com esse autor. Tudo começou com histeria, que se transformou em psicose de possessão pelo influxo dos exorcistas sobre a sugestionabilidade aumentada das freiras.[51]

Durante quase 30 anos, exorcista oficial na diocese de Paris, o Pe. Joseph de Tonquédec — que não encontrou nenhum caso certo de possessão demoníaca — considerava os exorcismos "um mistério perigoso". Com bastante freqüência[52] alerta contra a prática dos exorcismos:

O exorcismo é cerimônia impressionante que pode atuar muito eficazmente sobre o inconsciente dos doentes. As conjurações contra o demônio, as aspersões de água benta, a cerimônia com a estola, os freqüentes sinais da cruz etc. são atos bem capazes de despertar no psiquismo já débil a mitomania diabólica em palavras e ações. Quem chamar pelo Diabo, o verá. Não a ele, mas seu simulacro composto segundo a idéia que dele tiver o doente. Assim, alguns padres, pela prática inconsiderada e imprudente do exorcismo criam, confirmam, fomentam os desequilíbrios que queriam suprimir.[53]

Seria muito fácil acrescentar no mesmo sentido outros muitos testemunhos de especialistas. O psiquiatra Prof. Jean Lhermitte alerta médicos e exorcistas para o fato de que as pseudopossessões

51. Huxley, *The Devils*..., op. cit., p. 188.
52. Tonquédec, *Les maladies*..., op. cit., pp. 20, 66, 80, 87, 126s., 168 e 192.
53. Ibidem, pp. 82s.

"respondem a mecanismos psicofisiológicos naturais. Diante dessas manifestações o médico não deve ficar desarmado. Do ponto de vista profilático (ou preventivo), que se guarde de toda sugestão inábil, porque a pseudopossessão é uma das afecções mais iatrogênicas", isto é, originadas pelo próprio médico.[54]

Em 1749, no convento de Unterzell, ao menos 6 freiras terminaram "endemoninhadas" pelas idéias contagiantes incutidas pelos exorcismos. Ao terceiro dia, eram tais as convulsões e alaridos, ouvidos até em ruas vizinhas, que houve que deixar em paz as freiras.[55]

"O exorcista". No caso de Mount Rainier (Maryland, EUA), a atuação dos sacerdotes foi desastrosa.

A família era protestante. Tinham uma parente casada com um católico, e foi pela intervenção do católico que surgiu a "explicação" mágica que agravou a doença: "Se o que dizes é certo, deverias consultar um sacerdote".

O vigário da Igreja Católica de Saint James deu ao pai do "endemoninhado" velas bentas, água benta e certas orações.

Resultado?: "Numa ocasião em que a mãe aspergia com água benta *toda a habitação* (note-se que se usa a água benta não como um símbolo de oração, senão em sentido mágico), a garrafa, que deixara sobre uma gaveteira, foi pega pelo espírito (!?) e feita pedaços. Quando se acendeu uma das velas, a chama expandiu-se até o teto (pirogênese) e por medo de que a casa pudesse incendiar-se apagaram a vela".[56]

Levaram o menino ao Hospital de Georgetown. Lá proferiu atrozes imprecações contra tudo o mais sagrado, em línguas estrangeiras (xenoglossia) e, estando atado de pés e mãos na cama, longas arranhadelas vermelhas apareceram no seu corpo (dermografia).

Como o tratamento médico-psiquiátrico não teve êxito — os fenômenos parapsicológicos não pertencem propriamente ao médico e psiquiatra, senão ao psicoterapeuta com conhecimentos de Parapsicologia —, a família, desesperada, consultou em St. Louis outro sacerdote da Igreja Católica mais próxima. Em 9 de março de 1949, o sacerdote "benzeu *toda* a casa, reservando uma *bênção especial para a habitação e cama* do menino (o lugar tem alguma importância real na oração?). *Prendeu* com alfinete de segurança na *borda extrema do travesseiro* uma relíquia de Sta. Margarida Maria".

54. Lhermitte, *Les pseudo-possessions*..., op. cit., p. 191.
55. Também este caso é resumido (extratando-o de Robbins, *Encyclopedia*..., op. cit.), por Cortés, *Proceso*..., op. cit., p. 74.
56. *Diabolical possession*..., op. cit., p. 86.

Resultado?

Um dos sintomas extremos, a levitação:

Pouco depois que o menino deitou, o colchão começou a mover-se para trás e para frente no sentido da cama e (a elevar-se) verticalmente. O menino estava deitado absolutamente quieto, sem nenhum esforço físico. O movimento em cada direção não excedia um decímetro. (Era) de forma intermitente e cessou após um período de aproximadamente 15 minutos.

No dia seguinte repetiu-se o fenômeno. E a relíquia de Sta. Margarida Maria de Alacoque foi jogada ao chão (telecinesia):

O alfinete de segurança estava aberto, mas nenhuma mão humana tocara a relíquia (o demônio teria medo da relíquia mas a pega com "as mãos"?). O menino pulou da cama sobressaltado quando a relíquia foi jogada ao chão.[57]

Em outra ocasião, enquanto a mãe estava falando ao telefone com o sacerdote, ele ouviu um grande barulho. A senhora disse que a mesa do telefone se despedaçara (telecinesia).

O comentarista que teve acesso aos documentos, acrescenta: "As orações normalmente agravavam os fatos".[58]

O menino piorava com água benta, relíquia da Sta. Margarida Maria, presença e orações do sacerdote. E com os exorcismos o inconsciente estourou mesmo.

Até então tudo fora obsessão, isto é, algo externo ao menino (na realidade tudo é interno, e do próprio menino procede a telergia que age nos objetos circundantes), mas tão logo se iniciaram os exorcismos, no dia 16 de março, então começou a possessão (!?) e manifestações diárias e prolongadas.

Percebe-se claramente a mentalidade e imaginação infantil. É aqui até ridícula a interpretação demonológica!: Depois de um dos acessos pela noite, disse que o mau espírito parecia arrastá-lo a uma fossa de duzentos pés de profundidade (talvez não fosse Lúcifer, senão Belzebu, o demônio da sujeira!), onde havia muito calor (o inferno!) e havia muitos espíritos maus (evidente, os melhores juízes de futebol do mundo estavam lá!) e repugnantes (demônios acomplexados)... No começo também lhe pareceu estar numa cova escura (do "Príncipe das Trevas"!) e longa (para que caiba o rabo!) com uma luzinha ao outro extremo (o típico "EXIT" norte-americano!).

O demônio tem preferência de horário? Na possessão, "os acessos, eram pela noite quando o menino ia para a cama, e duravam das 20h até meia-noite ou 1 hora intermitentemente". Estamos tão acostumados na Clínica do CLAP a que os histéricos e doentes parapsicológicos piorem nas primeiras horas da noite na perspectiva de obscuridade e solidão...!

E aqui, como lá, depois do esforço "o demônio" descansava: "Em continuação o menino passava a um sono perfeitamente normal durante nove ou dez horas". Antes, porém, o esforço muscular e a transpiração do "demônio" faziam que, "quando saía do acesso ou ataque, se queixasse de sentir muito calor e pedia um copo de água".

Para que a família descansasse, começaram a administrar os exorcismos diários mais cedo, ao entardecer. Mas os "acessos de possessão diabólica" começavam então pelas 21 horas. Acumulando-se mais dias de exorcismos, acumulavam-se também mais horas para o show, indo até duas ou três da madrugada...

Seus paroxismos nervosos exigiam até 10 pessoas para segurá-lo, rasgava furiosamente lençóis e travesseiros, assim como as camisas e camisetas dos que pretendiam controlá-lo.

"O demônio" não tinha força para rasgar os cobertores nem quebrar os braços dos que o agarravam! Mas podia quebrar, e quebrou de um soco, a pequena cartilagem do nariz do estudante jesuíta que se atreveu a lutar com "Lúcifer", e foi tão certeiro e forte o golpe e arranhão que deu no braço do padre exorcista — também jesuíta — que este não podia levantá-lo durante vários dias.

"Num dos exorcismos, os espíritos... enfrentaram um dos sacerdotes que assistia e disseram: 'Que sentido tem que tu estejas aqui? Em 1957 estarás comigo no inferno.' " Mas o padre, cético. não acudiu à hora marcada com a morte...[59]

Uma referência a este caso — há tantos iguais e mais dramáticos no Brasil — apareceu num pequeno artigo num pequeno jornal.[60] No dia seguinte estava na primeira página de um grande jornal da capital federal.[61] Pouco depois o demônio Pazuzu — divindade da antiga mitologia mesopotâmica —,[62] era estrela de numerosos programas de rádio, TV, revistas e jornais. Multiplicaram-se as "possessões".

57. Case study..., op. cit., p. 87.
58. Cortés, *Proceso*..., op. cit., p. 86.

59. *Diabolical*..., op. cit., *Mount Rainier case of possession* (documento de poucas páginas por um padre jesuíta), Washington, 1949; cf. Cortés, *Proceso*..., op. cit., p. 88.
60. Jeremiah O'Leary, "The Evening Star", 19-7-1949, p. B-3.
61. "The Washington Post", 20-7-1949.
62. Cf. a respeito desta divindade ou demônio, Frank, *Lamastu, Pazuzu*..., op. cit., Ilarri, *Demonología mesopotámica*..., op. cit., pp. 143 e 159.

William Peter Blatty era então estudante de Inglês e Criação Literária na Universidade de Georgetown. Arquivou a história pensando depois escrever sobre ela. Anos mais tarde conseguiu o diário do exorcista, estudou quanto se publicara em inglês sobre demonologia, e assim surgiu o famoso livro e filme "O Exorcista", que tantas "possessões demoníacas" ocasionou...

Magnífico "êxito" de mais de 20 exorcismos solenes! Os superiores da Companhia de Jesus intervieram acertadamente: localizado pelos repórteres da *Newsweek*, o jesuíta exorcista suplicou anonimato e só declarou: "Nunca falei com Blatty e não penso fazê-lo. Prometi aos meus superiores nunca falar do assunto".[63]

Num caso moderno. Mons. Cristiani, prelado de Sua Santidade, relata uma história impressionante da qual ele mesmo participara como exorcista.

A Sra. G., de Vandea (Itália), subitamente começou a ter ausências mentais, dor de cabeça, sono pesado, pesadelos. Às vezes não reconhecia ninguém e tratava o marido como um estranho (transes por auto-hipnotismo, freqüentes em pessoas esgotadas. Não é necessário, neste caso, diagnosticar manifestações iniciais de epilepsia). Nada de misterioso. Era em 1950.

No ano seguinte, a Sra. G. sentia dores por todo o corpo. (Provocados pela tensão nervosa que mantinha continuamente rígidos ou imóveis certos músculos). Desesperada e com complexo de culpa, começou a sentir desejos compulsivos de cortar o pescoço com uma faca de cozinha. Os médicos nada podiam fazer (neste caso claramente psicológico). Recorreu aos curandeiros. As idéias delirantes e os exorcismos dos curandeiros deixaram-na convencida de que era vítima de demônios enviados por um poderoso feiticeiro!

Em 1952, cada vez mais freqüentemente tinha visões de demônios em forma de bestas abomináveis e terríveis. Disse frases em línguas desconhecidas por ela. Em setembro começou a reagir violentamente na presença de crucifixos e imagens religiosas que exorcistas improvisados lhe aproximavam.

Em 1953 os esposos, seguindo o conselho de um amigo, consultaram um religioso. O padre "comprovou" a possessão e recomendou os exorcismos solenes...

Logo que a Sra. G. entrou na Igreja e ficou perante o exorcista, estola, "caneco" de água benta, velas acesas... transfigurou-se horrivelmente e começou a dançar agilmente sobre as pontas dos pés. Ataram-na a uma cadeira. Leitura das ladainhas rituais. Imprecações e insultos. A solene pergunta de quem já estava convicto da resposta: "Quem és?" E o "demônio" respondeu com toda classe de obscenidades (coprolalia). Ao sacerdote, chamou-o "velho, canalha", "não quero nem te ver", "pára, estúpido".

Continuaram os exorcismos. Gritos do padre, vociferação do "demônio". Insultos de ambas as partes. Água benta, medalhas e o terço ao pescoço, apresentações do crucifixo, incenso... O "demônio" gritava de dor, "essa água é a pior tortura"... mas "não sairei daqui".

Os exorcismos se repetiram anos e anos! A "endemoninhada" se jogava no chão, macerava-se o corpo com as unhas...

Um dia a voz do "diabo" nos lábios da mulher deu a pista para localizar parte do processo psicológico da doente: "Não adianta que me tortures. Se não saio é porque não posso. Estou preso por um feitiço. Só o feiticeiro poderá permitir-me sair..."

O marido explicou que, antes das perturbações, a esposa falava de um feiticeiro da região que quis fazer chantagem. O feiticeiro jurou vingar-se: "A mim ninguém resiste. Vais te arrepender". Pouco tempo depois apareciam as primeiras perturbações. O feiticeiro insistia na sugestão: "O que te acontece é o efeito dos malefícios que te estou lançando". Mais tarde novas ameaças à supersticiosa e hipnotizada mulher: "Acabarás num asilo de loucos".

Para a mentalidade mágica eram mais poderosos o demônio e o feiticeiro do que Deus e os exorcismos. De nada adiantaram quatro anos de bênçãos e esconjuros, mais dois anos de intermináveis exorcismos solenes. Os exorcismos originaram e agravaram a "possessão". Chegou ao extremo da exaustão e debilidade, arrincoada e taciturna, imóvel (catatonia).[64]

Morre durante os exorcismos. A famosa "endemoninhada" de Piacenza também se acreditava vítima de um feitiço. Começara em 1913. Destruía com dentadas tudo o que lhe caía nas mãos; quis estrangular seu marido...

Foi internada no manicômio. Em 1920 o Dr. Lupi, Diretor do Manicômio, permitiu a contragosto que um padre, a pedido da família, a exorcizasse solenemente.

Treze longas sessões. Afirmava estar "possuída por sete demônios, como Madalena".

Novas sessões de exorcismos; mais de trinta. A "endemoninhada" ficou tão extenuada, tão esquelética, tão abatida que as

63. "Newsweek, 11-2-1974.

64. Michel Paramond, "Los endemoniados" in "Momento", Caracas, 25-5-1969.

enfermeiras choravam ao vê-la. As sessões de exorcismos acabaram, porque a doente morreu de inanição.[65]

Inversão do argumento. Poucas vezes basta uma sessão de exorcismos. O característico — precisamente porque nos casos que se fizeram mais famosos se tratava de doenças mais arraigadas — é que se precisam muitos e muitos dias, meses e às vezes até anos para curar o "possesso".

O êxito dos exorcismos está a favor da real possessão? Contra a realidade da possessão está o fato de que geralmente complicam as manifestações e demoram muito em obter êxito. Na interpretação demonológica não é concebível que tantos sinais-da-cruz, invocações de Deus, numa palavra tantos exorcismos, tenham tão pouco poder contra o demônio e tanto poder contraproducente! É que o sinal-da-cruz e outras fórmulas são orações simbólicas e súplicas a Deus na ordem sobrenatural; mas para curar doenças naturais, como são os casos chamados de possessão demoníaca, normalmente devem empregar-se técnicas naturais.

Compreende-se que, geralmente, os exorcismos sejam contraproducentes: com os exorcismos sugere-se a própria possessão demoníaca. Sugestão terrivelmente impressionante. O "endemoninhado" é uma pessoa psiquicamente débil ou debilitada. É ou vem a ser grandemente auto-sugestionável, auto-hipnotizado. Qualquer idéia que ele aceita, será de enorme força sugestiva.

Não creio possível encontrar idéia mais deletéria do que achar que se está possuído por Satanás (ou por exus, ou por qualquer outro espírito mau e perverso). Pior ainda se o débil e sugestionável doente tem respeito e confiança no "pai-de-santo", no "missionário", no sacerdote representante oficial da Igreja de Cristo.

Inculca-se que Satã é a origem e raiz de todos os males! O inconsciente se esforçará com todas as suas enormes forças e faculdades por proceder como quem está possuído pelo Maligno!

É por isso que qualquer tipo de exorcismos — e hoje pululam "missionários" exorcistas e "pais-de-santo" para desencostar "obsessos" — deve ser proibido. Pelo Ministério de Saúde Pública. Não é à Igreja que pertence esta proibição, pelo mesmo que não é a ela que pertence pronunciar-se na análise e interpretação dos fatos.

"Sete espíritos piores". Cristo parece aludir a casos em que o exorcismo, após a aparente cura, ocasionou uma doença bem

65. Além da bibliografia citada ao tratar deste caso, veja-se Paramond, *Los endemoniados*, op. cit.

mais grave. Sobre os perigos do curandeirismo já escrevi um livro inteiro.[66]

Havia muitos exorcistas na época de Cristo. Os discípulos queixaram-se de que havia gente usando o nome de Jesus para expulsar demônios (Mc 9,38; Lc 9,49s.). O próprio Cristo perguntava aos escribas e fariseus, "em nome de quem vossos filhos expulsam os demônios?" (Lc 11,19; Mt 12,27).

Não passou a Jesus desapercebido um fato freqüente. Com curandeiros e exorcistas fica intacta a doença e a causa psicológica da doença e, portanto, freqüentemente, depois explode "outra" doença muito mais grave, pois eles "curam" meramente os sintomas. Tal pode ser a interpretação, no âmbito natural, da advertência de Jesus:

> Quando o espírito imundo sai do homem, perambula em lugares áridos, procurando repouso, mas não o encontrando, diz: "Voltarei para minha casa, de onde saí". Chegando lá encontra-a varrida e arrumada. Diante disso vai e toma outros sete espíritos piores do que ele, os quais vêm habitar aí. E com isso a condição final daquele torna-se pior do que antes (Lc 11,24-26).

Esse é o significado *natural*. (*Doutrinalmente* se inculca com essas mesmas palavras que, após a conversão e afastamento da vida de pecados — expulsão do demônio —, devemos abraçar e praticar a doutrina de Cristo, se não teremos mais culpa.)

Na ordem doutrinal, a proposição deve entender-se como condicional: "Se o espírito imundo encontrar a casa vazia", isto é, se Deus não veio a ser o novo senhor do coração do pecador que foi perdoado.[67] Igualmente condicional é a interpretação *na ordem dos fatos*: "Se o espírito imundo encontrar a casa vazia", isto é, "se o doente não recuperou a verdadeira saúde psíquica", a superação do trauma em vez de simples remoção de sintomas. Esse é o problema do curandeirismo: expulsam o "demônio", curam a dor ou os fenômenos histero-parapsicológicos, mas não orientam, educam, reestruturam a personalidade e o inconsciente...

Ministério perigoso. "Quando o espírito imundo sai do homem perambula em lugares áridos, procurando repouso." Fez-se comum uma interpretação forçada desta frase, no sentido de que o exorcista e as testemunhas de uma expulsão do "demônio" corriam o

66. Oscar G.-Quevedo, S.J., *Curandeirismo...*, op. cit.
67. H. S. Nyberg, "Zum grammatischen Verständnis von MT XII, 44 f." in *Arbeiten und Mitteilungen aus dem neutestamenthichen Seminar zu Uppsala*, 4 Lund, 1936, pp. 22-35.

perigo de eles mesmos ficarem possuídos. Durante séculos grassou esta mentalidade opressora e desequilibrante. Assim interpretam também os espíritas o contágio psíquico natural em quem supersticiosamente assiste a cenas de "encosto" e "desencosto", tanto mais perigosos quanto mais se acredite que o espírito "ao sair vai... à procura de repouso".

Por este mal-entendido, S. João Bosco, que sentiu por uma temporada perseguições do "demônio" muito parecidas ou idênticas às do Cura D'Ars, não queria que lhe aplicassem os exorcismos. De manhã aparecia D. Bosco extenuado, os olhos afundados, parecendo ter 30 anos a mais. Ouvira barulhos, esquadrões galopando, vira os móveis dançando fantasmagoricamente; o "demônio" lhe sacudira a cama, até virava-a, puxando-lhe as cobertas, surgiam línguas de fogo, tigres, serpentes e até monstros pré-históricos atacavam-no...

— Quer que o exorcizemos?, perguntam-lhe.

— Oh! não... Se o demônio sair de mim poderia ir a atormentar a um dos meninos...[68]

Há perigo grave de contágio psíquico, pela impressionante superstição demonológica, confirmada pela aplicação e "êxito" dos exorcismos.

Experiência recente. No dia 1.º de outubro de 1974, o agricultor Michael Taylor, de 30 anos, assistia às pregações e "expulsões de demônios" realizadas pela jovem e loura pregadora Mary Robinson, de 22 anos, da seita "Grupo de Comunhão Cristã". Até então fora um homem tranqüilo, esposo fiel e pai amoroso de 5 filhos.

Psiquicamente predisposto e impressionado, de repente Michael começou a interromper à pregadora gritando numa língua desconhecida, queria — e conseguiu — beijá-la nos lábios, e rolou pelo chão abraçando-a, saiu à rua contando a todos os transeuntes que acabara de ver o Diabo. Chegou na casa do pastor anglicano: "Sou Satanás, estou dentro deste homem", e atacou furioso o gato dizendo que o "bichano é Satanás" (Satanás atacando a Satanás!).

Como o gato fugiu, Michael voltou correndo para o local onde a pregadora Mary continuava suas pregações. E foi "curado" após a jovem exorcista invocar repetida, dramática e autoritariamente sobre ele o nome de Jesus.

Curado? No dia seguinte "Satanás" voltou. Períodos de complexo de culpa. Depressão. Mandou tirar todos os crucifixos da casa. "Satanás" se ajoelhava na rua perante os transeuntes pedindo perdão!

O Revdo. Peter Vincent, vigário anglicano da Paróquia de São Paulo, na vizinha vila de Barnsley, "experto em exorcismos e manifestações diabólicas" (!?), decidiu administrar os exorcismos rituais. Assistia Sally, a mulher do vigário, outro pastor, o Revdo. Raymond Smith com sua esposa e mais sete ajudantes. À meia-noite em ponto de 4 para 5 de outubro, começaram os exorcismos que haveriam de durar 7 horas.

Preces, esconjuros, ameaças e imprecações insultantes a Satanás... Quando em plena fúria Michael Taylor caía e rodopiava por terra, os exorcistas ainda lhe enfiavam um crucifixo na boca... Acabou a cerimônia. Expulsaram dele 40 demônios!

Curado? Taylor voltou para casa. E às 9h30min (5 de outubro de 1974) Michael Taylor com as mãos arranca os olhos de sua esposa, Christine, de 29 anos, corta-lhe a língua, e sufoca-a no seu próprio sangue. Em continuação, feliz e vitorioso, banhado em sangue da esposa, corre pelas ruas de Ossett, aldeia do município de Yorkshire (Inglaterra), gritando: "Destruí Satanás que estava nela".

No processo, no tribunal de Ledes, no dia 25 de março de 1975, chega-se à conclusão de que nada daquilo teria sucedido se não fosse pelos exorcismos, declarou o médico legista Dr. Philip Gill.

Nada teria acontecido se não fosse "por todas essas porcarias que vêm contrabandeadas como exorcismos e que são na realidade o produto de gente completamente desqualificada que trafica com magia negra... Celebraram uma cerimônia exagerada e impressionante". Assim se expressou o cônego John Pearce Higgins, presidente de um organismo de estudos religiosos.

"Sobre o banco dos acusados deveriam sentar-se os exorcistas... São eles os verdadeiros culpáveis da morte da jovem senhora e do ato de loucura deste homem", afirmava o advogado que conseguiu a declaração de inocência para Taylor.[69]

Precisão de conceitos. Nego que os exorcismos expulsem os demônios. Não nego que graças à oração, necessariamente *sem exorcismos,* possa curar-se o doente.

68. Henri Chéon, tradução de F. J. Sheed, *The secret of saint John Bosco,* Nova Iorque, Sheed & Ward, 1938.

69. O fato foi divulgado pelas agências de notícias. Cf. Verdecchia, *Nei nome...,* op. cit., da Agência Ansa, especial: "Magia Negra e Exorcismo..." in Arquivos do CLAP, *Recortes,* seção "Bruxaria-Demonologia", n. 107; "Julgamento do endemoninhado que matou mulher" in "Folha de S. Paulo", 28-3-1975; Franco de Giorgi, "Hanno scherzato col diavolo" in Arquivos do CLAP, *Recortes,* seção "Bruxaria-Demonologia", n. 146.

Assinalo o poder da sugestão nos exorcismos, e alerto contra os perigos de tão imprudente prática — e do curandeirismo em geral —, mas não nego o poder da oração. A oração pode alcançar da Divina Providência, mesmo que só fosse uma atuação eficiente e sem perigos da sugestão empregada pelo psicoterapeuta, e do remédio que o médico receite. Não excluo que em algum caso, essencialmente pouco freqüente, a oração possa obter de Deus inclusive um milagre de cura.

Não aceito que os exorcismos, carregados como estão de superstição, possam obter um milagre. Não aceito que os exorcismos possam obter uma especial Providência Divina. Deus estaria confirmando a superstição, a imprudência, o erro crasso. A ação dos exorcismos é meramente natural.

Nada exclui que solicitemos de Deus uma providência especial agindo conjuntamente com as causas naturais. Nada impede que solicitemos de Deus inclusive um milagre. Mas dada a periculosidade dos exorcismos, dados os erros e superstições que eles encerram, a oração que devemos rezar nestes casos não são exorcismos.

O papa Leão XIII autorizou exorcismos *privados*.[70] O bispo de Petrópolis (Rio de Janeiro) mandou que os padres rezassem os exorcismos todas as sextas-feiras para curar os espíritas. Devem ser rezados longe dos "endemoninhados".

Assim Leão XIII e o bispo evitam o perigo da violenta sugestão negativa que sofreriam os doentes e testemunhas quando, na sua presença e em público, se aplicassem os exorcismos. Mas não se evita a superstição e nem sequer se evita de tudo ir enchendo aos poucos o ambiente de demonologia falsa. Sem me referir a que os doentes parapsicológicos podem adivinhar que se estão rezando os exorcismos...

É bom dar aos doentes — e doentes simplesmente são os chamados endemoninhados — a bênção dos doentes. Deve-se explicar que é súplica humilde à ajuda divina. Para que Deus ajude os médicos e anime o enfermo. Sem demônios nem espíritos maus. É necessário suprimir das clássicas bênçãos dos doentes palavras antiquadas como estas: "Se porém, tu demônio nefando causaste ou aumentaste este mal, eu indigníssimo servo de Deus, te ordeno que saias deste servidor de Deus e tires todo o mal que causaste ou aumentaste, e jamais ouses voltar".[71]

70. Cf. uma cópia e tradução por inteiro destes exorcismos em F. Spirago, *Il Demonio e le sue manifestazioni*, Turim, Marietti, 1935, pp. 257ss.

71. "Oratio et benedictio super aegrotun" in *Rituale Romanum...*, op. cit.

Deus poderia dar a graça da cura através do meio natural da sugestão, junto à ação do médico ou psicoterapeuta, que o doente não deve omitir nem o padre que benze deixar de recomendar.

Podem ser importantes — sobrenatural, providencial e naturalmente — a confissão e Comunhão, a assistência à missa, o sinal-da-cruz, as peregrinações aos santuários... Explicando.

"Oração e jejum". Após o fracasso dos apóstolos em curar "endemoninhados", Cristo disse: "Esta espécie (de demônios) não pode sair a não ser com oração" (Mc 9,29). O evangelista Mateus seria mais encomiástico do que Marcos. Segundo o Evangelho de Mateus a frase de Cristo teria sido: "Quanto a esta espécie (de demônios), não é possível expulsá-la senão pela oração e pelo jejum" (Mt 17,2,1).

Não parece que já na época de Mateus os exorcistas costumassem jejuar como posteriormente virou costume e o Ritual Romano recomenda. O padre jesuíta designado para os exorcismos do menino de Monte Rainer, submeteu-se, durante os dois meses que duraram os exorcismos, a um estreito jejum alimentando-se somente a pão e água. Perdeu uns vinte quilos!

É muito provável que todo o versículo, e certamente o acréscimo do jejum no conselho de Mateus, seja uma interpolação bem posterior.[72]

Em todo caso não há inconveniente em que se interprete a frase de Cristo assim: "Sem ajuda e colaboração providencial e mesmo sem milagre de Deus, certas doenças são incuráveis". Jesus Cristo indica que determinados milagres mais importantes só se alcançam de Deus com *especial oração cheia de fé* (versículo 19 de Mateus). Isto significa a expressão *"pela oração e pelo jejum"*.

Oração e ação. Alguns prestigiosos teólogos — contemporâneos, jesuítas, alemães — afirmam que "não há dilema radical que obrigue a escolher... entre o exorcismo e a medicina".[73]

Discordo. Oração e medicina, sim; exorcismos e medicina, não. O exorcismo é uma oração específica e impregnada de magia contra os demônios. Os demônios nada têm a ver com o problema. Seria errado só orar se é possível acudir *também* à medicina; seria tentar a Deus. Seria errado só acudir à medicina sem também orar; naturalismo. Como a sabedoria popular soube muito bem plasmar,

72. H. Mursillo, "The Problem of Ascetical Fasting in the Greek Patristic Writers" in *Tradition*, 1956, n. 12.

73. Rahner e Vorgrimmler, epígrafe "Possession" in *Petit Dictionnaire...*, op. cit., p. 372.

o certo é "a Dios rogando y con el mazo dando" ("Orando a Deus e martelando").

Triste experiência. Na própria Alemanha, com a participação de outro jesuíta, deu-se o estarrecedor escarmento de *juntar exorcismos e medicina.* A ação deletéria psicológica dos exorcismos é mais forte que a força curativa orgânica da medicina.

Na cidadezinha de Klingenberg, da Baviera alemã, Anneliese Michel, à idade de 15 anos, era escrupulosa, muito magra e freqüentemente estava doente. Sofria alucinações. Aos 16 anos desmaiou numa aula, e dali por diante devia submeter-se sempre a tratamento de epilepsia. Um dia, foi ver o filme "O Exorcista", Anneliese entrou em pânico.

O tratamento médico foi demolido pelo influxo do "tratamento" religioso. Aos 20 anos Anneliese afastou-se pela primeira vez de casa. Foi estudar Teologia. O quarto da estudante estava cheio de santinhos, principalmente do Coração de Jesus, que se agrupavam ao redor de um crucifixo e de uma pia de água-benta, sempre cheia.

Não podia conciliar o sono, passava noites quase inteiras rezando o terço, um após outro. As colegas, muitas vezes, a encontravam sem mais roupas que a de dormir, a tremer de frio, rezando ajoelhada diante do crucifixo. Mal-alimentada, fraca, mas terrivelmente tensa, fazia, até a exaustão, quinhentas e até seiscentas genuflexões seguidas todos os dias. Flagelava-se etc.

Freqüentemente quando a empregada, D. Thea Hein, rezava umas ave-marias por Anneliese, no dia seguinte ela lhe agradecia e pedia mais orações. Para a empregada, só o demônio podia saber que tinha rezado! Na sua imaginação, achava que a jovem mostrava aversão à água-benta e a um quadro de Cristo. Numa peregrinação à tumba de um "santo" não reconhecido por Roma, Anneliese sentiu-se mal, e Thea Hein convenceu à família de que a jovem estava endemoninhada...

E a tensão estourou. Anneliese passou a gritar obscenidades e blasfêmias, trocava de voz, corria nua pela casa, vomitava, os cabelos ficavam eriçados, contorcia-se, pulava, golpeava a cabeça contra a parede, e até apresentava às vezes os fenômenos parapsicológicos de osmogênese (cheiro) e dermografia (estigmas).

A pedido dos pais e de dois sacerdotes — os futuros exorcistas —, Anneliese foi a Frankfurt para consultar o jesuíta Pe. Adolf Rodewyk, famoso internacionalmente como teólogo "demonófilo".

Em relatório ao bispo, o Pe. Rodewyk argumentava:

> Quando certa vez Anneliese quis sentar-se numa cadeira, a cadeira voou. Na lavanderia, ela atirou-se com a roupa do corpo para uma bacia cheia de água e em seguida rolou num montão de carvão. Na cozinha, ela urinou no chão e lambeu tudo com a língua. Corria pela casa completamente nua. Não ia à Missa e, na oração, atirava-se ao chão. Ouvia ruídos inexistentes, e metia aranhas e moscas na boca; com os dentes decepou a cabeça de um pássaro morto. Enfim, desta maneira não procede uma pessoa normal. *Estão cumpridas as condições do Ritual Romano.*

A tese do jesuíta, de 82 anos, triunfou: o bispo, D. Josef Stangl, da diocese de Wurzburgo, autorizou os exorcismos em setembro de 1975. Além de Lúcifer e outros demônios clássicos, mais de cem, estar-se-iam manifestando espíritos de mortos: Caim, Judas, Hitler. E até o Pe. Freischmann — um sacerdote do século XVIII suspeito de ter assassinado sua amante —, cuja característica era urrar: "Heil, heil..."

Os padres salvatorianos Arnold Renz (67 anos) e Ernest Alt (40 anos), vigário de Anneliese, atormentaram a jovem de setembro de 1975 até junho de 1976, com nada menos do que sessenta e sete sessões de exorcismos intermináveis, sete horas de duração cada sessão.

Os médicos não podiam vencer o influxo da mentalidade mágica. Sua ação não passava de paliativos.

Até que Anneliese, com 23 anos, na madrugada de 1.º de julho de 1976, morreu. Morreu de desnutrição e desidratação. Pesava só 31 quilos de osso e pele. Não comia nem bebia porque "o demônio não me deixa".

A notícia do fatal desenlace dos exorcismos correu o mundo.

A Promotoria Pública do tribunal de Aschaffenburg começou um longo processo que culminou, mais de um ano depois, em 30 de abril de 1978, com a condenação a seis meses de prisão (com liberdade condicional) dos padres exorcistas e dos pais de Anneliese.

A Conferência Episcopal Alemã soube reagir para evitar novas desgraças: "Não se deve ver nos fenômenos da doença, quaisquer que sejam, a ação imediata ou mesmo a manifestação de demônios. As rubricas e textos do Exorcismo do Ritual Romano correspondem à mentalidade e critérios de outra época, e é necessário que sejam corrigidos".[74]

---

74. O caso foi amplamente divulgado e comentado. Cf. *Veja:* "A morte...", op. cit.; ibidem, 12-4-78, pp. 47s.; "Gazeta do Povo", 28-5-1978; *Interviu,* n. 23, pp. 58s.; Valentin Popescu, in *Ya,* Madri, 1º-4-1978, p. 39; "Hannoversche Allgemeine", 25-4-1978; ou em língua espanhola: "Exorcismo en la Republica Federal" in *Tribuna Alemana, selección semanal de la prensa alemana,* n. 713, Hamburgo, 14-5-1978; também da Alemanha um amplo artigo na revista de Parapsicologia (e Ocultismo) *Esotera,* 1978, junho, n. 6, pp. 516-523.

Capítulo XIX

AS TENTAÇÕES

O tema das tentações é inseparável do tema geral: a atividade demoníaca. As tentações consideravam-se geralmente como algo indireto e imperceptível ("providência" do demônio). As outras supostas atividades demoníacas se consideravam diretas e observáveis ("milagres" do demônio).

A crença em tentações do demônio pode às vezes ter feito algum bem às almas, mas geralmente tem feito muito mal. A saúde mental de muitas pessoas periclitou sob enorme peso terrorificante e alienante; outras muitas não amadureceram nas suas consciências transferindo toda ou grande parte da própria responsabilidade ao demônio.

Alguns documentos eclesiásticos davam por suposto que o demônio tenta e seduz as pessoas. Outras vezes esses mesmos efeitos eram atribuídos a fantasias e instintos.

Naturais ou demoníacos: ambas interpretações contraditórias se apresentaram como *pressuposto*. A respeito das tentações não há definição dogmática. Nem sobre elas a Igreja traçou uma linha suficientemente constante *direta* ou específica. O tema das tentações não pode ser considerado como pertencente à Tradição ou ao Magistério Ordinário Universal.

Tradição rabínica... A teoria clássica de que sem Diabo não se compreenderia o pecado, perante o mínimo de reflexão, logo aparece ingênua e contraditória. Os teólogos que defendem procederem as tentações dos demônios são os mesmos "demonófilos" que acreditam no pecado dos anjos. Se os anjos pecaram, evidentemente não foi por tentação de não sei que outros diabos...

Se os anjos teriam pecado sem receber influências exteriores, por que os homens não poderiam cair na tentação e no pecado por si mesmos, sem diabos?

A tradição rabínica, sem o peso das posteriores concepções diabólicas, não caiu nessa contraditória teoria dos "demonófilos".

Para a tradição rabínica não havia tentações diabólicas. A origem das "tentações" ao pecado ou das "inspirações" à virtude simplesmente radicava na constituição do homem: em cada homem há inclinações boas e inclinações más. [1] É o homem que deve discernir com a razão e escolher com a vontade.

... **Fundada no AT.** O ensinamento do Antigo Testamento é oposto à idéia de tentações diabólicas. Desde suas origens, no século X a.C., se ensina que a origem do pecado está no coração do homem (a serpente do paraíso — como vimos — não designava um tentador, mas a tentação ou luta que se trava entre as tendências do próprio homem).

O ensinamento é constante. "Podemos comprovar que os ataques dos demônios alcançam só, nas crenças populares dos israelitas, o âmbito material, *nunca o âmbito moral* da vida. Estamos ainda muito longe das idéias posteriores (por influxos estranhos à Revelação nas crenças populares) de uma perturbação das relações entre Deus e os homens causada pelos demônios..."

Mantém-se firme a doutrina nos profetas. Oséias e Ezequiel abordam amplamente o tema do pecado, mas "não se diz nem uma palavra de um poder situado fora do homem que seja causante do mal". É a "prostituição" (expressão típica) do próprio coração humano. "Também para os salmistas... (é) clara e unânime (a) concepção do pecado desde a época davídica até os primeiros tempos exílicos. É uma violação da ordem estabelecida por Deus, da qual só o homem é culpável e responsável".

Nas frases transcritas pode-se resumir todo o longo estudo realizado pelo prestigioso teólogo de Tubinga, Pe. Herbert Haag, para demonstrar que "seria inútil buscar no Antigo Testamento um autor ou uma causa primeira do mal", em geral, diferente da própria natureza, e um autor ou causa do pecado, em particular, diferente do próprio homem. [2]

As tentações de Jesus. Nos Evangelhos, os "demônios" possuíam os corpos dos homens para causar doenças. Eles eram as

1. Cf. J. Daniélou, *Message évangélique et culture hellénistique aux IIe, e IIIe. siècles*, Tournai, 1961, pp. 401s.
2. Haag, *El Diablo. Su existencia...*, op. cit., capítulo: "El pecado", pp. 120-131; as frases citadas, foram tiradas das pp. 119, 129, 131 e 120 respectivamente.

doenças. Mas não tentavam. A tentação seria do Diabo. Jesus foi ao deserto "para ser tentado pelo Diabo" (Mt 4,1; Mc 1,13; Lc 4,2), não pelos demônios. São incorretas, embora freqüentes, as traduções de Diabo por *demônio.*[3]

Proponho uma interpretação como se o caso tivesse sido literalmente histórico. Mas fique claro que muitos exegetas não vêem esses textos como históricos. Do meu ponto de vista, neste livro, se não foi história, o caso não pode ser invocado para defender a atividade (e tentações) do Diabo.

Historicidade. Seria muito cômodo, deixando-se impressionar pelo estranho das cenas que se descrevem e pelo manifesto simbolismo, negar pura e simplesmente a realidade histórica das "tentações de Jesus" no deserto.

Precisamente essa linguagem simbólica bíblica: tentação sem resultado, animais que se fazem pacíficos, anjos servindo (Mc 1,13), não podia ser introduzida pelos primeiros cristãos para significar que Jesus superou o mal. Não concorda com os conceitos culturais dos primeiros cristãos. As fontes em que se fundamentam os evangelistas na descrição da tentação, sem dúvida, se fundamentaram por sua vez em tradições do tempo de Cristo.

O conteúdo das tentações também não se enquadra na Igreja das origens: transformar pedras em pães, superando o líder Moisés que fez chover maná; dominar todas as riquezas e reinos do mundo; descer do pináculo do templo, provocando a admiração para o Messias. As três tentações têm no fundo o mesmo significado. Este significado de um messianismo político não foi uma tentação sentida pelos primeiros cristãos. Era ambiental para Jesus e seus discípulos.

Jesus repetidamente aludiu à sua luta com Satã. Inclusive chamou o príncipe dos apóstolos de Satã: "Arreda-te de mim, Satanás" (Mc 8,33). A cena jamais poderia brotar dos primeiros cristãos. É fruto de uma emoção em Cristo que se vê atingido, apesar da boa vontade de Pedro, no mais íntimo: sua dura experiência e vitória contra Satã.

Os primeiros cristãos atribuíam a Cristo a vitória sobre Satã unicamente a partir da Morte e Ressurreição (1Cor 15,24; Cl 2,15; Ef 1,20s.). Cristo, porém, se apresenta a si mesmo como vitorioso no deserto.

"Eu intercederei por você" (Lc 20,31s.), e "Eu vi Satanás caindo do céu" (Lc 10,18), estes dois relatos usando o "Eu" concordam perfeitamente e fazem verossímil a tradição que conservou o Evangelho dos Hebreus, segundo a qual Cristo mesmo, em primeira pessoa, teria contado aos apóstolos sua vitória sobre Satã.[4]

Parto do suposto da verdade histórica do fato no fundamental. A discussão é na interpretação. Discussão com os "demonófilos" que aceitam como históricas as tentações de Jesus.

O jejum... Cristo não passou "40 dias e 40 noites" (Mt 4,2) em jejum rigoroso: "Nada comeu nestes dias" (Lc 5,2). Porque se tal inédia não é impossível do ponto de vista científico, é muito improvável em Cristo e desnecessária. Certamente seria absurda a opinião popular que apresenta a Cristo no deserto passando quarenta dias sem beber. Sem beber, paralisar-se-lhe-iam os rins. Cristo teria de ter feito um milagre para sobreviver. E além de que Cristo nunca fez um milagre em proveito próprio, seria ridículo fazer um milagre para poder jejuar mais.

A frase evangélica é oriental e bíblica (indica "nova era"). O dilúvio teria durado 40 dias e 40 noites (Gn 7,12); 40 dias e 40 noites teria jejuado Moisés no deserto (Ex 34,28; Dt 9,18); Elias teria caminhado pelo deserto 40 dias e 40 noites rumo ao monte Horeb (1Rs 19,8). E também poderíamos citar os 40 anos que Israel teria passado no deserto (Sl 95,10) e outros 40 sob o domínio dos filisteus (Jz 13,1).

Dizendo que Jesus passou 40 dias e 40 noites jejuando no deserto, o Evangelho simplesmente quer dizer que passou uma temporada longa fazendo penitência. Provavelmente ficou entre os essênios e deles recebeu algum escasso sustento.

O tentador. Não houve tentador de Adão. A tentação de Adão, considerada literalmente não existiu. Quem foi o tentador de Jesus Cristo, o novo Adão? (Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-13). O perito a quem a Sagrada Congregação da Doutrina da Fé encomendou um artigo sobre demonologia, afirma: "Satã, que Jesus havia... reencontrado no deserto..., não pode ser um simples produto da faculdade humana de fabulação e projeção, nem o vestígio aberrante duma linguagem cultural primitiva".[5]

Então o que seria? Muito se tem escrito a respeito, e em grande parte com um enfoque errado do problema.[6]

3. Por exemplo, a tradução do Centro Católico de São Paulo: *A Sagrada Bíblia,* São Paulo, Ave Maria, 1980.

4. Jeremias, *Teologia...*, op. cit., pp. 112-118.
5. Perito..., "Fé Cristã...", op. cit.
6. Entre os autores um tanto recentes se impuseram J. A. T. Robinson, "The temptations" in *Theology*, n. 50, 1947, pp. 43-48; G. H. P. Thompson, "Called-proved-obedient: a study in the baptism and

O tentador — Satã ou Diabo — diz que todos os reinos lhe foram entregues e ele os pode dar a quem quiser (Lc 4,6). Duro de aceitar: é que o mundo inteiro foi entregue ao Diabo? Só Deus é dono do mundo inteiro.

E pior ainda: reconhece Satã a sua dívida?

O Diabo no sentido de um ser "sempre revoltado contra Deus" não aparece nos textos da tentação de Jesus. Temos um paralelismo com o livro do Jó, onde Satã é um instrumento de Deus, um anjo do céu, o mesmo Deus experimentando a obediência dos homens *pelas forças da natureza* (Jó 1 e 2).

Cristo, além de verdadeiramente Deus, era também verdadeiramente homem. Necessariamente após o prolongado jejum, tinha de se encontrar débil, poderíamos dizer psicastênico. E se não tivesse ficado débil, não seria verdadeiramente homem. E se nesse estado não estivesse sujeito a alucinações, não seria "verdadeiramente homem em tudo menos no pecado".

Qual é o monte do qual se vêem "todos os reinos do mundo com o seu esplendor"? (Mt 4,8). Evidentemente tem de ser uma alucinação. Ora, se foi alucinação, por que atribuí-la a forças diabólicas de qualquer natureza, sendo que pode perfeitamente ser explicada pela debilidade e esgotamento de Nosso Senhor após tanto jejum e penitência?

Isso suposto, compreende-se também como alucinação o transporte ao pináculo do templo; e alucinação foi ver o Diabo com um corpo e figura que ele nao tem.

Uma força do Diabo fazendo-se ver e ouvir por Cristo, levando Cristo ao pináculo do templo (não uma simples e pequena levitação) etc. seria o que, do nosso ponto de vista e terminologia parapsicológica, chamaríamos fenômeno supranormal, sobrenatural, milagre. Fatos históricos que não se encaixam nas forças da natureza somente têm acontecido em ambiente religioso divino. Deus não faria um milagre para tentar a Cristo. Milagres historicamente só têm acontecido para confirmar a doutrina revelada por Deus. A quem confirmaria no deserto?

Aquela aparição em forma visível — alucinação — do Diabo seria a única em todo o Novo Testamento. Em outras oportunidades mostra-se que são os homens, os escribas e fariseus, o próprio Pedro, e não o Diabo, que tentam a Jesus. O próprio Cristo considera pensamentos *humanos* os que metaforicamente acaba de atribuir a Satanás: "Arreda-te de mim, Satanás! Tu me serves de pedra de tropeço, porque não pensas as coisas de Deus, mas *as dos homens*!" (Mt 16,23; Mc 8,33). Satanás é pura dramatização ou representação simbólica das dificuldades sentidas ou postas pelos homens ao serviço divino. Estas outras passagens bíblicas explicam as tentações do deserto. Não se trata de uma exceção.

A inexistente tentação do Diabo a Cristo constitui o modelo dos igualmente inexistentes pactos com que Satanás ao longo dos séculos tentaria as bruxas. "Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares" (Mt 4,9). Cristo venceu a tentação do seu instinto, imaginação e debilidade. Fausto e os bruxos sucumbiram.

O ensino de Jesus. No Novo Testamento, manifestamente Cristo e os Apóstolos não nos ensinam a lutar contra poderes sobrenaturais, mas a dominar o que nasce do coração humano, a vencermos a nós mesmos libertando-nos das nossas paixões, a fomentar nossa tendência a Deus e aperfeiçoar-nos.

Os seguidores de Cristo devem libertar-se do terror. A Boa Nova liberta-os desse conceito pagão de serem vítimas de ataques de demônios ou divindades ciumentas e más. Mantém esperança de uma solução, após essa tribulação permitida por Deus: parábola do semeador (Mc 4,3-8; 26-29) e as bem-aventuranças (Mt 5,3-12; Lc 6,20-23).

Cristo ensinou que é do nosso coração que procede a inclinação ao mal e, se consentirmos, o pecado:

"O que sai do homem, é isso que o torna impuro. Com efeito, é de dentro do coração dos homens que saem as intenções malignas: prostituições, roubos, assassinatos, adultérios, ambições desmedidas, maldades, malícia, devassidão, inveja, difamação, arrogância, insensatez. Todas estas coisas más saem de dentro do homem, e são elas que o tornam impuro" (Mc 7,20-23; Mt 15,19). "Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, se sois maus? Porque a boca fala daquilo de que o coração está cheio. O homem bom, do seu bom tesouro tira o bem, mas o homem mau, do seu mau tesouro tira o mal" (Mt 12,34s.).

Só "por causa da dureza dos vossos corações", contra a vontade de Deus "desde o princípio da criação", é que a lei teve de aceitar o divórcio (Mc 10,2-9). Só o homem é responsável de não se abrir à Boa Nova, por isso os fariseus e os herodianos causam indignação e tristeza em Cristo: "Repassando então sobre eles um olhar de indignação, e entristecido pela dureza do seu coração..." (Mc 3,5).

---

temptation narratives of Matthew and Luke" in *JTS*, nova série, n. 11, 1960, pp. 1-12; *Studia Neotestamentica*, Bruges, 1968, tomo IV; J. Dupont, *Les tentations de Jésus au désert;* Duquoc, *Christologie*..., op. cit., pp. 52-71: "La tentation messianique"; P. Hoffmann, "Die Versuchungsgeschichte in der Logienquelle" in *BZ*, n. 13, 1969, pp. 207-223.

"Por que tendes esses maus pensamentos em vossos corações?" repreendeu Jesus aos escribas (Mt 9,4). "Todo aquele que olha para uma mulher com desejo libidinoso já cometeu adultério com ela em seu coração" (Mt 5,28).

A luta é mais difícil e devemos ser decididos, pois é em nós mesmos que está a tentação: "Caso o teu olho direito te leve a pecar, arranca-o e lança-o para longe de ti... Caso a tua mão direita te leve a pecar, corta-a e lança-a para longe de ti..." (Mt 5,29s.).

Cristo e Satã. Em sentido meramente metafórico, como representação do mal do qual Deus sabe tirar grandes bens, devem entender-se as alusões de Cristo a Satã.

Há quem opine que só uma alusão a Satã seria originária de Cristo. "Quase todas as passagens nas quais os Evangelhos sinóticos falam de Satã demonstram ser, após cuidadosa análise, formações da comunidade", diz Haag.

A única sentença autêntica de Jesus a respeito de Satã se encontra em Lc 10,18 ("Eu vi Satanás caindo do céu")... Não existem dúvidas sobre seu sentido real: Jesus anuncia nela a queda de Satã, isto é, a queda do acusador dos homens ante Deus. No futuro... perdeu para sempre seu posto.[7]

Poderia apresentar muitos argumentos para defender a historicidade das frases de Cristo.[8] Em todo caso, se as frases são autênticas, não representam uma luta contra um real Satã tentador, senão contra nós mesmos; e se somente fosse autêntica a de Lc 10,18, Cristo nos estaria dizendo que não existe tentador: "Perdeu para sempre seu posto" (Cristo nessa frase anuncia profeticamente a história do cristianismo: a vitória de Cristo sobre o pecado).

Segundo Marcos (10,18) só Deus é bom. O homem, através dos séculos, já herda um coração endurecido para as coisas de Deus e o convívio com outros homens ainda o endurece mais. Por isso não compreendem a revelação de Jesus os interesseiros representantes oficiais do judaísmo (Mc 3,28-30), os próprios parentes de Jesus (Mc 3,21), inclusive os discípulos que ele mesmo escolhera (Mc 6,52; 8,17s.; Lc 24,25).

7. Haag, *El Diablo. Su existencia...*, op. cit., p. 245.
8. Deixo este tema, necessariamente, para outro livro. Entrementes, poderão conhecer-se alguns dos meus argumentos, in Oscar G.-Quevedo, S.J., *Milagres...*, op. cit.

O "testamento" de Jesus não contém nenhuma prevenção contra o Inimigo, só a promessa do amor e fidelidade inquebrantáveis de Deus que nos chama e que nos ajudará a libertar-nos das nossas paixões para nos salvar mediante a união a Cristo (Jo 13,33; 17,26).

Metaforicamente Lucas atribui a Satanás a responsabilidade pela Paixão de Jesus:

"Satanás entrou em Judas... Ele foi conferenciar... sobre o modo de lho entregar" (Lc 22,3). "É a vossa hora e o poder das Trevas" (Lc 22,53).

Marcos, Mateus e Paulo, pelo contrário, atribuem a Paixão à vontade de Deus:

"Eu, Javé, ferirei o pastor e as ovelhas se dispersarão" (Mc 14,27; Mt 26,31); "Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue" (Rm 3,25). [Na realidade os culpáveis são Judas, os dirigentes do judaísmo, o homem que não obedeceu a Deus. Satã é um símbolo. Deus permitiu, respeitou o coração endurecido e obscurecido do homem; e da Paixão soube tirar a Redenção da humanidade (At 5,31) e a exaltação de Cristo (Jo 13,31).]

O realista e maduro critério bíblico e rabínico de que as tentações radicam na constituição do homem conservou-se entre os rabinos contemporâneos aos primeiros cristãos.[9] Com o tempo, sem argumentos, arrastados por lendas antigas, os teólogos cristãos o considerarão cândida impiedade. Scott, no século XVII, apesar de geralmente reagir contra a bruxaria, escrevia: "Penso que esses mercadores de feitiçaria e outros charlatães de inépcias são tão estúpidos de um lado, como os saduceus por sua parte são candidamente ímpios quando afirmam que os espíritos e demônios não são outra coisa que os movimentos e afecções que surgem na nossa psicologia".[10]

Como surgiu essa transformação?

O governo do mundo. A corrente mais difundida atribui a origem do mal e a desordem nas tendências humanas ao pecado de Adão e Eva, considerados como pessoas e não como símbolos de toda a humanidade. A intenção do autor sagrado não é, certamente, escrever uma história no sentido que hoje tem esta palavra. Por isso as figuras de Adão e Eva podem ter também um valor de protótipos da humanidade. Existe outra corrente "poética" ar-

9. Daniélou, *Message...*, op. cit.
10. Scott, *Discovery...*, op. cit., da edição de Nova Iorque, parte 8, 1, p. 115; cf. o apêndice: "A discourse upon devils and spirits", 31, pp. 386s.

raigada nas origens do cristianismo e, antes, em certa lenda judaica que, por sua vez, a tomou dos povos pagãos. A origem do mal em geral e das tentações em particular — mesmo a de Adão e Eva no paraíso — seria conseqüência da queda dos anjos rebeldes, isto é — entre os pagãos — dos derrotados na guerra dos deuses.

Os israelitas não reagiram diretamente contra o mito dos povos mesopotâmicos que identificavam os astros com deuses, os israelitas os povoaram com anjos. Alguns israelitas foram arrastados a adorar os astros, como os pagãos. Daí se passou a pensar que tais astros seriam maléficos, anjos caídos, demônios.

As potestades que governam os astros e o firmamento talvez inicialmente não fossem concebidas como seres angélicos reais, mas representação simbólica do próprio Deus. Miguel = "quem como Deus?", Gabriel = "homem de Deus", Rafael = "Deus cura" etc. parecem representações do próprio Deus. Da mesma maneira as potestades que governam o mundo, bem poderiam simplesmente representar a Providência Divina.

Com o tempo, o símbolo foi considerado realidade. Pensavam — judeus e cristãos — que cada astro e cada elemento da natureza era governado pelas potestades angélicas — deuses entre os pagãos. Na hierarquia ordenada dos anjos, Lúcifer ocupava o mais alto grau, sua natureza era a inteligência diretora de todas as potestades. Sob o impulso do amor divino e sob o comando ativo e coordenador de Lúcifer se dava a harmoniosa inter-relação de toda a Criação. Lúcifer era a "Alma do Universo", o "Príncipe deste Mundo"... Quando Lúcifer e multidão de potestades ou anjos subalternos trocaram o amor a Deus pelo amor a si mesmos, "o sempiterno amor que move o sol e as outras estrelas" se transformou em ódio, o bem se converteu em mal, Lúcifer se converteu no "Inimigo da Natureza Humana", identificou-se com o Diabo, Satã... Os anjos rebeldes, seus subalternos, se transformaram em diabos ou demônios.

Os filósofos medievais confirmaram: acontece que a ocupação de Lúcifer e das potestades não poderia ser arrancada sem aniquilação. Essa era sua função, e num anjo a função é sua própria natureza. Lúcifer continuaria necessariamente governando o mundo, para a perdição. O poder do mal, pessoal dos diabos, converteu-se no mal do universo. Físico e moral.

Muitas frases neotestamentárias, e dos primeiros escritores cristãos e de filósofos e teólogos escolásticos, falam do "Príncipe deste Mundo", das potestades, do governo do mundo confiado aos anjos e aos demônios, fala-se inclusive de que a morte de Cristo seria o resgate pago a Satanás.

Inspirações e tentações. De toda esta complexa mentalidade mágica elaborou-se o tema das tentações no judaísmo tardio e no cristianismo primitivo, alheios ou paralelos à tradição rabínica ortodoxa e bíblica.

Assim por exemplo, no *Testamento dos Doze Patriarcas* (*Test.* XII).

No apócrifo *Test.* XII percebem-se duas camadas. Um escrito judeu básico que procede do século II a.C., talvez anterior ao ano 180 a.C. E outra camada com interpolações dos primeiros cristãos. Possivelmente existem também ampliações judaicas posteriores a Cristo. [11]

Segundo *Test.* XII, o homem é disputado por dois grupos de espíritos, o dos anjos e o dos demônios. Na hora da morte, o esperarão os anjos do Senhor ou os demônios de Satã, segundo na vida se tenha deixado guiar por um ou outro grupo (*Test. As.* VI, 4).

No *Testamento de Judas* (*Test. Jud.*) põem-se bases míticas para o futuro conceito clássico cristão de tentação demoníaca e inspiração angélica, entre as quais o homem tem que se decidir: "Há dois espíritos que se ocupam do homem, o espírito da verdade e o do erro, e entre os dois se encontra a compreensão da inteligência que pode inclinar-se aonde quiser".

Com os "monges" da comunidade essênia, que viveu em Qunran de meados do século II a.C. até o ano 68 d.C., o conceito de luta entre demônios e anjos para conquistar a decisão do homem se completa e especifica.

Na *Regra da Comunidade* se lê: "Na mão do príncipe da luz está o senhorio sobre todos os filhos da justiça, que caminham pelos caminhos da luz. E na mão do anjo das trevas está o senhorio sobre os filhos da impiedade, que caminham pelos caminhos das trevas" (IQS III, 13-14, 26).

Os Santos Padres têm aí a base de toda a doutrina que nos transmitiram sobre as tentações e inspirações. Mas é "um caso singular no conjunto total do judaísmo". [12]

Os Santos Padres aos poucos acrescentam funções às potestades-demônios. Servem a Deus (Clemente de Alexandria, Orígenes, Atanásio, Agostinho) e também aos homens (Orígenes, Jerônimo, Ambrósio), e inclusive às cidades (Clemente de Alexandria, Jerônimo). Governam os astros (Orígenes principalmente), todas as coisas materiais, plantas e animais. Intervêm na criação de todos esses seres e inclusive do homem (Agostinho). Em tudo isso

11. Cf. F. M. Braun, "Les Testaments des XII Patriarches et le problème de leur origine" in *Revue Biblique*, n. 67, 1960, pp. 516-549.
12. Haag, *El Diablo. Su existencia...*, op. cit., p. 169.

fundamentar-se-á depois a bruxaria e magia. Por fim, anjos e demônios levam as boas e más ações da alma após a morte do corpo, perante o tribunal de Deus (Tertuliano, Orígenes).

Seria miopia — afirmam alguns teólogos, inclusive modernos — considerar só cientificamente a doença, o sofrimento e morte do homem, dos animais, das plantas, a destruição da natureza, o pecado. Seria miopia considerá-los como fatos impessoais. A explicação científica seria correta, mas incompleta. Em todo o mal está também presente — afirmam — o demônio.[13]

Mas todas essas teorias têm base só na "cultura" ou mito dos pagãos. Essa cultura não pertence à Revelação. Não é revelada. Na Revelação o mundo é governado unicamente por Deus. Junto à Divina Providência não existe a "providência dos demônios".

Os ídolos dos pagãos identificaram-se, após a tradução dos Setenta, com os demônios. Assim é compreensível que as perseguições nos primeiros séculos do cristianismo pelos pagãos, em defesa dos ídolos, tenham sido consideradas pelos cristãos como luta dos demônios contra Cristo.

A própria vida cristã converteu-se numa luta contra os demônios.

Grande é o mal porque grande é o respeito que Deus tem pela liberdade humana. Grande é o mal porque grandes são necessariamente as limitações das criaturas, nenhuma criatura é Deus, todas são limitadas, finitas, frágeis. Da liberdade e da limitação procede o mal.

Paganização da Bíblia. Orígenes recolhe e junta as duas correntes: o conceito rabínico e propriamente bíblico — sem mitos — e o conceito mítico dos pagãos. Unidos.

A teoria pagã de que as potestades — anjos e demônios — dirigiam todas — ou quase todas — as forças e acontecimentos do mundo e do homem, Orígenes a toma diretamente do *Testamento dos Doze Patriarcas* que cita nas suas *Homilias sobre Josué*.

As ações boas e as más podem ser inspiradas pelos anjos e demônios. Também podem surgir das nossas próprias tendências. E para Orígenes "de uma claridade fulgurante que existem certas transgressões que nós cometemos sem ser de alguma maneira possuídos pelas potências malignas. Enquanto que há outras que resultam do fato de que elas nos incitam sem reserva a seus desejos".

13. Cf., por exemplo, esta explicação posta na boca do místico por A. Alberico, A. Beni e outros, *Os maiores teólogos respondem*, São Paulo, Paulinas, 1968, pp. 69ss.

Nessas ações em que somos possuídos, agimos sob inspiração e também com a participação do anjo bom e do anjo mau. Esses anjos bons e maus são chamados "anjos de Deus" e "demônios de Satã":

O *Livro do Pastor* afirma... que cada um está provido (sic!) de dois anjos. Cada vez que bons pensamentos se apresentam em nosso coração, é que são sugeridos pelo bom anjo. E pelo contrário, os maus o são por instigação de um anjo mau. Barnabé fala no mesmo sentido na sua carta, onde diz que há duas vozes, a da luz e a das trevas... Os anjos de Deus são a voz da luz; os anjos de Satã são a voz das trevas.[14]

Outros conceitos pagão-ocultistas são aceitos por Orígenes. Alguns não grassaram posteriormente na tradição cristã, como o de que cada pecado estaria sob o controle de um diferente demônio.

Influência egípcia. A demonologia egípcia também influiu muito no cristianismo através dos monges do deserto, dos Santos Padres e escritores cristãos de origem egípcia. Africano do Norte, Agostinho, a respeito da frase evangélica, "o Diabo tinha posto no coração de Judas Iscariotes..." (Jo 13,2), comentava no começo do século V:

Pôr assim um pensamento no coração é uma sugestão de ordem espiritual. Tal pensamento não penetra pelos ouvidos; introduz-se diretamente no espírito. Resulta de uma voz que não é corporal, senão espiritual... Como as sugestões diabólicas podem introduzir-se de tal modo que o homem as creia suas? Quem poderá explicá-lo? Não há, porém, dúvidas de que as boas sugestões surgem da mesma maneira espiritual e inobservável, sob a influência do bom espírito.[15]

Temos assim as tentações definidas por Agostinho. As decisões moralmente más, as inclinações ao mal e as más ações não seriam originárias do próprio homem, seriam incutidas pelo demônio! Na realidade não se negava expressamente que *também* podiam ter origem no próprio homem. Unicamente o aspecto tentação ficou incutido na mente do povo cristão.

Sto. Antão. Mais concretamente teve influência destacada a vida de Sto. Antão, escrita ao que parece por Sto. Atanásio, bispo de Alexandria. Teve enorme difusão.

Destaca Quasten que Sto. Antão "considera a vida monástica como um martírio, e o monge como o sucessor dos mártires. Acre-

14. Orígenes, *De Principiis*, 3, 2, 3-4.
15. Agostinho, *In Joannem*. Cf. Migne, *PL*, op. cit., tomo 55, p. 4.

ditava ele que o mártir, nos sofrimentos, lutara contra Satanás; de igual maneira o monge havia de supor que sofreria uma guerra contínua com os demônios".[16]

Compreende-se a mentalidade mágico-demoníaca numa época em que os conhecimentos psicológicos eram rudimentares. Como poderiam os cristãos compreender as tentações de Sto. Antão? Sua vida foi escrita no começo do século IV. O jovem Antão decide abraçar a vida dos anacoretas.

Mas o diabo, inimigo do bem e invejoso, não suportou ver um tal propósito num homem jovem. Tentou executar o que maquinara contra ele: de início tentou fazê-lo abandonar a ascese, sugerindo-lhe a lembrança dos seus bens, o cuidado da sua irmã, suas relações de família, o amor à prata, o desejo de glória, o variado prazer dos alimentos, as outras satisfações da vida...

Quer dizer: estas dúvidas, lógicas antes de tomar uma decisão importante, esta reação do instinto perante a renúncia e o sacrifício são atribuídas ao demônio. Mas em que se diferencia esta luta com conotação moral das reflexões e da indecisão às vezes angustiosa (e mais angustiosa em pessoas neuróticas) antes de uma decisão necessária e importante em áreas exclusivamente econômicas, ou científicas, ou esportivas etc., absolutamente desvinculadas do aspecto moral?

Continua a vida de Sto. Antão:

Atacou o jovem perturbando-lhe de tal modo que os que o viam percebiam o combate. O diabo lhe sugeria pensamentos obscenos. Antão os repelia pela oração. O demônio o excitava. Ele, ruborizado, defendia seu corpo com a fé, as orações, os jejuns. O diabo, miserável, tomava de noite o aspecto de uma mulher, imitando-lhe os gestos com a intenção de seduzir Antão. Mas ele, pondo Cristo no seu coração, meditando sobre a nobreza que vem dele, sobre a espiritualidade da alma, apagava o tição dos enganos do demônio.

Não podiam os antigos explicar os recalques neuróticos e distúrbios psiquiátricos.

Menos ainda poderiam compreender os antigos o inconsciente humano quando além de por sintomas psiquiátricos se manifesta com fenômenos, ao menos em aparência, parapsicológicos:

Uma noite, entrando (Satanás) com uma tropa de demônios, o encheu de golpes (dermografia?) a ponto de pela dor deitar no chão, sem voz. (Em outra oportunidade) de noite, os demônios fizeram uma tal algazarra (tiptologia?) que tremia todo o local (telecinesia?). As paredes da pequena casa ficaram como quebradas. Os demônios fizeram irrupção metamorfoseados em bestas e répteis, ficando todo o lugar cheio de fantasmas de leões, de ursos, de leopardos, de touros, de serpentes, de répteis, de escorpiões e de lobos.[17]

Não podiam os Santos Padres, os teólogos, os cristãos explicar os fatos. Atribuíam-nos, como o espiritismo e outras seitas pseudo-religiosas de hoje, ao sobrenatural. Impossível não ver meros efeitos naturais nestas alucinações de Sto. Antão, acompanhados ou não de fenômenos parapsicológicos. Tudo explicável naturalmente. Não é preciso apelar para a intervenção do demônio.

Levantando-se viu uma besta, de aparência humana até as coxas, mas com as pernas e os pés como um burro. Antão limitou-se a se benzer e a dizer: 'Eu sou servidor de Cristo. Se foste enviado contra mim, eis-me aqui'. A besta com seus demônios empreendeu a fuga tão rapidamente que caiu e morreu. A morte da besta era a derrota dos demônios. Eles fizeram tudo para arrancar (Antão) do deserto, em vão.[18]

Compreende-se e poder-se-ia aceitar como um fenômeno de fantasmogênese, e não simples alucinação, a figura humilhante ("como um burro") e a morte do "demônio". A fantasia do santo podia plasmar ectoplasmaticamente seus medos e conceitos terrorificantes dos demônios, e poderia também fazê-los morrer. Uma coisa tão subjetiva como a outra. Não é possível que o tão vaidoso — como dizem! — Diabo insultasse a si mesmo; e igualmente contraditório seria que o Diabo, o chefe dos demônios, espiritual e imortal, pudesse morrer de raiva.

Volta às origens. É necessário descascar a Revelação dos mitos que a encobriam e voltar à tradição rabínica a respeito do pecado. O pecado é responsabilidade unicamente do homem. A Teologia do pecado sem Diabo foi exposta magistralmente pelo destacado teólogo jesuíta Pe. Schoonenberg.[19]

No começo, o Antigo Testamento apresenta o pecado como querido e até causado por Deus: evidentemente é uma exaltação da Divina Providência que permite e inclusive se serve do mau

16. Johannes Quasten, *Patrology*, 3 vols., Utrecht e Bruxelas, 1950, 1953 e 1960; tradução espanhola de Ignacio Onatibia: *Patrología*, 2 vols., Madri, BAC (Biblioteca de Autores Cristianos), 1961-2.

17. Atanásio de Alexandria (atribuído), tradução de B. Lavaud, *Antoine le Grand, Père des moines*, Friburgo-Lião, 1943, pp. 11-18.
18. Idem, ibidem, p. 67.
19. Schoonenberg, *Theologie*..., op. cit.

uso que o homem possa fazer da sua liberdade. Depois, explicando melhor o conceito, a Bíblia destaca a transcendência divina frente ao proceder humano em geral e ao pecado em particular.

Não é Deus, mas o homem o responsável. De fato, a própria Bíblia, que emprega muitas vezes a expressão de que é Iahweh ou o Anjo de Iahweh que induz os homens a pecar, também outras muitas vezes explica essa metáfora, esclarecendo que toda a responsabilidade é exclusivamente do homem.

Já na abertura a Bíblia destaca a dramática contraposição entre "Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom" (Gn 1,31) e do outro lado o pecado do homem (Gn 3). Foi o homem o culpado, pelo que entrou o pecado e o mal no mundo, e Deus teve que castigá-lo, e teve que remi-lo.

Mais adiante a dramática contraposição ao "Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom" se inculcará com o triste — e poético antropomorfismo:

> Javé viu que a maldade do homem era grande sobre a terra, e que era continuamente mau todo desígnio de seu coração. Javé arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e afligiu-se o seu coração... A terra está cheia de violência por causa dos homens (Gn 6,5s., 13).

Após o dilúvio, a desculpa que Deus pode encontrar no homem não é a de atribuir qualquer responsabilidade ao demônio — como inutilmente Eva teria pretendido no paraíso (Gn 3,13) —, mas a própria má inclinação dentro do coração humano: "Eu não amaldiçoarei nunca mais a terra por causa do homem, porque os desígnios do homem são maus desde a sua infância" (Gn 8,21).

Do coração brotam também as boas inclinações (Sl 51,12.18; 55,3; 119,2.10; Jr 4,4; 31,31-33; Ez 36,26; 4,29). É dentro do coração humano que se trava a luta entre o bem e o mal (cf. Is 1,6par.; Ef 1,18 par.).

É ao homem a quem Deus pede contas (1Rs 11,3-8; 12,28). Nessas passagens, como no adultério de Davi, e no assassinato de Urias (2Sm 11), como no pecado dos anciãos contra Susana (Dn 13,5-15), como em outras muitas oportunidades sempre se ressalta a responsabilidade do homem sem que seja possível atribuir a tentação à intervenção do demônio.

Mesmo quando o historiador, já nos livros mais tardios do Antigo Testamento, menciona Satã, é impossível destacar mais a exclusiva responsabilidade do homem e, por isso, o castigo imediato (2Cr 21,1).[20]

20. Cf. Haag, *El Diablo. Su existencia...*, op. cit., p. 149.

A "participação" de Deus no mal e no pecado consiste — ensina Schoonenberg — em que "*permite* existir um mundo no qual existe o mal, um mal que exerce sua atração sobre nós".[21]

A chamada tentação externa não procede de um ser pessoal, senão "personalizado" (Satã), na expressão de Schoonenberg.[22] Substituiu-se aquela ação divina realmente inexistente, só permissiva, pela ação de "Satã" igualmente inexistente.

O mal que nos atrai de fora de nós pertence à própria natureza, à qual nós também pertencemos e na qual vivemos. O consentimento a essa atração, o pecado, não vem de fora, senão do interior do homem, da própria liberdade do homem. "Liberdade quer dizer precisamente que não estamos determinados de fora, senão que nos determinamos nós mesmos de dentro."[23]

Pecado sem diabo. O teólogo da desmitificação, Rudolf Bultmann, não podia aceitar as tentações diabólicas. Seus argumentos neste tema concreto parecem evidentes. Demônios, Diabo ou Retores do Mundo são figuras míticas "postas a serviço da intelecção histórico-salvífica da relação de Deus e o mundo".[24] Na figura do demônio, se expressa a rebeldia do homem. Os poderes que tentam ao homem não são demônios reais, senão "a realidade na qual o homem está situado, como realidade de contradição e luta, como realidade ameaçante e tentadora".[25] Não é um ser extranatural. É o próprio homem e através do próprio homem a natureza na qual o homem está como imerso.

Bultmann insiste repetidas vezes que o pecado e a tentação prévia ao pecado nada têm a ver com demônios.[26] Quando a Bíblia fala em "escravidão sob o Diabo" quer dizer "escravidão sob o pecado".[27] Quando os escritores do Novo Testamento falam de que o homem deve escolher entre Deus e o Diabo, querem designar "a decisão de eleger a Deus ou ao pecado... entre a fé e a incredulidade".[28] Fé ou incredulidade com respeito somente a Deus. Trata-se da Revelação de Deus; não do Diabo!

21. Schoonenberg, *Theologie...*, op. cit., p. 69.
22. Idem, ibidem, p. 150.
23. Idem, ibidem, p. 123.
24. Rudolf Bultmann, *Theologie des Neuen Testaments*, 6ª ed., Tübingen, 1968, p. 500; tradução de Kendrick Grobel, *Theology of the New Testament*, Nova Iorque, Scribners, 1951-5.
25. Idem, ibidem, p. 259.
26. Rudolf Bultmann, "Das Verständnis von Welt und Mensch im Neuen Testament und im Griechentum" in *Glauben und Verstehen*, 5ª ed., Hamburgo, 1968, tomo II, pp. 59-78.
27. Idem, ibidem, p. 71; idem, *Evangelium des Johannes*, p. 203.
28. Bultmann, *Evangelium...*, op. cit., p. 240, idem, *Theologie...*, op. cit., pp. 259s.

Templos de Deus. "Permanecei em mim como eu em vós", diz Jesus Cristo aos que o seguimos. "Eu sou a videira, e vós os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele, produz muito fruto" (Jo 15,4-5). "Se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará, e a ele viremos, e nele estabeleceremos morada" (Jo 14,23).

Paulo desenvolverá depois admiravelmente a doutrina do Corpo (Místico) de Cristo.

Deus vive em nós pela graça santificante e nós participamos da vida divina. Nossas ações são ações divinas. Somos filhos de Deus e herdeiros da Bem-aventurança Eterna. A Igreja de todos os tempos ensinou este maravilhoso Dogma de Fé.

Morada dos demônios? Como Deus mora e vivifica o justo, os homens inventaram que o demônio, como outro deus, moraria e "mataria" o pecador!

Paulo afirmava: "Aquilo que os gentios imolam, eles o imolam aos demônios, e não a Deus. Ora, não quero que entreis em comunhão com os demônios" (1Cor 10,20).

Fundamentando-se erradamente nessa frase paulina, no começo do século III, ao que parece, um escrito sírio falsamente atribuído a Clemente de Roma, colocava na boca nada menos que de Pedro as seguintes horríveis palavras:

> Gostaria que tivésseis por certo que qualquer um, que a qualquer momento que seja, rendeu culto aos ídolos e adorou os que os pagãos chamam deuses, ou comeu das coisas que lhes tinham sido sacrificadas, *tem em si um espírito impuro*. Fez-se com efeito *hospedeiro dos demônios. Tem parte estreita com este demônio do qual tem formado a imagem no seu espírito*... Em diante não é mais livre. Tem necessidade de ser purificado pelo batismo, a fim de que o *espírito impuro seja expulso, esse espírito que tem feito sua morada* nos sentimentos mais íntimos da sua alma.[29]

Paulo naquela passagem falava em metáfora, referia-se aos ídolos, demônios mudos e inanimados, não a demônios pessoais e vivos!

O tema já se revestira de conceitos transcendentes para os essênios de Qumran. O homem não seria auto-suficiente e responsável. O homem seria o campo da luta entre o Príncipe do Bem e o Espírito do Mal, o Anjo da Luz e o Anjo das Trevas, que quereriam ser donos, por direito de posse, da alma humana.

Este conceito qumraniano parecia refletir-se na Epístola de Barnabé, e certamente no Pastor de Hermas, século II. Neles se fundamentara Orígenes.

Hermas se expressa assim, dramatizando, mitificando, adornando com mentalidade mágica as tendências humanas:

> Dois anjos *estão em cada homem:* o anjo da justiça e o anjo do mal... Considera agora as obras do anjo do mal... Quando *ele penetra no teu coração,* reconhece-o pelas suas ações... Quando te sintas invadido pela cólera ou amargura, sabe que *ele está em ti*... Os sentimentos (desordenados), quando se elevam no teu coração, é sinal de que *o anjo do mal está em ti.*[30]

Em *De Principiis,* Orígenes apresenta um "argumento" (?) por analogia com as chamadas possessões. As tentações que levam a pecados ou situações mais graves, seriam também possessões:

> Pode-se encontrar uma confirmação de que vícios tão enormes procedem dos demônios, em que aqueles que são atormentados, seja por um amor imoderado, seja por uma cólera que não podem dominar, seja por uma tristeza excessiva, não sofrem menos que aqueles que são atormentados no seu corpo pelos demônios. Fala-se, com efeito, de alguns que o amor os tornou loucos, de outros que sucumbiram no mesmo mal contra o que se irritavam, ou então, e seu número não é pequeno, porque eles haviam soçobrado na tristeza, ou ao contrário como resultado de uma alegria excessiva. Tudo isto se deve, segundo creio, a que essas potências adversas, quero dizer, esses demônios, tendo podido introduzir-se no espírito de quem lhes abriu a porta por falta de moderação, tomaram completamente possessão da natureza sensível, mormente porque a glória da virtude não se tem podido fazer sentir para resisti-los.[31]

A argumentação não é bíblica, nem teológica, nem sequer filosófica. É falsamente científica, por comparação com as inexistentes possessões. Os fatos que os antigos não podiam explicar explicam-se hoje perfeitamente nas neuroses, psicoses e outras perturbações psicológicas e parapsicológicas.

Das possessões às tentações. Clemente de Alexandria opôs-se à crença de que a imoderação e as más ações, por extremas que sejam, são produto e sinal da possessão demoníaca. E nega que semelhante teoria tivesse sido ensinada na Epístola de Barnabé.

29. Clemente de Roma, *Confessiones Clementinae,* 2, 71.

30. *Pastor de Hermas,* 6º preceito, 2.
31. Orígenes, *De Principiis,* 3, 2, 2.

Na realidade era uma aberração introduzida no cristianismo por influência dos gnósticos. Quando Barnabé fala de que, antes de acreditar em Deus, o coração é um templo de idolatria e morada dos demônios,

ele afirma que os pecadores realizam ações que estão em relação com os demônios, mas ele não diz que os espíritos mesmos habitem na alma do não-crente. Por isso acrescenta: 'Prestai atenção a que o templo do Senhor seja fundamentado gloriosamente'. Como? Ouvi: 'Tendo recebido o perdão de nossas faltas, posto nossa esperança no nome (do Senhor), sejamos novos, como recriados à origem'. Porque *não são os demônios que são expulsos de nós, são as faltas*, diz ele, que são perdoadas.[32]

Clemente não conseguiu evitar que se espalhasse no século III a supersticiosa interpretação demonológica: os pecados eram possessão demoníaca. Os pagãos eram possessos. Antes do batismo administravam-se os exorcismos aos catecúmenos.

Num escrito de Sto. Hipólito de Roma, prescrevia-se ao instrutor dos catecúmenos, leigo ou clérigo, que lhes impusesse as mãos todos os dias para expulsar os demônios. No fim do catecumenato, no Sábado Santo, o próprio bispo, "impondo-lhes as mãos", devia exorcizá-los. Os catecúmenos que continuassem nos seus pecados não poderiam ser admitidos ao batismo porque o demônio — "o Estrangeiro" — habita neles. "Se há alguém que não é puro, que seja excluído. Não escutou a palavra com fé, porque o Estrangeiro está sempre escondido nele".[33]

Hipólito considerava impuros e possessos do demônio "irremediavelmente", não aptos para receber o batismo, as prostitutas, os homossexuais, os eunucos, os magos e os adivinhos.[34]

Do mesmo modo que com os possessos-energúmenos, o costume de exorcizar possessos-pagãos-pecadores se conservou até poucos anos. Salvo em algumas regiões da Síria, onde a forte tradição baseada nos primeiros anos do cristianismo impediu que os exorcismos entrassem nos rituais do batismo dos ritos nestoriano e caldeo.[35]

E daí, às tentações: se o pecado é possessão demoníaca, a tentação é ação do demônio que pretende entrar!

Tais idéias, saturadas de mentalidade mágica e pré-científica, alastram-se sem reflexão teológico-científica através dos séculos.

32. Clemente de Alexandria, *Stromates*, II, capítulo XX, 117.
33. Hipólito, *A tradição*..., op. cit., cap. 20 (SC 11, pp. 48ss.).
34. Hipólito, *A tradição*..., op. cit., cap. 16.
35. Kelly, *Le Diable*..., op. cit., p. 58.

As "desolações", mesmo extremas, também não provêm do Diabo. Não são exclusivas do ambiente cristão. Em qualquer outra religião, em qualquer seita e pseudo-religião, os seus seguidores entusiastas sentem, mesmo até o exagero, tais desolações (e consolações) em grau máximo.

E se algum "demonófilo" quer ver a ação demoníaca por tratar-se de religiões e seitas não-cristãs, o mesmo acontece em qualquer outro ambiente, às mães com os seus filhos, às enfermeiras com os seus doentes, ao empresário com seus trabalhos. E às expressivamente chamadas no Brasil "macacas de auditório", talvez histéricas, com seus "ídolos", e aos torcedores de futebol, talvez cardíacos, não "endemoninhados".

De volta à bruxaria. Ainda hoje alguns teólogos (apesar de também psicólogos, como o Pe. Demal) insistem em outro argumento para diagnosticar uma "desolação" como proveniente do demônio. O falso argumento é muito freqüente entre diretores de almas:

Estas tentações podem-se facilmente distinguir dos pequenos aborrecimentos ordinários, pela sua duração e sua intensidade maior. O sacerdote..., se há ao menos uma possibilidade moral em favor da existência de uma obsessão, servir-se-á também, em privado e em segredo, do exorcismo.[36]

O Pe. Demal parece esquecer as obsessões neuróticas, idéias fixas, psicoses depressivas, catatonia, mania de delírios de perseguição, esquizofrenia ou paranóia e tantos outros distúrbios psíquicos hoje conhecidos e que explicam perfeitamente qualquer desolação por mais continuada e intensa que seja.

O Pe. Demal não considera o resumo que ele mesmo faz mais adiante, no seu próprio livro, sobre as neuroses. Não explica como pode diferenciar-se uma obsessão demoníaca que "se conhece pela duração e intensidade maior que os pequenos aborrecimentos ordinários", de uma obsessão neurótica que também se conhece "pela duração e intensidade maior que os pequenos aborrecimentos ordinários". São suas próprias palavras em ambos os casos.

Nos maníacos depressivos, são manifestas e exageradas as fases de "consolação" e "desolação". Na fase maníaca, minimizam e enfrentam as maiores dificuldades. Na fase depressiva, exageram

36. Willibald Demal, *Praktische Pastoralpsychologie;* tradução: *Pastoral psychology in practice*, Nova Iorque, 1955; tradução de Tarcísio do Nascimento Teixeira, *Psicologia Pastoral Prática*, São Paulo, Paulinas, 1968.

e sucumbem sob os mínimos empecilhos. Todos somos algo ciclotímicos. Quem não é doente pode, com a vontade, vencer as tendências psicológicas, maníacas ou depressivas, e adquirir cada vez maior equanimidade.

Contracorpo místico. Extrapolaram as expressões de João sobre o "Príncipe deste Mundo" (Jo 12,31; 14,30; 16,11) e de Paulo sobre Satanás, "o deus deste mundo" (2Cor 4,4). Alguns teólogos "demonófilos", a partir dessas frases, inventaram a existência de dois reinos, divino e satânico, que se combatem acirradamente entre si. Essa errada exegese enraizou-se sem reflexão na Teologia clássica. Com o pecado, os homens se filiariam sob a bandeira e no reino do Diabo.

As bênçãos seriam para expulsar das coisas materiais os demônios, pois também elas estariam permeabilizadas pelo Diabo no seu reino. No fundo, a heresia dos maniqueus, albigenses...

Modernamente (!) Scheeben defendeu amplamente tal "divinização" antividina do demônio.[37] Foi Frank-Duquesne quem empregou a não menos odiosa expressão "contracorpo místico" de Satanás.[38] Assim, Satanás agiria pelo pecador — explica Winklhofer —, "atua através dele como através de um órgão, para semear o caos na criação".[39]

Para os "demonófilos" de hoje a "antigraça" satânica estaria correndo pelas veias dos órgãos — os pecadores — do contracorpo místico. Também todo o mundo material e toda a história da humanidade estaria "demonizada". Na desorbitada expressão de Semmelroth, "os maus espíritos governam o mundo e tudo quanto nele acontece, como uma alma má"; os demônios são a alma do mundo, como a alma humana o é do seu corpo![40] "Afirmo que o mundo está possuído por Satã", dizia Lutero.[41]

Todos esses conceitos são extrapolações um tanto subjetivas de determinados textos bíblicos. Pressupõem o poder e atividade de Satanás, anjo caído e inimigo de Deus. Mancham a Transcendência e Providência Divina com uma ação diabólica paralela. Consideram o efeito moral do pecado na alma como uma entidade real, a antigraça diabólica, e não só como ausência da graça santificante divina. Fazem do Diabo um deus lutando quase de igual para igual com Deus. Até vencendo a Deus e esvaziando a Redenção e a conquista, por Cristo, do homem e da história. Chegam inclusive a fazer do Diabo um deus tão necessário como o próprio Deus: "É difícil crer em Cristo sem crer ao mesmo tempo no seu adversário, o demônio", na absurda expressão de A. Lefèvre[42] endossada por Winklhofer.[43] Todos esses conceitos, que chegaram a ser bastante freqüentes na Teologia católica,[44] devem ser revisados.

Identificar nossos pensamentos "maus" com inspirações de demônios, e o pecado com demônios morando na alma exigiria provas apodíticas. Não pode ser aceita, porque não tem argumentos em seu favor. Trata-se de dramatização das tendências na mesma pessoa, ou mesmo de diversidade de caracteres em pessoas diferentes.

Aceito contra Bultmann a ação da Divina Providência; concordo com ele com referência aos demônios. Hoje

o homem se entende tão dividido como o entendia o Novo Testamento, como se poderes estranhos pudessem intervir no seu interior. (Mas no certo está quem) atribui a si mesmo a unidade interior de suas ações e situações. E a pessoa que imagina em si toda esta unidade perdida pela intervenção de poderes demoníacos ou divinos é chamada esquizofrênica.[45]

DIVINA PROVIDÊNCIA E "PROVIDÊNCIA DEMONÍACA?"

Natural e providencial. Um fato intrinsecamente natural pode ser especialmente utilizado pela Divina Providência.

Deus pode se servir dos meios naturais. Em definitivo, "os perfeitos, pela assídua contemplação e iluminação do entendimento, consideram, meditam e contemplam mais que Deus Nosso Senhor está em cada criatura por sua própria essência, presença e potência".[46]

---

37. M. Scheeben, *Handbuch der Katholischen Dogmatik,* Freiburg-in-Breisgau, 1879 e 1961, tomos III-IV, pp. 744s.
38. A. Frank-Duquesne in Jésus-Marie, *Satan,* op. cit., pp. 255-258, 300, 302.
39. Winklhofer, *Traktat...,* op. cit., pp. 84s.
40. Semmelroth, *Glauben...,* op. cit., p. 355.
41. Martinho Lutero, *Werke. Kritische Gesamtausgabe,* Weimar, 1883ss., 43, 123.
42. A. Lefèvre, in Jésu-Marie, *Satan,* op. cit., p. 13.
43. Winklhofer, *Traktat...,* op. cit., p. 63.
44. Haag, *El Diablo. Su existencia...,* op. cit., pp. 50-52.
45. Rudolf Bultmann, *Kerigma und Mythos,* 5ª ed., Hamburgo, 1957, tomo I (pp. 15-43: "Die Entmythologisierung der neutestamentlichen Verkündingung als Aufgabe"), p. 19. Há tradução espanhola: *Jesucristo y la mitologia.*
46. Inácio de Loyola, *Ejercicios Espirituales;* tradução de Francisco Leme Lopes, S.J., *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola,* Rio de Janeiro, Agir, 1968, n. 39, 2a.

Perante esta ação conjunta da natureza e da Divina Providência, a norma prática de Sto. Inácio de Loyola é perfeitamente lógica dos pontos de vista natural e sobrenatural: "Agir como se tudo dependesse só de nós, e esperar como se tudo dependesse só de Deus". Juntar o divino e o humano. A ação humana à ação da Divina Providência.

E o Diabo?:

O discernimento dos espíritos. Cristo alertava: "Guardai-vos dos falsos profetas que vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes". E ensinava a distinguir os falsos dos verdadeiros profetas: "Pelos seus frutos os conhecereis. Por acaso se colhem uvas dos espinheiros ou figos dos cardos? Do mesmo modo, toda árvore boa dá bons frutos, mas a árvore má dá frutos ruins" (Mt 7,15; cf. Lc 6,43-45).

Cristo falava dos falsos profetas, mas na cultura cristã se aplicou a norma de discernimento dos profetas ao discernimento das "inspirações de espíritos", bons e maus, anjos e demônios.

Entre as regras de discernimento de espíritos, as "22 Reglas para ... discreción de espíritus" de Inácio de Loyola são mais representativas.[47] Muitos teólogos de alto nível e mestres ou diretores espirituais[48] vieram libar nestas sete páginas incluídas no pequeno livro dos *Exercícios Espirituais*.[49] As normas apresentadas por Sto. Inácio não são originais. Contra o que sempre pensaram os jesuítas. Os primeiros historiadores da Companhia de Jesus transmitiram que o discernimento dos espíritos teria sido pouco menos que ditado a Sto. Inácio pelo próprio Deus nas revelações junto ao Cardoner.[50] Na realidade Sto. Inácio recolhe o mais aproveitável entre o conservado por certa tradição demonológica.

As regras de discernimento — as de Sto. Inácio como quaisquer outras — parecem partir do *pressuposto* que existem tentações e enganos demoníacos. Sem mais reflexão.

O demônio não faz milagres. Mas análoga à Providência Divina há uma paralela "Providência do Demônio"? Pode haver "providência diabólica"?

A pergunta se desdobra em duas, em dois aspectos:

1º) Pode o demônio participar dos mesmos efeitos que surgem na natureza? O efeito seria o mesmo; a causa, dupla, "conjunta".

2º) Pode o demônio servir-se dos fenômenos naturais? Sendo o fenômeno natural, a ação do demônio seria indireta, imperceptível.

Nestas duas hipóteses teriam sentido as regras de discernimento dos espíritos.

1) Tentações naturais e demoníacas conjuntamente? 1.º passo na análise.

Na religião de Zaratustra, se contrapunham o "santo espírito" (*spenta manyu*) e o "mau espírito" (*angra manyu*). Eles, gêmeos procedentes do supremo Deus, criaram juntos o mundo. O "santo espírito" tem a responsabilidade da vida, do bem; e o mau

---

47. Idem, ibidem, n. 313-336.

48. Entre a bibliografia mais clássica ou fundamental sobre o discernimento — além da que irei citando neste capítulo, cf. Achille Gagliardi, *Commentaria seu explanationes in Exercitia Spiritualia*, Bruges, Desclée, 1882, pp. 107-197; Jacobus Nonel, *Ars ignatiana animorum ad Deum per Xtum, adducendorum*, Barcelona, 1888, pp. 94-114 e 149-155; J. M. Aicardo, *Comentario a las Constituciones de la Compañia de Jesús*, Madri, 1920, tomo II, pp. 579-677; Walter Sierp, *Discernimento dos espíritos* (tradução do alemão), São Leopoldo, 1945; Albert Valensin, *Initiation aux Exercices Spirituels*", 1940, pp. 167-188 e 321-338; Maurício Meschler, *Sentir con la Iglesia y Discernimiento de espiritus*, Buenos Aires, 1943; Antonio Oraá, *Ejercicios Espirituales*, Madri, 1947, pp. 1121-1172; H. P. Bullaye, *Exercices Spirituels*, 2 vols., Paris, 1954, pp. 263-301s., 219-222; Pietro Orsini, *Miniera Ignaziana*, 2 vols., Milão, 1950, vol. I, pp. 129-136; vol. II, pp. 771-779; Casanovas, *Ejercicios Espirituales de San Ignacio*, Barcelona, 1954, pp. 525-569; entre os artigos destaco Lefèvre, "Direction et Discernement des esprits" in *Nouvelle Revue Theologique*, Tournai-Louvain-Paris, 1879ss., n. 78 (1956), pp. 673-686; Eusebio Hernández, "La discreción de espíritus" in *Manresa*, n. 28, 1956, pp. 233-252; Olphe-Gaillard, "S. Ignace, maître spirituel" in *Revue Ascétique et Mystique*, 1956, pp. pp. 113-127; idem, "Direction spirituelle", ibidem, 1957, pp. 339-346 e 462-467; 1958, pp. 105ss.; Marty, "Le discernement des esprits en Origène", ibidem, 1958, pp. 147-164, 253-274; Charmot, "Discernement des esprits et direction" in *Christus*, 1955, n. 5, pp. 29-38; idem, "Discernement des esprits", ibidem, 1954, n. 5; Luís González, S.J., e Ignacio Iparraguirre, S.J., *Ejercícios Espirituales. Comentario pastoral*, Madri, BAC, 1965.

49. Não se conserva o original autógrafo dos Exercícios, escrito em espanhol da época. Mas se conservam muitas reproduções. Em vida de Sto. Ignácio se fizeram duas traduções ao latim. A primeira, *Exercitia Spiritualia*, chamada "versio prima", parece ter sido feita pelo próprio santo. Mau latim e cheio de espanholismos. A segunda, em perfeito latim humanístico, foi encomendada ao Pe. André de Ereux, ou Frosius latinizado, chamada "vulgata", foi a submetida à aprovação pontifícia. Neste livro, utilizarei em geral a tradução de Lopes, *Exercícios Espirituais...*, op. cit.

50. Pe. Nadal, S.J., "Diálogos" in *Monumenta Historica Societatis Jesu*, n. 8, FN II, 239; Polanco, S.J., "De vita P. Ignatii", ibidem, n. 16, FN II, 526.

espírito, do que não é vida, do mal. Entre essas duas divindades inimigas entre si, todos os homens tomam partido, agrupando-se em dois exércitos.[51] (Como depois dirá Inácio de Loyola: sob a bandeira do Supremo Capitão dos bons, ou sob a bandeira do supremo capitão dos maus.)

O Altíssimo não intervém nem para o bem nem para o mal, segundo Zaratustra. A transcendência de Ahura Mazda paira sem contato sobre todos os acontecimentos deste mundo. Ahura Mazda criou o bom e o mau espírito e eles são que governam o mundo.

Tal transcendência diminui a Deus. Suprime a imanência. A Divina Providência não alcançaria a criação. Exalta-se assim excessivamente a figura dos gêmeos, o bom e o mau espírito.

Zaratustra não atribui ao bom ou mau espírito as tentações dos homens. Os homens são os responsáveis por suas eleições entre a bandeira do bem ou a bandeira do mal. A idéia de que os maus fazem o mal sob o influxo ou pela tentação do mau espírito é alheia ao pensamento de Zaratustra.[52]

Nesse erro a humanidade só mais adiante vai deslizar. Junto às tentações que surgem exclusivamente de nós mesmos, haveria outras que são naturais e conjuntamente provocadas pelos demônios. A tentação e também o próprio pecado.[53] Eles e nós.

Deus e o Diabo unidos. Um texto freqüentemente citado é: "Hão de surgir falsos messias e falsos profetas que apresentarão grandes sinais e prodígios de modo a enganar, se possível, até mesmo os eleitos. Eis que eu vo-lo predisse" (Mt 24,23-25).

O texto se explicaria por outro muito semelhante, mais explícito, de Paulo:

> A vinda do ímpio[54] será assinalada pela atividade de Satanás, com toda a sorte de portentos, milagres, prodígios mentirosos, e por todas as seduções da injustiça para aqueles que se perdem, porque não acolheram o amor da verdade, a fim de serem salvos. É por isso que Deus lhes manda o poder da sedução, para acreditarem na mentira e serem condenados, todos os que não creram na verdade, mas antes consentiram na injustiça (2Ts 2,9-12).

É possível que esteja incorretamente traduzido. No original Paulo parece que mitiga um pouco a expressão: a ação do anticristo não seria "pela atividade de Satanás", mas pelas próprias forças do anticristo, simplesmente "à semelhança de Satanás".

Diz-se que são feitos "pela *atividade de Satanás*", mas igualmente se afirma que "Deus lhes manda o poder da sedução". Satanás é aqui a personificação dos *homens* ("falsos Messias e falsos profetas") que pregam as *doutrinas falsas* e que fazem *falsos milagres*.

Com destaque entre outros "demonófilos", Lutero unificou notavelmente a providência diabólica e a Divina. No seu conceito de providência do Diabo, Lutero chegou até o absurdo. A providência do Diabo não estaria simplesmente subordinada ao que Deus lhe permite, mas seria um instrumento da Vontade Divina. Como Deus age em tudo, incitaria e agiria também no Diabo. Não é só imanência, permissão em razão do bem, seria Ação Divina na ação do Diabo. Deus faria o mal através do Diabo e do ímpio ("Movit etiam et agit in Satana et impio").[55]

Entre os protestantes, após longo período de fé na atividade do Diabo, reagiu principalmente Schleiermacher, introduzindo uma Teologia na qual já não figurava o Diabo. Após a primeira Guerra Mundial e como conseqüência da "volta a Lutero", lamentavelmente se repetem os absurdos do reformador a respeito da ação de Satanás.

Segundo o esquema mental de Lutero, Deus como mandante e colaborador, seria o responsável e o autor principal do mal.[56] E de fato, Lutero lança "em rosto" a Deus que se apresente com a máscara de Satã. Lutero reclama de Deus que se faça Diabo. Chama a Cristo de Diabo: "O Diabo contra meu Diabo ("Diabolus contra meum Diabolum"); Cristo é "o Diabo dos diabos" ("Diabolus diabolorum").[57] Ao explicar o salmo 117, escreve:

> A fidelidade e veracidade de Deus deve ser sempre antes uma grande mentira, antes de ser verdade. Deus não pode ser Deus, sem antes fazer-se Diabo. Com efeito, tudo quanto Deus diz e faz deve ter dito e feito o Diabo... Eu sei perfeitamente que a palavra de Deus tem que converter-se numa grande mentira em mim, antes de ser verdade. Tenho de deixar por um pouco de tempo que o Diabo desfrute da divindade, e que a nosso Deus se lhe atribua ser Diabo.[58]

É absurda tanta exaltação do Diabo até equipará-lo com Deus. Segundo Lutero ou segundo os "demonófilos" de todos os tempos.

Psicólogos de renome concluem que Lutero "transferiu seu complexo de angústia neurótico de Deus a Satã". Assim se expres-

51. G. Widengren, *Stand und Aufgaben der iranischen Religionsgeschichte*, Leyden, 1955, p. 77.
52. Wesendonk, *Das Weltbild...*, op. cit., pp. 83s.
53. Orígenes, *De Principiis*, 3, 2, 3.
54. O Anticristo nem sempre é um indivíduo, senão também uma seita (ou seitas), doutrina, multidão de pessoas...
55. Lutero, *Werke...*, op. cit., 12, 709.
56. Haag, *El Diablo. Su existencia...*, op. cit., p. 57.
57. Lutero, *Werke...*, op. cit., 40, I, 276, 279.
58. Idem, ibidem, 31, I, 249s.

sou Reiter, considerando tal reação como gravemente doentia, loucura.[59] O Dr. Erikson tem plena certeza de que Lutero "desenvolveu uma fobia ao Diabo; fobia que, com a ambivalência típica dos estados obsessivos, foi pouco a pouco incluindo o temor de que o Supremo Bem, a radiante figura de Cristo, fosse um engano do demônio. Começou a temer a Cristo... a ver nele a quem, cheio de ódio, só quer castigar".[60]

O mecanismo das tentações "conjuntas". A Teologia admitiu a providência demoníaca e a conservou. Sem reflexão.

Era a tese dos grandes mestres. Agostinho explica o "mecanismo": assim "como todo movimento do espírito afeta o corpo de alguma maneira", assim também, quando os órgãos corporais

são secretamente acordados ou estimulados, fazem nascer pensamentos e sonhos no nosso espírito..., e isso se faz com uma maravilhosa facilidade. O que pode fazer nosso corpo, nascido da terra e por conseqüência tão tosco... é quase incrivel. Esses seres (os demônis) dotados de um corpo aéreo (!?) ou etéreo (!?), podem agir com grande poder sobre nossos corpos, com a possibilidade de introduzir-se neles. Não é irracional supor que são capazes de provocar os movimentos que querem com muita facilidade. É assim que, sem perceber sua ação, nós somos afetados pelos resultados disso.[61]

Sto. Tomás precisa que a ação dos demônios para provocar maus pensamentos seria sobre os fluidos internos ou humores.[62] Não sobre os órgãos externos, porque uma ação direta sobre estes últimos provocaria muita dor![63] Sto. Tomás também não aceitava que os demônios pudessem agir diretamente sobre a alma ou suas potências de vontade, inteligência...

Outros afirmarão justamente o contrário.

Na barafunda de opiniões, o único que se tira a limpo é que não existe base. Curvado pelos anos, pela experiência e pelo sincero reconhecimento de que com o método teológico não se deve argumentar no campo da ciência, escrevia Agostinho: "Eu falei a respeito de uma matéria muito obscura com mais segurança e de um modo mais positivo do que haveria devido fazê-lo".[64]

59. P. J. Reiter, *Martin Luther: Umwelt, Charakter und Psychose*, 2 vols., Copenhague, 1941, vol. II, p. 336.
60. Erikson, *Der junge Mann Luther. Eine psychoanalitische und historiche Studie*, Munique, 1958, p. 162.
61. Agostinho, *Epistolae*... Cf. Migne, *PL*, op. cit., 9, 3.
62. Sto. Tomás, *De Malo*, 16, 11.
63. Cf. também Sto. Tomás..., *In Setentias*, 2, 8. 1. 5.
64. Agostinho, *Retractationes*. Cf. Migne, *PL*, op. cit., 2, 56.

2) "Providência diabólica"? 2.º passo na análise das tentações: nos textos bíblicos a respeito do anticristo estar-se-ia profetizando uma intervenção indireta, imperceptível, "providencial" do demônio, *servindo-se* dos pensamentos naturais.

O mito pagão transformou-se na queda dos anjos governadores do Universo. Governo diabólico do mundo. Também os homens seriam governados pelos demônios (e espíritos-guias). O mito de que cada homem teria seu demônio inimigo era defendido ainda recentemente por teólogos que, por outros motivos, tinham grande prestígio. Assim, por exemplo, Scheeben[65] e Lercher.[66]

Muitos teólogos afundaram nessas águas. Raros os "milagres" ou intervenções diretas do Diabo, mas o governo "providencial" seria freqüentíssimo, habitual!

Com referência ao "anticristo" moderno, o espiritismo, diz, por exemplo, o Pe. Arrighi, dominicano, professor de Teologia em Bolonha para todos os dominicanos da Itália: "Mesmo deixando bem estabelecido que na maioria dos casos e dos fenômenos mediúnicos mais comuns estejam somente em jogo forças naturais, devemos admitir no espiritismo (tanto na doutrina como na sua prática) o influxo diabólico, que é direto ocasionalmente, indireto sempre".[67]

O Pe. Monden, S.J., não aceita os milagres ou ação direta do demônio, mas não se atreve a rejeitar a ação providencial, indireta. (Mais ainda, em contradição com a rejeição dos milagres demoníacos parece aceitar a tentação direta!):

O demônio serve-se de múltiplas cumplicidades: a concupiscência, a dor, a doença, a morte e todas as conseqüências do pecado original e dos pecados pessoais... De tudo se servirá para sugestionar o homem e pôr-lhe armadilhas... Se o demônio tem alguma ação sobre o mundo sensivel e sobre a alma humana, é exclusivamente pela sugestão e a tentação.[68]

A providência espírita. Por sua parte, sempre com seu otimismo anticientífico ou subjetivismo sem provas, os autores espíritas acreditam na providência dos "espíritos-guias". Há alguma diferença entre a teoria da providência espírita e a teoria clássica da providência demoníaca? "Demonófilos" e espíritas concedem a

65. Scheeben, *Handbuch*, op. cit., tomos III-IV, p. 746.
66. L. Lercher, *Institutiones Theologiae Dogmaticae*, 3ª ed., Insbruck, 1942, tomo III, p. 468.
67. Giovanni M. Arrighi, *Spiriti e spiritismo moderno*, 3.ª ed., Turim e Bolonha, Borla, 1954 e 1957; uso a edição de 1954, p. 283.
68. Monden, *El Milagro*..., op. cit., pp. 139s.

mesma influência aos demônios e aos espíritos na história do mundo. Os demônios seriam os espíritos dos mortos.

A Divina Providência é substituída completamente pela providência desta espécie de demônios do espiritismo. Não é Cristo o único Senhor da História. Senhores são os "guias". Provavelmente em nenhuma outra nação nem em nenhuma outra época se tenha chegado às pretensões dos espíritas brasileiros.

O líder mais prestigiado pelos espíritas brasileiros, Chico Xavier (Francisco Cândido Xavier), teria psicografado sob a inspiração do espírito do romancista Humberto de Campos o livro *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho.*

"Pátria do evangelho" por quê? O Gen. Duílio Lena Bérni, além da sua coluna espírita no "Correio do Povo", de Porto Alegre, acaba de publicar um livro explicando o porquê. [69]

Jesus... Bem, a coisa não é tão simples: Jesus, após a morte, não ressuscitou; o espírito de Jesus antes de reencarnar não sabemos em quem, atribuiu a um outro espírito, o espírito de Ismael bíblico — já sucessivamente reencarnado em várias outras pessoas —, a missão de transplantar para o Brasil a árvore do seu Evangelho.

Chico Xavier... Bem, também um tanto mais complicado: o espírito desencarnado de Emmanuel, senador romano dos tempos de Cristo e que teria reencarnado no Pe. Nóbrega, agora de novo desencarnado, escreveu, psicografado por Chico Xavier, o prólogo do livro do General Bérni.

É complicado saber se o antigo espírito de Ismael, após várias reencarnações que desconhecemos, continuou com a sua missão, ou se antes de reencarnar terá encomendado a outros espíritos desencarnados, para estes por sua vez encomendar a outros...

Meio complicada essa providência espírita!! Claro que Chico Xavier e Herculano Pires, na novela "A Viagem" da rede Tupi de TV, já nos explicaram que, no além, os desencarnados dispõem de tudo... Até, sem dúvidas, dos computadores necessários para poderem cumprir sua providência espírita!

Os espíritos-guias revelam nesse livro sensacionais detalhes de sua "espirítica providência" sobre o Brasil. Na viagem de Pedro Álvares Cabral "sob o comando do espírito do Infante Dom Henrique, fundador da Escola de Sagres, uma falange de espíritos bons aproveitara todos os (espíritos dos) ascendentes da tripulação. Quando havia possibilidade de um espírito bom transmitir vibrações positivas, ele o fazia, com o objetivo de não arrefecer o ânimo de ninguém". Assim nenhum tripulante deu trabalho ao grande comandante. Os espíritos desencarnados inspiravam ao próprio líder da pequena esquadra portuguesa sonhos constantes com a Terra da Santa Cruz. Por isso comandante e tripulantes sempre estiveram animados, durante toda a longa e monótona viagem, a descobrir novas terras.

69. Duílio Lena Bérni, *Brasil, mais além*, Porto Alegre, 1981.

Explicam também os espíritos-guias que não houve mérito nenhum em que o Brasil conservasse sua unidade territorial, enquanto o resto da América Latina se viu dividida: era uma necessidade imposta pela espirítica providência. O Brasil tinha a missão imposta pela providência dos desencarnados, era "a pátria dos Evangelhos". A unidade territorial foi conseguida do além, imposta ao Brasil, era uma "necessidade para melhor desempenhar sua missão de líder espiritual" do espiritismo mundial.

Em outro capítulo deste "grande mestre e profundo conhecedor do espiritismo" — assim considerado pelos espíritas —, os espíritos-guias nos ensinam que Tiradentes também não teve nenhum mérito. Sua morte foi outra imposição da providência (sempre fatalista) dos guias.

Vamos ver se consigo expor o emaranhado de desencarnações e reencarnações: os espíritos-guias revelam no livro que Tiradentes em outra encarnação fora um terrível inquisidor. Sua morte, na reencarnação como Tiradentes, foi para pagar aquele grande erro da reencarnação como inquisidor. Arrependido, quando desencarnado da reencarnação como Tiradentes, por ter perseguido demônios (espíritos desencarnados) quando reencarnado como inquisidor, decidiu ajudar como espírito desencarnado servindo-se da providência dos desencarnados ao país mais infestado de espiritismo e reencarnacionismo.

Também D. Pedro I nenhum mérito teve ao proclamar a Independência. D. Pedro I era médium sem o saber. Sua atitude foi uma imposição do espírito desencarnado de Tiradentes. A atitude de D. Pedro não foi nem meritória nem inesperada, "uma vez que já havia a vontade dos desígnios superiores" da compulsória providência espírita.

Chico Xavier — bom, toda essa parafernália de espíritos desencarnados e guias do psicógrafo mineiro — é ainda mais ambicioso no prólogo do livro do General Bérni: não é só o Brasil. É todo o mundo: "A história do mundo está compilada e feita. Nossa contribuição será a tese religiosa, elucidando a influência sagrada da fé e o ascendente espiritual (isto é, da providência espírita) no curso de todas as civilizações terrestres".

Quem conheça o famoso samba perguntará se esta nova história do Brasil — e do mundo — que nos revela Chico Xavier, é história, estória, ou "Samba do Crioulo Doido"...

Tanto a teoria de providência demoníaca como a espírita, tudo sem a mínima prova, tudo fatalista e contra a responsabilidade humana.

Influxo na Psicologia. Benedetto Gioia (pseudônimo do Prof. Vittorio Macchioro), do "L'Osservatore Romano" pretende refutar a conclusão de Mackenzie, famoso parapsicólogo, a respeito do espiritismo. Mas se depomos o manifesto apriorismo, o teólogo confirma a tese do parapsicólogo.

Mackenzie expõe que todos os fenômenos chamados espíritas são "entre os vivos", não tendo cabimento a mediunidade com os mortos.

Gioia "refuta":

> Admitindo que em nós dorme um Eu bárbaro, opaco, instintivo, e admitindo a intervenção de forças maléficas (isso é que haveria de provar!), parece suficientemente lógico (?) admitir que esse pequeno trabalho próprio deste Eu bárbaro, primordial, se presta muito bem ao jogo delas (as forças do demônio!), com preferência ao Eu culto, consciente, iluminado, civilizado, que muito menos facilmente cairia preso delas. No fundo, quem bem olha, verá que esta distinção em dois EU, um inimigo do outro, tão perfeitamente posto em claro pelos modernos psicanalistas, dos quais um é o tentador e o outro, o tentado, nenhuma outra coisa é que a descrição da luta entre o Mal e o Bem (assim, com maiúsculas!), entre Satanás e Deus, luta que a Teologia afirma.[70]

A bem dizer, "quem bem olha" vê que essa absurda luta entre Satanás e Deus que certa Teologia apresenta para explicar certos fatos, nenhuma outra coisa é, na verdade, que "os dois Eu tão perfeitamente postos em claro pelos modernos psicanalistas".

O destacado parapsicólogo católico, Assaily, após reconhecer perfeita e completa a explicação parapsicológica da mediunidade, da possessão diabólica, da histeria demonológica ou espírita etc., pretendia (no Congresso Internacional de Parapsicologia de Saint-Paul-de-Vence) que

> quando nós declaramos que a doente... é uma histérica e que aquilo é sem dúvida a tradução das suas imagens mentais, não pretendemos descartar a hipótese de uma ação demoníaca. Negar, em nome da mitomania, toda possibilidade de intervenção daquele que tem sido chamado o pai da mentira é simplesmente absurdo. O mecanismo não é o agente. É "justamente na coordenação do que é natural onde Satã atua" como disse Romano Guardini.[71] O natural é patológico nestas pessoas. A doença não nos permite descartar, *a priori*, toda hipótese de ação daquele (o Diabo) que se aproveita do desequilíbrio, quando não o causa.[72]

Resíduo oriundo do lastro secular na Teologia. Não devem misturar-se Teologia e Ciência.

A sã Teologia, pelo contrário, está contra que se considere sobrenaturais fenômenos susceptíveis de explicação natural.

Seria pressupor precisamente o que deveria provar-se: que "o demônio atua na coordenação do natural", que "o demônio se aproveita do desequilíbrio". É preconceito que "o pai da mentira" se disfarce sob véu de desequilíbrios patológicos naturais. É "simplesmente absurdo" aceitar que o demônio se imiscui em fatos perfeitamente diagnosticados como histeria, mitomania, "projeção das próprias imagens mentais" etc.

Quercy, no seu clássico livro sobre as alucinações, defende que algumas destas podem explicar-se por diversos mecanismos fisiológicos e psicológicos. Mas assim como podem ser aproveitadas e até completadas por Deus, também o poderiam ser pelo demônio para tentar os homens!

Aceitamos a Divina Providência. Aceitamos manifestos milagres, efeitos que claramente requerem uma causa sobrenatural; podem observar-se cientificamente em ambiente religioso divino. Mas em que se fundamenta a pretensão de que existe uma providência demoníaca?

Quercy contraditoriamente assegura que os especialistas têm regras certas para diferenciar uma alucinação meramente natural de outra demoniacamente providencial.[73] Como pode haver uma regra certa de sobrenaturalidade quando todos os fatores ou elementos do fenômeno são naturais? Nenhuma certeza há em todas as regras de "discernimento de espíritos" (excelentes normas *psicológicas*).

---

70. Benedetto Gioia in *Metapsichica*, 1946, julho-dezembro, pp. 299ss.; idem, *Il gioco di Satana*, Roma, Palombi, 1955.

71. Romano Guardini, *Le Seigneur*, 2 tomos, Alsatia, 1945, tomo I, p. 52.

72. Alain Assaily, "Contribution à l'étude de la médiunité" in Robert Amadou (ed.), *La science et le paranormal* (atas do Congresso de Parapsicologia de Saint-Paul de Vence), Paris, I. M. I. (Institut Metapsychique International), 1955, p. 298.

73. Pierre Quercy, *Les hallucinations*, Paris, Alcan, 1936, p. 146.

Até hoje os defensores das tentações demoníacas continuam considerando como clássico e válido o estudo de Scaramelli sobre discernimento de espíritos. O estudo publicado em 1753,[74] ótimo como norma psicológica, no sentido demonológico é antiquado, cientificamente infundado.

Obras mais recentes[75] pretendem concluir que "a Igreja, ao longo dos séculos, com incomparável destreza espiritual e serena discrição" soube distinguir o natural do demoníaco![76] Não posso concordar. É contra a realidade que sempre pululou e que abundantemente temos visto em todo o livro.

E cuidado! Cada caráter, cada temperamento... o inconsciente de cada pessoa está constituído por inumeráveis fatores. Quando o homem é concebido, através dos genes herda uma enorme variedade de tendências, acumuladas através de milhares de gerações. A herança psicofisiológica reage de variadíssimas formas. Acumula todas essas experiências. Molda-as, matiza-as, enriquece-as com todas as nuanças e vicissitudes da educação, das leituras, de incontáveis influxos ambientais etc.

Riquíssima e variadíssima é a personalidade humana. Salvo muito treino e força de vontade, variadíssima é sua reação às variadíssimas circunstâncias. O homem umas vezes se sente atraído ao que moralmente se considera o bem, outras ao que se considera o mal.

Mesmo os conceitos morais de bem e de mal podem apresentar variações nas diversas culturas e circunstâncias.

Podemos *metaforicamente* atribuir certas tendências ao Diabo, podemos *metaforicamente* nos considerar tentados pelo mau espírito. Na realidade tudo encaixa hoje perfeitamente na personalidade humana.

74. Scaramelli, *Discernimento degli spiriti*, Veneza, 1753; ou na tradução francesa de mais de um século depois: *Le Discerniment des Esprits*, Paris, 1893.
75. Cf. entre os mais considerados A. Chollet, epígrafe "Discerniment" in A. Vacant, E. Mangenot e E. Amonn; *Dictionnaire de Théologie Catholique*, Paris, 1930ss., vol. V, colunas 1375-1415; J. Guillet, G. Baroy e outros, *Discerniment des esprits* in *Dictionnaire de Spiritualité*, vol. IV, colunas 1222-1291; H. Madinger, "Die Unterscheidung der Geister" in *Mystique Theologie Jahrbuch*, 1958, pp. 169-198. Além de muitos outros artigos breves como os de R. Bruillard, in *Catholicisme*, vol. III, colunas 874-877; J. de Guibert in *Leçons de Théologie Spirituelle*, Toulouse, 1943, pp. 301-312.
76. Monden, *El Milagro...*, op. cit., p. 148.

O Irracional e a Paixão para Fromm,[77] o ID para Freud[78] e as Sombras para Jung[79] não são tanto um problema moral quanto uma necessidade, um "debitum" existencial.[80] O Diabo é a projeção de processos psíquicos. Não deve ser eliminado ou reprimido, senão conscientizado e integrado. Se o homem vê no Diabo algo alheio a si mesmo, aos seus próprios conflitos, em vez de aceitá-los, enfrentá-los e resolvê-los poderá fugir deles e obstaculizar seu desenvolvimento, integração e maturidade.

Esse co-responsabilizar ou culpar os demônios por muitos dos males que derivam do egoísmo e liberdade humanos tem sido um fácil, mas doentio mecanismo de defesa e refúgio da irresponsabilidade durante muitos séculos.

Marginalização e discernimento. Paralelamente à tradição de discernimento de espíritos, há outra tradição não menos antiga que considera tais regras inúteis para se saber se o fato é natural ou sobrenatural.

Para Orígenes, por exemplo, só pela revelação divina poder-se-ia discernir num caso concreto se "os pensamentos nascem do nosso coração ou (são) a lembrança de coisas que temos feito, ou ainda a contemplação de não importa que coisas ou causas". Tão idênticos, tão indiferenciáveis são, que Orígenes apela — indevidamente — à Bíblia para admitir que esses mesmos "pensamentos que procedem às vezes de nós mesmos", podem também "às vezes ter sua origem nas potências adversas", os demônios. E acrescenta: "Talvez pareça incrível isso que eu afirmei. Preciso pois confirmá-lo pelo testemunho da Santa Escritura".[81]

Para Agostinho são também indiferenciáveis os pensamentos demoníacos dos plenamente naturais. Primeiro afirma que "o discernimento é muito difícil, porque o espírito maligno age com uma sorte de alma e diz o que pode sem usar de indício corporal sobre o espírito humano". Depois afirma que o discernimento é

77. Erich Fromm, *Das Menschliche in uns. Die Wahl zwischen Gut und Böse*, Constanza, 1968.
78. Sigmund Freud, "Das Ich und das Es" e "Jenseits des Lustprinzips" in *Gesammelte Werke*, 5ª ed., Frankfurt, 1967, tomo 13, pp. 235-269 e 1-69 respectivamente.
79. Carl G. Jung "Gut, und Böse in der analytischen Psychologie" in W. Bitter, *Gut und Böse In der Psychotherapie*, 2ª ed., Stuttgart, 1966, pp. 31-44; Kluger, *Satan...*, op. cit.
80. J. Rudin, "Das Schuldproblem in der Tiefenpsychologie von C. G. Jung in *Weltgespräche*, n. 6, Freiburg-in-Briesgau, 1968, pp. 61-71.
81. Orígenes, *De Principiis*, op. cit., 3, 2, 4.

impossível sem o carisma especial outorgado pelo Espírito Santo de que fala o apóstolo Paulo na 1ª carta aos Coríntios.[82]

Com o bispo de Hipona parece concordar Sto. Tomás. Não admite a possessão diabólica propriamente dita (embora se contradiga em outras oportunidades),[83] pois só Deus pode habitar a alma. As "possessões" e "tentações" diabólicas só podem ser externas.[84] Não obstante, considera que Deus permite as tentações com mais freqüência que as impropriamente chamadas possessões.

Sto. Tomás afirma a existência das tentações demoníacas apoiando-se indevidamente na Sagrada Escritura. E como distingue a tentação demoníaca dos pensamentos humanos? Não apresenta nenhuma regra de discernimento. Não apela à experiência. Dá por suposto que muitos pecados são cometidos por instigação do Diabo. Dá por suposto que as tentações são muito mais freqüentes do que possamos deduzir pelas manifestações exteriores. O que é tanto como afirmar que ao menos muitas tentações são indiscerníveis.[85]

Aquele grande mestre que escreveu no século XV a *Imitação de Cristo* e que a tradição identifica com Tomás de Kempis é lapidar: "É difícil decidir com certeza se é um bom ou um mau espírito que nos induz a fazer isto ou aquilo, ou mesmo saber se não é nosso próprio espírito que nos move".[86]

Como representante dos modernos na tradição da impossibilidade do discernimento de espíritos atrevo-me a invocar um grande defensor da interpretação demoníaca nas tentações. O Pe. Demal. Ele mesmo reconhece que "teremos bom cuidado de não olhar como fenômenos diabólicos senão aqueles que se possam claramente identificar como tais". E qual é a regra para "claramente identificar" as tentações? Demal responde: "Seu caráter extraordinário ou o conjunto das condições e das circunstâncias".[87]

Objeta Kelly:

Mas é essa precisamente a regra que dá o Ritual Romano para permitir determinar a presença de um espírito do mal numa suposta vítima da possessão. Se, porém, os critérios habitualmente invocados para concluir por um caso autêntico de possessão não são satisfatórios, também não o serão para determinar se há uma influência espiritual estranha atrás dos pensamentos ou das emoções importunas. Se o Pe. Demal se ativesse estritamente à regra que ele propõe não seria jamais capaz de decidir se se encontra ou não em presença de uma tentação diabólica.[88]

O "caráter extraordinário" ou o mais extremo "conjunto das condições e das circunstâncias" não ultrapassa o enquadrável numa explicação parapsicológica. Nos casos reais conhecidos na história.

O jesuíta Rodewyk é talvez mais famoso por sua deplorável intervenção no caso da doença mental de Anneliese Michel, do que como teólogo especialista em possessões e atividade do demônio.

Analisando a obra de Rodewyk, um outro jesuíta alemão — J. Sudbrack — crê que é impossível afirmar-se com certeza, com fundamentos nos sintomas inabituais, que algum caso de alteração mental seja devido à ação do Diabo. Mesmo admitindo — e nisto permanece na linha tradicional — que o Diabo existe e que está sempre em guerra contra o gênero humano, o Pe. Sudbrack estima que não se pode descobrir com certeza sua ação em algum caso preciso e determinado. Sua conclusão é que inclusive lá onde se produzem certos fenômenos hoje inexplicáveis, não convém considerá-los (como faz o Pe. Rodewyk) critérios absolutamente seguros de uma presença diabólica. A única atitude cientificamente prudente é permanecer na dúvida.[89]

Inclusive tais casos apresentam sempre aspectos suficientemente claros da sua origem no âmbito da natureza. O Dr. Ribas, por exemplo, dedica um extenso trabalho ao estudo da tradicional demonologia. Do ponto de vista psiquiátrico. Conclui que as chamadas possessões — "nas quais o paciente se apresenta como se fosse um instrumento do demônio" — se identificam ou "constituem as psicoses: esquizofrenia, psicose alcoólica e barbitúrica, melancolia etc." "Os estados de obsessão diabólica, nos quais o indivíduo se supõe em luta com o Diabo, correspondem às neuroses. Os pacientes... apresentam manifestações de tipo astênico, obsessivo-compulsivo e histérico." Também as chamadas tentações — refere-se aos casos mais notáveis pelo "seu caráter extraordinário" — apresentam um "conjunto de condições e circunstâncias" claramente psiquiátrico.

Surpreenderia que "o Diabo atacasse o homem em instante de menor resistência" psíquica. Não se compreende por que o Diabo precisaria de um debilitamento da saúde psíquica do ho-

---

82. Agostinho, *De Genese ad...*, op. cit.
83. Sto. Tomás, *Quaestiones Quodlibetales*, 3, 3, 3, in *Summa...*, op. cit.
84. Sto. Tomás, *De Malo*, 16, 11, op. cit.
85. Idem, ibidem, 3, 4.
86. Tomás de Kempis, *De Imitatione* Christi, 3, 15.
87. Demal, *Pastoral...*, op. cit., p. 46.
88. Kelli, *Le Diable...*, op. cit.
89. Sudbrack, "Possessão" in Henninger, *Lexicon...*, op. cit., e na revista *Geist...*, op. cit.

mem. É lógico tal comportamento, tratando-se precisamente de uma doença psíquica:

Os estados de tentação... correspondem às situações nas quais o indivíduo momentaneamente mais vulnerável (aos problemas psíquicos), tende a mergulhar na insanidade mental. Todos os pacientes se sentiram tentados pelo Diabo em situações críticas que, na interpretação psiquiátrica, podem constituir condições desencadeantes de distúrbios psíquicos. Os pacientes teriam cedido à tentação no momento no qual, também de acordo com a concepção psiquiátrica, se tornaram mais expostos às desordens da mente: extrema tensão emocional, esgotamento... [90]

A tradição contra a interpretação diabólica das tentações (paralela à de discernimento) é coroada, paradoxalmente, pelo próprio Paulo VI. Na mesma ocasião em que ponderava a ação do demônio, o Papa reconhece que são vagos e incertos os critérios que se possam propor para discernir a atividade demoníaca no mundo oculto, escurecido pelas trevas. Igualmente se sente incapaz de recomendar qualquer procedimento de defesa contra essas indiscerníveis influências demoníacas. Simplesmente avisa que tudo aquilo que nos protege do pecado nos protege do demônio.

Dessa recomendação tão geral; parece que pode deduzir-se uma conclusão igualmente geral: chamamos tentação demoníaca tudo aquilo que nos leva ao pecado. Não menos. Também não mais.

Ora, o pecado é uma ação humana, natural. Como ação é meramente humana. (Moralmente má e proibida por Deus; a conotação moral e a proibição divina ou qualquer outra proibição, evidentemente não fazem parte da constituição interna da ação nem da tentação). Portanto, as circunstâncias que levam ao pecado basta que sejam humanas e naturais. Não há motivo para se supor ou admitir nessa ação e nas suas circunstâncias um fator transcendente (demoníaco ou de espíritos etc.). Tudo natural.

Não há outra Providência que a do Ser Infinito.

90. Ribas, *As fronteiras...*, op. cit., p. 166.

Capítulo XX

PONTOS DE VISTA DA TEOLOGIA

O livro ficaria incompleto se não acrescentasse outros argumentos,[1] pró e contra, apresentados por teólogos.[2]

Os "milagres" do Anticristo. Os "demonófilos" citam o anúncio dos prodígios que fará o Anticristo, como argumento a favor do poder de Satanás:

Então, se alguém vos disser: "Olha, o Messias aqui" ou "ali", não creiais. Pois hão de surgir falsos Messias e falsos profetas, que apresentarão grandes sinais e prodígios de modo a enganar, se possível até mesmo os eleitos (Mt 24,23s.). A vinda do ímpio será assinalada pela atividade de Satanás, com toda a sorte de portentos, milagres, prodígios mentirosos e por todas as seduções da injustiça, para aqueles que se perdem, porque não acolheram o amor da verdade..., poder da sedução, para acreditarem na mentira..., não creram na verdade (2Ts 2,9-11).

1. Como expositores da doutrina teológica tradicional a respeito da atividade dos demônios, seleciono — além de outros citados e entre muitos —, Scheeben, *Los misterios...*, op. cit., pp. 256-291; Lercher... *Institutiones...*, op. cit., tomo III, pp. 462-470; F. Diekamp e K. Jussen, *Katholische Dogmatik*, 10ª ed., Münster, 1952, tomo II, pp. 74-82; L. Janssens, *Tractatus de Deo Creatore et Angelis*, Freiburg-in-Breisgau, 1905, pp. 784-879 e 1010-1020; Dalmau e Sagües, *Sacrae...*, op. cit., tomo II, pp. 601-610 e 620-640, Ott, *Manual*, op. cit., pp. 193-204.

2. Para uma tomada de posição com respeito ao tema deste capítulo será útil acrescentar Langton, *Essentials...*, op. cit.; Frederico Dattler, *O mistério de Satanás*, São Paulo, Paulinas, 1977.

Na realidade devem as referências bíblicas aos "milagres" do Anticristo e dos falsos profetas ser entendidas em sentido metafórico. Trata-se de "*falsos* Messias", "*falsos* profetas", que farão "milagres *mentirosos*", para "*enganar*" os que "*não* acolheram o amor da *verdade*" dos verdadeiros milagres, "*sedução*" para os que "acreditarem na *mentira*" desses falsos milagres... A "atividade de Satanás" é falsidade ou é fenômeno humano e natural, fenômeno parapsicológico hoje bem conhecido e perfeitamente diferenciável dos verdadeiros milagres divinos.

Os magos do Faraó. (Ex 7-11). A explicação é a mesma. A eles se aplica a frase geral do *Decretum Gratiani* no século XII: "Quae magorum praestigiis fiunt, non vera sed phantastica esse probantur". ("As coisas que são realizadas pelas artes dos magos, está provado que não são verdadeiras, senão ilusórias.") As palavras transcritas constituem o título ou resumo oficial que encabeça um tema do decreto.[3]

Os prodígios dos magos são ilusão: erro na interpretação de forças naturais. Truques ou técnicas humanas, em último caso fenômenos parapsicológicos. Bem diferentes dos milagres divinos em resposta à oração de Moisés e Aarão. Tão diferentes que os próprios magos tiveram que reconhecer: "Isto é o dedo de Deus" (Ex 8,15).

Contra a Bíblia. O famoso teólogo protestante inglês Reginald Scott (ou Scot) no século XVII discute e rejeita acertadamente todas as interpretações de textos bíblicos que se têm apresentado para defender a existência de "milagres" demoníacos. A conclusão de Scott é radical:

> Com referência aos ataques que ele (o demônio) despejaria sob forma corporal, ou aos assaltos contra nossos corpos, ou aos seus passeios noturnos, suas aparições sob forma visível, sua dança com os feiticeiros etc., a Escritura não nos põe em guarda contra estas coisas, e nem Deus nem os profetas nos aconselham a fugir delas. Isto é: absolutamente não se trata disto na Bíblia.[4]

A Bíblia não discute a realidade dos fatos. A interpretação demoníaca não tem nenhuma base bíblica.

Os profetas (por exemplo), atacam severamente a magia dos egípcios e babilônicos (Is 22,12ss., Dn 1,20; 2,10-12; Sb 17,7 etc.). O Antigo Testamento pretende inculcar a confiança no Senhor, o poder de Iahweh sobre todos os adivinhos, sobre todos os médiuns espíritas, sobre todos os magos. Condenam-se "pois eles vos contaminariam: Eu sou Iahweh vosso Deus" (Lv 19,31); porque afastariam de Deus (Dt 13,2-6); porque desviariam da Lei e da reta instrução religiosa (Is 8,19s.) etc. A magia pretende arrancar de Deus o governo do mundo, abre o caminho para o politeísmo ou para o espiritismo, substituindo a Divina Providência por concorrentes de Deus e espíritos-guias. Aviltando a Deus, degrada a dignidade racional do homem, deforma a religião. Por esses motivos "quem faça magia", "quem pratique encantamentos", quem interrogue espíritos" e "invoque mortos" é "abominável a Iahweh" (Dt 18,9-12). Nada afirma da eficácia das evocações, nem das intervenções de Satanás.[5]

A Bíblia não pode ser invocada corretamente a favor das interpretações demonológicas. A Bíblia pode ser invocada contra tal interpertação.

Em 1718, publicou-se um livro contra a mentalidade supersticiosa dos que acreditavam em milagres do demônio. Francis Hutchinson, pastor protestante na paróquia de Saint-Jacques em Saint-Edmund's Bury e capelão de Sua Majestade, no livro *Ensaio histórico sobre a bruxaria*, usou de muita lógica para concluir que "eu mostrei simplesmente que acusar, e perseguir, e prender... não cura, senão aumenta o mal; e um povo inteiro estar num tal estado equivale a ser fulminado por uma grande calamidade".

Para rejeitar as intervenções demoníacas, servia-se de textos bíblicos. Hutchinson citava, por exemplo, os Salmos: "Deus verdadeiro, tu detestas os que veneram ídolos; vazios; quanto a mim, eu confio em Iahweh" (Sl 31,7). Só Iahweh faz milagres, os ídolos são vãos. Ou citava o conselho de Paulo: "Rejeita, porém, as fábulas ímpias, coisas de gente caduca" (1Tm 4,7). Só Deus faz milagres, outra classe de "milagres" são fábulas de caducos.

De outro texto faz uma exegese talvez mais ilustrativa que demonstrativa: no Livro de Jó (Jó 1,12), "Iahweh disse a Satanás: 'Pois bem, tudo o que ele possui está em teu poder, mas não estendas tua mão contra ele' ". As desgraças que sobrevieram sobre Jó eram todas naturalmente explicáveis. Satã, nesta lenda moralizadora, mas irreal, servir-se-ia das forças da natureza. Qualquer tipo de possessão ou obsessão ou ação direta estaria expressamente proibida: "Não estendas tua mão contra ele". Aplicar-se-ia o texto e sua explicação a todos os casos de pretensa intervenção demoníaca.

3. *Decretum Gratiani*, Causa XXVI, quaestio V. Cf. Ferrario-Franzinc, *Decreta*, op. cit., uso a edição de 1633, col. 1937.
4. Scott, *Discovery*, op. cit., 8, 1; da edição Nova Iorque, p. 115.

5. Cf. Pietro Castelli, *Il Peccato*, Roma, 1959, capítulo dedicado a "Il pecatto nell Occultismo", p. 611ss.

Bíblia e Vaticano I. Já é suficiente para o homem a luta com a natureza! A luta contra forças tão bárbaras como se pretende sejam as demoníacas não encaixa no bíblico "governa o universo retamente" (Sb 8,1), "suavemente" nas traduções tradicionais, e com o termo "suavemente" citado pelo Concílio Vaticano I.[6]

O argumento é forte: o homem, às vezes, sucumbe sob as doenças e as forças naturais. Outras vezes, as vence e domina. O fato de o homem poder sair vitorioso por si mesmo indica que a Providência Divina "dispondo todas as coisas suavemente", não permite que a nossa luta sobrepasse "o sangue e a carne", não permite que nos digladiemos "contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal que povoam as regiões celestiais" (Ef 6,12).

O texto de Paulo é certamente metafórico, como aliás se deduz por outras expressões como "armadura de Deus", "cingi os vossos rins", "calçai os vossos pés", "empunhando sempre o escudo da fé", "dardos inflamados do maligno", "capacete da salvação"... (Ef 6,13-17).

Se nossa luta não fosse só contra as forças naturais, se o texto de Paulo não fosse meramente metafórico, estaria em real e plena contradição com os textos de Tiago: "Deus... a ninguém tenta. Antes, cada qual é tentado *pela própria concupiscência*" (Tg 1,13s.): "De onde vêm as guerras? De onde vêm as lutas entre vós? Não vêm daqui, dos prazeres que guerreiam nos nossos membros?" (Tg 4,1. Cf. porém Tg 4,7 onde expressamente, em metáfora, se fala de luta contra o Diabo).

"Liberdade condicional!" Agostinho acrescenta a outros motivos filosóficos e teológicos um do senso comum: "Se o Diabo na sua iniciativa pudesse qualquer coisa, nao restaria um homem sobre a terra".[7]

Ficaria até ridículo essa espécie de "estica e afrouxa" entre Deus e o Diabo como, após Boaventura, defendem alguns "demonófilos": "É tanta a crueldade do demônio que nos devoraria a toda hora se a divina proteção não o impedisse".[8] Deus às vezes permitiria a possessão, às vezes não; só até determinado ponto, mais não... Os períodos de calma de um "endemoninhado" têm lógica numa interpretação natural. Seriam incompreensíveis na interpretação demoníaca.

Também apriorística e até contraditória é essa espécie de "liberdade condicional" que, segundo repetem os "demonófilos", Deus teria concedido ao demônio. O absurdo vem da obscurantista época da bruxaria. Por exemplo, Paulus Grillandus, destacado canonista, e até Joannes Andreae, o mais respeitado canonista de começos do século XIV, distinguiam entre os poderes que Deus se reserva a si mesmo e os poderes que benevolamente concederia a Satã. Grillandus e Andreae estavam convencidos da realidade da bruxaria e aceitavam como reais os mais maravilhosos prodígios que a ela se atribuíam. Distinguiam entre os poderes que não era herético reclamar do demônio, e os que seria herético pedir-lhe e obter. É que Deus dera liberdade aos demônios para *tentar aos homens, revelar-lhes o conhecimento da natureza* e realizar por intermédio dos bruxos *curas sensacionais*. Reclamar e obter esses poderes não era herético. Mas reclamar dos demônios outros poderes é que constitui heresia, porque Deus se reservara a si mesmo esses poderes.[9]

Manifestamente, tal distinção de poderes tem outra explicação que nada tem a ver com demônios. As tentações, adivinhações e curas eram fenômenos freqüentes, até corriqueiros. Por isso não os consideram "poderes heréticos". Hoje sabemos que têm claramente explicação natural e parapsicológica.

Alguns poderes, "menos freqüentes", atribuídos às bruxas e aceitos como reais, se a Parapsicologia não os explica, é simplesmente por serem inexistentes. Resulta contraditória a explicação demoníaca e a conotação de heresia. Se Deus se reservou certos poderes — mesmo que fossem compatíveis com o demônio —, na realidade o demônio não os pode exercer. É mesmo herético acreditar que o demônio possa utilizar poderes que Deus se reservou; seria o demônio superior a Deus! Além de herético é impossível: se o demônio não os pode exercer, não pode concedê-los; se não pode concedê-los, ninguém os recebe dele. Não há bruxas, nem possessos, nem feiticeiros, nem magos etc., *com poderes demoníacos*.

Exclusivo de Deus. Não posso neste livro incluir o estudo dos milagres. Demonstraria que há claríssima diferença entre o milagre, exclusivo de Deus e do cristianismo — ou mais exatamente do catolicismo e seus precedentes —, e mil outras "imitações" ou

6. Concílio Ecumênico Vaticano I, s. 3, I. Cf. Denzinger n. 1784.
7. Agostinho, *Enarrationes in salmos*, 96, 12 (Vers. 7); cf. Migne, *PL*, tomo 37, p. 1246.
8. Boaventura, *Dieta Salutis*, Verona, 1748, tít. 7, c. 1, p. 183.

9. Baroja, *Las brujas*..., op. cit., pp. 156ss.; Robbins, *The Encyclopedia*..., op. cit., p. 472.

fenômeros meramente parapsicológicos, humanos, de todas as épocas, povos, religiões e ambientes.[10]

Deixo agora a minha argumentação original, mais parapsicológica, e aludo ao mais tradicional. Se incluísse aqui o estudo dos milagres, inicialmente deixaria assentado três fundamentos indiscutíveis e uma conclusão irrefutável, que interessam agora dentro das considerações teológicas tradicionais a respeito da demonologia.

Apareceria como indiscutível que a Igreja Católica se apresenta como depositária da Religião Revelada, e afirma que não pode haver senão uma única Religião Revelada.

Apareceria como indiscutível que a Igreja, para aceitar a Revelação, apresenta os milagres como única prova suficiente, infalível, clara e acomodada a todas as inteligências.

Apareceria como indiscutível, concretizando mais o item anterior, que a Igreja apresenta os milagres como provas divinas que não podem ser falsificadas nem por demônios, nem por espíritos, nem pelo homem ou qualquer outra entidade: o milagre é exclusivo de Deus e claramente discernível.

Se os demônios interviessem no nosso mundo, estariam fazendo milagres. Em confirmação de qualquer outra religião. O homem seria irremediavelmente enganado e ver-se-ia sem critério infalível e claro: a assinatura de Deus seria falsificada.

Portanto, deste tradicional ponto de vista teológico, verdadeiro, não se podem aceitar as possessões demoníacas ou qualquer outra intervenção dos demônios (espíritos de mortos, orixás etc.) em fenômenos do nosso mundo.

Preternaturais? Alguns teólogos "demonófilos" têm falado de milagres de segunda ordem ou preternaturais, fatos que superariam as forças dos seres visíveis, não as dos espíritos sejam eles anjos, demônios ou espíritos dos mortos.

Distingue Sto. Tomás:

> Um fenômeno é chamado milagre quando se realiza fora da ordem de toda a natureza criada. Só Deus pode fazer isso. Tudo aquilo que é realizado por um anjo ou por não importa que outra criatura, em virtude do seu próprio poder, fica dentro da ordem da natureza criada e, portanto, não é um milagre. Fica estabelecido pois que só Deus pode realizar um milagre.[11]

10. Estou preparando um livro sobre milagres. Entrementes cf. Oscar G.-Quevedo, S.J, "Milagres", gravações do "Curso de Parapsicologia e Religião" do CLAP.
11. Sto. Tomás, *Summa...*, 1ª Pars, quaestio 110, art. 4.

A hipótese de "milagres preternaturais" arranca de falsos pressupostos. A ciência, durante séculos, se desinteressou pelos fatos não-regulares e não-físicos. As religiões, seitas e pseudo-religiões, então, entraram indevidamente a explicar esses fenômenos. Não sabendo explicar os fenômenos parapsicológicos, atribuíram-nos a diversas entidades de fora do nosso mundo (e a religião cristã, concretamente aos demônios).

Compreende-se a luta entre a inteligência de Sto. Tomás e o seu desconhecimento de Parapsicologia, próprio da época. Compreende que só Deus pode fazer milagres, mas não compreende certos fatos. Não podem ser milagres divinos, então pensa que seriam milagres do demônio. Compreende que a assinatura de Deus não pode ser falsificada, então reserva ao demônio só certos milagres menores... Sem as pistas da Parapsicologia moderna, que teríamos feito então os que hoje sorrimos do impasse em que se encontrava Sto. Tomás?: "Se tomamos a palavra milagre — diz Sto. Tomás — no seu sentido próprio, os demônios não podem fazê-los, nem criatura outra alguma. Só Deus pode... Os demônios podem somente realizar milagres num sentido amplo, que desconcertam aos homens, porque ultrapassam seu poder e seus conhecimentos".[12]

Mas, então, os milagres seriam completamente inúteis, porque indiferenciáveis... Mesmo no exemplo de milagre que como mais claro apresenta Sto. Tomás, "se o sol voltasse para trás", como sabe que o demônio não pode fazer isso, como sabe que supera o poder das "potestades" que governariam o mundo?

Aí o Doutor Angélico recorre ao artifício de diminuir o milagre demoníaco: geralmente (?) são de curta duração (os milagres têm de ser compridos?), fúteis (seria o demônio tão insensato?), põem em perigo a fé (que fé? de que religião? isto é tão relativo...).

Se incluísse aqui o estudo dos milagres, veríamos que a ciência de hoje tem estabelecido que o mundo se governa por suas leis e que nenhuma outra força senão unicamente divina (em ambiente religioso divino) tem jamais intervindo no nosso mundo.

Por outra parte, entre milagre divino e fenômeno parapsicológico — falso milagre "demoníaco" ou "espírita" etc. — a diferença é imensa e clara. Tão clara como imensa é a distância entre o limitado poder humano e a onipotência divina que se reflete no milagre.

Ficaria claro que a hipótese do milagre de segunda ordem é, mesmo teologicamente, inadmissível por incompatível com a doutrina de que o milagre constitui a assinatura exclusiva e indeturpável de Deus, em confirmação da Revelação.

12. Idem, ibidem, questio 114.

Se houvesse milagre de segunda ordem haveria que conceder razão a Rousseau: "O quê? Deus, mestre na escolha das suas provas, quando quer falar aos homens... segue para os instruir o mesmo caminho que sabe escolherá o demônio para os enganar?... Deus e o Diabo seguem a mesma rota? Eis o que eu não posso aceitar".[13]

Distinções... ou disquisições? Algum teólogo de hoje distingue entre pretensão de provocar a intervenção, e manifestação espontânea do demônio. Defende que só a pretensão de provocar a manifestação demoníaca teria sido condenada como herética.[14]

Mas a maioria — ao menos — dos textos eclesiásticos não admite tal distinção. Não se referem a manifestações demoníacas desvinculadas da pessoa humana. Sabemos que os fenômenos, remota ou imediatamente, dependem sempre da presença, da atuação, vontade (consciente ou inconsciente) do homem. O homem é autor e vítima. A distinção entre fenômenos provocados e espontâneos parece irreal. Tal tese é apologética errada, é conseqüência unicamente de acreditar erradamente que a Bíblia e a Igreja teriam defendido a possessão e ação demoníacas. Mas tal pressuposto é falso; não precisa, portanto, dessa defesa tão sutil e irreal.

Outros teólogos concordam em rejeitar a possessão e ação *direta* dos demônios, mas querem defender a existência de uma possessão e ação *indireta*: endurecimento no pecado e como conseqüência da vida fixada ao pecado.

Louis Monden expõe esta dupla tese. Direta, não: "O demônio não pode... influir sobre as coisas de maneira transcendente". Aqui poderíamos substituir *transcendente* por *direta*.[15] "Do ponto de vista teológico, um influxo realmente transcendente do demônio sobre os acontecimentos naturais resulta impossível".[16]

O demônio só poderia ter ação *indireta*:

Se o demônio tem alguma ação sobre o mundo sensível e sobre a alma humana é também pela (servindo-se da) livre participação da vontade humana na rebeldia dele, pelo pecado e suas seqüelas vivas no psiquismo humano e no mundo material...: (tudo ações e tendências naturais) a concupiscência, a dor, a doença, a morte

13. Jean-Jacques Rousseau, *Lettres écrites de la montagne*, Paris, Lefèvre, 1820, tomo X, p. 264 (1ª parte, carta 3).
14. Kloppenburg, *O espiritismo*..., op. cit., pp. 272-292, por citar uma entre várias oportunidades em que o mesmo autor pretende defender esta tese.
15. Monden, *El milagro*..., op. cit., p. 140.
16. Idem, ibidem, p. 139.

e todas as conseqüências do pecado original e dos pecados pessoais; igualmente todo o resíduo impessoal que os atos livres deixam atrás de si no determinismo das coisas e que chamamos o mal.

As paixões exacerbadas e os automatismos psíquicos levados "a tal paroxismo, que o efeito obtido apresente para um observador pouco atento ou superficial certa semelhança (errada) com a transcendência real do milagre divino. O falso (sublinhe-se a palavra *falso*) prodígio diabólico espera seu êxito desta ambigüidade."[17]

Concebe-se que um homem entregado ao mal de muito tempo atrás esteja obcecado pelo desejo de fixar-se nesta vida por uma eleição radical: (de novo, tudo natural) seria um endurecimento do coração, uma consagração às avessas, um voto a Satã..., perversão da vontade..., eleição lúcida de orgulho satânico... É um conjuro ou enfeitiçamento secreto da vontade...

Trata-se de forças naturais. Por que Monden vê nelas o efeito da ação indireta do demônio?

Vê nelas inclusive o efeito de uma possessão demoníaca!: "Não haverá que tomar à letra a palavra de João a propósito de Judas, que come na última ceia o pão oferecido por Jesus: 'Satã entrou nele'?"... A expressão "era noite"... tem sem dúvida possível um sentido mais profundo que a simples indicação do tempo. Seria exagerado pensar que, ao empregar a terminologia luz-trevas que lhe era tão familiar, quis João reproduzir a atmosfera satânica que respirou naquele momento?[18] Não olhava Jesus a este instante quando no momento de anunciar a Eucaristia afirma (Jo 6,70): "Um de vós é um demônio"?[19]

A argumentação do Pe. Monden e dos teólogos em que se fundamenta parece inválida. São fracas "racionalizações".

Só um argumento apresentam:

Se mantemos o ponto de vista da fé, há que reconhecer pelo menos na possessão uma manifestação diabólica. Porque rejeitar a ação de Satã (indireta) sobre os possessos do Evangelho faria inexplicável a atitude de Cristo com eles... Tudo fica evidente se afirmamos a clara diferença entre a atitude de Cristo e sua maneira de curar um doente comum, e um possesso... Jesus tem costume de tocar o doente num gesto simbólico de compaixão; perante o possesso se mantém à distância, como se rejeitasse uma presença

17. Idem, ibidem, pp. 139s.
18. M. Meinerzt, "Die 'nacht' im Johannesevangelium" in *Theol. Quartelschr*, 1953, pp. 400-407.
19. Monden, *El milagro*..., op. cit., pp. 144s.

desprezível, um ser que sua mão não quer tocar... Só depois da libertação fala ao homem ou o pega pelas mãos. Uma explicação puramente psicológica da possessão não pode justificar esta radical diferença de atitude de Jesus.[20]

Não acho justo que nesta argumentação devamos "manter o ponto de vista da fé". Porque se trata de análises de fatos, e não de acatamento de doutrinas.

Se tocasse os "endemoninhados" antes da cura poderiam agredi-lo. Não basta isto para explicar a diferença de atitude? Não vejo — e Monden não o mostra — por que "nada aclararemos se invocarmos seu desejo (de Jesus) de adaptar-se aos conceitos e mentalidades dos seus contemporâneos".[21] Jesus não veio ensinar Parapsicologia. Em interpretação de fatos usava — e como homem talvez não conhecia outros — os conceitos e nomenclatura dos seus contemporâneos. Se, como homem, acreditou — em ciência a Divindade não intervinha — que os fatos se deviam ao demônio, é lógico que sentisse reparo em tocar os "endemoninhados".

Analisando o caso da mulher "filha de Abraão que *Satanás prendeu* há dezoito anos" (Lc 13,16), o Pe. Monden opina: "Pode ser que seja simplesmente o uso do seu tempo, como empregam frequentemente os evangelistas a expressão 'um espírito de doença', sem que pensem por isso numa ação direta do demônio".[22]

Ora, se Jesus, neste caso, acomoda-se ao uso e nomenclatura do seu tempo, por que em outros casos não poderia?

Os "demonófilos" referem-se à possessão *indireta*. Segundo os "demonófilos", possesso do demônio seria quem está doente por excesso *culpável* de vida desregrada: pecados e conseqüência dos pecados; e doente comum seria a vítima de doenças *inculpáveis*.

Muito discutível parece a distinção: na experiência de vida, é tudo tão diferente do que Monden imagina! Aquele pecador mais inescrupuloso, mais forte, com mais conhecimentos de medicina preventiva..., não chegaria a ser endemoninhado; contraditoriamente só chegaria a ser endemoninhado e culpável quem inculpavelmente seja mais consciencioso e até escrupuloso, débil, ingênuo e ignorante! Há grandes canalhas que nunca deram mostras de precisar de exorcismos. Grande número de pessoas que foram exorcizadas eram boas, piedosas, até escrupulosas. Não sabemos que algum dos "endemoninhados" fosse um canalha. Santos canonizados foram considerados vítimas dos demônios.

20. Idem, ibidem, p. 144.
21. Idem, ibidem, p. 143.
22. Idem, ibidem, p. 144, nota 85.

O próprio Monden afirma na página anterior que "não há nem uma só palavra do Mestre que justificaria a idéia de que ele considerava a possessão como indicativa de culpabilidade pessoal".[23]

Essa teoria de que há *doenças* ligadas aos pecados como tais é rejeitada pelo próprio Jesus: "Seus discípulos indagaram: 'Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?' Jesus respondeu: 'Nem ele nem seus pais...' " (Jo 9,2s.).

Admitem alguns "demonófilos" mais cultos que uma casa "mal-assombrada" pode explicar-se naturalmente. Mas seria verdadeira infestação demoníaca quando, por argumentos extrínsecos, se apalpasse que aqueles fenômenos eram utilizados "providencialmente" pelo demônio. Os fenômenos seriam resultado de um desequilíbrio dos habitantes da casa, mas "providenciais" do demônio.

Escreve Monden:

> Estas perseguições diabólicas que se chamam freqüentemente infestações demoníacas, não diferirão em suas manifestações do que achamos nas histórias de fantasmas e de espíritos. Todos estes fatos aberrantes se explicam verossimilmente, não por uma presença exterior real, senão pelo subconsciente do interessado. A mesma coisa haverá que dizer da perseguição demoníaca. Uma vez mais, o contexto fará distinguir o simples fenômeno natural, dos influxos diabólicos (servindo-se das forças naturais do "interessado"). Freqüentemente, algumas destas violências abundam em torno de acontecimentos religiosos de importância, ou tomam como alvo a pessoas santas cujo trabalho apostólico tratam de diminuir.[24]

Como exemplo Monden cita sem discutir "a realidade da ingerência diabólica" nas "perseguições" sofridas pelo cura D'Ars.

E para provar a "ingerência diabólica", escolhe outro exemplo: as vozes selvagens e confusas que se levantavam repentinamente durante algumas das visões de Sta. Bernardette, de Lourdes, e que se desvaneciam num grito de angústia logo que a Senhora franzia as sobrancelhas...

Será que os santos não têm direito a sofrer fenômenos parapsicológicos de psicofonia, além de alucinações, durante o paroxismo da sua emoção? Se estes "demonófilos" reconhecem que o fenômeno da psicofonia procede do desequilíbrio do "subconsciente do interessado", por que admitir qualquer ingerência demoníaca em tal desequilíbrio? Essas psicofonias não poderiam proceder também da emoção de algumas pessoas presentes, boas e contra o demônio, ou más e como sinal de protesto, revolta ou remorso? O franzir

23. Idem, ibidem, p. 138.
24. Idem, ibidem, pp. 150s.

as sobrancelhas da Senhora não seria mera projeção psicológica da vidente? Os demônios seriam menos atrevidos perante o franzir sobrancelhas do que perante toda a manifestação da SS. Virgem?

Pioneirismo brasileiro. Por ser o milagre exclusivo de Deus e para que se conserve a reta ordem da natureza, já na primeira metade do século passado o destacado teólogo brasileiro Pe. Manuel de Araújo, que haveria de ser depois bispo do Rio de Janeiro, rejeita qualquer possibilidade de ação diabólica. Nem por evocação explícita nem implícita. A magia é impossível: "Uma entrega da alma a Satanás com intento sério, *mas inútil*, de obter dele qualquer coisa. Não pode o demônio ser evocado pelos homens... Não se pode pactuar (eficazmente) com o demônio nem expressa nem tacitamente". E pelos mesmos motivos rejeita também qualquer atuação espontânea de Satã, direta ou indireta: "Não pode o demônio ajudar os homens e nem fazer prodígios, quer por si, quer pelos magos... Os fatos que se dizem feitos... com o socorro do demônio... se reais, não passarão de efeitos meramente naturais..." [25]

Em contraposição ao fato de terem sido autorizados os exorcismos a Anneliese, em Alemanha; ao menino de Mount Rainier, nos EUA, etc. deve destacar-se que no Brasil, o país em que o espiritismo — e feitiçaria, bruxaria... — está mais difundido, não tenho conhecimento de nenhum caso em que fossem autorizados pela Hierarquia Eclesiástica. Nem nas dioceses onde a contaminação do espiritismo é mais profunda e extensa. A diocese de Recife jamais autorizou o exorcismo em nenhum caso.

Em Salvador os padres capuchinhos lembram que, há quarenta anos, Frei Angelo utilizou desde água benta até chicotadas contra a infeliz em cuja presença voavam pratos e cadeiras; mas tais "exorcismos" não foram autorizados pelo bispo.

Há no Brasil vários padres católicos que ministram exorcismos; há "missionários protestantes" e numerosas novas seitas que profissionalmente administram exorcismos; há milhares de "trabalhos" de "desencosto" e "limpeza" realizados por médiuns espíritas... Mas talvez a Hierarquia Católica nunca tenha autorizado os exorcismos. A "práxis" oficial da Igreja, sua conduta prática habitual, num país como o Brasil de hoje, tem certo valor teológico contra os partidários da interpretação demoníaca.

25. Manuel do Monte Rodrigues de Araújo, *Compêndio da Teologia Moral*, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1853, pp. 158-163.

Regra certa. "Podendo-se explicar naturalmente, não se deve explicar sobrenaturalmente." Em representação deste argumento teológico — e lógico! — poderíamos citar qualquer manual:

Uma regra certa, e por ninguém negada, pode ser esta: quando se tem uma dúvida razoável sobre se um determinado fato provém de causas naturais ou do demônio, deve atribuir-se a forças naturais... Um influxo demoníaco, atualmente parece que esteja muito impedido pela onipotência divina, e em nenhum caso se deve pressupor quando não está evidentemente demonstrado. [26]

Todo o conjunto deste livro, ao menos, deve servir para originar uma dúvida razoável aos "demonófilos"; em nenhum caso está *evidentemente demonstrada* a intervenção do demônio.

Hoje em dia é impossível numa análise clínica encontrar "algo" a favor da intervenção do demônio. Não se pode aceitar, portanto, nem a intervenção nem sequer a possibilidade vaga de que o fenômeno *também* se deva ao demônio: co-autoria, "providencial". Basta que exista a possibilidade — sem expressa demonstração — da explicação natural para que deva ser aceita esta, e excluída a demonológica.

Haveria que demonstrar positivamente que se trata de intervenção do demônio. Mesmo que a Parapsicologia de hoje não tivesse nem idéia de como explicar o fato, não bastaria. Aos pretensos "milagres" do demônio deve-se aplicar o que Agostinho dizia de algumas maravilhas que os entusiastas sem mais provas consideravam milagres: "Aqueles fatos não são diferentes das leis da natureza, senão diferentes do conhecimento que temos das leis da natureza". [27]

Creio que o exposto neste livro pode ser suficiente contra qualquer intento de diagnóstico pró-demônio, mesmo para casos excepcionais mais "impressionantes".

O argumento da possibilidade de explicação natural é o esgrimido na TV de San Diego (Califórnia) pelo Cardeal Timothy Manning, de Los Angeles. Durante o Seminário de Meios de Comunicação de Massa "para bispos e sacerdotes, Manning respondia a três jornalistas: Eu creio que a possessão demoníaca não existe hoje. Os modernos avanços nas ciências, tais como a Medicina e Psicologia, explicam muitos casos que antes eram considerados possessão".

26. Dominicus M. Prümmer, O.P., *Manuale Theologiae Moralis Secundum Principia S. Thomae Aquinatis*, Friburo-Brisgóvia, Herder 1928, p. 424.
27. Agostinho, *De Civitate Dei*, Liv. XXI, cap. 8; *De Genesi ad litteram*, liv. VI, cap. 13.

Só que o válido argumento apresentado pelo Cardeal para negar a possessão deveria ser mais aproveitado e aplicado também a certas concessões à demonologia que ele fez. Disse que acreditava na possessão nos tempos evangélicos e nas tentações "porque exigido pela Escritura". Mas as frases da Escritura são suscetíveis de outras explicações... E a explicação científica é igualmente válida contra a possessão nos tempos de Cristo e contra as tentações. Não é válido aplicar a argumentação científica a uns fatos e escamoteá-la com referência a outros fatos idênticos, só por serem narrados na Bíblia. A Bíblia não se põe contra a ciência.

Por isso, Frei Mandrone, dominicano, conhecido em Roma como teólogo só fez repetir um erro metodológico quando publica em "L'Osservatore Della Domenica",[28] que "os fenômenos de possessão demoníaca são incontestáveis; os possessos podem falar e compreender línguas desconhecidas, são capazes de captar fatos longínquos ou futuros e têm extraordinários poderes físicos, superiores aos de qualquer indivíduo por mais são e robusto que seja". Tal argumentação tirada do Ritual Romano não tem validez nenhuma perante a ciência de hoje.

Podem ser considerados clássicos os estudos de Tonquédec[29] e Lhermitte.[30] Esses autores têm o grande mérito de reconhecer os fatores naturais, mas não se atrevem — e este é seu defeito — a negar em todos os casos o "milagre" do demônio, ao menos sua participação "providencial". Era só por respeito ao que se pensava exigência teológica; é comum em outros prestigiosos autores católicos.[31] Mas não há tal exigência teológica, nem o tema pertence diretamente à Teologia.

O próprio Paulo VI, mesmo nas palavras de alerta introduzidas na homilia de 15 de novembro de 1972,[32] reconhece expressamente que a doutrina demoníaca que ele apresentou é problemática e carregada de incertezas, obscurecida como está pelas trevas que rodeiam o demônio. Havendo dúvida, é lícito aplicar-se a "regra certa". É por isso que, comentando a citada homilia de Paulo VI,

28. Mandrone, O.P., "L'Osservatore Della Domenica", 2-2-1972.
29. Tonquèdec, *Les maladies...*, op. cit.
30. Lhermitte, *Vrais...*, op. cit.
31. Cf., por exemplo, diversos autores in Jésus-Marie, *Satán...*, op. cit.; uso aqui a tradução inglesa, pp. 493-506; J. Vinchon, "Les aspects du diable à travers les divers états de possession" in Jésus--Marie, *Satan...*, op. cit., 464-471; White, *God...*, op. cit., cap. X, pp. 175-189; cf. também um estudo sobre demonologia que introduz em seu livro Lhermitte, *Mystiques...*, op. cit., pp. 165-224.
32. Paulo VI em "L'Osservatore...", op. cit. *Documentation...*, op. cit., pp. 1053-5.

o professor de Teologia na Universidade escolhida para entrevista pelo *Psychic* não duvida em comentar — como outros muitos teólogos — que Paulo VI simplesmente incentiva a pesquisa, porque teologicamente é perfeitamente lícito duvidar se a atividade chamada demoníaca corresponde à de um ser pessoal ou se é só uma dramatização de forças naturais. Hoje não teria sentido recorrer ao demônio para explicar atos humanos.[33]

Os especialistas hoje mais e mais se afastam das principais idéias de Rudolf Bultmann contra a historicidade do Novo Testamento; cada dia, porém, vão concordando mais com ele na explicação que dá das atividades atribuídas ao Diabo. Satanás tem-se convertido em um poder que misteriosamente escraviza a cada membro da raça humana: mas na realidade é uma metáfora para representar o mal "pelo qual cada homem é responsável individualmente".[34]

Pode ser sintomático o recolher velas a que se sentiu obrigado um destacado "demonófilo". Winklhofer escrevera um volume de 300 páginas expondo, principalmente do ponto de vista da Teologia Dogmática, a existência e atividade do demônio.[35] Mas chamado pela direção de uma destacada revista a julgar as teses de Haag contra a existência do demônio, Winklhofer teve de reconhecer implicitamente que seu dogmatismo anterior em defesa da existência do demônio não tinha base: "A Teologia dogmática não tem um acusado interesse na existência do Diabo como ser pessoal real, porque não constitui uma verdade central da fé". Nem sequer a existência![36]

Não sei que professores de Teologia compunham a comissão de teólogos nomeada por D. Paulo Evaristo Arns para julgar, em nome da Arquidiocese, as minhas idéias sobre demonologia. Só sei que um dos comissionados foi o excelente teólogo e colega, Pe. João Batista Libânio S.J., então professor de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

No relatório que S. Ema. teve a amabilidade de me passar na íntegra, os comissionados mostram-se realmente expertos em demonologia. E acharam corretas todas as minhas proposições. *Particularmente* algum discordava — ao menos então, 1974 — em algum ponto. Eu nas minhas proposições esquemáticas não podia apresen-

33. *Psychic* sobre a audiência de Paulo VI e seu pronunciamento a respeito do demônio, 1973, junho, p. 37.
34. Bultmann, *Kerigma...*, op. cit., tomo I, pp. 15-43.
35. Winklhofer, *Traktat...*, op. cit.
36. A. Winklhofer, "Zur Frahe nach der Existenz des Teufels" in *Schweizerische Zeitung*, n. 137, 1969, pp. 473-475, 479s.

tar provas. Mas a comissão concedia-me o pleno direito de manter ortodoxamente minha posição em todos seus itens.

Expressamente concluía o relator:

A Teologia agita hoje numerosos temas tradicionalmente recebidos, mas que, na verdade, *nunca foram objeto de uma indagação consciente e crítica* na Igreja. Entre eles... *o mundo... dos demônios...* De modo geral observa-se uma revisão crítica... A Teologia está em busca de novas sínteses a serem elaboradas dentro da modernidade em contraposição a sínteses elaboradas dentro da antiguidade. Entre antiguidade e modernidade as diferenças são muito mais acentuadas do que um exame superficial faria supor. O *tema dos demônios* não supõe um tema central na proclamação da fé; no entanto o homem comum, perenemente fascinado pelo maravilhosismo, pressiona a Teologia *à espera de respostas mais coerentes* com a modernidade que conhece fenômenos curiosos da *Parapsicologia*, de *Psicologia profunda*, que estuda à luz da *Sociologia* a *História* das Religiões onde a criatividade humana multiplicou espíritos explicativos etc. A *Teologia tradicional simplesmente manteve o tema dos demônios;* refletiu sobre eles numa linha simplesmente de dedução e *não aprofundou com uma consciência crítica...* O Oriente antigo deu amplo lugar à ação histórica dos espíritos maus e deles fez o objeto preferido das magias... O *Antigo Testamento desmitificou em parte esta atuação, mas também deixou-se, em parte, ser por ela influenciado...* A presença dos demônios no Novo Testamento é marcante... Acontece porém que a exegese descobriu os gêneros literários, o condicionamento humano e cultural da Palavra de Deus, e todas aquelas riquezas que o próprio Vaticano II consagra como autênticas na Constituição *Dei Verbum.* E *o demônio começou a ser posto em xeque... e surge o problema da existência e da natureza dos demônios... A indagação teológica deve ser levada adiante. O que significa demônio para uma fé esclarecida? O que há para desmitizar-se na demonologia?* [37]

Como explodia o famoso teólogo alemão Herbert Haag após a morte de Anneliese Michel, "culpados são os que insistem em apresentar como uma obrigação a crença... no demônio... A Igreja Católica devia... reexaminar o ensinamento... (a respeito) do Diabo". [38]

A mesma indignada explosão tiveram grande número de médicos e outros cientistas, assim com bispos e professores de Teologia da Igreja Anglicana, após a morte de Christina Taylor, brutalmente assassinada pelo marido ao sair de uma cerimônia de exorcismo. [39]

Destaco a carta aberta à Igreja Anglicana, assinada por numerosos professores de Dogma, História da Igreja e de outras especialidades teológicas, entre eles cinco Diretores de Faculdades de Teologia. Pediam que a Igreja Anglicana oficialmente repudiasse o exorcismo, não bastando a regulamentação determinada pelo Arcebispo de Cantuária, Dr. Coggen.

Os motivos alegados são fortes. O atraso dos líderes eclesiásticos em enfrentar a expansão do espiritismo, aliada à simples regulamentação do exorcismo, seria uma transigência equivalente ao reconhecimento oficial de tal superstição. Manter hoje o exorcismo vai contra a tradição da Igreja Anglicana. Não se pode permitir a crença de que poderes de outro mundo possam dominar o homem e privá-lo de seu sentido de responsabilidade moral. Libertar a humanidade das crenças demoníacas foi, desde a Reforma, uma bênção que não deve ser destruída. Por estes argumentos desenvolvidos junto a outros mais estritamente teológicos — que já analisamos —, os signatários do manifesto apelam à consciência de "todos os que ocupam funções importantes na Igreja".

Conclusão. Uma primeira conclusão certa, porque da regra certa: não aceitar, em nenhum caso, a intervenção perceptível ou dedutível, do demônio (ou de forças diferentes das da natureza e de Deus).

Pelo mesmo argumento de que não deve explicar-se sobrenaturalmente o que ofereça possibilidade de explicação natural, igualmente certa deve ser uma segunda conclusão: não se deve supor uma intervenção imperceptível do demônio: tentação, co-autoria, providência. Acaso não é suficientemente razoável e razoavelmente suficiente a explicação natural? (Bem diferente é a Providência Divina onde aparece um conjunto que, de nenhum modo, seria razoável explicá-lo naturalmente. Este tema devo deixá-lo para outros livros sobre os Milagres, Revelações, Mística e Visões). [40]

Argumentando para teólogos e filósofos, igual conclusão que da "regra certa" poderíamos tirar do "probabilismo e probabiliorismo". Na prática basta o probabilismo... Não é necessário abundar em mais argumentos do que os que já foram expostos.

37. Arns, *Comissão...*, op. cit.
38. A entrevista de Herbert Haag foi muito divulgada; cf. por exemplo, "A morte sob Satã" in *Veja*, 18-8-1976, p. 59.

39. Cf. numerosos jornais e revistas ingleses sobre Christine Taylor, abril e maio de 1975.
40. Sobre as "aparições" cf., entrementes, Oscar G.-Quevedo, S.J., "Visões ou Projeções", gravações do "Curso de Parapsicologia e Religião" do CLAP.

Capítulo XXI

ALGUNS ARGUMENTOS DA FILOSOFIA

Na escolástica — ligada durante séculos à Igreja —, Filosofia e Teologia sempre caminharam de mãos dadas. Também no tema demonologia.

Sem o recurso à ciência experimental, à análise dos fenômenos atribuídos ao demônio, a existência e ação dos demônios só poderia deduzir-se da Filosofia.

Pura possibilidade... Foi a autoridade de Sto. Tomás de Aquino — seguindo nisto a Sto. Anselmo — que fez triunfar a idéia de que entre Deus e os homens deve haver outros seres. A criação ficaria manca, haveria um oco, um vazio: há criaturas exclusivamente materiais, há criaturas materiais-espirituais (o homem), logicamente deve haver também na criação seres exclusivamente espirituais. "Portanto, é necessário admitir, para que o universo seja perfeito (completo), que exista alguma criatura incorpórea".[1] Seres pessoais puramente espirituais — anjos.

O "argumento" é explicado pelo Dr. Gutberlet, profesor de Filosofia e Teologia em Fulda, num artigo sobre Parapsicologia publicado em 1921:

Não há saltos na série gradual dos seres; toda lacuna é preenchida; a criação mostra uma prodigalidade de riqueza. Portanto, a série não pode ser encerrada com o homem; o grande vácuo acima do homem deveria ser preenchido: existe necessariamente um reino

1. Sto Tomás, *Summa*..., op. cit., 1, q. 50, a. 1; *De Spiritualibus Creaturis*, 5, *Summa contra Gentiles*, 2, c. 36 e 91.

de espíritos, com numerosos graus... Assim uma consideração meramente filosófica torna já *verossímil* a existência de espíritos.[2]

Mas o "argumento" de Sto. Tomás não é apodítico. Supõe que Deus está obrigado a fazer o mundo o melhor possível e completo, mas na realidade basta que seja bom. Nem é necessário que existam seres de todos os tipos mesmo que fosse necessária a mais perfeita ordem da criação. Tal harmonia é demasiado antropomórfica.

Para passar dos anjos aos demônios, a ponte já é outra. E até difícil. Mas possível. Sendo livres, é possível que alguns anjos se tenham feito maus — demônios.

A distância permanece infinita. Com pouquíssima lógica acrescenta alguém:[3] "Se não houvesse seres meramente espirituais estariam seguidos na escala de perfeição os homens e Deus, o que equivaleria ou a exaltar demais o homem ou a rebaixar demasiadamente a Deus".

Ora, entre um e outro "degrau" desta "escala" pode haver e de fato há, mesmo levando-se em conta os anjos, uma distância infinita; o *seguinte* não significa *perto*.

Todos de acordo. O Dr. Gutberlet aponta outro argumento de grande peso: "A existência de espíritos foi admitida pela humanidade em todos os tempos e em todos os lugares". Do ponto de vista filosófico, o *substrato* de um consenso universal tem que ser verdadeiro.

De fato, todas as culturas aceitaram espíritos pessoais, bons e maus. Os hindus adoram uma grande quantidade de gênios (ou forças da natureza personificadas), medianeiros entre Deus e os homens. Os pensadores chineses vêem nesses gênios as causas gerais de tudo o que acontece. Confúcio diz dos gênios que, olhando-os, não são percebidos, e escutando-os não são ouvidos. Segundo o livro dos Persas cada um dos princípios que governam o mundo — Ormuz e Abriman — criaram gênios bons e maus. Em algumas religiões primitivas, como a Umbanda, entre o supremo Deus e o homem se interpõe um número quase infinito de seres bons e maus, orixás e exus. Os gregos e romanos povoaram o Olimpo de inumeráveis deuses, subalternos porém de Zeus ou Júpiter.[4]

2. Gutberlet, epigrafe "Parapsychologie" in *Philosophisches Jahrbuch* Fulda, 1921.
3. Por exemplo, entre os parapsicólogos, o quase sempre desorientado Freixedo, *El Diabólico*..., op. cit., p. 247.
4. Sirvo-me, em parte, da enumeração feita por Alejandro Hegedús, *Los fenómenos extranormales*, Buenos Aires, Kier, 1962, p. 287.

Sobre a constatação de que todos os povos acreditavam na existência de demônios, Aldous Huxley fundamenta a possibilidade — só a possibilidade — de sua existência e atividade.

Não encontro nada intrinsecamente absurdo ou contraditório na idéia de que podem existir espíritos não-humanos, bons, maus, ou indiferentes. Parece que não existem motivos para negar *a priori* que pode haver inteligências não-humanas, seja que são completamente sem carne, seja que estão associadas à energia cósmica de um modo que ainda desconhecemos. Nada nos obriga a acreditar que as únicas inteligências do universo são as que estão em conexão com os seres humanos. [5]

Todos de acordo. E daí? Qual o *substrato* deste consenso universal? (Prescindo agora dos anjos. Sua existência tem de fato outros argumentos e bem mais poderosos. Trato só dos demônios.)

Caberia perguntar-se até que ponto os demônios não são uma criação do inconsciente coletivo da humanidade para personificar o negativo, a debilidade, a dor, a desordem, e inclusive o mal moral. A existência da desordem, da dor e do mal é que seria verdade universalmente aceita. Este aspecto sorri hoje a muitos teólogos e filósofos. O dominicano Duquoc se pergunta se Satã não será simplesmente um símbolo do mal. [6] E concretizando ao mal moral, o jesuíta Schoonenberg considera o Diabo como sendo o pecado personificado. [7]

Niggemeyer mostrando a nova pedagogia religiosa católica apresenta concretamente a narração de Adão e Eva tentados pelo Diabo, só "como modelo plástico para explicar o pecado". [8]

Neste sentido falam do Diabo filósofos ateus, que não acreditam nem em Deus, nem no Diabo, nem nos Anjos, nem na alma e nem em nada transcendente. Assim, por exemplo, para Bloch o autenticamente diabólico é o mal moral, a depravação da ordem social. [9] Para Kolakowski o Diabo é somente um símbolo de tudo o que de uma ou outra maneira possa considerar-se como mau: "Sua existência não precisa nem de conteúdo nem de demonstração porque, por sua própria natureza, não representa uma realidade objetiva". [10]

5. Huxley, *The devils*; trad.: *Demônios*, op. cit., pp. 177-180.
6. Duquoc, "Satan..." in *Lumière*... op. cit., pp. 99-105.
7. Schoonenberg, *Theologie*, op. cit., p. 150.
8. M. Niggemeyer, "Schuld und Sünde" in *Arbeitshilfen für den Katholischen Religionsunterricht*, Paderborn, 1973, n. 1, p. 51.
9. E. Bloch, "Aufklärung und Teufelsglaube" in G. Schatz, *Hat die Religion Zukunft?*, Graz, 1971, pp. 120-134.
10. L. Kolakowski, *Gespräche mit dem Teufel*, Munique, 1968, p. 85.

Platão, na *Apologia de Sócrates*, afirmava que emerge da alma "uma força demoníaca, algo divino, gerando a indecisão", o que recentemente traduz Jung dizendo que "psicologicamente os demônios são interferências do inconsciente dentro do processo consciente, explicando os complexos".

Pode ser que o inconsciente coletivo da humanidade tenha inventado os demônios para descarregar neles a própria consciência, aspecto que defendem muitos sociólogos.

Em todo caso, o fato de o inconsciente coletivo ter fabricado os arquétipos junguianos não quer dizer que existem objetivamente. O consenso universal sempre terá um fundo de verdade, mas que pode ser bem diferente da sua formulação. Existe relação de movimento Terra-Sol, mas não é como todos os povos e épocas até bem recentemente pensavam (o Sol girando ao redor da Terra) senão justamente ao contrário. Não pode acontecer algo parecido com o conceito universal de demônios? Existe o mal moral, a indecisão, os complexos, as tensões da consciência, a contraposição ideológica ao Pai e ao Bem. E pode ser que não exista objetivamente o ser que personifica estas realidades: Satanás.

Espírito, ou matéria? Não há precisão, nem unanimidade, nem clareza no conceito de demônio, como vimos. Na sua natureza, porém, evidentemente uma das três: ou eles seriam materiais, ou seriam seres espirituais, ou as duas coisas (corpo e espírito).

(Descartemos por absolutamente contraditória a hipótese de serem semi-espirituais ou semi-materiais, como afirmam, por exemplo, os espíritas com Allan Kardec. Uma coisa ou é material, ou não é; ou é espiritual ou não é; a mesma coisa não pode ser espiritual e não-espiritual, material e não-material. É absurdo, pela mesma força dos conceitos, tanto se entendemos espiritual no sentido de simples, *sem partes* (e material no sentido de *com partes*) como se mais exatamente se define espiritual como *intrinsecamente independente da matéria*. Entre conceitos contraditórios não cabe meio termo).

Se os demônios fossem seres de alguma maneira físicos, por mais sutil que possa ser a sua matéria ou energia, precisarão algum tempo para transladar-se de um lugar a outro. Lentamente, se possuem um corpo sólido. Poderiam alcançar inclusive a velocidade da luz se fisicamente fossem constituídos só de energia.

Onde estariam? Nesta hipótese de os demônios terem constituição material, deste ponto de vista haveria possibilidade lógica em todas essas teorias de que precisariam lugares onde habitar e que poderiam agir fisicamente sobre o mundo e sobre o corpo das

pessoas. Haveria possibilidade! A realidade ou não, é outro tema que foge do campo da Filosofia para entrar no da pesquisa científica.

Perante a ciência não há nenhum caso demonstrado de ação dos demônios no nosso mundo observável. Talvez precisamente porque os demônios não seriam seres materiais...

O conceito mais freqüente, ao menos entre os cristãos, considera os demônios como seres unicamente espirituais. Filosoficamente, sua existência é uma possibilidade lógica.

De novo, possibilidade, exigência lógica e mesmo real existência dos demônios é uma coisa. E outra muito diferente a possessão e ação dos demônios em nosso mundo.

Filosoficamente teríamos que nos perguntar da mesma possibilidade de *ação* física de demônios, espirituais, no nosso mundo.

Para os demônios agirem sobre qualquer coisa do nosso mundo físico, evidentemente deveriam estar no local onde está a coisa sobre a qual atuassem. É um "slogan" aceito em Filosofia que "actio in distans repugnat": "Um efeito (físico) à distância é impossível".

Como afirma Sto. Tomás: "Os seres incorpóreos não estão em um lugar por contato de quantidade dimensional, como os seres corpóreos, senão por contato de poder".[11] Os espíritos estão onde atuam. Contato operativo, não quantitativo ou dimensional.[12]

Para agir num lugar, depois em outro diferente, o demônio deveria ir daquele lugar ao outro, embora se é espiritual, isto o pudesse fazer instantaneamente e sem atravessar o espaço intermediário: ora está aqui, ora está em outro lugar onde age.

"Como o poder do anjo (ou demônio) é finito e particular — enquanto o de Deus é infinito —, o anjo (ou demônio) não está em todas as partes, como Deus, senão limitadamente a um determinado lugar."

O problema está em determinar o lugar de ação do demônio. A quanto, em dimensão, se estenderia o poder operativo do demônio? "Tudo aquilo a que imediatamente se aplique o poder do anjo (ou demônio), se considera como único lugar dele, mesmo que não seja contínuo."[13]

Meras teorias inobserváveis. Raciocinemos, por comparação, com o espírito humano. Entre átomos e átomos do corpo humano há espaços vazios imensos. Maiores — relativamente ao tamanho — do que entre estrela e estrela. A extensão é devida ao movimento dos átomos, o contínuo é uma ilusão. O corpo humano,

11. Sto. Tomás, *Summa*, op. cit., 1, q. 8, a. 2, ad. 1.
12. Idem, ibidem, 1, q. 52, a. 1.
13. Idem, ibidem, a. 2.

porém, forma uma unidade porque entre todas as suas partes há uma íntima relação. O espírito humano está nessa "unidade" do corpo humano porque age nele todo e nesses limites do corpo humano.

Pois bem, quais os limites do poder do demônio? O cosmos todo também forma uma "unidade" onde todos os seus elementos estão inter-relacionados. O lugar onde estaria o demônio é todo o cosmos, toda a criação? Ou é só ora esta cascata, ora aquela árvore?

Depende dos limites que se poderiam estabelecer à sua atuação. O lugar onde está é o lugar onde atua.

Dos atos observáveis nada podemos deduzir, porque nunca se estabeleceu um fato sequer de ação do demônio. Unicamente, pois, podemos tratar de *meras possibilidades* teóricas, filosóficas.

Ação sobre a matéria? Voltemos à comparação com o homem. O homem pode conhecer parapsicologicamente qualquer coisa passada, presente e futura. Numa margem, ao todo, de pouco mais ou menos dois séculos. Pensamentos ou coisas físicas. Dentro dos limites da nossa Terra. Coisas intimamente relacionadas com o homem. É maravilhoso que o homem pode conhecer parapsicologicamente, espiritualmente, extra-sensorialmente, superando o tempo, a distância e os obstáculos. ESP ou Faculdade PG.

O homem pode também atuar fisicamente sobre os objetos circundantes. Mas só pode agir sobre os seres corporais no presente. Parapsicologicamente a telergia não pode agir no passado, nem no futuro. Nem a muita distância, só a menos de 50 metros do seu corpo. (O CLAP, após rigorosa análise, observação e experimentação não admite PK, a pretendida faculdade espiritual de efeitos físicos.)[14]

Parece lícito deduzir que, assim como o espírito humano não pode agir extra-sensorialmente sobre os seres materiais, analogamente também os demônios — espirituais — tampouco poderiam agir sobre os seres corpóreos. O homem só age sobre a matéria através do corpo ou energias materiais.

Não há possessão. Concretamente: poderia o demônio entrar no corpo humano? Pode haver possessão?

Boaventura, da sutileza espiritual deduz: "Portanto os demônios... podem entrar nos corpos dos homens".

14. Cf. *Revista de Parapsicologia* do CLAP, epígrafe: "PK", principalmente n. 10, p. 25 e n. 26 a 29, pp. 34-40 em todos esses números.

Entrar. Poderíamos passar por alto a possibilidade de que estivessem no corpo humano *sem agir* nele, com a condição de *não agirem* sobre ele...

Na realidade, tal afirmação — "os demônios podem entrar no corpo humano" — é uma contradição dos filósofos. Nem entrar podem.

Com efeito. O próprio S. Boaventura escrevia: "O espírito não pode ser penetrável ao espírito".[15] Quando "um anjo (ou demônio) — escreve o Cardeal Lépicier — age num lugar ou sobre um objeto deste mundo, torna-o completamente possuído, isto é, ocupa-o, enche-o e circunscreve de tal maneira que exclui que um outro anjo (ou demônio) qualquer possa ocupar de maneira semelhante".[16] E Sto. Tomás: "Como os anjos (os espíritos, em geral) estão em um lugar... ao modo de um perfeito possuir, é impossível que vários anjos estejam no mesmo local, senão que cada anjo está somente num único lugar".[17]

Sendo que o corpo humano está informado pelo seu espírito (tão intimamente que corpo e espírito formam um único ser, o homem), como é que outro espírito qualquer poderia estar no mesmo corpo? Como seria possível a possessão demoníaca?

A possessão demoníaca foi aceita por aqueles filósofos contraditoriamente a seus próprios princípios. Forçados pelo desconhecimento de Parapsicologia. Pretendiam com essas teorias demoníacas dar explicações dos fenômenos parapsicológicos. Também porque erradamente acreditavam que a possessão demoníaca era uma verdade revelada nos Evangelhos.

Na mesma contradição em que caíram os cristãos caem continuamente os espíritas. Continuamente acham que os espíritos dos mortos estão incorporados nos médiuns. Fazem "trabalhos" para expulsar os maus espíritos. Essa prática e essa interpretação não se coaduna com a teoria. O próprio Allan Kardec advertia:

> A palavra *possuído* supõe a coabitação de um deles (dos espíritos dos mortos) com a alma (do vivo) no corpo de uma pessoa... Dado que dois espíritos não podem habitar simultaneamente no mesmo corpo, não há possuídos nessa concepção. O termo *possuído* deve só entender-se (suponhamos!) na compreensão da dependência absoluta (subjugação) na qual pode estar um ser a respeito dos espíritos imperfeitos que o subjugam.[18]

15. S. Boaventura, *In Sententiae*, 2, 8, 1, 3.
16. Lépicier, *Il Mondo*..., op. cit., p. 64, n. 3.
17. Sto. Tomás, *Summa*..., op. cit., 1, q. 52, a 3.
18. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, op. cit., n. 474.

Não há subjugação. Considerar a possessão no sentido de subjugação — interpretação típica também na época da bruxaria, donde tiram-na Allan Kardec e muitos outros espíritas — implica nova contradição.

A ação demoníaca (ou espírita) nesta hipótese não passaria de mero influxo mental. Então *os fenômenos não se deveriam às forças do demônio ou espíritos*, agiriam as próprias forças do "possesso (subjugado ou dirigido mentalmente do além). O fenômeno chamado espírita ou demoníaco não seria fenômeno demoníaco nem espírita. Falar em subjugação é o mesmo que negar a ação no fenômeno.

De fato nenhum fenômeno — nem mental! — dos atribuídos aos demônios ou espíritos supera as potencialidades humanas.

A Idade da Pedra. Outros teóricos explicam o influxo mental por uma espécie de troca de espíritos!

Reconhecem que os espíritos ou demônios não podem agir sobre as coisas físicas: lógico e certo. Quem age sobre os objetos circundantes é a energia corporal do "possesso": lógico e certo. Essa energia corporal (telergia) do "possesso" é dirigida pelo seu próprio cérebro: também lógico e certo. Mas o cérebro — aqui começa o disparate! — não seria dirigido pela própria alma daquele homem, senão por outro espírito ou demônio!

Essa teoria é resumida e depois ridicularizada por Myers, professor de Filosofia que durante muito tempo tinha sido espírita:

> O autômata cai em êxtase, durante o qual seu espírito abandona o corpo, ao menos em parte (!)... O espírito, ao abandonar o organismo, favorece a invasão deste por outro espírito (!) que se serve dele mais ou menos do mesmo modo que o próprio espírito dessa pessoa. O cérebro, que se encontra temporal e parcialmente desprovido de direção (!), facilita que às vezes um espírito desencarnado (ou qualquer outro tipo de demônio, espiritual) se apodere dele e assuma sua direção (!) num grau que varia segundo os casos. Em alguns casos, como no caso da senhora Piper,[19] dois ou mais espíritos podem dirigir simultaneamente diferentes porções do mesmo organismo" (!).[20]

19. Célebre adivinha, da qual falo amplamente em *A face*..., op. cit.
20. Frederic William Henry Myers, *Human personality and its survival of bodily death,* Nova Iorque, University Books, 1961; tradução de Josefina Martínez Alinari, *La personalidad humana,* Buenos Aires, Sares, 1975.

É absolutamente inadmissível que um corpo morra, perca seu espírito e logo depois ressuscite com outro espírito que não é o seu, e ainda de novo morra quando sai o espírito invasor, e de novo ressuscite ao recuperar sua própria alma...! "Tal teoria — ridiculariza Myers — parece levar-nos diretamente à Idade da Pedra." Nem o corpo, nem o cérebro poderiam nem por um instante ficar "desanimados" — no sentido etimológico da palavra: sem alma — o que seria idêntico à sua morte. Nem se pode falar em parte ou parcela do espírito, porque evidentemente o espírito não tem partes.

Além do mais, hoje não se admite dicotomia entre alma e corpo: formam uma unidade inseparada. Separar a alma do corpo equivaleria à negação do homem. (Na morte, na chamada "ressurreição da carne", a alma vai deixando a energia corporal e animando "energia espiritualizada" ou "corpo glorioso").

Outra contradição. Os espíritos dos mortos (esta classe de demônios) não podem agir sobre as coisas materiais, *senão através do organismo* vivo dos homens. Assim o reconhecem os espíritas. A Parapsicologia prova que nunca há um fenômeno físico a mais de 50m de distância do "médium" ou do "possesso" etc. Como é que os espíritos poderiam agir sobre o cérebro já "desanimado", morto, mero amontoado inerte de minerais?

Conclusão. Todas as explicações apresentadas da ação e possessão demoníacas são filosoficamente inadmissíveis.

Na expressão excessivamente enérgica de Voltaire, só um imbecil pode aceitar a ação demoníaca. O reto raciocínio — pouco freqüente! —, a reta "Filosofia curou os homens desta abominável quimera, e ensinou aos juízes que não há que queimar os imbecis". [21]

A Teologia não pode dizer a última palavra sobre demonologia. A Filosofia não passa da primeira (mera possibilidade da existência dos demônios no mundo deles, sem agir no nosso). A ciência refuta tudo o que se tem afirmado sobre a atividade dos demônios no nosso mundo.

21. Voltaire (compilação de François Marie Arouet), *Oeuvres complètes*, vol. XXX; idem, *Dictionaire Philosophique*, II, Paris, Perrone au Cérioux, 1819.

CONCLUSÃO

Capítulo XXII

TRIUNFA O BOM SENSO

De todos os pontos de vista, analisei neste livro os casos e fenômenos considerados mais significativos entre os atribuídos aos demônios. Até nos mais assombrosos, se bem analisados, logo aparecem dados que mostram que tudo pode ter explicação natural. Evidentemente nem fui nem pretendia ser exaustivo.[1]

Os pioneiros. Apresentavam-se vários argumentos para defender as pessoas acusadas de bruxaria. O argumento mais interessante não é o fato de ter havido muitas calúnias sem base nenhuma, nem que consideravam *inútil pretensão* querer dominar os demônios, nem o de ser *superstição* e *heresia* acreditar na bruxaria.

1. Para outros casos célebres que foram considerados como possessões diabólicas ver, sobre Anne Chantraine, Jésus-Marie, *Satan...*, op. cit., pp. 380-835; sobre Jeanne Ferry, ibidem, pp. 386--419; sobre a "abadessa diabólica" Magdalena de la Cruz, de Córdova, ver Maurice Garçon, *Magdalena de la Croix, Abbesse diabolique*, Soriot, 1939; sobre a irmã Renata, G. Gaar, *Maria Renata*, Verona, 1749; sobre Hélène Peirier, G. Champault, *Une possédée contemporaine (1834-1914)*, Paris, 1920. Abundantes coleções de casos, que porém foram considerados pelos "defensores do demônio" como de menos importância ou que não adquiriram fama, são apresentados, em dois volumes, por P. Verdun, *Le Diable dans les missions*, Paris et Lião, 1893-5; por Kerner, tradução: *Storia di ossessi dei nuovi tempi;* o original é de Stuttgart, 1834; interessantes casos recolhe Cesare Baudi di Vesme, *Storia dello spiritismo*, 3 vols., Turim, Rouse Frascati, 1895-98, tomo II, pp. 516ss. Também faz uma seleção breve dos casos mais notáveis (alguns expostos neste livro com mais detalhes), Alfano, *Lo spiritismo...*, op. cit., pp. 264-278. Listas rápidas com dados biográficos são feitas em Jésus-Marie, *Satan...*, op. cit., pp.

O mais interessante é a dupla constatação de que muitos pensadores não rejeitavam os fenômenos, aceitavam que algumas vezes podiam acontecer. Mas não os atribuíam aos demônios. Defendiam que eram forças naturais pouco ou não conhecidas. No fundo, o mesmo que os parapsicólogos modernos.

Considerar certas pessoas, por causa de seus prodígios, como possessos dos *daimones*, era comum na antiga Grécia. Hipócrates protestou contra isso já no século IV antes de Cristo! Hipócrates insistia em que se tratava de doenças e fenômenos naturais. Deviam ser curados, não exorcizados.

Pioneiramente Henrique Cornélio Agrippa implorava justiça e não clemência, pois toda acusação de bruxaria é injusta. Nasceu em Colônia em 1436. Mesmo acreditando na intervenção demoníaca e de obscuras forças ocultas, escreveu um livrinho *alegre e elegante* — como ele mesmo o denominou —, mostrando como era ridícula a pretensão de bruxos e magos de *dominar* as "forças ocultas".[2] A tese central de Agrippa é enfatizada hoje pela Parapsicologia. Ele arriscou a vida defendendo uma jovem acusada de bruxaria.

Na Espanha Juan Luís Vives (1492-1540) teve a coragem de proclamar que as bruxas eram doentes mentais; deviam ser tratadas, portanto, com compreensão e compaixão. Seu pioneirismo lhe causou problemas com a Inquisição.

Um contemporâneo de Vives, Paracelso — Aurélio Felipe Teofrasto de Hohenheim —, nascido em 1493, Suíça, também considerava as bruxas como doentes. Deviam ser tratadas como tais. Foi cáustico, mas não lhe faltava razão quando disse que a respeito da bruxaria "há mais superstição na Igreja do que em todas essas bruxas e mulheres". Morreu em 1541.[3]

A Igreja Católica, oficialmente, foi pioneira em pretender reprimir os abusos da Inquisição. A Inquisição interessava aos poderes civis. O Papa Clemente VII, com a bula de 17 de abril de 1533 tenta abolir para sempre a poderosa Inquisição do poderoso Portugal de então e ordenou a libertação de todos os seus prisioneiros. "Os abusos — dizia o Papa — dos inquisidores são tais, que facilmente poderá entender, quem quer que tenha a menor idéia de cristianismo, que eles são ministros de Satanás, e não de Cristo." Lamentavelmente o poder civil, em Portugal e em seus domínios, continuou se servindo da superstição, de forma que ainda em 1765 se faria em Portugal um Auto-de-Fé. O úlitmo.[4]

No século XVI, ressoava, esclarecida, a voz do médico protestante Johann Wier, ou Weyer, inglês às vezes apresentado como alemão, outras como holandês. Viveu de 1515 até 1588. Foi o primeiro médico que analisou o problema da caça às bruxas com olhos de sóbrio observador psiquiátrico.

Foram vários os pontos de vista apresentados por Weyer. Suplicava compaixão e compreensão cristã com referência à lamentável condição dessas "mulherzinhas" — como dizia ele. Eram tantos os inocentes acusados sem que tivessem pretendido pacto nenhum! Eram tantas as difamações caluniosas inclusive contra pessoas que até tinham pânico dos pretendidos pactos demoníacos![5]

João Wier ou Weyer era médico do Duque de Cleves e tinha curado muitas bruxas de suas alucinações e comprovado que com a calma se acabavam as manifestações — parapsicológicas na nomenclatura de hoje — que tivessem apresentado. Por isso sustentava que só a fantasia — hoje diríamos o inconsciente, de um modo geral — era o que dirigia essas mulheres, no caso de realmente manifestarem fenômenos.

Wier em seu livro[6] explica "as ilusões provocadas pelo demônio": não negava os fenômenos atribuídos às bruxas, mas defendia que eram naturais; não negava abertamente que o demônio pudesse ter, espontaneamente, *certa participação* nas práticas dos bruxos que passivamente lhe abriam as portas, mas — eis o ponto mais importante — neste caso *todos os fenômenos seriam unicamente ilusões, imaginários*; julgava a pretensão de ser bruxo não só certamente ilícita, senão também vã ou inútil.

Convenceu alguns outros médicos e padres, experimentados e inteligentes, de que as "evidentes possessões" não eram tais.

Ambroise Paré (1509-1590), justamente considerado o pai da cirurgia, defendia enfaticamente que o Diabo não podia realizar

---

660-664; outra, pequena, por Henri Bon, tradução: *Compêndio de medicina católica*, Madri, Fax, 1940; tradução: *Medicina e religione*, Marietti, 1940, p. 307. Outros casos, históricos certamente, mas de "diagnóstico" demonológico menos comumente aceito ou menos famosos que os citados neste livro, poderão encontrar-se em "Bolandistas, *Acta*..., ou *Analecta*..., op. cit., procurando no índice analítico de cada volume as epígrafes "demônio", "energúmenos", possessão" etc.

2. Henricus Cornelius Agrippa, *Henrici Cornelii Agrippae ab Nettesheym. De incertitudine et vanitate omnium scientiarum et artium liber (atque de excellentia verbi Dei declamatio), lectu plane jucundus et elegans*, Colônia, 1527, Geider, 1614; tradução de Alberto Fidi, *La filosofia occulta o la magia*, 3ª ed, Roma, Mediterranée, 1978; tradução: "The vanitate of arts and sciences", Londres, 1678; tradução: *Magische Werke*, 4 vols., 4ª ed., Berlim, Hermann Barsdorf, 1921.

3. Citado por Ehrenwald, *Psychoterapy*..., op. cit., p. 14.

4. Urquizo Borges e Carlos Moraes, "Inquisição: O Processo" in *Realidade*, 1975, agosto, p. 14.

5. Johann Wier, *De Praestigiis daemonum*, Basiléia, 1563.

6. Idem, ibidem.

nenhum fato real, só poderia agir sobre a imaginação. Como pura fantasia explicava ele as visões, vozes, sensações que as pessoas diziam experimentar. Frisava que certas doenças mentais predispunham ou conduziam a essas alucinações, igualmente os acidentes de parto, a gestação, o artritismo, ou a ingestão de certas drogas, nomeadamente o alcoolismo; inclusive certas situações propensas como desgostos, estafas, abalos morais etc. também podiam ocasionar os fenômenos da bruxaria sem relação, na realidade, com demônios. [7]

Marta Brossier era considerada como uma autêntica endemoninhada pelo médico Bérule, pelos exorcistas, pela generalidade do povo e clero católico e protestante. Mas toda aquela fenomenologia variada — xenoglossia, aportes... — e os ataques convulsivos exibidos em "férias" não enganaram o sensato e experiente médico Marescot, delegado pelo Cardeal Goudi e pelo rei Henrique IV. Marescot demonstrou um equilíbrio e discernimento que hoje nos causa profunda admiração. Os estados "sobrenaturais" de Marta desmoronaram-se ao serem considerados como histéricos pela experta análise clínica. [8]

Não era tão decidido Johann Georg Goedelman, pois aceitava a existência de *algumas* bruxas, que deviam ser castigadas; mas afirmava o catedrático de Direito na Universidade de Rostock que a maioria das condenadas por bruxas eram inocentes, não passavam de simples "desvairadas e fantasiosas", mentalidades desequilibradas que deveriam ser levadas ao médico e não à força. Repetia, aliás, a tese já antes advogada por outro professor alemão, Hernann Witkind, catedrático de Filosofia e Matemática na Universidade de Heidelberg. [9]

Na mentalidade da época acreditavam que as bruxas voavam ao sabbat. Del Rio afirma: "Pecam contra a reverência à Mãe Igreja os que afirmam que tudo isso não passa de sonhos e ilusões". [10] Navarro reclama valentemente e afirma que pecado seria justamente o contrário: "Peca mortalmente quem acredita que as bruxas são levadas corporalmente pelo ar a diversos lugares". [11]

7. Além de diversas passagens de sua ampla obra, cf. Ambroise Paré, *De la génération de l'homme, des monstres*, 1573.
8. Além da biografia já citada a este respeito, cf. Jean Lhermitte, que expõe detalhadamente este caso no livro de Bruno, *La Belle*..., op. cit.
9. Cf. Baschwitz, *Brujas*..., op. cit., pp. 164s.
10. Del Rio, *Disquisitiones*..., lib. II, 9. XVI.
11. Navarro, *Manuale confessorum*, cap. XI, n. 38.

Também João Ponzinibio escreveu um livro para demonstrar que os prodígios das bruxas eram ilusões, fantasias e sonhos. [12] Seu pioneirismo e valentia custou-lhe ser considerado herege num livro escrito contra ele por Bartolomeu de Spina. [13]

Réginald Scott (1538-1599). Seu fundamento, na ordem dos fatos, é falso, mas a conclusão é verdadeira. Apoiava-se no erro protestante de que a era dos milagres já passara: assim como os santos não recebem mais ajuda de Deus para operar milagres — errado —, os bruxos também não podem contar com a colaboração dos demônios para obtê-los — certo. [14]

Scott saíra em defesa de Weyer quando este foi criticado pelo famoso perseguidor de bruxas, o jurista francês Bodin. De nada adiantou que Scott citasse Calvino em apoio de sua tese. Os reformistas se irritaram. A controvérsia Wier-Bodin-Scott originou a lamentável intervenção do rei James I e seu decreto sobre "Demonology". Parece certo que o rei ordenou que o carrasco queimasse em praça pública já que não o próprio Scott ao menos o seu livro. [15]

Réginald Scott fez escola. Seu "discípulo" Samuel Harsnett, arcebispo de York, observava em 1599: "Que os feiticeiros ou feiticeiras possam enviar demônios aos corpos de homens ou mulheres, como alguns pretendem, é lá uma questão debatida entre os que escrevem a este respeito. Os mais sábios e os mais sensatos entre eles tendem para a negativa". [16]

O filósofo italiano Giordano Bruno (1548-1600) declarou abertamente que muitas condenadas por bruxas não passavam de coitadas anciãs desequilibradas.

Na Espanha ouviu-se a voz valente e esclarecida do padre — e posteriormente cônego —, inquisidor no país Basco, Alonso de Salazar y Frías.

Não será a única vez que os tribunais contras as bruxas reconhecem o erro: acontecerá no fim do século XVII no processo das bruxas de Salem, Massachusetts, USA. A confissão da justiça norte-americana é no fim da onda de bruxomania. O pronunciamento da justiça espanhola é destacadamente adiantado com res-

12. Joannes Ponzinibus, *De lamis et excellentia iuris utriusque"*, 1525.
13. Bartolomeu de Spina, *In ponzinibium de lamis apologia*, 1531.
14. Scott, *Discovery*... apêndice: "A discourse...", op. cit., 31, pp. 386s.
15. Notestein, *A history*.., op. cit., pp. 67s.
16. Samuel Harsnett, *Discovery of the fraudulent practices of John Darrel*, 1599, citado por Notestein, *A history*..., op. cit., p. 90, nota 41.

peito a outras nações. Os argumentos de Salazar y Frias para acabar com tais processos, com a tortura, com a confiscação de bens foram depois incorporados pelo Supremo Tribunal da Inquisição espanhola num memorandum publicado em 1614.[17]

Merece destaque também Montaigne (1533-1592), que curou pelo hipnotismo muitas pessoas consideradas endemoninhadas: "As bruxas são mais doentes do que culpáveis".

Na Alemanha destacam-se três jesuítas na oposição às condenações: Adam Tanner (1572-1632), Paul Laymann (1575-1635) e, principalmente, o Pe. Friedrich von Spee (1591-1631) que, no ano de sua morte prematura — com só 40 anos —, publicou anonimamente e sem autorização dos superiores da Companhia de Jesus um violento, mas justificado ataque aos processos de bruxaria, com o título *Cautio Criminalis* "Precauções (no processo) criminal".[18]

O livro aumentou sua influência após a tradução ao francês pelo Dr. F. Beuvot, médico em Besançon. Dois séculos mais tarde, J. Tissot — o célebre tradutor das obras de Kant — no seu livro sobre a imaginação e o maravilhoso, ainda haverá de dedicar quase cem páginas a repetir os argumentos de Spee.[19]

O Pe. Spee (ou Spe) tinha só 30 anos quando o bispo de Wurtzburgo (nesta diocese tragicamente se autorizaram os exorcismos a Anneliese, nos nossos dias!) lhe perguntou por que seus cabelos já estavam brancos, ao que respondeu o jesuíta: "De compaixão, por causa das numerosas bruxas que preparei a bem morrer; nenhuma delas era culpável". No seu livro escreveu: "Quando examino as evidências públicas, surpreendo-me a mim mesmo pensando que dificilmente existe alguma bruxa".

Mas esses três jesuítas demoraram a conseguir que o bom senso triunfasse na Alemanha. Eles mesmos não eram bem vistos pelos seus irmãos religiosos. Inclusive sofreram duras repreensões dos superiores. Spee temia nada conseguir (a não ser mais violentas reações) se sempre fosse drástico e claro em rejeitar a ação do demônio. Só assim podem entender-se frases ambíguas que dissemina na sua obra.[20]

O influxo dos três pioneiros jesuítas, embora lento, foi marcante.[21]

---

17. Baroja, *Las brujas*..., op. cit., pp. 263-268.
18. Spee, *Cautio criminalis*..., op. cit.
19. J. Tissot, *L'Imagination des bienfaits et ses égarements surtout dans le domaine du merveilleux*, Paris, 1868, pp. 371-437.
20. Spee, *Cautio Criminalis*..., op. cit., pp. 9s., 20, 124, 135, 255 principalmente, 299 etc.
21. Zwetsloot, *Friedrich Spee*..., op. cit.; E. Rosenfeld, *Friedrich Spee von Langenfeld. Eine stimme Im der wüste*, Berlim, 1958;

Guillaume Baillou foi escolhido em 1601 por Henrique IV para ser o primeiro médico do Delfim.[22] Baillou não só falou contra a interpretação demoníaca, senão que a um jovem que estava recebendo contínuos exorcismos, o convenceu de que deixasse disso e tomasse abundantes remédios que lhe prescrevia — com êxito — contra a depressão psicológica.

Menos diplomático que o jesuíta Spee, ou mais valente e leal na sua intenção de libertar a Igreja de Cristo da superstição demonológica, foi pouco depois o pastor calvinista Bekker (1654-1698). Os quatro volumes de sua obra *O mundo embruxado* ainda hoje são interessantes e geralmente válidos.[23] Argumenta amplamente que é impossível que o Diabo tenha tanto poder, porque Deus não pode ter-lho concedido. Os pactos e as relações sexuais com os demônios não passam de produtos da fantasia. Não existem bruxas.

A reação das autoridades da Igreja Reformada não foi a condenação à fogueira ou à força, mas Bekker foi destituído do seu cargo de pastor em Amsterdã, foi excomungado, e proibiu-se a todos os fiéis de prestar-lhe qualquer assistência. O desprezo público, o isolamento dos seus correligionários, a exclusão da sua Igreja, que pretendeu libertar, foram para o valente teólogo e cientista cruel e lento martírio bem pior do que a força ou a fogueira.

Para o jesuíta Atanásio Kircher, que escrevia em Colônia e em Roma no século XVII,[24] os "possessos" eram vítimas de transtornos mentais, e os inquisidores e juízes vítimas de enganos.

Voltaire era ainda mais duro, pois para ele tanto "possessos" como inquisidores, juizes e perseguidores de bruxas eram doentes mentais. O ambiente de bruxaria era loucura coletiva.[25]

François Bayle. Estamos já em 1681. Chamado a atender a umas mocinhas "possuídas', que estavam dando um *show* na porta da Igreja, Bayle convenceu os comissionados do parlamento, diagnosticando:

> Consideramos que nenhum desses fenômenos ou efeitos, em particular nem todos em conjunto, podem ser considerados como provas de obsessão nem de bruxaria... Poder-se-ia prometer a cura ou ao menos alívio de todas essas moças se fossem colocadas num lugar onde encontrassem algum consolo e onde não ouvissem falar

---

H. C. E. Middelfort, *Witch hunting in Southwestern Germany*, 1562 e 1648; uso a reedição Stanford, 1972, pp. 27-29.
22. Cf., entre outros citados, Garçon, *Le Diable*..., op. cit.
23. Bekker, *De betoverde*..., op. cit.
24. Atanasius Kircher, *Ars magna lucis et umbrae*, Colônia, 1646, idem, *Magnes sive de magnetica arte libri tres*, Roma, 1654.
25. Cf. mais um documento: Bommberg, *La mente*..., op. cit.

em feiticeiros nem em demônios, salvo para fazer-lhes reconhecer
seu erro.

Como é freqüente com os pioneiros, o Dr. François de Sant'An-
dré de Coutances sofreu a incompreensão dos seus contemporâneos.
Escrevera uma importante obra contra a interpretação demoníaca.
Ele conhecia muito bem as práticas e os fenômenos da feitiçaria e
bruxaria por tê-los estudado entre a sua numerosa clientela. Mas
os manuscritos escandalizaram os censores, não podiam ser publi-
cados, foram "corrigidos" minuciosamente pelo cônego Le Moyne,
doutor da Sorbonne, e só assim o livro foi publicado por fim em
1725, cinco anos antes da morte do autor. Os últimos anos do
Dr. Saint'André foram marcados pelas violentas críticas que suas
"Lèttres" provocaram sendo acusado de querer reduzir "tudo ao
natural".

Ele não negava o sobrenatural, mas insistia que as vítimas
de feitiço, de íncubos e súcubos eram na realidade doentes, víti-
mas da sua própria imaginação; os "possuídos" eram doentes que
deveriam ser curados, ou simuladores que precisavam ser desmas-
carados; os bruxos

enquanto não lhes falam do *sabbat* raciocinam com senso comum,
somente demonstram extravagância quando ouvem falar dele, en-
tão imaginam mil quimeras e mil prazeres. Que não se atribuam
ao Diabo os fenômenos incompreensíveis: encontrar uma pessoa des-
pida num lugar afastado, não é argumento para se pensar que foi
levada lá pelo demônio. É possível que se trate somente de sonam-
bulismo, ou de efeito de delírio; o *sabbat* normalmente tem lugar
na cama, sonhando, sob efeito de algum narcótico; as marcas no
corpo e áreas insensíveis não são provas de ação demoníaca, senão
efeito da natureza ou de certas manobras.[26]

Lentamente fora se apresentando uma mudança psicológico-so-
cial que o Pe. José A. Netto, S.J., analisa com sagacidade:

Primeiro a estrutura dos processos era binária: juízes e feiticei-
ros. Depois a estrutura se torna ternária: juízes, feiticeiros que cau-
saram o mal, e "possessos" que são as vítimas. Os "possessos"
começaram a ser vistos com piedade. O temor e o ódio voltam-se
contra os feiticeiros. São acusados de feiticeiros os padres, médicos,
sábios que mais se destacam por suas qualidades humanas e cultu-
rais, são vistos como detentores de um poder secreto e mágico, que
na realidade é simplesmente saber e qualidades humanas.[27]

26. René Semelalaigne, *Les pionniers de la Psychiatrie Fran-
çaise*, Paris, Baillière, 1943, 2.º vol.
27. J. A. Netto de Oliveira, S.J., "O Sagrado e a Cultura. O

Um marco na história. O célebre processo contra o Pe. Grandier pode ser considerado como tardio. As fogueiras contra as bruxas já estavam, se não apagadas de todo, ao menos extinguindo-se. E esse processo de Grandier teve entre tanta atrocidade o mérito de impressionar as consciências e fazê-las reagir contra aqueles que ainda acreditavam na bruxaria ou nas intervenções demoníacas.

As freiras eram cultas, conheciam muito bem a Bíblia e algo de latim. Conheciam a história da bruxaria... A primeira doente foi a superiora, Jeanne de Bélciel (Madre Jeanne des Anges). O contágio se estendeu a todo o convento. O confessor, Pe. Mignon, impressionado pelos fatos e com a cabeça cheia de idéias da recente época da bruxaria, administrou privadamente os exorcismos. Pediu depois a colaboração do fanático e supersticioso exorcista Pe. Barré.

O primeiro exorcismo público foi em 11 de outubro de 1631. Já antes, nos exorcismos privados de 1.º a 5 de outubro, os "demônios" acusaram o Pe. Grandier de ter jogado no pátio do convento — outros dizem na escada — um pacote, um ramo de rosas, enfeitiçado. E assim teria ocasionado toda a ação demoníaca no convento.

Naquela época já era possível encontrar muitas pessoas cultas e sensatas que desprezavam todas essas histórias de intervenções de demônios. O bispo de Bordeaux, D. Sourdis, antigo marinheiro, riu das pretensões dos Pes. Mignon e Barré. O chefe militar de Loudun, Guilhermo de Cerisay, como também sua culta e influente esposa, orientados pelo médico Dr. Duncan, demonstraram inapelavelmente que lá nada havia de demônios; tudo era resultado da viva impressão que nas religiosas causava Grandier educado pelos jesuítas de Bordeaux, boa presença, inteligente, orador eloqüente, apaixonado, de costumes excessivamente galantes, orgulhoso e desprezador da opinião pública, provocador, de grande fama. E com idéias próprias, contrárias ao governo de Richelieu! A maioria das freiras de Loudun veio da alta sociedade e de famílias influentes na política. Uma das freiras, Clara de Sazilly, era parente do todo-poderoso Primeiro Ministro, Cardeal Richelieu.

A defesa que o Dr. Duncan e o casal Cerisay apresentaram parecia garantir em 1632 e começos de 1633 que Grandier estava salvo e seguro. Mas não foi assim. Richelieu enviou Lauberdemont como comissário real com plenos poderes, e este, inimigo pessoal de Grandier, aproveitou bem as circunstâncias para levar o vigário de Loudon à fogueira.

problema do demoníaco no mundo moderno" in *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 34, 1974, dezembro, p. 845.

Lauberdemont e Delancre, Boguet, Bodin e demais grandes juízes e comissários parlamentares acreditavam sinceramente na bruxaria de Grandier, impressionados pela intervenção "demoníaca" no convento.

Na realidade, porém, analisando hoje a abundantíssima bibliografia sobre Loudun,[28] de provas concretas só se apresentou uma: encontraram entre os papéis de Grandier um artigo criticando o celibato sacerdotal. Nesse fato — e no fascínio que Grandier causava! — se apoiou a calúnia de que por artes diabólicas teria seduzido as freiras. O doutor Legué reuniu em 1880 um grande número de preciosos documentos até então inéditos demonstrando a inocência de Grandier.[29]

Nada confessou apesar das cruéis torturas. O coitado nem fez — é evidente — nem pretendia fazer feitiçaria contra as freiras.

Durante um interrogatório, se apresentou "o pacto" como se tivesse sido feito por Grandier. Assinado com sangue. O leitor poderá sentir curiosidade em ler este modelo dos famosos pactos:

Amo e Senhor Lúcifer: reconheço-vos como meu deus e meu príncipe, e prometo obedecer-vos e servir-vos enquanto viver. Renuncio ao outro Deus, assim como a Jesus Cristo, aos Santos e Santas e à Igreja Apostólica Romana, aos Sacramentos e a todas as orações e preces que possam os fiéis dedicarem em meu favor. Prometo praticar todo o mal que puder e que os demais pratiquem.

28. Há numerosos folhetos publicados na época sobre o processo de Grandier: *Extrait des registres du Comité* etc., Poitiers, 1634; *Traité de Mélancolie: écrit tiré des réflexions de M... sur le discours de Dr. Duncan*, La Flèche, 1635; *Apologie de Dr. Duncan: contre le Traité de Mélancolie. Vraie relation de ce qu'est arrivé en Loudun*, Paris, 1634; *Vraie relation etc.*, Paris, 1634; *A l'ombre de Urbano Grandier et son encontre avec Gaufridi*, 1634; *La démonologie en Loudun*, Loudun, 1636; *Vraie relation etc. par le pére Tranquille*, La Flèche, 1634, *Admirable changement de vie d'un jeune avocat*, Loudun, 1634; *Interrogatoire de Monsier Grandier*, Paris, 1634; *Examen et discussions critiques etc.*, Liège, 1647. A esses folhetos da época, há que somar, além dos livros principais que cito à medida que neles me baseio, os interessantes trabalhos (deles também me sirvo para extratar a verdadeira história) de Gayot de Pitaval, *Causes célèbres*, Amsterdã, 1775, tomo II, pp. 273-439; Didot-Hoeffer, *Nouvelle biographie générale*, Paris, 1857, tomo XX, cols. 644-652; Jules Baissac, *Les grands jours de la sorcellerie*, Paris, 1890, pp. 454-521; Jules Michelet, *La sorcière*, Paris, Calmann- Lévy, s.d.; uso a tradução espanhola de Estela Canto, *Historia del satanismo y la brugería*, Buenos Aires, Siglo Veinte, s.d., pp. 225-281 (não sempre exato).

29. Recebo notícias de que aparecerá na Espanha a tradução *Urbano Grandier y las poseídas de Loudun*, do original, Legué, *Urbain Grandier...*, op. cit.

Renuncio ao Batismo, ao Crisma, a todos os mérito de Jesus Cristo e dos Santos, e se deixar de vos servir, de vos adorar e de me prostrar diante de vós uma vez por dia, entrego-vos a minha vida como vossa propriedade. (Assinado) Urbano Grandier.[30]

A falsidade se confirma pela evidentemente falsificada contraparte demoníaca no pacto:

Nós, Todo-poderoso Lúcifer, secundados por Satã, Beelzebul, Leviatã, Eliami, Astaroth e outros (estes outros foram humildes!, renunciaram a aparecer no documento histórico...), aceitamos hoje o pacto de aliança com Urbano Grandier, que assim está conosco, e nós lhe prometemos o amor das mulheres, a flor das virgens, a honra das religiosas, as dignidades, os prazeres e as riquezas. Fornicará de três em três dias. Comprazer-se-á na embriaguez. Oferecer-nos-á uma vez por ano o presente (pacto) assinado com o seu sangue. Calcará aos pés os ensinamentos da Igreja e nos dirigirá as suas preces. Em virtude desse pacto viverá feliz vinte anos na Terra dos homens e, em seguida, virá permanecer entre nós, maldizendo a Deus. Feito nos Infernos, no Conselho dos Demônios. (Assinado) Lúcifer, Beelzebul, Satã, Eliami, Leviatã, Astaroth. Visado (pela assinatura e selo do) Mestre Diabo e dos Monsenhores, os Príncipes dos Demônios. (Contra-assinado) Balbérith, secretário.[31]

Pode haver quem acredite na realidade deste pacto ter sido escrito pelos demônios?

Grandier reclamou contra o médico Mannoury e por isso Mannoury foi substituído por outro cirurgião mais humano, o Dr. Forneau. Este, a contragosto, teve de fincar agulhas por todo o corpo de Grandier sem encontrar os "lugares insensíveis" que contituiriam as marcas do demônio. Obrigado pelos juízes, Forneau ainda teve que introduzir agulhas entre as unhas e a carne de todos os dedos de Grandier. Depois, ainda o submeteram ao tormento de atar-lhe as pernas com cordas, puxar até separá-las desmesuradamente e lhe introduziram, a golpe de marretas, entre as pernas uma grande cunha até desarticular-lhe e quebrar-lhe os ossos. Mesmo assim o indomável Grandier continuou protestando inocência. E mesmo na fogueira gritava ser inocente. Não confessou pelo simples fato de que era inocente... e valente.

30. O CLAP possui cópia fotográfica deste documento que se conserva na Biblioteca Nacional de Paris.

31. Em diversas partes poder-se-á encontrar essa absurda invenção. Além da bibliografia nas notas 28 e 29, cf. Rafael Urbano, *El Diablo, su vida y su poder. Toda su historia y vicisitudes*, Madri, Biblioteca del Más Allá, 1922.

Ele não era — nem podia ser — nem bruxo nem nenhuma espécie de controlador de poderes demoníacos. A simples leitura da sentença mostra à opinião pública, que não havia base nenhuma na acusação de bruxaria. Refiro-me a um panfleto que se espalhou com as acusações:

Urbano Grandier, vigário de Loudun, nasceu no país de Maine, sendo depois feiticeiro de profissão. Há aproximadamente nove anos que foi declarado como tal e marcado em quatro lugares diferentes por Asmodeo, o demônio da luxúria, com uma marca que figura a garra de um gato... As quais (marcas) foram encontradas. E segundo disse Asmodeo (por boca das freiras!) nos exorcismos que fez o senhor Bispo de Poitiers com ajuda do Revdo. Pe. Lactance, recoleto, o mencionado vigário tem três irmãos, dos quais dois são bruxos e marcados, motivo pelo qual se têm visto obrigados a abandonar o país. O Diabo e o pároco fizeram três pactos: 1º fazer dele um dos mais eloqüentes do seu tempo, coisa que cumpriu, pois seduzia escutá-lo; 2º que o faria desfrutar das mais belas e principais senhoritas de Loudun; 3º que lhe proporcionaria um chapéu vermelho...

Multidão de escritores e inclusive poetas reagiria imediatamente contra a condenação de Grandier considerando o processo uma das maiores injustiças judiciais do século XVII. Passou-se a compreender que no fundo da época da bruxaria havia demasiada ingenuidade, superstição, mentalidade mítica.

Antes era dificílimo escapar da acusação de bruxaria e os delatores eram quase sempre premiados. Após o processo de Grandier, passou a ser comum que a pessoa acusada de bruxaria, mesmo que não tivesse sido levada aos tribunais, instituísse um processo de difamação contra o acusador.

É típico na jurisprudência a esse respeito o caso acontecido na Inglaterra em 1659. Conservam-se as atas, muito detalhadas, do tribunal de Essex. [32]

Por fim, no século XVII, se estava chegando aonde já se chegara com a lei sálica no século V. Oh, o progresso! Sanciona-se na lei sálica o delito de bruxaria, mas era notavelmente maior o castigo imposto a quem falsamente ou sem razão suficiente, difamasse a alguém qualificando-o de bruxo.

Outro ponto crítico. Outro episódio que fez mudar a opinião pública e a conduta oficial, foi resultado do — por isso mesmo — famosíssimo processo de Salem. Estados Unidos. Massachusetts.

32. *Quaterly Court of Essex Country*, tomo 2, pp. 157-160.

Em 1892 um médico acusou de bruxaria a um grupo de moças, jovens histéricas. Havia então muita ansiedade religiosa alentada pelos quacres contra o formalismo da Igreja da Inglaterra. Desassossego político.

No mínimo 19 pessoas, muitas delas altamente consideradas na sua comunidade, terminaram na forca convictas de bruxaria. Nas torturas chegou-se ao extremo de prensar um bruxo entre duas pranchas até a morte.

Mas logo veio a reação de repulsa a tais condenações e às teses de satanismo. Em 1697 o júri em pleno, o juiz S. Sewall e uma das bruxas sobreviventes, reconheceram publicamente que tudo estivera errado. Não houvera nada de demoníaco. Suplicaram o perdão das famílias dos condenados. Reabilitou-se-lhes a memória. Eram inocentes (hoje os descendentes pedem indenização!). [33]

Um pouco mais tardiamente nos Estados Unidos da América, mais cedo na Europa, o caso é que no século XVII muitos protestavam contra a perseguição às bruxas.

Atribuiu-se ao reverendo Willard, da "Old South Church", estas sensatas palavras: afirmar que a bruxa deve morrer, porque se não fosse bruxa não incorreria nas penas "é um princípio perigoso, e contrário ao pensamento de Deus, que decretou que devia haver uma prova justa e evidente contra o criminoso. A Providência não passa às mãos da Justiça (o direito de) tirar a vida. Deus não isentou a bruxaria desta Regra Geral. Além do mais, a razão nos dita que quanto mais terrível é o crime, tanto mais cautelosos devemos ser em culpar alguém". [34]

A ciência — os precursores da Parapsicologia — foi se impondo. Na Europa, nos começos do século XVII, a interpretação demoníaca ficava marginalizada às mentes incultas e aos fanáticos religiosos. A elite pensante, entre teólogos e pessoas cultas, sabia que por exemplo o "malefício", o dano produzido pelas bruxas,

33. Nevins, *Witchcraft...*, op. cit., John Eiske, *Witchcraft in Salem Village*, Boston, Houghton Mifflin, 1923; William W. Semmill, *The Salem witch trials*, Chicago, A. C. McClurg, 1924; Martin V. B. Perley, *A short history of Salem Village witchcraft trials*, Salem, (Mass.), Perley, 1911; Charles W. Upham, *Salem witchcraft. With an account of Salem Village and a history of opinions on witchcraft and kindred subjects*, 2 vols., 5.ª ed., Nova Iorque, Frederick Ungar, 1976; David Levin, *What happened in Salem*, 2.ª ed., Nova Iorque, Harcourt Brace Javenovich, 1960.

34. Revdo. Samuel Willard (provavelmente, foi publicado como anônimo), *Some Miscellany on our present debates respecting witchcraft.* Cf. Perry Miller, *The New England mind: From colony to province*, p. 20.

era obtido "pela manipulação de forças naturais". Que vários o sabiam, é a tese defendida hoje por Sheldo Glueck, Professor Emérito da Universidade de Harward.[35] Como subscreveria hoje o especialista em Parapsicologia: a má intenção do feiticeiro, excitado, concentrado, é adivinhada inconscientemente pela vítima, e é o inconsciente da própria vítima, supersticiosa e desequilibrada, que atua sobre o próprio organismo.

A explicação natural foi aceita depois pelos próprios mestres ocultistas, sucessores dos bruxos. Assim, continuando a título de exemplo com o feitiço, o mestre ocultista Elíphas Lévi Zahed (equivalente hebraico do seu verdadeiro nome Alphonse Louis Constant) resume toda a magia do século XIX:

> Todas essas figuras, toda essa ordenação de números e letras, não são mais do que instrumentos da educação da vontade, da qual fixam e determinam os hábitos. Servem também para concentrar na ação todo o conjunto de potências da alma humana e aumentar a força criadora da imaginação. É ginástica do pensamento que se exercita nas práticas mágicas.[36]

Era a tese defendida já em 1563 pelo admirável médico protestante Johann Wier. Mas no seu tratado, chegou a exagerar e atacar certas práticas católicas considerando-as mágicas, portanto pretendido pacto implícito com o demônio.

Magia e sacramentos. É preciso esclarecer este erro. Não percebia Wier que certos sacramentos, e rituais dos sacramentais em geral, não são práticas mágicas. Não se pretende obter efeito sobrenatural pela força das palavras ou das cerimônias em si mesmas consideradas. Trata-se unicamente de orações simbólicas. O êxito depende da promessa de Cristo (sacramentos) e da vontade de Deus em resposta à súplica simbólica dos homens (sacramentais). Não depende das palavras da oração em si mesmas consideradas nem das cerimônias e símbolos que a acompanham.

Como vimos nos capítulos X e XI, a Bíblia "batizou" certas superstições pagãs, incorporando as cerimônias ao culto de Iahweh, mas destituindo-as do seu significado mágico.

Assim no ritual do dia da expiação, escolhia-se um bode expiatório que levava os pecados ao deserto, mas o faziam diante do sacerdote e do altar de Iahweh. Símbolo.

Igualmente se recorreu à água da purificação, misturando-a com as cinzas de uma vaca vermelha (Nm 19). "A origem pagã

35. Glueck, prólogo a Fox, *Science...*, op. cit., p. X.
36. Levi, *Dogma...*, op. cit.

e mágica deste rito está fora de toda discussão. O vermelho é em muitos povos uma cor especialmente protetora, que afasta o mal e põe em fuga os demônios."[37] A Bíblia usa esse rito mágico dos pagãos somente como símbolo, e não pretende com isso afugentar "demônios" (desgraças), senão por meio da oração a Iahweh diante do sacerdote.

Da mesma maneira usa as cinzas de animais porque em alguns povos se usam para as lustrações. Da mesma maneira usa a água simbolicamente para pedir a remoção das "manchas" espirituais do pecado.

O mesmo podemos dizer do rito da purificação dos leprosos após a cura (Lv 14,2-9). Água, púrpura escarlate e sangue (cor vermelha) de animais sacrificados, um pássaro que se solta para que leve os pecados... "As doenças da pele, nojentas e contagiosas, são causadas por um demônio que é preciso expulsar... Todas estas prescrições testemunham conceitos primitivos e provam que há aqui ritos supersticiosos".[38] A Bíblia usa-os como símbolos, despojando-os do seu significado e pretensão mágica.

É certo que a água benta empregada profusamente pelos católicos, assim como a água e o sal no ritual do batismo têm sua origem nos rituais pagãos. Doler[39] e Heiler[40] demonstraram que os israelitas tomaram estes símbolos dos ritos dos povos vizinhos que, ainda hoje, os utilizam para afugentar os "demônios". Os judeus temenis ainda hoje pretendem expulsar os "demônios" polvilhando com sal os "possessos".[41] Dos antigos israelitas o tomaram os cristãos. Foi abandonado o simbolismo pelos protestantes, mas nem por isso Wier pode licitamente acusar os "papistas" de magia por usar a água e o sal como oração simbólica.

Não me parece que Walker tenha analisado perfeitamente o pensamento de Wier nem com respeito à explicação dos fenômenos atribuídos às bruxas, nem com respeito aos sacramentos e sacramentais dos católicos. Parece-me que naquilo — na explicação dos fenômenos — Wier estava fundamentalmente certo, e nisto — na acusação de magia — estava errado. Walker opina justamente ao inverso.[42] Que tenha havido interpretações e práticas erradas

37. Roland do Vaux, *Bible...*, p. 583.
38. Idem, ibidem, p. 316.
39. J. Döller, *Die Reinheits und Speisegesetze des Alten Testaments in religionsgeschtlicher Beleuchtung*, Münster, 1917, pp. 259-278.
40. Heiler, *Erscheinungsformem...*, op. cit., pp. 185-193.
41. E. Brauer, *Ethnologie der jementischen Juden*, Heidelberg, 1934, p. 388.
42. Daniel Pickering Walker, *Spiritual and Demonic Magic from*

entre os católicos, não quer dizer que sacramentos e sacramentais se identifiquem com a magia.

O mesmo exagero em atacar as práticas mágicas, incluindo nelas sacramentos e sacramentais dos "papistas", cometeu no seu "Verdadeiro Aspecto da Bruxaria" o também protestante inglês Reginald Scott.[43]

A Inquisição Espanhola. No avanço científico por nações ou oficial, há que destacar o papel da Inquisição Espanhola.

As próprias vítimas em todo o mundo acreditavam que mantiveram relações, às vezes sexuais, com o demônio. Em outros países a repressão às bruxas ficara tão violenta que alguns acusados se suicidavam — quinze suicídios em um ano registrou só um juiz francês. Fora da Espanha os magistrados rivalizavam na perseguição. As leis de outros países (por exemplo, as de Henrique VIII da Inglaterra e da Irlanda que, contra o Papa, se autoproclamou em seus domínios supremo chefe religioso) expandiram em 1541 até o absurdo as listas de práticas e prodígios que castigavam com a morte.

A Inquisição Espanhola, entretanto, qualificava em 1538 de falsas as narrações e confissões das bruxas e mandava seus agentes que não acedessem às demandas de queima de bruxas que o povo ou os nobres lhes dirigissem.[44]

Entre outros colaboradores do inquisidor Alonso de Salazar y Frías no seu trabalho de acabar com a perseguição da bruxaria, contava-se nada menos que o Grande Inquisidor da Espanha, Cardeal Arcebispo de Toledo.

Houve algumas execuções de bruxas na Espanha no começo do século XVI, mas a Inquisição Espanhola conseguiu libertar do poder civil a maioria dos acusados, não chegando a quarenta os que pereceram na fogueira ou na forca.[45]

Em 1610 excederam-se alguns juízes leigos em Logroño e condenaram seis pessoas à morte. O rei encarcerou os juízes. Os inquisidores solidarizaram-se com os presos, mas os chefes do Santo Ofício da Inquisição negaram-se expressamente a apoiar seus subordinados.[46]

Ficino to Campanella, Londres, University of Notre Dame, 1958 e 1975; uso a edição de 1958, pp. 152s.

43. Scott, *La découverte...*, op. cit.

44. Robbins, *The Encyclopedia...*, op. cit., p. 477; Hegedús, *Los fenómenos...*, op. cit., p. 174; Julio Caro Baroja, *Inquisición, brujería y Criptojudaísmo*, Barcelona, Ariel, 1970, p. 194.

45. Robbins, *The Encyclopedia...*, op. cit., p. 476.

46. Baschwitz, *Brujas...*, op. cit., pp. 229s.

Graças ao trabalho esclarecedor da Inquisição, ninguém foi condenado por bruxo a partir de 1611: a bruxaria — repetia a Inquisição — era mera ilusão.

Foi a Inquisição Espanhola que se atreveu a declarar "não fidedigno" o famoso "Malleus Maleficarum" de origem alemã e tão respeitado no resto do mundo.[47]

Berço da Psiquiatria. A história da Psiquiatria, como hoje é abertamente reconhecido, começou na Espanha. Em 1425, em Saragoça, por iniciativa de Alfonso V de Aragão, inaugurava-se um hospital para curar as bruxas! Somente um século depois a Inglaterra inauguraria um estabelecimento similar em Becclam. Haveriam de passar mais de três séculos para que Paris em 1741 imitasse Saragoça. Pouco a pouco as leis de quase todas as nações foram passando a considerar os bruxos como simplesmente loucos ou portadores de doenças tão estranhas como os fenômenos que manifestavam, mas, afinal, doenças.[48]

Quando a Inglaterra e depois a França decidiram curar bruxas e endemoninhados, na Espanha o tema caíra já nas mãos dos escritores satíricos. Uma prova conserva-a o padre Antonio Ponz, crítico e historiador de arte que escrevia naquela época. Refere que numa viagem protegeram-se num dia de chuva, na casa de um fidalgo de certo lugarejo na região de Cuenca. Logo chegou a alta sociedade do lugar, costume naquelas épocas em que as comunicações eram escassas. Destacou entre os recém-chegados um senhor que, querendo mostrar-se culto, passou a criticar os livros do padre Feijó por este satirizar as bruxas.

> Tudo quanto diz das bruxas é pura falsidade... Há bruxas, sempre houve e haverá. E eu não falo por contos de outros, senão pelo que a mim aconteceu. O historiador não julgou necessário retransmitir os fatos sensacionais que se contaram, o que interessava era mostrar e ridicularizar a figura da personagem: considera-se a si mesmo culto, mas estava aferrado a interpretações "tãovelhas, que ainda acreditava em bruxas".[49]

Outro exemplo é uma série de desenhos do gênio de Goya, desenfreado no período da sua enfermidade e abatimento. Na série "Caprichos" há bastante esboços e oitenta quadros de águas-

47. Idem, ibidem, p. 228.

48. Vanderveldt, *Psiquiatria...*, op. cit., cf. principalmente cap III: "Concepto de perturbación mental".

49. Antonio Ponz, *Viaje de España en que se da noticia de las cosas más apreciables de saberse que hay en ella*, 2.ª ed., Madri, 1777, parte III, Carta IX, n. 10, p. 261.

-fortes. Teve que retirar imediatamente a primeira edição, porque a Inquisição irritou-se com a manifesta intenção hostil do grande pintor. Não se podia ridicularizar a Inquisição da época por alguns erros muito antigos.[50] Especialmente a litografia n.º 80 dos "Caprichos" sob o título "Ya es hora" é um manifesto desejo de que não só a antiquada interpretação demoníaca senão a própria Inquisição — repressão e censura religiosa — deixe de atuar no país. Outros muitos desenhos manifestam claro desprezo por alguns teólogos que ainda defendiam a atividade do demônio.

As correntes de pensamento na Espanha opunham-se abertamente à mentalidade demonológica. Oficialmente, inclusive, se tratava de frear as "ondas" que de vez em quando surgiam entre a massa incapacitada de pensar.

Escolhemos um exemplo do País Basco, onde a bruxaria fizera antanho mais estragos. Estamos em 1826. Na velha e preciosa cidade fronteiriça Fuenterrabía. 18 de abril. A pedido da interessada — famosa e fracassada curandeira —, a maior autoridade da cidade estendia um certificado fazendo constar que Francisca Ignácia de Sorondo não era bruxa, "menos ainda, se cabe, feiticeira". Ao mesmo tempo se advertia a Dona Francisca Ignácia que não poderia em diante receitar medicamentos, pois essa provavelmente era a causa de sua má reputação.[51]

Outro modelo. Em Bréscia, na Itália suíço-alpina, no início do século XVI, a bruxomania popular tomara proporções epidêmicas. Afirmava-se entre o povo que, num lugar perto de Bréscia, se reuniram em sabbat 25.000 bruxos.

Em 1486 o governo de Bréscia negou-se a executar as condenações da Inquisição. Irritou-se com isso Inocêncio VIII.

Os Inquisidores em 1518 queimaram 70 bruxas e mantinham presos milhares de acusados. Foi então que sensatamente o Senhorio de Bréscia protestou por tal prisão em massa e negou-se a executar novos condenados.

Com essa segunda recusa de Bréscia, Leão X na Bula "Honestis" de 15 de fevereiro de 1521 lançou a excomunhão aos funcionários, e a suspensão de serviços religiosos às cidades que se ne-

50. Augusto L. Mayer, *Historia de la pintura española*, Madri, 1928, p. 472; Enrique Lafuente Ferrari, *Breve Historia de la pintura española*, Madri, 1946, pp. 291s.

51. O documento está no Archivo Municipal *de Fuenterabía*, seção B, Leg. B, Série I, Livro 5, Exp. 2; cf. Julio Caro Baroja, *Algunos mitos españoles y otros ensayos*, Madri, 1944, capítulo: "La Magía en Castilla durante los siglos XVI y XVII", pp. 277s.

gassem a executar as condenações da Inquisição. Mas o Senhorio de Bréscia estava tão convencido e bem aconselhado que não prestou atenção à Bula e designou dois bispos, dois médicos e um só inquisidor para que decidissem sobre os novos processos de bruxaria e examinassem a justiça dos processos das pessoas que já estavam presas. Só esta comissão teria autoridade para condenar.[52]

Os franceses. Na França se queimou, em Bordeaux, uma bruxa em 1718. O último juízo por bruxaria na França foi em 1731, contra o jesuíta padre Girard. Pouco depois o Governo ditava uma lei abolindo a pena de morte por esta causa.[53]

Em Amiens, uma jovem tentou encobrir a causa da sua gravidez dizendo que fora possuída — inclusive no sentido sexual — por três demônios: Mimi, Zozo e Caproulet. Os dois primeiros foram "expulsos" pela sugestão dos exorcismos. Mas o terceiro demônio, Caproulet, "instalou-se" na moça. O Governo proibiu então ao sacerdote jesuíta continuar com os exorcismos sob pena de ser levado à prisão. Isto era em 1816.

Em todos os países abundam por esta época louváveis atitudes dos governos. Eles fizeram a Igreja deslizar na perseguição às bruxas; mas nos séculos XVIII e XIX, por leis gerais ou por atos particulares, com freqüência e muito acertadamente reprimem os padres "demonófilos" e exorcistas.

Lamentavelmente hoje, no fim do século XX, os governos, os ministérios de Saúde Pública, os ministérios de Religião e Culto deixaram pulular e agir incolumemente multidão de seitas de exorcistas e curandeiros, "demonófilos" e espíritas...

O povo confirma. A assistência do Espírito Santo também se refere à doutrina esposada universalmente pelo povo fiel. Os últimos dogmas fundamentalmente foram ditados pelo testemunho positivo da grande comunidade católica.

Conclusão. A mentalidade moderna do povo católico, universal e a mais culta, acha ridícula a figura horrível, traquina e invejosa de Satanás. Aceitaria de bom grado a libertação dos mitos demoníacos que de fora lhe foram incutidos.

A este respeito tenho feito numerosos inquéritos entre grandes grupos de católicos de cultura média e alta. Quem respeita a demonologia, em geral não é porque intimamente concorde com ela,

52. Hegedús, *Los fenómenos*..., op. cit., p. 173.
53. Cf. também Musso, *En los límites*..., op. cit., p. 196.

mas porque respeita a doutrina católica. Disseram-lhe que da doutrina católica consta a atividade dos demônios.

Algumas pessoas mais simples, de fé menos esclarecida, apóiam-se mais no acidental do que no fundamental. Não distinguem entre dogma e opinião teológica, entre doutrina e opiniões piedosas. Impressionam-se e se aferram aos mitos e às brilhantes cores das descrições oratórias e imaginativas. Se lhes pregássemos de repente que não há atividade diabólica, é possível que *algumas* — não muitas! — experimentassem um primeiro momento de comoção.

Mas haveria uma grande mudança na espiritualidade e sentido cristão da comunidade? Acredito que não. Ao contrário, haveria um salutar aprofundamento na espiritualidade, seria mais Cristocêntrica. A surpresa pela repentina supressão dos ancestrais e múltiplos inimigos e tentadores demoníacos ver-se-ia compensada pela certeza de que Deus é único na providência pelo mundo e Cristo o único mediador — como apontava o Vaticano II.

A supressão das insídias e atividades dos demônios, além de libertar os fiéis de imaginários e desequilibrantes terrores, incentivaria uma ascética mais responsável. É a nós mesmos que temos que dominar e não a um tentador estranho. O Homem é o rei da criação, não é governado por um quase onipotente "Príncipe deste mundo". Despir-se-ia a metáfora para se enfrentar a realidade. Desaparece a ação do Diabo, não o mal nem a tentação.

Não é humilhante para a Teologia não ter esclarecimento pleno no passado, como não o é para a Medicina etc. Ao contrário, é mérito ir avançando.

Em contrapartida, é muita responsabilidade não se retratar, ou simplesmente calar. Se a Igreja oficial calar, os "demonófilos" reagirão falando, escrevendo, agindo mais em defesa do Diabo... Concordo com Romano Guardini: para conferir honestidade à pastoral eclesial, há que reconhecer que "deveríamos modificar a situação, quando reajustamos os pressupostos... A crítica cristã do conhecimento não é só uma arte teórica, senão também prática, e pede a reestruturação dos fundamentos". [54] É necessário reestruturar o ensino tradicional a respeito do Diabo. Quanto antes.

Correr o risco de falar valente e honestamente, esse seria o verdadeiro amor à Igreja como Hierarquia e como reunião dos seguidores de Cristo. É possível que o clamor *deva* surgir das bases, como em outros casos. Eu parto deste suposto. Depois, a Hierarquia confirmará... Antes que os demônios voltem!

---

54. Romano Guardini, *Los sentidos y el conocimiento religioso*, Madri, Cristiandad, 1965, p. 37.

ÍNDICE DE AUTORES

Advertências:

1 — Só constam neste índice os autores citados nas notas ao pé de página. Não constam os tradutores.

2 — Para a ficha bibliográfica, cfr. a primeira nota em que aparece.

3 — Quando de um mesmo autor se usam várias obras, em notas diferentes, indica-se o título de cada uma.

4 — Quando nas notas não se citam os autores, ou são anônimos, indica-se o título da obra, ou a revista ou o jornal.

5 — Os números romanos indicam os capítulos; e os números arábicos, as notas.

ÍNDICE ANALÍTICO

Advertências:

1 — Só constam aqui temas tratados em diversos capítulos com diferentes detalhes importantes.

2 — Os números correspondem às páginas.